JONATHAN BLACK

A HISTÓRIA SECRETA DO MUNDO

Jonathan Black

A HISTÓRIA SECRETA DO MUNDO

Formatação/conversão ePub: Relíquia

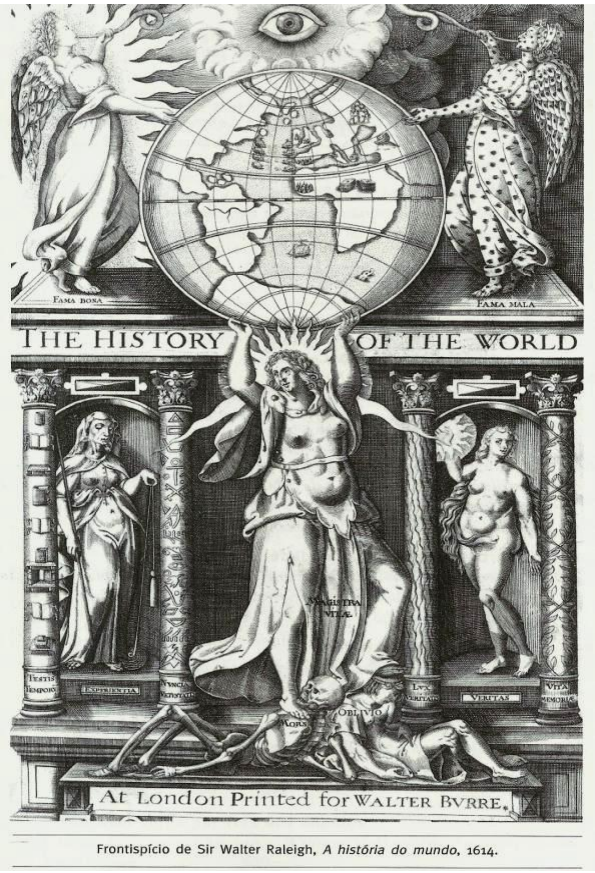
Tradução: Ryta Vinagre

Rocco

2009

ÍNDICE

INTRODUÇÃO
1. No Princípio
2. Uma Breve Caminhada pelos Bosques Antigos
3. O Jardim do Éden
4. Lúcifer, A Luz do Mundo
5. Os Deuses que Amavam Mulheres
6. O Assassinato do Rei Verde
7. A Era de Semi-deuses e Heróis
8. A Esfinge e o Controle do Tempo
9. Alexandre o Grande Neolítico
10. O Caminho do Mago
11. A Compreensão da Matéria
12. A Descida às Trevas
13. A Razão - E como Colocar-se Acima Dela
14. Os Mistérios da Grécia e de Roma
15. A Volta do Deus Sol
16. A Tirania dos Pais da Igreja
17. A Era do Islã
18. O Demônio Sábio dos Templários
19. Loucos de Amor
20. O Homem Verde por Trás dos Mundos
21. A Era Rosa-cruz
22. O Catolicismo Oculto
23. As Origens Ocultas da Ciência
24. A Era da Maçonaria
25. A Revolução Místico-sexual
26. Os Illuminati e a Ascensão da Irracionalidade
27. A Morte Mística da Humanidade
28. Quarta, Quinta, Sexta-Feira
Agradecimentos



Frontispício de Sir Walter Raleigh, *A história do mundo*, 1614.

INTRODUÇÃO

Esta é uma história do mundo que durante séculos foi ensinada em algumas sociedades secretas. Pode parecer louca de uma perspectiva atual, mas mereceu a confiança de uma parcela extraordinariamente grande de homens e mulheres que fizeram história.

Os historiadores do mundo antigo nos contam que os templos públicos em lugares como Tebas, Eleusis e Éfeso, dos primórdios da civilização egípcia ao colapso de Roma, tinham recintos sacerdotais fechados. Os estudiosos clássicos se referem a estes recintos como as escolas de Mistérios.

Lá, as técnicas de meditação eram ensinadas à elite política e cultural. Seguindo anos de preparação, Platão, Ésquilo, Alexandre o Grande, César Augusto, Cícero

e outros foram iniciados numa filosofia secreta. Em diferentes épocas, as técnicas usadas por estas "escolas" envolviam privação sensorial, exercícios respiratórios, danças sagradas, teatro, drogas alucinógenas e diferentes maneiras de redirecionar a energia sexual. Estas técnicas pretendiam induzir estados alterados de consciência durante os quais os iniciados podiam ver o mundo de novas maneiras.

Qualquer um que revelasse a estranhos o que aprendera dentro dos recintos era executado. Iamblico, filósofo neoplatonista, registrou o que aconteceu a dois rapazes que moravam em Éfeso. Numa noite, incitados por boatos de fantasmas e práticas mágicas, de uma realidade mais intensa e resplandecente no interior dos recintos, eles se deixaram levar pela curiosidade. Sob o manto da escuridão, escalaram os muros e caíram do outro lado. Seguiu-se um pandemônio que pôde ser ouvido em toda a cidade. Pela manhã, os corpos deles foram encontrados diante dos portões do recinto.

No mundo antigo, os ensinamentos das escolas de Mistérios eram guardados com o mesmo rigor com que são guardados os segredos nucleares de hoje.

No século III, os templos do mundo antigo foram fechados à medida que o cristianismo tornou-se a religião dominante do Império Romano. Tratou-se o perigo da "disseminação" declarando-se estes segredos como heréticos, e sua divulgação passou a ser crime capital. Mas, como veremos, os membros da nova elite governante, inclusive os líderes da Igreja, agora começavam a formar sociedades secretas. A portas fechadas, eles continuaram a ensinar os segredos antigos.

Este livro reúne evidências que mostram que uma filosofia antiga e secreta, com origem nas escolas de Mistérios, foi preservada e alimentada ao longo dos séculos pelas sociedades secretas, o que inclui os Cavaleiros Templários e os Rosa-cruzes. Em determinados períodos esta filosofia ficou oculta do público, mas em outros momentos foi colocada à plena vista de todos - embora sempre de uma maneira que não poderia ser reconhecida pelos leigos.

Tome como exemplo o frontispício de A história do mundo, de Sir Walter Raleigh, publicado em 1614, em exposição na Torre de

Londres. Milhares de pessoas passam diariamente em fila por ele, deixando de ver a cabeça de bode e outras mensagens codificadas do desenho.

Se um dia você se perguntou por que o Ocidente não tem o equivalente ao sexo tântrico exposto nos muros de monumentos hindus, como nos templos de Khajuraho na Índia Central, pode ser que lhe interesse saber que uma técnica análoga - a arte cabalística do karezza - está codificada em grande parte da literatura e da arte ocidentais.

Veremos também que os ensinamentos secretos sobre a história do mundo influenciam a política externa do atual governo norte-americano com relação à Europa Central.

Será que todo papa é mesmo católico? Bem, não da forma simplista que você pode pensar. Numa manhã de 1939, um jovem de 21 anos estava andando pela rua quando um caminhão se aproximou dele e o atropelou. Enquanto estava em coma, ele teve uma experiência mística esmagadora. Quando voltou a si, reconheceu que essa experiência, embora tenha surgido de forma inesperada, era o que ele havia sido levado a esperar como fruto das técnicas que lhe foram ensinadas por seu mentor, Mieczslaw Kotlorezyk, um mestre rosa-cruz dos dias de hoje.

Como conseqüência dessa experiência mística, o jovem se uniu a um seminário, tornou-se posteriormente bispo da Cracóvia e mais tarde o papa João Paulo II.

Hoje em dia, o fato de o ex-chefe da Igreja católica ter sido iniciado no reino espiritual sob a égide de uma sociedade secreta talvez não seja tão chocante como era no passado, pois a ciência assumiu o lugar da religião como principal agente de controle social. É a ciência que decide no que devemos acreditar — e o que ultrapassa esses limites. Tanto no mundo antigo como na era cristã, a filosofia secreta foi mantida em segredo, ameaçando com a morte os que a divulgavam. Agora, na era pós-cristã, a filosofia secreta ainda é cercada de pavor, mas a ameaça é de "morte social", não de execução. A crença em seus principais dogmas, como o incitamento por parte de seres desencarnados ou que o curso da história é materialmente influenciado por cabalas secretas, foi rotulado de

birutice, na melhor das hipóteses, e na pior é a própria definição do que é a loucura.
Nas escolas de Mistérios, os candidatos que desejavam ingressar eram obrigados a cair num poço, sofriam a provação da água, eram espremidos por uma porta muito pequena e travavam discussões de lógica truncada com animais antropomórficos. Isso lembra algo ao leitor? Lewis Carroll é um dos muitos escritores de histórias infantis — outros são os irmãos Grimm, Antoine de Saint-Exupéry, C. S. Lewis e os criadores de O mágico de Oz e Mary Poppins — que acreditavam na história e na filosofia secretas.
Com um misto de prosaísmo desordenado e pueril, estes escritores procuraram solapar o bom-senso, a visão materialista da vida. Eles queriam ensinar as crianças a pensar às avessas, a olhar tudo de cabeça para baixo e pelo avesso, e a se libertarem das formas estabelecidas e fixas de pensamento.
Entre outros espíritos irmãos estão Rabelais e Jonathan Swift. A obra deles tem um aspecto desconcertante: o sobrenatural não é uma questão crucial, é simplesmente um fato básico. Os objetos imaginários são considerados ao menos tão reais quanto os objetos comuns do mundo físico. Satíricos e céticos, estes escritores um tanto iconoclastas solapam os pressupostos dos leitores e subvertem as atitudes realistas. A filosofia esotérica não é declarada de maneira explícita em nenhum lugar de Gargântua e Pantagruel ou em As viagens de Gulliver, mas basta cavar um pouco para trazê-la à luz do dia.
Este livro mostra que um número espantoso de pessoas famosas, em toda a história, cultivou em segredo a filosofia esotérica e os estados místicos ensinados nas sociedades secretas. Pode-se argumentar que, como tais pessoas viviam em épocas nas quais nem o mais instruído dos cidadãos desfrutava de todos os benefícios intelectuais proporcionados pela ciência moderna, é perfeitamente natural que Carlos Magno, Dante, Joana d'Arc, Shakespeare, Cervantes, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Milton, Bach, Mozart, Goethe, Beethoven e Napoleão tivessem crenças que hoje são desacreditadas. Mas seria de surpreender que muitos nos tempos atuais ainda sustentem o mesmo conjunto de crenças, não

só os loucos, os místicos solitários ou os escritores de obras fantasiosas, mas os fundadores do método científico moderno, os humanistas, os racionalistas, os libertadores, secularizadores e flagelos da superstição, os modernistas, os céticos e os trocistas? Seria possível que as mesmas pessoas que tanto fizeram para formar a visão de mundo materialista e cientificista de hoje acreditassem secretamente em outra coisa? Newton, Kepler, Voltaire, Paine, Washington, Franklin, Tolstói, Dostoiévski, Edison, Wilde, Gandhi, Duchamp: seria verdade que eles foram iniciados em uma tradição secreta, que aprenderam a crer no poder da mente sobre a matéria e que eles eram capazes de se comunicar com espíritos incorpóreos?

Os biógrafos recentes destas personalidades não mencionam evidências de que eles estavam interessados nesse tipo de idéia. Quando feita no presente ambiente intelectual, em geral a menção é menosprezada, tais atividades são consideradas um passatempo, uma aberração temporária, idéias divertidas com que as personalidades podem ter brincado ou usado como metáforas para seu trabalho, mas nunca levaram a sério.

Porém, como veremos, Newton sem dúvida alguma foi um alquimista praticante em toda sua vida adulta e considerava a alquimia seu trabalho mais importante. Voltaire participou de magia cerimonial em todos os anos em que dominou a vida intelectual da Europa. George Washington invocou um grande espírito no céu quando fundou a cidade que teria seu nome. E quando Napoleão disse que era guiado pelos astros, não era mera figura de linguagem; ele falava do grande espírito que lhe mostrou seu destino e o tornou invulnerável e majestoso. Um dos objetivos deste livro é mostrar que, longe de serem modas passageiras ou excentricidades enigmáticas, tampouco incidentais ou irrelevantes, estas idéias estranhas formaram a filosofia essencial de muitas pessoas que fizeram história - e, talvez mais importante do que isso, um de seus objetivos é mostrar que eles compartilhavam uma unanimidade extraordinária de propósitos. Se você tecer as histórias destes grandes homens e mulheres numa narrativa histórica contínua, fica evidente, repetidas vezes, que nos momentos

decisivos da história a filosofia antiga e secreta estava presente, oculta nas sombras, fazendo sua influência ser
sentida.

Na iconografia e estatuária do mundo antigo, a partir da época de Zaratustra, o conhecimento da doutrina secreta das escolas de Mistérios era denotado pelo ato de segurar um pergaminho enrolado. Como veremos, esta tradição continuou nos tempos modernos e hoje as esculturas públicas das cidades do mundo mostram como sua influência se disseminou amplamente. Não há necessidade de viajar a lugares distantes como Rennes-le-Château, à capela Rosslyn ou a remotas fortalezas do Tibete para encontrar símbolos ocultos de um culto secreto. No final deste livro, o leitor verá que estes vestígios estão à nossa volta, em nossas construções e monumentos mais proeminentes, em igrejas, na arte, nos livros, na música, no cinema, nos festivais, no folclore, nas próprias histórias que contamos a nossos filhos e até nos nomes dos dias da semana.

Dois romances, O pêndulo de Foucault e O código da Vinci, popularizaram a idéia de uma conspiração de sociedades secretas que visam controlar o curso da história.

Estes romances preocupam as pessoas que ouvem boatos intrigantes de uma filosofia antiga e secreta, partem em sua trilha e são engolidos por ela.

Alguns acadêmicos, como Frances Yates, do Warburg Institute, Harold Bloom, professor Sterling de ciências humanas em Yale, e Marsha Keith Suchard, autora do recente e inovador livro Why Mrs Blake Cried: Swedenborg, Blake and the Sexual Basis of Spiritual Vision, pesquisaram a fundo e escreveram com sensatez, mas a tarefa deles é assumir uma abordagem moderada. Se tivessem sido iniciados por homens mascarados, feito jornadas a outros mundos e vissem o poder da mente sobre a matéria, eles nada revelariam.

Os ensinamentos mais ocultos das sociedades secretas só são transmitidos oralmente. Outras partes são escritas numa forma deliberadamente obscura que impossibilita a compreensão dos leigos. Por exemplo: é possível deduzir a doutrina secreta do longo e obscuro livro homônimo de Helena Blavatsky, ou dos 12 volumes

da alegoria Relatos de Belzebu a seu neto - Do todo e de tudo, de G. I. Gurdjieff, ou dos seiscentos e tantos volumes dos escritos e palestras de Rudolf Steiner. Da mesma forma, você pode, em tese, decodificar os grandes textos alquímicos da Idade Média ou os tratados esotéricos de iniciados de alto
nível de períodos posteriores, como Paracelso, Jacob Boehme ou Emmanuel Swedenborg, mas em todos estes casos os escritos têm como alvo as pessoas que
já lidam com o assunto. Esses textos pretendem ocultar tanto quanto revelam.

ESQUERDA: Estátua de um estadista romano. DIREITA: Estátua de George Washington, obra de Sir Francis Chantrey, gravura de 1861.

Por mais de vinte anos, estive procurando por um guia conciso, confiável e claro dos ensinamentos secretos. Decidi escrever um guia eu mesmo porque estou convencido de que este livro não existe. É possível encontrar livros de edição do próprio autor e sites na internet que afirmam fazer isso. Mas, assim como colecionadores de qualquer campo, aqueles que percorrem as livrarias numa busca espiritual logo desenvolvem faro para o que é "verdadeiro", sendo preciso apenas dar uma olhada nesses livros e sites para ver que ali não há uma inteligência norteadora, nenhum grande treinamento filosófico e muito pouca informação sólida.
Esta história, então, resulta de quase vinte anos de pesquisa. As principais fontes foram livros como Mysterium Magnum um comentário sobre o Gênesis feito pelo místico e filósofo rosa-cruz Jacob Boehme, junto com livros de seus companheiros rosa-cruzes

Robert Fludd, Paracelso e Thomas Vaughan, bem como comentários modernos sobre a obra deles feitos por Rudolf Steiner e outros. Estes entram como referências em notas no final do livro e não serão considerados no corpo do texto por razões de concisão e clareza.

Mas, fundamentalmente, fui auxiliado na compreensão destas fontes por um membro de algumas sociedades secretas, alguém que, no caso de pelo menos uma destas sociedades, foi iniciado ao mais alto nível.

Estive trabalhando por anos como editor de uma das maiores casas editoriais de Londres, encarregado de livros sobre um amplo leque de temas mais ou menos comerciais e às vezes também saciando meu interesse pelo campo esotérico. Desta forma, conheci muitos autores importantes que trabalham neste campo. Um dia entrou em minha sala um homem que era claramente de uma ordem de existência diferente. Tinha uma proposta de negócios, segundo a qual devíamos reeditar uma série de clássicos esotéricos - textos alquímicos e semelhantes - para os quais ele escreveria novas introduções. Logo estabelecemos uma sólida amizade e passamos muito tempo juntos. Descobri que podia lhe fazer perguntas sobre quase qualquer coisa e ele me contaria o que sabia - coisas surpreendentes. Hoje acredito que ele estava me educando, preparando-me para a iniciação.

Em várias ocasiões, tentei convencê-lo a registrar essas idéias no papel, a escrever uma teoria esotérica de tudo. Ele se recusou repetidas vezes, afirmando que, se o fizesse, "os homens de casaco branco apareceriam e me levariam", mas também desconfiei de que publicar essas coisas seria, para ele, quebrar juramentos solenes e apavorantes.

Assim, de certo modo, escrevi o livro que eu desejava que ele escrevesse, baseado em parte nos textos rosa-cruzes que ele me ajudou a entender. Ele também me apresentou a fontes encontradas em outras culturas. Assim como as vertentes cabalística, hermética e neoplatônica que estão relativamente próximas da superfície da cultura ocidental, há também neste livro elementos sufis e idéias

que fluem do hinduísmo e do budismo esotéricos, além de algumas fontes celtas.
Não é meu desejo exagerar as semelhanças entre estas várias vertentes, nem pertence ao escopo deste livro identificar todas as formas em que esta miríade de vertentes se fundiram, separaram-se e fundiram-se de novo ao longo do tempo. Irei me concentrar no que está por baixo das diferenças culturais, naquilo que sugere que essas vertentes levam a uma visão unificada de um cosmo que contém dimensões ocultas e a uma visão da vida em obediência a determinados mistérios e leis paradoxais.
De modo geral, as diferentes tradições de todo o mundo se iluminam de forma mútua. É maravilhoso ver como as experiências de um eremita no monte Sinai no século II ou de um místico alemão medieval combinam com aquelas de swamis indianos do século XX. Como os ensinamentos esotéricos são muito mais profundamente ocultos no Ocidente, em geral uso exemplos orientais para auxiliar na compreensão da história secreta do Ocidente.
Não pretendo discutir os possíveis conflitos entre tradições diferentes. A tradição indiana dá muito mais ênfase à reencarnação do que a tradição sufi, que fala de apenas algumas. Assim, pelo bem da narrativa, cheguei a um meio termo, incluindo apenas um pequeno número de reencarnações de personalidades históricas famosas.
Também fiz juízo arbitrário sobre que escolas de pensamento e que sociedades secretas beberam na tradição autêntica. Assim, a cabala, o hermetismo, o sufismo, os templários e a antroposofia estão aqui incluídos, mas a cientologia, a ciência cristã de Mary Baker Eddy, junto com um monte de material contemporâneo "psicografado", não estão.
Não digo com isso que este livro fuja da controvérsia. As tentativas anteriores de identificar uma "filosofia perene" tendiam a sugerir coleções de chavões — "todos somos iguais sob a pele", "o amor é nossa própria recompensa" — e é difícil discordar delas. A qualquer um que espere algo similarmente aprazível, devo me desculpar de antemão. Os ensinamentos que identificarei como comuns às

escolas de Mistérios e sociedades secretas de todo o mundo deixarão muita gente ultrajada e insultarão o bom-senso.
Um dia, meu mentor me disse que eu estava pronto para a iniciação, que ele me apresentaria a algumas pessoas.
Estive ansiando por este momento durante muito tempo. Porém, para minha surpresa, declinei. Em parte por medo, sem dúvida. Eu sabia na época que muitos rituais de iniciação envolviam estados alterados de consciência, até o que às vezes chamamos de experiências "após a morte".
Mas também foi em parte porque eu não queria que me dessem todo esse conhecimento. Eu queria continuar desfrutando das tentativas de descobri-lo por mim mesmo.
E também não queria fazer um juramento que me proibisse de escrever.

Esta história do mundo é estruturada da seguinte maneira: os quatro primeiros capítulos tratarão do que aconteceu "no início", de acordo com os ensinamentos de sociedades secretas, inclusive o que é proposto no ensinamento secreto da expulsão do Éden e da Queda. Estes capítulos pretendem também representar um relato da visão de mundo das sociedades secretas, uma espécie de Sculos conceituais - assim os leitores poderão apreciar melhor o que se segue. Nos sete capítulos seguintes, muitas figuras dos mitos e das lendas são tratadas como figuras históricas. Esta é a história do que aconteceu antes do início dos registros escritos, ensinada nas escolas de Mistérios, e ainda é ensinada nas sociedades secretas de hoje.
O Capítulo 8 inclui a transição para o que convencionalmente se considera o período histórico, mas a narrativa continua a contar histórias de monstros e bestas fabulosas, de milagres, profecias e figuras históricas que conspiraram com seres desencarnados para orientar o rumo dos acontecimentos.
Espero que a mente do leitor venha a ser agradavelmente vergada pelas idéias estranhas aqui apresentadas e pela revelação dos nomes das personalidades que cultivavam estas idéias. Espero também que parte destas afirmações estranhas lembrem alguma

coisa, que muitos leitores venham a pensar: "Sim, isso explica por que os nomes da semana assumem a ordem que têm."; "É por isso que as imagens de um peixe, o aguadeiro e um bode com rabo de serpente são atribuídas em toda parte a constelações que não são nada parecidas com elas."; "É o que de fato comemoramos no Halloween."; "Isso explica as confissões bizarras de adoração ao diabo feitas pelos Cavaleiros Templários."; "Foi isso que deu a Cristóvão Colombo a certeza de partir em sua viagem perigosa ao extremo."; "Por isso foi erigido o obelisco egípcio no Central Park, em Nova York, no final do século XIX."; "Por isso Lênin foi embalsamado."

Em tudo isso, o objetivo é mostrar que os fatos básicos da história podem ser interpretados de uma forma quase completamente oposta à maneira com que em geral os entendemos. É claro que dar provas disso exigiria toda uma biblioteca, algo como os 30 quilômetros de prateleiras de literatura esotérica e oculta que dizem estar trancadas no Vaticano. Mas neste único volume mostrarei que esta visão alternativa e especular é coerente e irrefutável, tendo sua própria lógica e a virtude de explicar áreas da experiência humana que continuam inexplicáveis para a visão convencional. Também citarei autoridades em todo o livro, proporcionando um rumo aos leitores interessados.

Algumas destas autoridades trabalharam de acordo com a tradição esotérica. Outras são especialistas em suas disciplinas - ciência, história, antropologia, crítica literária - cujos resultados em seus campos específicos de pesquisa me parecem confirmar a visão de mundo esotérica, mesmo nos casos em que não tenho como saber se sua filosofia pessoal de vida tem alguma dimensão espiritual ou esotérica.

Mas, sobretudo, e esta é a questão que desejo destacar, peço aos leitores que abordem este texto de uma nova maneira — que o vejam como um exercício de imaginação.

Quero que o leitor procure imaginar como seria acreditar no contrário do que somos levados a acreditar. Em certo ponto, esta inevitabilidade envolve um estado alterado de consciência, e é assim que deve ser. Pois no cerne de todo ensinamento esotérico

de qualquer parte do mundo está a crença de que podemos ter acesso a formas superiores de inteligência nestes estados alterados. A tradição ocidental em particular sempre destacou o valor de exercícios de imaginação que envolvem o cultivo e a delonga em imagens visuais. Se puderem penetrar fundo na mente, elas fazem seu trabalho.

Assim, embora este livro possa ser lido só como um registro das coisas absurdas em que as pessoas acreditavam, uma fantasmagoria épica, uma cacofonia de experiências irracionais, espero que ao final alguns leitores venham a ouvir algumas harmonias e talvez também sintam uma leve ressaca filosófica, a sugestão de que o que está aqui pode ser verdadeiro.

É claro que qualquer boa teoria que busca explicar por que o mundo é como é também deve ajudar a prever o que acontecerá no futuro, e o último capítulo revela o que será - sempre pressupondo, é evidente, que o grande plano cósmico das sociedades secretas será bem-sucedido. Este plano abrangerá uma crença de que o novo grande impulso para a evolução surgirá na Rússia, que a civilização européia entrará em colapso e que por fim a chama da verdadeira espiritualidade se manterá ardendo na América.

Para ajudar com o trabalho sumamente importante da imaginação, há ilustrações estranhas e misteriosas integradas em todo o livro, algumas que nem foram vistas anteriormente fora das sociedades secretas.

Há também ilustrações de algumas das imagens mais conhecidas da história do mundo, os maiores ícones de nossa cultura - a Esfinge, a Arca de Noé, o Cavalo de Tróia, a Mona Lisa, Hamlet e o crânio -, pois todas revelaram, de acordo com as sociedades secretas, significados estranhos e inesperados.

Por fim, há ilustrações de artistas europeus modernos como Ernst, Klee e Duchamp, assim como de proscritos americanos como David Lynch. A obra deles também se revela imersa na filosofia antiga e secreta.

Induza-se a um estado mental diferente e as histórias mais famosas e mais conhecidas assumem um significado muito diferente.

Na realidade, se algo nesta história é verdade, então tudo que seus professores lhe ensinaram é colocado em dúvida.
Desconfio de que esta perspectiva não o alarma.
Como um dos devotos da filosofia antiga e secreta afirmou de forma tão memorável, "Você deve ser louco, ou não teria vindo aqui".

1. NO PRINCÍPIO

Deus olha sua imagem • O universo através do espelho

Era uma vez uma época em que o tempo não existia.
O tempo não passa de uma medida das posições variáveis de objetos no espaço e, como qualquer cientista, místico ou louco sabe, no princípio não havia objetos no espaço.
Por exemplo: um ano é uma medida do movimento da Terra em torno do Sol. Um dia é a revolução da Terra em volta de seu eixo. Uma vez que, segundo consta, no início não existiam nem a Terra, nem o Sol, os autores da Bíblia jamais quiseram dizer que tudo foi criado em sete dias no sentido habitual de "dia".
Apesar desta ausência inicial de matéria, espaço e tempo, algo deve ter acontecido para que tudo começasse. Em outras palavras, algo deve ter acontecido antes que houvesse alguma coisa.
Como não havia coisa alguma quando algo aconteceu pela primeira vez, pode-se dizer com segurança que este primeiro evento deve ter sido muito diferente do tipo de evento comumente considerado segundo as leis da física.
Haveria sentido em dizer que este primeiro evento pode ter sido, de algumas maneiras, mais um evento mental do que um evento físico? Em princípio, a idéia de eventos mentais gerando efeitos físicos pode parecer surpreendente, mas na verdade é algo que vivemos o tempo todo. Por exemplo: o que acontece quando me ocorre uma idéia - como "eu preciso estender a mão e afagar o rosto dela" — é que um pulso salta uma sinapse em meu cérebro, algo como uma corrente elétrica desce por um nervo em meu braço e minha mão se move.
Poderia este exemplo cotidiano nos contar tudo sobre a origem do cosmo?
No princípio, deve ter vindo um impulso de algum lugar — mas de onde? Quando crianças, todos nós não nos sentimos maravilhados quando vimos pela primeira vez cristais se precipitando no fundo de

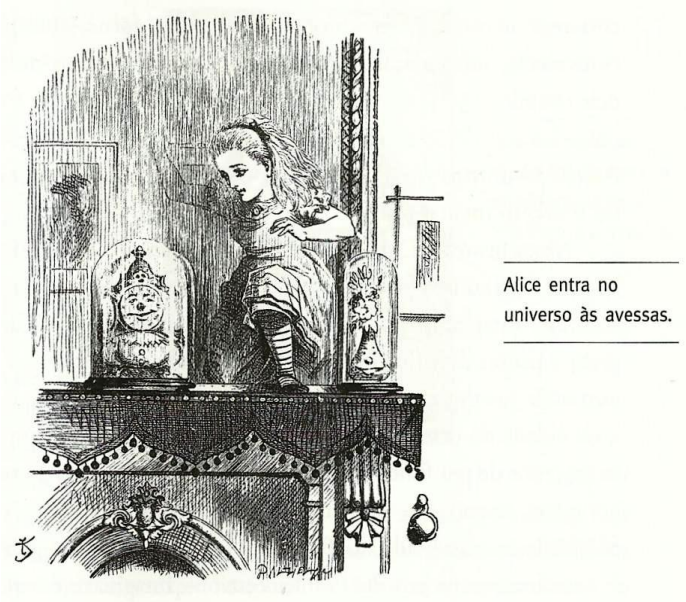
uma solução, como se um impulso estivesse forçando a passagem de uma dimensão para a seguinte? Nesta história veremos que o nascimento do universo, a transição misteriosa da não matéria para a matéria, foi explicado desta maneira para muitos dos indivíduos mais inteligentes do mundo. Eles imaginaram um impulso forçando a passagem de outra dimensão para esta - e eles conceberam esta outra dimensão como a mente de Deus.

Enquanto você ainda está na soleira e antes que se arrisque a perder mais tempo com esta história - devo deixar claro que vou tentar convencê-lo a considerar algo que pode ser correto para um místico ou um louco, mas que um cientista não aprovará. Aliás, ele não gostará nada disso.

Para os pensadores mais avançados de hoje, acadêmicos como Richard Dawkins, professor Charles Simony de compreensão pública da ciência em Oxford, e outros materialistas militantes que regulam e sustentam a visão de mundo científica, a "mente de Deus" não é uma idéia melhor do que a de um velho de cabelos brancos que se eleva acima das nuvens. É o mesmo equívoco, dizem eles, que as crianças e as tribos primitivas cometem quando pressupõem que Deus deve ser parecido com eles - a falácia antropomórfica.

Mesmo que admitamos que Deus exista, dizem eles, por que "Ele" seria parecido conosco? Por que "a mente Dele" seria parecida com a nossa?

O fato é que eles têm razão. É claro que não há motivo nenhum... A não ser no sentido contrário. Em outras palavras, a mente de Deus só pode ser parecida com a nossa se a nossa for feita à semelhança da Dele - isto é, se Deus nos fez à Sua imagem.



Alice entra no universo às avessas.

E é isso que acontece neste livro, porque nesta história tudo está às avessas.

Tudo aqui está invertido e pelo avesso. Nas páginas que se seguem, você será convidado a pensar nas últimas coisas que as pessoas que protegem e sustentam o consenso querem que você pense. Você será tentado a ter pensamentos proibidos e provar filosofias que os líderes intelectuais de nossa época acreditam ser heréticas, idiotas e loucas.

Permita-me tranquilizá-lo: não vou tentar enredá-lo num debate acadêmico nem convencê-lo, por meio de argumentação filosófica, da correção de qualquer uma destas idéias proibidas. Os argumentos formais a favor e contra podem ser encontrados nas obras acadêmicas padrão apontadas nas notas deste livro. O que farei é lhe pedir para estender sua imaginação. Quero que imagine como seria ver o mundo e sua história de uma perspectiva o mais distante possível daquela que você aprendeu a ter.

Nossos pensadores mais avançados ficarão apavorados, e com certeza o aconselharão a não brincar com estas idéias de maneira nenhuma, que dirá demorar-se nelas pelo tempo que levará para ler este livro.

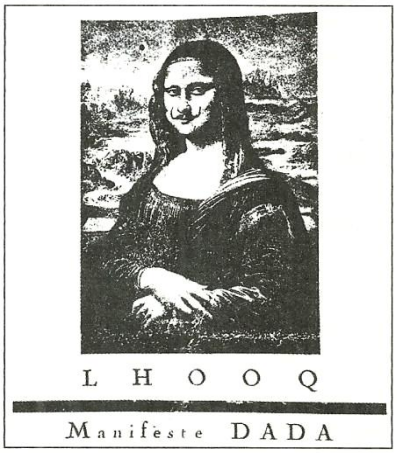
Houve uma tentativa orquestrada de apagar do universo toda memória, até o último vestígio, destas idéias. A elite intelectual de

hoje acredita que, se deixarmos que elas voltem à imaginação coletiva, mesmo que brevemente, corremos o risco de ser arrastados para uma forma aborígine ou atávica de consciência, um lodaçal mental que nos custou muitos milênios de luta para dele evoluir.

Assim, seguindo nesta história, o que aconteceu antes do tempo? Qual foi o evento mental primal?
Nesta história, Deus se refletia em Si mesmo. Ele olhou, por assim dizer, em um espelho imaginativo e viu o futuro. Ele imaginou seres muito parecidos com Ele. Imaginou seres livres e criativos capazes de amar de forma tão inteligente e pensar de forma tão amorosa que podiam transformar a si próprios e aos outros de sua espécie em seu íntimo. Eles podiam expandir a mente e abranger a totalidade do cosmo e, no fundo de seus corações, podiam também discernir os segredos de seu funcionamento mais sutil. Às vezes, o amor que propagavam era quase extenuante, mas em outras eles conseguiam alcançar uma profunda felicidade no outro lado do desespero, e, às vezes ainda, significado na loucura.
Colocar-se na posição de Deus envolve imaginar que você está fitando seu reflexo num espelho. Você quer que sua imagem de si mesmo, que você vê logo ali, ganhe vida e se revista de vida própria e independente.
Veremos nos capítulos que se seguem, na história do espelho ensinada pelas sociedades secretas, que foi exatamente isso que Deus fez. Seus reflexos, os seres humanos, aos poucos e por etapas, foram formando e realizando uma vida independente, nutridos por Ele, guiados e incitados por Ele durante longos períodos de tempo.

Os cientistas de hoje lhe dirão que na hora de sua maior angústia não há sentido em chorar aos céus com seus sentimentos mais profundos e sofridos porque você não encontrará uma resposta ressonante nele. As estrelas só podem lhe demonstrar indiferença. A tarefa humana é crescer, amadurecer, aprender a conviver com esta indiferença.

O universo descrito por este livro é diferente, pois foi feito com a humanidade em mente.
Nesta história, o universo é antropocêntrico, cada partícula dele se estende para a humanidade. Este universo nos nutriu ao longo dos milênios, acalentou-nos, ajudou a evoluir a coisa singular que é a consciência humana e guiou cada um de nós aos grandes momentos de nossa vida. Quando você chora, o universo se volta para você em solidariedade. Quando você se aproxima de uma das grandes encruzilhadas da vida, todo o universo prende a respiração para ver que caminho você escolhera.



LHOOQ – Manifesto DADA, de Marcel Duchamp, reproduzido no livro *O surrealismo e a pintura*, de André Breton. A ideia de que o mundo físico reage a nossos desejos e temores íntimos é complicada e talvez um tanto problemática, e continuaremos voltando a ela para tentar compreendê-la melhor. Em 1933, André Breton, um devoto da filosofia das sociedades secretas, disse algo maravilhoso que iluminou a arte e a escultura desde então – e mais ainda no caso dos *ready-mades* de Duchamp: "Qualquer fragmento de naufrágio ou arrojos dentro de nossa apreensão deve ser considerado um precipitado de nosso desejo."

Os cientistas podem falar do mistério e das maravilhas do universo, de cada partícula dele ser ligada à outra partícula pela força da gravidade. Podem apontar fatos surpreendentes como o de que cada um de nós contém milhões de átomos que antigamente estavam no corpo de Júlio César.
Eles podem dizer que somos poeira de estrelas - mas apenas no sentido um tanto decepcionante de que os átomos dos quais somos feitos foram forjados com hidrogênio de estrelas que explodiram muito tempo antes da formação do nosso sistema solar. A questão importante é esta: embora eles o adornem com a retórica do mistério e do assombro, o universo deles é uma força cega.
No universo científico, a matéria vem antes da mente. A mente é um acidente da matéria, não essencial e externa à matéria — como um cientista chegou a descrever, "uma doença da matéria".

Por outro lado, no universo da mente-antes-da-matéria descrito neste livro, a ligação entre a mente e a matéria é muito mais íntima. É uma ligação viva e dinâmica.
Tudo nele está vivo e tem certo grau de consciência, reagindo de maneira sensível e inteligente a nossas necessidades mais profundas.
Neste universo da mente-antes-da-matéria, a matéria surgiu da mente de Deus e foi criada para proporcionar as condições em que a mente humana seria possível. A mente humana ainda é o foco do cosmo, que a nutre e reage a suas necessidades. A matéria é movida pela mente humana, talvez não na mesma proporção, mas do mesmo modo que é movida pela mente de Deus.
Em 1935, o físico austríaco Erwin Schrödinger formulou seu famoso experimento teórico, o "gato de Schrödinger", descrevendo como os eventos mudam quando são observados. Ele estava adotando os ensinamentos das sociedades secretas sobre a experiência cotidiana e aplicando-os ao reino subatômico.
Em determinado momento da infância, todos nos perguntamos se uma árvore de fato faz algum barulho se cair numa floresta remota, onde ninguém está presente para ouvir. Será, dizemos, que um som que não é ouvido por ninguém pode ser adequadamente descrito como um som? As sociedades secretas ensinam a veracidade de algo semelhante a esta especulação. De acordo com elas, uma árvore só cai numa floresta, mesmo remota, para que alguém, em algum lugar e em algum momento, seja afetado por ela. Nada acontece no cosmo sem uma interação com a mente humana.
No experimento de Schrödinger, um gato está sentado numa caixa com um material radioativo que tem 50% de probabilidade de matar o gato. Tanto o gato morto como o gato vivo permanecem, por assim dizer, suspensos no tempo com 50% de probabilidade até que abrimos a caixa para ver o que há dentro dela, e só então acontece o evento real - a morte ou a sobrevivência do gato. Ao olharmos o gato, nós ou o matamos, ou o salvamos. As sociedades secretas sempre sustentaram que o mundo cotidiano se comporta de maneira semelhante.

No universo das sociedades secretas, uma moeda que gira sob rigorosas condições laboratoriais ainda dará cara em 50% e coroa em 50% dos casos, de acordo com as leis das probabilidades. Porém, estas leis só continuarão invariáveis sob condições laboratoriais. Em outras palavras, as leis das probabilidades só são válidas quando deliberadamente excluímos toda a subjetividade humana. No curso normal das coisas, quando a felicidade e as esperanças humanas de satisfação pessoal dependem do resultado do rolar de um dado, as leis das probabilidades são subjugadas. E então entram em ação leis mais profundas.

Hoje em dia, todos ficamos à vontade com o fato de que nossos estados emocionais afetam nossos corpos e, mais ainda, que estas emoções arraigadas podem causar mudanças profundas de longo prazo, ou para curar, ou para prejudicar - os efeitos psicossomáticos. Mas no universo que este livro descreve, nossos estados emocionais também afetam diretamente a matéria fora do nosso corpo. Neste universo psicossomático, o comportamento de objetos físicos no espaço é afetado de modo direto pelos estados mentais sem que tenhamos alguma coisa a ver com isso. Podemos mover a matéria pelo modo como olhamos para ela.

Em Crônicas - volume um, as memórias recém-publicadas de Bob Dylan, ele escreve sobre o que aconteceria se um indivíduo mudasse o tempo em que vive. Para tanto, "você precisa ter poder e domínio sobre os espíritos. Fiz isso uma vez (...)". Ele escreve que estes indivíduos são capazes de "(...) ver no cerne das coisas, a verdade das coisas — não metaforicamente — mas ver de fato, como ver dentro do metal e fazê-lo derreter, vê-lo pelo que ele é com palavras rigorosas e percepções violentas".

Observe que ele destaca que não está falando metaforicamente. Está falando direta e literalmente de uma sabedoria poderosa e antiga, preservada nas sociedades secretas, uma sabedoria da qual se impregnaram grandes artistas, escritores e pensadores que forjaram nossa cultura. No cerne desta sabedoria está a crença de que as origens mais profundas de nossa vida mental também são as origens mais profundas do mundo físico, pois no universo das sociedades secretas toda química é psicoquímica, e o modo com

que o conteúdo físico do universo reage à psique humana é descrito por leis mais profundas e poderosas do que as leis da ciência da matéria.
É importante perceber que, por estas leis mais profundas, queremos dizer mais do que os meros "golpes de sorte" que os apostadores experimentam ou os acidentes que aparentemente acontecem em seqüências de três. Não, por estas leis as sociedades secretas se referem a leis que se entrelaçam na trama de cada vida individual no nível mais íntimo, assim como os padrões grandes e complexos de ordem da Providência que configuraram a história do mundo. Este livro defende a teoria de que a história tem uma estrutura mais profunda, que os eventos que em geral explicamos com termos políticos, econômicos ou desastres naturais podem, de forma mais proveitosa, ser vistos em outros termos mais espirituais.

Todo o pensamento às avessas, invertido e ao contrário das sociedades secretas, tudo isso é bizarro e desconcertante no sentido de que segue a crença de que a mente precedeu a matéria. Quase não temos evidências a seguir quando concluímos o que acreditamos ter acontecido no início dos tempos, mas a conclusão a que chegamos tem implicações enormes para nossa compreensão do funcionamento do mundo.
Se você acreditar que a matéria veio antes da mente, terá de explicar como uma combinação ao acaso de substâncias cria a consciência, e isso é bastante complicado.
Se, por outro lado, você acreditar que a matéria é precipitada de uma mente cósmica, terá o problema igualmente difícil de explicar "como", de propor um modelo eficaz.
Dos sacerdotes dos tempos egípcios às sociedades secretas de hoje, de Pitágoras a Rudolf Steiner, o grande iniciado austríaco do final do século XIX ao início do
século XX, este modelo sempre foi concebido como uma série de pensamentos que emanam da mente cósmica. A começar pela mente pura, estas emanações de pensamento mais tarde se tornaram uma espécie de protomatéria, energia que se torna cada vez mais densa e depois se transforma em uma matéria tão etérea

que é mais fina do que gás e sem nenhum tipo de partícula. As emanações viram gás, depois líquidos e por fim sólidos.
Kevin Warwick é professor de cibernética da Reading University e um dos principais criadores de inteligência artificial do mundo. Trabalhando numa rivalidade amistosa com seus contemporâneos do MIT, nos Estados Unidos, ele fez robôs capazes de interagir com o ambiente, aprendendo e adaptando seu comportamento de acordo com ele. Estes robôs exibem um nível de inteligência equivalente ao de animais inferiores, como as abelhas. Daqui a cinco anos, diz ele, os robôs terão alcançado o nível de inteligência dos gatos, e em dez anos serão pelo menos tão inteligentes quanto o ser humano. Ele também está prestes a programar uma nova geração de computadores robóticos que ele espera que projetem e fabriquem outros computadores, cada nível gerando o nível imediatamente inferior a si mesmo.
De acordo com os cosmólogos do mundo antigo e as sociedades secretas, as emanações da mente cósmica devem ser compreendidas da mesma maneira, operando numa hierarquia decrescente, dos princípios mais elevados, mais poderosos e penetrantes aos mais estreitos e particulares, cada nível criando e direcionando o nível abaixo dele.
Estas emanações também sempre foram consideradas de certo modo personificadas, sendo inteligentes em determinado sentido.
Quando vi Kevin Warwick apresentar suas descobertas a colegas no Royal Institute em 2001, ele foi criticado por alguns por sugerir que seus robôs eram inteligentes, o que implica ter consciência. Mas o que é inegavelmente verdade é que o cérebro destes robôs desenvolve-se em algo semelhante a uma forma orgânica. Eles compõem algo muito parecido com personalidades, interagem com outros robôs e tomam decisões que estão além de qualquer coisa para que foram programados. Warwick argumenta que, embora seus robôs não tenham uma consciência com todas as características da consciência humana, os cães também não a têm. Os cães são conscientes de uma forma canina, e seus robôs, segundo ele diz, são conscientes de uma forma robótica. É claro que de certa maneira - como a capacidade de fazer imensos

cálculos matemáticos instantaneamente - os robôs exibem uma consciência superior à nossa.

Xilogravura alquímica do *Mutus Liber*, publicada anonimamente em 1677. Na alquimia, a precipitação do orvalho matinal é um símbolo da emanação da mente cósmica no reino da matéria. A Cabala descreve um orvalho divino caindo da cabeça desgrenhada do Ancião e trazendo vida nova. Mais particularmente, o orvalho é um símbolo das forças espirituais que operam na consciência durante a noite. É por isso que uma má consciência nos causa uma noite insone. Aqui vemos os iniciados coletando o orvalho – em outras palavras, colhendo, ao despertar, os benefícios dos exercícios espirituais que realizaram quando foram dormir.

Podemos pensar na consciência das emanações da mente cósmica em termos semelhantes. Também podemos nos lembrar dos mestres tibetanos que, segundo se dizia, eram capazes de formar um gênero de pensamentos chamado tulpas por concentração e visualização intensas. Estes seres - podemos chamá-los de Seres-Pensamento — atingem uma espécie de vida independente, partem e fazem o que seu senhor ordenar. Do mesmo modo, Paracelso, o mago suíço do século XVI, escreveu sobre o que ele chamou de "aquastor", um ser formado pelo poder da imaginação concentrada que pode obter vida própria - e sob circunstâncias especiais, torna-se visível e até tangível.

No nível mais inferior da hierarquia, de acordo com a doutrina secreta e antiga em todas as culturas, estas emanações, estes Seres-Pensamento da mente cósmica, combinam-se tão estreitamente que criam a aparência de uma matéria sólida.

Hoje, se você quisesse encontrar uma linguagem para descrever este fenômeno estranho, poderia escolher a mecânica quântica, mas nas sociedades secretas a combinação de forças invisíveis para criar a aparência do mundo material sempre foi concebida como uma rede de luz e cor, ou - para usar um termo alquímico - a matriz.

OS CIENTISTAS MAIS IMPORTANTES PERGUNTAM: A VIDA É SÓ UM SONHO?

Esta manchete foi publicada no Sunday Times em fevereiro de 2005. A matéria dizia que Sir Martin Rees, astrônomo real britânico, afirmara: "Os computadores evoluíram em algumas décadas, deixando de ser capazes de apenas simular padrões muito simples para criar mundos virtuais com muitos detalhes. Se esta tendência continuar, podemos imaginar computadores que serão capazes de simular mundos talvez até tão complicados quanto este em que pensamos viver. Isso suscita uma questão filosófica: será que estamos em tal simulação, será possível que o que pensamos ser o universo seja algum tipo de abóbada celeste em vez de algo real? De certo modo, podemos ser as criações desta simulação."

A maior parte da reportagem dizia que importantes cientistas do mundo estão cada vez mais fascinados com o grau extraordinário de sintonia fina necessária para nossa evolução. E isto está fazendo com que eles perguntem o que é de fato real.

Assim como estes recentes desenvolvimentos na ciência, os romances e filmes de alguma forma nos aclimataram à idéia de que o que consideramos rotineiramente como a realidade pode ser uma "realidade virtual". Philip K. Dick, que talvez tenha sido o primeiro escritor a semear estas idéias na cultura pop, estava imerso em sabedoria iniciática com relação a estados alterados e dimensões paralelas. Seu romance O caçador de androides foi filmado como Blade Runner. Outros filmes com este tema foram rodados, como Minority Report - também baseado num livro de Dick -, O vingador do futuro, O Show de Truman e Brilho eterno de uma mente sem lembranças. Mas o maior deles foi Matrix.

Em Matrix, vilões ameaçadores em trajes escuros policiam o mundo virtual que chamamos de realidade a fim de nos controlar para que não atrapalhemos seus propósitos nefandos. Em parte, pelo menos, este é um reflexo preciso dos ensinamentos das escolas de Mistérios e das sociedades secretas. Embora todos os seres que vivem por trás do véu da ilusão façam parte das hierarquias de

emanações da mente de Deus, alguns exibem uma ambivalência moral perturbadora.
Estes são os mesmos seres que os povos do mundo antigo estabeleceram como seus deuses, espíritos e demônios.

O fato de alguns cientistas importantes terem começado novamente a ver possibilidades nesta maneira muito antiga de olhar o cosmo é um sinal animador. Embora a sensibilidade moderna tenha pouca paciência com a metafísica, com o que pode parecer um monte de abstrações rebuscadas e arrogantes, a cosmologia do mundo antigo era uma máquina filosófica magnífica, como concordará qualquer bom historiador das idéias. Em seu relato de dimensões que se engrenam e evoluem, o choque, a metamorfose e a intermistura de grandes sistemas, em sua escala, complexidade e poder explanatório espantoso, a cosmologia antiga rivaliza com a ciência moderna.
Não podemos simplesmente dizer que a física substituiu a metafísica e a tornou redundante. Há uma diferença fundamental entre estes sistemas: eles explicam coisas diferentes. A ciência moderna explica como o universo vem a ser o que é. A filosofia antiga, do tipo que exploraremos neste livro, explica como nossa experiência do universo vem a ser o que é. Para a ciência, o grande milagre a ser explicado é o universo físico. Para a filosofia esotérica, o grande milagre é a consciência humana.
Os cientistas estão fascinados com a série extraordinária de equilíbrios entre vários grupos de fatores necessários à vida na Terra. Eles falam em equilíbrio entre calor e frio, umidade e aridez, a Terra estando a tal distância do Sol (e nada além disso) e o Sol se encontrando em determinada etapa da evolução (nem mais quente, nem mais frio). Num nível mais fundamental, para que a matéria adquira coerência, cada uma das forças da gravidade e do eletromagnetismo deve ter determinado grau (nem mais forte, nem mais fraco). E assim por diante.
Visto da perspectiva da filosofia esotérica, podemos começar a entender que foi necessária uma série igualmente extraordinária de equilíbrios para transformar nossa consciência subjetiva no que ela

é; em outras palavras, para dar à nossa experiência a estrutura que ela tem.
Por "equilíbrios" me refiro a mais do que ter uma mente equilibrada no sentido coloquial, isto é, ter emoções saudáveis e que não são fortes demais. Refiro-me aquia algo mais profundo, a algo essencial. O que, por exemplo, é necessário para possibilitar a narrativa interna, a coleção de histórias que costuramos para formar nosso senso básico de identidade? A resposta, é evidente, é a memória. É preciso que eu me lembre do que fiz ontem para identificar a mim mesmo como a pessoa que fez estas coisas. A questão fundamental é o fato de ser necessário certo grau de memória, nem mais forte, nem mais fraco. O romancista italiano ítalo Calvino, um dos muitos escritores contemporâneos que seguiram a filosofia antiga e mística, coloca isso com precisão: "A memória deve ser forte para nos permitir agir sem nos esquecer do que queremos fazer, para aprender sem deixarmos de ser a mesma pessoa, mas também deve ser fraca para nos permitir continuar avançando para o futuro."
Outros equilíbrios são necessários para que possamos pensar livremente, para tecer pensamentos em torno deste senso central de identidade. Precisamos da faculdade de perceber o mundo exterior por meio dos sentidos, mas também é muito importante que não sejamos sobrecarregados pelas sensações que podem ocupar todo o nosso espaço mental. Assim, não poderíamos refletir nem imaginar. A existência deste equilíbrio é tão extraordinária quanto, por exemplo, o fato de o nosso planeta não estar muito distante nem muito perto do Sol.
Também temos a capacidade de mover nosso ponto de consciência em torno de nossa vida interior - como o cursor na tela de computador. Por conseguinte, temos a liberdade de escolher sobre o que pensar. Se não tivéssemos o equilíbrio correto de proximidade e distanciamento de nossos impulsos íntimos, assim como de nossas percepções do mundo exterior, neste exato momento você não teria a liberdade de escolher desviar sua atenção da página que agora olha e não teria a opção de pensar em outra coisa.
E assim, de modo crucial, se as condições mais fundamentais da consciência humana não fossem caracterizadas por este conjunto

de equilíbrios excepcionalmente refinados, não nos seria possível exercer o livre pensamento ou o livre-arbítrio.
Quando se trata dos pontos mais elevados da experiência humana, o que o psicólogo americano Abraham Maslow costumava chamar de "experiências culminantes", até os equilíbrios mais refinados são necessários. Por exemplo: podemos ter que tomar certas atitudes nos grandes momentos decisivos de nossa vida. É da experiência humana comum, se não universal, que se tentarmos deduzir a coisa correta a ser feita em nossa vida usando toda nossa inteligência, se nos empenharmos nisso com todo o coração, se exercitarmos a paciência e a humildade, podemos - simplesmente - discernir o que deve ser feito. E uma vez que tenhamos tomado a decisão certa, o curso de ação escolhido provavelmente exigirá toda a força de vontade de que somos capazes, talvez pelo tempo que pudermos suportar, se quisermos concluí-lo com sucesso. Isto está no cerne do que significa viver a vida como ser humano.
Não há inevitabilidade no fato de que nossa consciência tem uma estrutura que possibilita tais liberdades, oportunidades de escolher fazer o que é certo, crescer
e nos tornarmos boas pessoas, talvez até heróicas — a não ser que você acredite na Providência, isto é, que você acredite que era para ser assim.
A consciência humana realmente é, portanto, uma espécie de milagre. Embora hoje tendamos a fazer vista grossa para este fato, os antigos se comoviam com esta maravilha. Como estamos prestes a ver, seus líderes intelectuais identificaram mudanças sutis na consciência humana com a mesma diligência que os cientistas modernos identificaram mudanças sutis no ambiente físico. A história que contaram — com seus acontecimentos míticos e sobrenaturais — era uma história de como a consciência humana evoluiu.
A ciência moderna tenta impor uma visão reducionista e estreita de nossa consciência. Tenta nos convencer da irrealidade dos elementos, mesmo que estes sejam constantes nas experiências, que ela não consegue explicar. Entre estes elementos estão o poder irreal das orações, as premonições, a sensação de ser observado, a

evidência da leitura de pensamentos, experiências fora do corpo, coincidências significativas e outras coisas varridas para baixo do tapete pela ciência moderna.
E o que é ainda mais importante, a ciência, neste espírito reducionista, nega a experiência humana universal de que a vida tem um significado. Alguns cientistas chegam a afirmar que não vale a pena indagar se a vida tem ou não significado.
No curso desta história, veremos que muitas das pessoas mais inteligentes que viveram no mundo se tornaram devotos da filosofia esotérica. Acredito até que pode ser verdade que toda pessoa inteligente tentou descobrir sobre isso em algum momento da vida.
É um impulso humano natural se perguntar se a vida tem significado, e a filosofia esotérica representa o corpo mais rico e mais concentrado de pensamento a respeito deste tema. Assim, antes de embarcarmos em nossa narrativa, é essencial que apliquemos uma distinção filosófica mais clara ao gume mais suave do pensamento científico moderno.

Às vezes as coisas dão errado e a vida parece não ter sentido; mas então, em outras ocasiões, nossa vida parece ter significado. Por exemplo: a vida às vezes parece ter dado uma guinada errada - nós fracassamos numa prova, perdemos um emprego ou um caso de amor termina -, mas depois descobrimos nosso verdadeiro métier ou o verdadeiro amor graças a esta guinada aparentemente errada. Ou acontece de alguém decidir não embarcar num avião que depois sofre um acidente. Quando algo assim acontece, podemos sentir que "alguém lá em cima" está olhando por nós, que nossos passos foram guiados. Podemos ter uma percepção apurada da precariedade da vida, notar a facilidade com que as coisas podiam ser diferentes se não fosse uma cotovelada quase imperceptível, talvez de outro mundo.
Ao lado da parte prática e orientada para a ciência que temos em nós, podemos ver uma coincidência, um acaso reunindo eventos relacionados, mas em certas ocasiões, desconfiamos, lá no fundo, de que uma coincidência não é em absoluto uma questão de acaso. Nas coincidências, às vezes sentimos uma sugestão, apesar de

indefinível, de um padrão profundo de significado oculto por trás da confusão da experiência cotidiana.
E determinadas vezes as pessoas descobrem que justo quando todas as esperanças parecem perdidas, encontra-se a felicidade do outro lado do desespero, ou que o germe crescente do amor se esconde dentro do ódio. Por motivos que veremos adiante, as questões que dizem respeito à felicidade são hoje em dia estreitamente relacionadas a noções de amor sexual, de modo que em geral a experiência do fracasso no amor nos dá a sensação de que "ERA para ser assim".

Recentemente, surgiram citações de cientistas importantes se vangloriando de que a ciência está prestes a descobrir uma explicação — ou o significado — para tudo na vida e no universo. Em geral isso se relaciona com a "teoria das cordas", uma teoria, segundo dizem, que em breve será formulada, uma teoria de todas as forças da natureza que combinará as leis da gravidade com a física do mundo quântico. Seremos então capazes de relacionar as leis razoáveis que regem os objetos que podemos sentir com o comportamento muito diferente de fenômenos do reino subatômico. Depois de formulada, compreenderemos tudo que há para ser compreendido sobre a estrutura, a origem e o futuro do cosmo. Teremos justificado tudo o que existe, pois, segundo dizem, não existe mais nada.
Antes de podermos aprender os segredos dos iniciados e começar a compreender suas crenças estranhas sobre a história, é importante deixar clara a distinção entre
"significado", usado em relação a questões referentes ao significado da vida, e "significado" usado pelos cientistas.
Um rapaz marca um encontro com a namorada mas ela não aparece. Ele fica magoado e irritado. Quer entender a dor que lhe acometeu. Quando ele a localiza, interroga-a.
Sua pergunta constante é POR QUÊ?

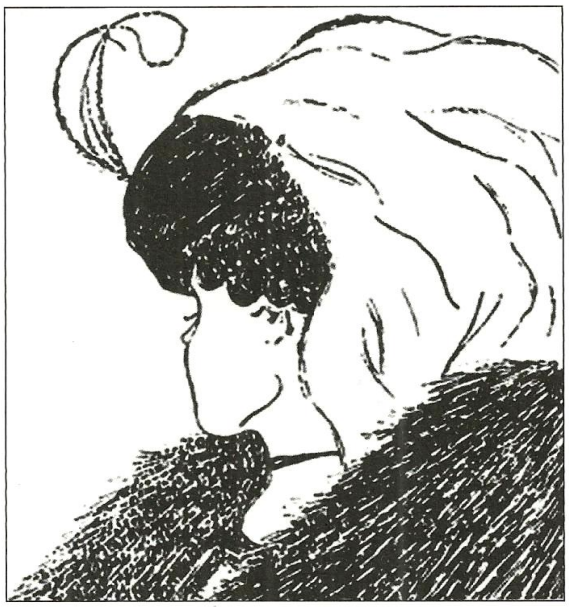
(...) porque perdi o ônibus, diz ela.
(...) porque saí tarde do trabalho.

(...) porque fiquei distraída e não percebi a hora.
(...) porque estou insatisfeita com uma coisa.
E assim ele pressiona sem parar até que consegue o que procura (mais ou menos):
(...) porque não quero mais te ver.

Quando perguntamos POR QUE, podemos ser interpretados de duas maneiras: ou como nas primeiras respostas evasivas da garota, com o mesmo significado de COMO, isto é, dar as respostas necessárias a um relato de uma seqüência de causa e efeito, de átomo chocando-se com átomo; ou POR QUE pode ser tomado da forma que o rapaz queria que fosse respondido, uma questão de tentar desvendar nossa INTENÇÃO.
Da mesma forma, quando perguntamos sobre o significado da vida e do universo, não estamos perguntando COMO ele aconteceu no sentido de causa e-efeito, de como os elementos e condições corretos se reuniram e formaram matérias, estrelas, planetas, matérias orgânicas e assim por diante. Estamos perguntando sobre a intenção por trás de tudo isso.
Assim, as grandes perguntas com POR QUE - POR QUE a vida? POR QUE o universo? — assim como uma questão de distinção filosófica muito elementar, não podem ser respondidas pelos cientistas ou, para ser mais preciso, pelos cientistas que agem com base em sua capacidade como cientistas. Se perguntarmos "Por que estamos aqui?", podemos ser iludidos com respostas que — da mesma forma que as primeiras respostas da garota - são perfeitamente válidas, no sentido de serem respostas gramaticalmente corretas à pergunta, mas que deixam um travo de decepção na boca do estômago porque não respondem à pergunta que no fundo queremos ver respondida. O fato é que todos temos um anseio arraigado e talvez inerradicável pelas respostas a estas perguntas no nível da INTENÇÃO. Os cientistas que não apreendem esta distinção, por mais inteligentes que sejam, são idiotas filosóficos.
Obviamente podemos escolher outorgar propósito e significado a partes de nossa vida. Se escolhermos jogar futebol, chutar a bola

para o fundo da rede significa um gol. Mas nossa vida como um todo, do nascimento à morte, não pode ter significado sem uma mente que exista de antemão e lhe dê significado.
O mesmo pode ser dito do universo.
Assim, quando ouvimos os cientistas falarem do universo como "repleto de significado", "maravilhoso" ou "misterioso", devemos ter em mente que eles podem estar usando estas palavras com certa dose de desonestidade intelectual. Um universo ateu só pode ser repleto de significado, maravilhoso ou misterioso em um sentido secundário e decepcionante - no mesmo sentido em que um ilusionista é considerado "mágico". É na verdade, quando se trata de considerar as grandes questões de vida e morte, todas as equações da ciência são pouco mais do que meios complicados e prolixos de dizer "Não sabemos".

Hoje somos estimulados a deixar de lado as grandes questões de vida e morte. Por que estamos aqui? Qual é o significado da vida? Estas perguntas são estritamente irrelevantes, é o que nos dizem. Basta seguir em frente. E assim perdemos parte do senso de estranheza que há em estar vivo.
Este livro foi escrito na crença de que algo valioso corre o risco de ser apagado por completo. Como resultado, seremos menos vivos do que éramos antigamente.
Estou sugerindo que, se olharmos os fundamentos da condição humana a partir de um ângulo diferente, podemos julgar que a ciência na realidade não sabe tanto quanto afirma saber, que ela fracassa ao se voltar ao que é mais profundo e mais elevado na experiência humana.
No próximo capítulo começaremos a nos imaginar na mente dos iniciados do mundo antigo e veremos o mundo a partir da perspectiva deles. Consideraremos a sabedoria antiga que esquecemos e veremos que, de sua perspectiva, mesmo aquelas coisas que a ciência moderna nos encoraja a considerar a verdade mais sólida e confiável não passam de uma questão de interpretação, pouco mais do que um truque de ótica.



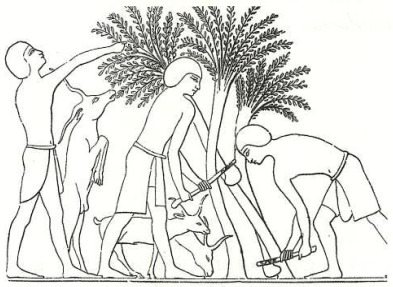
Uma imagem perspéctica que pode ser vista como uma bruxa ou uma jovem com um chapéu de plumas, dependendo de sua predisposição.

2. UMA BREVE CAMINHADA PELOS BOSQUES ANTIGOS

Imaginando-nos na mente dos antigos

Feche os olhos e imagine uma mesa, uma boa mesa, a mesa ideal em que gostaria de trabalhar. Que tamanho teria? De que madeira seria feita? Como a madeira seria unida?
Seria envernizada, encerada ou estaria crua? Que outras características teria? Imagine-a com a maior nitidez que puder.
Agora olhe a mesa real.
Que mesa você pode ter certeza de conhecer de verdade?
Do que você pode ter certeza - do conteúdo de sua mente ou dos objetos que percebe com os sentidos? O que é mais real, a mente ou a matéria?
O debate originado por estas perguntas simples tem estado no centro de toda a filosofia.
Hoje, a maioria de nós prefere a matéria e os objetos à mente e às idéias. Tendemos a tomar os objetos físicos como a régua da realidade. Platão, ao contrário, chamava as idéias de "as coisas que realmente são". No mundo antigo, os objetos do olho da mente eram considerados as realidades eternas das quais podemos ter certeza, ao contrário das superfícies transitórias e externas lá fora.
O que desejo sugerir agora é que antigamente as pessoas acreditavam num universo de mente-antes-da-matéria não porque pesaram cuidadosamente os argumentos
filosóficos dos dois lados e chegaram a uma conclusão razoável, mas porque experimentaram o mundo de uma forma mente-antes-da-matéria.
Enquanto os nossos pensamentos são pálidos e tênues em comparação com nossas impressões sensoriais, com o homem antigo acontecia o contrário. As pessoas da época tinham um senso menor dos objetos físicos. Os objetos não eram tão claramente definidos e diferenciados para eles como são para nós.

Se você olhar a imagem de uma árvore nos muros de um templo antigo, verá que o artista não pareceu ver de fato como os galhos estão unidos ao tronco.
Nos tempos antigos, ninguém realmente olhava uma árvore do modo como fazemos.



Algo irritante que nossos guias turísticos dizem em sítios arqueológicos é mais ou menos assim: "Olhe este entalhe de mulheres lavando roupa no rio ou de homens semeando a lavoura – ainda é possível ver exatamente a mesma cena perto daqui." Existem dois tipos de história e uma delas é a abordagem moderna e de senso comum, que pressupõe que a natureza humana não mudou substancialmente nada. A deste livro pertence a outro tipo de história. Nesta história, a consciência muda de uma época para outra, até de uma geração para outra. Observe a representação imprecisa, e de certo modo negligente em termos anatômicos, de uma árvore em uma tumba da 8ª dinastia. Os artistas que pintaram estas paredes estavam menos interessados nestes objetos físicos do que nos deuses retratados a apenas alguns passos, no santuário interno do templo. O que eles viram em detalhes e com sua maior capacidade de concentração foram os objetos do olho da mente. Estes eles retrataram em imagens douradas, adornadas e muito detalhadas. A asserção desta história, portanto, é de que, ao contrário do que afirma nosso guia turístico, qualquer semelhança entre as mulheres lavando roupa hoje e as mulheres que lavavam roupa quatro ou cinco mil anos atrás é pouco mais do que uma questão de aparência.

Hoje em dia, temos a tendência a pensar de forma muito reducionista sobre nossos pensamentos. Tendemos a acompanhar a moda intelectual dominante, que vê os pensamentos como nada mais do que palavras — talvez com uma "penumbra" de outra coisa, como sentimentos, imagens e assim por diante -, mas em que apenas as próprias palavras têm algum significado real.
Porém, se nos prendermos a esta visão em voga, mesmo que brevemente, descobriremos que ela afronta a experiência cotidiana. Considere um pensamento aparentemente comum e insignificante, como "Não posso me esquecer de telefonar para minha mãe esta noite". Se agora tentarmos examinar tal pensamento enquanto é tecido em nosso campo de consciência, se tentarmos prolongá-lo a fim de lhe lançar alguma luz, talvez possamos ver que ele traz um agrupamento mais frouxo de associação de palavras, semelhante ao que pode vir à luz num teste de associação de palavras da psicanálise. Se então nos concentrarmos mais, pode ficar evidente

que estas associações têm raízes em lembranças que trazem sentimentos — e podem até trazer seus próprios impulsos de vontade. A culpa que eu sinto por não ter telefonado para minha mãe antes, como agora sei pela psicanálise, tem origem num grupo complexo de sentimentos que remontam à infância - desejo, raiva, sentimentos de perda e traição, dependência e desejo de liberdade. Enquanto contemplo meus sentimentos de fracasso, surgem outros impulsos — a nostalgia pela época em que as coisas eram melhores, talvez quando minha mãe e eu éramos um - e um antigo padrão de comportamento é reanimado.

Enquanto insistimos em tentar definir este pensamento, ele será distorcido desta ou daquela maneira. O próprio ato de olhar para ele o muda, provoca reações, às vezes até contraditórias. Um pensamento nunca é imóvel. Ele é algo vivo, que não pode ser identificado em definitivo com a letra morta da linguagem. É por isso que Schopenhauer, outro proponente da filosofia mística que aparece no corpo deste livro, disse que "assim que você tenta colocar um pensamento em palavras, ele cessa de ser verdadeiro".

Dimensões inteiras jazem cintilantes no lado sombrio até do pensamento mais obtuso e comum.

Anel com sinete de Micenas com sacerdotes segurando papoulas. A experiência de um pensamento em toda sua glória constantemente variável e multidimensional pode bem ser conhecida de pessoas que experimentam drogas como a maconha ou alucinógenos como o LSD. William Emboden, professor de biologia da Universidade do Estado da Califórnia, publicou evidências convincentes mostrando que no antigo Egito o lírio azul era usado, junto com o ópio e a raiz de mandrágora, para induzir um estado de transe.

Os sábios do mundo antigo, homens e mulheres, sabiam trabalhar com estas dimensões e por muitos milênios criaram e refinaram imagens que teriam exatamente esta função. Como se ensina nas

escolas de Mistérios, a história do princípio do mundo se desdobra em uma série de imagens deste tipo.
Antes de considerar estas imagens poderosas e evocativas, quero agora solicitar ao leitor que comece a participar de um exercício de imaginação: procure imaginar como alguém dos tempos antigos, um candidato que esperava pela iniciação numa escola de Mistérios, teria vivido o mundo.
Com certeza é uma forma completamente ilusória, do ponto de vista da ciência moderna, de experimentar o mundo, mas à medida que esta história progredir, veremos evidências de que muitos dos grandes homens e mulheres da história deliberadamente cultivaram este antigo estado de consciência. Veremos que eles acreditavam que isso lhes permitia ver como o mundo realmente é, como funciona, um jeito que de certa maneira é superior ao modo moderno. Eles trouxeram estas percepções para o "mundo real" e mudaram o rumo da história, não só inspirando obras de arte de gênios, mas estimulando algumas das maiores descobertas científicas da humanidade.

Vamos, portanto, imaginar a nós mesmos na mente de alguém de cerca de 2.500 anos atrás, andando por um bosque para chegar a um lugar sagrado ou a um templo como o de Newgrange, na Irlanda, ou Elêusis, na Grécia.
Para esta pessoa, o bosque e tudo nele estava vivo. Tudo o observava. Espíritos invisíveis sussurravam nos movimentos das árvores. Uma brisa contra seu rosto era o gesto de um deus. Se o açoite de massas de ar no céu criasse relâmpagos, era uma eclosão da vontade cósmica - e talvez ele andasse um pouco mais rápido. Quem sabe teria se abrigado numa caverna?

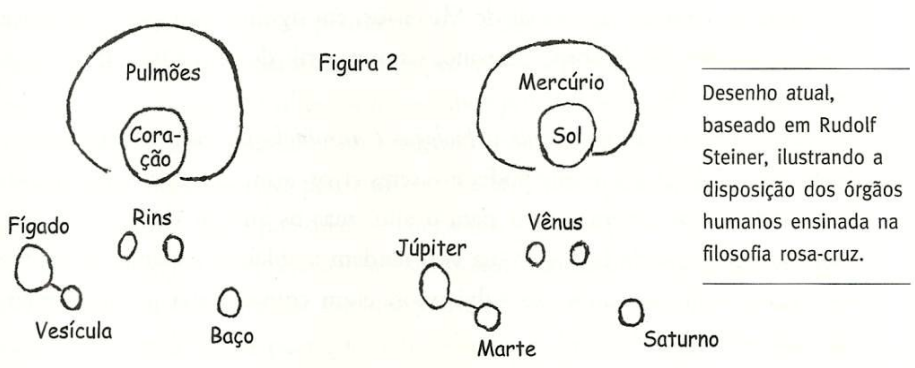


Figura 2

Desenho atual, baseado em Rudolf Steiner, ilustrando a disposição dos órgãos humanos ensinada na filosofia rosa-cruz.

Quando se aventurava numa caverna, o homem antigo tinha a estranha sensação de estar dentro de seu próprio crânio, isolado em seu próprio espaço mental. Se subisse ao alto de uma colina, ele sentia sua consciência correr para o horizonte em todas as direções, para a margem do cosmo - e ele se sentia uno com ele. A noite, ele experimentava o céu como a mente do cosmo.

Quando caminhava por uma trilha no bosque, ele teria tido a forte sensação de seguir seu destino. Hoje, qualquer um de nós pode se perguntar: "Como foi que terminei nesta vida, que parece ter pouco ou nada a ver comigo?" Tal pensamento teria sido inconcebível para alguém no mundo antigo, onde todos tinham consciência de seu lugar no cosmo.

Tudo o que aconteceu com ele - até a visão da poeira num raio de sol, o som do voo de uma abelha ou a visão de um pardal caindo — estava previsto para acontecer. Tudo falava com ele. Tudo era um castigo, uma recompensa, um aviso ou uma premonição. Se ele visse uma coruja, por exemplo, não era só um símbolo da deusa, era a própria Atena. Parte dela, talvez um dedo de alerta, estendia-se no mundo físico e na consciência dele.

É importante entender como os seres humanos têm afinidades com o mundo físico de acordo com os mais antigos. Eles acreditavam de maneira literal que não existe nada dentro de nós sem algo correspondente na natureza. Os vermes, por exemplo, têm o formato dos intestinos e processam a matéria da mesma forma que este órgão. Os pulmões, que nos permitem o movimento livre no espaço com a liberdade de uma ave, têm o mesmo formato das aves. O mundo visível é a humanidade virada do avesso. Pulmão e

ave são duas expressões do mesmo espírito cósmico, mas de modos diferentes.
Para os mestres das escolas de Mistérios, era significativo que a disposição dos órgãos internos do corpo humano, vistos a partir do céu, refletisse o sistema solar.
Na visão dos antigos, toda a biologia é astrobiologia. Hoje sabemos muito bem que o Sol confere vida e poder aos seres vivos, arranca a planta da semente, induzindo-a a se desemaranhar para o alto, mas os antigos também acreditavam que as forças da Lua, por sua vez, tendem a aplainar e alargar as plantas. As plantas bulbosas, como os tubérculos, eram consideradas particularmente afetadas pela Lua.
Mais notadamente, talvez, acreditava-se que as formas complexas e simétricas das plantas eram causadas pelos padrões que as estrelas e os planetas assumem em seu
movimento pelo céu. Enquanto um corpo celeste toma um caminho que parece se curvar sobre si mesmo para trás, como um cadarço de sapato, a mesma forma também é vista no movimento em espiral de uma folha que cai, ou de uma flor. Por exemplo: eles viam Saturno formando as agulhas do pinheiro das coníferas. Será uma coincidência que a ciência moderna mostre que os pinheiros contêm quantidades incomumente grandes de chumbo, o metal que os antigos acreditavam ser animado interiormente pelo planeta Saturno?
Na antiga visão, a forma do corpo humano era afetada da mesma maneira pelos padrões que as estrelas e os planetas formavam no céu. Os movimentos dos planetas, por exemplo, estavam inscritos no corpo humano, na curva das costelas e no lemnisco - a forma de cadarço - dos nervos centrípetos.
A ciência cunhou o termo "biorritmo" para descrever como a relação da Terra com a Lua e o Sol, marcada pela seqüência das estações e do dia se seguindo à noite, é configurada bioquímica e profundamente na função de cada ser vivo. Por exemplo: nos padrões de sono. Mas além destes ritmos mais óbvios, os antigos reconheciam outros ritmos, de maior complexidade matemática, que envolvem as regiões exteriores do cosmo e penetram na vida

humana. O ser humano respira em média 25.920 vezes por dia, e este é o número de anos de um grande ano platônico (o número de anos que o Sol leva para completar um ciclo completo do zodíaco). A vida humana média ou "ideal" - 72 anos - também tem o mesmo número de dias.

Este senso de inter-relação não é só uma questão de inter-relação corporal. Também se estende à consciência. Quando nosso homem numa caminhada via um bando de pássaros voando como se fossem um só, parecia-lhe que o bando era uno, movido por um só pensamento - e ele acreditava realmente que era assim. Se de repente os animais no bosque se moviam juntos de forma violenta e entrassem em pânico, tinham sido movidos por Pã. Nosso homem sabia que era exatamente isto que estava acontecendo, porque ele experimentava muitas vezes os espíritos superiores pensando por intermédio dele e de outras pessoas ao mesmo tempo. Ele sabia que, quando chegasse à escola de Mistérios e seu mestre espiritual apresentasse novos pensamentos surpreendentes a ele e seus colegas discípulos, todos viveriam os mesmos pensamentos, como se o mestre estivesse erguendo objetos físicos para que todos vissem. Na verdade, ele se sentia mais próximo das pessoas quando compartilhava seus pensamentos do que quando se encontrava próximo apenas fisicamente.

Hoje tendemos a nos crer senhores de nossos pensamentos. Queremos ter o mérito por sua origem e preferimos pensar que nosso espaço mental privado é inviolável, que nenhuma outra consciência pode invadi-lo.

Porém, não precisamos nos prender a estes pressupostos por muito tempo para ver que nem sempre eles combinam com a experiência. Se formos sinceros, devemos admitir que, invariavelmente, não construímos nossos pensamentos. Não se trata apenas de gênios como Newton, Kepler, Leonardo da Vinci, Édison e Tesla falando da inspiração que lhes veio como se fosse em um sonho, e às vezes literalmente num sonho. Para todos nós, os pensamentos cotidianos também nos ocorrem naturalmente. Em linguagem comum, dizemos "Ocorreu-me que..." e "Percebi que...". Se você tiver sorte, pode acontecer de vez em quando que um chiste perfeitamente elaborado

lhe ocorra e provoque gargalhadas em seus companheiros. Então, é claro que você fica feliz por se aquecer na glória - mas a verdade nua e crua é que o chiste provavelmente saltou de sua boca antes que você tivesse tempo de elaborá-lo de modo consciente.

A realidade da experiência cotidiana é que os pensamentos são rotineiramente introduzidos, a partir de outro lugar, no que preferimos considerar como nosso espaço mental privado. Os antigos entendiam que este "outro lugar" era o lugar de outro alguém, sendo este alguém um deus, um anjo ou um espírito.

Mas um indivíduo nem sempre é incitado pelo mesmo deus, anjo ou espírito. Embora hoje prefiramos pensar que cada um de nós tem um centro individual de consciência localizado dentro da cabeça, no mundo antigo cada pessoa via a si mesma com ‘vários centros diferentes de consciência com origem fora da cabeça.’

Vimos antes que se acreditava que os deuses, anjos e espíritos eram emanações da grande mente cósmica - O Ser-Pensamento, em outras palavras. O que estou lhe pedindo para considerar agora é que estes grandes Seres-Pensamento expressavam-se por intermédio das pessoas. Se hoje pensamos naturalmente em pessoas pensando, nos tempos antigos pensavam-se pensamentos personificados.

Como veremos adiante, os deuses, anjos e espíritos podem provocar grandes mudanças no destino de uma nação. O foco destas mudanças em geral será um indivíduo. Por exemplo: Alexandre o Grande e Napoleão foram veículos de um grande espírito, e por algum tempo conquistaram tudo o que havia pela frente de forma extraordinária. Ninguém podia se opor a eles, que obtinham sucesso em tudo o que faziam - até que o espírito os deixou. E então, de repente, tudo começou a dar errado.

Vemos o mesmo processo no caso de artistas que, por um período determinado da vida, tornam-se veículos para a expressão de um deus ou espírito. Parecem "encontrar sua voz" e criar uma obra-prima atrás de outra com a mão firme, às vezes transformando a consciência de toda uma geração, mudando até o rumo de uma cultura na história. Mas quando o espírito parte, um artista jamais volta a criar com a mesma genialidade.

Da mesma forma, se um espírito se entrelaça em um indivíduo para criar uma obra de arte, o mesmo grande espírito pode estar outra vez presente, sempre que a obra de arte é contemplada por terceiros. Um contemporâneo de Bach disse: "Quando Bach toca órgão, até Deus vem à missa."

Hoje, muitos cristãos acreditam que Deus está presente no sangue e no vinho no clímax da missa, embora de uma forma indefinível que séculos de debate teológico jamais conseguiram resolver. Por outro lado, se lermos as liturgias remanescentes do antigo Egito, principalmente O livro da abertura da boca, ou considerar as crônicas guardadas no templo das Virgens Vestais em Roma, que registram as "epifanias" comuns, ou aparecimentos dos deuses, fica muito claro que naquela época se esperava a presença dos deuses no clímax de cerimônias religiosas - e de uma maneira muito mais imponente do que nos serviços religiosos cristãos de hoje. Para as pessoas do mundo antigo, a presença dos deuses inspirava assombro.

Quando um pensamento vinha ao homem que caminhava pelo bosque, ele sentia ter sido tocado pela asa de um anjo ou pelo manto de um deus. Ele sentia uma presença, mesmo que nem sempre pudesse percebê-la de modo direto e detalhado. Mas uma vez no interior do recinto sagrado, ele podia perceber não só a asa e as ondas rodopiantes de luz e energia que compunham o manto. No meio da luz, ele via o próprio anjo ou deus. Nestas ocasiões, ele teria acreditado que realmente estava percebendo um ser do reino espiritual.

Hoje vivemos momentos de iluminação como eventos interiores, enquanto para os antigos estes lhes eram impostos de fora. O homem que estamos seguindo esperava que o Ser-Pensamento que viu fosse visível também para os outros — o que hoje chamaríamos de alucinação coletiva.

Não sabemos como ter uma experiência dessas. Não sabemos como encontrar um espírito incorpóreo. Não sabemos quem eles são. Hoje parece que procuramos sem parar por uma autêntica experiência espiritual, porém estamos seguros de termos tido uma experiência que genuinamente faça jus ao nome. No mundo antigo,

a experiência de encontro com espíritos era tão forte que não lhes teria ocorrido negar a existência do mundo espiritual. Na realidade, teria sido quase tão difícil para as pessoas do mundo antigo negar a existência do espírito como seria para nós decidir não acreditar na mesa e no livro diante de nós.
Hoje em dia, a falta de experiência dificulta a crença em espíritos desencarnados. A Igreja ensina que a crença é admirável porque é difícil. Ao que parece, quanto
mais sua crença for desproporcional em relação às evidências, melhor. Este ensinamento seria absurdo para os povos do mundo antigo.

Se, como os antigos, você acredita em um universo de mente-antes-da matéria, se acredita que as idéias são mais reais do que os objetos, é muito mais fácil aceitar as alucinações coletivas do que se você acreditasse num universo de matéria-antes-da-mente — e neste caso é quase impossível explicá-las.
Na história deste livro, deuses e espíritos controlam o mundo material e exercem poder sobre ele. Veremos também que às vezes seres desencarnados transpõem os limites espontaneamente. Às vezes, comunidades inteiras são possuídas por uma convulsão de selvageria sexual incontrolável.
É por isso que lidar com os espíritos sempre foi considerado muito perigoso. No mundo antigo, a comunhão controlada com os deuses e espíritos era prerrogativa das escolas de Mistérios.

Robert Temple, cujas ocupações atuais incluem a de professor visitante de ciências humanas, história e filosofia da ciência da Universidade de Louisville, nos EUA, e a de professor visitante de história e filosofia da ciência na Universidade Tsinghua, em Pequim, demonstrou que culturas antigas, como a chinesa e a egípcia, tinham uma compreensão do universo de certa forma mais adiantada do que a nossa. Por exemplo: ele mostrou que os egípcios, longe de serem primitivos ou retrógrados nestas questões, sabiam que Sirius é um sistema de três estrelas - algo que a ciência moderna só "descobriu" em 1995, quando astrônomos franceses,

usando radiotelescópios potentes, detectaram a anã vermelha, subseqüentemente batizada de Sirius C. A questão é que os egípcios antigos não eram ignorantes nem pueris, embora possamos ficar tentados a considerá-los desta forma.

Relevo romano do século I que retrata um candidato sendo levado a uma cerimônia de iniciação.

Uma das crenças estúpidas que costumamos atribuir aos antigos é a de que eles veneravam o Sol, como se acreditassem que o objeto físico era um ser senciente. Os comentários de Robert Temple sobre textos fundamentais de Aristóteles, Estrabão e outros mostra que eles viam o Sol como uma espécie de lente através da qual a influência espiritual de um deus irradiava do reino espiritual para o reino terreno. Outros deuses irradiavam suas influências por meio de outros planetas e constelações. À medida que as posições dos corpos celestes mudavam, alteravam-se também os variados padrões de influência que conferiam direção e forma à história.

Voltando ao homem que caminha pelo bosque antigo, vemos agora que, para ele, os espíritos por trás do Sol, da Lua e de outros corpos celestes operavam em diferentes partes de sua mente e de seu corpo. Ele sentia que seus membros se movimentavam como os fluxos de Mercúrio, e sentia o espírito de Marte furioso dentro de si, no rio feroz de ferro fundido que era seu sangue.

O estado de seus rins era afetado pelo movimento de Vênus. A ciência moderna está apenas começando a entender o papel dos rins na sexualidade. No início do século XX, descobriu-se o papel dos rins no armazenamento da testosterona. Depois, na década de

1980, a gigante farmacêutica suíça Weleda começou a realizar testes que mostraram que os movimentos dos planetas provocam alterações químicas nas soluções de sais de metal, drásticas o bastante para que sejam vistas a olho nu, mesmo quando estas influências são sutis demais para serem medidas por qualquer procedimento científico desenvolvido até o presente momento. E o que é ainda mais extraordinário, estas alterações drásticas aparecem quando uma solução de sal de metal é examinada em relação ao movimento do planeta com o qual tradicionalmente foi associada. Assim, os sais de cobre contidos nos rins são afetados por Vênus, sendo o cobre o metal tradicionalmente associado a Vênus. A ciência moderna pode estar prestes a confirmar o que os antigos conheciam muito bem. E de fato verdade dizer que Vênus é o planeta do desejo.

As escolas de Mistérios ensinavam que, assim como uma consciência na cabeça, cada um de nós tem, por exemplo, uma consciência no coração, emanada do Sol, que entra em nosso espaço mental por meio do coração. Ou, dito de outra forma, o coração é o portal pelo qual o deus Sol entra em nossa vida. Da mesma forma, um tipo de consciência dos rins nos é irradiada de Vênus, espalhando-se em nossa mente e em nosso corpo através do portal de nossos rins. O funcionamento conjunto destes diferentes centros de consciência nos torna variadamente amorosos, irritadiços, melancólicos, inquietos, corajosos, ensimesmados e assim por diante, formando esta coisa única que é a experiência humana.

Trabalhando por intermédio de nossos diferentes centros de consciência, os deuses dos planetas e constelações nos preparam para as grandes experiências, os grandes testes que o cosmo quer que enfrentemos. A estrutura profunda de nossa vida é descrita pelos movimentos dos corpos celestes.

Sou movido a desejar por Vênus e, quando Saturno retorna, sou penosamente testado.

Neste capítulo já começamos a usar alguns exercícios de imaginação empregados no ensinamento esotérico. No capítulo

seguinte, cruzaremos o limiar da escola de Mistérios e começaremos a seguir a história antiga do cosmo.

3. O JARDIM DO ÉDEN

O código do Gênesis • Entra o Senhor das Trevas • O povo das flores

A Ciência e a Religião que no início o cosmo passou de um estado de nada para a existência da matéria. Mas a ciência tem muito pouco a dizer sobre esta transição misteriosa, é tudo muito especulativo. Os cientistas até se dividem quando se trata de estabelecer se a matéria foi criada toda ao mesmo tempo ou se continua a ser criada.
Por outro lado, houve uma unanimidade extraordinária entre os sacerdotes iniciados do mundo antigo. Seus ensinamentos secretos estão codificados nos textos sagrados das grandes religiões do mundo. Nas palavras que se seguem, veremos que uma história secreta da criação está codificada no Gênesis, que algumas frases muito familiares podem ser explicadas e revelar novos mundos extraordinários de pensamento, vistas poderosas da imaginação. E veremos também que esta história secreta faz coro com os ensinamentos secretos de outras religiões.

No início, nada precipitava do vácuo a não ser uma matéria mais fina e sutil do que a luz, depois um gás excepcionalmente tênue. Se um olho humano tivesse visto a autora da história, teria visto uma vasta névoa cósmica.
Este gás ou névoa foi a mãe de tudo que vive e portava tudo o que era necessário para a criação da vida. A Deusa Mãe, como às vezes era chamada, irá se metamorfosear no curso da história e assumirá muitas formas e muitos nomes diferentes, mas no princípio "a Terra era sem forma e vazia".
A narrativa da Bíblia continua, referindo-se ao primeiro grande reverso da fortuna da história: "A escuridão estava sobre a face da Terra." De acordo com os estudiosos que trabalharam com a tradição esotérica, este é o modo de a Bíblia dizer que a Deusa Mãe

foi atacada por um vento seco que quase extinguiu por completo o potencial para a vida.
Novamente, ao olho humano teria parecido que as névoas delicadamente entretecidas que emanaram da mente de Deus de repente foram surpreendidas por uma segunda emanação. Houve uma tempestade violenta, como um fenômeno raro e espetacular observado pelos astrônomos - a morte de uma estrela maciça, talvez -, exceto pelo fato de que aqui, "no princípio", teria sido em uma escala completamente esmagadora, que encheu todo o universo.
Assim teria parecido ao olho humano, mas o olho da imaginação pode ver nesta grande nuvem de neblina e na tempestade terrível que a atacou o encobrimento de dois fantasmas gigantescos.

Antes de tentarmos compreender esta história antiga do cosmo ou entender por que tantas pessoas inteligentes acreditaram nela, é importante tentar absorvê-la como seria apresentada nos tempos antigos - como uma série de imagens da imaginação. É importante deixar que estas imagens operem em nossa imaginação da mesma maneira que os sacerdotes iniciados pretendiam que operassem na imaginação do candidato à iniciação.
Há alguns anos, vi-me entabulando uma conversa com uma das lendárias figuras do submundo de Londres, um homem que ajudara a libertar um criminoso chamado Frank "o lenhador louco" Mitchell de um manicômio judiciário e depois, segundo as histórias, ficou meio maluco. Ele matou o lenhador louco na traseira de uma van com um rifle de cano serrado, depois se banhou em seu sangue, rindo. Mas sua lembrança mais nítida, aquela que ele mesmo considerava a mais emocionante, também foi a primeira que teve. Ele se lembrava de uma briga que deve ter visto quando tinha dois ou três anos de idade.
Sua avó estava de mangas arregaçadas brigando na rua, na frente da casa, entre os terraços vitorianos da velha East End. Ele se lembrava da luz de lampiões a gás nos paralelepípedos molhados e a saliva voando, e como sua avó parecia gigantesca, pesada e com uma força sobrenatural. Também se lembrava de seus braços

imensos, graças ao trabalho de lavadeira que ajudara a alimentá-lo, golpeando repetidas vezes a outra mulher, mesmo quando ela se prostrava no chão, incapaz de se defender.
Devemos tentar imaginar algo semelhante enquanto contemplamos as duas forças titânicas travando combate no início dos tempos. A Deusa Mãe sempre seria lembrada como uma figura amorosa, revigorante, aquela que alimenta, reconfortantemente roliça e de aparência suave, mas também tinha um aspecto apavorante. Éra belicosa quando precisava ser. Entre o povo da antiga Frígia, por exemplo, ela era lembrada como Cibele, uma deusa impiedosa que conduzia uma carruagem puxada por leões e exigia que seus devotos se entregassem a um delírio tão desvairado e selvagem que acabariam por se castrar.
Seu oponente, se isso fosse possível, era mais combativo. Comprido, ossudo, a pele era branca e escamosa, e tinha olhos vermelhos e cintilantes. Precipitando-se sobre a Mãe Terra, o Senhor das Trevas portava uma foice mortal - revelando sua identidade a qualquer um que já não a tivesse adivinhado. Pois, se a primeira emanação da mente de Deus seria metamorfoseada na deusa da Terra, a segunda emanação se tornaria o deus de Saturno.
Saturno demarcaria os limites do sistema solar. Na verdade, foi o princípio da limitação. O que a intervenção de Saturno introduziu na criação foi o potencial para que objetos individuais existissem e, portanto, a transição da inexistência da forma para a forma. Em outras palavras, graças a Saturno, há uma lei de identidade no universo segundo a qual uma coisa existe e não é nem nada mais nem algo mais. Graças a Saturno, um objeto ocupa um determinado lugar no espaço em certo tempo e nenhum outro objeto pode ocupar este espaço, tampouco este objeto pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Na mitologia egípcia, Saturno era Ptah, que molda a Terra numa roda de oleiro, e em muitas mitologias o título de Saturno é Rex Mundi, o Rei do Mundo, ou Príncipe deste mundo", devido a seu controle sobre nossa vida material.
Se uma entidade individual pode existir ao longo do tempo, então, por inferência, ela também pode deixar de existir. É por isso que

Saturno é o deus da destruição.
Saturno devora seus próprios filhos. Às vezes é retratado como o Pai Tempo e às vezes como a própria Morte. Graças à influência de Saturno, tudo o que vive contém as sementes de seu próprio fim, e é graças a Saturno que aquilo que nos alimenta também nos destrói. A morte está em tudo no cosmo — tecida no céu azul e brilhante, numa folha de grama, na pulsação da fontanela de um bebê, na luz nos olhos da pessoa amada. Graças a Saturno, nossa vida é difícil. Graças a Saturno, toda espada tem dois gumes e toda grinalda é uma coroa de espinhos. Se às vezes sentimos que é difícil demais suportar nossa vida, se nos magoamos e gritamos para as estrelas em desespero, é porque Saturno nos pressiona até nossos limites.
E podia ter sido pior. O potencial para a vida no cosmo teria sido extinto mesmo antes do nascimento. O cosmo teria permanecido um peneirar infindável de matéria morta por toda a eternidade.
No curso desta história, veremos que Saturno retornou em diferentes épocas e sob diferentes disfarces para concretizar seu objetivo de mumificar a humanidade e extorquir-lhe a vida. No final desta história, também veremos que é esperada, para breve, sua intervenção mais decisiva, um evento há muito previsto pelas sociedades secretas.
No Gênesis, a tentativa do Mal de anular os planos de Deus no nascedouro, este primeiro ato de rebeldia de um Ser-Pensamento contra a Mente da qual emanou, aparece apenas em uma frase curta, mas, como já sugerimos, a Bíblia não lida com uma escala de tempo que reconheceríamos hoje. A tirania de Saturno sobre a Mãe Terra, sua tentativa assassina de extorquir do cosmo todo potencial para a vida, continuou por períodos imensuráveis para a mente humana.
Sua tirania por fim foi subvertida e Saturno, se não inteiramente derrotado, foi colocado em xeque e confinado à sua própria esfera. Novamente, o Gênesis nos diz como isto aconteceu: "E disse Deus, Faça-se a luz, e fez-se a luz." A luz empurrava de volta a escuridão que tinha sido incubada sobre as águas.

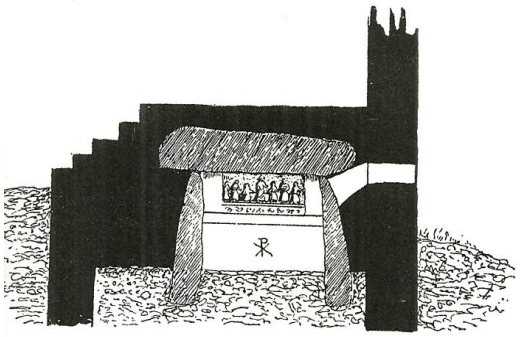
Como esta vitória foi alcançada? É claro que há dois relatos da criação na Bíblia. O segundo, no início do Evangelho de São João, é, em certos aspectos, mais completo e pode nos ajudar a decodificar o Gênesis.
Mas antes que possamos continuar a decodificar a história bíblica da criação, devemos lidar com uma questão espinhosa. Já começamos a interpretar o Gênesis nos termos da deusa Terra e de Saturno. Quem quer que tenha sido criado em uma das grandes religiões monoteístas naturalmente sentirá alguma resistência a isso. Não seria esta crença politeísta nos deuses de estrelas e planetas característica de religiões mais primitivas, como aquelas dos antigos egípcios, gregos ou romanos?
Convencionalmente, os de mentalidade cristã podem desejar interromper a leitura agora.

A Igreja de hoje prega um monoteísmo extremo e radical. Isto talvez se deva em parte à predominância de uma ciência que deixa pouco espaço para Deus. No cristianismo simpático à ciência, Deus tornou-se uma imanência indiferenciada e imperceptível no universo, e espiritualmente não passa de uma sensação vaga e indistinta de unidade com esta imanência.
Mas o cristianismo tem suas origens em religiões politeístas e astronômicas mais antigas da região em que surgiu. As crenças dos primeiros cristãos refletiam isso.
Para eles, a espiritualidade significava dialogar com espíritos de verdade.
As igrejas cristãs, das catedrais de Chartres e São Pedro, em Roma, às pequenas igrejas paroquiais de todo o mundo, foram construídas em locais de antigos poços e cavernas sagrados, templos e escolas de Mistérios. Em toda a história, locais como estes foram considerados portais para os espíritos, fissuras no tecido normal do contínuo espaço-tempo.
A ciência da astroarqueologia demonstrou que estes portais eram alinhados com fenômenos astronômicos, que pretendiam afunilar o influxo dos mundos espirituais em momentos propícios. Em Karnak, no Egito, ao amanhecer do solstício de inverno, um fino raio de sol

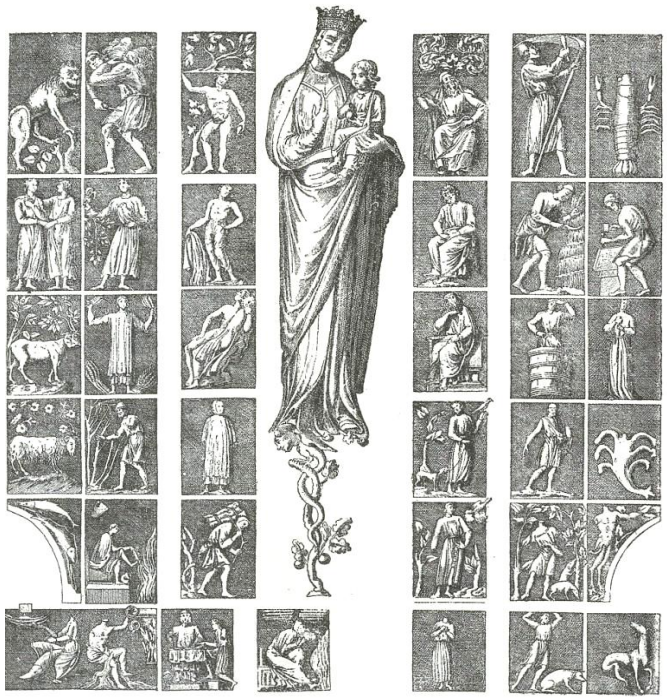
adentraria os portais do templo e percorreria 500 metros pelos pátios, corredores e passagens até penetrar na escuridão do Sagrado dos Sagrados.

Saber até que ponto persistiu esta tradição pode surpreender alguns cristãos. Todas as igrejas cristãs são alinhadas astronomicamente, em geral para o leste, no dia do santo a que a igreja é dedicada. As grandes catedrais, de Notre-Dame, em Paris, à Sagrada Família, em Barcelona, são cobertas de símbolos astronômicos e astrológicos.

O clero moderno em geral se apressa em condenar a astrologia, mas ninguém pode negar, por exemplo, que todos os grandes festivais cristãos têm origem na astronomia — sendo a Páscoa o primeiro domingo depois da Lua cheia que cai no equinócio da primavera ou se segue a ele, ou que o Natal cai no primeiro dia depois do solstício de inverno, quando o nascer do sol começa visivelmente a seguir a direção contrária ao longo horizonte.



Capela cristã dos Sete Adormecidos, construída sobre um dólmen nos arredores de Plouaret, na França.



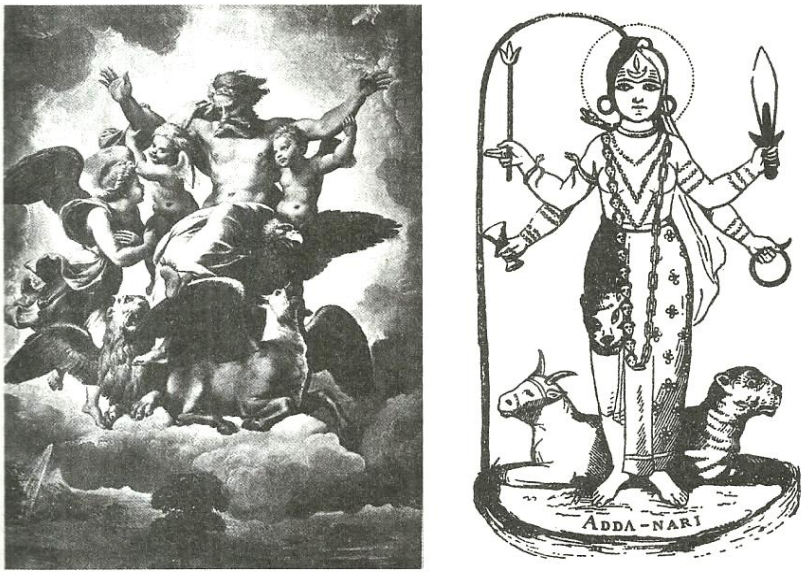
Belo simbolismo astronômico na face externa da catedral de Notre-Dame, em Paris.

Até uma rápida olhada nos textos bíblicos revela que a interpretação radicalmente monoteísta das escrituras está descompassada com o que acreditavam os autores destes textos. A Bíblia se refere a muitos seres espirituais desencarnados, inclusive a deuses de tribos rivais, anjos, arcanjos, assim como demônios, diabos, Satã e Lúcifer.

Todas as religiões acreditam que a mente veio antes da matéria. Todas entendem que a criação ocorreu por uma série de emanações, e esta série é universalmente visualizada como uma hierarquia de seres espirituais, sejam deuses ou anjos. Uma hierarquia de anjos, arcanjos e assim por diante sempre compôs a doutrina da Igreja, aludida por São Paulo, elucidada por seu discípulo São Dionísio, codificada por São Tomás de Aquino e imaginada vividamente na arte e na literatura por Dante e outros.

Em geral, estas doutrinas são omitidas e desconsideradas pelo cristianismo moderno, mas o que os líderes da Igreja estiveram decididos a suprimir - o que ficou reservado para o ensinamento

esotérico - é que diferentes ordens de anjos devem ser identificadas com os deuses das estrelas e dos planetas.



ESQUERDA: Os Quatro Querubins no sonho de Ezequiel, pintura de Rafael.
DIREITA: A combinação dos querubins – o "Tetramorfo" – da mitologia hindu.

Embora não tenha se infiltrado na congregação maior, a erudição bíblica moderna reconhece que a Bíblia contém muitas passagens que devem ser entendidas como referências a deidades astronômicas. Por exemplo, o Salmo XIX diz: "Aí armou Deus para o Sol uma tenda, e este, qual esposo que sai de seu tálamo, exulta como um gigante a percorrer seu caminho. Sai de um extremo do céu, e no outro termina o seu curso." O estudo desta passagem, associado a textos comparativos de culturas geograficamente vizinhas, revela que ela descreve o casamento do Sol com Vênus.
Uma passagem como esta pode ser rejeitada por ser incidental em relação ao principal corpo teológico da Bíblia. Pode-se suspeitar que isto é uma interpolação de uma cultura estrangeira. Mas a realidade é que depois de retiradas as camadas de traduções equivocadas e outros tipos de confusão, as passagens mais importantes da Bíblia podem ser vistas como descrições de deidades de estrelas e planetas.

Os quatro querubins estão entre os símbolos mais poderosos da Bíblia, aparecendo em passagens fundamentais em Ezequiel, Isaías, Jeremias e no Apocalipse. Popular na iconografia hebraica e cristã, proeminente na arte e na arquitetura sacras em toda parte, eles são simbolizados pelo Boi, o Leão, a Águia e o Anjo. Nos ensinamentos esotéricos, estes quatro querubins são os grandes seres espirituais por trás de quatro das 12 constelações que compõem o zodíaco. A prova de sua identidade astronômica está na imagética associada a eles: Boi = Touro; Leão = Leão; Águia = Escorpião; e Anjo = Aquário.

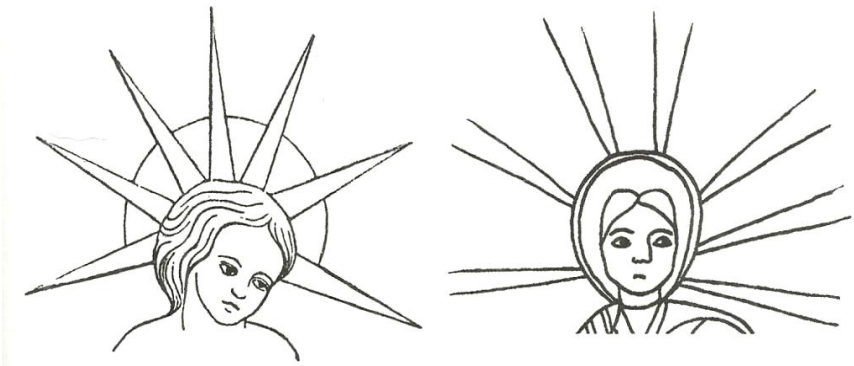
Este padrão quádruplo de simbolismo referente às constelações é reproduzido em todas as grandes religiões do mundo. Mas para que tenhamos o exemplo mais importante e revelador de politeísmo no cristianismo, devemos voltar à história da criação contada no Gênesis e no Evangelho de São João.

Gênesis 1:1 em geral é traduzido como "No princípio, Deus criou os céus e a Terra", mas na realidade qualquer erudito da Bíblia admitirá, mesmo que apenas quando pressionado, que a palavra "Elohim", aqui traduzida como "Deus", é plural. A passagem deve ser interpretada como "No princípio os deuses criaram os céus e a Terra". Isto é uma anomalia muito perturbadora, para a qual os clérigos fora da tradição esotérica tendem a fazer vista grossa, mas no interior desta tradição sabe-se bem que neste trecho há uma referência a deidades astronômicas.

Podemos descobrir suas identidades, como sugeri, combinando a passagem no Gênesis com a passagem correspondente no Evangelho de São João. "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus (...). Tudo foi feito por ele (...) A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam."

Este paralelo é útil porque João não cunhou o termo [Verbo]. Ele se referia a uma tradição já antiga em sua época e que ele, é evidente, esperava que os leitores entendessem. Cerca de quatrocentos anos antes, Heráclito, filósofo grego, escrevera: "o Logos [isto é, o Verbo] existiu antes que a Terra pudesse existir". A questão relevante aqui é que, de acordo com a antiga tradição, o Verbo que resplandeceu nas trevas no Evangelho de João - e assim agora vemos, os deuses

que "fizeram a luz" no Gênesis - são os sete grandes espíritos que trabalharam juntos como a grande influência espiritual que emanou do Sol.
Portanto, o Antigo e o Novo Testamentos aludem ao papel do deus Sol na criação, assim como compreendiam as religiões do mundo antigo.



Representação de Apolo a partir de uma escultura romana. No mundo antigo, em geral o deus Sol era retratado emanando sete raios, denotando os sete espíritos solares que compunham sua natureza. No *Livro dos mortos* egípcio, eles são chamados de os Sete Espíritos de Rá, e na antiga tradição hebraica, os Sete Poderes da Luz. Exatamente a mesma imagética do deus Sol foi usada para descrever Cristo na arte cristã primitiva, aqui num mosaico do século III nas grutas do Vaticano.

O segundo grande ato no drama da criação ocorreu quando o deus Sol chegou para resgatar a Mãe Terra, que estava sob domínio de Saturno.
Aos olhos da imaginação, o Sol é um jovem belo e radiante com uma cabeleira leonina. Ele conduz uma carruagem e é músico. Tem muitos nomes - Krishna na Índia, Apolo na Grécia. Surgindo em esplendor no meio da tempestade, ele afasta a escuridão de Saturno até que este se torna um dragão ou serpente gigante cingindo o cosmo.
O Sol então aquece a Mãe Terra e lhe confere vida nova e, ao fazer isso, dá vazão a um grande e triunfante rugido que reverbera nos limites exteriores do cosmo. O rugido faz com que a matéria no útero cósmico vibre, dance e forme padrões. Nos círculos íntimos de grupos esotéricos, este processo às vezes é conhecido como "a

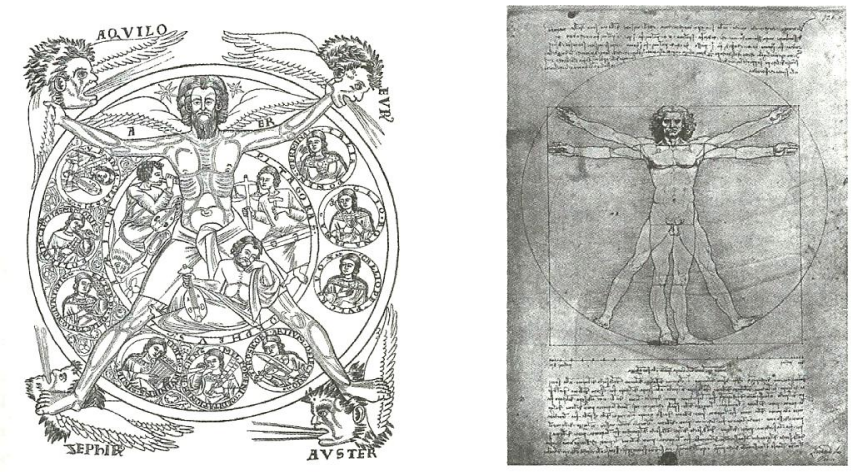
dança das substâncias". Depois de um tempo, provoca a coagulação da matéria numa variedade de formas estranhas.
O que estamos vendo, então, é o Sol cantando para criar o mundo.
O Sol-Leão é uma imagem comum na arte antiga. Sempre que aparece, refere-se a esta etapa inicial no relato da criação da mente-antes-da-matéria. Um relato magnífico da história do Sol-Leão no ato da criação foi escrito ainda na década de 1950. Está no prequel de O leão, a bruxa e o guarda-roupa intitulado O sobrinho do mago.

Algo que as escolas não esotéricas da crítica literária deixaram passar é que a obra de CS. Lewis está imersa na doutrina rosa-cruz. Em sua história, o Sol-Leão
se chama Aslan:

Algo enfim aconteceu nas trevas. Uma voz começou a cantar. Estava muito distante e Digory - a primeira criança a explorar Nárnia - teve dificuldade para saber de que lado vinha. Às vezes parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo. Em alguns momentos ele quase pensou que vinha da terra sob seus pés. Não havia uma música. Mas era, sem comparação, a mais linda voz que ele ouviu na vida. Éra tão linda que ele mal conseguia suportá-la (...) O céu a leste mudou de branco para rosa e de rosa para dourado. A voz se elevou sem parar, até que o ar tremeu com ela (...) O Leão andava de um lado para outro nesta terra vazia e entoava sua nova canção. E enquanto andava e cantava, o vale tornou-se verde com a relva. Ela se espalhou a partir do Leão como um lago. Corria para os lados das colinas como uma onda.

O que os mestres das escolas de Mistérios queriam indicar pela vitória do deus Sol foi a transição importante de um cosmo puramente mineral para um cosmo que germinava vida vegetal.
Na primeira e mais primitiva forma de vida vegetal, segundo a tradição dos Mistérios, os germes eram unidos em grandes estruturas flutuantes, como teias, que encheram todo o universo. Nos Vedas, os livros sagrados da índia, esta fase da criação é

descrita como "a rede de Indra", uma rede infinita de fios luminosos e vivos, perpetuamente entrelaçando-se, unindo-se como ondas de luz que depois se dissolviam.
O tempo passou e alguns destes fios começaram a se entrelaçar de forma mais permanente, com os feixes de luz se dividindo na forma de árvores. Uma impressão imaginativa disso talvez possa ser obtida lembrando como era, para uma criança, visitar uma grande estufa como a que Alice Liddell, a menina que inspirou Alice no País das Maravilhas, gostava de visitar nos Kew Gardens. Grandes gavinhas se estendiam por toda parte. Aqui há uma névoa úmida e um verdor ensolarado e luminoso.
Se você fosse capaz de pousar no meio de tudo isso e depois se sentasse em um dos grandes ramos verdes que se estendiam para fora do campo de visão, e se este grande ramo em que você estivesse sentado de repente se agitasse, você teria a experiência de um herói de conto de fadas sentado numa pedra que se mexe e revela ser um gigante. Isso porque o vasto ser vegetal no coração do cosmo, cujos membros macios e suaves se estendiam para os quatro cantos, era Adão.
Isto era o Paraíso.
Pois ainda não havia nenhum elemento animal no cosmo. Adão não tinha desejos e portanto não tinha preocupações nem insatisfações. As necessidades eram satisfeitas antes que fossem sentidas. Adão vivia num mundo de primavera interminável. A natureza produzia um suprimento infindável de alimento na forma de uma seiva leitosa, semelhante à que encontramos no dente-de-leão de hoje. Mementos desta saciedade abençoada chegaram a nós nas estátuas da Deusa Mãe de muitos seios.



ESQUERDA: De um manuscrito do século XIII. Adão estende-se aos cantos do cosmo.

DIREITA: Uma comparação da imagem à esquerda com o famoso desenho de Leonardo da Vinci revela um nível de significado em geral despercebido. Adão literalmente ocupava todo o cosmo.

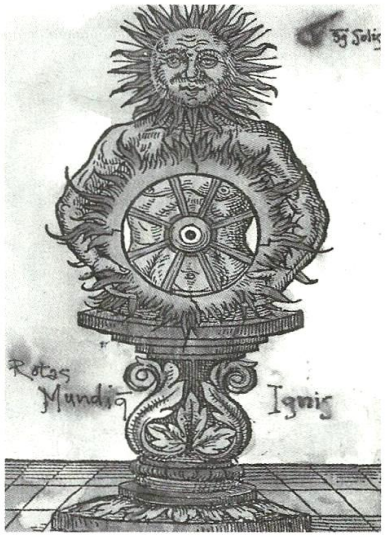
Com o passar do tempo, as formas vegetais se tornaram mais complexas, mais parecidas com as plantas de hoje. Novamente, se você pudesse ver esta época da história do cosmo com o olho físico, teria ficado pasmo com a abundância de flores palpitantes e flutuantes.

Sugerimos que a história secreta da criação encobre a história científica da criação de maneiras intrigantes. Acabamos de ver, por exemplo, que uma fase puramente mineral de existência foi seguida por uma fase vegetal primitiva, que antecedeu uma era de plantas mais complexas. Mas há uma diferença essencial que devo ressaltar. Na história secreta, não só é verdade dizer que aquilo que por fim evoluiu para a vida humana passou por uma fase vegetal e como o elemento vegetal ainda é parte essencial do ser humano de hoje.

Se você retirasse o seu sistema nervoso simpático do corpo e o estendesse, ele ficaria parecido com uma árvore. Como me disse um dos maiores terapeutas homeopáticos da Grã-Bretanha: "O sistema nervoso simpático é a dádiva do reino vegetal para o corpo físico do homem."

O pensamento esotérico em todo o mundo se preocupa com as energias sutis que fluem em torno desta parte vegetal do corpo, e também com as "flores" desta árvore, os chakras que agem, como

veremos, como órgãos da Percepção. O grande centro importante do componente vegetal do corpo humano, que se alimenta das ondas de luz e calor que irradiam do Sol, é o chakra do plexo solar - solar por ter sido mago de "o assento da alma". formado numa era controlada pelo sol.



Ídolo-sol germânico. Gravura de 1596. J.B. van Helmont, importante alquimista e cientista que será mencionado mais adiante, chamava o estômago de “o assento da alma”.

A consciência deste elemento vegetal no corpo humano continuou maior entre os povos da China e do Japão. A medicina chinesa compreende que o fluxo de energia desta força vital vegetal, chamada chi, anima o corpo, e a doença surge quando há um bloqueio da delicada rede de energias. O fato de o fluxo desta energia não poder ser detectado pela ciência materialista moderna, o fato de que parece operar em um reino esquivo, entre o espírito humano e a carne do corpo animal, não a torna menos eficaz, como atestam seguidas gerações de pacientes.
Do mesmo modo que na medicina, os chineses e japoneses tendem a dar grande ênfase ao papel do plexo solar na prática espiritual. Se você contemplar uma estátua de um Buda meditativo, verá alguém que se concentrou interiormente e também que o centro desta

meditação, o centro de gravidade mental e espiritual, é a parte inferior do ventre. Isso porque ele se afasta da mentalidade rígida e fatal do cérebro e afunda no centro dentro de si próprio — às vezes chamado de hara —, que é ligado a toda forma de vida. Ele está se concentrando em se tornar mais consciente de ser vivo, de sua unidade com todos os seres vivos.

Ilustração hindu dos sete chakras principais. E embaixo, para comparação, ilustração de Johann Gichtel para os escritos sobre os chakras do místico cristão do século XVII Jacob Boehme.

Embora tenham se popularizado no Ocidente graças a um influxo de pensamento esotérico oriental, os chakras também eram centrais na tradição esotérica do Ocidente e podem ser vistos no pensamento egípcio e no hebraico. E assim como o cristianismo contém uma tradição oculta de deuses das estrelas e dos planetas, também encerra uma tradição oculta dos chakras.

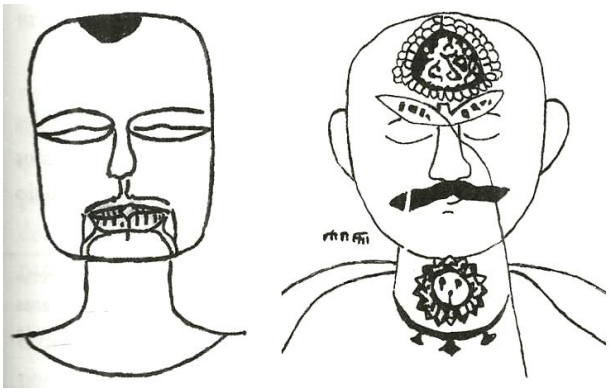
Os órgãos do corpo vegetal estão situados em nós ao longo do tronco. São compostos por diferentes números de pétalas — o chakra do plexo solar, por exemplo, tem dez pétalas, e o chakra frontal possui duas pétalas. Os sete chakras principais — situados na virilha, no plexo solar, nos rins, coração, garganta, testa e coroa - aparecem nos escritos de Jacob Boehme no século XVII, e, como veremos adiante, nos de Teresa de Ávila, a santa católica quase contemporânea dele, em que eram chamados de "os olhos da alma".

A forma amendoada que cerca esta visão de Jesus, chamada de *vesica piscis*, deriva do hieróglifo egípcio chamado o Ru, que simbolizava o portal do nascimento e também o Terceiro Olho, ou chakra da coroa. O que os maçons pretendiam ao entalhar este emblema numa igreja em Alpirsbach, na Alemanha, é que se pudesse ter uma experiência direta dos grandes seres espirituais e estabelecer comunicação com eles, ativando o Terceiro Olho. É extraordinário considerar que a arte e a arquitetura cristãs em todo o mundo comumente trazem uma representação do Terceiro Olho, o que não é reconhecido pela grande maioria dos cristãos.

Além disso, num exame mais minucioso, podemos ver que a própria Bíblia contém muitas referências, ainda que codificadas, aos chakras. Os "chifres" com que foi descrito Moisés tradicionalmente são explicados pelos cristãos de mentalidade convencional como conseqüência de um mal-entendido causado por uma tradução ruim. Mas, na tradição esotérica, estes chifres representam as duas pétalas do chakra da coroa, às vezes chamado de Terceiro Olho. O cajado florido de Abraão faz referência à ativação dos chakras, à abertura das flores sutis ao longo da árvore sutil. No último capítulo, veremos que o relato da abertura dos sete selos no Apocalipse é na verdade uma maneira de falar do avivamento dos sete chakras e de prever as grandes visões do mundo espiritual que resultarão disso.

O Terceiro Olho representado como uma serpente uraeus em um entalhe de uma parede egípcia.

A glândula pineal é pequena e cinzenta, do tamanho de uma amêndoa, situada no cérebro, onde a medula espinhal penetra. Na fisiologia esotérica, quando temos um pressentimento, nossa glândula pineal começa a vibrar e, se as disciplinas espirituais são usadas para aumentar e prolongar esta vibração, pode ocorrer a abertura do Terceiro Olho, situado, é claro, no meio da testa.

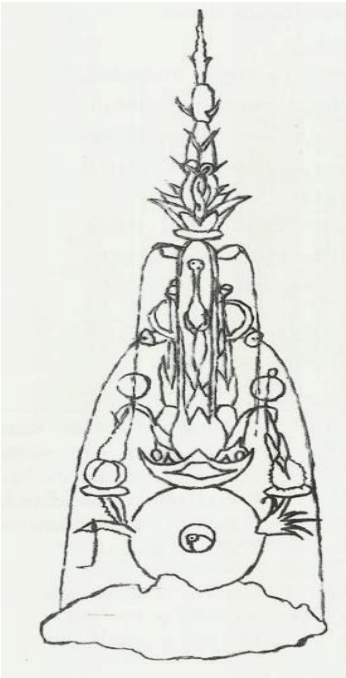


Homem meditando sobre a glândula pineal, extraído de um desenho de Paul Klee, com a representação hindu do mesmo para fins de comparação.

Os anatomistas modernos só passaram a compreender a glândula pineal em 1866, quando foram publicados, quase na mesma época, dois artigos, um de H.W. de Graaf e outro de É. Baldwin Spencer. Mais tarde descobriu-se que a glândula pineal é grande nas crianças e, quando acontece a cristalização de várias partes do corpo por volta da puberdade - isto é, quando naturalmente nos

tornamos menos imaginativos -, a glândula pineal começa um processo de calcificação e também encolhe. Os cientistas agora sabem que a melatonina é um hormônio, cuja maior parte é produzido pela glândula pineal, principalmente à noite. A melatonina é essencial para o ciclo sono-vigília e para a manutenção do sistema imunológico.

Apesar de a ciência moderna ter descoberto a glândula pineal relativamente tarde, os antigos com certeza sabiam dela e acreditavam entender sua função. Também sabiam como manipulá-la para alcançar estados alterados. Os egípcios claramente a retrataram como uma serpente uraeus, e na literatura indiana ela é mostrada como o Terceiro Olho da Iluminação ou o Olho de Shiva. Ela foi representada como o bastão, que trazia uma pinha no topo, dos seguidores de Dionísio, e um anatomista grego do século IV a.C. descreveu-a como "o esfíncter que regula o fluxo de pensamento".



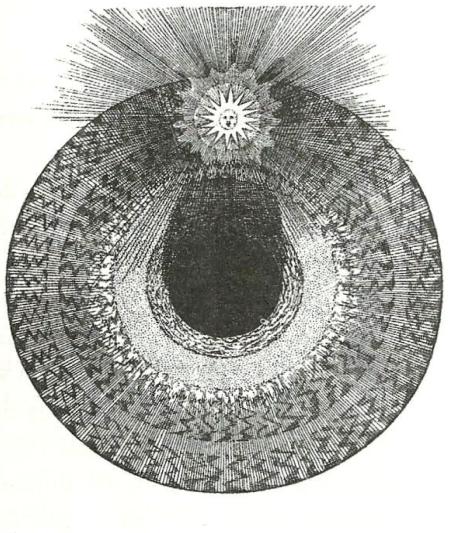
Artistas como Peter Breugel, Henri Met Des Bles e, aqui, Hieronymus Bosch com frequência retratavam criaturas proto-

humanas com ossos cor-de-rosa e cerosos. Até agora, a crítica artística não descobriu a fonte destas imagens.

Eles consideravam que a glândula pineal era um órgão de percepção de mundos superiores, uma janela que se abre para a iluminação e as maravilhas das hierarquias espirituais. Esta janela pode ser aberta sistematicamente por meio da meditação e de outras práticas secretas que dão origem a visões. Pesquisas recentes da Universidade de Toronto mostraram que meditar ativando a glândula pineal, usando métodos recomendados pelos iogues indianos, provoca a liberação de um fluxo de melatonina, a secreção que nos leva a ter sonhos e que em doses maiores, também pode causar alucinações.

Voltando à narrativa da criação e às grandes imagens imaginativas codificadas no Gênesis, vemos que de início o corpo de Adão fora muito macio e amorfo, sua pele era quase tão delicada quanto a superfície de um lago, mas agora começava a endurecer. Como escreveu o grande místico cristão e filósofo rosa-cruz Jacob Boehme em Mysterium Magnum, seu comentário sobre o Gênesis, "o que antes se tornaria osso, agora endureceu e se transformou em algo próximo da cera". Aquecido pelo Sol, seus membros verdes também começaram a se tingir de rosa.
À medida que se solidificava, Adão também começou a se dividir em dois, isto é, ele era um hermafrodita que se reproduzia de forma assexuada. Quando pressionado, qualquer estudioso do hebraico bíblico terá de admitir que Gênesis 1:27, a passagem em geral traduzida como "Homem e mulher Ele os criou", significa na verdade "Homem e mulher eles [isto é, Elohim] o [no singular] criaram".
Assim, foi por este método de reprodução semelhante ao de um vegetal que Eva nasceu do corpo de Adão, moldada da cartilagem cerosa que servia de osso para Adão.
A progênie de Adão e Eva também se reproduzia de forma assexuada, procriando pelo uso de sons, de uma forma análoga à atividade criativa do Verbo. Este episódio da história está relacionado com o dogma maçônico pertinente ao "Verbo que foi

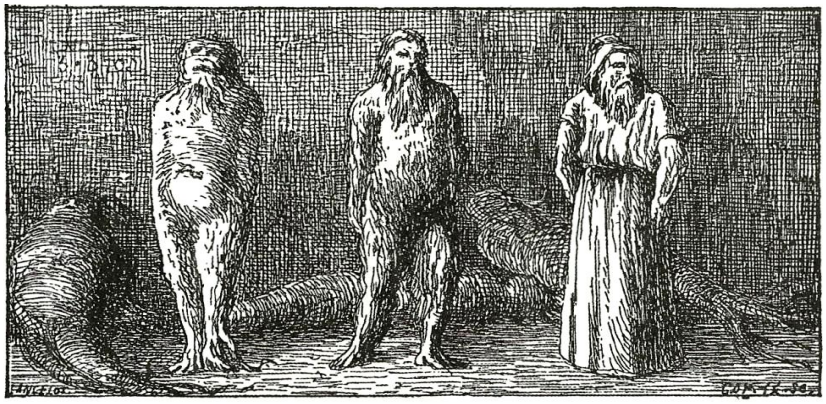
perdido", a crença esotérica de que, quando no futuro distante este Verbo for redescoberto, será possível fecundar usando apenas o som da voz humana.
Adão, Eva e sua progênie não morriam, mas de vez em quando simplesmente iam dormir a fim de se refazerem. Mas o estado indolente do jardim do Éden não podia durar para sempre. Se tivesse durado, a humanidade jamais teria evoluído para além da fase vegetal.
Sempre houve a intenção de que o deus Sol se separasse da Terra, mas só por uns tempos.



A separação da Terra e do Sol em uma gravura inglesa do século XVII, ilustrando os escritos de Robert Fludd, eminente erudito rosa-cruz que a tradição acredita ter pertencido à junta empregada para traduzir a Bíblia do rei Jaime.

É claro que nenhum artefato da época em que deuses e proto-humanos viviam na forma vegetal sobreviveu, mas há pelo menos um registro confiável de tais artefatos.
Heródoto, o escritor grego do século V a.C, às vezes é chamado de o Pai da História por ter sido o primeiro a pesquisar e reunir um relato coerente e objetivo da história.
Em aproximadamente 485 a.C., Heródoto visitou Mênfis, no Egito. Ali, em imensas câmaras subterrâneas, mostraram-lhe filas de estátuas de antigos reis que se estendiam até onde a vista

alcançava, de épocas quase inimaginavelmente remotas. Percorrendo as filas na companhia dos sacerdotes, ele chegou a uma série de 345 colossais entalhes em madeira de seres que reinaram antes de Menes, o primeiro rei humano deles. Estes seres, disseram os sacerdotes, nasceram um do outro", isto é, sem a necessidade de parceiro sexual, pelo método vegetal da partenogênese. Cada um dos monumentos de madeira tinha uma placa com nome, história e crônica, eram um registro de uma época há muito perdida, de vida vegetal da humanidade.



Homens mandrágora numa gravura do século XIX. As raízes de mandrágora sempre tiveram um papel importante no dogma esotérico porque seu formato parece representar um vegetal lutando para assumir a forma humana. Poderia o colossal Heródoto ter visto algo parecido com isso?

4. LÚCIFER, A LUZ DO MUNDO

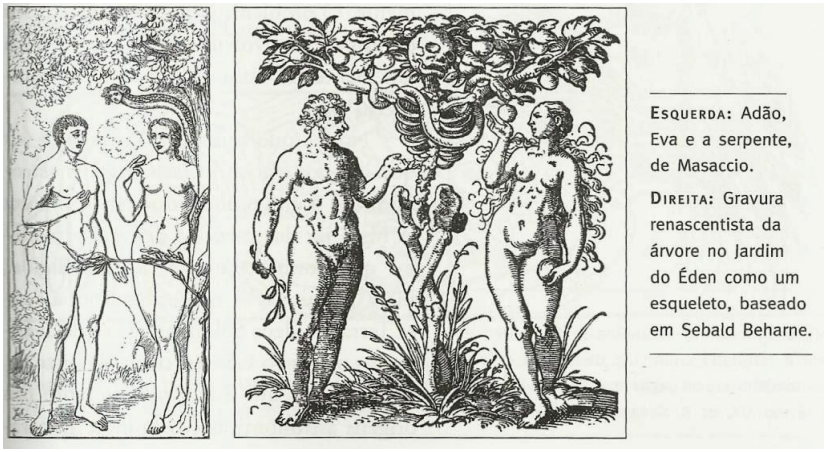
A maçã do desejo • Uma guerra no Céu • O segredo dos dias da semana

A criação foi reencenada nas escolas de Mistérios, um drama em três atos.
O primeiro ato dramatizava a opressão de Saturno sobre a Mãe Terra. Esta foi a chamada Era de Saturno.
O segundo ato dramatizava o nascimento do Sol e sua proteção da Mãe Terra. Este, o paraíso do povo das flores, foi lembrado como a Era do Sol.
Durante a reencenação destes grandes eventos, o candidato à iniciação se via no meio do que era em parte uma peça com efeitos especiais e em parte uma sessão espírita. Em um estado alterado, talvez drogado e com pouca capacidade de se distanciar dos acontecimentos, o candidato era guiado pelos sacerdotes numa jornada xamânica pelos mundos espirituais. O teatro que conhecemos hoje teria saído dos centros de Mistérios gregos e se tornado apresentações públicas, mas, pelo menos nos primeiros dias das escolas de Mistérios, os candidatos jamais haviam visto nada parecido.
Agora passamos ao terceiro ato, o tema deste capítulo. No início, há o evento importante aludido no final do capítulo anterior. Terra e Sol se separam. A partir
de agora os raios vivificantes do Sol, em vez de iluminar a partir de dentro, brilham para a Terra a partir do céu. Como conseqüência, a Terra se resfria e se torna mais densa. Fica menos gasosa e mais líquida. Ela encolhe e toda sua superfície aquosa é coberta por Adão e Eva e sua progênie florida e delicadamente palpitante.
De repente, no clímax do terceiro ato, o candidato à iniciação na escola de Mistérios que assiste a esse drama sentiria um cheiro de enxofre, talvez até ficasse meio cego por um clarão como o de um relâmpago, à medida que a cena pacífica e pastoral era invadida por

uma forma de vida estranha e faiscante, com chifres e pavorosamente lívida. A imagem apresentada à sua imaginação era de uma serpente que parecia interminavelmente longa, milhões de quilômetros dela teciam seu caminho pelo cosmo, uma serpente com uma beleza perversa. "Estavas no Éden, jardim de Deus", diz Ezequiel 28:13, "estavas coberto de todas as pedras preciosas: sardônica, topázio e diamante, crisólito, ônix e jaspe; safira, carbúnculo e esmeralda (...) e o ouro."
O candidato à iniciação teria visto com horror a figura se enrolar cada vez mais no tronco vegetal de Adão. Ele teria compreendido que estava assistindo à série
de eventos pelos quais a vida na Terra passou tranqüilamente à fase seguinte da evolução. Porque a história da serpente entrelaçada na árvore contém a imagem mais clara possível da transição da vida vegetal para a vida animal na Terra.
Desde o século XVIII quando uma visão de mundo de matéria-antes-damente começava a substituir a antiga visão de mundo de mente-antes-da-matéria, a Igreja tentou conciliar o relato da criação no Gênesis com as descobertas da ciência. Este foi um empreendimento condenado porque se baseava numa interpretação moderna e anacrônica do Gênesis.
O Gênesis não considera a evolução de forma objetiva, como faz a ciência moderna, reunindo evidências geológicas, antropológicas e arqueológicas de forma imparcial e avaliando-as objetivamente. A história do Gênesis é um relato subjetivo de como evoluiu a humanidade. Em outras palavras, a história do laço entre serpente e árvore é uma representação, retida no inconsciente coletivo humano, da formação da espinha e do sistema nervoso central característicos dos animais.
Repetidas vezes veremos que o relato esotérico não é necessariamente incoerente em relação ao científico. Como sugerimos pela imagem perspéctica, ele vê os mesmos fatos de uma perspectiva diferente.

No capítulo anterior, vimos que a matéria de certa forma preparou o terreno em que a vida vegetal podia nascer. Agora a vida vegetal,

por assim dizer, formou um berço em que a vida animal poderia nascer. Dito de outra forma, a vida vegetal formou um leito em que caíram as sementes da vida animal.
Este é o início do episódio crucial na história chamada de a Queda.
O candidato à iniciação teria sido levado a ter, de uma forma muito literal, a terrível sensação de crise e perigo envolvida na Queda. De repente, como se fosse impelido por um tremor de terra, ele se via caindo num buraco escuro, lançado no que ele de imediato descobriu ser uma cova de serpentes. Na tradição esotérica, a câmara desbastada que fica sob a Grande Pirâmide de Gizé, conhecida como a Câmara das Provações, tinha exatamente esta função. Escavações recentes em Baia, na Itália, onde há um sistema de cavernas que os romanos acreditavam ser a entrada real para o submundo, parte natural e parte feita pelo homem, revelaram o local de um alçapão que teria arremessado o candidato à iniciação numa cova repleta de serpentes.
O candidato experimentava por si mesmo como Lúcifer e suas legiões infestaram a Terra inteira com uma praga de serpentes faiscantes. Ele via que, de acordo com a história secreta, a Terra começou a fervilhar de vida animal primitiva. Via também que o desejo atormentava o próprio chão, fazendo-o se esforçar para se erguer, e percebia que vestígios deste tormento podiam ser vistos em formações rochosas expressivas.



ESQUERDA: Adão, Eva e a serpente, de Masaccio.

DIREITA: Gravura renascentista da árvore no Jardim do Éden como um esqueleto, baseado em Sebald Beharne.

Mas por que a translação da vida vegetal para a animal devia ser marcada por este tormento? O relato da catástrofe no Gênesis destaca este aspecto atormentado em algumas das frases mais sonoras do Antigo Testamento: "Disse também à mulher, multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores (...). É disse em seguida ao homem, (...) maldita seja a Terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra." Parece que, como resultado da Queda, os seres humanos tinham de sofrer, prosperar e morrer — mas por quê?

Loki, o equivalente escandinavo de Lúcifer, em geral é retratado como um deus belo e feroz, mas também cruel, sagaz e matreiro. Ilustração do século XIX, de R. Savage.

Existem mais verdades ocultas nesta linguagem antiga do que a ciência moderna reconheceria. As plantas se reproduzem por um método chamado partenogênese. Uma parte da planta cai e uma nova planta cresce. Esta nova planta é de certa forma uma continuação da antiga, que assim — em certo sentido - não morre. A evolução da vida animal e seu método característico de reprodução — o sexo — trouxe consigo a morte. Assim como eram sentidos fome e desejo, também o eram a insatisfação, a frustração, a tristeza e o medo.

Quem é este que tenta Eva? Quem é a serpente que inflama o mundo de desejo?

Provavelmente todos acreditamos saber a resposta desta questão, mas ingenuamente. O problema é que os encarregados de nosso desenvolvimento espiritual vêm nos mantendo num nível infantil de compreensão.

No capítulo anterior, começamos a ver que a Igreja encobriu suas origens astronômicas, como o início do Gênesis oculta as histórias dos mesmos deuses de planetas que conhecemos de outras religiões mais "primitivas" - o deus Saturno, a deusa Terra e o deus Sol. À medida que avançamos no que o Gênesis conta da história, podemos ver que este acobertamento das origens astronômicas e o monoteísmo radical da Igreja moderna podem nos impedir de compreender com clareza o que o texto antigo tenta nos dizer.

A maioria das pessoas naturalmente suporia que o cristianismo admite a existência de apenas um diabo - o diabo -, em outras palavras, que Satã e Lúcifer são a mesma entidade.

Na realidade, só precisamos dar uma olhada rápida nos textos para ver que os autores da Bíblia pretendiam algo bem diferente. Isso é algo que os estudiosos da Bíblia admitem, mas que não tem sido transmitido às congregações.

Vimos que Satã, o Senhor das Trevas, o agente do materialismo, deve ser identificado com o deus do planeta Saturno nas mitologias grega e romana. Seria Lúcifer, a serpente, o tentador que inflama a humanidade de desejo animal, também identificado com Saturno - ou quem sabe com outro planeta?

Há um grande volume de literatura erudita que compara textos bíblicos a textos mais antigos e contemporâneos de culturas vizinhas, mostrando que os dois principais representantes do mal na Bíblia, Saturno e Lúcifer, não são a mesma entidade. Felizmente, não precisamos imergir nesta literatura, pois há uma declaração bastante explícita na própria Bíblia: Isaías 14:12, "Então caíste do céu, ó Lúcifer, filho da aurora".

A estrela da aurora claramente é Vênus. A Bíblia, portanto, identifica Lúcifer com o planeta Vênus.

De início pode parecer descabido equiparar a deusa Vênus na Grécia e em Roma - Afrodite, para os gregos - com Lúcifer na tradição judaico-cristã. Vênus/Afrodite é mulher e mais parece realçar a vida. Mas na realidade há algumas semelhanças fundamentais.

A correlação entre Lúcifer e Vênus também pode ser vista na mitologia das Américas, onde aparece na figura da serpente de chifres e penas do deus Quetzalcoatl.

A serpente, às vezes vista enrolada no corpo da deusa, era chamada pelos gregos de "o ministro da deusa".

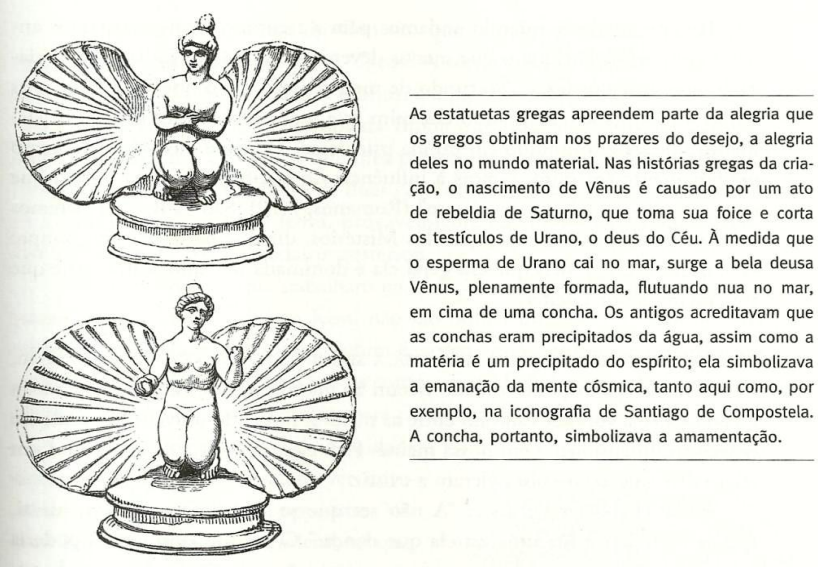
Lúcifer e Vênus/Afrodite se dedicam ao desejo animal e à sexualidade.

A maçã é o fruto associado aos dois. Lúcifer tenta Eva com uma maçã e Paris entrega uma maçã a Vênus, num gesto que precipita o rapto de Helena e a Grande Guerra do mundo antigo. A maçã é universalmente o fruto de Vênus porque, se você cortar uma maçã em duas, o caminho que Vênus traça no céu num período de quarenta anos é a estrela de cinco pontas, definida com precisão pela posição das sementes.

Lúcifer e Vênus também são figuras ambíguas. Lúcifer é o mal, mas é um mal necessário. Sem a intervenção de Lúcifer, a proto-

humanidade não teria evoluído para além da forma vegetal de vida. Como conseqüência da intervenção de Lúcifer na história, somos seres animados, mas no sentido de que podemos nos locomover sobre a superfície do planeta e também no sentido de que somos movidos pelo desejo. Um animal tem a consciência de si como uma entidade distinta que é negada aos vegetais. Dizer que Adão e Eva "sabiam que estavam nus" é dizer que eles se tornaram conscientes de que tinham um corpo.
Muitas belas e antigas representações de Vênus chegaram a nós, mas há também representações terríveis. Por trás da imagem de uma mulher de beleza ímpar, a apavorante mulher-serpente estava à espreita.

A fim de investigar mais profundamente a ambigüidade e entender melhor o grande evento que veio a seguir na história secreta do mundo, iremos nos voltar agora para uma versão alemã primitiva da tradição Vênus/Lúcifer que apareceu na poesia medieval e alcançaria a literatura mundial popular ao ser adaptada por Wolfram von Eschenbach em Parsifal.



As estatuetas gregas apreendem parte da alegria que os gregos obtinham nos prazeres do desejo, a alegria deles no mundo material. Nas histórias gregas da criação, o nascimento de Vênus é causado por um ato de rebeldia de Saturno, que toma sua foice e corta os testículos de Urano, o deus do Céu. À medida que o esperma de Urano cai no mar, surge a bela deusa Vênus, plenamente formada, flutuando nua no mar, em cima de uma concha. Os antigos acreditavam que as conchas eram precipitados da água, assim como a matéria é um precipitado do espírito; ela simbolizava a emanação da mente cósmica, tanto aqui como, por exemplo, na iconografia de Santiago de Compostela. A concha, portanto, simbolizava a amamentação.

Olha! Lúcifer, lá está!
Se ainda houvesse sumos sacerdotes
Saberia bem que digo a verdade.

São Miguel viu a ira de Deus...
Tirou da cabeça de Lúcifer a coroa
De tal modo que dela a pedra saltou
Que na terra tornou-se a pedra de Parsifal.

Segundo a tradição, Lúcifer deixou cair uma grande esmeralda da testa. Isso indica que a humanidade sofreria cada vez mais uma perda de visão do Terceiro Olho, o chakra frontal.
Embora, graças à influência de Satã, de modo geral a vida seja difícil de suportar, é por causa da influência de Vênus que a vida costuma ser difícil de entender.
A influência de Vênus trouxe uma propriedade paradoxal e enganadora ao coração do universo.
Em outras palavras, a ilusão adentrou o mundo. Lúcifer dotou a matéria de um glamour que desnortearia a humanidade e cegaria as pessoas para as verdades superiores.
Por que às vezes, quando andamos para a frente, parece que estamos andando para trás? Por que o que menos devemos fazer parece indistinguível daquilo que devemos fazer? No fundo de meu coração, sei o que devo fazer, mas tenho outro elemento estranho em mim que tenta me desencaminhar. O elemento Lúcifer é infundido em minha psicologia. Desejo e ilusão se combinam perigosamente em mim. Graças à influência de Lúcifer, "não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero" (Romanos, 7:19). São Paulo, que veremos ter sido um iniciado na tradição dos Mistérios, diz que parte de mim sempre sabe o que é certo, mas que em geral ela é dominada por uma outra parte que é escravizada por Lúcifer.

A Ciência Moderna nunca expressa a seguinte pergunta: Como a ilusão, a imaginação e a força de vontade vieram ao mundo? Para os antigos, a ilusão, a imaginação e a vontade estavam entre as maiores forças do universo, vivendo no espaço tridimensional e em nossa mente. Para eles, a história da criação foi um relato de como estas coisas vieram a existir.
Friedrich Nietzsche disse: "A não ser que se tenha o caos dentro de si, não se pode dar à luz uma estrela que dança." O ser humano

jamais poderia se tornar livremente criativo, corajoso ou amoroso se não fosse capaz de cometer erros, de ver coisas de maneiras diferentes de como realmente são e de acreditar que as coisas são algo que na verdade não são. Graças a Lúcifer, nem sempre acreditamos de modo proporcional às evidências. Podemos acreditar no que queremos acreditar. Por exemplo: a vida de alguém que conhecemos pode parecer um fracasso infeliz ou um sucesso emocionante dependendo de como escolhemos olhá-la, de bom coração ou com mesquinhez. E quando o fogo severo, o enxofre primordial, queima a boca de nosso estômago, é difícil escolhermos ter bom coração.

Quando, nos primórdios, a deusa Terra foi atacada pelo deus Saturno, o jovem Sol chegou para protegê-la e, após travar uma grande batalha no céu, derrotou Saturno. O candidato à iniciação a quem é revelada a história secreta do mundo já viu, portanto, uma grande batalha. Ele agora precisa assistir a outra em que o inimigo foi a grande serpente que deslizou para o Paraíso a fim de corrompê-lo.

Quem seria o novo campeão para travar esta segunda batalha?

Como fizemos com o conflito de Satã e Lúcifer a fim de distinguir suas origens astronômicas, devemos agora desemaranhar outra confusão propositalmente criada.

Nos primeiros capítulos do Gênesis, que contam a história da criação, a palavra em geral traduzida como "Deus" é, como vimos, "Elohim". Mais tarde o Gênesis deixa de se referir a Elohim e a palavra em geral traduzida como "Deus" é "Jehovah". Os estudiosos da Bíblia que trabalham fora da tradição esotérica tendiam a explicar o que lhes pareceram dois nomes diferentes para o mesmo Deus como resultado de duas correntes literárias distintas, a corrente de Elohim e a corrente de Jeová, provavelmente datando de diferentes períodos e misturadas por um redator posterior.

Porém, os eruditos que trabalham na tradição esotérica têm uma explicação muito mais simples. Elohim e Jeová não são nomes diferentes de uma mesma entidade, mas entidades distintas. Elohim é, como vimos, um nome coletivo para os Sete Espíritos que trabalham juntos como o deus do Sol, enquanto Jeová passa a

existir quando um destes sete se separa para defender a Terra de Vênus.

Para descobrir a verdadeira identidade astronômica de Jeová, devemos ver novamente a iconografia de sua oponente, Vênus. Também precisamos nos lembrar que, para os antigos, a história da origem do cosmo tratava de como a experiência humana foi formada, de como a experiência adquiriu sua estrutura característica e de como o universo físico foi formado. Em outras palavras, ela abordava os princípios da natureza humana e das leis do mundo natural.

A natureza humana é formada de tal maneira que qualquer poder que eu tenha de resistir a meus desejos animais — o que me impede de me tornar um mero animal — tem origem em minha capacidade de pensar e refletir. Vênus tradicionalmente era representada segurando um espelho, mas não por vaidade, como se supõe hoje em dia. O espelho era um símbolo do poder da reflexão para modificar o desejo.

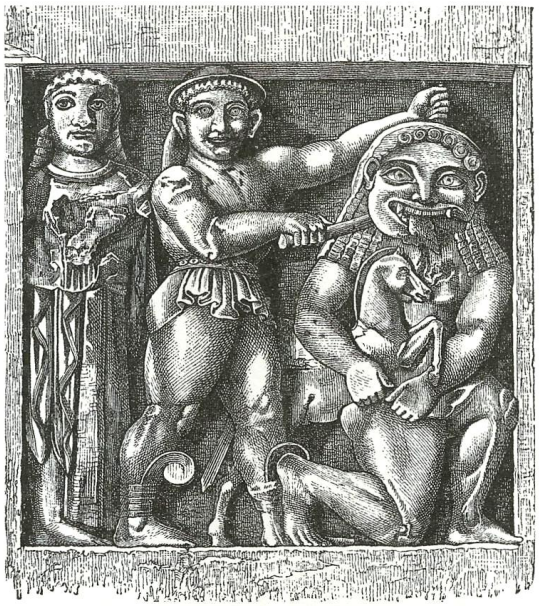
O verso deste espelho grego do século I a.C. retrata Sêmele, deusa da Lua, e um belo jovem chamado Endímion. Na história, Sêmele apaixona-se por Endímion e lança um feitiço que o deixa num sono eterno, cheio de sonhos. Aqui temos uma descrição explícita da Lua trabalhando na glândula pineal na forma do bastão de Dionísio.

O deus da reflexão era o deus do grande refletor do céu - a Lua. Em todas as culturas antigas, a Lua regulava não só a fertilidade, mas o pensamento. Os sacerdotes iniciados acreditavam que o cosmo precisou se organizar de determinada maneira para criar as condições em que o pensamento humano seria possível. Para que a reflexão humana fosse factível, o Sol e a Lua precisaram se organizar no céu, de modo que a Lua refletisse a luz do Sol para a Terra.

Representação medieval de Jeová como deus da guerra.

Eles também acreditavam que esta organização celeste precisava ser reproduzida, numa escala menor, na cabeça humana, com a glândula pineal representando o Sol. E a glândula que podia modificar as visões que a glândula pineal recebia dos espíritos e refletir sobre elas seria a glândula pituitária.
Isso pode parecer uma das coisas mais loucas em que alguém já acreditou, mas para os antigos correspondia à experiência cotidiana deles. Eles identificavam pequenas alterações em suas consciências, que lhes pareciam mudar com as posições variáveis do Sol e da Lua. Os leitores estão convidados a verificar por experiência própria se seus sonhos são mais nítidos quando a Lua está grande e cheia.

Se você observar ostras numa bandeja por um mês, verá que elas aumentam e diminuem com as fases da Lua. A ciência moderna confirmou que a glândula pituitária se comporta como uma ostra.
O deus da Lua ficaria conhecido pelos hebreus como Jeová e como Alá, o grande deus do não-farás, pelos muçulmanos.
Assim, no clímax deste grande teatro cósmico da criação, com a Terra correndo o risco de se tornar um inferno vivo, surgiu uma nova força para se contrapor a Lúcifer. Assim como os sete Elohim agiram para manter em xeque Saturno/Satã, agora um destes sete se separou para se tornar o deus da Lua, e dali dirigiu as operações para colocar em xeque Vênus/Lúcifer.



Perseu, o portador da Lua-escudo.

Esta grande batalha cósmica contra Vênus foi lembrada em culturas de todo o mundo, como na história da batalha de Krishna com Kali, a serpente-demônio, nas histórias da batalha de Apolo com Píton e de Perseu, usando seu escudo como espelho, combatendo o dragão sexualmente voraz que ameaçava Andrômeda.
O Jeová do Antigo Testamento é um deus ciumento, colérico e belicoso. Na tradição hebraica, as forças de Jeová são lideradas pelo arcanjo Miguel. O Livro do Apocalipse afirma o seguinte:

"Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de combater o dragão, e o dragão e seus anjos travaram um combate (...) e o grande dragão, a primitiva Serpente, o sedutor do mundo inteiro, foi jogado para a Terra."

Vimos então que no terceiro grande ato do teatro da criação, o deus da Lua obteve uma grande vitória.
Assim começou a era da Lua. As três primeiras épocas do cosmo, as eras mineral, vegetal e animal — as épocas de Saturno, do Sol e da Lua — são recordadas nos nomes de três dias da semana [Saturn-day, Sun-day, Moon-day]. Estes dias da semana foram batizados em homenagem àqueles três corpos celestes, nesta ordem em particular, por esta única razão.

Batalha do deus Sol contra uma serpente ou um dragão numa gravura extraída de uma pintura de Rafael.

5. OS DEUSES QUE AMAVAM MULHERES

Os Nephilim A engenharia genética da humanidade • Os deuses-peixe •
A história original da origem das espécies

Agora estamos prestes a ver um dos episódios mais obscuros e vergonhosos da história do mundo. Mesmo dentro das sociedades secretas, às vezes se ergue um véu.

Um dos primeiros historiadores foi um sacerdote babilônio da época de Alexandre o Grande. Pelos poucos fragmentos que restam, está claro que Beroso, assim como Heródoto antes dele, estudara a lista de reis inscrita nas paredes dos templos e investigara os arquivos sacerdotais secretos.

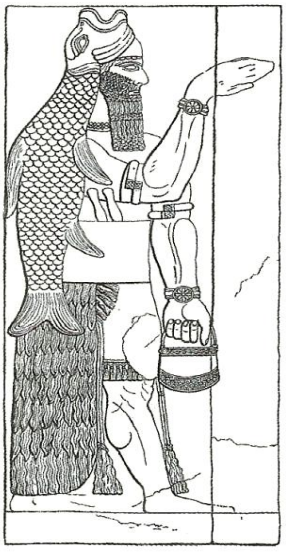
Os poucos fragmentos restantes dos escritos de Beroso contêm ensinamentos sobre a história das origens da terra, do céu e da raça de hermafroditas, os humanos pré-sexuais que se reproduziam por partenogênese.

Beroso descreve como a Terra se tornou habitada por uma raça primitiva. E então, um dia, surgiu um monstro no mar, um animal chamado Oannes, " ...cujo corpo todo era o de um peixe; sob a cabeça do peixe, havia outra cabeça, e anexados à cauda do peixe, pés semelhantes aos de um homem. Sua voz e sua língua eram articuladas e humanas; e há representações dele preservadas até os
dias de hoje (...)

"Este monstro acostumou-se a passar o dia em meio aos homens, mas não lhes subtraía comida; e lhes deu discernimento nas letras, ciências e artes de qualquer tipo. Ensinou-lhes a construir cidades, a fundar templos, a compilar leis, e explicou-lhes os princípios do conhecimento geométrico. Ele os fez distinguir as sementes da terra e lhes mostrou como colher frutos; em suma, instruiu-os em tudo o que podia atenuar suas maneiras e humanizar sua vida (...).

"E quando o Sol se punha, este ser Oannes retirava-se novamente para o mar e ali passava a noite, pois era anfíbio (...).
"Depois disso apareceram outros animais como Oannes (...)."

Histórias semelhantes de deuses-peixe que de repente apareceram e se tornaram os mestres da humanidade podem ser encontradas em outras tradições, como nas histórias indianas sobre Matsya, o primeiro avatar de Vishnu, e as histórias que os antigos fenícios contavam de Dagon, que ensinou a arte da irrigação à humanidade, e os antigos deuses-peixe da tribo dagon da África Ocidental. Sabemos até por Plutarco que as primeiras representações de Zeus eram de um homem com cauda de peixe, uma imagem que sobreviveu na mitologia grega na forma de seu irmão Poseidon.



Oannes: gravura do século XIX extraída das paredes de Nínive – o original agora está no Museu Britânico.

Alguns escritores modernos que não pertencem à tradição esotérica viram evidências de uma invasão alienígena em tempos antigos nesta imagética do peixe. Sugeriu-se que a raça humana sofreu uma reengenharia genética por parte destes invasores alienígenas,

o que é um bom exemplo do modo como as tradições européias são mal ajuizadas por quem tenta lhes impor uma interpretação materialista.
Se tivesse se iniciado em um nível bastante elevado, nosso candidato à iniciação teria aprendido a verdade da matéria, algo muito parecido com o que vem a seguir...

No Gênesis há uma passagem que a princípio pode dar a impressão de que não se refere exatamente aos mesmos eventos piscosos, embora também trate da invasão de seres de outro reino:
Gênesis 6:1-5: "Quando os homens começaram a se multiplicar sobre a Terra, e lhes nasceram filhas, viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram belas; e escolheram esposas entre elas. (...) quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens e elas geraram filhos, estes eram os heróis, tão afamados nos tempos antigos. O Senhor viu que a maldade do homem era grande na Terra, e que todos os pensamentos de seu coração estavam continuamente voltados para o mal."
O que podemos fazer com esta passagem? A frase aqui traduzida como "filhos de Deus" é, em toda a Bíblia, a expressão usada para os anjos, mensageiros que desciam dos céus. Mas, neste contexto, "descer" também parece trazer consigo um opróbrio moral. Ao dizer que os anjos faziam sexo com mulheres, estaria também o Gênesis afirmando que estes anjos se rebaixaram para participar do mundo material? E que talvez tenham se enamorado dele?
Como eu disse, estamos tentando penetrar em um dos episódios mais obscuros da história secreta e estes cinco versículos do Gênesis poderiam muito bem continuar de todo impenetráveis se não fosse pelo fato de este episódio ser tratado mais plenamente nas antigas tradições hebraicas - em particular no Livro de Enoque.
Este livro desapareceu da história exotérica dominante em 300-400 d.C., mas as tradições que consideram sua existência, seu conteúdo e seus ensinamentos foram preservadas na maçonaria. E então, em 1773, alguns manuscritos muito esfarrapados foram localizados em mosteiros etíopes pelo explorador escocês James Bruce, formão

que fez com que as antigas tradições maçônicas fossem justificadas.
Sem jamais ter feito parte das escrituras cristãs reunidas no século IV, o Livro de Enoque foi no entanto suficientemente estimado pelos escritores do Novo Testamento para que o citassem, evidentemente vendo-o como uma autoridade com status de algo semelhante a uma escritura sagrada. E uma prova do status do livro Jesus Cristo ter claramente reconhecido suas concepções de um reino vindouro e do juízo final do mundo. Além disso, a expressão usada em sua Transfiguração, "este é meu Filho, o Eleito", pretende mostrar que Jesus Cristo é Aquele prometido pelo Livro de Enoque.
Eis o que o Livro de Enoque tem a dizer sobre os anjos que amavam mulheres:
Enoque 7:1-10: "E aconteceu depois que os filhos dos homens se multiplicaram naqueles dias, nasceram-lhes filhas, elegantes e belas. E quando os anjos, os Sentinelas, viram-nas, enamoraram-se delas, dizendo uns para os outros: Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas das progênies dos homens, e geremos filhos. (...) Então eles tomaram esposas, cada um escolhendo por si mesmo, as quais eles começaram a abordar, com as quais eles coabitaram, ensinando-lhes sortilégios, encantamentos (...) E as mulheres conceberam."
Mais tarde Enoque é levado em uma excursão pelos Céus, onde os anjos rebeldes - ou Sentinelas - pedem a ele para interceder junto a Deus em nome deles. Mas, quando Enoque tenta fazer isso, Deus só os repudia, mandando Enoque de volta:
"Vai e dize às Sentinelas, a quem te enviei para rogar por eles: tu deves rogar pelos homens, e não os homens por ti (...)."
A história dos anjos rebeldes é então contada em detalhes nas próprias palavras de Deus:
Enoque 15:2-4; 16:2-5: "Portanto, deveis abandonar o sublime e santo céu, o qual permanece para sempre; deitastes com mulheres; vos corrompestes com as mulheres dos homens; tomastes para ti esposas; agistes igual aos filhos da Terra. E gerastes gigantes. Sois espirituais, santos e possuidores de uma vida que é eterna; vos contaminastes com mulheres, procriastes em sangue carnal;

cobiçastes o sangue dos homens, e fizestes como aqueles que são carne e sangue fazem; estes, contudo, morrem e perecem. (...) E então às Sentinelas, os quais enviaram-te para rogar por eles, os quais no princípio estavam no céu, dize: 'No céu tens estado; coisas secretas, entretanto, não têm sido manifestadas a ti; contudo tens conhecido um reprovável mistério. E isto tens relatado às mulheres na dureza do teu coração, e por aquele mistério as mulheres e a humanidade têm multiplicado males sobre a Terra.' Dize a eles: 'Nunca, portanto, obtereis paz."

Segundo a Epístola de Judas 6:6, as Sentinelas "não tinham mantido a dignidade de sua classe". Um autor do século III, Commodorius, escreveu: "As mulheres que seduziram os anjos eram de tal lubricidade que agora seus sedutores não desejavam voltar ao céu."

Mas além destas poucas sugestões fragmentadas e estranhas, há um conjunto de personagens muito conhecidos de todos nós.

Quando a Epístola de Judas diz que as Sentinelas não tinham mantido a dignidade de sua classe, parece estar se referindo a elas de certo modo como guardiãs do tempo. Mas a última dica que revela a identidade oculta destes "anjos caídos" está em seu número, apresentado em uma das versões do Livro de Enoque: sete.

Em todas as tradições, sete é o número dos grandes deuses do sistema solar. Novamente vemos que a narrativa bíblica codificou em suas histórias os mesmos deuses astronômicos da Grécia e de Roma.

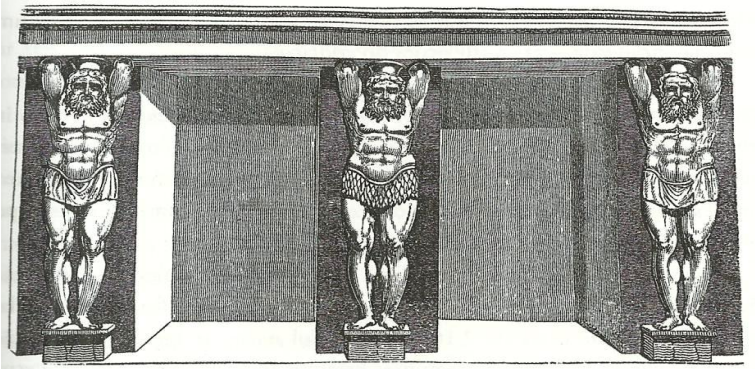
Os anjos que se sentiram sexualmente atraídos pelas mulheres humanas são os deuses do Olimpo.

Vimos que a Bíblia contém um relato codificado da criação em que os principais papéis foram desempenhados por Saturno, pela Terra, pelo Sol, por Vênus e pela Lua. Seguimos a história do puramente material ao vegetal e aos primeiros movimentos de vida animal. A era que se seguiu seria marcada pela chegada dos deuses do sistema solar; Júpiter - ou Zeus, como era conhecido pelos gregos -

tornou-se o rei de todos os deuses. Os deuses Marte e Mercúrio também apareceriam nesta era.
O Júpiter bebê tinha que permanecer escondido de seu pai, Saturno. A Mãe Terra manteve Júpiter numa caverna no fundo do solo na ilha de Creta. Isolado dos outros deuses, o menino Júpiter vivia do leite de uma ninfa-cabra e comia o mel de abelhas sagradas.
A Mãe Terra escondeu Júpiter nesta caverna porque tinha medo de que Saturno e os titãs, os filhos e filhas mais velhos de Saturno, aparecessem para destruí-lo. Ela sabia que o nascimento de Júpiter revelava que o reino de Saturno estava chegando ao fim, mas a transição de uma era para outra é sempre dolorosa. Os mais velhos sempre tentam permanecer além do tempo que lhes cabe.
Os titãs eram os executores de Saturno. Eram os devoradores de consciências. Queriam engolir a nova vida e criar o que Milton, que sabia tudo da história secreta, chamou de "um universo de Morte".
Os titãs sempre seriam os inimigos de Júpiter. Não conseguiram matá-lo quando ele ainda era um bebê, mas não deixaram de guerrear com ele, esporadicamente e em grandes batalhas, até que por fim Júpiter os derrotou e os aprisionou no subterrâneo. Ali, estas grandes forças do materialismo passaram a fazer parte da própria estrutura da Terra, e sempre que os vulcões ressoavam e ameaçavam entrar em erupção, os antigos ouviam sua insatisfação.
Com os titãs aprisionados, Júpiter tornou-se por algum tempo o governante inquestionável do Monte Olimpo, rei dos deuses e deus de uma nova era. Sacudia suas mechas magníficas e toda a Terra tremia. Foi o único deus com força suficiente para arremessar raios.
Em sua obra-prima As núpcias de Cadmo e Harmonia, o grande erudito italiano e escritor Roberto Calasso, que muito contribuiu para levar a um público mais amplo o saber esotérico referente à realidade histórica por trás dos mitos, coloca da seguinte maneira: "Olimpo é uma rebelião da claridade contra a precisão." Em outras palavras, os deuses olímpicos - Júpiter, Apolo, Marte, Mercúrio, Diana, Atena e os outros - rebelaram-se contra as limitações impostas por Saturno. Os olímpicos voavam pelo ar para fazer proezas mágicas e derrotaram monstros terríveis. Foi uma era

esplêndida e espetacular que agita a mente, inspirando parte das pinturas, esculturas e da literatura mais imaginativas.
Mas também foi uma era um tanto sinistra, carregada de ambigüidade moral. O raio de Júpiter atravessou uma densa névoa de testosterona, a atmosfera estava carregada de paixão animal selvagem, da crueldade desumana da ferocidade bestial.
Júpiter estuprou Calisto e ela foi transformada em urso. Ele estuprou Io, transformando-a numa vaca. Castigou Liconte por canibalismo, transformando-o num lobo. O desejo de Apolo por Jacinto levou o belo jovem a se metamorfosear na flor e seu estupro de Dafne terminou na metamorfose dela em um loureiro.
Devemos observar que todos estes mitos dizem respeito à proliferação de formas naturais, ao abarrotamento de cada centímetro quadrado de nosso planeta com a quase infinita variedade de vegetais e animais, a biodiversidade que é sua grande glória natural. Zeus não é moral num sentido que seria reconhecido por Moisés, mas ele e seus companheiros olímpicos dirigem a fecundidade eletrizante, a miríade de criatividade do mundo biológico.

Mas e a história dos deuses-peixe? Como se encaixa nisso?
Vimos que muitas mitologias de todo o mundo contam a estranha história da chegada dos deuses-peixe, e já mencionamos o fato de que até Júpiter, em suas primeiras representações, era um deles. Vimos também que os mitos de Júpiter e dos outros deuses olímpicos são um relato da proliferação das formas animais. Ao reunirmos estas duas coisas, chegamos a uma possibilidade impressionante.
Seria possível que os mitos antigos tenham antevisto a descoberta moderna da ciência de que a vida animal, que acabaria por evoluir até a forma humana, começou com um peixe?



Telamones obrigados a sustentar a Terra, retratados numa gravura do século XIX recentemente descoberta em Pompeia. Os telamones foram os titãs obrigados a tomar parte da estrutura da Terra. Sua progênie era de demônios da Terra, ou goblins. Ainda no século XIX, eram temidos em algumas áreas rurais remotas do Sul da Europa. Diziam que estas criaturas de olhos vermelhos e pele com escamas que pareciam unhas cinzentas e mortas perseguiam as pessoas mesmo depois de mortas.

Se isso fosse verdade, seria uma revelação de fato impressionante.

A descoberta da evolução das espécies por Darwin é um dos grandes feitos científicos da história, colocada no nível das de Galileu, Newton e Einstein Seria possível que os sacerdotes das escolas de Mistérios soubessem da evolução de espécies muitos milhares de anos antes? Agora iremos descobrir que as evidências para este argumento, que de início pode parecer implausível, estão escritas no céu em luzes resplandecentes, para que todos vejam.
Nós decifrамos o código do cosmo. Vimos que os primeiros episódios da história devem ser compreendidos em termos da criação ordenada do sistema solar. Um após outro, Saturno, o Sol, Vênus, a Lua e Júpiter se uniram no trabalho de tecer as condições fundamentais que possibilitaram a evolução da vida na Terra. Esta seqüência, quando obedecida, nos levou à aurora da vida animal e da consciência e ao início da proliferação das formas animais.
Para compreender a história do desenvolvimento destas formas animais, devemos nos voltar novamente para a astronomia e, acompanhando a seqüência em que os antigos acreditavam que os planetas foram criados, chegaremos a uma seqüência encadeada — as constelações do zodíaco.

Para os antigos, as forças da natureza ficavam adormecidas durante o inverno e depois despertavam, exercendo sua influência outra vez na primavera. A constelação em que o Sol nasce na primavera era portanto muito importante para eles. O Sol avivava essa constelação, energizando-a e aumentando seu poder para configurar o mundo e sua história.

Graças a uma leve oscilação na Terra à medida que ela gira sobre seu eixo, o Sol nos parece cair lentamente para trás, contra o pano de fundo das estrelas. Por um

período de cerca de 2.160 anos, o Sol nasce na mesma constelação. Depois ele passa à constelação seguinte. Estamos hoje na Era de Peixes e esperamos o alvorecer da Era de Aquário. À medida que uma constelação se segue à outra e uma era se segue à outra, as variações sinfônicas da Música das Esferas indicam um novo movimento. O ciclo de poderes animados, de impulsos instintivos que circulam pelo cosmo, move-se para um novo plano.

Pensamos nas 12 constelações do zodíaco obedecendo a uma seqüência de acordo com os meses do ano, Áries seguida de Touro, depois Gêmeos e assim por diante. No ciclo maior, medido pelo aparecimento destas constelações no equinócio de primavera, as constelações se movem "para trás"; Gêmeos é seguido de Touro, depois de Áries e assim por diante.

Este fenômeno é conhecido como precessão. Entre os acadêmicos, há alguma controvérsia sobre quando os antigos tomaram ciência dele. O livro mais inovador sobre este tema foi Hamlet’s Mill, publicado em 1969 e escrito por Giorgio de Santillana, professor de história e filosofia da ciência no MIT, e Hertha von Dechend, professora de ciência na Universidade de Frankfurt. Imensamente erudita, a obra deu início a um processo de redescoberta de uma dimensão astronômica de mitos que há muito fora esquecida fora das sociedades secretas. A tese dos autores é que uma das histórias centrais a toda mitologia, na verdade a toda literatura, de Édipo Rei a Hamlet, a história do filho desapossado que derrota o tio para conquistar o trono do pai, é uma descrição de um evento astronômico: de uma época precessional sucedendo-se a outra.

Mas Hamlet's Mill fornece um modelo essencialmente estático. Mostra que a precessão é codificada em um determinado arquétipo, e não que a sucessão de constelações regentes nos permite ver diferentes níveis de mito em sua seqüência cronológica correta.

Vamos agora ver esta seqüência em termos da realidade histórica que está por trás dos mitos de Júpiter e dos outros deuses, de acordo com a tradição esotérica.

Uma vez que temos visto a história lembrada nos mitos, em particular os mitos dos deuses do Olimpo, é natural que os imaginemos como seres humanos anatomicamente modernos. Porém, devemos continuar a ter em mente que estes mitos representam o que estas coisas teriam parecido aos olhos da imaginação. Mas, para um olho físico, se tal coisa existisse, teria parecido completamente diferente.

Isso porque o que estas imagens imaginativas representam é o início e o desenvolvimento de formas primitivas de vida.

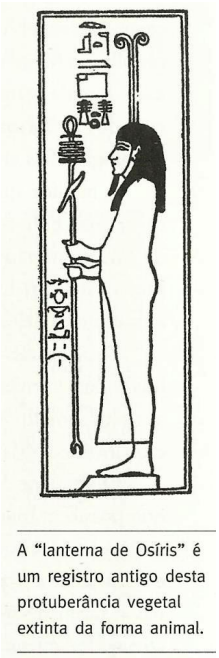
Se a era da primeira vida marinha foi marcada pela regência do planeta Júpiter, então, em termos da precessão das constelações, ela foi marcada por Peixes. Quando o Sol começou a subir na constelação de Peixes, uma nova forma condensou-se da substancia semilíquida na superfície da Terra. Esta foi a forma primitiva e embrionária do peixe - algo parecido com a água-viva atual.

Os antigos compreendiam este impulso evolutivo como um deus. Se a vida primitiva na Terra - a vida que por fim evoluiria para a vida humana - assumiu uma forma primitiva de peixe, foi porque um deus assumiu esta forma e, por assim dizer, perpetrou a vida na Terra com ela.

No Egito, este evento miraculoso, o nascimento da vida animal, era conhecido como o nascimento de Hórus, e as primeiras representações deste, como aquelas de Júpiter, eram metade homem, metade peixe.

Assim, vemos novamente que os gregos e os egípcios assim como os gregos e os hebreus, adoravam o mesmo deus numa roupagem cultural diferente.

A era precessional seguinte foi a Era de Aquário. Esta foi a era da evolução dos anfíbios, criaturas flutuantes gigantescas, parecidas com os golfinhos modernos, mas com membros palmados e a fronte como lanterna. Esta lanterna era a glândula pineal; projetando-se do alto, ela ainda aparece em alguns répteis, como a espécie de lagartos Tatuara da Nova Zelândia.



A "lanterna de Osíris" é um registro antigo desta protuberância vegetal extinta da forma animal.

A "lanterna" ainda era o principal órgão de percepção das criaturas protohumanas. Sensível ao calor e ao frio de outros seres vivos, próximos ou distantes, a lanterna podia intuir a natureza íntima deles. Estes proto-humanos podiam intuir também a natureza dos vegetais, avaliando sua adequabilidade como alimento ou remédio - como alguns animais podem fazer. E como as leis do desenvolvimento natural ainda não haviam sido fixadas por completo, os humanos também podiam falar com vegetais de uma forma que, como mostram as antigas sagas dos Judeus, pode fazer "uma árvore produzir frutos ou espigas de trigo ficarem altas como os cedros do Líbano". Devemos imaginar a fala destes humanos-anfíbios parecida com o bramido de um cervo.
Os humanos com cabeça de lanterna mais tarde foram idealizados como unicórnios. A deusa Terra ainda lhes dizia o que fazer por

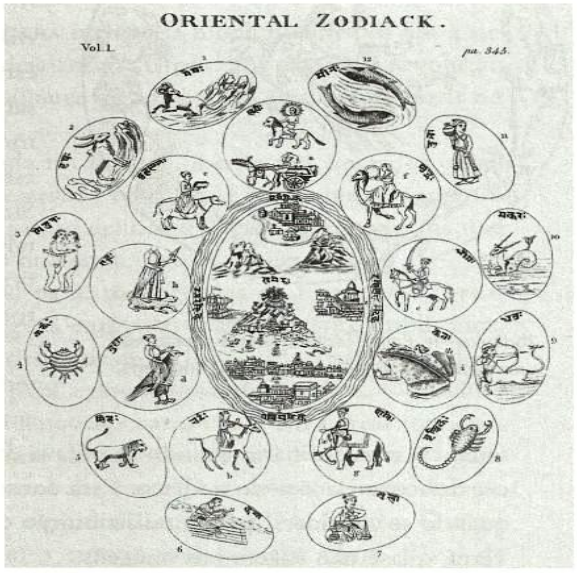
clarividência. Assim, as leis natural e moral eram a mesma coisa. Esta verdade histórica é belamente retratada na famosa tapeçaria do Musée de Cluny, em Paris, na qual o unicórnio pousa a cabeça no colo de uma virgem.

Nossa memória coletiva do unicórnio é, claramente, de uma criatura caçada. Os seres humanos podiam procurar refúgio no colo da Mãe Terra, mas o mundo estava se tornando um lugar perigoso. Vimos que o desejo existiu originalmente de forma independente da humanidade, e assim continuaram, desintegrados na forma proto-humana. Estes desejos desregrados eram os dragões da mitologia. Eles aterrorizavam o resto da criação.

À medida que a superfície pantanosa da Terra começava a endurecer e se tornar parecida com a terra seca, começou a fase seguinte do desenvolvimento da forma humana. Este foi o início da Era de Capricórnio, quando os protohumanos desenvolveram panturrilhas e membros para rastejar e realizar os desejos animais que neles germinavam.

De acordo com a sabedoria antiga, foi a chegada de Marte que levou à evolução dos animais de sangue quente. Marte chegou na época da transição dos anfíbios semelhantes a lagartos da Era de Capricórnio para os animais terrestres e quadrúpedes da Era de Sagitário.

O ferro de Marte gerou o sangue vermelho e proporcionou as condições que possibilitariam o egotismo - e não só no sentido de um impulso saudável para sobreviver. À medida que continuava a endurecer e se tornar mais densa e mais seca, a Terra encolhia ainda mais, e assim um ser podia prosperar apenas a custa de outro. Tornou-se parte da condição humana que alguém mal consiga se mexer sem prejudicar, ou até matar, outra criatura viva. Graças a Marte, também há uma parte cruel na natureza humana que nisto se regozija e exulta em obrigar um companheiro humano a se submeter, experimentando a euforia quando é dominante sobre os outros, quando é capaz de exercer sua força de vontade sem restrições.



a

Conforme os proto-humanos viraram criaturas terrestres, também passou a ser necessária a criação de novas maneiras de o homem se comunicar. Foi como resultado da influência de Mercúrio que o tórax evoluiu. Mercúrio também moldou membros mais finos e mais aptos, melhor para os seres humanos se locomoverem, viverem e trabalharem juntos. Ele foi claramente o mensageiro e escriba dos deuses, conhecido como Hermes para os gregos e Tot para os egípcios.
Ele também era o deus dos truques e do roubo.

Este capítulo foi um comentário do Gênesis, levando em conta tradições paralelas, como a egípcia e a grega. Esta forma de

interpretar ou decodificar a Bíblia veio à tona entre os neoplatonistas e os primeiros cabalistas, e foi elucidada por grupos como os rosa-cruzes. Grande parte do que estivemos considerando pode ser encontrado, por exemplo, nos escritos do século XVII de Robert Fludd (muito influente no Paraíso perdido de Milton) e pouco depois, no comentário de Jacob Boehme sobre o jenesis, o ja mencionado Mysterium Magnum. O trabalho de elucidar estes comentários e recontextualizar a sabedoria dos rosa-cruzes nos tempos modernos foi realizado pelo grande estudioso e iniciado austríaco Rudolf Steiner, cuja Sociedade Antroposófica talvez possa reivindicar ser uma autêntica sobrevivente da verdadeira vertente rosa-cruz.

Zodíacos de Egito, Índia e Grécia mostrando uma semelhança extraordinária de imagens.

Porém, mesmo fora da tradição esotérica, reconhece-se que as civilizações antigas do mundo mostraram uma consonância extraordinária quando se tratava de imagens associadas com a seqüência das constelações do zodíaco. Essa consonância é ainda mais extraordinária quando se considera que essa distribuição das estrelas , se vistas da superfície da Terra, quase não sugere tais imagens.

A cabeça da Medusa, em uma gema grega. O céu noturno era uma história viva, pois os corpos celestes eram vistos como os corpos materiais de seres espirituais ou deuses. Os antigos acreditavam que tinham a capacidade de se comunicar com estes seres e sentiam sua influência. Por exemplo, não é coincidência que a estrela Algol – associada com a cabeça da górgona Medusa na tradição grega – fosse sentida como uma influência maligna em todas as culturas do mundo antigo. Os astrólogos hebreus a batizaram com o nome do espectro das trevas Lilith, e mesmo antes disso os hebreus do deserto a chamavam de Cabeça de Satã, enquanto os chineses a batizaram com uma expressão que significa "cadáveres amontoados". Diversas culturas viveram a mesma realidade espiritual quando olhavam a mesma parte do céu.

A realidade é que os antigos viam nesta seqüência das constelações a história da evolução da humanidade e do mundo, coletivamente lembrada e compreendida. Para eles, a história do mundo foi escrita nas estrelas.

E assim, o que em geral se considera uma idéia moderna que pôs fim à superstição antiga é na realidade uma idéia antiga. Uma compreensão da evolução ordenada das espécies teve origem milhares de anos antes de Darwin partir no HMS Beagle.
Esta história secreta foi codificada no zodíaco, escrita por iniciados como Jacob Boehme e Robert Fludd, e preservada e realizada nos tempos modernos por grupos esotéricos, mas sempre e muito deliberadamente de uma forma que era difícil de ser compreendida pelos que eram de fora.
E então, no século XIX, quando os textos sagrados do hinduísmo foram traduzidos pela primeira vez nas línguas européias e abertamente publicados, grande parte do conhecimento esotérico, que antes fora cuidadosamente administrado e controlado, agora vazava para a consciência do público. O fascínio por estas idéias levou a um interesse renovado na cabala e em outras tradições ocidentais, e ajudou a incitar a moda do espiritualismo. Muitos dos grandes intelectuais do período se interessaram em tentar aplicar a metodologia científica aos fenômenos espirituais e espiritualistas. Em 1874, Charles Darwin compareceu a sessões espíritas com a romancista George Eliot. Rival de Darwin, A.E. Wallace participou de

vários experimentos controlados sobre espiritualismo, acreditando que estes fenômenos podiam ser medidos e verificados, da mesma forma que outros tipos de fenômenos eram medidos e verificados por outras ciências. Como veremos adiante, muitos intelectuais importantes, inclusive cientistas, acreditavam que havia algo na filosofia esotérica e que a ciência e o sobrenatural um dia se uniriam.
Friedrich Max Müller foi um jovem erudito alemão empregado pela Companhia das índias Orientais na década de 1840 para traduzir o Rig Veda, antes de ser recompensado com uma cátedra em Oxford. Ele traduziu os livros sagrados do Oriente em 15 volumes, tornando as doutrinas esotéricas orientais amplamente disponíveis pela primeira vez. Também foi muito amigo de Darwin, com quem manteve uma correspondência regular. A origem das espécies foi publicada em 1859.

Na história secreta, a evolução das espécies não foi o progresso constante suposto pela ciência. Houve reviravoltas que tiveram implicações importantes para a compreensão que temos de nossa própria fisiologia e constituição mental. Houve becos sem saída, inícios falsos e até tentativas deliberadas de sabotagem.
Cobras, aranhas, besouros e criaturas parasitárias, por outro lado, foram formados sob a influência maligna do lado negro da Lua.
De acordo com a doutrina secreta, os animais evoluíram para formas que nos são familiares hoje, influenciados pelas estrelas e planetas, os leões pela constelação
de Leão, por exemplo, os touros pela constelação de Touro.
O plano cósmico era de que todas as formas biológicas do mundo aos poucos fossem incorporadas à humanidade, que pretendia ser o coroamento da criação. À medida que levaram a humanidade a ficar cada vez mais próxima da anatomia humana que conhecemos, os deuses adotaram as formas proto-humanas parcialmente animais lembradas pelos sumerianos, egípcios, persas e babilônios, até que por fim assumiram as formas anatomicamente perfeitas lembradas pelas últimas grandes civilizações do mundo antigo, os gregos e os romanos. Por exemplo: conforme as paredes dos templos egípcios,

a deusa do planeta Vênus era Hator, que tinha cabeça de vaca, e o deus do planeta Mercúrio era Anúbis, com cabeça de cão. De acordo com a tradição secreta, estes mesmos deuses, os mesmos seres vivos, foram lembrados pelos gregos clássicos em uma forma mais evoluída e mais recente.

Os textos antigos que descrevem esta era também dão grande ênfase aos gigantes. O autor do Livro de Enoque, que escreve na tradição hebraica, e Platão, escrevendo

na tradição grega, concordam que nestes tempos primitivos e antediluvianos surgiu uma raça de gigantes. Na verdade, as tradições de uma raça antediluviana podem ser encontradas em todo o mundo, dos Danavas e Daityas da Índia aos mao-tsé da China. Em um Diálogo entre o rei Midas e Sileno, que sobreviveu de forma fragmentada da época de Alexandre o Grande, Sileno diz que "os homens cresceram e atingiram o dobro do tamanho dos mais altos homens de sua época, e viveram o dobro de sua idade". Na tradição secreta, as estátuas gigantes de Bamian, recentemente destruídas no Afeganistão, não eram três estátuas gigantes de Buda, mas três estátuas em tamanho natural de gigantes de 52, 36 e 9 metros de altura. A roupagem que os deixava parecidos com budas era feita de gesso e dizem ter sido acrescentada posteriormente. No século XIX, registrou-se que os habitantes acreditavam que eram estátuas de miao-tsé, os gigantes da tradição chinesa. As famosas estátuas da ilha de Páscoa também devem registrar a altura real de gigantes históricos.

E então houve as aberrações sem saída - os homens de uma perna só, os homens-morcego, os homens-inseto e os homens com rabo. Maneto, um historiador egípcio do século III a.C, também registrou tradições da estirpe dos Sentinelas,

"eles (...) geraram seres humanos de duas asas, além de outros com quatro asas e duas faces, seres humanos com um corpo e duas cabeças, e outros tinham a parte superior de cabras e chifres sobre suas cabeças; outros possuíam patas de cavalo atrás e pés de homem na frente; havia ainda outros, dizem, que foram touros com cabeça de homem e cães de quatro cabeças, cujos rabos

surgiam como caudas de peixe de suas costas, (...) além de outros monstros, como todos os tipos semelhantes a dragões".
Esta foi, portanto, a era lembrada nos grandes mitos e encontra eco na literatura de fantasia, como O senhor dos anéis, de J.R.R. Tolkien, ou os livros de Nárnia,
de C.S. Lewis. Esta literatura de fantasia representa um fluxo no presente de uma memória coletiva deste período, quando o homem vivia na Terra com gigantes, dragões, sereias, centauros, unicórnios, faunos, sátiros. Legiões de anões, sílfides, ninfas, dríades e outros seres espirituais menores serviam aos deuses e humanos com os quais conviviam, travavam batalhas e às vezes se apaixonavam.

Na história secreta, as últimas criaturas a encarnar antes dos humanos foram os macacos. Eles surgiram porque alguns espíritos humanos encarnaram cedo demais, antes que a anatomia humana estivesse aperfeiçoada.
Na história secreta, portanto, não é correto dizer que o homem descende do macaco, mas que o macaco representa uma degeneração da humanidade.
É claro que nenhuma das criaturas fabulosas deixaram algum vestígio no registro fóssil. Assim, por que os grandes homens e mulheres da história, que foram iniciados nas sociedades secretas, acreditavam neles? Por que uma pessoa inteligente nem sequer começaria a brincar com a idéia?

6. O ASSASSINATO DO REI VERDE

Ísis e Osíris • A caverna da caveira • O Paládio

No período descrito pelos mitos do Olimpo, os deuses andavam entre os homens. Mas a história do último deus a governar como rei da Terra é registrada em sua versão mais completa na tradição egípcia, e não na grega. Os egípcios inquestionavelmente acreditavam que seu deus mais importante andara entre eles nos tempos antigos, liderara-os em batalhas e os governara com sabedoria e bondade.

Heródoto descreveu uma visita a um santuário onde se dizia que Osíris estava enterrado. "Obeliscos imensos de pedra destacam-se no pátio e há um lago artificial circular ao lado deles. É neste lago, à noite, que os egípcios encenam os Mistérios, o Rito Negro que celebra a morte e a ressurreição de um ser cujo nome não ouso pronunciar. Sei o que acontece, porém... mais não digo.

Felizmente, podemos suplementar este relato provocante com a história de Osíris contada pelo quase contemporâneo de Heródoto, Plutarco, um sacerdote iniciado do Oráculo de Delfos. Nas passagens seguintes, usei o relato de Plutarco como base, entrelaçando com material adicional de outras fontes.

Precisamos começar imaginando um mundo em guerra, pilhado por monstros e animais selvagens. Osíris era um grande caçador, um "Senhor das Feras" — lembrado na mitologia grega como Órion, o caçador, e na mitologia escandinava como Herne, o caçador - e um grande guerreiro. Ele livrou a terra de feras predadoras e derrotou exércitos invasores.

A queda deste grande guerreiro não se deu em combate com monstros nem no campo de batalha, mas devido ao inimigo em seu meio.

Ao voltar de uma campanha militar, Osíris foi recebido por multidões que o aplaudiram, pelo populacho que o amava. O reinado de Osíris, embora a todo tempo sob ataque de estrangeiros, seria

lembrado como uma era de ouro. Também foi uma era de felicidade doméstica e civil. Seu nome está relacionado com a inseminação. "Ourien" significa sêmen, e o que hoje chamamos o cinturão de Órion é um eufemismo. Nos tempos antigos, ele era um pênis que se tornava ereto à medida que o novo ano progredia. Estas coisas devem nos alertar para o fato de que há uma forte vertente sexual na história que se segue.

Osíris aceitou um convite do irmão Set para um jantar de gala em comemoração à vitória. Dizem alguns que Osíris estivera dormindo com a bela Néftis, de pele escura, esposa de Set e irmã de sua própria esposa, Isis. Teria ele dado a Set um motivo para matá-lo? Pode ser que ele não tenha precisado de motivo nenhum. A dica da animosidade de Set está contida em seu nome. Ele era um enviado de Satã.

Depois do jantar, Set anunciou um jogo. Ele fizera uma bela arca, um tanto parecida com um caixão, mas confeccionada de cedro com revestimento interno de ouro, prata, marfim e lazurita. "Quem couber bem nesta arca", disse ele, "poderá ficar com ela."

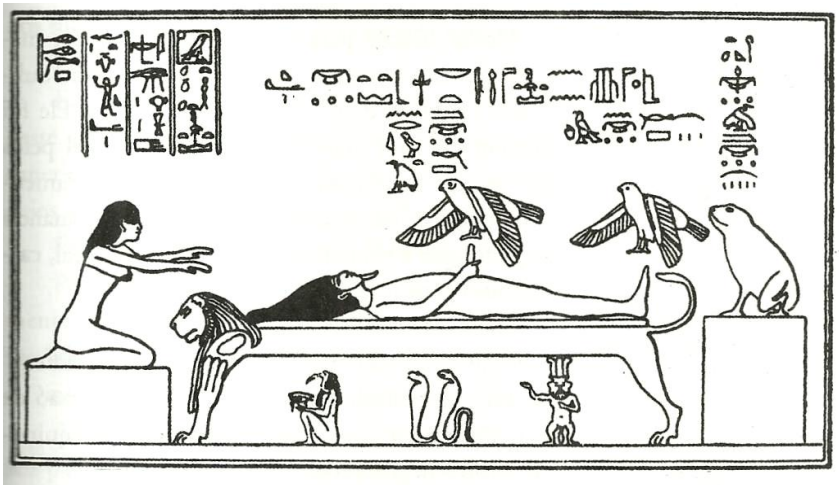
Um por um, os convidados tentaram, mas eram gordos demais, magros demais, altos demais, baixos demais. Por fim, Osíris subiu nela e se deitou. "Cabe!", gritou ele. "Cabe em mim como a pele com que nasci!"

Mas seu prazer com a vitória se esvaiu quando Set fechou a tampa, martelou os pregos e preencheu cada fenda com chumbo derretido - o metal de Satã. Depois Set e seus seguidores carregaram a arca para as margens do Nilo e a lançaram nas águas.

Osíris era um imortal e Set sabia que não podia matá-lo, mas ele podia, segundo acreditava, livrar-se dele para sempre.

A arca flutuou no Nilo por vários dias e várias noites, indo parar na costa da atual Síria. Um pé de tamarindo novo e tenro ali cresceu, envolvendo a arca com seus ramos, e um dia a envolveu por inteiro, encerrando-a amorosa e protetoramente em seu tronco. Na época, esta árvore ficou famosa por seu esplendor e o rei da Síria a derrubou e com ela entalhou um pilar que ficava no meio de seu palácio.

Nesse meio-tempo, Ísis, separada de seu homem e deposta do trono, cortou o cabelo, escureceu a face com carvão e vagou pela superfície da Terra procurando seu amado marido. Depois de um tempo, assumiu o emprego de serva na corte de um rei estrangeiro. (Os leitores perceberão de imediato como esta história, originalmente um drama sagrado nos templos do Egito, chegou a nós de forma um tanto adulterada como a pantomima Cinderela.)
Mas Ísis jamais deixou de ter esperanças de encontrar seu homem e um dia seus poderes mágicos a levaram a ver Osíris na arca no interior da árvore, no meio do próprio palácio em que ela trabalhava, o palácio do rei sírio. Isis revelou sua verdadeira identidade de rainha e convenceu o rei a cortar o pilar e deixá-la levar a arca.
Ela partiu de barco e desembarcou na ilha de Chemmis, no delta do Nilo. Ali, pretendia usar suas artes mágicas para ressuscitar o marido.
Mas Set também tinha poderes mágicos. Ele e seu bando maligno caçavam à luz da Lua e, numa visão, Set de repente viu Isis aninhando Osíris. Enquanto ela estava deitada dormindo, ele atacou o casal de amantes.



Entalhe numa parede do templo de Filae.

Decidido a deixar margem para que seu irmão sobrevivesse, ele atacou Osíris com um prazer selvagem, retalhando-o em 14

pedaços diferentes, que depois escondeu em segredo em diferentes lugares.
Assim, a viúva Isis partiu em viagem novamente. (Os leitores maçônicos talvez estejam cientes de que eles se chamam de "Filhos da Viúva" em parte como um marco de sua participação na busca de Ísis.)
Ísis usava sete véus para se disfarçar dos lacaios de Set e foi auxiliada por Néftis. Ela também amava Osíris e havia se transformado num cão para ajudar a localizar e cavar a terra para recuperar as partes do corpo de Osíris. Elas recuperaram todas, exceto o pênis, que foi devorado por um peixe do Nilo.
Elas chegaram a uma ilha em Abidos, no Sul do Egito, e ali, numa noite, Ísis e Néftis uniram as partes remanescentes em bandagens, usando um longo pedaço de linho branco.

Ísis amamentando Hórus. Para os idealistas que acreditam num universo de mente-antes-da-matéria, que o universo ajudou a nutrir a humanidade e a ajudou a evoluir, a imagem da deusa mãe e do filho, talvez ainda mais do que a cruz, é seu ícone mais importante.

A primeira múmia.
Por fim, Ísis confeccionou um pênis de ouro e o prendeu nele. Ela não foi capaz de trazê-lo por inteiro de volta à vida, mas reviveu Osíris sexualmente para que ela pudesse se colocar por cima dele,

tocando-o com delicadeza enquanto envolvia seu pênis na forma de um pássaro até que ele ejaculou. Ela então se inseminou dele e desta maneira Hórus, o novo Mestre do universo, foi concebido.
Hórus cresceu para vingar a morte do pai matando seu tio Set. Osíris, enquanto isso, vivia no submundo como rei deste e Senhor dos Mortos. Ele foi representado com mais freqüência neste papel pelos egípcios, em geral com uma face verde, pesadamente enfaixado e aparentemente imóvel, mas emanando um poder que é simbolizado em sua insígnia real, carregando o gancho e o chicote.
O que isso significa? Como podemos decodificar?
Em certo nível, parece representar a sucessão de uma constelação por outra na precessão dos equinócios. Hórus depõe Set e o suplanta.
Em outro nível, talvez o mais óbvio, este é um mito da fertilidade sobre o ciclo anual das estações.
O aparecimento da estrela Sirius no horizonte, depois de meses oculta, era um sinal para os antigos egípcios de que Osíris em breve ressurgiria e que a inundação do Nilo estava para chegar. Mitos do deus-rei ressurrecto eram contados em todo o mundo, de Tamuz e Marduk às histórias do rei pescador associadas a Parsifal e ao ciclo do rei Artur. Seguiam o mesmo padrão. O rei é fatalmente ferido nos genitais e, enquanto está deitado, sofrendo, a terra começa a ficar estéril. Depois, na primavera, é realizada uma operação mágica e ele ressurge, tanto sexualmente quanto de uma forma que fertiliza o mundo todo.
É por isso que Osíris vem a ser adorado no Egito como um deus das colheitas e da fertilidade no verão. O ansiado aparecimento anual de Órion no Oriente, e de sua consorte Ísis, conhecida por nós como Sirius, a estrela mais brilhante do Armamento, anuncia a inundação do Nilo que reviveu o mundo vegetal, assim como os mundos animal e humano - literalmente uma questão de vida ou morte. Os egípcios fazem pequenas múmias com sacos de linho recheados de milho - bonecas de milho. Quando molhado, o milho germina através do saco, o que representava que o grande deus estava renascendo.
"Eu sou a planta da vida", diz o Osíris dos textos das pirâmides.

Não me demorarei neste aspecto de Osíris porque o nível de significado nos mitos relacionados com a fertilidade passou a ser amplamente apreciado nos mais de cem anos desde O ramo dourado, de Sir James Frazer.
O problema é que ele tendia a ser apreciado à custa de todo o resto. Embora a turba egípcia que se aglomerava nos pátios dos templos entendesse a história de Osíris neste nível do mito da fertilidade, havia outro nível superior, conhecido apenas pelos sacerdotes no santuário interno, o Rito Negro cujos segredos Heródoto afirmou conhecer.
Este segredo era um segredo histórico.
Para chegarmos a esta verdade, precisamos agora ver uma história igualmente estranha e perturbadora dos mitos gregos. Sabemos, por Plutarco, que na Antigüidade Osíris, o último deus-rei a governar a Terra, era comparado a Dionísio, o último dos deuses olímpicos.
As fontes discordam quanto à paternidade de Dionísio. Alguns dizem que seu pai era Hermes, outros dizem ter sido Zeus. Todos concordam que a mãe do pequeno deus era a Mãe Terra e que, como aconteceu com Zeus, ela escondeu o bebê Dionísio numa caverna.
Dionísio, assim como Zeus, representa a evolução de uma nova forma de consciência, e mais uma vez os titãs estavam decididos a eliminá-lo ainda no início. Vemos, de novo, que os titãs são devoradores de consciência.
Eles cobriram o rosto com gesso branco para que ninguém soubesse que eles eram os filhos de cara negra do deus-corvo. Não queriam assustá-lo, mas seduziram Dionísio a sair de um berço oculto num nicho nos fundos da caverna.
De repente, os titãs caíram em cima de Dionísio e o dilaceraram. Atiraram os pedaços em um caldeirão fervente de leite, depois arrancaram a carne de seus ossos com os dentes.
Enquanto isso, Atena entrara na caverna sem ser vista e arrebatou o coração do menino-cabra antes que fosse cozinhado e comido. Levou-o a Zeus, que cortou um buraco em sua coxa, inseriu-o em seu corpo e o costurou. Depois de um tempo, assim como Atena

surgira plenamente formada da cabeça de Zeus, o Dionísio renascido surgiu completamente desenvolvido da coxa de Zeus.

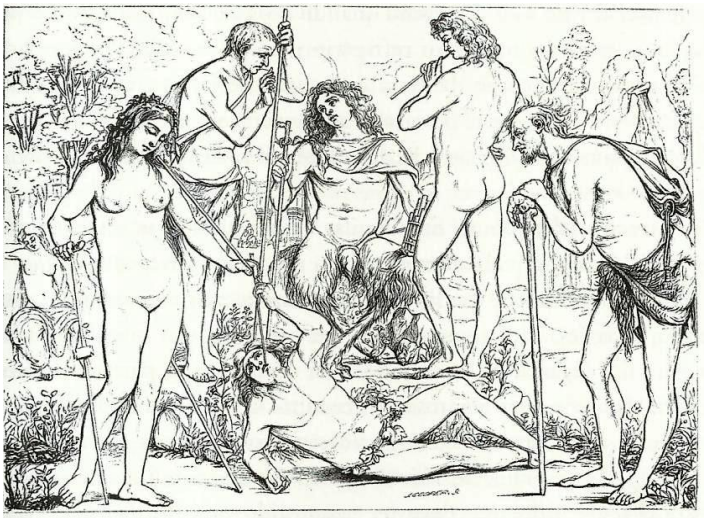
Para entender a realidade histórica por trás desta narrativa misteriosa e a história paralela de Osíris, é necessário que nos lembremos que, neste relato da história do universo, a matéria só era precipitada da mente cósmica por períodos muito longos e só de maneira muito gradual estava se desenvolvendo para o tipo de solidez com que estamos familiarizados hoje.
Também precisamos lembrar de novo que, embora possamos ver muitas das grandes figuras dos mitos, deuses e homens com uma anatomia semelhante à nossa, eles só aparecem assim aos olhos da imaginação.
O mundo parecia muito diferente aos olhos físicos que evoluíam nesta época. Este ainda era o mundo registrado nas Metamorfoses do poeta-iniciado Ovídio, quando as formas astronômicas de seres humanos e animais não eram fixas como são agora, um mundo de gigantes, híbridos e monstros. Os seres humanos mais avançados em termos anatômicos estavam desenvolvendo os dois olhos que temos hoje, mas a Lanterna de Osíris ainda se projetava do meio da testa, onde o osso do crânio ainda não havia endurecido.
Aos poucos, porém, a matéria se tornou mais densa. E a questão importante a se ter em mente aqui é que, apesar de ter sido precipitada da mente, a matéria era estranha à mente. Conforme endurecia, a matéria tornava-se uma barreira maior ao livre fluxo da mente cósmica. O que aconteceu aos poucos, então, foi que à medida que a matéria endurecia, evoluíam duas dimensões paralelas, o mundo espiritual e o mundo material, o primeiro visto pela Lanterna de Osíris e o último pelos dois olhos.
A história de Osíris/Dionísio é a etapa seguinte neste processo, talvez a mais decisiva, quando parte da grande mente cósmica, a consciência universal, é dividida absorvida no corpo dos indivíduos. A calota óssea do crânio endureceu, fechando a Lanterna de Osíris, obstruindo assim a grande mente cósmica.
De acordo com a sabedoria antiga, enquanto não havia barreira aos espíritos, deuses e anjos que pairavam no alto, não havia

possibilidade de o ser humano desfrutarde pensamento ou de arbítrio livres e individuais, que distinguem a consciência humana. Se não fôssemos excluídos dos mundos espirituais e da grande mente cósmica, se nossa composição corporal não filtrasse o que adentra, nossa mente seria completamente tonta e sobrecarregada.
O homem agora tinha algum espaço em si no qual pensar.
A imagem arquetípica deste modelo da condição humana é a Alegoria da Caverna, de Platão. Prisioneiros são acorrentados na caverna de modo a fitarem uma parede, sem que possam se virar. Os acontecimentos do lado de fora da caverna lançam sombras na parede, que os prisioneiros supõem ser a realidade.
Esta é uma exposição da filosofia que os acadêmicos chamam de idealismo, que sustenta que a mente cósmica e os pensamentos, ou Seres-Pensamento que deles emanam ideas), são a realidade superior. Os objetos físicos, por outro lado, são meras sombras ou reflexos de sua realidade mais elevada.
Como estamos distantes do tempo em que as pessoas acreditavam no idealismo, para nós é difícil apreciá-lo como uma filosofia de vida estimulante, em vez de apenas uma teoria seca como poeira. Mas as pessoas que acreditavam no idealismo viviam o mundo de uma forma idealista e também entendiam o idealismo como um processo histórico.
Os acadêmicos tendem a deixar passar o nível surpreendentemente literal na alegoria de Platão. A caverna aqui é a calota óssea do crânio. O crânio é um ambiente escuro e rígido, recoberto de carne.
Platão foi um iniciado e teria sido bem consciente do mecanismo delicado de sombras e reflexos que acontece dentro do crânio humano, a fisiologia e a psicologia ocultas da doutrina secreta.
A característica que define a vida humana, sua realização máxima, e também do cosmo, é a capacidade de pensar. O cérebro é o objeto físico mais complexo, sutil, misterioso e miraculoso conhecido no universo.
De acordo com a doutrina secreta, o cosmo criou o cérebro humano para que fosse capaz de pensar em si mesmo.

É fundamental, se quisermos compreender o que está acontecendo aqui, abandonar uma forma materialista de pensar, de ver as coisas, por assim dizer, em nome do outro extremo do telescópio. Se é um idealista, você acredita que o universo foi criado pela Mente para as mentes.
De forma mais específica, você acredita que a Mente cósmica criou o universo material a fim de dar à mente humana a forma que ela tem.
A história idealista da criação é a história deste processo, e os grandes acontecimentos nesta história foram gerados pelo Sol, a Lua, os planetas e estrelas. Nossa consciência agora tem a estrutura que tem porque os corpos celestes se alinham acima de nós da maneira que o fazem.
Com a Lua em seu lugar, refletindo a luz do Sol para a Terra, e com este processo sendo reproduzido no microcosmo dentro do crânio humano, com a matéria tendo por fim se tornado densa o bastante para que a mente humana "se fechasse", chegamos ao ponto em que a anatomia e a consciência humanas alcançaram uma forma que reconheceríamos hoje. As condições fundamentais que possibilitaram que o homem refletisse, isto é, que pensasse, agora estavam em seus devidos lugares.
Há, porém, mais uma questão a ser considerada.

Na história secreta também há uma dimensão especificamente sexual neste desenvolvimento.
Os sacerdotes dos Mistérios acreditavam que à medida que a Lanterna de Osíris se retirava sob a cobertura óssea do crânio e começava a ocupar a posição que hoje conhecemos como a glândula pineal, o pênis de carne se projetou. De acordo com a sabedoria antiga, o pênis foi a última parte do corpo humano a assumir sua forma atual de carne, e é por isso que os artistas nas sociedades secretas, como Michelangelo e Signorelli irmão iniciado de Leonardo da Vinci, costumavam retratar o pênis dos homens da mitologia como um vegetal.
Neste grande momento decisivo da história, assim como o pênis tornava-se carne, o homem não podia mais se propagar pelo antigo

método de partenogênese. A humanidade entregou-se inteiramente à sexualidade animal.
A partir daí, abre-se uma terrível terceira dimensão.
Os ossos humanos endureceram e se tornaram materiais. Um crânio humano virou algo meio vivo, meio morto.
É por isso que é um axioma da doutrina secreta que o início da morte foi o nascimento do pensamento.



Os companheiros de Pã, de Luca Signorelli. Esta gravura é um registro raro de uma pintura destruída durante a Segunda Guerra Mundial.

De acordo com a doutrina secreta, há uma oposição fundamental entre vida e pensamento. Os processos vitais do homem — digestão, respiração e os processos de crescimento, por exemplo - são em grande parte inconscientes. A dimensão consciente e ponderada no homem só é possível por uma repressão parcial destes processos vitais. O organismo humano "rouba" forças que nos animais são usadas para o crescimento e a estruturação biológicas, e as canaliza para criar as condições necessárias para o pensamento. Dizia-se que este é um dos motivos para que o homem seja, comparativamente, um animal doentio.
O pensamento humano é um processo letal, restringindo ao mesmo tempo o crescimento e a longevidade.
Quando eram criaturas vegetais, os proto-humanos não tinham experiência da morte. Quando começaram a assumir características

animais, começaram também a viver um antegozo da morte. Esta foi uma experiência como a do sono cheio de sonhos. Depois de um tempo, eles "despertariam" novamente no mundo material. Este sonho, mesmo quando acontecia em sono muito profundo, não dava mais ao homem o refrigério pelo qual ansiava. À medida que os ossos humanos e o corpo da Terra endureciam e se tornavam algo próximo do que são hoje, o homem passava a se mover com menos liberdade e, na verdade, penosamente. O chamado da morte era cada vez mais alto, até que se tornou quase esmagador.
O sono se aprofundou até ficar similar à morte, e depois se tornou morte.
Agora o homem afinal estava enredado nos ciclos selvagens da vida, morte e renascimento, ciclos em que as criaturas devem morrer para abrir caminho para novas gerações. Eles agora viviam em um lugar em que os pais deviam morrer para dar lugar aos filhos, onde o rei devia morrer para dar lugar a um sucessor mais novo e mais vigoroso.

No Norte da Europa, o deus que se tornou enredado nos ciclos da natureza foi retratado como o Homem Verde. Um deus trajado de folhas, feroz como a natureza, mas também uma vítima dela. Nas paredes de inúmeras igrejas cristãs, Osíris olha a congregação de cima.

Os eruditos conseguiram reunir referências textuais com entalhes no complexo da Pirâmide em degraus em Karnak, perto do Cairo, a fim

de entender algo do que deve ter acontecido nos rituais "Heb-Sed" que aconteceram ali. Depois de suportar uma cerimônia de morte e renascimento da escola de Mistérios numa câmara subterrânea, o recem-regenerado faraó iria a um pátio mais freqüentado. Ali, ele passaria por uma série de provas de força e potência, inclusive correr com um touro para tentar provar que, como ele próprio gritava em ritos, "Sou livre para correr pela terra". Se o faraó fracassasse nestes testes, sofreria a mesma morte sangrenta do touro.

O seguinte relato de uma testemunha ocular do sacrifício de um deus-touro na índia vem de um viajante britânico do século XIX: "Quando o golpe é dado, separando a cabeça do corpo da vítima, os címbalos se elevam, os tambores batem, as trombetas são sopradas e todos da congregação, aos gritos, lambuzam o corpo de sangue, rolam nele e, dançando como demônios, acompanham suas danças com canções, alusões e gestos obscenos.

Heródoto deve ter testemunhado algo muito semelhante se teve permissão para ver os Ritos Negros dos egípcios. No clímax da cerimônia de iniciação que estamos acompanhando, o candidato também teria visto algo parecido — a morte de um grande deus.

A condição humana foi mudando em muitos níveis diferentes. Chegamos a uma época essencial na história secreta do mundo, quando a matéria precipitou da mente e endureceu a tal ponto que o crânio humano assumiu uma forma muito parecida com a de hoje. Mas o Terceiro Olho ainda era muito mais ativo do que atualmente e não se tornara vestigial. As percepções do mundo material eram tão vívidas quanto as percepções do mundo espiritual.

Um ser humano conduzido a uma sala de trono podia ver outro ser humano sentando-se diante dele, ou pelo menos o que parecia ser um homem. Embora o homem não tivesse mais acesso ilimitado aos mundos espirituais, ele poderia ver o rei novamente com seu terceiro olho e, se o fizesse, poderia ver um deus sentado ali.

O maior registro histórico da perda humana da capacidade de exercer este modo duplo de percepção está no texto sagrado hindu do Bhagavad Gita. Um príncipe chamado Arjuna estava cheio de dúvidas às vésperas da batalha. E assim Krishna, o cocheiro que o conduziria à contenda, permite que Arjuna o veja como ele é ao olho

da visão, em sua forma suprema e divina. Tremendo de assombro e pasmo, ele vê os olhos de Krishna como o Sol e a Lua, vê que Krishna enche de radiância todo o céu e a Terra, como se tivesse a luz de mil sóis, que ele é venerado por inúmeros outros deuses e que ele contém em si todas as maravilhas do cosmo. Depois disso, Krishna se retrai para sua forma humana e mostra a face comum e gentil para tranqüilizar o apavorado Arjuna.
Osíris pode, da mesma maneira, ter possibilitado esta experiência a alguém que tenha entrado na sala de seu trono em Tebas. Jacob Boehme descreveu um mundo de pedra recortada, madeira entalhada, de mantos reais, carne e sangue como "Mundo Exterior". Ele pretendia ser um pouco aviltante. Sabia que o mundo interior, acessível ao terceiro olho, era o verdadeiro, e os seguidores de Osíris agora se apegavam ao mundo sangrento, cheio de dor e morte.

Portanto, o mito de Osíris tem muitos níveis de significado, mas é sobretudo um mito sobre a consciência.
Ele nos informa que devemos todos morrer - mas para renascer. A questão principal nesta história é que Osíris renasce não na vida comum, mas em um estado superior de consciência. "Não definharei," proclama ele no Livro dos mortos, "não apodrecerei, não putrefarei. Não me transformarei em vermes, terei meu ser, viverei, viverei." De novo nos deparamos com frases que compõem uma idéia de renascer que pode parecer estranhamente familiar aos cristãos.
Nesse momento, Osíris descobre que tem o que os cristãos chamam de "vida eterna".

Na história de Osíris, vimos como as forças do sexo, da morte e do pensamento se tornaram cada vez mais entrelaçadas para criar a coisa única que é a consciência humana. Os sábios da Antigüidade, homens e mulheres, compreendiam como a morte e a sexualidade são necessárias para que surja o pensamento, e como entendiam que estas forças foram entrelaçadas num processo histórico, também entendiam que o pensamento consciente podia ser usado

para manipular as forças do sexo e da morte a fim de alcançar estados mais elevados. Desde os tempos antigos, estas técnicas estiveram entre os segredos mais bem guardados nas escolas de Mistérios e sociedades secretas.
Adiante, veremos estas técnicas em detalhes, mas esta é uma área difícil para nós porque nossa compreensão da sexualidade tende a ocorrer num nível muito materialista.
Por exemplo: hoje nos é muito difícil ver as pinturas e entalhes do falo ereto que adorna as paredes de templos hindus ou egípcios e imaginar como os antigos pretendiam que eles fossem "interpretados", pois no mundo moderno a espiritualidade foi, para a maioria das pessoas, desvinculada do sexo.
No mundo antigo, compreendia-se o esperma como uma expressão da vontade cósmica, o poder gerador oculto nas coisas, o princípio organizador de toda a vida. Cada partícula de espermatozoide continha uma partícula da prima matéria da qual tudo era feito, uma partícula que podia explodir com incrível calor abrasador e formar todo um novo macrocosmo. Os adolescentes de nossa época podem perceber alguma reverberação do sentimento antigo quando os primeiros abalos da sexualidade trazem sensações veementes, uma nova intensidade e um desejo doloroso, sentido no peito, de abarcar o mundo todo.
Mas o desejo é sempre suscetível à corrupção. O que desejamos, possuímos em nossa imaginação. O desejo nos torna obstinados. Quando desejamos alguém, nós o "reificamos", para usar um termo de Jean-Paul Sartre. Queremos curvá-lo a nossa vontade e isto é uma influência do Espírito de Oposição.
Na visão da mente-antes-da-matéria, esta diminuição das outras pessoas pelo modo como as percebemos pode ser uma verdade literal. A maneira como olhamos para as pessoas afeta a constituição psicológica e química delas.
A ciência moderna nos ensinou a considerar o impulso sexual como algo impessoal, que tem uma vontade independente da nossa, como uma expressão da vontade de sobreviver das espécies. Para os antigos, o impulso sexual também era uma expressão de uma vontade que estava além do indivíduo. viam a sexualidade como

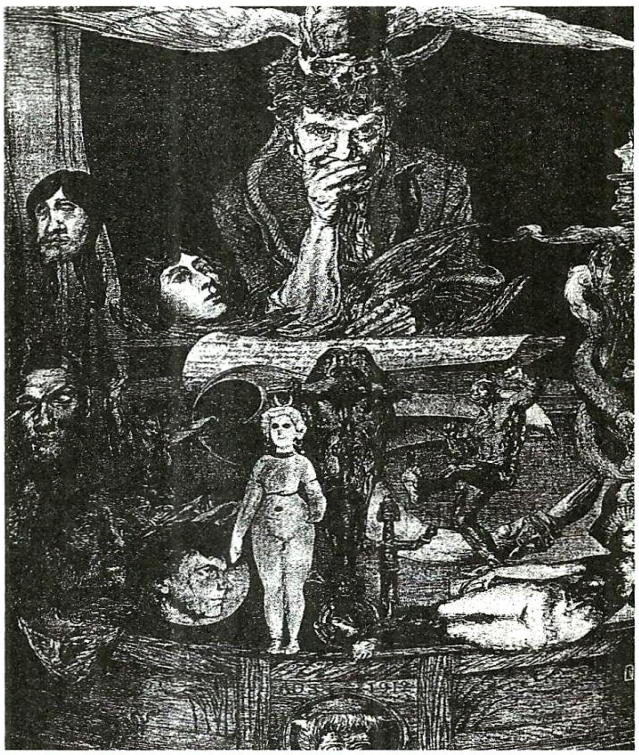
algo que nos impele para os grandes momentos de nossa vida, porque viam que o sexo controla de quem nascemos, como determina as pessoas por quem nos sentimos atraídos.
Um homem no mundo antigo podia ver uma mulher a quem desejava e ser tomado por um desejo assustador e dominador. Ele saberia que pelo resto da vida seria moldado pela reação dela. Ele também sabia que as raízes de seu desejo tinham origens muito profundas e um tanto anteriores à sua vida presente. Ele sabia que o desejo sexual que o impelia para esta mulher não era apenas biológico – como se considera hoje em dia - tinha também outras dimensões, espirituais e sagradas. Como se o planeta do amor os tivesse guiado para este encontro, também os outros grandes deuses do céu teriam preparado esta experiência para eles por muitos milênios e muitas encarnações.

Melancolia I, de Dürer e, na página oposta, A *postura da morte*, de Austin Osman Spare. Da mesma maneira que eram ensinadas técnicas para controlar as forças sexuais, como um meio de alcançar formas mais elevadas de consciência, as sociedades secretas também ensinavam a canalizar as forças estreitamente entrelaçadas da morte. Osman Spare desenvolveu uma prática que envolvia fechar a boca, as narinas, os ouvidos e os olhos. Na Índia, adeptos como Bhagavan Shri Ramana e Thakur Haranath chegaram a transes longos, e semelhantes à morte, que os levaram a ser preparados para seus sepultamentos, mas depois renasceram numa forma de consciência nova e mais elevada.

Hoje sabemos que, quando olhamos uma estrela distante, estamos vendo algo que aconteceu há muito tempo, devido ao tempo que a

luz levou para deixar a estrela e chegar à Terra. Os antigos sabiam de outra verdade, a de que, quando eles contemplavam sua própria vontade, também estavam olhando algo que fora formado muito antes de eles nascerem. Os antigos sabiam que sempre que se sentiam em fusão com outro ser humano no ato sexual, todo um bando de constelações estava envolvido. Eles sabiam também que a forma como faziam amor teria um efeito no cosmo pelos milênios que se seguiriam.

Quando fazemos amor, estamos interagindo com grandes poderes cósmicos, e, se decidirmos fazer isso conscientemente, podemos participar deste ato mágico. Foi a este elemento mágico no ato sexual que Rilke se referiu quando escreveu que "duas pessoas, unidas na noite, convocam o futuro".



Há ainda mais uma peculiaridade na história de Osíris, uma sombra escura em uma história já sombria. Vimos que Isis tinha uma irmã, Néftis, e havia uma sugestão de impropriedade sexual por parte de Osíris, uma queda sexual das graças, talvez. Mais tarde, porém,

Néftis usou seus poderes mágicos para ajudar Ísis na busca pelas partes do corpo de Osíris e ajudou também a uni-las novamente.
Néftis, então, é uma figura que representa uma forma sombria de sabedoria, decaída mas capaz de redenção.
Na mitologia cristã, esta mesma figura, este mesmo impulso espiritual, reaparece como Maria Madalena. Já acompanhamos a história da Queda. Vimos que a Queda não foi a queda de espíritos humanos no mundo material preexistente - é um equívoco muito fácil e comum imaginar isso —, mas a Queda pela qual os corpos humanos se tornaram mais densos à medida que o mundo material se tornava mais denso.
Vivemos num mundo decaído. Assim como miríades de espíritos nos ajudam a crescer e evoluir, outros, igualmente numerosos, também trabalham para nos destruir e ao próprio tecido de nosso mundo. Na mitologia cristã — e na doutrina secreta da Igreja - a Terra sofreu e foi punida por ter decaído, ao ter seu próprio espírito aprisionado no subterrâneo dentro dela. Às vezes chamada de Sofia, notadamente na tradição cristã, esta sabedoria só é alcançada quando descemos por lugares escuros e demoníacos da Terra e também de nós mesmos. E devido a Néftis - a Sofia - que todos precisamos tocar o fundo rochoso, viver o pior que a vida tem a oferecer, para lutar com nossos demônios, testar os limites de nosso intelecto e viajar para o outro lado da loucura.
Sabemos, por Plutarco, que na Antigüidade Isis era identificada com Atena, a deusa da sabedoria dos gregos. Atena tinha uma meia-irmã, uma menina de pele escura chamada Palas, que ela amava mais do que a qualquer outra pessoa. Despreocupadas, elas costumavam brincar nas planícies de Anatólia, fazendo jogos, travando lutas de brincadeira com lanças e escudos. Mas um dia Atena se distraiu. Ela escorregou e matou Palas, perfurando-a por acidente.
A partir daí, ela passou a se chamar Palas Atena para reconhecer o lado sombrio de si mesma, assim como de certo modo Néftis representa o lado sombrio de Ísis. Ela também entalhou uma estátua de Palas em madeira preta para homenageá-la.

Esta estátua, chamada de Paládio, entalhada pela mão de uma deusa e banhada por suas lágrimas, era reverenciada como um objeto com o poder de mudar o mundo na Antigüidade. Quando o povo de Anatólia a manteve em sua capital, Tróia era a maior cidade do mundo. Os gregos queriam saber o que os troianos sabiam. Quando a carregaram em triunfo, a liderança da civilização do mundo passou para eles. Mais tarde ela foi enterrada sob Roma em toda sua glória, até que o imperador Constantino a transferiu para Constantinopla, quando esta se tornou o centro da espiritualidade no mundo. Hoje dizem que está escondida em algum lugar do Leste Europeu, e é por isso que, recentemente, as grandes potências maçônicas procuraram controlar esta região.

O culto a Néftis, junto com seus equivalentes grego e cristão, foi uma das correntes mais sombrias e poderosas do ocultismo. Grandes forças como estas escrevem a história do mundo até o presente.

7. A ERA DE SEMI-DEUSES E HERÓIS

Os antigos • As amazonas • Enoque • Hércules, Teseu e Jasão

Quando Heródoto ficou desnorteado COM as estranhas estátuas de madeira dos reis que governaram antes de qualquer soberano humano, os sacerdotes egípcios disseram-lhe que ninguém podia entender esta história sem saber das "três dinastias".
Se Heródoto tivesse sido um iniciado nas escolas de Mistérios, teria compreendido que a primeira das três dinastias era a mais antiga geração de deuses criadores — Saturno, Reia, Urano —, a segunda geração sendo composta por Zeus, seus irmãos e filhos, como Apolo e Atena, e por fim a geração de semideuses e heróis. Esta última é o tema deste capítulo.

À medida que a matéria se tornava mais densa, e porque matéria e espírito são inimigos, a presença dos deuses era cada vez menos constante. Quanto mais elevado e inefável o deus, mais difícil era comprimi-lo na rede cada vez mais estreita de necessidades físicas que recobria a Terra. Parecia que os grandes deuses, como Zeus ou Palas Atena, só faziam sentir sua presença e intervinham diretamente nos assuntos humanos em tempos de crise.
Nas escolas de Mistérios, ensinava-se que viria uma mudança decisiva neste sentido por volta de 13.000 a.C. A Partir daí os deuses superiores encontrariam dificuldade para descer abaixo da Lua. Suas visitas à superfície da Terra se tornaram pouco freqüentes e fugazes. Acreditava-se que nestas visitas eles, por acidente, deixavam para trás um visco estranho e extraterrestre,uma planta que não pode crescer no solo da Terra, mas que cresce naturalmente na Lua.

Medalhão que mostra Ísis na Lua. Em *O asno de ouro*, de Apuleio, Ísis é descrita nos seguintes termos: "Pouco acima de sua testa havia um disco na forma de um espelho, ou semelhante à luz da Lua; portava serpentes numa das mãos, na outra, folhas de milho."

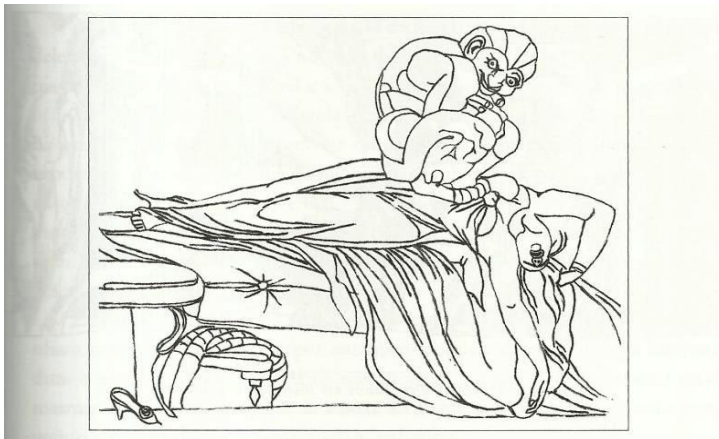
Sem a presença dos deuses superiores para reprimi-la, a progênie de Saturno, com aparência de caranguejo, que fora aprisionada nas cavernas subterrâneas, começou a ganhar a luz do dia de novo, infestando a superfície da Terra e pilhando a humanidade. Monstros marinhos também saltaram para as margens para arrastar os membros da tribo que chegavam perto demais. Gigantes levavam o gado e às vezes também predavam a carne humana.

Ocorreram grandes guerras entre seres humanos e exércitos de outras criaturas errantes de épocas anteriores. A guerra entre os centauros e os lápitas - uma tribo

de mineiros de sílex do Neolítico - é registrada nos frisos do Partenon. Os centauros foram convidados ao casamento do líder dos lápitas, mas ficaram inflamados ao ver os corpos brancos e sem pelos das mulheres lápitas. Arrastaram a noiva e a estupraram - e também a suas damas de honra e padrinhos. Na luta que se seguiu, um rei lápita foi morto e assim começou uma hostilidade que durou gerações.

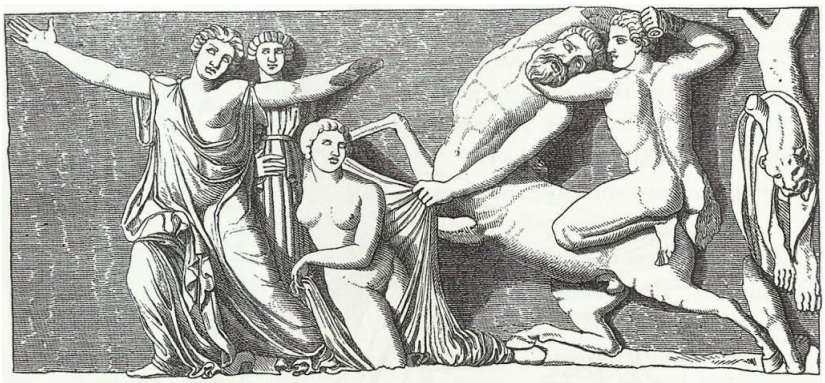
À medida que os ossos se tornavam mais densos, o mundo animal começou a sentir seu peso. A criação se esgotou e os animais ficaram violentos, uma vez que precisavam lutar pela sobrevivência. Conforme a queda da humanidade continuava, o mesmo aconteceu com a natureza. Adquiriu dentes e garras vermelhas. Leões e lobos

começaram a atacar seres humanos. As plantas desenvolveram espinhos para arranhar e dificultaram a colheita dos frutos. Além disso, plantas venenosas evoluíram, como o acônito.



Desenho feito pelo artista suíço Henry Fuseli, nascido no século XIX, de um demônio às vezes chamado de Hanon-Tramp. Os demônios da Lua habitavam o "lado escuro da Lua", onde tinham um papel legítimo na economia espiritual do cosmo, ajudando a retirar a corrupção dos espíritos humanos depois da morte. Porém, se entrassem no reino terrestre, pareciam anões malévolos. Com a altura de crianças de seis ou sete anos, com olhos grandes e hipnóticos, eles ocasionalmente emitiam um grito ensurdecedor que podia paralisar de medo um ser humano. Mais poderosos quando a Lua é minguante, esses demônios podem ser responsáveis por alguns contatos atuais com "alienígenas", que na forma física não participam da cosmologia esotérica.

O friso do Partenon também registra batalhas contra as amazonas, uma raça de guerreiras que foram as primeiras a montar cavalos em batalhas. Uma amazona precisava matar um homem antes de obter permissão para se casar. Usando armadura de peles e portando escudos em formato de meia-lua, sua cavalaria ceifava fileiras de soldados a pé. Elas eram magníficas e representavam uma nova forma de comportamento humano, pois junto com a possibilidade de morrer veio também a de matar. Se nos cortam, sangramos. Se nos cortam fundo ou com freqüência, morremos. Alguns seres humanos começaram a ter prazer com isso. O Livro de Enoque descreve como a superfície da Terra ficou coberta de exércitos em guerra e afirma que "a carne humana tornou-se perversa".



Batalha entre lápitas e centauros em friso do Partenon.

Com o fechamento do crânio humano e o entrelaçamento dos órgãos de percepção espiritual, os homens agora estavam apartados não só dos deuses que pairavam acima deles, mas um dos outros. Caía uma sombra sobre as relações humanas. Agora era possível que um centro de consciência acreditasse estar separado de outro. "Sou porventura eu o guarda do meu irmão?", perguntou Caim, que representa a evolução da nova forma de consciência. Esta pergunta nada teria significado para Adão e Eva, que eram como ramos da mesma árvore.

Da mesma forma que seríamos sobrepujados pelos mundos espirituais se eles não fossem filtrados, se não houvesse um filtro para a empatia, sentiríamos a dor de todos como a nossa e assim seríamos completamente esmagados pelo sofrimento dos outros. Sem algum isolamento, nenhum ser humano pode viver como indivíduo, ninguém poderia sentir na testa o fogo ardente que impeliu Caim. Mas é claro que havia armadilhas nisso...

A história mostra que o homem tem pavor de seres humanos com outras formas de consciência, o que em geral consideram difícil de tolerar. Às vezes sentem a necessidade de erradicá-los da face da Terra. Só precisamos pensar no tratamento dado pelos europeus aos astecas, o quase genocídio dos aborígines na Austrália ou a tentativa dos nazistas de eliminar os ciganos. Mais à frente, veremos que, desde os tempos de Moisés, os judeus estavam na vanguarda da criação de novas formas de consciência.

Agora o homem estava livre para cometer erros, escolher o mal e desfrutar dele. Não mais recebia toda a nutrição espiritual dos seios repletos de seiva láctea da Mãe Terra. A lei natural e a lei moral não eram mais a mesma coisa.
A Terra ficou mais fria, rígida e perigosa de muitas maneiras diferentes. As pessoas lutavam para sobreviver e às vezes se viam levadas aos limites do suportável.
Elas descobriram que a estrada à frente sempre seria assolada pelo risco da morte mas que morreriam se não pegassem essa estrada. A partir desse momento, teriam que colocar em risco o que mais valorizavam, ou o perderiam. Depois de passar de certo ponto, não há como voltar. Este ponto, como descobriram, precisava ser alcançado.
Elas descobriram coisas desagradáveis também sobre si mesmas - que tinham se tornado brutalizadas por este novo mundo e desenvolveram a carapaça dura e protetora do hábito. Abrir essa carapaça e expor a parte sensível delas mesmas - a melhor parte, que as trouxe à vida de novo - era um processo sangrento e doloroso, que poucos podiam enfrentar.
O mundo ficou mais escuro, um lugar de paradoxos, onde os opostos se encontram e onde é doloroso ser humano, um mundo que apela por heroísmo.

O maior e mais apavorante dos monstros, progênie de Saturno, chegou por último. Tífon surgiu do mar e seguiu direito para o Olimpo, cuspindo fogo pela boca e bloqueando o Sol com suas asas de morcego. Tinha cabeça de asno e, quando saiu do mar, os deuses viram que abaixo da cintura não havia nada, a não ser uma massa enovelada de milhares de serpentes. Zeus tentou atingi-lo com raios, mas Tífon os afugentou. Como Tífon não se deixava vencer, Zeus então pegou a foice de sílex que Cronos usara para castrar Urano. Mas os membros de serpente do monstro envolveram os membros de Zeus, dominando-os rapidamente, e arrancaram a foice de suas mãos. Depois, mantendo o rei dos deuses imobilizado, Tífon cortou todos os nervos de Zeus, que é

imortal e portanto não pode ser morto, mas sem os nervos ele era impotente.
Tífon levou os nervos e se retirou para uma caverna a fim de curar seus ferimentos. Em seguida Apolo e Pã surgiram das sombras e elaboraram um plano. Foram ao encontro de Cadmo, o herói caçador de dragões, que vagava pela Terra em busca de sua irmã Europa. Ela fora levada por Zeus, disfarçada de touro branco. Agora Apolo e Pã prometeram a Cadmo que, se ele os ajudasse, sua busca estaria encerrada.
Pã deu suas flautas a Cadmo e, disfarçado de pastor de ovelhas, o herói foi tocar para o ferido Tífon. Sem jamais ter ouvido música, Tífon foi hipnotizado por este estranho som. Cadmo lhe disse que não era nada se comparado à música que ele podia fazer com uma lira, mas infelizmente as cordas de sua lira estavam quebradas.
Tífon lhe entregou os nervos de Zeus e Cadmo lhe disse que precisava voltar para sua cabana de pastor para colocar as cordas na lira. Foi assim que Zeus recuperou seus nervos e pôde surpreender o monstro, derrotando-o e enterrando-o sob o monte Etna.
O que é importante observar aqui é que Zeus só foi salvo com a ajuda de um herói. Os deuses agora precisavam do homem.

Os mitos dos heróis gregos - Cadmo, Hércules, Teseu e Jasão - são as narrativas mais famosas da história humana. Pode parecer que estão inteiramente ausentes do relato bíblico mas, de acordo com a antiga tradição preservada nas sociedades secretas, Cadmo deve ser identificado com Enoque, o primeiro homem na tradição hebraica a quem os deuses apelaram por ajuda.
O Antigo Testamento contém apenas algumas palavras enigmáticas sobre Enoque. Gênesis 5:21-24. "Enoque viveu 65 anos, e gerou Matusalém. Após o nascimento de Matusalém, Enoque andou com Deus durante trezentos anos, e gerou filhos e filhas. A duração total da vida de Enoque foi de trezentos e sessenta e cinco anos. Enoque andou com Deus, e desapareceu, porque Deus o levou."
Há pouca coisa além disso mas, como já vimos, existe uma tradição literária sobre Enoque na literatura hebraica, inclusive alguns livros

que são muito citados no Novo Testamento. Em um deles, o Livro do Jubileu, Enoque descobre os escritos dos Sentinelas, mas esta é uma tradução canhestra. O que se diz que ele descobriu, e que significa que inventou, é a própria linguagem.

A tradição hebraica apresenta Enoque como uma figura estranha. Era desagradável olhar seu semblante reluzente e sua presença inquietante. Nisto ele pode nos lembrar do Jesus dos Evangelhos, cativando grandes multidões mas sentindo a necessidade de se retirar e ficar sozinho com os grandes seres espirituais que se revelam para ele.

Na solidão, Enoque pôde comungar com os deuses e anjos com uma clareza que a humanidade perdia rapidamente.

A princípio, Enoque passava um dia ensinando à multidão, depois ficava três dias sozinho. Em seguida ele ensinava apenas um dia por semana, depois um dia por mês e por fim um dia por ano. As multidões ansiavam por sua volta, mas, quando ele retornava, seu rosto brilhava com tal intensidade que era desagradável olhá-lo, e assim as pessoas precisavam desviar os olhos.

O que Enoque fazia em suas vigílias solitárias? Veremos repetidas vezes que os grandes momentos críticos da história são causados por dois tipos de pensamento. Primeiro, os momentos decisivos aparecem quando grandes pensadores como Sócrates, Jesus Cristo e Dante refletem pela primeira vez sobre algo que ninguém jamais havia cogitado.

Segundo, os momentos críticos surgem quando os pensamentos são registrados e inscritos de forma indelével, pois preservam parte da sabedoria antiga que corre o risco de se perder para sempre.

A geração de Jared, pai de Enoque, foi a última a experimentar uma visão ininterrupta das gerações sucessivas de deuses, anjos e espíritos que emanaram da mente de Deus. O que Enoque estava preservando na primeira linguagem e nos primeiros monumentos de pedra, os círculos de pedra mais antigos, era esta visão das hierarquias dos seres espirituais que pairavam no alto. Enoque é uma das maiores figuras da história secreta do mundo porque fez um relato completo do que podíamos chamar, em termos atuais, de ecossistema dos mundos espirituais. Por isso ele é lembrado não só

como Cadmo na tradição grega, mas como Idris na tradição árabe e Hermes Trismegistos na tradição esotérica egípcia. Ele sabia que a linguagem enfraquece a memória, assim como os processos de pensamento enfraquecem a saúde. Ele previu uma catástrofe iminente que destruiria tudo o que foi feito pela humanidade, a não ser o que ele levava em sua cabeça e os sólidos monumentos de pedra.

Ele celebrou as hierarquias celestes não apenas em monumentos de pedra, mas na invenção da própria linguagem. Isso porque, de acordo com a doutrina secreta, toda linguagem se originou do batismo dos corpos celestes.

Na verdade, a arte primitiva que encontramos nas famosas cavernas de Lascaux, na França, e Altamira, na Espanha, também é uma descrição desses mesmos corpos celestes. Estes são os pensamentos da grande mente cósmica, ondulando por todo o cosmo. A linguagem e a arte agora permitiam que o homem se apropriasse desses pensamentos cósmicos.

Enoque se isolava cada vez mais nas montanhas, onde o solo era inóspito e o clima, tempestuoso. Um número cada vez menor de pessoas conseguia segui-lo. Ele disse: "Ali meus olhos também viram os segredos do raio e do trovão, e os segredos dos ventos, do orvalho e das nuvens. Ali eu vi o lugar de onde eles saem e tornam-se saturados com o pó da terra. Ali eu vi os receptáculos de madeira nos quais os ventos são separados, o receptáculo do granizo, o receptáculo da neve, o receptáculo da nuvem e a própria nuvem, a qual continuava sobre a Terra antes da criação do mundo. Eu também vi os receptáculos da Lua e do Sol, de onde eles vêm, para onde eles vão."

O Livro de Enoque relata que, em sua última visão extática, ele fez uma excursão pelos céus, pelas diferentes esferas de céu, pelas diferentes ordens de anjos que lá vivem e por toda a história do cosmo.

Por fim, Enoque se voltou para o que restava do bando maltrapilho de seguidores que conseguiram acompanhá-lo em sua caminhada pela montanha. Enquanto Enoque falava, eles olharam para o alto e

viram um cavalo descendo do céu num furacão. Enoque montou no cavalo e cavalgou para o céu.

O que esta história da ascensão de Enoque ao céu nos conta é que ele não morreu como um ser humano - porque não era propriamente humano. Como outros semideuses e heróis da tradição grega, Enoque/Cadmo era um anjo que ocupava o corpo de um homem.
As histórias de Hércules, Teseu e Jasão são conhecidas demais para que as contemos aqui, mas alguns aspectos têm significado especial para a história secreta.
Nas histórias do deus-homem Hércules, vemos a que profundidade a humanidade pode cair. Hércules queria ficar só para cuidar de sua vida material e desfrutar dos prazeres mundanos - beber, festejar, brigar -, mas foi repetidamente interrompido por seu dever de seguir o destino espiritual. Uma figura desajeitada, grosseira e às vezes risível, Hércules estava dividido entre forças cósmicas opostas.
Ovídio também mostra que Eros começou, à medida que os deuses se retiravam, a fazer suas estrepulias. Hércules era atormentado pelo desejo tanto quanto pelos espíritos que tentavam controlá-lo.
Hoje, se nos apaixonamos por uma pessoa bonita, podemos muito bem ver a beleza como um sinal de grande sabedoria espiritual. Quando olhamos em seus lindos olhos, podemos esperar encontrar ali o próprio segredo da vida. A história do amor de Hércules por Dejanira, de Ariadne por Teseu e de Jasão por Medeia revela que a ligação espiritual entre as pessoas já estava se tornando nebulosa. Agora era possível olhar nos olhos de alguém belo e ser ludibriado pelo que se via. A sexualidade ficara capciosa.
O perigo da ilusão foi agravado pelo amor pela ilusão. O que é melhor para mim e o que é pior para mim, aquilo que mais devo fazer e aquilo que menos devo fazer ficaram muito semelhantes. E, no fundo do meu coração, posso saber o que é o quê — mas um espírito perverso me faz querer tomar a decisão errada. Uma grande perturbação psíquica sempre cerca a grande beleza.
Os 12 trabalhos de Hércules mostram-no passando por uma seqüência de provações criadas por sucessivos espíritos que regiam as constelações. É uma série de provações pela qual todo

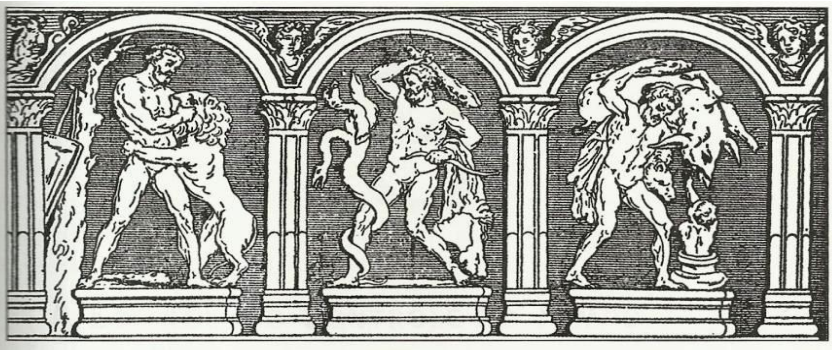
homem passa, e de modo geral a suporta inconscientemente, como Hércules. A vida de Hércules, então, ilustra a dor de ser humano. Ele é o homem comum, preso num círculo de dor.
Para a sensibilidade moderna, o fato de ser uma alegoria torna menos provável que seja uma descrição precisa de eventos reais. Os escritores modernos procuram eliminar a importância destes textos, aplainando-os para torná-los mais naturalistas.
Para os antigos, que acreditavam que cada coisa que acontecia na Terra era guiada pelos movimentos de estrelas e planetas, quanto mais uma narrativa trazia estes padrões "poéticos", mais verdadeiro e realista era o texto.
Assim, pode ser tentador ver as jornadas ao subterrâneo empreendidas por Hércules, Teseu e Orfeu como simples metáforas. É verdade que, em certo nível, suas aventuras representam o começo do entendimento da humanidade com a realidade da morte. Mas ao tentarmos imaginar as aventuras de Hércules, Teseu e outros, não devemos imaginá-las como jornadas puramente interiores ou mentais, como podemos pensar hoje. Quando eles lutavam com monstros e demônios, estavam enfrentando forças que infestavam seus próprios seres, a carne humana corrompida, o labirinto escuro do cérebro humano. Mas também combatiam monstros reais de carne e osso.

Se compararmos a história de Teseu e o Minotauro com o mito muito mais antigo de Perseu e a górgona Medusa, podemos ver que na época de Teseu a taxa de metamorfose parecia estar se reduzindo. Na história de Perseu, cada episódio envolve poderes sobrenaturais ou transformações mágicas. Por outro lado, o Minotauro, o homem com cabeça de touro, ao que parece é um sobrevivente raro ou errante de uma época anterior.
A última aventura que os semideuses e heróis fizeram juntos deve também ser interpretada como história. Guerras eram travadas para tentar roubar o conhecimento "santuário interno" de tribos rivais e, em certo nível, a busca de Jasão pelo Velocino de Ouro foi um exemplo de tal incursão.

Isaac Newton revelou parte da sabedoria secreta de sua irmandade quando disse que a busca pelo Velocino, assim como os trabalhos de Hércules, mostra o progresso do Sol pelos signos do zodíaco. O que ele não revelou, embora indubitavelmente estivesse ciente disso, era que o Velocino representa o espírito animal que foi totalmente purificado por catarse e por isso brilha como ouro.
Uma serpente enroscada numa árvore pretende impedir Jasão de pegar o Velocino. A serpente descende da serpente de Lúcifer, que originalmente engendrou a corrupção na psicologia da humanidade, enroscada na árvore do jardim do Eden.
Mas, se conseguir lhe subtrair o Velocino, Jasão conquistará grandes poderes. Será capaz de pedir que seu espírito deixe o corpo quando ele quiser, comunicar-se livremente com deuses e anjos, da mesma forma que as pessoas de épocas anteriores. Ele poderá controlar sua própria psicologia, influenciar telepaticamente a psique de outros e até transformar a matéria.
Assim, o texto da busca de Jasão, escrito por Apolônio, deve ser lido como um manual de iniciação e como um relato histórico verdadeiro. Veremos adiante que os alquimistas da Idade Média, e depois Newton, agiram com base nesta percepção.

Se você contemplar este período de Enoque, Hércules e Jasão com o olho da ciência, não verá nenhum dos grandes acontecimentos descritos neste capítulo. Não verá heróis ou monstros surgindo do mar, nem deidades espectrais como Zeus, ou a magia negra que provocou a queda de impérios. Verá apenas o vento e a chuva em uma paisagem melancólica e natural, em que os únicos vestígios humanos são, na melhor das hipóteses, alguns artefatos nada impressionantes e ferramentas primitivas feitas de pedra.
Mas talvez a ciência só nos mostre o que aconteceu na superfície. Quem sabe se coisas mais importantes ocorreram por baixo? O que a história secreta preserva é uma lembrança da experiência subjetiva, das grandes experiências que transformaram a psique humana. Então, o que é mais real? O que nos conta mais sobre a realidade do ser humano neste período, o relato científico ou o relato esotérico codificado nos mitos antigos?

Poderiam estes níveis de verdade ou realidade estar presentes nos eventos de hoje, mas ausentes da consciência orientada pela ciência que usamos para trafegar pelos engarrafamentos, supermercados e e-mails?



Os Trabalhos de Hércules. O neoplatonista Porfírio decifrou os 12 trabalhos e revelou os signos do zodíaco que estão por trás deles. De acordo com o pensamento atual, se uma narrativa é alegórica em sua forma, este é um bom motivo para acreditar que não pode ser um relato preciso de eventos históricos. Mas se você acredita, como os antigos, que todos os acontecimentos na Terra são regidos pelos movimentos dos corpos celestes, a verdade está no contrário disso. Todos os relatos de eventos históricos reais devem inevitavelmente espelhar eventos astronômicos, como a passagem do Sol pelas constelações. Hércules é aqui retratado no relevo de um sarcófago, viajando pelas constelações de Leão, representada pelo leão de Nemeia, Escorpião, representado pela Hidra, e o javali de Erimanto representando Libra – ao dominar o javali Selvagem, Hércules está equilibrando os espíritos animais com uma inteligência ponderada.

8. A ESFINGE E O CONTROLE DO TEMPO

Orfeu • Dédalo, o primeiro cientista • Jó • A solução do enigma da esfinge

Quando Jasão parte no Argos, naquela que provou ser a última aclamação de semideuses e heróis, seu barco continha muitas das grandes figuras da época, inclusiveHércules e Teseu. Mas entre os super-heróis musculosos havia um com poderes muito diferentes, uma figura de transição que aguardava uma vida depois que os semi-deuses e heróis partissem, quando o homem teria de viver por contra própria.

Orfeu vinha do norte, trazendo o dom da música. Sua música era tão bela que, além de encantar homens e animais, podia fazer árvores e até pedras se moverem.

Na viagem com Jasão, ele ajudou os heróis quando a força bruta não teve utilidade. Cantando e tocando sua lira, ele encantou as grandes pedras que ameaçavam esmagar o Argos e fez adormecer o dragão que guardava o Velocino de Ouro.

Ao voltar, apaixonou-se por Eurídice, mas no dia do casamento ela foi mordida no tornozelo por uma cobra e morreu. Cego pela tristeza, Orfeu desceu ao Subterrâneo. Estava decidido a não aceitar a nova forma de vida e morte e decidido a recuperá-la.

A morte agora era algo terrível, e não mais o descanso bem-vindo, quando o espírito se recuperava e se renovava, preparando-se para a encarnação seguinte. Era uma separação dolorosa daqueles a quem amamos.

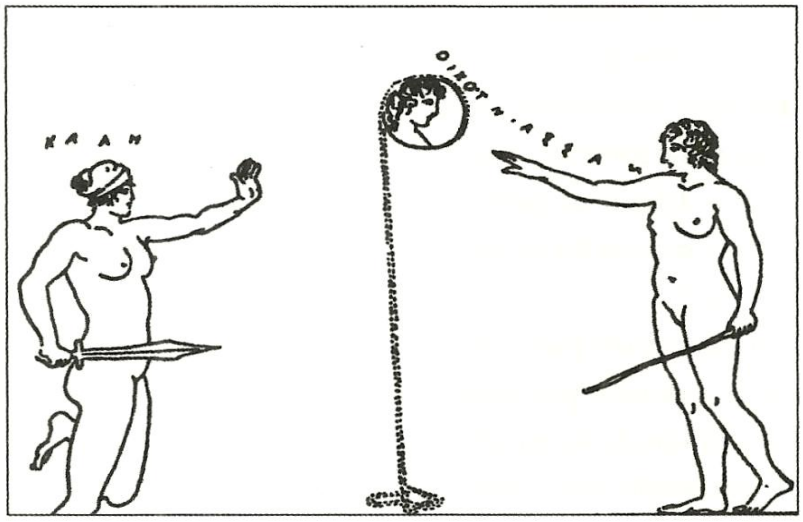
Ao descer cada vez mais, Orfeu encontrou o velho e horrendo barqueiro Caronte, que de início se recusou a levá-lo pelo rio Estígio até a terra dos mortos. Mas Caronte foi enfeitiçado pela lira, assim como Cérbero, o cão de três cabeças cuja tarefa era proteger o caminho para os Subterrâneos. Orfeu encantou também os demônios terríveis cuja tarefa era retirar dos espíritos dos mortos os desejos animais degenerados que ainda se agarravam a eles.

Por fim, ele chegou ao local onde o Rei do Subterrâneo mantinha sua amada presa. O rei não foi inequivocamente enfeitiçado por Orfeu, pois a libertação que lhe garantira não era incondicional. Havia uma pequena condição. Eurídice voltaria ao mundo dos vivos se Orfeu pudesse levá-la sem olhar para trás e se certificar de que ela o seguia.
Mas é claro que Orfeu, no último minuto, à medida que a luz do Sol batia em seu rosto, talvez com receio de ter sido enganado pelo rei, virou-se. Ele viu o amor de sua vida ser arrancado repentinamente dele, descendo pelas passagens de pedra, fora de vista, desaparecendo no Subterrâneo como uma réstia de fumaça. Outros heróis mais musculosos tiveram sucesso em suas empreitadas, travando combates ferrenhos nos limites de suas forças e resistência, sendo corajosos e jamais desistindo. Mas os tempos estavam mudando. Os grandes iniciados que preservaram esta história para nós queriam que entendêssemos que Orfeu fracassou porque tentou fazer o que todo bom herói havia feito - ele tentou se assegurar.
Pode ser também que sua música tenha perdido parte do encanto, pois ela não impediu que um bando de bacantes, as seguidoras de Dionísio, lançassem-se sobre ele e o dilacerassem membro por membro. Jogaram sua cabeça no rio e ela flutuou correnteza abaixo, ainda cantando. Enquanto flutuava, os salgueiros-chorões tomavam as margens. Por fim, a cabeça de Orfeu foi resgatada e colocada num altar de uma caverna, onde multidões vinham consultá-la como a um oráculo.

Se Cadmo/Enoque deu nome aos planetas e às estrelas, foi Orfeu que as mediu, e ao medi-las inventou os números. Existem oito notas musicais em uma oitava, mas de certa forma na verdade são apenas sete, uma vez que a oitava nota sempre representa a elevação à oitava seguinte. As oitavas, então, referem-se à ascensão pelas sete esferas do sistema solar, que na antiguidade eram essenciais para todo pensamento e toda experiência. Ao criar um sistema de notação, Orfeu estava dando origem à matemática.

Conceitos podiam ser manipulados, preparando o terreno para a compreensão científica do universo físico.
Orfeu é uma figura tradicional porque por um lado é um mágico com o poder de mover pedras com a música, mas por outro é um precursor da ciência. Mais adiante, veremos uma ambigüidade semelhante em muitos grandes cientistas. Outro representante da transição que aconteceu na época de Orfeu foi Dédalo. (Sabemos que eles foram contemporâneos porque este era guardião do Minotauro, morto por Teseu, que se uniu à busca pelo Velocino de Ouro.) Dédalo ficou famoso por ter feito asas de cera e penas para que ele e o filho, ícaro, fugissem de Creta. Ele também projetou o labirinto e é responsável pela invenção da serra e da vela de barco. Portanto, hoje o reconheceríamos como inventor, engenheiro e arquiteto. Ele não usava magia.
A ciência foi uma inovação da época, assim como a magia. Esta era a aplicação de uma forma científica de pensar ao sobrenatural. Nessa época, não vemos mais as mudanças aparentemente tranqüilas de épocas anteriores ou a transformação de quem nos ofende em aranhas, alces ou plantas. Em vez disso, vemos a esposa de Jasão, Medeia, e Circe, com quem Medeia procurou ajuda, conselhos e proteção. Circe e Medeia precisaram trabalhar para alcançar seus feitos sobrenaturais, usando poções, feitiços e encantamentos. Se a invenção das palavras e dos números permitiu que o homem começasse a manipular o mundo natural, também lhe deu a idéia de ser capaz de manipular o mundo espiritual. Medeia deu a Jasão uma poção vermelha como o sangue, feita do sumo do açafrão, para acalmar o dragão que guardava o Velocino. Ela usou feitiços e bagas de junípero para borrifar nas pálpebras do dragão. Lidava com elixires mágicos e sabia os segredos do encantamento de serpentes.
Conforme o mundo material se adensava e os seres dos mundos espirituais eram incessantemente expulsos, mesmo os espíritos mais inferiores, os espíritos da natureza, as sílfides, dríades, náiades e gnomos, tornaram-se esquivos. Pareciam desaparecer nos regatos, árvores e rochas, voando para a última luz do amanhecer. Mas ainda pareciam torturantemente próximos e eram

eles - como acontece agora - que os mágicos consideravam mais fáceis de manipular.
Alguns magos também tentaram curvar os grandes deuses à sua vontade, atraí-los Para abaixo da Lua. Os mitos do lobisomem original, Licaon, que incitou a inundação de Deucalião, da enchente provocada por Poseidon na planície trácia,
 levando Atena a transferir sua cidade para onde hoje fica Atenas, e das tempestades terríveis que perseguiram Medeia onde quer que ela fosse, são descrições das catástrofes ambientais resultantes da prática de magia negra.
No final desse período, a humanidade e a natureza estavam doentes.
Orfeu pode ter fracassado segundo os padrões do herói convencional, mas sua influência na história foi maior e mais prolongada do que a de Hércules, Teseu e Jasão.
A música originada por Orfeu seria um bálsamo para curar os doentes e os espíritos perturbados da humanidade ao longo dos milênios.
Se as pessoas estavam se tornando isoladas dos deuses e também umas das outras, se elas estavam se esgotando por um ambiente sempre inóspito e as vezes hostil, e se a imaginação delas era infestada de impulsos perversos e bestiais, tudo isso agora podia ser contra-atacado pela influência estética sobre a imaginação, não só por intermédio da música, mas da literatura, da pintura e da escultura. Inspirar imagens de beleza, verdade e amor funcionava na humanidade em um nível abaixo daquela da mente consciente. Elas eram mais poderosas do que qualquer ensinamento moral abstrato e explícito.

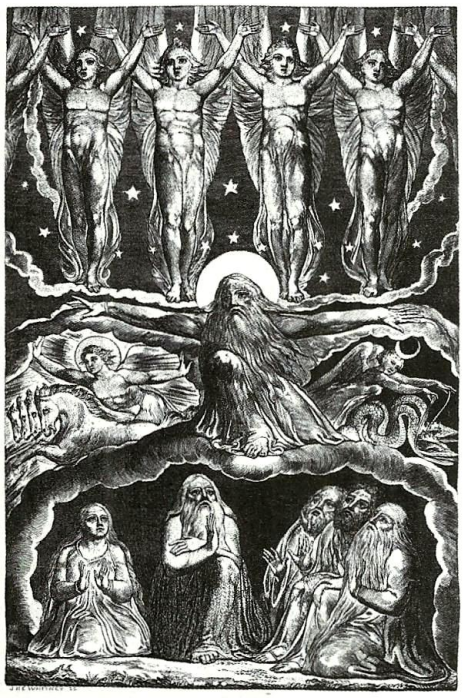


Magos preparando o feitiço da Lua. Ilustração grega.

Orfeu foi o fundador mítico dos mistérios gregos que iluminariam e inspirariam os gregos antigos.

Talvez a expressão artística mais poderosa da crise espiritual do final da era dos heróis esteja na Bíblia.
Na forma escrita que chegou a nós, a história de Jó é um dos últimos textos do Antigo Testamento, mas em sua origem é uma das partes mais antigas.
Jó era um homem bom, e no entanto perdera todo seu dinheiro. Seus filhos e filhas morreram. Completamente só, ele foi coberto por uma praga que lhe causava pústulas.
Enquanto isso, o mal prosperava. A história de Jó chegou a nós não por ele ter sido um grande líder ou ter realizado grandes proezas, mas porque foi o primeiro homem a ter um pensamento muito importante e profundamente verdadeiro: A vida não é justa. Hércules tinha sido o divertimento dos deuses, mas foi Jó quem gritou aos céus em desafio. Ao contrário de Hércules, ele tinha a linguagem para fazer isso.
Hoje não temos dúvida de que temos flexibilidade mental suficiente para escolher o que pensar. Porém, antes da invenção da

linguagem, a grande realização dessa época, tal flexibilidade não teria sido possível.
A linguagem permite que nos distanciemos do mundo. Possibilita que nos retiremos do que é fisicamente presente e pode nos permitir fragmentar a experiência, presente ou não, em partes que podemos manipular. De certo modo, podemos colocar a experiência na ordem que desejarmos.
Há um elemento alienante neste processo. Além das vantagens que trouxe, a linguagem deixou o mundo mais frio, mais escuro e mais enganoso. Vimos antes que o pensamento é em si um processo enfraquecedor.A linguagem também nos torna enfermiços, menos vivos e menos seguros em nossas andanças pelo mundo.
Assim, a linguagem trouxe uma nova forma de consciência. Antes de Jó as pessoas achavam que tudo o que lhes acontecia era para ter acontecido, que havia um propósito divino em tudo. Elas não questionavam essa noção— e nem podiam. Agora a linguagem permitia que Jô retrocedesse. Ele começou a perceber incoerências.A vida é injusta.



O *Jó* de Blake.

Mas Deus repreendeu Jó por compreender tão pouco. "Onde estavas tu, quando eu construía as fundações da Terra? Quando as estrelas da manhã cantavam juntas alegremente e todos os anjos clamavam por alegria? Ou entraste tu até as origens do mar, ou passeaste no mais profundo do abismo? Ou descobriram-se-te as portas da morte, ou viste as portas da sombra da morte? Onde está o caminho da morada da luz? E quanto às trevas, onde está o seu lugar? Es tu que atas os laços das Plêiades, ou que desatas as correntes do Órion?"
O que salvou Jó foi que ele tinha a sensação que todos temos quando estamos cientes de um sonho maravilhoso, quando tentamos trazê-lo de volta mas não conseguimos.
Ele estava ciente de que a experiência humana como um todo estava de certo modo diminuindo. "Quando a tua lâmpada luzia sobre minha cabeça, e a tua luz me guiava nas trevas." (Jó 29:2-4.) Jó se refere, é claro, à "Lanterna de Osíris".
Hoje a palavra "apócrifo" tem associações pejorativas, mas na verdade tem um significado oculto — ou esotérico. No testamento apócrifo de Jó, ele foi recompensado por ter consciência do que não sabia, consciência do que havia perdido. Os filhos e filhas de Jó lhe foram devolvidos, sendo que as filhas usando guirlandas de ouro.
O primeiro cinturão deu a Jó a capacidade de entender a linguagem dos anjos, o segundo, os segredos da criação, e o terceiro, a linguagem dos querubins.

A Música, a Matemática e a linguagem foram inventadas na época dos heróis, assim como a astronomia - outra realização atribuída a Enoque. Os primeiros círculos de pedra não marcavam apenas a disposição das hierarquias de deuses e anjos, mas as posições de estrelas e planetas.
Na história secreta, portanto, pela primeira vez é possível determinar as datas de grandes eventos.

Entre as patas do leão da esfinge de Gizé, voltada para o leste, há uma grande pedra que traz a seguinte inscrição: "Este é o Lugar

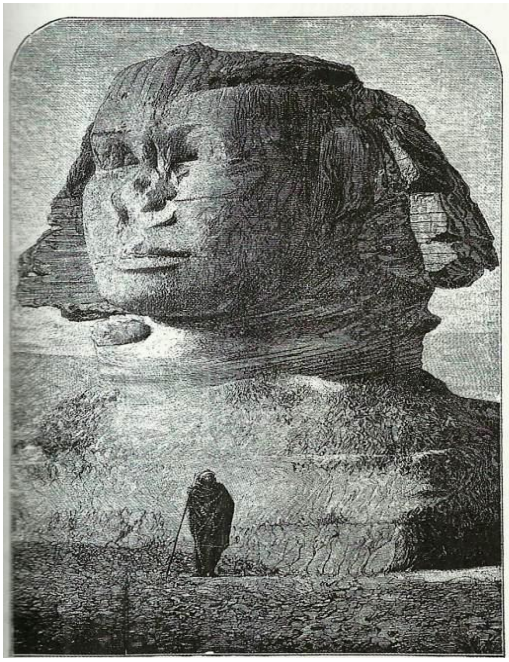
Esplêndido dos Primeiros Tempos."
Os misteriosos Primeiros Tempos, ou Zep Tepi, eram uma expressão que os egípcios usavam em alusão ao início dos tempos. Em sua mitologia, Zep Tepi foi marcado pela ascensão do mundo primordial a partir das águas e pela descida nele da Fênix.
Por uma proeza extraordinária de reconstituição, que realizou enquanto estava entre as patas da esfinge, Robert Bauval conseguiu determinar a data do Zep Tepi. Na mitologia egípcia, a Fênix chegou para marcar o início de uma nova era, e a Fênix, ou a ave Bennu, é o símbolo do ciclo sótico de 1.460 anos (o tempo que leva o calendário egípcio, de 365 dias, para voltar a entrar em sincronia com o início do ciclo anual, marcado pela ascensão helíaca de Sirius). A sincronia destes dois ciclos, o anual e o sótico, aconteceu em 11.451, 10.081, 7.160, 4.241 e 2.781 a.C Bauval percebeu de imediato que estas datas coincidiam com o começo de alguns dos grandes projetos de construção dos dois lados do Nilo. O início deste ciclo era claramente muito importante para os egípcios antigos.
Tentando deduzir que ciclo pode ter sido o "primeiro", ele de início foi atraído pela idéia de que podia ser 10.081 a.C devido a uma tradição esotérica de que a esfinge havia sido construída nesta época ou mesmo antes.
Em seguida Bauval deduziu que na data de 11.451 a.C. a Via Láctea, que tinha imenso significado nas culturas antigas de todo o mundo como o "rio de almas", situava-se diretamente acima do curso do Nilo e ali se espelhava. Além disso, também ocorreu a ele que nesta data de 11.451 a.C. os ciclos sótico e anual coincidiam com um terceiro ciclo, o Grande Ano — o ciclo completo de 25.920 anos do zodíaco. Nesta data a esfinge de corpo de leão e olhar voltado para o leste teria conduzido à aurora da Era de Leão.
A esfinge incorpora as quatro constelações cardeais do zodíaco, os quatro cantos do cosmo - Leão, Touro, Escorpião e Aquário - e os quatro elementos que juntos compõem o mundo material. A esfinge, de acordo com a história secreta, é um monumento que celebra a primeira vez em que os quatro elementos se uniram e a matéria afinal se solidificou.

Quando Platão escreveu no Timeu que a Alma do Mundo era crucificada no Corpo do Mundo, ele não estava profetizando a crucificação de Cristo, como alguns apologistas cristãos supuseram. Ele estava lembrando este momento crucial na história do mundo da maneira que o idealismo o concebia, quando a consciência por fim é fixada na matéria sólida.
A esfinge, portanto, tem um lugar muito especial na história contada pelo idealismo. Ela marca o ponto em que finalmente se formou a matéria sólida que hoje conhecemos, depois de ondas após ondas de emanações da mente cósmica. E por isso que talvez seja o maior ícone do mundo antigo. Só então as leis da física foram colocadas em movimento e a partir deste ponto as datas puderam ser determinadas, pois o grande relógio do cosmo afinal se ajustou em seu padrão complexo de órbitas.
Se o que de fato aconteceu foi esta última solidificação da matéria, seriam inválidos, é evidente, os métodos de datação atuais, como o carbono 14, usados para determinar cronologias antigas. A ciência moderna pressupõe em seus cálculos o que os antigos não imaginaram, isto é, que as leis naturais eram válidas em todos os lugares e em todas as épocas.

A esfinge exige que Édipo decifre um enigma: "O que anda sobre quatro pernas, depois em duas e em seguida sobre três pernas?" Se ele não conseguir responder, a esfinge o matará, mas ele interpreta corretamente como um enigma relacionado às idades do homem. Um bebê anda sobre quatro pernas, cresce e passa a andar sobre duas, até que fica tão velho que é necessária uma terceira perna, ou uma bengala. Mas as "idades" aqui também são outra forma de evocar a evolução da humanidade. O formato da esfinge é um monumento a esta evolução.
A esfinge é derrotada pela astúcia de Édipo e se lança num precipício. A morte da esfinge é uma forma de mostrar que nesta época os deuses dos elementos, aqueles que organizam os princípios do universo, foram absorvidos com sucesso no corpo humano.

Essencial à lenda de Édipo é o destino terrível que ele esperava evitar mas não conseguiu. Ele mata o pai e se torna amante da mãe. A medida que as leis da natureza se tornaram fixas e mecânicas, o ser humano foi aprisionado por elas.
Assim a esfinge marca o final da Era da Metamorfose, a fixação das formas biológicas que conhecemos, bem como a fixação das leis da natureza. Também impede o caminho de volta. No Gênesis, é um dos querubins que bloqueia o caminho de volta ao Eden, e os egípcios chamavam a esfinge, feita de quatro querubins, de "hu", que significa
protetor. Com isso eles queriam dizer que ela impedia qualquer deslize de volta às antigas formas de procriação.
É um mal-entendido comum que em 1650, quando o bispo Usher calculou a data da criação da humanidade em 4.004 a.C, este fosse o último vestígio de uma superstição antiga. Na realidade, o cálculo de Usher foi o produto de uma época em que o materialismo estava conquistando terreno - e assim também uma interpretação estreita e literal da Bíblia que pareceria absurda aos antigos. Eles acreditavam que a alma humana existiu por eras imensuráveis antes de 11.451 a.C, e só então o corpo humano, aquele que hoje conhecemos, se materializou plenamente em volta do espírito humano.
É interessante observar que, de acordo com os cálculos de Maneto no século III a.C., essa é quase exatamente a mesma época em que o reino dos semi-deuses chegou ao fim.

Veremos adiante que, de acordo com a doutrina esotérica, a matéria foi precipitada da mente há pouco tempo e que ela só existirá por um breve intervalo. Ela se dissolverá novamente daqui a apenas 9 mil anos, quando o Sol nascer e de novo encontrar o olhar da esfinge na constelação de Leão.
Nos ensinamentos das sociedades secretas, vivemos numa pequena ilha de matéria num vasto oceano de idéias e imaginação.



A esfinge, que mostrava os quatro elementos dispostos nos quatro pontos cardeais. Nos tempos modernos, o eminente egiptólogo R.A. Schwaller de Lubicz – protegido de Henri Matisse – foi o primeiro a revelar a um público maior que a esfinge podia ter sido entalhada antes de 10000 a.C. Ele observou o fato de que as paredes que cercam o monumento mostram sinais de erosão por ação da água, o que não pode ter acontecido depois dessa época. A esfinge, de acordo com a história secreta, é um monumento à primeira vez em que os quatro elementos foram dispostos e a matéria afinal se solidificou. Em 11451 a.C. o leste, o oeste, o norte e o sul foram alinhados com os quatro elementos que compunham o mundo físico.

9. ALEXANDRE O GRANDE NEOLÍTICO

Noé e o mito de Atlântida • O Tibete • A conquista da Índia por Rama • Os Ioga Sutras de Pantanjali

Se você tem um conhecimento superficial do mito da Atlântida, pode ter ficado com a impressão de que só existe uma fonte antiga para esta lenda - Platão.

Vejamos o relato platônico. Os sacerdotes egípcios contaram a Sólon, estadista e advogado da geração do bisavô de Platão, sobre uma grande ilha no Atlântico destruída cerca de 9 mil anos antes, por volta de 9.600 a.C.

A civilização desta ilha foi criada pelo deus Poseidon e povoada pelos descendentes de sua união com uma bela mulher chamada Cleito. (Como vimos no Capítulo 5, esta intervenção de um deus-peixe é um relato codificado da evolução, comum nas mitologias de todo o mundo.)

Assim como a ilha principal, esta civilização atlante também governava várias ilhas menores na região.

A maior ilha era dominada por uma linda e fértil planície e uma grande colina. Ali morava Cleito, e seu povo desfrutava de alimentos que cresciam em abundância na ilha. Dois regatos de água fluíam pela terra, um de água quente e outro de água fria.

Para manter Cleito para si mesmo, Poseidon tinha uma série de canais circulares em volta da colina. Na época, desenvolveu-se uma sofisticada civilização, domesticando animais selvagens, minerando metais e construindo templos, palácios, pistas de corridas, ginásios, banhos públicos, edifícios governamentais, portos e pontes. Muitas paredes eram cobertas de metais — bronze, estanho e um metal vermelho, que nos é desconhecido, chamado oricalco. Os templos tinham telhados de marfim e pináculos de prata e ouro.

As ilhas de Atlântida eram governadas por dez reis, cada um com seu reinado, sendo que nove eram subservientes ao governante da

ilha maior.
O templo central, dedicado a Poseidon, tinha estátuas deste deus, inclusive uma dele de pé numa carruagem puxada por seis cavalos alados e flanqueada por centenas de nereidas cavalgando golfinhos. Touros perambulavam livremente pela floresta de colunas deste templo e a cada cinco ou seis anos os dez reis que governavam as ilhas ficavam a sós no templo para caçar os touros sem usar qualquer arma. Eles capturavam um, levavam-no para a grande coluna de oricalco, onde estavam inscritas as leis de Atlântida, e ali o decapitavam.
A vida nas ilhas de Atlântida em geral era idílica. Na realidade, a vida era tão boa que por fim as pessoas não suportaram mais e ficaram inquietas, decadentes e corruptas, procurando por novidades e poder. Então Zeus decidiu puni-las. As ilhas foram submersas até que só restaram pequenas ilhotas, como um esqueleto se projetando do mar. Depois, um grande terremoto engolfou, no decorrer de um dia e uma noite, tudo o que sobrara.

Sim, esta narrativa da destruição de Atlântida seria improvável se Platão fosse o único escritor clássico a tratar do tema. Sobre isso, disse Aristóteles, "Só Platão
fez Atlântida surgir do mar, e depois a submergiu de novo", o que queria dizer que Platão simplesmente inventou toda a história. Porém, um pouco de pesquisa mostra que a literatura clássica está repleta de referências à Atlântida, por exemplo nas obras de Proclo, Diodoro, Plínio, Estrabo, Plutarco e Posidônio, e incluem muitos elementos que não estão em Platão e parecem vir de fontes anteriores - supondo-se, isto é, que eles também não tenham inventado.
Proclo afirma que trezentos anos depois de Sólon, Crantor, guiado pelo sacerdote de Sais, viu colunas recobertas de hieróglifos que contavam uma história de Atlântida. Um quase contemporâneo de Platão, agora conhecido como pseudo-Aristóteles, escreveu sobre uma ilha paradisíaca semelhante em seu livro Das maravilhas que ouvi.

O historiador grego Marcelo, quase contemporâneo de Platão, recorre claramente a fontes antigas quando escreve que "No oceano exterior [o Atlântico] há sete pequenas ilhas e três grandes, uma das quais era dedicada a Poseidon". Isto se coaduna com o relato de Platão em relação ao número de reinos. Um historiador grego do quarto século a.C., Teopompo de Cós, relata uma história contada por Midas de Frígia duzentos anos antes de Platão, segundo a qual "além das conhecidas partes do mundo - Europa, Ásia e Líbia [África] - há outra que é desconhecida, de imensidão incrível, onde vastas campinas de flores e pastos alimentam rebanhos de feras de variados tamanhos e força e onde os homens são duas vezes mais altos e vivem duas vezes mais do que os homens comuns." Como já vimos, Enoque e os mitos e lendas de muitas culturas do mundo registraram a predominância de gigantes antes do Grande Dilúvio.

E, é claro, há o mito grego do Grande Dilúvio. A história de Deucalião é muito mais antiga do que Platão. Como no relato de Platão e na narrativa bíblica, há uma implicação aqui de que o Grande Dilúvio pretendia destruir a maior parte da humanidade, uma vez que seu desenvolvimento dera errado. Rudolf Steiner ressaltou que as histórias de semideuses e heróis - Cadmo, Teseu, Jasão - todas envolvem jornadas para o Oriente. Devemos interpretá-las, diz ele, como histórias de migrações que aconteceram à medida que se deterioraram as condições nas ilhas de Atlântida e antes da catástrofe definitiva.

Quando Platão escreve sobre Poseidon, o primeiro deus-rei de Atlântida, devemos nos lembrar do que vimos no Capítulo 5 - que Poseidon era a forma original meio-peixe de Zeus-Júpiter. Poseidon também era o deus do mar furioso, deus dos subterrâneos, das profundezas vulcânicas, cujo rugido de touro indicava catástrofes climáticas. Poseidon estava em ação tanto no início como no fim da história de Atlântida.

Outras culturas antigas concordam com o relato de Platão. Os astecas da América registraram que eles vieram de "Aztlan", "a terra no meio da água". As vezes esta terra era chamada de "Aztlan das Sete Cavernas". Era retratada como uma grande pirâmide de

degraus, cercada por seis pirâmides menores. De acordo com as tradições compiladas pelos invasores espanhóis, a humanidade quase fora eliminada por uma grande inundação e teria perecido se não fosse por um sacerdote e sua esposa, que construíram um barco feito com um tronco oco, em que também resgataram sementes e animais. A astronomia complexa e sofisticada destas tribos americanas permitiu que os pesquisadores modernos datassem a inundação em cerca de 11.600 a.C.

Isso pode estar a uma grande distância da data dada por Platão, 9.600 a.C., mas a questão crucial aqui é que as duas datas fixam a inundação no final da Era Glacial. A geologia atual nos diz que à medida que as calotas de gelo derreteram, uma série de inundações irrompeu do norte. Já observamos a sugestão de que as ilhas de Atlântida sofreram várias inundações catastróficas por um longo período antes que a última ilha submergisse completa e definitivamente.

Hoje os arqueólogos do mundo submarino estão descobrindo os restos de civilizações de muitas partes do planeta que foram cobertas por dilúvios causados pelo derretimento do gelo no final da Era Glacial. Em abril de 2002, histórias de mergulhadores, contadas por pescadores locais, foram usadas para localizar a cidade perdida dos Sete Pagodes na costa de Mahabalipuram, na índia. As estruturas semelhantes a templos que foram encontradas são muito maiores e mais complexas do que esperaríamos do final da Era Glacial (o Neolítico), ou a Nova Idade da Pedra. O escritor e pesquisador Graham Hancock, que muito tem feito para questionar nossos pressupostos acadêmicos sobre a história antiga, afirmou nesta época que "Por muitos anos argumentei que os mitos de dilúvios do mundo merecem ser levados a sério, uma opinião rejeitada pela maioria dos acadêmicos ocidentais. Mas aqui, em Mahabalipuram, provamos que os mitos estão certos e os acadêmicos errados".

Eu mesmo vi artefatos recuperados do leito oceânico da costa americana do Atlântico — as chamadas pedras de Scott — e fiquei convencido de que sua reprodução seria muito difícil para a tecnologia de hoje, que dirá há 11 mil anos, quando a área em

questão estava submersa. Em termos de design, as pedras de Scott mostram características que são extraordinariamente semelhantes aos artefatos egípcios. Não cabe a mim revelar este segredo, mas espero que talvez Aaron du Vai, presidente da Sociedade do Museu de Egiptologia de Miami, decida mostrar ao mundo o que ele tem.
Nos mitos gregos que nos chegaram, não sobreviveu nenhuma descrição detalhada dos acontecimentos que puseram estes artefatos sob o mar e o relato bíblico é caracteristicamente breve, mas este pode ser suplementado e esclarecido por narrativas de outras culturas, em particular a Suméria, e relatos do Oriente Próximo. Nenhum erudito contesta que algumas destas narrativas de culturas mais antigas proporcionaram material que serviu de fonte para a história bíblica. Elementos que nos são familiares da Bíblia, como a arca, as pombas e o ramo de oliveira, apareceram nos relatos sumérios primitivos, em que Noé é chamado de Ziusudra. Ele também aparece no relato mesopotâmico, em que é chamado de Atrahasis, e no babilônio, que o batizou de Upnapishtim. O cruzamento dessas diferentes versões cria uma versão ampliada da história bíblica:

Certo dia Noé estava numa cabana de junco quando ouviu uma voz vindo pela parede que o alertava de uma tempestade que eliminaria a humanidade. Derrube a cabana de junco e construa um barco, ele ouviu. Noé e sua família construíram uma grande embarcação feita de junco, calafetando-a por fim com betume para torná-la à prova d'água. Tudo que crescia no chão, tudo que nele pastava, as aves do céu, o gado e os animais selvagens que perambulavam em campo aberto, ele colocou no barco. Depois, por seis dias e seis noites a tempestade grassou e seu barco foi agitado pelas ondas. O aguaceiro, a tempestade e a inundação dominaram a superfície da Terra. No sétimo dia, ouvindo os ventos começarem a diminuir, Noé abriu uma janela e a luz atingiu seu rosto. O mundo estava em silêncio, pois toda a humanidade tinha voltado ao barro...

O dilúvio catastrófico que quase destruiu a humanidade é lembrado todo ano pelos vivos e pelos mortos no Dia de Finados ou no

Halloween. Na Inglaterra, ainda no século XIX, os aldeões se vestiam como os mortos, com máscaras, e soltavam murmúrios com os lábios fechados, imitando o som feito pelos mortos-vivos, o que originou, em inglês, a palavra "mummers", "mascarados".

Quando Noé e sua família desembarcaram e colocaram os pés em terra seca, algo muito estranho aconteceu. "Noé, que era agricultor, plantou uma vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se e apareceu nu no meio de sua tenda. E Cam, vendo a nudez de seu pai, saiu e foi contar a seus dois irmãos" (Gênesis 9:20-22).

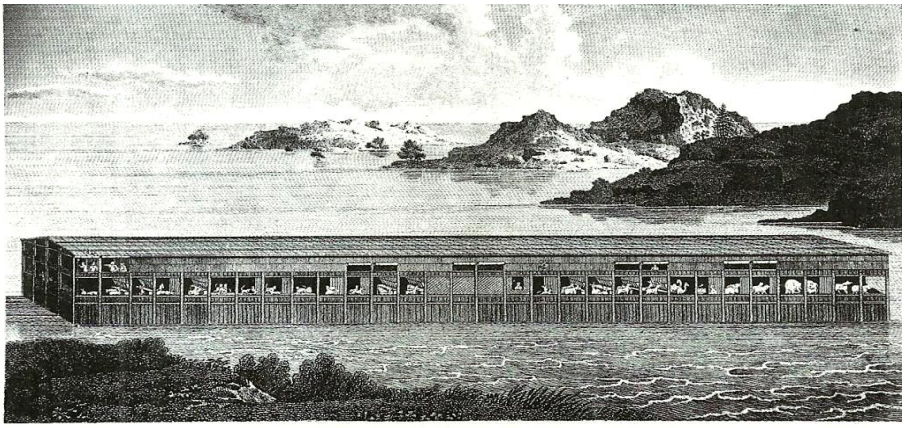
É inteiramente adequado que Noé tenha se tornado agricultor, pois a arqueologia nos diz que a agricultura começou neste período, o Neolítico. Mas o que fazer com a estranha história de sua nudez e embriaguez?

Para encontrar sentido nisso, devemos nos voltar para a tradição que identifica Noé com a lendária figura grega de Dionísio o Jovem.

Precisamos desembaraçar diferentes fios de histórias relacionadas com duas figuras de mesmo nome. Dionísio é o nome de dois indivíduos distintos, um deus e, mais tarde, um semideus. Os dois fizeram contribuições muito diferentes para a história humana em duas épocas distintas. O Dionísio que deve ser identificado com Noé é muito diferente do Dionísio Zagreus anterior, o Dionísio o Velho, cujo desmembramento contamos no Capítulo 6.

Depois do dilúvio, Dionísio o Jovem, em geral retratado num barco, viajou da Atlântida, passando pela Europa, para a Índia com o objetivo de ensinar ao mundo todo as artes da agricultura, a colheita de safras, o cultivo do vinho e a escrita. Esta última, é evidente, foi ensinada por Enoque, mas agora havia o perigo de se perder na devastação provocada pelo dilúvio.

Dionísio e seus seguidores carregavam o tirso, um bastão com serpentes enroladas feito hera e que no topo trazia uma pinha semelhante à glândula pineal. Isso mostra que Dionísio também ensinou a evolução secreta da forma humana, ou seja, o desenvolvimento da espinha encimada pela glândula pineal que já consideramos.

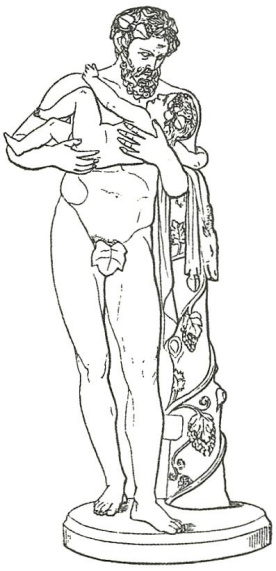


A arca de Noé. Segundo a lenda, o único animal que não entrou na arca foi o unicórnio, que portanto tornou-se extinto. Esta é uma descrição óbvia da redução dos poderes do Terceiro Olho. À medida que as águas do dilúvio se fecharam sobre a Atlântida, cessou a era da imaginação. Formou-se assim o subconsciente.

Os faunos, sátiros e toda a turba de Dionísio representam os seres extraviados de Atlântida. São os últimos remanescentes de um processo de metamorfose das formas. A história curiosa do Gênesis, dos filhos de Noé vendo os órgãos genitais do pai enquanto ele dormia bêbado, também se refere ao enfraquecimento deste processo. Vimos que os genitais foram as últimas partes da anatomia humana a evoluir para sua forma atual, e os filhos de Noé estavam curiosos para descobrir sobre suas origens. Seriam eles filhos de um ser humano ou de um semideus, de um homem ou de um anjo?
As histórias sobre este indivíduo nas tradições grega e hebraica — Dionísio o Jovem e Noé — estão relacionadas com a uva e a embriaguez. Já encontramos seguidores de Dionísio. As bacantes desregradas e selvagens dilaceraram membro por membro de Orfeu com os dentes e as unhas. Num estado de embriaguez extática, as bacantes foram possuídas por um deus.

Os povos primitivos sempre viveram em sintonia com a parte vegetal de sua natureza. Um dos resultados disso é que eles compreendiam que diferentes plantas têm efeitos distintos na biologia, na fisiologia e na consciência humanas.

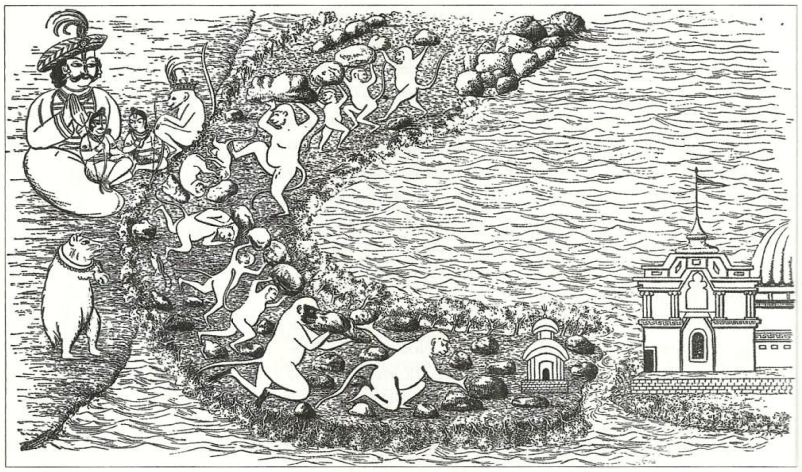
O que vimos nas tradições grega e hebraica sobre o início da agricultura é uma descrição de uma forma de consciência nova e mais ponderada. Qual símbolo externo do impacto do pensamento humano organizado na natureza é maior do que os campos de trigo?



Dionísio o Jovem foi educado pelo sátiro Sileno.

Agora a tarefa dos líderes da humanidade seria forjar a nova consciência orientada pelo pensamento.
No Zend-Avesta a literatura sagrada do zoroastrismo, a figura de Noé/Dionísio é chamada de Yima. Ele diz às pessoas como construir um povoado — um "var" -, um lugar cercado, uma espécie de fortaleza "que abrigue homens, gado, cães, aves e chamas ardentes". Ele instrui as pessoas para que, quando chegarem ao lugar que colonizarão, "drenem a água, fixem postes de fronteira, depois façam casas, paredes de barro, esteiras e cercas". Ele insta seu povo a "expandir a terra cultivando-a". Não deveria haver "nem repressão nem vileza, nem frouxidão nem violência, nem pobreza nem derrota, sem fracassos, dentes longos, gigantes ou qualquer uma das características do espírito do mal".

Novamente, vemos uma angústia com relação a uma volta a formas anômalas de épocas anteriores, como os gigantes.



A invasão do Ceilão por Rama, o "pastor dos povos".

O poeta épico grego Nono descreveu a migração de Dionísio para a índia. E a mesma jornada também é descrita no Zend-Avesta como "a marcha do Ram na índia". Mas a descrição mais completa está no grande épico indiano, o Ramayana.

Algo que fica claro por estas narrativas é que as grandes migrações para o Oriente não foram mudanças para territórios desabitados. Enquanto os povos de Atlântida foram completamente eliminados, os emigrantes viajavam para novas terras ainda ocupadas por tribos aborígines. Vemos a reação de Dionísio ao que encontrou nestas novas terras na proibição do canibalismo e do sacrifício humano. Os sacerdotes nativos às vezes mantinham enormes cobras ou pterodátilos, sobreviventes raros de tempos ante-diluvianos, que eram adorados como deuses e se alimentavam do corpo dos cativos. O Ramayana descreve como Rama e seus seguidores de repente invadiram estes templos com tochas e expulsaram sacerdotes e monstros. Ele apareceria sem aviso entre os inimigos, às vezes com o arco retesado, às vezes sem qualquer defesa, a não ser por sua capacidade de petrificá-los com seu olhar de lótus azul-claro.

Rama não tinha posses, era um nômade. Seu reinado repousa no fundo dos mares. Não teve a vida de um rei, mas vivia no campo com a amada Sita.
Então Sita foi abduzida por Ravana, o mago do mal. O Ramayana narra a conclusão da jornada de Rama com a conquista da índia e a tomada do Ceilão, o último refúgio de Ravana. Rama fez uma ponte sobre o mar entre o continente indiano e o Ceilão com a ajuda de um exército de macacos, isto é, hominídeos, os descendentes dos espíritos humanos que se apressaram a reencarnar cedo demais e foram condenados a desaparecer. Por fim, depois de uma batalha que durou 13 dias, Rama matou Ravana ateando-lhe fogo.
Podemos ver Rama como um Alexandre o Grande neolítico. Depois da conquista da índia, ele teve o mundo a seus pés. E ele também teve um sonho.
Estava andando pela floresta numa noite de luar quando uma linda mulher veio em sua direção. A pele dela era branca como a neve e ela usava uma coroa magnífica. A princípio ele não a reconheceu, mas depois ela disse: "Sou Sita, pegue esta coroa e governe o mundo comigo." Ela se ajoelhou humildemente e lhe ofereceu uma coroa cintilante - o reinado que lhe fora negado. Mas justo nesta hora o anjo da guarda dele sussurrou-lhe ao ouvido: "Se colocares esta coroa na cabeça, não me verás mais. E se tomares esta mulher em teus braços, ela viverá uma felicidade que a matará de pronto. Mas se recusares seu amor, ela viverá pelo resto da vida livre e feliz na Terra, e teu espírito invisível a governará." Enquanto Rama se decidia, Sita desapareceu em meio às árvores. Eles nunca voltaram a se ver, vivendo o resto de suas vidas separados.
Histórias sobre a vida de Sita depois desse episódio sugerem que ela foi feliz, como prometeu o anjo da guarda. Havia algo muito moderno na ambigüidade e incerteza dessa história.
Podemos ver um paradoxo que está no cerne da condição humana. Todo amor, se verdadeiro, envolve renúncia.
Com sua perícia no arco, seu rosto bonito, os olhos azuis e o peito de leão, Rama é de muitas maneiras parecido com os heróis descritos pelos mitos gregos, como Hércules, mas na história de Rama há, digamos, algo de novo. Hércules foi solicitado a escolher

entre a virtude e a felicidade, e não é de surpreender que tenha escolhido esta última. Por outro lado, a história de Rama contém um elemento de surpresa moral. O leitor da história provavelmente concordará com Sita quando ela argumenta com Rama que é perfeitamente correto que ele aceite a coroa que lhe foi subtraída desde seu nascimento. Mas então as decisões surpreendentes de Rama - não tomar a coroa que é dele por direito e não se casar com a mulher que ama - expandem a imaginação moral e estimulam a inteligência moral.

A história de Rama nos incita a ver além do convencional, a nos imaginar na mente dos outros e também a pensar por nós mesmos. O pensamento esotérico sempre procurou solapar e subverter os modos de pensamento convencionais, habituais e mecânicos. Mais tarde veremos que roteiristas, dramaturgos e romancistas imersos no pensamento esotérico, de Shakespeare e Cervantes a George Eliot e Tolstói, estimularam a imaginação moral, uma das peculiaridades da verdadeira literatura superior. Se a grande arte e a literatura proporcionaram padrões, um senso de leis que operam para além do pensamento convencional, a grande arte esotérica trouxe estas leis para perto da superfície da consciência.

A história de Rama também nos leva de volta à idéia de que, segundo a história secreta, o cosmo foi formado a fim de criar as condições em que as pessoas viveriam o pensamento livre e o livre-arbítrio. Rama pode ter obrigado o que é bom e correto a seu povo governando-os com mão de ferro, mas deixou que eles decidissem por si mesmos. Rama é, portanto, o arquétipo do exilado ou "rei Secreto", ou ainda "filósofo Secreto", que influencia o rumo da história não do trono, mas misturando-se incógnito ao povo. Rama tentou ajudar o homem a evoluir livremente.

Rama é um semideus, mas dispensa o papel de governante do mundo. Os deuses ou mesmo os semi-deuses não mais se sentariam em tronos com corpos de carne e osso.

Ao final da jornada, os emigrantes descobriram Shambala, uma grande fortaleza espiritual na região montanhosa do Tibete. Teto do mundo, o Tibete é o maior e mais alto platô cercado por elevadas

cadeias montanhosas. Algumas tradições dizem que os tibetanos descendem diretamente dos atlantes.
Alguns dizem que Shambala só pode ser alcançada por meio de um túnel subterrâneo, outros que ela existe em outra dimensão, em que um portal secreto se abre em algum lugar na região. Santo Agostinho foi o maior teólogo cristão depois de São Paulo e, assim como este, era iniciado em uma escola de Mistérios. Ele escreveu sobre o lugar onde viviam Enoque e os santos, um paraíso terrestre tão elevado que não foi alcançado pelo dilúvio. Emmanuel Swedenborg, teólogo, diplomata e inventor sueco do século XVIII - e também o maior maçônico esotérico de seu tempo -, escreveu que o "Mundo Perdido" devia ser procurado entre os sábios do Tibete e da Tartária. Anne-Catherine Emmerich, mística católica alemã do século XIX, também escreveu sobre um monte dos Profetas, onde viviam Enoque, Elias e outros que não morreram da forma comum, mas "ascenderam", e onde também podiam ser encontrados unicórnios que sobreviveram ao dilúvio.
Das fortalezas nas montanhas do Tibete fluíam regatos de espiritualidade viva que se uniram, ganharam força, profundidade e largura e se tornaram um rio poderoso como o Ganges, que alimenta toda a Índia.

Nesta história do mundo escrita nas estrelas, a era seguinte teve início à medida que o Sol surgia na constelação de Câncer, em 7.227 a.C. Nessa época foi fundada a primeira grande civilização indiana, a mais antiga e espiritualizada das civilizações pós-diluvianas. Os fundadores tinham pouco apego ao recém-criado mundo material, que eles viam como "maya", uma ilusão que ameaçava obscurecer as realidades superiores dos mundos espirituais. Eles viam com nostalgia uma época em que este véu de matéria entre a humanidade e as hierarquias espirituais ainda não havia sido lançado.
Os banhos gelados e outras formas de tortura autoinfligida dos ascetas podem ser vistos como parte do esforço para se manter consciente dos mundos espirituais. Um esforço consciente foi feito por eles, enquanto o véu ainda era relativamente transparente, para

lembrar as feições do mundo espiritual e imprimi-las de maneira indelével na consciência humana.
Graças ao sucesso deste empreendimento, a índia ainda é a maior depositária de conhecimento espiritual do mundo, em particular quando se trata da fisiologia oculta. Como recentemente me disse um iniciado do mais alto nível, "Se você visitar a índia hoje, não poderá deixar de sentir que o ar ainda crepita de astralidade".
Os grandes mestres do Ocidente, como Pitágoras, Apolônio de Tiana e St. Germain, viajaram para a índia em busca dessa astralidade. Os evangelhos contêm algumas citações de fontes indianas mais antigas e outras idéias que se originaram lá.
Sir John Woodruffe, o acadêmico especialista em sânscríto que traduziu pela primeira vez os textos tântricos no século XIX, escreveu que até a venerável tradição sufi recorreu à sabedoria hindu a respeito dos ensinamentos sobre os chakras, por exemplo.
A partir da década de 1960, para muitas pessoas do Ocidente a religião indiana proporcionava um conhecimento espiritual prático, inclusive disciplinas espirituais e guias através dos mundos espirituais, que elas não conseguem encontrar na igreja. Uma livraria ocidental ainda possui em estoque mais livros sobre misticismo derivado do Oriente do que da tradição ocidental.

Depois de Rama rejeitar a coroa, nenhuma personalidade dominou este período. Enquanto Rama era um herói dado à ação, que combatia monstros, partia em aventuras longas e perigosas e fundava cidades, seus sucessores, às vezes chamados de os Sete Sábios, ou os rishis, tinham muita tranqüilidade e até certa inatividade. Não construíram edificações de pedra. Viviam nos prédios de barro ou em simples abrigos retorcidos na forma de raízes e gavinhas. Nada dos rishis durava, a não ser o que eles sabiam.
Há um ditado na Cabala que diz o seguinte: "Tudo o que você viu, até a flor, toda ave, toda pedra passará e se tornará pó, mas o que você viu neles não passará." Este é um ditado que seria simpático aos rishis. Sentados de pernas cruzadas para que as solas dos pés ficassem voltadas para cima, eles não tinham o desejo de sentir a

gravidade, o impulso para baixo e redutivo do mundo material, mas se voltavam para os mundos espirituais. Eram capazes de ver a ação dos seres espirituais na Terra, como eles ajudavam as sementes a germinar na primavera, as flores a florescer no verão, as árvores a dar frutos no outono - e como as sementes são preservadas em todo o inverno pelos mesmos seres espirituais. Os rishis viviam o fluxo e refluxo da influência espiritual como uma respiração gigante. A antiga civilização indiana era como o reino inferior do céu.

Dissemos antes que os materialistas se apropriaram de modo equivocado de palavras e expressões como "o significado da vida", usando-as num sentido secundário e um tanto desonesto. O mesmo pode ser dito de "espiritual", em geral usado por pessoas que querem se jactar de serem boas ou éticas de uma forma calorosa, vaga e talvez pseudomística. O que de fato significa "espiritual" é a capacidade de ver, ouvir e se comunicar com os espíritos, assim como os adeptos indianos.

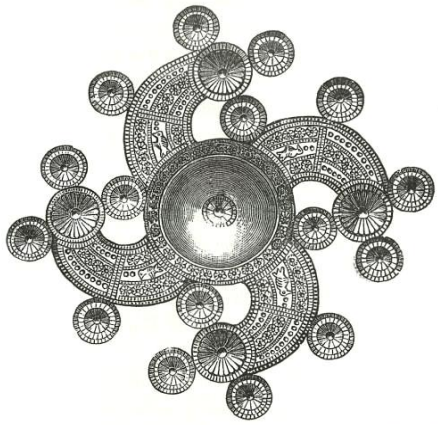
Eles também podiam se comunicar de maneiras ocultas. Sentiam se as pessoas eram simpáticas ou não por sua respiração. Ao respirar o mesmo ar de alguém, eles podiam sentir a vida interior desta pessoa.

Os adeptos eram capazes de verter seu conhecimento na alma dos outros em um fluxo incessante de imagens. Mais tarde, este conhecimento seria colocado em palavras e transmitido oralmente de geração para geração até que por fim os Vedas foram escritos.

O olhar deles podia afugentar serpentes e acalmar leões e tigres. Nada desviava os adeptos de sua contemplação. Eles vagavam livremente, construindo apenas os abrigos mais frágeis, comendo frutas e bebendo o leite de seus rebanhos. Só comiam matéria vegetal, jamais carne. Isto, acreditavam eles, era absorver a agonia da morte do animal.

Eles imergiram na consciência vegetal, nos processos físicos - acordar, dormir, respirar, digerir - que vimos que são os dons do reino vegetal concedidos ao corpo humano. Aprendendo a controlar o ens vegetalis ou corpo etérico, eles poderiam controlar também a respiração, a taxa de digestão, até o batimento cardíaco e o fluxo do

sangue, levando a proezas inacreditáveis pelas quais os adeptos indianos são famosos - como a capacidade de parar o coração só com o pensamento.
Os adeptos também entendiam que mergulhar fundo na contemplação do chakra do plexo solar permitia que eles percebessem as coisas com clarividência. E sabiam envolver os outros num feixe protetor de amor que emanava do chakra cardíaco deles.
Além das 16 pétalas do chakra cardíaco, os adeptos viam 101 artérias sutis e luminosas partindo da mesma área, como raios de uma roda. Três delas, as maiores que eles viam, subiam para a cabeça. Uma subia para o olho direito e correspondia ao Sol e ao futuro. Outra subia para o olho esquerdo e correspondia à Lua e ao passado.
Eles entendiam que por uma combinação destes dois órgãos o homem podia perceber os movimentos de objetos materiais em relação a outro no espaço e também ter um senso da passagem do tempo.
A artéria do meio subia do coração e passava pela coroa da cabeça. Deste modo, o caminho para cima é iluminado de baixo, por meio de um coração radiante. E era por esta rota da artéria média que o espírito partiria através da coroa e sairia do corpo na morte.
Esta civilização indiana antiga foi de certo modo um eco do mundo vegetal, cheio de luz solar e água, do período anterior à separação do Sol e da Terra. De certa forma, também foi um período indolente que teria de terminar para que o progresso acontecesse.
Para os antigos, toda vida pulsa, tem ritmo ou respira. Entendiam que toda vida humana respira temporariamente para o mundo de maya ou a ilusão, e sai dela, um processo que se repete ao longo das eras. Viam grandes bandos ou cardumes de almas sendo inspirados e expirados juntos da vida material.



A "suástica" neolítica entalhada em um seixo no pântano de Keighley, em Yorkshire, Inglaterra, é um símbolo do lótus rotativo de duas pétalas. Abaixo, o mesmo dispositivo em um broche com um sol celta encontrado na Suécia. O *Rig Veda* diz: "Atente para o belo esplendor de Savitri, o Deus-Sol da suástica, para inspirar nossas visões."

Vimos que os grandes seres de hierarquias superiores não podiam mais aparecer no corpo físico, como fizeram anteriormente na Atlântida. Ainda podiam aparecer como espectros semimateriais ou fantasmas, mas mesmo isso estava acontecendo com uma freqüência cada vez menor. No final dessa era, as pessoas só podiam vê-los com os olhos físicos uma ou duas vezes em toda a vida. A medida que os deuses se afastavam, as pessoas precisaram encontrar maneiras de segui-los.

E foi assim que nasceu a ioga.

No auge da meditação, um jorro de energia, proveniente da base da espinha, viajaria para cima através da artéria média, passando pelo coração e seguindo até a cabeça. Às vezes se pensava que esta energia era um ser semelhante a uma cobra, que subia para o crânio pela espinha e dava uma mordida num ponto localizado atrás da ponte do nariz. Esta mordida liberava um fluxo extático, como um cordão de correntes luminosas, 700 mil chamas resplandecentes que pareciam milhões de abelhas. Os adeptos se veriam em outra dimensão, que de início parecia consistir em um poderoso oceano de ondas gigantes de luz e energia - a experiência mística preliminar em todas as tradições. A medida que eles se acostumavam com o

mundo espiritual, essas forças aparentemente impessoais começavam a se definir nas vestes exteriores dos deuses e por fim as faces dos deuses surgiriam na luz, as mesmas faces dos deuses das estrelas e planetas com que nos familiarizamos nos últimos capítulos.

Um dos menores livros do mundo, mas um dos mais poderosos, é chamado os Ioga Sutras de Pantanjali. Foi escrito em sua forma final por volta de 400 a.C., mas tem origem nos ensinamentos dos rishis.

Pantanjali diz ao leitor para se concentrar na força do elefante e assim atingi-la. Ele diz que é possível conhecer vidas passadas concentrando-se no passado. Seria puro reflexo de nosso desejo acreditar que você ou eu podemos realizar estas façanhas desse jeito. Existem coisas que só os iniciados mais avançados e mais elevados conseguem fazer. O resto de nós só será capaz de realizálas em encarnações futuras.

Os rishis ensinaram que o objetivo da existência é a evolução de todo o cosmo e que as sementes de toda esta transformação estão no corpo humano.

Em 5.067 a.C., esses deuses levavam o cosmo para a fase seguinte da evolução humana, conforme o Sol entrava no signo de Gêmeos. O impulso para a evolução da humanidade que se movera para leste, da Atlântida submersa para a Índia, agora começava a se mover para o oeste, como continua a fazer hoje em dia.

10. O CAMINHO DO MAGO

A batalha de Zoroastro contra os poderes das trevas - Zoroastro, também conhecido como Zaratustra- • A vida e a morte de Krishna, o pastor • A aurora da Idade das Trevas

Em 5.067 A.C., na região que hoje conhecemos como Irã, foi vaticinado o nascimento de um grande novo líder. Devemos imaginar sua mãe vivendo numa pequena comunidade agrícola, como a que foi desenterrada em Çatal Hüyük.

Era o auge de um inverno excepcionalmente rigoroso quando surgiu a peste. Os boatos eram abundantes na comunidade, acusando a jovem mulher de bruxaria, afirmando que as tempestades e a peste eram obra dela.

Mais tarde, no quinto mês de sua gestação, ela teve um pesadelo. Viu uma imensa nuvem e dela surgiram dragões, lobos e cobras que tentaram arrancar o filho de seu corpo. Mas à medida que os monstros se aproximavam, a criança falou de dentro de seu útero e a reconfortou. Enquanto sua voz esmaecia, ela viu uma pirâmide de luz descendo do céu. Desta pirâmide surgiu um menino segurando um bastão na mão esquerda e um pergaminho na direita. Seus olhos brilhavam com um fogo interior, seu nome era Zoroastro.

Existem diferentes escolas de pensamento sobre a época de Zoroastro. Alguns autores do mundo antigo situam-no em cerca de 5.000 a.C., enquanto outros, como Plutarco, em 600 a.C. Isso se deve ao fato de haver mais de um Zoroastro. O nascimento do primeiro Zoroastro desencadeou tempestades de ódio. O rei estava dominado por um círculo de feiticeiros que o convenceram de que o menino devia morrer. Ele foi até a casa da jovem mãe e encontrou o bebê sozinho no berço. O rei estava decidido a apunhalar o bebê mas, quando ergueu a mão ficou misteriosamente paralisado. Mais tarde, mandou um de seus servos raptar o menino e abandoná-lo num descampado infestado de lobos. Mas a alcateia que o rei

esperava que fosse dilacerar a criança viu algo nos olhos dela e fugiu apavorada. A criança cresceu e se tornou o jovem do sonho da mãe.

Zoroastro com um pergaminho. Portar um pergaminho na mão direita sempre é sinal de que o indivíduo é adepto de uma filosofia secreta. Observe as ruas de Londres, Paris, Roma, Washington ou qualquer das grandes cidades do mundo e se surpreenderá ao ver quantas estátuas de grandes personalidades portam pergaminhos.

Mas as forças do mal sabiam que seu maior inimigo havia descido à Terra. Estavam apenas ganhando tempo.

A Era de Gêmeos foi de divisão. Não era mais possível viver com segurança no Paraíso, da maneira como as pessoas viveram na época indiana. Se a era indiana foi uma recapitulação da época paradisíaca, antes da separação da Terra e do Sol, esta nova era persa era uma recapitulação do período belicoso, em que os dragões de Lúcifer infestaram a vida na Terra. Agora as forças do mal se reafirmavam, lideraras por Ahriman (o Satã da tradição zoroastrista). O cosmo foi invadido por hordas de demônios que escureceram os céus. Demônios atiravam-se entre os homens e os escalões superiores das hierarquias espirituais. Se a era indiana foi uma época em que a fisiologia secreta da humanidade foi impressa

na memória humana, é a esta era persa que nos voltamos quando buscamos o conhecimento da demonologia.

Descrição etrusca de um demônio na forma de um Asura persa. O nome Asura significa, literalmente, não deus, "a" quer dizer "não" e Sura é o nome persa de um deus ou anjo. Em todas as tradições, os demônios costumam aparecer roendo as vísceras. Isso se deve à compreensão primordial de que a consciência e a memória não são armazenadas apenas no cérebro, mas em todo o corpo. As coisas que fizemos e as experiências que nos foram dolorosas, indigestas ou não nos deram conforto são guardadas nas vísceras.

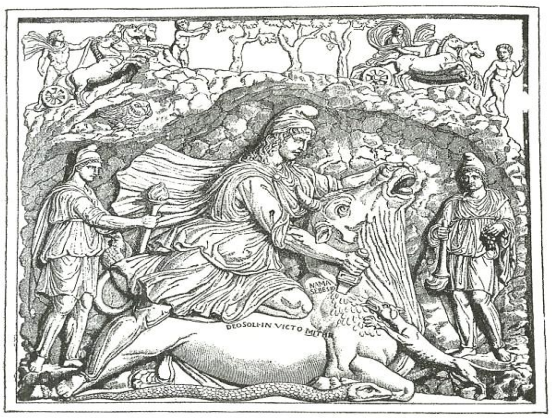
As hordas de demônios contra os quais Zaratustra liderou seus seguidores também foram classificadas por ele. Isso forma a base das classificações que as sociedades secretas usam atualmente.
Nesse momento decisivo da história, as pessoas começaram a ficar inseguras num nível que hoje chamamos de existencial. Tinham menos certeza de que viviam num cosmo que era em última análise benevolente, onde tudo ficaria bem no fim. Pela primeira vez, sofriam a espécie de medo que Emile Durkheim chamou de anomia - o medo do caos destrutivo que rasteja nas margens da vida, que pode nos acometer da escuridão exterior do acampamento ou da escuridão que nos domina quando estamos dormindo. Pode também estar esperando por nós em nossa morte.

Quando dormimos, perdemos a consciência animal. Nos ensinamentos das sociedades secretas, a consciência animal — ou o espírito — aparece flutuando fora do corpo durante o sono. Isso tem duas conseqüências importantes. A primeira é que o elemento animal de nosso corpo volta a um estado vegetativo. Não mais solapadas pelas perturbações da consciência animal ou pelo efeito de enfraquecimento do pensamento, as funções corporais

controladas pelo elemento vegetal são renovadas. Então acordamos reanimados.
A segunda é que, desligado das percepções sensoriais do corpo, o espírito entra num estado alternativo de consciência, que é uma experiência do mundo espiritual sublunar. Nos sonhos, percebemos os mundos espirituais, onde somos abordados por anjos, demônios e pelos espíritos dos mortos.
Ou ao menos foi o que o homem experimentou na época dos rishis. Na época de Zoroastro, a natureza humana havia se entrelaçado na matéria e era tão corrompida que os sonhos se tornaram caóticos e de difícil interpretação. Ficaram fantásticos e cheios de significados estranhos e distorcidos. Ainda assim, os sonhos podiam conter inspirações de espíritos, fragmentos de vidas passadas e até lembranças de episódios da história.
No sono mais profundo, o Terceiro Olho pode se abrir e ver o interior dos mundos espirituais, mas, quando acordados, esquecemo-nos disso.

Depois de anos no exílio, o jovem Zoroastro sentiu a necessidade de voltar ao Irã. Na fronteira, ele teve uma visão. Uma criatura espiritual gigantesca e reluzente vinha para recebê-lo e lhe pedia que o seguisse. Zoroastro teve de dar noventa passos para cada nove do espírito gigante enquanto este deslizava sobre o solo pedregoso, levando Zoroastro a uma clareira oculta por rochas e árvores. Ali, um círculo formado por outros seis espíritos semelhantes pairavam acima do chão. Este grupo cintilante se virou para receber Zoroastro e o convidou a deixar temporariamente o corpo físico para se juntar a eles.
Já encontramos estes espíritos cintilantes. Eles são os espíritos do Sol, chamados de Eloim. Agora eles preparavam Zoroastro para sua missão.
Primeiro disseram-lhe que ele devia passar pelo fogo sem se queimar.
Depois verteram chumbo derretido - o metal de Ahriman - em seu peito, mas ele sofreu em silêncio. Zoroastro depois tirou o chumbo do peito e devolveu-o calmamente a eles.

Então eles abriram seu torso e lhe mostraram os segredos dos órgãos internos, em seguida o fecharam.
Zoroastro voltou à corte e pregou o que os grandes espíritos lhe revelaram. Disse ao rei que os espíritos do Sol que criaram o mundo trabalhavam na transformação do mesmo, e que um dia o mundo seria um vasto corpo de luz.
O rei a que ele se dirigia era novo mas, assim como seu predecessor, era presa de ministros cruéis. Não quis ouvir esta boa nova e se deixou convencer pelos ministros a colocar Zoroastro na prisão.
Mas Zoroastro escapou da prisão e também das tentativas de assassiná-lo. Sobreviveu e travou muitas batalhas contra as forças do mal, lutas em que lançava seus poderes mágicos contra os poderes de feiticeiros do mal. Mais tarde, tornou-se o arquétipo do mago, com um chapéu alto, manto de estrelas e uma águia no ombro. Zoroastro era uma figura perigosa e um tanto desconcertante, preparada para combater o fogo com fogo.



Mármore do século II a.C. Mitra, arcanjo do Sol – São Miguel na tradição hebraica –, está abatendo o touro cósmico da criação material. Da coluna do touro brotam o milho, de vida vegetal, e de seu sangue, o vinho da vida animal. Observe que Mitra está usando o "manto frígio" que reapareceu na história esotérica quando foi vestido pelos iniciados das sociedades secretas que lideraram a Revolução Francesa. O martinista francês Joseph de Maistre reuniu, a partir de várias fontes, um relato das cerimônias de iniciação mitraica. Cavava-se um poço em que o candidato entrava e então uma grade de metal era colocada sobre a abertura do poço e nela ficava um touro, que era sacrificado. O candidato seria banhado no sangue do touro que escorria de cima. Em outra parte da cerimônia, o candidato se deitava em uma tumba como se estivesse morto. Depois o iniciador o pegaria pela mão direita e o puxaria para a "nova vida". Havia sete graus de iniciados: Corvo, Noivo, Soldado, Leão, Persa, Mensageiro do Sol e Pai.

Ele levou seus seguidores a grutas isoladas e ocultas na floresta. Ali, em cavernas subterrâneas, ele os iniciou. Queria lhes conferir os

poderes sobrenaturais necessários para lutar pelo bem. Sabemos sobre esta primeira escola de Mistérios porque ela sobreviveu por milênios nos subterrâneos da Pérsia antes de vir à tona como o mitraísmo, um culto iniciático popular entre os soldados romanos, e novamente no maniqueísmo, uma extinta religião de Mistérios que incluiu Santo Agostinho entre seus iniciados.

Paracelso disse: "É necessário aprender as coisas do mal como pertencendo ao bem, para que possamos reconhecê-las como do bem sem aprender o que é o mal." Reunião de uma sociedade secreta contemporânea nos bosques de West Sussex, Inglaterra. Às vezes se supunha que todas as sociedades secretas se comunicavam com espíritos do mal. Porém, as grandes sociedades secretas de importância histórica, como os rosa-cruzes e os maçons, admitem o lado sombrio com o intuito de combatê-lo.

Com provações iniciáticas apavorantes, Zoroastro preparou seus seguidores para enfrentar os demônios de Ahriman ou Asuras. Quem temesse a morte, disse ele, já estava morto.
Menipo, filósofo grego do século III a.C., iniciado pelos sucessores mitraicos de Zoroastro, registrou que depois de um período de jejum, mortificação e exercícios mentais realizados na solidão, o candidato seria obrigado a nadar pela água, passar pelo fogo e pelo gelo. Seria lançado numa cova de serpentes e cortado no peito por uma espada para que seu sangue escorresse.
Ao experimentar os limites exteriores do medo, o iniciado estava preparado para o pior que podia acontecer, tanto em vida como após a morte.

Uma parte importante desta preparação era induzir no candidato a experiência consciente da separação entre a parte animal de sua composição e as partes vegetal e material, como acontece no sono. Igualmente importante era experimentar a separação entre as partes animal e vegetal, como acontece depois da morte. Em outras palavras, a iniciação envolvia o que hoje às vezes chamamos de "experiência após a morte".

Pelo ato de deixar o corpo, o candidato sabia, sem qualquer possibilidade de dúvida, que a morte não era o fim.

As pessoas que aprendem a sonhar conscientemente, isto é, que têm a capacidade de pensar e exercer a força de vontade que em geral só desfrutamos em vigília, podem desenvolver poderes que são "sobrenaturais" segundo as definições atuais. Se você puder sonhar conscientemente, um dia poderá andar pelos mundos espirituais quando quiser, comunicando-se livremente com os espíritos dos mortos e outros seres desencarnados. Poderá talvez viajar a outras partes do mundo material e ver coisas de lugares em que você não está presente em corpo - a chamada viagem astral. O grande iniciado do século XVI, Paracelso, que, como veremos, alguns afirmam ser o pai da medicina experimental moderna e da homeopatia, disse que era capaz de visitar outras pessoas em sonhos.

Também veremos que muitas das grandes descobertas científicas foram reveladas a iniciados enquanto eles se encontravam neste estado alternativo de consciência.

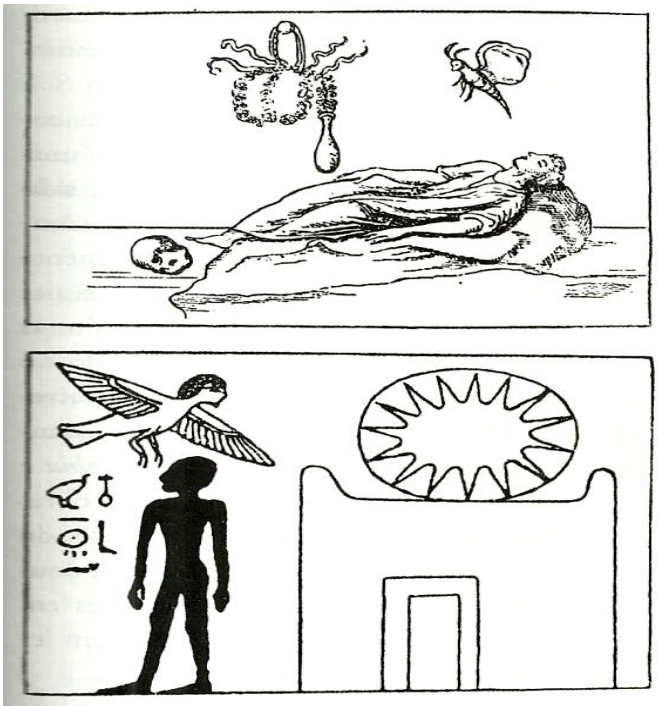
Os meios sobrenaturais de influenciar a mente são outros dos dons que a iniciação pode conferir. Os iniciados que conheci têm dons inquestionáveis para ler mentes que estão muito além da capacidade de reprodução em experimentos de "leitura fria" de cientistas céticos.

Da mesma forma, a ciência só tem as explicações mais frágeis e questionáveis para a hipnose. Isso porque, embora a hipnose possa ser usada de forma inconveniente por artistas populares, originalmente ela era — e ainda é, em seus fundamentos - uma prática oculta. Explicada de maneira definitiva apenas nos termos da mente-antes-da-matéria, ela teve origem com os rishis da Índia e em

técnicas praticadas pelos sacerdotes do Egito no processo de iniciação. No loga Sutras de Pantanjali, este poder de influenciar a mente de terceiros é um dos poderes chamados vibhuti. A influência da mente era usada para fins benévolos, mas, conforme o mundo se tornava um lugar mais perigoso, ela teria sido usada tanto para a defesa como para o ataque.
Já vimos que, numa filosofia de mente-antes-da-matéria, podemos afetar uma pessoa no nível subatômico pelo modo como a olhamos. As representações do Terceiro Olho na testa de iniciados egípcios por meio da serpente enroscada indica o poder de sair e atacar o que vê. No século XVII, o cientista e alquimista J. B. von Helmont disse que "um homem pode matar um animal fitando-o por 15 minutos".
No século XVIII, viajantes europeus na Índia ficavam maravilhados com a capacidade que os adeptos tinham para lançar alguém num estado imediato de catalepsia só pelo olhar. A história de um viajante do século XIX foi registrada por um amigo de George Eliot, o iniciado Gerald Massey. Este viajante foi hipnotizado pelo olhar de uma serpente. Ele imergiu cada vez mais profundamente num sono "sonambúlico" sob sua influência fascinante. Depois, outra pessoa na festa baleou a serpente, quebrando seu poder sobre ele, que sentiu um golpe na cabeça, como se tivesse sido atingido por uma bala. Viajantes no século XX contaram histórias de lobos que eram capazes de paralisar suas vítimas e evitar que elas gritassem, mesmo quando a vítima não tinha consciência de que estava sendo observada. Na cidadezinha de Crowborough, a menos de 9 quilômetros de onde escrevo, viveu um sábio e curandeiro chamado Pígtail Badger, ainda lembrado pelos habitantes locais. Os aldeões tinham medo dele porque se dizia que este homem alto, corpulento e de olhar feroz podia paralisar as pessoas apenas com o olhar. Também diziam que às vezes ele fazia isso com lavradores, depois sentava-se e comia o almoço deles sem se incomodar que ainda estivessem ali.

Os ensinamentos iniciáticos mais importantes têm relação com a vivência dos mundos espirituais depois da morte. Não porque um

candidato duvidasse de que havia vida após a morte — esta idéia teria sido impensável na época —, mas porque temia o que seria esta experiência. Em princípio, ele temia que os demônios de que fugiu a vida toda estivessem à sua espera. A iniciação mostrava aos candidatos como fazer a jornada depois da morte com segurança.
No sono, o espírito animal deixa para trás as partes vegetal e mineral do corpo. Na morte, por outro lado, a parte vegetal, que organiza as funções básicas da vida, parte com o espírito animal.
A porção vegetal da natureza humana tem muitas funções, inclusive a de guardar lembranças. A medida que a parte vegetal se separa do corpo material, as duas começam a se desintegrar. A desintegração da parte vegetal leva o espírito a viver uma análise da vida que acabou de concluir.



Iconografia do espírito deixando o corpo na arte egípcia e cristã (*Iconografia cristã*, de Didron). Na representação egípcia, o espírito aparece separando-se da alma-matéria descartada.

A porção vegetal se dissipa e se desliga do espírito animal em questão de dias.

Depois o espírito passa para a esfera sublunar. Ali ele é atacado por demônios que lhe expurgam de todos os desejos impuros, corruptos e bestiais, todos os impulsos de vontades para o mal. Esta região, — onde o espírito tem que suportar este processo doloroso de Purificação por um período que dura cerca de um terço do tempo que passou na Terra, é chamada de Purgatório na tradição cristã. Corresponde aos subterrâneos dos egípcios e gregos. E é o Kamaloca ("região do desejo") dos hindus.

Há um extraordinário dito atribuído ao mestre Eckhart- místko alemão do século XIII: "Se combateres a morte, sentirás os demônios arrancando tua vida, mas se tiveres a atitude correta diante da morte, poderás ver que os demônios são na realidade anjos libertando teu espírito." Um iniciado tem a atitude correta diante da morte. Ele vê por trás das aparências e sabe que os demônios, em seu lugar de direito, têm um papel inestimável no que podemos chamar de "ecologia" do mundo espiritual. A menos que seja purgado neste caminho, o espírito não pode ascender a esferas superiores e ouvir sua música. Em seguida à sua jornada pródiga na Terra, o espírito não pode ser reunido ao Pai antes de ser purificado.

É importante ter em mente que o conhecimento conquistado na iniciação não é seco nem abstrato, mas existencial. O iniciado tem uma experiência fora do corpo que é arrebatadora.

Da esfera lunar, o espírito desencarnado voa para o reino de Mercúrio, de lá para Vênus e de lá ara o Sol. Em seguida, o espírito vive, como colocou o orador grego Aristides, “uma luz que ninguém que não tenha sido iniciado conseguiria descrever ou compreender”.

É importante ter em mente que esse ensinamento era comum nas Escolas de Mistérios de todas as culturas do mundo antigo e foi perpetuado no mundo moderno pelas sociedades secretas. Do ‘Livro dos Mortos’ egípcio , passando pela cabala cristã da Pistis Sophia e pela ‘Divina Comédia ‘ de Dante, a obras modernas como ‘O Pequeno Príncipe’ do francês Antoine de Saint-Exupéry, a doutrina secreta é preservada, às vezes em livros que ó os iniciados conseguem ler - e em muitas oportunidades fora de vista.

Nos textos antigos, o iniciado aprende os nomes secretos dos espíritos que guardam a entrada de cada esfera e os ocasionais

apertos de mão secretos e outros sinais e fórmulas necessários para conseguir entrar. A Pistis Sophia imagina que estas esferas são feitas de cristal e os guardiões da entrada destas esferas são arcontes ou demônios.

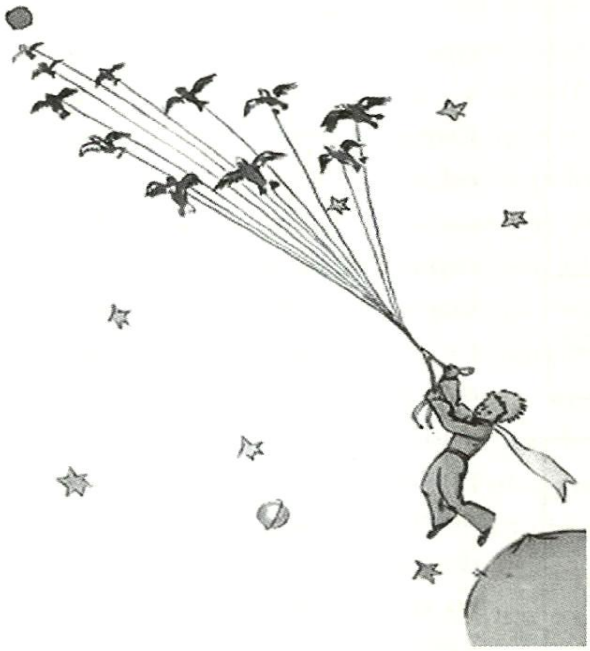


Ilustração de *O pequeno príncipe* que mostra a ascensão pelas esferas.

Em todas as religiões antigas, o ser que guia o espírito humano pelo subterrâneo e o ajuda a passar pelos demônios guardiões é o deus do planeta Mercúrio.

Mas os iniciados nas escolas de Mistérios guardam um estranho segredo. No meio da jornada pelas esferas, há uma troca. A tarefa de guiar o espírito humano para o alto é assumida por um grande ser cuja identidade talvez possa surpreender. Na última parte desta ascensão espiritual pelas esferas celestiais, o guia que ilumina o caminho é Lúcifer.

Na ecologia espiritual do cosmo, Lúcifer é um mal necessário, tanto nesta vida - porque sem Lúcifer o homem não sentiria desejo - como no além. Sem Lúcifer, o espírito mergulharia em completa escuridão e não compreenderia a ascensão. O escritor romano Apuleio, do

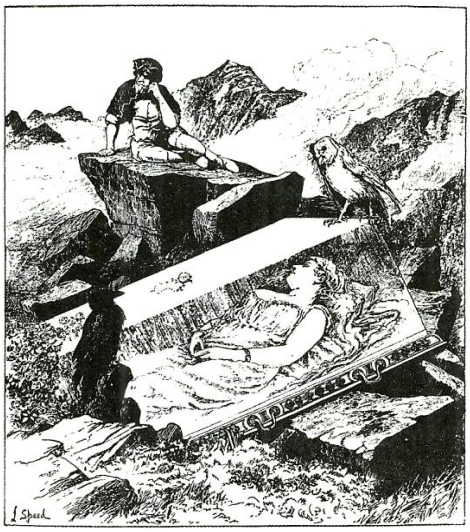
século II, disse que no processo de iniciação o espírito enfrenta os deuses do céu em todo o esplendor desvelado deles - e livres de todas as ambigüidades.
O espírito ascende pelas esferas de Júpiter e Saturno, passa pela esfera das constelações e por fim é reunido à Grande Mente cósmica.
É uma jornada dolorosa, perturbadora e cansativa. Plutarco escreve: "Mas enfim uma luz maravilhosa brilha em nossa recepção, lindas campinas cheias de canto e dança, uma solenidade de reinos sagrados e aparições santas."
Depois o espírito deve recomeçar a descer pelas esferas, preparando-se para a encarnação seguinte. A medida que desce, o espírito recebe uma dádiva de que precisará quando reentrar no plano material.
O relato seguinte foi compilado de fragmentos de tabuletas antigas, datadas talvez do terceiro milênio a.C., escavadas no Iraque no final do século XIX:

O primeiro portal ele a deixou passar e lhe restaurou o manto que cobria seu corpo.
O segundo portal ele a deixou passar e lhe restaurou as pulseiras de suas mãos e pés.
O terceiro portal ele a deixou passar e lhe restaurou a faixa que cingia sua cintura.
O quarto portal ele a deixou passar e lhe restaurou os ornamentos de seus seios.
O quinto portal ele a deixou passar e lhe restaurou o colar de seu pescoço.
O sexto portal ele a deixou passar e lhe restaurou os brincos das orelhas.
O sétimo portal ele a deixou passar e lhe restaurou a grande coroa de sua cabeça.

Mesmo hoje, toda criança é lembrada destas dádivas no conto de fadas A bela adormecida. O espírito humano ainda reage intensa e

calorosamente a esta história, entendendo-a como verdadeira num sentido profundo.
Mas para compreender o conteúdo esotérico de A bela adormecida é necessário pensar de uma maneira às avessas. A história conta que, na festa para comemorar seu nascimento, seis fadas deram presentes à princesa para ajudá-la a ter uma vida feliz e satisfatória. A sétima fada, que representa Saturno ou Satã, o espírito do materialismo, amaldiçoa a criança com a morte, comutada a um longo período de sono. Estas sete fadas são, claramente, os sete deuses das esferas planetárias.
O que está às avessas nesta história é que o sono mortal e sem sonhos, a maldição da fada do mal, representa a vida na Terra. Em outras palavras, graças à intervenção de Satã, o homem aos poucos perde qualquer consciência, e por fim qualquer lembrança, de sua época entre as hierarquias celestiais: "Nosso nascimento não passa de sono e esquecimento." Nesta história, portanto, devemos entender que a festa do início da narrativa ocorreu no mundo espiritual e é apenas quando adormece que a bela está viva no plano material. Quando acorda, ela morre!
Na realidade, já vimos um paradoxo semelhante na história de Osíris, cuja maior parte se dá no mundo espiritual. Quando Osíris é preso ao caixão em que se encaixa como se fosse sua pele, o caixão é sua pele. Ele só está morto para Ísis quando está vivo no plano material.

Estas histórias mostram que esta vida e o além são regidos pelos planetas e estrelas. Devem nos alertar para outra dimensão muito importante dos ensinamentos iniciáticos. A iniciação prepara o candidato para os encontros com os guardiões das diferentes esferas no caminho de ascensão e de descida. Se tais ensinamentos são bem gravados no espírito do indivíduo, o espírito estará preparado para a participação consciente, junto com os grandes seres na preparação para uma nova encarnação. A palavra-chave é "consciente".



As crenças rosa-cruzes sobre a reencarnação estão codificadas na história da *Branca de Neve e os sete anões*. Branca de Neve "morre" e é colocada num caixão de vidro – um costume lendário dos rosa-cruzes. A ideia de reencarnação pode parecer estranha às pessoas criadas na cultura cristã atual. Como veremos, porém, o Novo Testamento contém ideias de reencarnação, os primeiros cristãos acreditavam nela e os cristãos mais antigos passaram a acreditar em segredo desde então. As crenças secretas sobre a reencarnação estão codificadas na arte, na arquitetura e na literatura. Nesta ilustração, está representada em *O livro vermelho das fadas*, de Andrew Lang.

O entrelaçamento das emanações cósmicas para formar a ilusão do mundo material é chamada de a Matriz na tradição alquímica. Imagem do filme *Matrix*, em que o limiar entre o mundo material e o mundo "real" por trás é policiado por figuras ameaçadoras e sobrenaturais que se entrelaçam nas sombras.

Nenhum dos surrealistas evocou a era do cosmo com mais frequência ou com mais nitidez do que Max Ernst. Seu contemporâneo Gaudi também recordou a área vegetal em sua arquitetura, em suas devoções diárias e até em sua dieta de leite e alface. Esta era ainda existe numa dimensão paralela. W.Q. Judge, um teosofista contemporâneo destes dois artistas, descreveu este lugar como "cheio de visões e sons estranhos, como uma floresta virgem sul-americana".

A matéria mais primitiva era mais tênue do que o gás ou até do que a luz, e só muito gradualmente endureceu até chegar à matéria sólida que conhecemos hoje. Os corpos humanos também passaram por este processo, os ossos tiveram uma fase cerosa e rosada, sobre a qual escreveu o filósofo rosa-cruz Jacob Boehme, ilustrada aqui por Hieronymus Bosch.

Esquerda: A serpente luciferiana entrelaçada na árvore é a imagem mais clara possível da introdução da vida animal na vida vegetal — e também da formação da coluna vertebral característica dos animais. A serpente foi necessária para o desenvolvimento da vida animal, mas também deu ensejo à luxúria, ao ódio e à desilusão — e ao mal. *Pecado*, do artista alemão do século XIX Franz von Stuck.

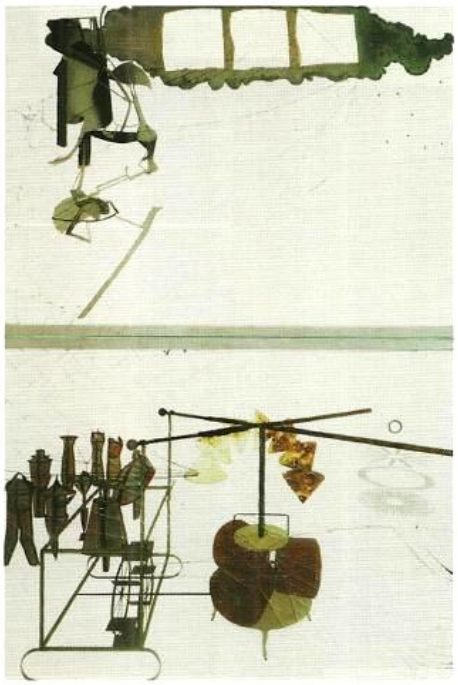
Abaixo: Para os espíritos do mal, é difícil sair da dimensão a que pertencem e entrar no mundo humano, mas às vezes a intromissão de não iniciados pode fazer com que isto aconteça, de forma que comunidades inteiras tornam-se infestadas e possuídas por uma selvageria apavorante e em geral sexual. Isto é retratado de forma vívida nos filmes de David Lynch e na série de TV *Twin Peaks*.

Esquerda: *Pesadelo.* Conhecedor profundo do esoterismo, o artista suíço Henry Fuseli representa nesta obra um demônio do lado escuro da Lua.

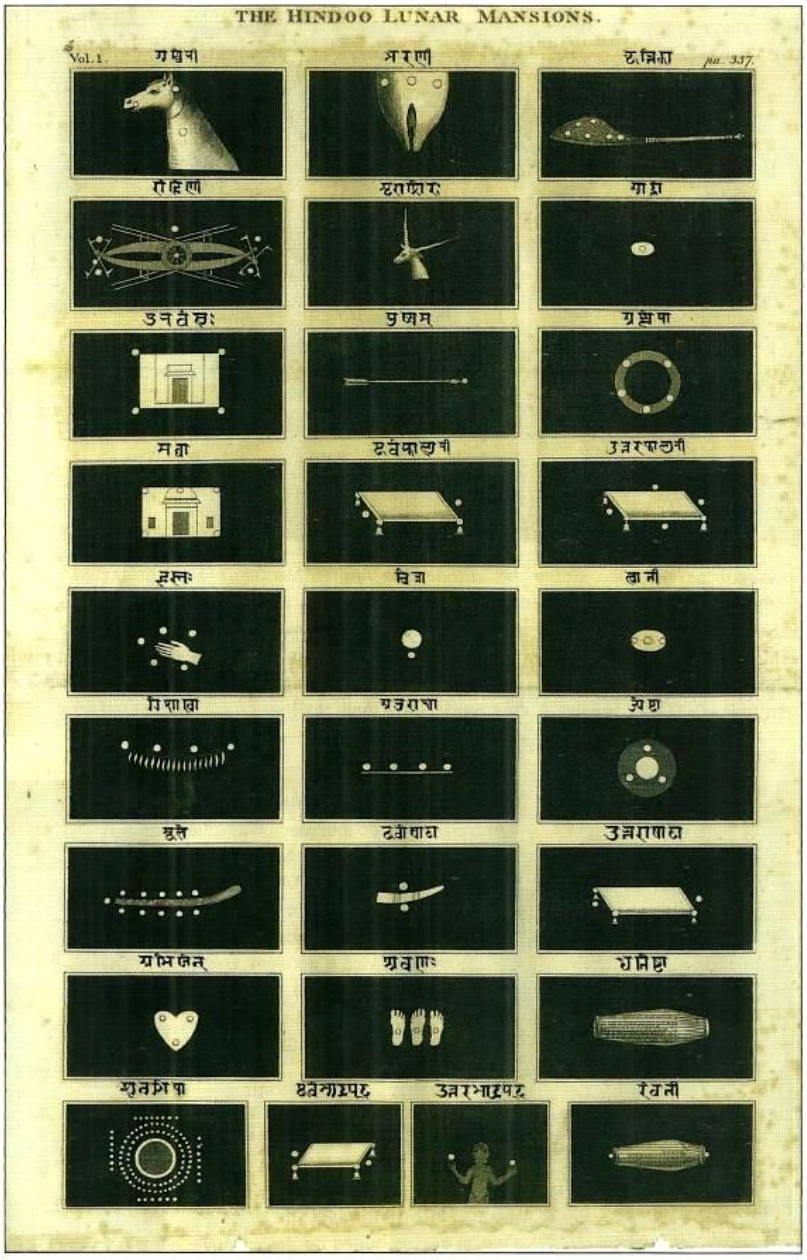
Acima: Joia antiga gravada pelo romano Aspásio. Na tradição esotérica, os mitos dos deuses que têm amantes humanos e depois são transformados em plantas e animais são um relato da proliferação das formas biológicas.

Abaixo: Antes que a anatomia humana se desenvolvesse na forma com que hoje estamos familiarizados, um "Terceiro Olho" se projetou do meio da testa. Por meio dele, éramos capazes de perceber a Mãe Natureza e receber sua sabedoria. Uma das famosas tapeçarias no Museu Cluny, em Paris.

No alto: Esta tela, *A tentação de Santo Antão*, do artista holandês Domenicus van Wijnen, traz temas esotéricos explícitos. Todas as grandes religiões são idealistas, no sentido de que acreditam que a matéria foi formada de emanações da mente cósmica. O que distingue o elemento esotérico destas religiões é ver essas emanações como espíritos ou anjos associados ao Sol, à Lua e aos planetas do sistema solar.

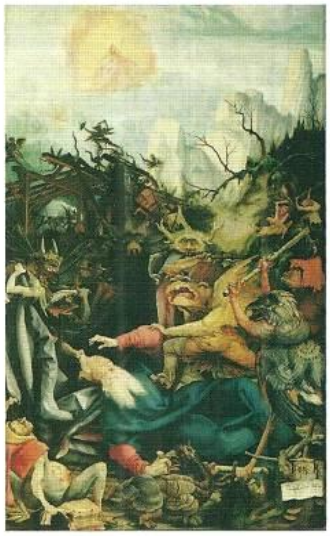


Direita: *Noiva despida por seus pretendentes*, de Marcel Duchamp. Despida, a noiva revela ser Sofia, ou a sabedoria esotérica, adorada pelos sete grandes espíritos do sistema solar. Uma representação fria e moderna da cosmologia esotérica por um devoto da Hermetica no século XX.



As casas hindus da Lua, de Moor. O viajante britânico do início do século XIX Edward Moor registrou estes antigos símbolos hindus das fases da Lua. Os filósofos esotéricos sempre observaram isso de perto, acreditando que influenciavam não só as marés e as formas das plantas, mas a consciência humana.

Minerva persegue os vícios do jardim das virtudes, de Andrea Mantegna. Uma paisagem neolítica vista com os olhos de hoje só revelaria um deserto com poucos sinais de vida humana, talvez algumas pedras empilhadas e pessoas vestindo pouco mais do que peles de animais. Vista pela consciência dos tempos, teria parecido como Mantegna descreve aqui, com deuses, deusas e espíritos magnificamente ordenados, representando seu papel nos grandes acontecimentos que ajudaram a dar à nossa consciência a estrutura que ela tem hoje. Qual das versões é mais verdadeira, mais real?

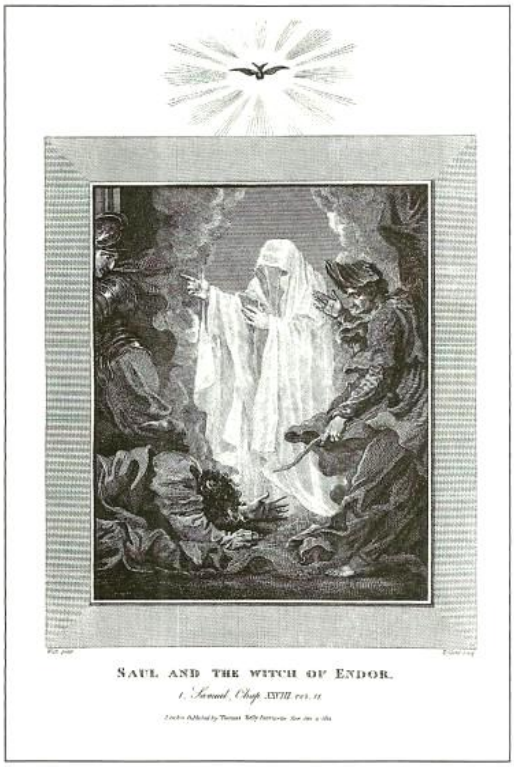


Esquerda: Depois da morte, o espírito humano é atacado por demônios que lhe arrancam os pecados. No processo de iniciação, o candidato vive a jornada após a morte enquanto ainda está vivo, o que será de grande benefício para ele em sua vida e no além. É este processo de iniciação que está sendo retratado aqui, num painel do *Retábulo de Isenheim*, de Matthias Grünewald.

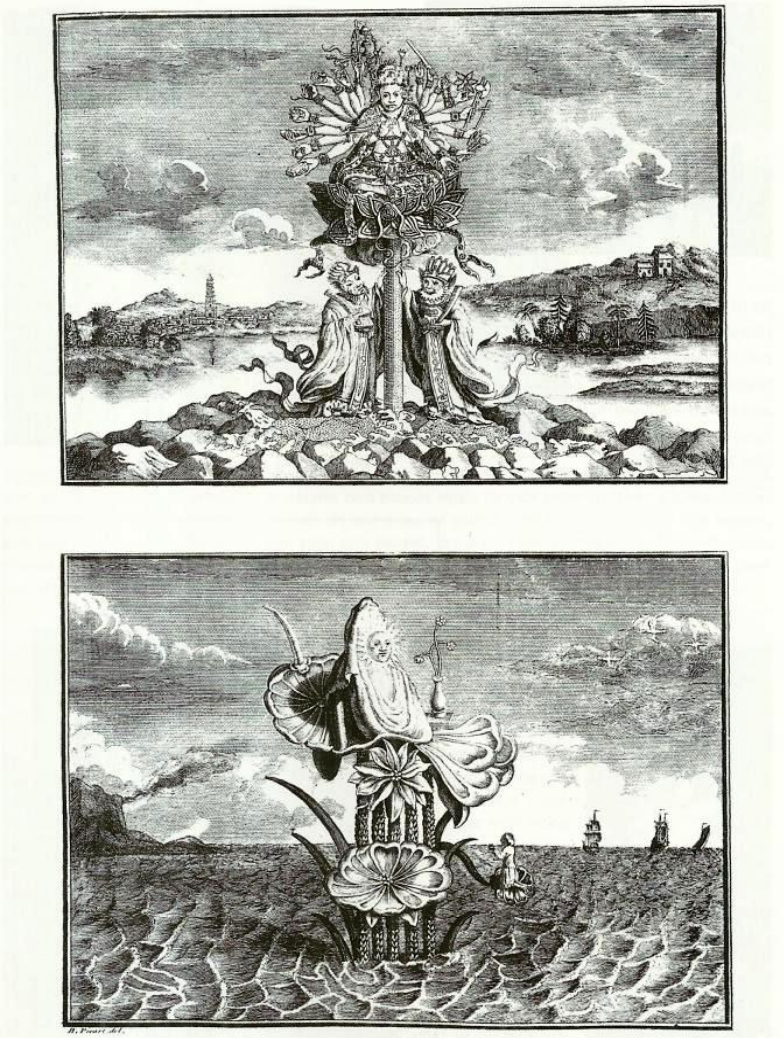
Direita: Detalhe de um painel de *O jardim das delícias terrenas*. Depois da experiência do *kama loca*, ou Purgatório, o espírito ascende pelas esferas celestiais, antes de descer novamente para a encarnação seguinte. É esta descida que está sendo representada aqui por Hieronymus Bosch; é impossível decifrar suas pinturas sem conhecimento esotérico.

Na narrativa esotérica da história, as grandes catástrofes climáticas envolvem uma alteração na consciência. O Dilúvio que veio no final da Era Glacial viu a submersão da cena dos grandes eventos da evolução humana inicial — assim como a formação do subconsciente. Gravura de uma Bíblia do século XIX.

A tradição esotérica se preocupa com a nutrição de estados alterados de consciência — mas não com um misticismo vago. Nos estados alterados, podemos ter acesso a uma inteligência sobrenatural, o que traz resultados práticos. Na Bíblia, a imersão de José em um poço é um relato codificado de sua iniciação. Seus sonhos ajudaram o faraó a salvar seu povo da fome. Gravura de uma Bíblia do século XIX.



Alguns cristãos modernos têm pavor do sobrenatural, mas é claro que a Bíblia está repleta de relatos sobrenaturais. Aqui, uma sombra é evocada do Inferno pela bruxa de Endor. Gravura de uma Bíblia do século XIX.



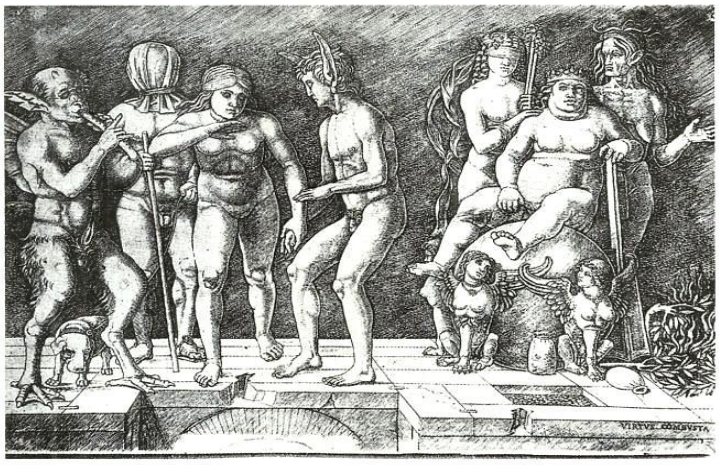
O jesuíta Athanasius Kircher foi um grande estudioso dos mistérios, ligado a vários participantes importantes nesta história. Seus trabalhos incluíam estas imagens da Deusa Mãe, Cibele, e uma das primeiras representações ocidentais do Buda, mostrando compreensão esotérica da dimensão vegetal do corpo humano.

A iniciação envolve forjar um relacionamento consciente e ativo com espíritos desencarnados e um conhecimento existencial de como eles trabalham em nossa vida e depois dela. Revela como eles operam quando estamos despertos, quando sonhamos e quando estamos mortos. Vimos que as histórias que estivemos examinando, como os trabalhos de Hércules, são estruturadas de acordo com diferentes ciclos astronômicos - a jornada do Sol pelos meses do ano e na precessão dos equinócios. A questão é que os mesmos padrões que estruturam a vida na Terra também estruturam os mundos espirituais. Hércules e Jó sofreram provações em suas

vidas na Terra que foram registradas na história do mundo, mas também tiveram que sofrer as mesmas provações depois da morte - a não ser que pudessem aprender e se tornar conscientes delas. E se não pudessem também teriam de sofrê-las em sua encarnação seguinte.
Este é o objetivo da iniciação: tornar a experiência cada vez mais consciente, reduzir as fronteiras da consciência.
Em nossa vida individual - e coletiva - andamos em círculos intermináveis traçados para nós pelos planetas e estrelas.
Mas se pudermos nos tornar conscientes destes círculos, se pudermos nos conscientizar da atividade das estrelas e dos planetas em nossa vida de uma forma mais íntima, não seremos, de certo modo, aprisionados por eles. Não ficaremos mais presos, ascenderemos, não nos moveremos em círculo, mas numa espiral ascendente.

Zoroastro vestiu um manto coberto de estrelas e planetas para servir como um marco do conhecimento que lhe foi passado pelos grandes espíritos do Sol. Este era o conhecimento que ele transmitia na iniciação. Quando os candidatos voltavam a entrar no corpo, depois de sua experiência fora dele, tinham a permissão de Zoroastro para explorar o funcionamento interior de seus corpos de uma maneira que as pessoas só poderiam descobrir pelas autópsias, milhares de anos depois. Novamente, a diferença era que os antigos, de acordo com seu hábito de ver a vida da forma mais subjetiva possível, não conheciam a anatomia humana de modo abstrato e conceitual, mas a experimentavam. Foi assim que os antigos souberam da glândula pineal muito antes que ela fosse 'descoberta" pela ciência moderna.
Na transição do sexto para o quinto milênio a.C., a humanidade começou a construir os grandes círculos de pedra que existem até os dias de hoje. Da mesma forma que a retirada dos deuses durante o período indiano obrigou a humanidade a pensar em maneiras de segui-los, agora era necessário ter a orientação dos deuses para que a humanidade descobrisse novas formas de procurar por esta

orientação. De novo a humanidade estava sendo arrancada de si mesma.
Como criador desses monumentos de pedra, Zoroastro pode ser visto como uma espécie de imagem especular e pós-diluviana de Enoque.



Iniciação, do mestre renascentista Andrea Mategna. Compare esta com a representação do processo de iniciação da Roma antiga na página 43. O acólito de capuz é ameaçado e de repente sente que foi empurrado numa queda fatal. Esta é a parte do processo de indução a uma experiência fora do corpo, permitindo que o acólito alcance o conhecimento pessoal e existencial do que acontecerá quando o espírito deixar o corpo depois da morte. A continuidade deste processo também pode ser vista no que o grande mago do século XVIII Cagliostro conta de sua iniciação numa loja maçônica de Londres. Na loja Esperance, nos altos de um *pub* no Soho, foi solicitado que ele repetisse um juramento de segredo depois de vendado. Uma corda foi então amarrada em sua cintura e ele ouviu o rangido de roldanas enquanto era içado ao teto. De repente ele caiu ao chão, a venda foi retirada e ele viu uma pistola sendo carregada com pólvora e uma bala. A venda foi recolocada, ele recebeu a pistola e foi solicitado a provar sua obediência atirando na própria cabeça. Quando hesitou, seus iniciadores gritaram, acusando-o de ser um covarde. Ele apertou o gatilho, ouviu uma explosão, sentiu um golpe lateral na cabeça e sentiu o cheiro de pólvora. Ele acreditou que ia morrer – mas havia se tornado um iniciado.

Os círculos megalíticos de pedra que começaram a se espalhar pelo Oriente Próximo, Norte da Europa e Norte da África pretendiam medir os movimentos dos corpos celestes. Na década de 1950, o professor Alexander Thom, da Universidade de Cambridge, percebeu que os monumentos megalíticos de pedra de todo o mundo foram construídos de acordo com uma unidade comum de medida, que ele chamou de "jarda megalítica". Desde então, isto foi verificado por uma ampla análise estatística dos monumentos. Recentemente, Robert Lomas, da Universidade de Sheffield, demonstrou que esta unidade de medida derivava de uma unanimidade e uma precisão estonteante em diferentes partes do mundo; um pêndulo que oscile 360 vezes durante o tempo

necessário para uma estrela se deslocar por um dos 360 graus em que se divide a cúpula celeste terá precisamente 41,45 centímetros de extensão, exatamente a metade de uma "jarda megalítica".
Uma vez que os antigos olhavam as estrelas e planetas como reguladores da vida na Terra, é natural que tenham definido suas medidas matemáticas originais do mundo físico tendo como referência estes corpos celestes - isto é, espirituais. E assim a matemática em suas origens não era apenas holística, no sentido de que considerava o tamanho, o formato e o movimento da Terra e sua relação com os corpos celestes, era também a expressão de um impulso espiritual.

Os poderes do mal sempre ameaçaram destruir Zoroastro. Até hoje há lembretes pungentes nos pequenos templos do zoroastrismo em sopés de montanhas, onde uma chama é mantida acesa mas corre o risco permanente de ser apagada. Aos 77 anos, Zoroastro foi assassinado em seu próprio altar.

Pouco antes do final do quarto milênio, nasceu Krishna. O ano era 3.228 a.C. Este pastor e profeta foi de certo modo o precursor de Jesus Cristo. (Veremos brevemente que Krishna, Osíris e Zoroastro são retratados presentes na Natividade, embora disfarçados, nas famosas pinturas da Renascença.)
Evidentemente, ele não deve ser confundido com o deus da guerra, o primeiro Krishna atlante que travou uma batalha épica para derrotar as forças de Lúcifer, do desejo e da ilusão. Agora estas forças penetraram mais fundo na natureza humana e degeneraram em um desejo por ouro e pelo derramamento de sangue.
Aquela que viria a ser sua mãe, a virgem Devaki, era cada vez mais atormentada por estranhas visões. Um dia ela dormiu um sono extático. Ouviu uma música celestial de harpas e vozes e, no meio de um clarão de miríades de luzes, viu o deus Sol aparecer para ela na forma humana. Ofuscada por ele, ela perdeu a consciência.
Quando Krishna nasceu, um anjo alertou Devaki de que o irmão dela, Kansa, tentaria assassinar o menino, então ela fugiu da corte para viver entre os pastores ao sopé do monte Meru.

Kansa era um assassino de crianças que caçava os filhos dos pobres. Fazia isso desde criança. Mandou uma serpente gigante de crista vermelha para matar o sobrinho, mas Krishna conseguiu matar a serpente, esmagando-a com os pés. Um demônio fêmea Putana, cujos seios eram cheios de veneno, puxou-o para ela, mas Krishna sugou seu seio com tal força que ela entrou em colapso e caiu morta.

Kansa continuou a perseguir o sobrinho, tentando caçá-lo como a um animal selvagem, mas, à medida que se tornava adulto, Krishna era protegido por pastores e escondido nas colinas e nas florestas, onde pregava um evangelho de não violência e amor por toda a humanidade: "Retribui o mal com o bem, esquece teu próprio sofrimento pelo do outro" e "renuncia ao fruto de teu trabalho - que teu trabalho seja tua recompensa". Krisha estava dizendo coisas que ninguém jamais havia dito.

Quando chegaram aos ouvidos de Kansa, estes ensinamentos o enfureceram ainda mais, torturaram-no no âmago de seu espírito.

Entre os muitos títulos de Krishna, havia os de "o vaqueiro" e "o senhor das leiteiras". Ele desfrutava de uma vida rural simples, pregando mas evitando o confronto direto com Kansa. Todas as leiteiras locais eram loucamente apaixonadas pelo jovem esbelto. Ele gostava de tocar flauta e fazer a dança do amor para elas. Em uma ocasião, ele as viu enquanto se banhavam no rio Yumana, roubou suas roupas e subiu numa árvore, onde elas não poderiam alcançá-lo. Em outra, ele estava dançando com muitas leiteiras que desejavam segurar sua mão, e assim ele se multiplicou em muitas formas para que cada uma delas acreditasse dar as mãos ao verdadeiro Krishna.

Um dia, ele e o irmão entraram na cidade de Mathura, onde Kansa vivia, disfarçados de camponeses pobres para participar de um festival de atletismo. Conheceram uma garota deformada chamada Kubja, que carregava unguentos e perfumes para o palácio. Quando indagada por Krishna, ela prontamente lhe deu um pouco, embora não pudesse arcar com isso, e ele a curou de sua deformidade e a tornou bela.

Krishna é um deus da transgressão, cujo número – ou potência sagrada – leva-o para além da moralidade convencional.

Mas Kansa não se deixou enganar pelo disfarce dos irmãos e, quando eles entraram na competição de luta, Kansa já havia preparado dois gigantes para matar os dois. Se fracassassem, um elefante enorme estava postado para esmagá-los. Na ocasião, Krishna e o irmão viraram as mesas em todos e escaparam.

Por fim, Krishna decidiu se livrar do disfarce, sair do esconderijo e enfrentar Kansa. Quando entrou novamente em Mathura, Krishna foi aclamado como o salvador pelo povo que o recebeu com flores e com guirlandas. Kansa o esperava na praça principal, com seu séquito. "Você roubou meu reino disse Kansa, "mate-me Com a recusa de Krishna. Kansa ordenou que seus soldados o prendessem e o amarrassem a um cedro. Ele foi martirizado pelos arqueiros de Kansa.

Com a morte de Krishna no ano 3.102 a.C, começava a Kali Yuga — a Era das Trevas. Uma yuga é uma divisão de um grande ano, e um ciclo precessional completo continha oito yugas.

Nas tradições ocidental e oriental, esta grande mudança cósmica começou em 3.102 a.C e terminou em 1899. Como veremos no

Capítulo 24, os maçônicos comemoraram o fim próximo da Kali Yuga erigindo monumentos gigantescos no centro de cada grande cidade do mundo ocidental. A maioria das pessoas passa por estas construções conhecidas sem saber que são faróis para a história e a filosofia propostas neste livro.

Na escuridão que se formava, surgiu uma luz. Enquanto Krishna morria, outro grande personagem chegava à idade adulta, um portador da luz que encarnou, assim como 3 mil anos depois Jesus Cristo encarnaria.

Examinaremos a vida e a época do Lúcifer encarnado no capítulo seguinte.

11. A COMPREENSÃO DA MATÉRIA

Imhotep e a Era das Pirâmides • Gilgamesh e Enkidu . Abraão e Melquisedeque

Desde que A sociedade existe há grupos em que são praticadas técnicas secretas para entrar em estados alternativos de consciência. Estes são buscados por se acreditar que tenham a capacidade de conferir o poder de perceber coisas inacessíveis à consciência comum e cotidiana.

O problema é que do ponto de vista da consciência cotidiana de hoje, criteriosa e realista de uma forma sem precedentes, tudo que é visto no estado alternativo é, quase por definição, ilusório. Se os iniciados de sociedades secretas entravam em estados alucinatórios em que se comunicavam com seres desencarnados, viam o futuro e influenciavam o rumo da história, então estas coisas eram apenas isso — alucinações.

Mas e se lhes fossem mostrados resultados concretos?

Começamos a ver que estes estados inspiraram parte das artes plásticas, da literatura e da música superiores, mas tudo isso pode ser desprezado por alguém ocupado em fazer destes estados apenas uma questão de vida da imaginação, sem nenhuma importância para os aspectos práticos da vida. Afinal, grande parte da arte, até a grande arte, possui um elemento de fantasia.

Nossa mentalidade moderna prefere ver resultados mais concretos. E as grandes façanhas da engenharia ou as grandes descobertas científicas? Neste capítulo, seguiremos o desenvolvimento de uma era em que as grandes iniciativas das escolas de Mistérios levaram a humanidade a algumas proezas inigualáveis de engenharia, do templo de Baalbeck, no Líbano, que inclui em sua construção um bloco de granito entalhado pesando cerca de mil toneladas e que nem o guindaste mais poderoso do mundo consegue erguer, à Grande Pirâmide de Gizé e outras pirâmides menos conhecidas da China.

No início desta era, parecia que as primeiras grandes civilizações brotavam repentinamente do nada - na civilização suméria dominada pelo herói touro Gilgamesh, no Egito do culto ao touro de Osíris e na Creta das corridas de touros. A era destas civilizações é a Era de Touro, que se inicia no princípio do terceiro milênio a.C. Sem nenhum bom motivo que a história convencional possa determinar, um grande número de pessoas começava a viver junto em cidades muito organizadas, com portes extraordinários, brilhantismo e complexidade técnica.

Houve um evento sombrio mas importante na China. Ele é envolto em mistério. Nem os grandes iniciados conseguem vê-lo de forma que se aproxime da completa clareza.
No terceiro milênio a.C., o povo da China vivia uma existência tribal e nômade, e, de acordo com Rudolf Steiner, foi em um de seus acampamentos que nasceu um indivíduo extraordinário. Milhares de anos depois, outro sublime ser celestial desceria à Terra e encarnaria como Jesus Cristo, e neste momento, então, Lúcifer também encarnava.
O nascimento de Lúcifer foi o começo da sabedoria.
É claro que estou usando "sabedoria" num sentido específico - na realidade, no mesmo sentido que os eruditos acadêmicos e bíblicos usam quando falam da "sabedoria dos livros da Bíblia". A sabedoria contida, por exemplo, no Livro dos Provérbios ou no Eclesiastes é uma coletânea de regras para a felicidade e a vida bem-sucedida, mas, ao contrário dos ensinamentos contidos em outros livros bíblicos, não há neles uma dimensão moral ou religiosa. Esta sabedoria é inteiramente prudencial e prática, aconselhando-nos no que devemos fazer para alcançar nosso próprio bem. Por exemplo: não há a sugestão de que o bom comportamento deve ser recompensado ou o mau comportamento punido, a não ser por iniciativa humana. Não há tampouco a noção de uma ordem da Providência.
Estes livros, compilados por volta de 300 a.C. na forma que agora conhecemos, eram os frutos de uma maneira de pensar que se desenvolveu aproximadamente 2.500 anos antes. A história secreta

propõe que a existência desta forma de sabedoria tenha sido o resultado da encarnação e do ministério de Lúcifer.
A maior parte das iniciações nas disciplinas espirituais acontecia entre a infância e a idade adulta, e depois vinham muitos anos de preparação. Por exemplo: tradicionalmente, a iniciação na Cabala só era permitida aos quarenta anos, e os candidatos à iniciação na escola de Pitágoras precisavam viver isolados e sem falar por anos antes que sua educação pudesse começar. Mas Lúcifer, desde o nascimento, foi criado inteiramente nos confins de uma escola de Mistérios. Um círculo de magos trabalhava de maneira intensiva em sua educação, permitindo que ele participasse das cerimônias mais secretas e moldando sua alma, até que aos quarenta anos ele afinal teve uma revelação. Tornou-se a primeira pessoa capaz de pensar de forma completamente racional sobre a vida na Terra.

Vimos no Capítulo 8 que Orfeu inventou os números. Mas na época de Orfeu era impossível pensar em números sem pensar em seus significados espirituais. Graças a Lúcifer, passou a ser possível pensar nos números sem nenhuma conotação simbólica, a pensar neles apenas como medidas de quantidade, independentes de qualquer concepção de qualidade. As pessoas agora eram livres para medir, calcular, fazer e construir.
Sabemos por Plutarco que o filho de Orfeu, Asclépio, equiparava-se a Imhotep, que viveu por volta de 2.500 a.C. Mas esta grande onda de mudança, esta forma revolucionária de pensar, tinha vindo do Extremo Oriente.
Vizir do rei egípcio Djoser, Imhotep era famoso como construtor, escultor e produtor de vasos de pedra. Também era chamado de Chefe dos Observadores, que se tornaria o título do sumo sacerdote de Heliópolis. Às vezes representado com um manto coberto de estrelas e ocasionalmente segurando também um pergaminho, Imhotep foi famoso na Antigüidade como um grande mestre construtor e arquiteto da pirâmide em degraus de Saqqara. No século XIX, arqueólogos que escavavam por baixo deste monumento descobriram um depósito de tesouros secretos, selados ali desde a fundação da pirâmide, que ficaram conhecidos como "as

coisas impossíveis de Imhotep". Algumas destas "coisas" estão em exposição hoje no Metropolitan Museum de Nova York. Os estudiosos do século XIX ficaram maravilhados sobretudo com os vasos e sugeriram que seria impossível reproduzi-los usando as habilidades manuais da época. Com pescoço de girafa e barriga, mesmo hoje em dia é difícil entender como deixavam oco o cristal de rocha destes vasos.

A Grande Pirâmide fica a meia hora de carro de Saqqara. Inquestionavelmente a mais magnífica construção do mundo, ela se destaca nesta encruzilhada da história, orientada para os pontos cardeais com uma precisão extraordinária. O mundo não precisa de outra descrição de sua magnificência. Basta dizer que, embora em princípio seja possível reconstruí-la hoje, isso estropiaria as economias mais ricas do mundo e também levaria a engenharia atual aos limites de suas capacidades, em particular na exatidão de suas orientações astronômicas.

Mas o que torna a Grande Pirâmide ainda mais extraordinária, quase miraculosa, de acordo com a história secreta, é o fato de que ela foi a primeira construção egípcia.

Os historiadores convencionais dizem que as construções dos egípcios progrediram desde as simples tumbas de um pavimento, chamadas mastabas, passando pela relativa complexidade da pirâmide em degraus, até chegar à complexidade e sofisticação da Grande Pirâmide, em geral datada de 2.500 a.C. Na ausência de relatos textuais da época e como estas construções não contêm material orgânico que possa ser datado por carbono, e também porque até agora não houve nenhum método de datação para a pedra cortada, esta data parecia ser uma forma sensata de interpretar as evidências.

No início deste livro, sugeri que esta é uma história às avessas e de cabeça para baixo; e segundo a doutrina secreta, a Grande Pirâmide foi construída em 3.500 a.C., antes da fundação das grandes civilizações do Egito e da Suméria, numa época em que as únicas construções eram os círculos de pedra e outros monumentos "ciclópicos".

Devemos imaginar com espanto os povos da Idade da Pedra vestindo peles animais e portando ferramentas de pedra primitivas na Grande Pirâmide.
De acordo com a história secreta, a pirâmide em degraus e as outras pirâmides menores não representam uma ascensão, mas um declínio.
Convencionalmente, a Grande Pirâmide era vista como uma tumba. Como uma variação deste tema, incitada pelas hastes estreitas que apontam das chamadas Câmaras do Rei e da Rainha para determinadas estrelas, ela era vista como uma espécie de máquina auxiliar na projeção do espírito do faraó morto de sua tumba para o lugar de repouso celestial. Segundo esta visão, a Grande Pirâmide é uma espécie de gigantesca máquina de desencarnação.
Do ponto de vista da história secreta, esta interpretação é anacrônica. Era uma crença universal nesta época que todos os espíritos humanos, após a morte, viajavam pelas esferas planetárias até as estrelas. Na verdade, como vimos, os vivos tinham tal experiência vivida dos mundos espirituais na época de maneira similar a como seria difícil para nós não acreditar na realidade do livro ou da mesa à nossa frente.
Devemos nos voltar para outra parte em busca de uma explicação para a função da Grande Pirâmide. A essência da antiga civilização egípcia é que ela tentava compreender a matéria. Notamos isso em seu impulso inovador para cortar e entalhar pedra.
Também vemos a nova relação com a matéria na prática da mumificação. Nunca estamos mais prontos para atribuir crenças idiotas aos antigos do que quando ligamos a mumificação egípcia e os elaborados objetos colocados nos túmulos a uma suposta crença de que o espírito realmente podia querer usar estes objetos após a morte. O sentido destas práticas de sepultamento, de acordo com o pensamento esotérico, era que elas exerciam uma espécie de attação magnética sobre o espírito em ascensão e o ajudariam a alcançar uma reencarnação rápida. Acreditava-se que, se fosse preservado, o corpo descartado continuaria sendo um foco para o espírito que o havia deixado, exercendo uma atração que o puxava para a Terra novamente.

A explicação esotérica da Grande Pirâmide é semelhante. Vimos no Capítulo 7 que os grandes deuses, achando cada vez mais difícil encarnar, retiraram-se para a Lua, visitando a Terra com uma assiduidade decrescente.
A Grande Pirâmide é uma gigantesca máquina de encarnação.

A civilização egípcia, muito diferente da oriental, que ensinou que a matéria é maya, ou ilusão, representou um grande impulso na evolução humana. Os egípcios deram início à grande missão espiritual do Ocidente, às vezes chamada de alquimia, maçonaria sufi ou, em outras sociedades secretas, de a Obra. A missão era trabalhar a matéria, cortá-la, cinzelá-la, imbuí-la de intenção até que cada partícula de matéria do universo fosse trabalhada e espiritualizada. A Grande Pirâmide foi a primeira manifestação deste impulso.

De diferentes maneiras, esta história trata da consciência.
Primeiro, foi contada em vários grupos que tiveram como objetivo atingir estados alterados de consciência. Segundo, esta história supõe que a consciência mudou com o tempo, e de forma muito mais radical do que admitem os historiadores convencionais. Terceiro, ela sugere que a missão destes grupos é liderar a evolução da consciência. Num universo que nasceu da mente, o fim e o objetivo da criação é sempre a mente.
Quero me concentrar agora no segundo destes caminhos e mostrar que alguns acadêmicos escreveram recentemente em apoio à visão esotérica de que a consciência costumava ser muito diferente do que é hoje.
Na época do surgimento da civilização egípcia, por volta de 3.250 a.C., nasce a civilização suméria nas terras entre o Tigre e o Eufrates. Nas primeiras cidades da Suméria, havia estátuas em homenagem a ancestrais e a deuses menores nos lares das famílias. Às vezes mantinha-se um crânio como uma "casa" que podia ser habitada por um espírito menor. Enquanto isso, o espírito muito maior que protegia os interesses da cidade vivia na "casa de deus", uma construção no meio do complexo do templo.

À medida que estas cidades cresciam, também se desenvolviam as casas de deus, até que se tornaram zigurates, grandes pirâmides retangulares e em degraus, construídas de tijolos de argila. No meio de cada zigurate havia uma grande câmara onde residia a estátua do deus, revestida de jóias, metais preciosos e envolvida em tecidos deslumbrantes.

De acordo com textos cuneiformes, os deuses sumérios gostavam de comer, beber, e também de música e dança. A comida era colocada em mesas e o deus ficava sozinho para desfrutá-la. Depois de um tempo, os sacerdotes entravam e comiam o que restava. Os deuses também precisavam de camas para dormir e desfrutar de sexo com outros deuses. Para tanto, tinham de ser banhados, vestidos e untados com perfumes.

Assim como acontecia com os objetos tumulares do Egito, o objetivo destas práticas era tentar os deuses a habitar o plano material, lembrando-lhes dos prazeres sensuais que eram negados nos mundos espirituais.

A abelha é um dos símbolos mais importantes da tradição secreta. As abelhas sabem construir suas colmeias com uma espécie de gênio pré-consciente. A construção das colméias incorpora dados excepcionalmente difíceis e precisos. Por exemplo: todas as colméias incorporam o ângulo de rotação da Terra. Os selos cilíndricos dos impérios desta época mostram figuras com corpos humanos e ninhos de abelhas na cabeça. Isso porque neste período, considerava-se que a consciência de um indivíduo era composta por centros de consciência diferentes, como descrevemos no Capítulo 2. Tais centros podiam ser compartilhados ou até transferidos de uma mente para outra, como um enxame de abelhas que vai de uma colméia para outra.

Colmeia acima de deusas sumérias.

Em 1976, foi publicada uma brilhante análise de textos sumérios e de outros textos antigos pelo professor de história Julian Jaynes, de Princeton. The Origin of Consciousness in the Breakdown ofthe Bi-Cameral Mind afirmava que o homem não tinha uma concepção de uma vida interior nesse período. Não possuíam vocabulário para tanto, e suas narrativas mostram que características da vida mental, como a vontade, o pensamento e o sentimento, que para nós de certo modo são gerados "dentro" de nós mesmos, para eles era fruto da atividade de espíritos ou deuses dentro e em torno do corpo. Estes impulsos lhes aconteciam por injunção de seres desencarnados que viviam de forma independente deles; não surgiam dentro deles mesmos de acordo com sua própria vontade.

É interessante que a análise de Jaynes encontre ressonância no relato esotérico de história antiga feito por Rudolf Steiner. Nascido na Áustria em 1861, Steiner representa uma corrente genuína de pensamento rosa-cruz e é o mestre esotérico dos tempos modernos que fez o relato mais detalhado da evolução da consciência. Até onde tenho conhecimento, as pesquisas de Jaynes são independentes desta tradição.

Talvez seja mais fácil apreciar a análise de Jaynes com relação à mais conhecida mitologia grega. Na Ilíada, por exemplo, nunca encontramos ninguém sentado pensando no que fazer, como hoje. Jaynes mostra que não existe introspecção para as pessoas da Ilíada. Quando Agamêmnon rouba a amante de Aquiles, este não

decide se reprimir. Em vez disso, um deus o aborda, alertando-o para não atacar Agamêmnon. Surge outro deus para consolá-lo e é um deus que suspira de saudade por Helena. Os acadêmicos modernos tendem a interpretar essas passagens como descrições "poéticas" de emoções íntimas, em que os deuses eram como os símbolos que podem ser criados por um poeta moderno. A leitura clarividente de Jaynes mostra que esta é uma interpretação atual da consciência nos textos escritos por pessoas cuja forma de consciência era muito diferente. E Jaynes não é o único a defender esta opinião. O filósofo John Wísdom, de Cambridge, escreveu: "Os gregos não falavam dos perigos de reprimir os instintos, mas pensavam em contrariar Dionísio ou esquecer Poseidon por Atena."

No ALTO: Atena impede Aquiles de atacar Agamêmnon, num desenho de Flaxman, um iniciado das sociedades secretas.

À ESQUERDA: um demônio está sentado no ombro de um santo.

Nos últimos capítulos desta história, veremos que a forma antiga de consciência continuou a prosperar muito depois do que propõe Jaynes. No momento, porém, quero abordar uma diferença significativa entre a análise de Jaynes e o modo como os próprios antigos entendiam as coisas. Jaynes descreve os deuses que controlam os atos do homem como "alucinações auditivas". Para eles, os reis da Suméria e os heróis da Grécia são acometidos por ilusões. Na visão antiga, ao contrário, eles claramente não eram meras ilusões, mas seres vivos e independentes.

Jaynes acredita que todo mundo na época de Homero, e antes dele, vivia num mundo de ilusão, até que, segundo sua concepção, o lado direito do cérebro conquistou supremacia sobre o esquerdo. Na opinião de Jaynes, cada indivíduo, embora acreditasse ser objeto de atenção de um deus igualmente presente a todos os outros, era na realidade presa de uma ilusão particular. O problema desta visão é que, assim como as alucinações, não é consensual, seria de se esperar que estas pessoas vivessem num ambiente totalmente caótico e bárbaro, caracterizado pela completa incompreensão mútua. Os psiquiatras clínicos de hoje definem um esquizofrênico como alguém que não consegue distinguir entre imagens e sons gerados interna e externamente. A loucura clínica provoca uma angústia intensa e incapacitante, com a deterioração da vida doméstica, social e ocupacional. Em vez disso, as pessoas desta época construíram as primeiras civilizações pós-diluvianas com distinções entre ordens de sacerdotes, militares, agricultores, comerciantes e manufaturadores. As forças de trabalho organizadas construíram grandes edifícios públicos, canais, fossos e, é claro, templos. Existiam economias complexas e grandes exércitos disciplinados. Para que as pessoas tenham cooperado, com certeza as alucinações eram coletivas. Se a visão de mundo antiga era uma ilusão, deve ter sido em massa, uma ilusão quase infinitamente complexa e sofisticada.

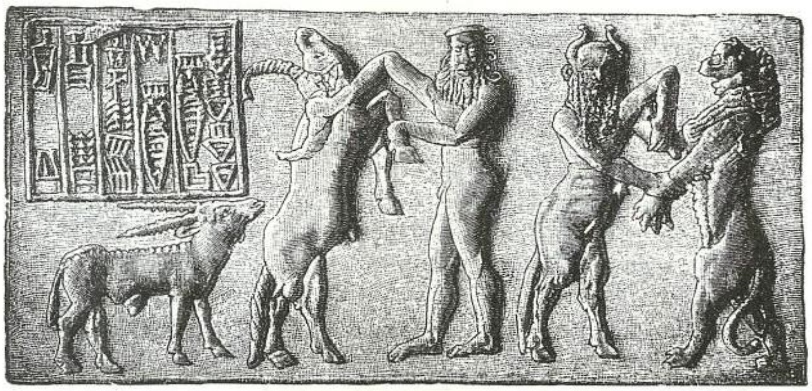
O que tentei apresentar até agora é a história do mundo compreendida pelos povos antigos, que tinham uma visão de mundo de mente-antes-da-matéria, quando todos viviam coletivamente em interação com deuses, anjos e espíritos.

Graças a Freud e a Jung, todos estamos familiarizados com a idéia de que nossa mente contém complexos psicológicos independentes de nossos centros de consciência, e portanto de certo modo podem ser considerados autônomos. Jung descreveu esses importantes complexos psicológicos com termos relativos às maiores deidades planetárias, batizando-os com os sete principais arquétipos do inconsciente coletivo.

Contudo, quando conheceu Rudolf Steiner, que acreditava em espíritos desencarnados, inclusive em deuses planetários, Jung o

desprezou, considerando-o esquizofrênico. Veremos no Capítulo 27 que no final de sua vida, quase antes de morrer, Jung foi além dos limites até onde vai o consenso científico moderno. Ele concluiu que estes complexos psicológicos eram autônomos no sentido de que eram de todo independentes do cérebro humano. Assim, Jung foi um passo além de Jaynes. Deixando de ver os deuses como alucinações — individuais ou coletivas —, e sim como inteligências superiores, ele adotou a filosofia antiga da mente-antes-da-matéria.
O leitor deve ser aconselhado a dar o mesmo passo. E importante que esteja em guarda contra qualquer impressão de que talvez — para ser justo — esta versão da história seja de alguma maneira coerente, ou que pareça verdade de uma forma poética inespecífica ou, pior, de uma forma espiritual. E importante porque basta um lapso momentâneo de concentração neste sentido e você, sem perceber de início e com o coração leve e o andar lépido, começa a descer a estrada que leva direto para o manicômio.

Gilgamesh, o grande herói da civilização suméria, foi rei de Uruk em aproximadamente 2.100 a.C. Sua história é repleta de loucura, emoções extremas, angústias e alienação. O grande poeta Rainer Maria Rilke a chamou de "o épico do pavor da morte".
A história apresentada aqui foi em grande parte recolhida de tabuletas de argila escavadas no século XIX, mas parece quase completa.
No início de sua história, o jovem rei é chamado de "touro xucro". Ele explode de energia, abrindo passagens na montanha, cavando poços, explorando, indo para a batalha. Ele é mais forte do que qualquer outro homem, bonito, corajoso, um ótimo amante contra quem nenhuma virgem está segura - mas solitário. Ele anseia por um amigo, alguém que lhe seja um igual.
E então os deuses criaram Enkidu. Era tão forte quanto Gilgamesh, mas era selvagem, com pelos emaranhados por todo o corpo. Vivia entre os animais selvagens, comia como eles e bebia nos regatos. Um dia, um caçador ficou cara a cara com esta estranha criatura no bosque e contou a Gilgamesh.



Representação em um cilindro de dois heróis caçando, supostamente Gilgamesh e Enkidu.

Quando ouviu a história do caçador, Gilgamesh soube que este era o amigo que ele esperava e preparou um plano brilhante. Instruiu a mais bela prostituta do templo a ir nua ao bosque, para encontrar o selvagem e domesticá-lo. Quando ela fez amor com ele, ele se esqueceu, como Gilgamesh sabia que aconteceria. A partir de então, quando os animais selvagens se deparavam com Enkidu, eles percebiam a diferença e não corriam mais com ele - corriam para longe dele.

Quando Gilgamesh e Enkidu se conheceram no mercado em Uruk, houve uma luta de campeões. A população toda se reuniu em volta para ver. Gilgamesh por fim venceu, lançando Enkidu de costas sem tirar sequer um pé no chão.

Assim, uma famosa amizade deu início a uma série de aventuras. Eles caçaram panteras e localizaram o monstruoso Hawawa, que guardava o caminho da floresta de cedros. Quando mais tarde abateram o touro do céu, Gilgamesh colocou os chifres nas paredes de seu quarto.

Mas então Enkidu ficou muito doente. Gilgamesh ficou sentado junto ao leito dele por seis dias e sete noites. Por fim, caiu um verme do nariz de Enkidu. Gilgamesh cobriu o rosto do velho amigo com um véu e rugiu como um leão que perdeu os filhotes. Mais tarde, ele perambulou pela estepe, chorando, com medo de que a morte estivesse começando a roer suas entranhas.

Gilgamesh terminou na taverna do fim do mundo. Queria perder a cabeça. Perguntou à bela garçonete como chegar a Ziusudra que, como vimos, é outro nome para Noé ou Dionísio. Ziusudra era um semideus que nunca morreu de fato.
Gilgamesh fez um barco com varas cobertas de betume, do modo como ainda hoje é usado pelos árabes, e partiu para encontrar o profeta. Ziusudra disse: "Revelarei a ti um segredo, um segredo dos deuses. Há no fundo do mar uma planta que perfura como a rosa. Se conseguires trazê-la à superfície, serás jovem novamente. É a planta da eterna juventude."
Ziusudra estava ensinando-o a mergulhar nos mares que cobriam a Atlântida, a como encontrar o saber esotérico perdido na época do dilúvio. Gilgamesh amarrou pedras nos pés, da mesma maneira que os pescadores de pérolas locais, desceu, pegou a planta, libertou-se das pedras e subiu à superfície em triunfo.
Mas, enquanto estava descansando na praia, uma cobra sentiu o cheiro da planta e a roubou.
Gilgamesh estava inteiramente morto.

Quando lemos esta história de Gilgamesh, podemos ficar intrigados ao ver que ele fracassa no teste aplicado pelo grande líder da humanidade. Há um toque de angústia cuja disseminação ainda maior pode ser ouvida nas civilizações babilônicas e mesopotâmicas que se desenvolveram e dominaram essa região.
Na morte de Gilgamesh, estamos na época dos maiores zigurates. A história da Torre de Babel, a tentativa de construir uma torre que se elevasse ao céu e a conseqüente perda de uma única linguagem que unificasse toda a humanidade representam o fato de que, à medida que começaram a se vincular a seus próprios espíritos tutelares e anjos que os guiavam, as nações e tribos perderam de vista os deuses superiores e a grande mente cósmica que confere um só destino a todas as diferentes partes do universo. Os zigurates representam uma tentativa malfadada de subir aos céus por meios materiais.
A Torre de Babel foi construída por Nemrod o Caçador. O Gênesis chama Nemrod de "o primeiro potentado da Terra". O arqueólogo

David Rohl identificou de forma convincente Nemrod com o histórico Enmer-kar ("Enmer o Caçador"), o primeiro rei de Uruk que escreveu ao rei vizinho de Aratta exigindo o pagamento de tributos no que se acredita que tenha sido a primeira carta que sobreviveu no mundo.

Ilustração de *O mágico de Oz*. Frank Baum era um teosofista que codificou a sabedoria esotérica em seu livro mais famoso. Os corpos animal, vegetal e mineral são simbolizados respectivamente pelo Leão Covarde, o Espantalho e o Homem de Lata. "Oz" é uma palavra cabalística que significa 77, ilustrando a força da magia que age sobre a matéria.

Nemrod foi o primeiro homem a procurar o poder para benefício próprio. Desta vontade de poder vieram a crueldade e a decadência. Na tradição hebraica, uma profeciado nascimento iminente de Abraão incitou Nemrod a dar início a um infanticídio em massa. Devemos entender por isto que ele praticou o sacrifício de bebês, enterrando os corpos nas fundações de suas grandes construções.
Vamos agora acompanhar a história secreta de Abraão por volta de 2.000 a.C., vagando entre os arranha-céus de sua Ur nativa (Uruk). Ele decidiu partir numa busca, tornar-se um nômade do deserto para redescobrir o senso do que é divino, que estava prestes a se perder.
Quando visitou o Egito, o faraó lhe deu uma de suas filhas, Hagar, como serva para Sara, esposa de Abraão. Hagar deu a Abraão seu primeiro filho homem, Ismael, que veio a se tornar o pai das nações árabes. Pode-se inferir a partir disso que Abraão aprendeu o grande conhecimento iniciático com sacerdotes egípcios. Os casamentos nesta época em geral aconteciam dentro de uma tribo ou na família ampliada. Poderes sobrenaturais eram relacionados ao sangue, e o casamento entre pessoas de mesmo sangue fortalecia os poderes, algo que costumava fazer parte da tradição de ciganos, por

exemplo. O casamento de indivíduos de diferentes tribos podia envolver troca de poderes e conhecimento.

Que forma de iniciação Abraão pode ter recebido no Egito?
Devemos imaginar o candidato à iniciação deitado numa tumba de granito. Está cercado de iniciados que o colocaram num transe semelhante ao sono profundo. Neste transe, eles podem retirar seu corpo vegetal — e com ele seu corpo espiritual ou animal — do corpo físico, de modo que ele paira como um fantasma sobre a entrada da tumba. Uma testemunha de uma cerimônia de iniciação praticada no poeta irlandês W. B. Yeats descreveu que uma série de sinos foram tocados durante a cerimônia para marcar os estágios. O espírito de Yeats podia ser visto brilhando com diferentes graus de intensidade nos diferentes estágios, cada um deles também marcado por diferentes padrões de cor.
Os iniciados que realizavam este tipo de cerimônia sabiam como moldar o corpo vegetal do candidato para que fosse capaz de usar conscientemente seus órgãos da percepção quando retornasse ao corpo material. No final de três dias, o candidato "renasce", torna-se um iniciado, o que é marcado pelo hierofante pegando-o pela mão direita e puxando-o do caixão.
Na filosofia esotérica, o corpo vegetal é de extrema importância. Além de controlar as funções corporais vitais, como os chakras, são os órgãos do corpo vegetal. Assim, este corpo forma o portal entre o mundo físico e o espiritual, e, quando estimulados, os chakras podem conferir poderes de percepção e influência sobrenaturais, assim como a capacidade de se comunicar com espíritos desencarnados e poderes curativos.
No sono do templo - que ainda seria praticado por iniciados das escolas de Mistérios 2.500 anos depois e ainda é praticado em algumas sociedades secretas de hoje —, quem estivesse doente poderia dormir no templo. Este sono duraria três dias, tempo em que o iniciado trabalharia em seu corpo vegetativo de uma forma que não difere do processo de iniciação.
Quem passasse por este processo poderia ter visões muito realistas, orientadas pelos iniciados. Primeiro, seria imerso na

completa escuridão. Pareceria que ele estava perdendo toda a consciência, que estava morrendo. Ele veria a si mesmo voltando a si, após ter sido levado por um ser de cabeça de animal numa viagem por longas passagens e através de uma série de câmaras. Em diferentes etapas, seria desafiado e ameaçado por outros deuses e demônios com cabeça de animal, inclusive crocodilos monstruosos que o dilacerariam.

No Livro dos mortos do Egito, o candidato passa por estes guardiões dos portais proclamando: "Eu sou o gnóstico, sou aquele que sabe!" Esta é uma fórmula mágica que ele usa no processo de iniciação e poderá usar novamente depois da morte.

Ele se aproxima do santuário interno. Vê uma luz extraordinária e intensa brilhando por entre as fendas em torno da beira do portal. Ele então grita: "Deixem-me entrar! Deixem-me que me espiritualize, deixem eu me tornar puro espírito! Preparei-me pelos escritos de Tot!"

Por fim, das ondas de luz surge uma visão da Deusa Mãe amamentando seu filho. Esta é uma visão curativa porque nos leva de volta à época paradisíaca que vimos no Capítulo 3, antes que a Terra e o Sol se separassem, quando a Terra era iluminada de dentro pelo deus Sol, uma época antes de qualquer insatisfação, doença ou morte. E no futuro vê-se também outra época, em que a Terra e o Sol serão reunidos, quando a Terra será de novo transfigurada pelo Sol.

Em todas as eras e em todos os lugares existiram pessoas que acreditavam que meditar com esta imagem da Deusa Mãe e seu filho em mente produz milagres de cura.

Depois de sua estada no Egito, Abraão foi para o oeste, para a região que conhecemos hoje como Palestina. Precisou armar e treinar seus servos para resgatar o irmão que fora capturado por bandidos locais. Em seguida a uma luta feroz e sangrenta, ele estava andando por um vale (que os estudiosos da Bíblia hoje identificam com o vale do Kidron), quando encontrou um estranho chamado Melquisedeque.

Assim como no caso de Enoque, há apenas uma curta menção a Melquisedeque na Bíblia, mas deixa a sensação de algo numinoso e

importante que fica sem ser dito. Gênesis 14:18-20: "Melquisedeque, rei de Salem e sacerdote do Deus Altíssimo, mandou trazer pão e vinho, e abençoou Abraão, dizendo, 'Bendito seja Abraão pelo Deus altíssimo que criou o céu e a terra! Bendito seja o Deus Altíssimo que entregou os teus inimigos em tuas mãos!" Este senso de algo numinoso é reforçado por uma misteriosa passagem do Novo Testamento, Hebreus, 6:20-7:17: "Jesus entrou por nós como precursor, Pontífice eterno, segundo ordem de Melquisedeque. Este Melquisedeque, rei de Salem, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão quando este regressava da derrota dos reis e o abençoou; ao qual Abraão ofereceu o dízimo de todos os seus despojos, é, conforme seu nome indica, Rei de Justiça e depois, rei de Salem, isto é, 'rei de paz'; sem pai, sem mãe, sem genealogia, a sua vida não tem começo nem fim; comparável sob todos os pontos ao filho de Deus, permanece sacerdote para sempre, (...) foi constituído não por prescrição de uma lei humana, mas por sua imortalidade. Pois está escrito: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque."

Melquisedeque aparece na arte e na literatura fora de proporção com a breve menção feita a ele na Bíblia. Por exemplo: ele aparece com grande destaque no estatuário eclesiástico francês mais esotérico, como aqui, no pórtico norte da Catedral de Chartres. É tradicionalmente mostrado portando o graal.

Pode-se notar com clareza que algo estranho está acontecendo. É evidente que este indivíduo misterioso, que tem a capacidade de viver para sempre, não é um ser humano comum.
Na tradição cabalística, a identidade secreta de Melquisedeque é Noé, o grande líder atlante que ensinou a agricultura, o cultivo do milho e do vinho à humanidade, que nunca morreu de fato e mudou-se para outra dimensão. Ele agora reaparecia a fim de ser o mestre espiritual de Abraão, para iniciá-lo em um nível mais elevado.
Para entender o ensinamento iniciático de Melquisedeque, devemos examinar um episódio posterior em que ele, de acordo com a tradição antiga, estava presente, embora isto não se revele na versão bíblica.
Isac tinha vinte e dois anos quando seu pai o levou ao alto de uma montanha para sacrificá-lo no altar de Melquisedeque.

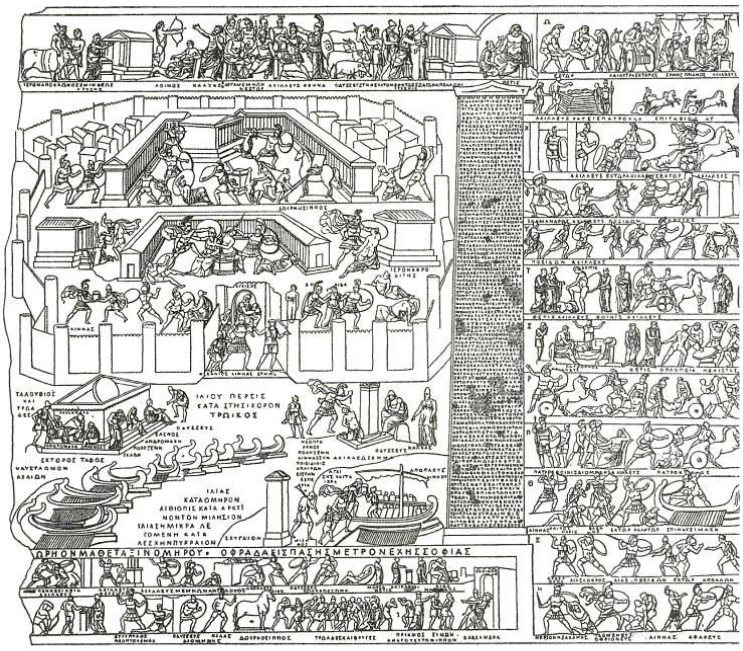
Em certas formas de iniciação, é muito importante que, em determinado ponto da cerimônia e talvez brevemente, mas com total convicção, o candidato acredite que vai morrer.

Ele talvez tenha entendido que irá suportar uma morte simbólica, mas de repente lhe ocorre que pode haver uma mudança de planos. Talvez ele tenha feito os juramentos mais solenes, na dor da morte, de que ele se emendará e viverá segundo ideais elevados. Agora, com a lâmina em sua pele, ele se pergunta se os iniciados que o têm em seu poder sabem que ele mentiu para eles. Ele sabe, e agora começa a pensar nisso, que fez coisas que não deveria ter feito, que não fez coisas que deveria ter feito, que não há cura para ele. No fundo ele sabe que não teve força de vontade suficiente para cumprir os juramentos que fez. Ele acaba de se condenar à morte por sua própria boca e é completamente incapaz de se socorrer.
A esta altura, ele percebe que precisa de ajuda sobrenatural.
Podemos ter um eco débil destas emoções de medo e piedade se lermos uma grande tragédia como Édipo rei ou Rei Lear. Na iniciação, o candidato é obrigado a sentir a tragédia de sua própria vida, uma tremenda necessidade por catarse. Ele começa a julgar sua própria vida como os demônios e anjos a julgarão depois da morte.

Enquanto a faca de Abraão começava a cortar a garganta de Isac, um anjo o substituía por um bode cujos chifres tinham ficado presos em um arbusto.
Os chifres no arbusto representam o chakra frontal de duas pétalas - ou dois chifres já emaranhado na matéria. Abraão age desta forma porque este modo de visão teria que ser sacrificado. Por ora, a percepção dos mundos espirituais deve dormir pelo bem da missão dos ancestrais de Abraão, para desenvolver o cérebro como um órgão do pensamento.
Os judeus serão guiados por Jeová, o grande espírito da Lua, o grande deus do "não-farás" que ajuda a humanidade a evoluir a partir da experiência animal e extática, afastando-se da vida da alma tribal ou coletiva para desenvolver o livre-arbítrio individual e o livre pensar.
Na história secreta, este sacrifício do chakra frontal acontece no altar de Melquisedeque, o grande sumo sacerdote dos Mistérios do

Sol. Isso significa que Isac foi iniciado em um nível que entende a necessidade desta fase lunar seguinte de desenvolvimento humano. A evolução do livre-arbítrio e do livre pensar por fim permitirá que o homem tenha um papel consciente na transformação do mundo.
Isac permanece na escola de Mistérios de Melquisedeque por três anos e meio.
Como Melquisedeque é um sacerdote dos Mistérios do Sol, devemos imaginar que esta escola contém um círculo de pedra em seus recintos. Chegamos à grande era destes templos do Sol, cujos exemplos ainda sobrevivem em Luneberg, na Alemanha, Carnac, na França, e Stonehenge, na Inglaterra. No século IV a.C., o historiador Diodoro da Sicília descreveu um templo esférico do Sol no norte, dedicado a Apolo. Hoje os estudiosos acreditam que ele descrevia Stonehenge ou, mais provavelmente, Callanish, no extremo norte da Escócia. Mas, de qualquer forma, devemos entender a associação com Apolo como um anseio pelo renascimento do deus Sol a partir do útero da Deusa Mãe.

A outra grande contribuição para o desenvolvimento do pensamento veio, é evidente, dos gregos.
O cerco de Tróia marca o início da ascensão da grandeza da civilização grega, quando os gregos aproveitaram a iniciativa da civilização caldaica-egípcia e forjaram seus próprios ideais.
Estivemos acompanhando uma história do mundo em que, pela primeira vez, as vidas de grandes heróis culturais de todo o mundo - Adão, Júpiter, Hércules, Osíris, Noé, Zoroastro, Krishna e Gilgamesh - foram entrelaçadas em uma narrativa cronológica. Em geral, eles não deixaram vestígios físicos, vivendo apenas na imaginação coletiva, preservada apenas nos fiapos remanescentes de história e nas imagens espalhadas pelo mundo.



O cavalo de Troia é retratado na base do painel. A maior parte da história do cerco de Troia chegou até nós por meio do relato de "Homero, o cego". Na linguagem das sociedades secretas, "cego" não tem necessariamente um significado literal. No caso de Homero, pode significar que ele era um iniciado, cujo olhar estava voltado para o mundo espiritual, e não para o material. Florence e Kenneth Wood mostraram que a *Ilíada* pode ser lida como uma alegoria astronômica. Mas, como vimos, isso não implica que também não seja um evento histórico real. Como iniciado, Homero teria sido consciente dos grandes deuses das estrelas e planetas que guiam a vida na Terra.

Mas a partir de agora veremos que muitas figuras lendárias, que a maioria das pessoas pressupõe que sejam inteiramente a-históricas, na verdade deixaram vestígios físicos, segundo a arqueologia recente.

A descoberta das ruínas de Tróia pelo arqueólogo alemão Heinrich Schliemann na década de 1870 sempre foi controversa. A camada arqueológica que ele escavou provavelmente data de 3.000 a.C. e é antiga demais para ser a de Homero, mas hoje grande parte dos estudiosos concorda que a camada relacionada a 1.200 a.C., no final da Era do Bronze, é coerente com a narrativa de Homero.

No mundo antigo, eram travadas guerras pela posse de conhecimento sagrado e iniciático, em parte devido aos poderes sobrenaturais que conferiam. Os gregos lutaram porque queriam levar a estátua, chamada de Paládio, feita pelas mãos de Atena. Devemos considerar a luta pela posse de Helena da mesma maneira.

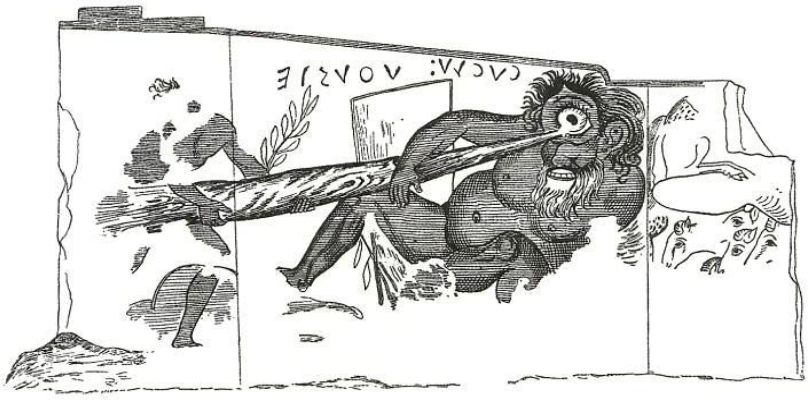
Hoje podemos ver "a promessa de felicidade" na face de alguém belo, para usar uma expressão de Stendhal. Sim, podemos nutrir esta promessa num sentido cru ou banal, mas também podemos fazer o mesmo num sentido mais profundo. A grande beleza pode nos parecer mística, como se guardasse o aroma da vida. Se eu pudesse estar com essa pessoa bela, pensamos, minha vida seria satisfatória. A presença da beleza excepcional pode induzir a um estado alterado de consciência, e as iniciativas masculinas em geral foram associadas a mulheres muito bonitas, talvez em parte porque a participação delas intensifica as técnicas sexuais secretas das escolas.

A posse de Helena permitiria que os gregos avançassem para a fase seguinte da civilização.

Vemos a mudança de consciência de que trata a história do cerco de Tróia nas famosas palavras de Aquiles: "Antes ser escravo na terra dos vivos do que rei das sombras." Os heróis da Grécia e de Tróia amavam viver ao Sol e foi terrível quando ele de repente se apagou e seus espíritos foram mandados para a terra das sombras, a escuridão do Ocidente. Este foi o "pavor da morte" de Gilgamesh intensificado a um nível que parece quase atual.

Observe que Aquiles não está duvidando da realidade da vida após a morte, mas sua concepção desta evidentemente não vai além da semivida pavorosa da esfera sublunar. Ele perdeu uma visão das esferas celestiais superiores.

Podemos ver de outro ângulo este momento decisivo para a consciência se nos perguntarmos qual dos heróis de fato venceu a Guerra de Tróia para os gregos. Não foi o corajoso e forte herói Aquiles, o último dos semi-deuses, quase invencível. Foi Ulisses, "de rápida sagacidade", que derrotou os troianos, convencendo-os a aceitar de presente um cavalo de madeira que continha soldados escondidos em seu interior.



Ulisses cegando o gigante Polifemo de um só olho, esta imagem mostra o progenitor da nova forma de pensar destruindo a antiga, do Terceiro Olho. A história paralela de Davi e Golias, de duzentos anos depois, em que Davi mata o gigante com uma pedra atirada no meio da testa, mostra que estes errantes primitivos ainda eram uma realidade histórica.

Hoje em dia, a história do Cavalo de Tróia parece quase completamente implausível. Do ponto de vista da psicologia moderna, é simplesmente irreal supor que alguém poderia ser tão crédulo.

Mas na época da Guerra de Tróia as pessoas só estavam começando a sair da mente coletiva que seguimos anteriormente, andando pelo bosque antigo que vimos Jaynes definir. Antes da Guerra de Tróia, todos dividiam o mesmo mundo de pensamentos. Outros podiam ver o que você estava pensando. Nenhuma mentira teria sido possível. As pessoas interagiam com uma sinceridade terrível. Tinham um sentido que perdemos, de que em tudo o que faziam participavam de eventos cósmicos.

.. a data do cerco de Tróia também é a data do primeiro ardil da história.

12. A DESCIDA ÀS TREVAS

Moisés e a Cabala • Akenaton e Satã • Salomão, Sabá e Hiram • O rei Artur e o chakra da coroa

A civilização egípcia talvez seja a mais bem-sucedida na história registrada, tendo durado mais de 3.000 anos. Compare-a com a civilização cristã europeu-americana, que até agora tem apenas cerca de 2.000 anos. Outro aspecto notável são os registros históricos egípcios extraordinariamente bem preservados que sobreviveram nas paredes dos templos, em tabuietas e papiros, sendo essenciais para colocar num contexto cronológico as civilizações vizinhas que deixaram registros e restos menos completos.

Tradicionalmente, o êxodo dos hebreus do Egito tem sido situado no reino do faraó Ramsés II um dos maiores governantes do Egito e um dos mais expansionistas. Grande construtor em Luxor e Abu Simbel, seus monumentos também incluem o imenso obelisco que hoje está na Place de la Concorde, em Paris. Em Ozymandias, do poeta romântico Percy Bysshe Shelley, ele se tornou o arquétipo do governante terreno que passa a acreditar que suas realizações durarão para sempre - "Considerai minhas palavras, ó Poderoso, e desesperai!"

Podemos pensar que é um oponente digno de Moisés. Cecil B. de Mille com certeza pensava assim. Mas surgiu um problema. Os arqueólogos descobriram que se procurarmos por vestígios dos hebreus no reino de Ramsés II, ou se procurarmos, por exemplo, por vestígios da queda de Jericó ou do Templo de Salomão nas camadas arqueológicas correspondentes, não encontraremos absolutamente nada.

Isso levou a um consenso entre os acadêmicos de que os mitos épicos das origens dos judeus eram "apenas mitos", no sentido de que não tinham fundamento na realidade histórica.

Vale a pena parar por um momento e perguntar o quanto essas pessoas queriam que as histórias fossem inverídicas e o quanto suas convicções eram fundamentadas numa espécie de prazer adolescente pela subversão das convicções tradicionais?

Na década de 1990, um grupo de jovens arqueólogos, da Áustria e de Londres, chefiados por David Rohl, começou a questionar a cronologia convencional do Egito. Perceberam que, no período da Terceira Dinastia Intermediária, dois reis que os estudiosos acreditavam ter se sucedido no trono haviam na verdade governado na mesma época.

Isso "encurtou" a cronologia do antigo Egito em cerca de 400 anos. Conhecida como "nova cronologia", ela aos poucos conquista terreno, mesmo em meio à geração mais antiga de egiptólogos.

Um efeito colateral incidental da nova egiptologia - e digo "incidental" porque esses eruditos não têm interesse religioso pessoal - foi que, quando começaram a
procurar por vestígios das histórias bíblicas de 400 anos antes, os arqueólogos de campo fizeram descobertas sensacionais.

A condição humana nos dá uma capacidade extraordinária para acreditar no que queremos; mas, para quem não tem um forte motivo para acreditar que as histórias bíblicas não passam de "contos de fadas", essa nova evidência é muito convincente.

Ela revela que Moisés não viveu por volta de 1.250 a.C., não sendo portanto contemporâneo de Ramsés II. Ele nasceu por volta de 1.540 a.C. e o Êxodo aconteceu em aproximadamente 1.447 a.C. Usando retro-cálculos astronômicos, as observações de Vênus registradas nos textos mesopotâmicos que se coadunam com a Bíblia e com registros egípcios remanescentes, David Rohl apresentou fortes evidências de que Moisés foi criado como príncipe egípcio no reino de Neferhotep I, em meados do século XVI a.C. Rohl encontrou provas complementares em um relato de Artapano, historiador judeu do século III a.C. que pode ter tido acesso a registros agora perdidos de templos egípcios. Artapano
contou que o "príncipe Mousos" tornou-se um administrador popular sob o reinado de Khenephres, sucessor de Neferhotep I. Mousos foi então exilado quando foi objeto da inveja do faraó. Por fim, Rohl

mostrou que o faraó do Êxodo foi o sucessor de Khenephres, Dudimose. Escavações no nível correspondente à época de Dudimose revelaram os restos de uma colônia estrangeira de escravos ou trabalhadores - como as que são mencionadas no Papiro do Brooklyn, um decreto real que autorizou a transferência de grupo semelhante na mesma época. Essa colônia pode ter sido construída para e pelos hebreus. Também há poços fundos e evidências de sepultamentos apressados e em massa, que podem ser vestígios das pragas bíblicas.
Desenterrar pedras e cerâmicas pode nos fundamentar na realidade histórica, mas para entender o que de fato é importante em termos humanos, como era estar lã, que é aquilo que a experiência humana pode oferecer de mais elevado e profundo, devemos nos voltar de novo para a tradição secreta.

Como príncipe egípcio, Moisés foi iniciado nos Mistérios egípcios. Isso foi registrado pelo historiador egípcio Maneto, que identificou Heliópolis como a escola de Mistérios dele. Está confirmado em Atos 7:22, quando o apóstolo Estevão diz: "Moisés foi instruído em todas as ciências dos egípcios."
Os ensinamentos de Moisés beberam na sabedoria egípcia. Por exemplo: o Encantamento 125 no Livro dos mortos descreve o julgamento dos mortos. O espírito deve declarar a Osíris que teve uma vida boa e depois negar aos 42 juizes dos mortos ter cometido uma lista de atos imorais específicos: "Não roubei, não matei, não dei falso testemunho" e assim por diante. É claro que isso é anterior aos Dez Mandamentos.
Ao ressaltar este fato, minha intenção não é depreciar Moisés. É inevitável que seus ensinamentos tenham se originado do ambiente histórico. Historicamente significativo sobre Moisés é o modo como ele recontextualiza a sabedoria antiga com o objetivo de levar a humanidade à fase seguinte da evolução da consciência.
Quando fugiu para o exílio no deserto, Moisés conheceu um mestre sábio. Jetro era um sumo sacerdote africano — era etíope —, guardião de uma biblioteca de tabuletas de pedra. Quando Moisés casou-se com a filha dele, Jetro o iniciou em um nível superior. É a

esta iniciação que alude a história da sarça ardente. Quando Moisés viu que a sarça ardente não era consumida pelo fogo, esta foi uma visão do self que não é destruído pelo fogo purgativo que espera do outro lado da sepultura.

Ao ver a sarça ardente, Moisés teve um sentimento de que tinha missão, um impulso para trabalhar pelo bem maior da humanidade, levar todos a uma terra em que fluíssem leite e mel.

Mas então, enquanto Moisés hesitava diante da magnitude da tarefa que tinha pela frente, Deus fortaleceu sua determinação: "Toma em tua mão esta vara, com a qual operarás prodígios." Quando voltou ao Egito, Moisés pretendia pedir ao faraó para "libertar meu povo".

Moisés e o irmão Aarão entraram na sala do trono. Aarão de repente atirou a vara no chão. Ela se transformou numa cobra. O faraó ordenou que os magos da corte repetissem a proeza, mas, ao fazerem isso, a cobra de Aarão engoliu aquelas que eles criaram.

Enquanto se desenrolava a batalha de vontades entre Moisés e o faraó, Moisés usou o próprio cajado - ou vara - para orientar o rumo dos acontecimentos: para trazer fogo e granizo do céu, provocar uma praga de gafanhotos, dividir o mar Vermelho, bater numa pedra e dela retirar água.

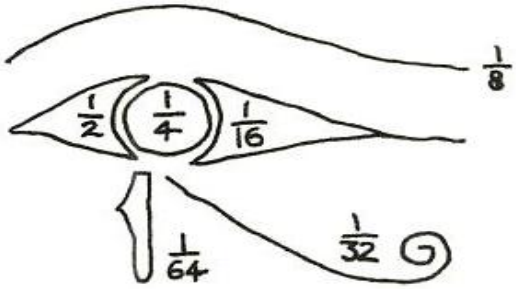
O que isso significa? Desconfio que muitos leitores já estão um passo adiante, mas a lenda popular de que este cajado foi entalhado na madeira que provinha da árvore do Jardim do Eden aponta para um significado mais profundo. O cajado faz parte da dimensão vegetal do cosmo. Dominando-o e manipulando-o como se ele trespassasse o próprio corpo, Moisés, agora um adepto, também era capaz de dominar e manipular o cosmo que o cercava.

Mais tarde, após desistir de convencer o faraó a libertar seu povo, quando os levou para o deserto do Sinai, Moisés desceu da montanha com as tabuletas de pedra.

Moisés se mostrou um feitor rigoroso, de certa forma mais rigoroso do que os faraós. Seu povo não conseguia viver de acordo com suas ordens. Em determinado momento, foram castigados por uma praga de serpentes ferozes e mortais (Números 7-19). Para salvá-los, Moisés prendeu uma serpente de bronze num bastão erguido horizontalmente.

João (3:14) comenta esta passagem do Antigo Testamento: "Como Moisés levantou a serpente do deserto, assim deve ser levantado o filho do homem."
Claramente, João está vendo a serpente de bronze como um presságio da crucificação de Jesus Cristo. "Levantar" tem o sentido de ser transformado ou transfigurado.
A serpente de bronze foi fundida, e assim prefigura, como sugere João, a transfiguração do corpo material da humanidade.
O cajado que Moisés usou para punir os egípcios e disciplinar seu povo era uma imagem da serpente-Lúcifer, de consciência animal, que foi corrigida e subjugada pela força de vontade de uma disciplina moral muito difícil de ser mantida.
Assim, a grande dádiva que Moisés deu a seu povo foi a culpa. A moralidade surge na história com Moisés e com um chamado para uma mudança de sentimentos.
Se olharmos os Dez Mandamentos a partir da perspectiva da doutrina esotérica, veremos que mais significativa é a forma como os dois primeiros mandamentos proibiam o uso de imagens na prática religiosa e apelavam aos judeus para que não idolatrassem outros deuses. Depois de Abraão, Moisés tentava implantar um novo tipo de religião que se afastasse das práticas das religiões mais antigas, com suas cerimônias elaboradas e dominadoras, o fragor do toque de címbalos, as nuvens ofuscantes de fumaça e ídolos falantes. O objetivo das antigas religiões era diminuir a consciência. Os adoradores conseguiam acesso aos mundos espirituais, mas de forma descontrolada, nas grandes visões opressivas e tumultuadas que os seguidores de Osíris tinham. Era isso que Moisés estava preocupado em substituir por uma comunhão ponderada e mais consciente com o divino.
Com esta proibição das imagens, Moisés também estava ajudando a criar as condições que possibilitariam o pensamento abstrato.

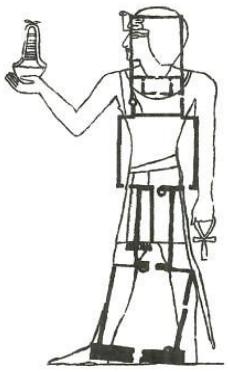
Os Dez Mandamentos e as outras leis do Êxodo e do Deuteronômio formam os ensinamentos públicos de Moisés. Eram para todas as pessoas. Na tradição esotérica, ele também ensinou a Cabala, os ensinamentos místicos e secretos do judaísmo, a setenta anciãos.

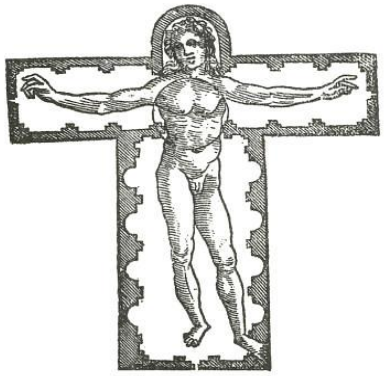


O olho udjat como uma série de frações.

A Cabala é tão ampla como Igreja quanto a maior religião do mundo. Examinaremos diferentes aspectos dela.
Repito que não pretendo depreciar Moisés nem a Cabala ao observ ar que ela surgiu de uma tradição mais antiga, o sistema de números místicos dos egípcios.
Os cálculos matemáticos feitos no Egito antigo não chegaram até nós, mas a compreensão deles da matemática superior sobreviveu na arte egípcia. Por exemplo: o olho de Hórus era representado como o olho udjat, que agora sabemos ser composto por vários hieróglifos que representam frações que somam um rota de 63/64. Se invertermos este número e dividirmos 64 por 63, chegaremos ao que era chamado de "o maior segredo dos egípcios", o Comma de Pitágoras.
Números muito complexos, como o Comma de Pitágoras, Pi e Fi (às vezes este último é denominado a Proporção de Ouro), são conhecidos como números irracionais. Estão no fundo na estrutura do universo físico e eram vistos pelos egípcios como os princípios que controlam a criação, os princípios pelos quais a matéria é precipitada da mente cósmica.
Hoje os cientistas reconhecem que o Comma de Pitágoras, o Pi e a Proporção de Ouro, assim como a seqüência de Fibonacci, estreitamente relacionada, são constantes universais que descrevem padrões complexos na astronomia, na música e na física. Por exemplo: a sequência de Fibonacci é uma série em que

cada número é a soma de dois números precedentes. As espirais são formadas de acordo com esta seqüência.





No idealismo secreto, a forma humana é um microcosmo do universo. As proporções divinas podem ser encontradas não só em amonitas e nebulosas, mas no corpo humano. O egiptólogo renegado R.A. Schwaller de Lubicz passou 15 anos *in loco* identificando as proporções matemáticas divinas do Templo de Luxor. Ele demonstrou que a disposição ritual da fundação e consagração do templo era chamada de cerimônia de Dar o Cavalo a Seu Dono. Da mesma forma que no hinduísmo, escreveu ele, a construção de um templo no formato do corpo humano era um processo mágico. Acreditava-se que se fosse cometido um erro em determinada parte de um templo, o supervisor do trabalho de construção sofreria uma doença ou lesão na parte correspondente de seu corpo.

É exuberante na natureza, nas espirais das galáxias, no formato de amonitas e na organização das folhas de um caule.
Para os egípcios, estes números também eram as harmonias secretas do cosmo e eles os incorporaram como ritmos e proporções na construção de pirâmides e templos.
Uma construção feita segundo tais medidas seria ideal. Um corredor, uma soleira de porta, uma janela que tivesse a Proporção de Ouro seria inefavelmente agradável ao espírito humano.
É claro que os grandes templos do Egito estão repletos de formas vegetais, como os pilares em formato de junco do grande hipostilo de Karnak. Mas foi a vida vegetal que deu proporção ao membro humano, a vida vegetal que transformou costelas e as fez curvas de acordo com uma agradável fórmula matemática cuja reprodução preocupava particularmente os construtores de templos.
A questão é que os templos egípcios foram construídos deste modo porque os deuses não conseguiam mais habitar corpos de carne e osso. Um templo era construído para ser o corpo de um deus, não menos do que isso. O espírito do deus vivia nos corpos vegetal e

material que o templo corporificava, assim como o espírito humano reside em seus corpos vegetal e material.

Os hebreus ao contrário dos egípcios, não deixaram uma herança arquitetônica rica. O misticismo deles com relação aos números nos chegou codificado na linguagem dos livros de Moisés.
O grande livro da Cabala é o Zohar, um amplo comentário sobre os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, atribuídos tradicionalmente a Moisés.
Se o mundo é pensamento materializado, então, de acordo com a Cabala, as palavras e letras foram os meios pelos quais aconteceu este processo. Deus criou o mundo manipulando e fazendo padrões com as letras hebraicas do alfabeto. As letras hebraicas, portanto, têm propriedades mágicas e os padrões que formam na escritura desvelam níveis, na verdade panoramas, de significado oculto.
O Capítulo 14 do Êxodo contém três versículos - 19, 20 e 21 — escritos, cada um, com 72 letras. Se escrevermos estes versículos um abaixo do outro, de modo que as 72 letras apareçam em colunas, e se em seguida lermos uma coluna de cada vez, encontraremos os 72 nomes secretos de Deus.
Cada letra hebraica é também um número. O aleph, o "a" hebraico, representa o número 1, beth representa o 2 e assim por diante. Existem ligações complexas. A palavra hebraica para pai tem um valor numérico de 3, e a palavra para mãe tem valor de 41. A palavra hebraica para filho é 44, a combinação de pai e mãe.
E fica ainda mais perturbador.
O valor numérico da expressão hebraica para Jardim do Eden é 144. O valor numérico da Arvore do Conhecimento é 233. Se dividirmos 233 por 144, chegaremos muito perto - a quatro pontos decimais - do valor da proporção de ouro fi!
Nas últimas décadas, os matemáticos têm se dedicado à tarefa de descobrir mensagens cifradas no texto dos livros de Moisés. O trabalho inovador de Witztum, Rips e Rosenberg tinha como objetivo encontrar códigos de transcrição usando seqüências equidistantes de letras. Os resultados publicados incluem alguns nomes de figuras pós-bíblicas da história hebraica; contudo, não encontraram

nenhuma proporção, nem seqüências de frases, tampouco nada que pudesse ser lido como uma mensagem. Novamente, não cabe a mim revelar este segredo, mas um estatístico de Cambridge mostrou-me os resultados da aplicação de um "código de salto" extremamente complexo, verificado por um professor de matemática da Universidade de Cambridge. Os fragmentos que ele me mostrou eram semelhantes aos Salmos.

Imagine se um livro inteiro - ou uma série de livros - fosse codificado no texto que temos. Será que cada um destes textos também teria diferentes níveis de significado?

Uma realização dessas está além da capacidade da inteligência humana normal.

Uma pesquisa recente de um grupo ocultista mostrou que Bach compôs algumas das melodias mais belas do mundo — como a famosa "Chaconne" dando a cada nota o valor de uma letra do alfabeto. A música de Bach revela segredos, também são mensagens semelhantes aos Salmos. Estaria isso além da inteligência humana normal?

Nos círculos esotéricos, às vezes a linguagem imbuída de níveis de significado é chamada de "linguagem verde" ou "linguagem das aves". Rabelais e Nostradamus, contemporâneos na Universidade de Montpellier, assim como Shakespeare, afirmaram ter escrito nela. Wagner refere-se a ela quando alude à tradição de que Siegfried aprendeu a linguagem das aves bebendo o sangue do dragão.

Uma última possibilidade enquanto ainda estamos neste tema: será que todos falamos a linguagem verde o tempo todo? Quem sabe a única diferença entre nós e os grandes iniciados como Shakespeare seja de que eles o faziam de maneira consciente?

Sigmund Freud tinha um profundo interesse pela Cabala. Como veremos, ela influenciou a formação do pensamento dele. Mas Freud mostrou ter uma interpretação equivocada quando afirmou que a fonte do monoteísmo de Moisés foi o faraó egípcio Akenaton. Sabemos agora que Moisés veio primeiro. As idéias de monoteísmo de Akenaton eram sutis mas perigosamente diferentes.

O auge do Império Novo do Egito, o reino do pai de Akenaton, Amenófis III, parecia indicar uma era de paz e prosperidade ainda maiores, que veria a construção dos templos mais magníficos do mundo antigo, mesmo que não eqüivalessem à realização singular da Grande Pirâmide.

Depois do nascimento de três filhas, a rainha Ti deu a Amenófis um filho homem. Talvez porque ele fosse esperado há muito tempo, talvez porque estava claro que seu pai não viveria por muito tempo, o menino que viria a se tornar Akenaton foi levado para os recintos do templo e lá foi criado com um senso de missão cósmica em mente.

Akenaton nasceu com um defeito cromossômico que lhe dava uma aparência estranha, hermafrodita e até sobrenatural: coxas femininas e um rosto alongado que podia ser interpretado como etéreo, até espiritual. Este defeito também pode levar a sintomas de instabilidade mental - obsessão, ilusões, paranóia.

É possível que uma combinação destes fatores tenha contribuído para seus atos, que ameaçavam romper todo o progresso da evolução humana.

Ao contrário da Babilônia, onde os reis agiam de forma independente do clero, resultando em extremos de crueldade despótica, os faraós do Egito governavam sob a égide de sacerdotes iniciados. Daí se conclui que a concepção popular da revolução de Akenaton, vista como um ato de individualismo radical, está de todo equivocada.

O início do reinado de Akenaton coincidiu com o começo do ciclo sótico. Este foi um dos maiores ciclos astronômicos que moldaram a história, de acordo com a teologia sacerdotal.

O ciclo sótico tem 1.460 anos. Na mitologia egípcia, cada novo início deste ciclo viu a volta da ave de Bennu, a Fênix anunciando o nascimento da nova era e de uma nova organização. Quando Akenaton anunciou o fechamento do templo mais magnífico do mundo, em Karnak, e a fundação de um novo centro de cultos e uma capital aproximadamente a meio caminho entre Karnak e Gizé, não foi um capricho de um indivíduo excêntrico, mas um rei iniciado

agindo por destino cósmico. Ele estava se preparando para a volta da ave de Bennu em 1.321 a.C.
Seu primeiro ato foi construir um novo templo para Aton, o deus do disco solar. No grande pátio deste novo templo ficava sua peça central, um obelisco que tinha uma pedra de Benben no topo, onde pousaria a lendária Fênix.
Seu ato seguinte, apoiado pela mãe, a rainha Ti, foi construir uma grande nova capital e para lá enviar, em barcaças, o governo todo. Ele queria alterar o eixo da Terra.
Depois ele declarou que os outros deuses não existiam de fato e que Aton era o único Deus verdadeiro. Esta foi a declaração de um monoteísmo de certo modo muito parecido com o moderno. Proibiu-se a adoração de Ísis, Osíris e AmonRá. Seus templos foram extintos e derrubados, e os festivais populares em homenagem a eles foram declarados superstições.
Para a mentalidade contemporânea, há algo de atraente nas reformas de Akenaton. Do mesmo modo que o monoteísmo de hoje, o de Akenaton era materialista. Por definição, o monoteísmo aboliu outros deuses - e tende a abolir outros espíritos e outras formas de inteligência desencarnadas. Assim, o monoteísmo tende a ser materialista no sentido de que é propenso a negar a experiência dos espíritos - e é desta experiência, como já dissemos, que trata a espiritualidade.
Assim, foi o Sol físico que Akenaton declarou ser divino e a origem de toda bondade. Como conseqüência, a arte do reinado de Akenaton aboliu o formalismo hierárquico da arte egípcia tradicional, com seus níveis de deidades.
A arte da época de Akenaton parece naturalista de uma forma que julgamos fácil de apreciar. Alguns de seus belos hinos a Aton sobreviveram e parecem, o que é extraordinário, anteceder os Salmos de Davi. "Quão diverso é o que Tu fizeste. Tu criaste o mundo de acordo com Teu desejo — todos os homens, o gado e os animais selvagens", declamou Akenaton. "Incontáveis são Tuas obras", entoa Davi. "Tu fizeste todas tão sabiamente. O mundo é pleno de Tuas criaturas."

Mas por trás da poesia, por trás de toda a inteligência clara e quase modernista se escondia uma loucura monomaníaca. Ao proibir todos os outros deuses e declarar a si mesmo o único veículo para a sabedoria e a influência de Aton na Terra, ele na verdade estava tornando redundante todo o clero e substituindo-o exclusivamente por si mesmo.
Mas apesar de fazer de si o foco de toda prática religiosa, ele se recolhia cada vez mais no labirinto de pátios de seu palácio, com a bela esposa Nefertiti e seus
amados filhos. Brincava com a jovem família, compunha hinos e se recusava a ouvir qualquer notícia ruim relacionada à inquietação do povo ou às rebeliões nas colônias do Egito, que ameaçavam a supremacia egípcia na região.
Por fim, o colapso veio de dentro. Com 15 anos de reinado, morreu a filha que ele idolatrava, apesar de todas as orações que fez a Aton. Depois sua mãe, Ti, que sempre lhe deu apoio, também faleceu. E Nefertiti desaparece dos registros da corte.
Dois anos depois, os sacerdotes mataram Akenaton e colocaram no trono o jovem menino que o mundo conheceria como Tutankamon.
Imediatamente, os sacerdotes começaram a restaurar Tebas. A capital de Akenaton logo se tornou uma cidade fantasma e cada monumento a ele, cada descrição, cada menção ao nome de Akenaton foi impiedosa e sistematicamente eliminada.
Alguns estudiosos modernos viram Akenaton como uma figura profética e até santificada. Mas, como sabemos por Maneto, é significativo que os egípcios lembrem-se de seu reinado como um evento setiano. Set é, claramente, Satã, o grande espírito do materialismo, que sempre tenta destruir a verdadeira espiritualidade. Se Akenaton conseguisse converter a humanidade ao materialismo, teriam se perdido para sempre os 3.000 anos de crescimento tranqüilo e belo do espírito humano e as muitas qualidades que evoluíram desde então.

Embora não tenham sobrevivido no mesmo estado de conservação de alguns templos egípcios, nenhum templo avulta na imaginação coletiva como o Templo de Salomão.

Há pouco tempo, Saul foi identificado como um personagem histórico que aparece em cartas de reis a Akenaton. Eles lealmente lhe escreviam com relatórios de acontecimentos locais. O nome de Saul está nestas cartas como "Labya", o rei de Habiru". Por estas identificações nos registros de culturas vizinhas, podemos agora dizer com confiança que Davi — "Tadua" — tornou-se o primeiro a unificar as tribos de Israel em um só reino quando se tornou soberano de Jerusalém em 1.004 a.C., mas morreu antes de poder construí-lo, e assim esta tarefa ficou para seu filho, que agora sabemos que foi sagrado rei de Jerusalém em 971 a.C.

Antes dos progressos feitos pela nova cronologia de David Rohl, acreditava-se que Salomão, se de fato foi um personagem histórico, viveu na Idade do Ferro. Este era um grande problema, pois a arqueologia não pôde encontrar nos restos deste período nenhuma evidência da riqueza e dos projetos de construção pelos quais Salomãosempre foi famoso. Transferir Salomão para o final da Idade do Bronze mostrou-se perfeitamente adequado. Os restos da arquitetura de estilo fenício que pode ser sido construída por Hiram foram escavados no estrato correspondente à essa época.

A figura de Salomão reluz na imaginação popular como a incorporação de toda a magnificência e sabedoria dos reis — e, na tradição secreta, como o regulador mágico dos demônios. Nas tradições secretas da maçonaria — que conhecemos de uma oração do cavaleiro Michael Ramsay em 1736 —, Salomão registrou seu conhecimento mágico em um livro secreto que mais tarde deitou as fundações do Segundo Templo em Jerusalém.

No folclore judaico, o reinado de Salomão foi tão esplêndido que o ouro e a prata se tornaram comuns como pedras de rua. Mas como nesta época os judeus não tinham a tradição de construir templos, pois eram um povo nômade, Salomão preferiu empregar um fenício, Hiram Abiff, como arquiteto do projeto. Embora a construção, de acordo com as evidências das medidas apresentadas no Antigo Testamento, não pareça maior do que uma igreja paroquial, era repleta de ornamentos de magnificência sem paralelo.

Em seu centro ficava o Sagrado dos Sagrados, revestido de placas de ouro e incrustado de pedras preciosas. Foi projetado para

guardar a Arca da Aliança, que continha as tábuas de Moisés. Os querubins, cujas asas se estendiam em proteção sobre ela, eram, como vimos, representantes de constelações do cinturão do zodíaco. Nos cantos do altar, quatro chifres representavam a Lua, e um castiçal de ouro com sete lumes — uma clara representação do Sol, da Lua e dos cinco principais planetas de cada lado. Os Pilares de Jaquim e Boaz mediam a pulsação do cosmo. Eles foram dispostos assim para marcar os pontos mais distantes do nascer do Sol nos equinócios e, de acordo com Josefo historiador judeu do século I, e com Clemente, o primeiro bispo de Alexandria, tinham "planetários", representações mecânicas dos movimentos dos planetas, nos topos. Romãs decorativas são mencionadas várias vezes na narrativa bíblica. Os mantos dos sacerdotes eram decorados com pedras preciosas que representavam o Sol, a Lua, os planetas e as constelações - sendo a esmeralda a única pedra nomeada.
A característica mais extraordinária do templo parece ter sido um mar - ou, segundo o Corão, uma fonte - de bronze derretido. Novamente, assim como na serpente de bronze presa por Moisés em um mastro, tal imagem de fundição deve nos alertar para a presença de práticas secretas dedicadas a transformar a fisiologia humana.
Hiram, o mestre construtor, empregou uma irmandade de artesãos para realizar seus projetos. Ele os classificou de acordo com três graus, os aprendizes, os associados e os mestres. Nisso, vemos idéias de fraternidade que um dia se disseminariam para além do estritamente esotérico e transformariam a organização de toda a sociedade. E na história do assassinato de Hiram Abiff vemos um alerta de como tudo pode dar errado.

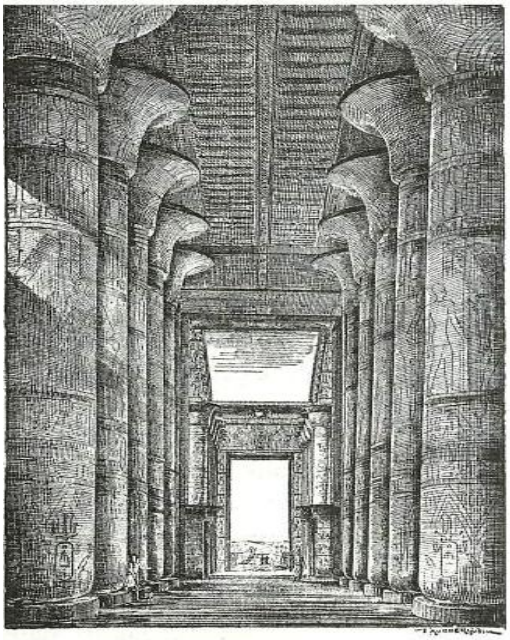
Há uma rivalidade sub-reptícia entre Salomão e Hiram Abiff em algumas tradições secretas. A rainha de Sabá visitou Salomão, mas também estava curiosa para conhecer o homem que projetara um templo tão miraculoso.
E quando sentiu em si o olhar de Hiram Abiff, ela teve a sensação de que um metal se derretia dentro dela.

Ela perguntou a Hiram como ele conseguiu trazer a beleza dos céus para a Terra na arquitetura do templo. Ele respondeu erguendo uma cruz de Tau, uma cruz no formato da letra "t". De imediato, todos os muitos trabalhadores se aglomeraram no templo como formigas.

De novo a imagem de um inseto. Há tradições, preservadas no Talmude e no Corão, que dizem que o templo foi construído com a ajuda de um misterioso inseto, chamado de Shameer, capaz de cavar a pedra. Como acontece na imagem da colmeia, temos aqui uma imagem de forças espirituais que Hiram era capaz de comandar.

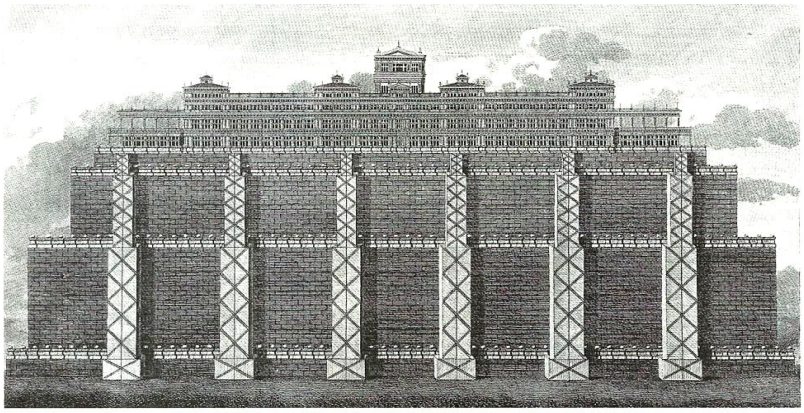
Três dos trabalhadores de Hiram tinham inveja de seus poderes secretos. Decidiram tentar conhecer os segredos do mar derretido. Emboscaram Hiram ao final do dia, enquanto ele deixava o templo. Quando ele se recusou a revelar seus segredos, eles o assassinaram, com cada um dos trabalhadores dando-lhe um forte golpe na cabeça, o que provocou uma hemorragia.

Diz-se que alguns segredos morreram com ele e ainda estão perdidos, e que os segredos divulgados nas escolas de Mistérios e nas sociedades secretas desde então têm sido segredos menores.



Salão do hipostilo em Karnak.

Há uma sugestão de elemento sexual no relato da sensação de ardência de Sabá e a cruz de Tau. Porém, para começarmos a entender os segredos de Hiram, devemos perguntar a nós mesmos, em razão de todos os elementos astronômicos no projeto e decoração do templo, qual era sua orientação específica.



O Templo de Salomão em uma gravura do século XVIII. O erudito maçônico Albert Pike chamou-o de "uma imagem abreviada do cosmo". Os pilares gêmeos Jakim e Boaz contêm muitos níveis de significado, inclusive, no nível fisiológico, os movimentos ritmados do sangue vermelho e roxo, e no nível cósmico, a entrada ritmada e alternada do espírito nos mundos espiritual e material.

Dois pesquisadores maçônicos independentes, Christopher Knight e Robert Lomas, trabalharam nesta orientação, a começar pela pista de que Hiram vinha da Fenícia, onde a deidade principal era Astarte - ou Vênus. E claro que isso também tem ligações com os detalhes da decoração, já mencionados, a romã, que é a fruta de Vênus, e a esmeralda, a pedra preciosa dela.

De acordo com Clemente de Alexandria, a cortina que isolava o Sagrado dos Sagrados era cortada no formato de uma estrela de cinco pontas, que sempre foi um símbolo de Vênus, pois a elipse de Vênus em seu ciclo de oito anos - cinco aparecimentos no céu matutino e cinco no céu vespertino - forma um padrão de cinco pontas. Vênus é o único planeta a desenhar uma figura completamente regular.

Esta figura às vezes é vista como um pentagrama, às vezes como uma estrela de cinco pontas, e ocasionalmente, como veremos

quando investigarmos o rosacrucianismo, como uma flor de cinco pétalas, a rosa.
Assim como é um símbolo de Vênus, o pentagrama é muito significativo na geometria porque — como revelou Luca Pacioli, mestre de Leonardo da Vinci na matemática, em seu livro sobre a proporção divina - ele incorpora a proporção de ouro em cada parte.
Mas há mais do que isso. Esta geometria sagrada opera no tempo e no espaço.
Cinco ciclos de Vênus de 584 dias acontecem durante exatamente oito anos solares, o que significa que um ciclo de Vênus corresponde a 1,6 ciclo solar. Já vimos o número 1,6. É o início da proporção de ouro, um dos números irracionais e mágicos que descrevem a precipitação da mente na matéria.
Na doutrina secreta e antiga, os planetas e estrelas controlam esta precipitação de matéria.
As associações com Vênus se multiplicam, uma dimensão abrindo-se para outra como os universos-bolha da ciência moderna. Há muitas etimologias rivais do nome Jerusalém. Uma delas diz que o nome original da cidade era Urshalem; "ur" significa "fundada por" e "Shalem" é um nome antigo para Astarte - ou Vênus — em seu poente vespertino. Na tradição maçônica, as lojas têm como modelo o Templo de Jerusalém. A estrela de cinco pontas de Vênus é representada acima da cadeira cerimonial do grão-mestre e os iniciados se cumprimentam em um abraço cerimonial e fraterno de cinco pontas. As lojas maçônicas contêm águas-furtadas, alinhadas de tal maneira que a luz de Vênus as atravessa em determinados dias importantes. Um mestre maçom é erguido para o renascimento de frente para a luz de Vênus no equinócio.
Tendo em mente a identificação de Vênus com Lúcifer, a princípio essas associações podem parecer um tanto desconcertantes. Mas, na história esotérica, Lúcifer sempre é um mal necessário. A capacidade humana de pensar foi forjada a partir de um equilíbrio entre Vênus e a Lua — e a Lua, como vimos, também aparece em destaque no projeto do altar do Templo.
A missão de Salomão era levar a humanidade a um mundo mais material e sombrio, mantendo viva a chama da espiritualidade. Era a

mesma missão que a maçonaria assumiria no século XVII, na aurora da era moderna do materialismo.

As lendas de Salomão encontram eco distante nas Ilhas Britânicas. O meio acadêmico atual tende a sustentar a visão de que, se a lenda de Artur tem algum fundamento histórico, este remonta à "Idade das Trevas" que se seguiu à retirada dos romanos da Grã-Bretanha, quando um general cristão travou batalhas gloriosas mas inúteis para repelir os invasores pagãos. Tem-se argumentado de forma intrigante que a figura histórica por trás das lendas de Artur era Owain Ddantgwynne, general escocês que derrotou os saxões pagãos na Batalha de Badon em 470. Neste caso, Artur teria sido um título com o significado de ‘o urso’.
Mas o rei Artur original viveu em Tintagel pouco antes de Salomão, por volta de 1.100 a.C., quando as comunidades rurais pacíficas da Idade do Bronze britânica foram aniquiladas pelo povo da Idade do Ferro mais militarista e montanhês. Seu mentor espiritual, Merlin, o mago da floresta de Celidon, foi um remanescente da época dos círculos de pedra. Ele ajudou Artur a manter vivos os Mistérios do Sol. O próprio rei Artur era um rei sol, cercado pelos doze cavaleiros do zodíaco e casado com Vênus, sendo Guinevere a forma celta de Venera ou Vênus. Sua coroa era um chakra da coroa em chamas, para assim liderar seu povo - da mesma maneira que Salomão liderou o dele - pelas trevas.

Heródoto registrou que, no Irã, acreditava-se que o rei emitia uma luz tão insuportavelmente intensa que ele precisava ficar atrás de uma cortina durante as audiências com os súditos. Uma coroa simbolizava que certo grau de iniciação tinha sido alcançado e que o iniciado era coroado com o fogo búdico.

13. A RAZÃO - E COMO COLOCAR-SE ACIMA DELA

Elias e Eliseu • Isaías O budismo esotérico • Pitágoras • Lao-Tsé

Depois de Salomão, o reino de Israel começou a se desmembrar novamente. Desenvolveu-se uma instituição chamada os profetas. Seu papel era aconselhar os reis, porém, ao contrário do relacionamento entre Melquisedeque e Abraão ou Merlin e Artur, seus conselhos eram adversos e subversivos. Diziam coisas desagradáveis e impopulares que ninguém queria ouvir. Altercavam e deliravam. Às vezes pensava-se que eram loucos.

Elias era um homem veemente, estranho e solitário, quase um vagabundo, que vestia um cinto de couro e um manto longo. Assim como Zoroastro, combatia o fogo com fogo.

Depois de ouvir o conselho de Deus para se esconder na floresta e beber a água de um riacho, ele foi alimentado por corvos. Este último fato indica que Elias estava sendo iniciado nas formas de sabedoria de Zoroastro. O "corvo' era um dos graus de iniciação em seus mistérios.

O rei de Israel, Ahab, casou-se com Jezebel e começou a erguer altares em homenagem a Baal (o nome cananeu para Saturno/Satã). Elias travou e venceu uma batalha, invocando o fogo dos céus, contra os profetas de Baal. Em ocasiões posteriores, invocou o fogo dos céus para matar tropas de soldados enviados por Jezebel para capturá-lo.

Elias era um homem melodramático, o profeta que vivia mais próximo das fronteiras da loucura. Há histórias de diversas provas de seu carisma - sua clarividência, sua capacidade de tornar salubre um poço venenoso, de fazer o ferro flutuar, de curar um leproso. Existe também uma estranha história segundo a qual Elias ressuscitou uma jovem ao se deitar por cima dela e infundi-la com seu espírito. Quando precisou escapar de novo para a floresta, estava fugindo pela própria vida - e para Deus. Ele se viu numa montanha em meio a uma violenta tempestade. Podemos imaginá-lo

praguejando contra a tempestade, uma combinação de Lear com o Louco.
Por fim, ele desmoronou exausto e dormiu sob um junípero, onde sonhou com um anjo.
Depois, enquanto ainda estava escuro, ele subiu o monte Horeb em busca de Deus, como o anjo havia lhe dito. Mas apareceu um forte vento, que sacudiu a montanha e provocou a queda de enormes pedregulhos em sua direção. Elias sabia que Deus não estava neste vento e conseguiu chegar em segurança a uma caverna.
De repente, um relâmpago atingiu o chão bem na frente de sua caverna, provocando um clarão ruidoso na vegetação, e ali o manteve preso. Ele também sabia que Deus não estava neste fogo.
Depois de um tempo, a tempestade e o fogo diminuíram e, com a chegada da manhã, tudo ficou calmo. Surgiu a estrela matutina e foi então, no suave ar da manhã, que Elias ouviu a voz ainda fraca de Deus.
Embora fosse uma figura exuberante e até insultuosa, Elias foi o profeta de uma nova interioridade. Foi uma evolução de Moisés ouvindo a voz da sarça ardente, porém mais baixa e quase subliminar. Onde antes as pessoas tinham um senso dominador do divino, agora teriam de escutar com muita atenção, praticar a disciplina mental e orientar a atenção para conseguir discerni-la.
Mas para entender o verdadeiro significado da missão de Elias é necessário entender sua morte. Para tanto, primeiro nos voltaremos para a Índia.
Há testemunhos sobre adeptos indianos capazes de se desmaterializar e materializar segundo a própria vontade. Na maravilhosa Autobiografia de um iogue, de Paramahansa Yogananda, publicada pela primeira vez em 1946, ele descreve um episódio em que ele deveria se encontrar com seu mestre espiritual, Sri Yukteswar, na estação de trem local. Porém, recebeu uma mensagem telepática para não ir até lá. O mestre se atrasaria. O discípulo esperou no hotel. De repente, uma janela que dava para a rua se iluminou com o Sol e o mestre se materializou diante dele. O mestre explicou que não era uma aparição, que ele estava ali em carne e osso, que fora divinamente ordenado a dar esta experiência

rara ao discípulo. Paramahansa Yogananda tocou as familiares sandálias de lona laranja enroladas com corda e sentiu o roçar do tecido ocre do manto do mestre.
Elias levou este dom para a fase seguinte. Ele aprendeu a desencarnar e encarnar quando bem desejasse.
Você pode não aceitar esse relato, entendê-lo como um dito popular, mas, de acordo com a doutrina secreta, é possível entender. O grande iniciado do século XX G. I. Gurdjieff disse que aquilo que é verdadeiramente necessário para se tornar mestre de si mesmo nesta vida é o que é necessário para sobreviver como ser consciente na outra vida. A iniciação se preocupa tanto com a vida após a morte como com esta vida. No sétimo livro da República, Platão diz: "Aqueles que na presente vida são incapazes de apreender a idéia do bem, descerão ao Hades após a morte e dormirão em seu domicílio sombrio."
No final da vida, Elias foi levado aos céus numa carruagem de fogo. Como Enoque e Noé antes dele, Elias não morreu, não do modo comum. Ele se uniu ao colegiado de mestres que ascenderam, que são invisíveis na maior parte do tempo mas voltam à Terra em épocas de grandes mudanças e crises.
No pensamento cabalista, a carruagem por meio da qual Elias ascende é chamada de Merkabah. Os grandes iniciados trabalham no corpo vegetal de modo que ele não se dissolva depois da morte, permitindo que o espírito em ascensão retenha aspectos da consciência que só são possíveis durante a vida na Terra. Os iniciados conhecem as técnicas secretas por meio das quais energias muito sutis podem ser cristalizadas para que não se dispersem.
Veremos adiante que os pensadores cristãos chamariam esta carruagem de corpo da Ressurreição.
À medida que Elias ascendia, seu manto escorregou e foi tomado por Eliseu, que Elias escolhera como seu sucessor. Por um processo misterioso, a concessão do manto deu a Eliseu uma parte maior do poder de Elias. (Voltaremos a ver como isso funciona quando considerarmos a vida e a obra de Shakespeare.)

A sucessão de Elias por Eliseu não foi desprovida de ambigüidade. Antes, parecera que Elias havia repudiado Eliseu. Ele se afastou às pressas e, ao alcançá-lo, Eliseu disse: "Volte. O que eu lhe fiz?" Teria ele visto em Eliseu algo que abalou sua certeza? Mais tarde, Eliseu é objeto de zombaria de um grupo de rapazes por ser careca e usa seu poder para invocar dois ursos do bosque, que os atacam e os matam. É como se o profeta ainda estivesse envolvido numa batalha mortal com Baal.

Elias ascende. Gravura de uma Bíblia do século XIX.

Duzentos anos depois, na época do profeta Isaías, desenvolveu-se uma nova compreensão transcendente do funcionamento do universo. O conceito de Graça colocou os profetas em uma situação muito menos belicosa. Em 5.507 a.C., Isaías proclamou: "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz porque um menino nasceu, um filho nos foi dado; a soberania repousa sobre seus ombros, e ele se chama Conselheiro admirável, Deus forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz."

O conceito de Graça surgiu deste senso profético da história. Os soberanos dos dois reinos e seus povos não conseguiram fazer o que lhes foi solicitado. Eles degeneraram e a terra ficou estéril. Mas por obra da Graça de Deus, surgiu uma raiz da terra devastada. Os profetas viram a Graça operando desta maneira em sua vida num nível militar e político, na ascensão e queda e depois na nova ascensão de seus pequenos reinos. Eles também profetizaram sua repetição nos maiores ciclos cósmicos da história.

Para os seguidores de Baal, contudo, a vida era o exercício do poder. Eles acreditavam que, se realizassem as práticas religiosas corretas — sacrifícios e cerimônias mágicas —, podiam convencer seus deuses a fazer o que solicitavam.

Isaías repudiava esta visão. Disse a seu povo que Javé lhes revelou a Graça quando os escolheu, habilitando-os a obedecer, ao purgá-los de seus pecados, salvando-os quando eles foram teimosos e desobedientes, e pela promessa de lhes restaurar a antiga glória, embora eles não merecessem isso. O amor clemente de Javé jamais poderia ser exigido, comprado ou conquistado, disse ele. E um amor dado em completa liberdade.

Uma vez compreendido esse amor divino, seria só uma questão de tempo para que esta compreensão abrisse uma nova dimensão no amor de um ser humano por outro.

Isaías tinha um grande senso da história e da sorte futura de Israel - "um renovo sairá do tronco de Jessé". Ele também tinha uma grande visão do fim da história, à qual voltaremos mais adiante - "o lobo será hóspede do cordeiro, e a pantera se deitará ao pé do cabrito."

A tradição profética morreria por volta de 450 a.C. Assim como viria a escrever no final do século XVI o rabi cabalista Hayyim Vital sobre Ageu, Zacarias e Malaquias, os profetas só conseguiam ver os níveis mais inferiores dos céus e apenas de uma forma muito oculta.

As últimas palavras do Antigo Testamento são as palavras ressonantes de Malaquias ao profetizar a volta de Elias, que ainda hoje é esperado a cada ano na Páscoa, quando é colocado um lugar à mesa para ele no jantar, com uma taça de vinho e a porta aberta.

Mas em diferentes partes do mundo, outras iniciativas extraordinárias estavam se abrindo a outras dimensões na condição humana. Um grande espírito de iluminação perpassava mentalidades distintas e várias culturas diferentes ao mesmo tempo.
O príncipe Sidarta nasceu numa época e num lugar caracterizados por pequenos estados que estavam em guerra em Lumbini, no atual Nepal.
Até os 29 anos, ele viveu mimado pelo luxo. Cada necessidade sua era atendida antes que começasse a incomodá-lo, e cada visão era um deleite. Então, certo dia ele saiu do palácio real e viu algo que nunca teve permissão para ver - um velho. Ele ficou apavorado. Porém, procurou mais e descobriu que seu povo estava doente e morrendo.
Sidarta decidiu deixar o palácio - assim como a esposa e o filho - para encontrar sentido neste sofrimento. Vivendo entre ascetas por sete anos, não conseguiu encontrar o que procurava nos ioga sutras de Pantanjali e nos ensinamentos dos descendentes dos rishis.
E então, quando tinha 39 anos, ele se sentou sob uma árvore Bodi nas margens do rio Neranjara, decidido a não se mexer até compreender.
Depois de três dias e três noites, percebeu que a vida é sofrimento, que o sofrimento é provocado pelo desejo por coisas terrenas, mas que é possível chegar à libertação de todo desejo. Na verdade, pode-se chegar a tal libertação e a tal afinidade pelo mundo espiritual que jamais será necessário reencarnar — e assim é possível se tornar, como Sidarta, um Buda.
O caminho para a compreensão - ou a iluminação - foi chamado pelo Buda de "o Caminho Óctuplo", que envolvia a crença correta, a convicção, o ensinamento, a ação, o viver, a intenção, o pensamento e a contemplação corretos.
O Caminho Óctuplo pode parecer impossivelmente nobre e moralizador para a mentalidade ocidental moderna. Também parece um tanto abstrato, até inviável. Mas os ensinamentos do Buda têm um aspecto esotérico e, como todos os ensinamentos esotéricos, têm um nível de significado que é eminentemente prático. A filosofia

esotérica ensina seus iniciados a alcançar a transformação psicológica usando técnicas práticas para manipular a fisiologia humana. No caso do Caminho Octuplo do Buda, estas oito práticas são exercícios para estimular oito das 16 pétalas do chakra da garganta.

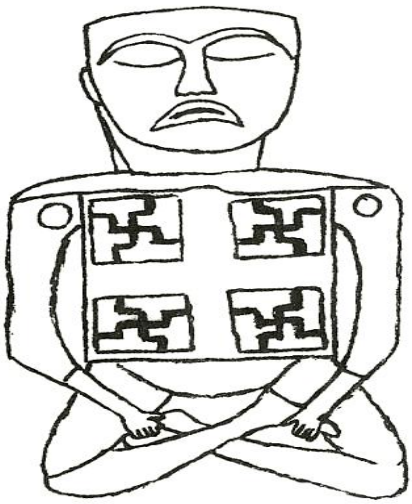
Isto representa uma mudança histórica na prática iniciática. Nos rituais de iniciação praticados na Grande Pirâmide, por exemplo, o candidato era colocado num transe profundo semelhante à morte, depois um círculo de iniciados — com cinco integrantes — erguia seu corpo vegetal para fora de seu corpo físico. Eles trabalhavam nele, moldavam-no, conduziam-no a formas capazes de perceber os mundos superiores de modo que, quando o corpo vegetal afundava novamente no corpo físico e o candidato despertava, ele renascia numa nova forma de vida mais elevada. A questão é que o candidato egípcio ficava inconsciente ao longo de todo o processo.

Os seguidores do Buda passaram a participar conscientemente de sua própria iniciação, trabalhando seus próprios chakras de maneira consciente. Parte deste trabalho era viver uma nova forma de vida mais moral, baseada na compaixão por todos os seres vivos.

Como as pessoas estavam ficando cada vez mais independentes dos mundos espirituais, havia o risco de que os poderes de um indivíduo superassem seu desejo de fazer a coisa certa e usá-los com sapiência. Existia o perigo de o detentor de intenções malignas adquirir os poderes sobrenaturais conferidos pela iniciação.

Sempre foi possível que as pessoas obtivessem estes poderes, mesmo que não tenham sido iniciadas. As vezes acontece como conseqüência de um trauma extremo na infância, provocando uma fenda na psique, através da qual os espíritos se precipitam de forma descontrolada. Alguns médiuns de nossos tempos sofreram grandes traumas na infância. Às vezes as pessoas adquirem poderes pela prática de uma magia que ou é negra ou pelo menos não está sintonizada com os objetivos espirituais mais elevados, como os que existem nas veneradas escolas secretas que mantêm viva uma tradição autêntica, antiga. O perigo em tudo isso é o não iniciado, mesmo o bem-intencionado, ter dificuldades para reconhecer os espíritos com os quais está se comunicando.

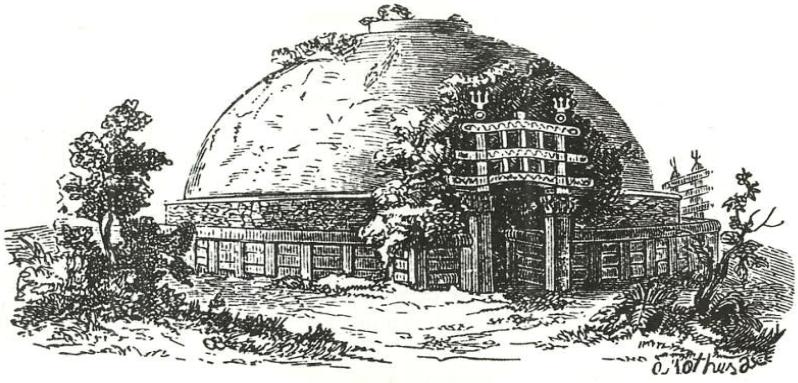
Por outro lado, o objetivo do Caminho Óctuplo é a iniciação como parte de um desenvolvimento moral protetor e controlado. Se quiser ser capaz de controlar
o mundo, deve-se primeiro exercitar o controle sobre si mesmo.
O chakra da garganta é o órgão da formulação da — sabedoria espiritual. Ele conecta o chakra do coração ao chakra frontal. Na fisiologia de um iniciado, fluem correntes de amor do chakra cardíaco, passando pelo chakra da garganta, até iluminar o chakra frontal. Quando esta luz flui para o chakra frontal, ele se abre como uma flor ao Sol.



No budismo esotérico, o Buda é o espírito de Mercúrio. Não é coincidência, então, que os celtas chamassem o planeta Mercúrio de "Budh", que significa "ensinamento sábio". A prova de que a posição de lótus característica do Buda era conhecida para os celtas está neste entalhe em uma tina encontrada em Oesberg, na Noruega.

Todos podemos ver um eco disso em nossa própria vida. Se olharmos alguém com os olhos do amor, veremos boas qualidades que não são perceptíveis aos outros.

Só o ato de olhar amorosamente para alguém pode trazer à tona estas qualidades e ajudá-las a florescer. Se você conhece alguém com uma natureza espiritual extremamente refinada, é provável que ela seja feliz, sorridente, risonha, quase infantil. Isso porque estas pessoas vêem a humanidade com os olhos do amor. Quando morreu, o Buda havia alcançado seu objetivo. Não seria necessário reencarnar. Mas não quero dizer com isso que ele não fazia mais parte da história, como veremos quando examinarmos a Renascença italiana.



O imperador budista Asoka, neto do primeiro homem a unificar a Índia, governou a partir de 273 a.C. Quando perdeu mais de 100 mil homens numa batalha, renunciou à guerra e a partir daí tentou governar seguindo o exemplo notável de sua espiritualidade budista. Erigiu cerca de 84 mil stupas, ou templos, na Índia, dos quais sobreviveram apenas alguns. Na história convencional, é lembrado por sua obra de irrigação, pelas estradas, hospitais e jardins botânicos, assim como por seu vegetarianismo e pela proibição de matar animais. Na história esotérica ele também é lembrado por ter fundado os Nove Desconhecidos, uma poderosa sociedade secreta que muitas pessoas, inclusive D.N. Bose, um dos maiores cientistas da Índia, acreditam que ainda esteja em operação.

Pitágoras nasceu na próspera ilha grega de Samos por volta de 575 a.C, enquanto os primeiros blocos de mármore eram empilhados na Acrópole, em Atenas.

Nenhum indivíduo teve maior influência na evolução do pensamento esotérico ocidental. Durante a vida, Pitágoras era considerado um semideus. Da mesma forma que Jesus Cristo, nada do que ele escreveu chegou a nós, só alguns ditos e comentários reunidos, além de algumas histórias escritas por seus discípulos.

Dizia-se que ele tinha o poder de estar em dois lugares ao mesmo tempo, que uma águia branca lhe permitiu afagá-la, que ele certa vez dirigiu-se a um deus rio e uma voz chamou por ele da água: "Eu

vos saúdo, Pitágoras!" Contava-se também que um dia ele disse a uns pescadores que tiveram um dia improdutivo para lançar as redes no mar uma última vez, e em seguida as redes quase arrebentaram de tantos peixes. Era um grande curandeiro, às vezes recitando determinados versos de Homero que ele acreditava terem grande poder, assim como os místicos cristãos viriam a recitar versículos dos Salmos e do Evangelho de João. Ele também usava a música para curar. O filósofo grego Empédocles disse que Pitágoras podia curar os doentes e rejuvenescer os velhos. Assim como Buda, ele se lembrava de encarnações passadas. Chegou-se a dizer que podia contar a história do mundo desde o princípio.

Sua sabedoria era resultado de anos de pesquisa e iniciações múltiplas nas escolas de Mistérios. Ele passou 22 anos aprendendo os segredos dos sacerdotes iniciados egípcios. Também estudou com os magos da Babilônia e com os descendentes dos rishis na índia, onde sobrevivia a lembrança do grande prodígio que eles chamavam de Yaivancharya.

Pitágoras procurava sintetizar o pensamento esotérico de todo o mundo numa "cosmo-concepção" abrangente - o que Leibniz, matemático e cabalista do século XVII, mais tarde chamaria de filosofia perene.

De acordo com o idealismo, a esta altura da história do mundo chegamos a um momento decisivo. As grandes idéias ou pensamentos que emanavam da mente cósmica estavam quase ocultos pela matéria criada. A missão de Pitágoras era registrá-los como conceitos antes que desaparecessem por inteiro.

A filosofia de Pitágoras, portanto, dá início ao processo de tradução da visão primordial, a consciência pictórica da humanidade antiga, em termos abstratos e conceituais.

Por volta de 532 a.C., Pitágoras se desentendeu com Polícrates, o governante despótico de Samos. Obrigado a se exilar, ele criou uma pequena comunidade - a primeira de várias - em Crotona, no Sul da Itália. Os candidatos à iniciação em sua comunidade tinham de passar por anos de treinamento, inclusive uma dieta estranha que incluía sementes de papoula, de gergelim e de pepino, mel silvestre, flores de narciso e pele de cebola-albarrã, da qual o suco precisava

ser totalmente extraído. Havia uma forte ênfase na ginástica como forma de colocar em harmonia os três corpos humanos — material, vegetal e animal -, e os candidatos deviam permanecer em silêncio por anos a fio.

Pitágoras podia dotar seus discípulos de uma grande visão dos mundos espirituais, que ele depois interpretaria. Do primeiro ensinamento discursivo, surgiriam a matemática, a geometria, a astronomia e a música.

Em seu tempo, dizia-se que Pitágoras era o único ser humano capaz de ouvir a Música das Esferas, concebida como uma escala de notas diferentes, cada uma delas feita pelos sete planetas à medida que se deslocavam pelo espaço. É fácil considerar isso como uma tolice mística, mas a história de como ele compassou a primeira escala musical parece autêntica.

Certo dia, Pitágoras estava andando pela cidade quando ouviu o martelar de metal numa bigorna. Ele percebeu que martelos de diferentes tamanhos produziam diferentes sons. Voltando para casa, instalou uma tábua de madeira na sala e pendurou uma série de pesos numa escala ascendente. Por um processo de tentativa e erro, determinou que as notas musicais com os sons mais belos para o ouvido humano correspondem a diferentes pesos. Ele depois calculou que elas eram proporcionais entre si de uma maneira matematicamente precisa. Foi destes cálculos de Pitágoras que se originou a oitava musical que entendemos e desfrutamos hoje em dia.

À medida que descreviam os elementos racionais na vida, Pitágoras e seus seguidores começaram a formular um conceito paralelo. Um conceito que talvez nunca tenha sido articulado antes porque, até então, fora parte da experiência cotidiana de todos. O conceito era o seguinte: a vida só pode ser explicada em termos racionais até certo ponto, pois existe também um vasto elemento irracional na vida.

Os ensinamentos das escolas de Mistérios relacionados com o lado racional seriam úteis na construção de cidades, no desenvolvimento da ciência e da tecnologia, assim como para estruturar e regular o mundo exterior. Em sua forma explícita, o ensinamento irracional seria confinado às escolas. Falar no assunto fora delas era perigoso

e podia atrair hostilidade. Plutarco dizia que "Aquele que conhece as verdades superiores, considera de pouco mérito os valores 'sérios' da sociedade. A eternidade é uma criança brincando".
Nesse ponto, no nascimento do pensamento racional, as escolas de Mistérios nutriam o contrário. Não é por acaso que personalidades como Pitágoras, Newton e Leibniz, aqueles que mais fizeram para ajudar a humanidade a entender a realidade do universo físico, também tenham penetrado fundo no pensamento esotérico. Isso porque sem dúvida é verdade que, como notaram estes grandes pensadores, se olharmos a vida com a maior subjetividade possível, em vez de objetivamente, como fazemos na ciência, surgem alguns padrões muito diferentes. A vida vista de modo objetivo pode ser racional e sujeita às leis naturais, mas, quando vivida subjetivamente, é irracional.
Ao dividir a experiência desta maneira, Pitágoras permitiu que pensássemos com mais clareza a respeito das duas dimensões.
Os discípulos de Pitágoras aprendiam a viver afastados da sociedade, alternando entre o êxtase místico e a análise intelectual. Pitágoras foi o primeiro a se dizer
um amante da sabedoria, isto é, "um filósofo". Porém, da mesma maneira que Sócrates e Platão depois dele, Pitágoras estava mais próximo de um mago do que de um professor universitário atual. Seus discípulos ficavam pasmos com ele. Acreditavam que tinha o poder de fazê-los sonhar o que ele desejasse e que também podia reorientar a consciência deles na vigília em um átimo.
Pitágoras atraiu a fúria homicida daqueles que foram excluídos de seu círculo mais íntimo. Recusou-se a admitir um homem chamado Ciron em sua escola de Mistérios devido ao comportamento descuidado e imperioso do mesmo. Ciron incitou uma turba contra Pitágoras. Eles invadiram o edifício onde se reuniam Pitágoras e seus seguidores e atearam fogo. Todos em seu interior morreram.

Na época de Pitágoras, outros dois filósofos de diferentes lados do mundo, Heráclito na Grécia e Lao-Tsé na China, vieram brevemente à tona da história tentando definir racionalmente a dimensão irracional da vida.

Não podemos atravessar o mesmo regato duas vezes, disse Heráclito.
Há uma história de que Confúcio procurou Lao-Tsé e pediu para ser iniciado. Lao-Tsé o rejeitou e zombou dele em razão da mistura de maneiras insinuantes e ambição desmedida de Confúcio. Deve ser uma história apócrifa, mas chama atenção para uma verdade importante: o confucionismo e o taoísmo representam os pensamentos exotérico e esotérico na China.
Confúcio passou anos reunindo a sabedoria tradicional chinesa. Mais tarde, essa coletânea seria adotada por líderes chineses como manuais de governo.
Os ditos de Confúcio são eminentemente racionais. Uma viagem de 1.000 quilômetros começa com um único passo. Valorize mais a tarefa do que o prêmio. Se não puder cumprir seus objetivos, adapte-os. E assim por diante.
Podemos comparar Confúcio com Rudyard Kipling. Ambos eram servos do império. Se o materialismo científico descreveu tudo que há na vida, o poema "Se", de Kipling, seria a última palavra sobre a condução da vida e a filosofia esotérica não teria nada a nos ensinar:

Se és capaz de forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe.
E a persistir assim quando, exausto, contudo,
Resta a vontade
em ti, que ainda te ordena: Persiste!
Se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo valor e brilho.
Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,
E - o que é ainda muito mais - és um Homem, meu filho!

O problema é que, embora existam ocasiões em que a melhor coisa a ser feita é tentar com todo empenho e não desistir, há outras, como Orfeu descobriu por si próprio, em que é prudente desistir e seguir a correnteza. Às vezes, quando conseguimos o que queremos, só fazemos avançar ainda mais. Em outras ocasiões, a

única maneira de manter uma coisa é renunciando a ela. Como afirma Lao-Tsé:

Porque o iluminado se deixa ficar para trás, ele avança.
Porque desiste, ele conquista
Porque é abnegado, ele se satisfaz
A quietude é a senhora do desassossego.

Trinta anos depois da morte de Pitágoras, um enorme Exército persa, sob o comando de Xerxes, invadiu a Grécia. Na época, nos primeiros anos do século V a.C., as forças persas foram derrotadas e expulsas pelos atenienses em Maratona e depois por uma aliança entre Atenas e Esparta em Micale.
Pitágoras havia institucionalizado a discussão aberta de opções e a tomada de decisões coletiva sobre questões que diziam respeito a toda a comunidade — o que hoje chamamos de política. A partir daí - e no espaço criado pela aliança Esparta-Atenas - surgiria o caráter singular da cidade-estado grega de Atenas.

14. OS MISTÉRIOS DA GRÉCIA E DE ROMA

Os Mistérios de Elêusis • Sócrates e seu daemon • Platão, o mago • A identidade divina de Alexandre o Grande • Os Césares e Cícero • A ascensão dos magos

Enquanto identificamos nos atenienses um dom para o pensamento individual livre, vemos em Esparta o desenvolvimento da vontade individual, a força competitiva e a admiração pelos homens fortes. Os heróis criaram o espaço para o florescimento da cultura grega, que no século V a.C. começou a estabelecer os padrões de beleza da forma e o rigor do intelecto que aspiramos atingir desde então.

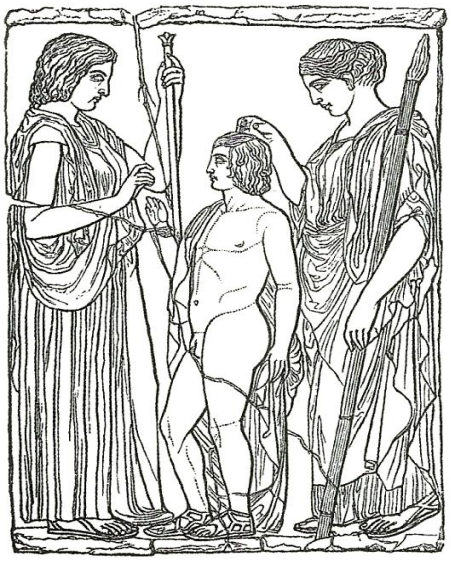
Esta era a Grécia dos grandes iniciados: os filósofos Platão e Aristóteles, o poeta Píndaro e os dramaturgos Sófocles e Eurípides.

A mais famosa de todas as escolas de Mistérios ficava em Elêusis, um povoado a alguns quilômetros de Atenas. O estadista romano Cícero, ele mesmo um iniciado, diria que os Mistérios de Elêusis e o que fluiu deles compunham o maior legado de Atenas ao mundo civilizado.

"Elêusis" vem de "elauno", que significa "eu venho", isto é, "eu venho a ser". Quase nada resta do santuário - sobreviveram apenas algumas pedras dispersas e alguns painéis de seu interior —, mas uma descrição da época fala de uma parede externa de pedra cinza-azulada e sem marcas. Dentro, havia estátuas pintadas e frisos de deusas, feixes de grãos e flores de oito pétalas. Um relato afirma que havia uma abertura no teto do santuário interno que proporcionava a única fonte de luz.

Os Mistérios Menores eram celebrados na primavera. Envolviam ritos de purificação e dramatizações de histórias de deuses. Uma estátua de um deus coroado com murta e portando uma tocha era levada em procissão em meio a cantos e danças. O deus era sacrificado e morto ao longo de três dias. Quando representavam o

deus sacrificado surgindo por entre os mortos, os hierofantes e candidatos reunidos gritavam: Iachos! Iachosl fachos!"
Também havia um elemento abertamente sexual nestas celebrações. Pselo, erudito bizantino, escreveu que Vênus foi retratada saindo do mar entre representações móveis de genitálias femininas, e que depois disso aconteceu o casamento de Perséfone e Hades. Clemente de Alexandria registrou que era encenado o estupro de Perséfone, e Atenágoras afirmou que, durante este drama bizarro, violento e quase surreal, ela era retratada com um chifre na testa, talvez simbolizando o Terceiro Olho.
Também há relatos de um leite cerimonial sendo vertido de um vaso de ouro no formato de um seio. Em certo nível, isso obviamente está relacionado com a adoração da Deusa Mãe, mas deve nos alertar para o fato de que num nível mais profundo estas cerimônias diziam respeito à vida e à morte. Sabemos por Pitágoras que a Via Láctea foi concebida de um rio vasto ou de um grupo de espíritos. Os espíritos dos mortos, semelhantes a estrelas, ascenderam pelo portal de Capricórnio e subiram pelas esferas, antes de descerem para o mundo material pelo portal de Câncer. Píndaro afirmou: "Feliz é o homem que viu os Mistérios antes de ser sepultado sob a terra, porque ele sabe o que acontece quando cessa a vida." Sófocles disse: "Três vezes felizes são aqueles que viram os Mistérios antes de morrerem. Terão a vida após a morte. Todos os outros experimentarão apenas o sofrimento." Plutarco falou que os que morrem vivem pela primeira vez a morte que os iniciados já experimentaram.
Os Mistérios Maiores, celebrados no equinócio de outono ou próximo dele, eram precedidos de nove dias de jejum, depois dos quais os candidatos à iniciação recebiam uma bebida poderosa chamada kykeon.
É claro que a fome extrema pode levar a um estado visionário, ou pelo menos a uma propensão a ter alucinações. Depois de jejuar por tanto tempo, o candidato bebia essa mistura de cevada tostada, água e óleo de poejo, que pode ser narcótica se ingerida em quantidade suficiente.



Painel remanescente de Elêusis, mostrando-o com Deméter e um candidato à iniciação.

Os Mistérios envolviam as pessoas nas experiências mais intensas, nos medos mais desvairados, nos horrores e êxtases mais sombrios. Plutarco descreve o terror daqueles que estavam prestes a ser iniciados, como se estivessem a ponto de morrer, o que, é evidente, de certa forma estavam. Imagine se você tivesse visto apresentações dramáticas de eventos sobrenaturais apavorantes nos Mistérios Menores e agora acreditasse que estas coisas iriam acontecer para valer, que você iria participar de um teatro em que seria morto, e de certa forma realmente morreria! Os relatos de Proclo sugerem que os candidatos eram atacados pelas "formas precipitadas de bandos de demônios terrenos". Embora nessa época fosse muito difícil para os seres espirituais mais elevados, ou seja, os deuses, espremerem-se em um reino material denso, era relativamente fácil para os espíritos inferiores, como demônios e espíritos dos mortos. O candidato devia ser envergonhado, punido e torturado por demônios. Pausânias, em sua Descrição da Grécia, conta de um demônio chamado Eurônomos, cuja pele preta-azulada parecia a de uma mosca e que devorava a carne de cadáveres putrefatos.

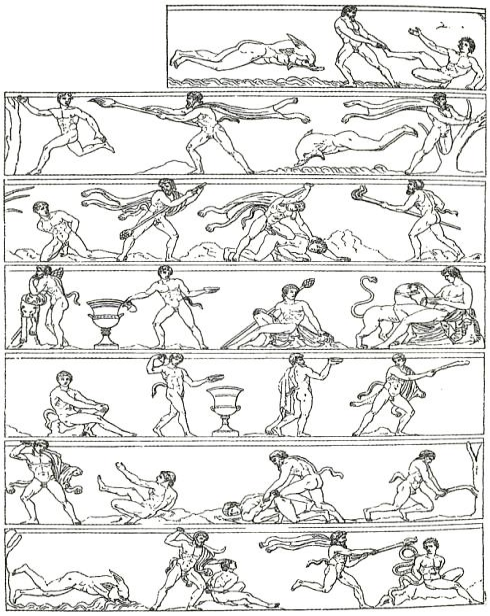
Devemos assimilar isso como uma verdade literal? Como dissemos antes, estas cerimônias de iniciação eram em parte ritual e teatro e em parte sessão espírita. O fato de que as drogas tinham importância na conjuração desses demônios não significa necessariamente - do ponto de vista idealista - que eles eram ilusórios. Também devemos nos lembrar de que na índia rural ainda acontecem cerimônias religiosas perfeitamente respeitáveis - como a adoração de espíritos inferiores, os Pretas, Bhuts, Pisachas e Gandharvas - que nós, do Ocidente, classificamos como sessões espíritas.

As escolas de Mistérios preocupavam-se em conferir ao candidato uma experiência espiritual autêntica, o que, no contexto da filosofia idealista, significa uma experiência genuína dos espíritos - primeiro os demônios e os espíritos dos mortos, por fim os deuses.

No século V a.C, era muito difícil para um deus sem corpo material afetar diretamente a matéria, como mover um objeto pesado. Mas os sacerdotes iniciados podiam pronunciar palavras mágicas numa nuvem de fumaça que emanava de um fogo sacrifical, e às vezes aparecia a face de um deus. Karl von Eckartshausen, teosofista do século XVIII, registrou as fumigações mais eficazes para causar aparições: cicuta, meimendro negro, açafrão, aloé, ópio, mandrágora, salorum, semente de papoula, assa-fétida e salsa.

As estátuas que parecem miraculosamente vivas, pelas quais os gregos são famosos, surgiram nas escolas de Mistérios. A função original delas era ajudar a trazer os deuses à Terra.

Pelo uso anterior das estátuas no Egito e na Suméria, sabemos que se pretendia que os deuses as ocupassem, vivessem nelas como seus corpos físicos e lhes dessem vida. Se você se colocasse diante da estátua de Artemis em Éfeso, a Mãe Terra apareceria sobre você como uma grande árvore. Você teria uma sensação de ser absorvido pela matriz vegetal do cosmo, o grande oceano de ondas de luz, e de estar uno com ele.



Na doutrina às avessas das sociedades secretas, os gregos criaram as primeiras estátuas de corpos humanos perfeitos, pois foi nesta época que os corpos humanos se tornaram perfeitamente formados. O culto grego ao corpo surgiu com a nova experiência da forma perfeita.

As estátuas pareciam respirar e se mexer. Dizia-se que às vezes elas falavam com as pessoas.

Depois de várias provações, o candidato bem-sucedido podia ascender a um lugar cheio de luz música e danças. Dionísio — Baco ou Iachos — aparecia numa visão radiante e bela de luz. Aristides o Orador contou: "Pensei ter sentido a aproximação do deus e o toquei, eu estava em algum lugar entre a vigília e o sono. Meu espírito estava tão leve - de uma forma que fugiria à compreensão de quem não foi iniciado." Por esta leveza de espírito ele se refere a uma experiência fora do corpo. Também parece claro que os deuses às vezes ocupavam corpos etéreos e vegetais no clímax dos Mistérios e assim apareciam como espectros ou fantasmas luminosos.

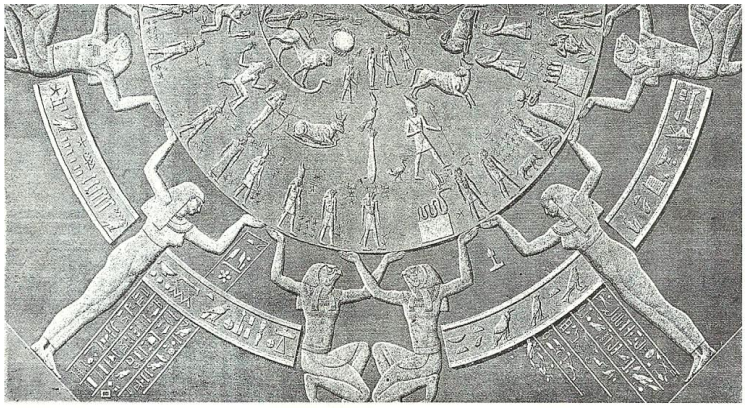
Assim, o processo de iniciação conferia o conhecimento existencial pessoal, direto e inegável de que o espírito podia viver fora do corpo; e, neste estado, o candidato se tornava um espírito entre os espíritos, um deus entre os deuses. Quando "renascia" no mundo

material cotidiano, quando era coroado como iniciado, retinha muitos dos poderes divinos de percepção e capacidades de influenciar os acontecimentos.

Também conhecido como o Bastão de Hermes, o Caduceu era uma vara com duas serpentes enroladas. O tirso era uma representação do Caduceu – provavelmente feito de um talo oco, como este, de um funcho – com o qual Prometeu levou o fogo para iluminar a humanidade. O tirso em que se oculta o fogo secreto e sagrado é o *Sushumna Nadi* da fisiologia oculta indiana. No alto do talo havia uma pinha que representava a glândula pineal.

A experiência da iniciação era, portanto, mística. Porém, como vimos no caso de Pitágoras, o conhecimento prático e até científico também se revelava implícito nesta experiência. Depois da iniciação, o hierofante elucidaria o que o novo iniciado acabara de viver, consultando revelações misteriosas em um livro feito de duas tabuletas de pedra, chamado o Livro da Interpretação. Eles explicavam como se formaram o mundo material e os corpos material e humano, e como os dois eram dirigidos pelos mundos espirituais. Para ajudá-los em seus ensinamentos, o hierofante também usava símbolos. Estes incluíam o tirso feito de junco, às vezes com vários nós e com uma pinha no topo. Havia também os "brinquedos de Dionísio" - uma serpente dourada, um falo, um ovo e uma ponta giratória que produzia o som "Om". Cícero viria a

escrever que, quando se passa a entendê-los, os mistérios ocultos têm mais a ver com a ciência natural do que com a religião.



A importância de Spica no mundo antigo se revela no fato de que, além de Sirius, ela é a única estrela representada no famoso planisfério de Dendera, do qual reproduzimos uma seção aqui. A grande roda cósmica mói todas as estrelas, exceto esta única, que é salva nos limites externos de sua margem.

Também havia um elemento profético nestes ensinamentos. A última iniciação em Elêusis exigia que o candidato colhesse uma espiga de trigo verde, erguida em silêncio.

É claro que em certo nível os Mistérios eram agrícolas e tinham a expectativa de uma boa colheita. Mas havia outro nível, relacionado à colheita de almas.

Este trigo era a estrela Spica, a semente divina na mão esquerda da deusa virgem da constelação de Virgem. Estou falando, é claro, da deusa que os egípcios chamavam de Ísis. O grão que ela segura antecipa a grande "sementeira" cósmica. Viria a ser transformado em pão da Ultima Ceia, simbolizando o corpo vegetal em Jesus Cristo e também a dimensão vegetativa, ou o estado alterado de consciência que, de acordo com o cristianismo esotérico, todos devemos buscar, se quisermos encontrá-lo lá.

Novamente, vemos que a dimensão vegetativa do cosmo é o foco do pensamento esotérico. Na filosofia de Platão, a alma é a mediadora entre o corpo material e o espírito animal. Se quisermos deixar para trás o mundo material e entrar nos mundos espirituais, esta dimensão vegetativa deve ser o motivo de nossa Obra.

Existem outras maneiras de os espíritos influenciarem os acontecimentos.
Todos que contemplam um dos bustos remanescentes de Sócrates podem perceber o aspecto vivo e satírico de sua fisionomia.
Na tradição secreta, Sócrates foi uma reencarnação do grande espírito que antes vivera no corpo de Sileno.

A morte de Ésquilo entalhada numa gema. Ésquilo era filho de um sacerdote de Elêusis. Ele foi ameaçado de execução por ter traído os segredos dos Mistérios, retratando-os no palco. Escapou da execução afirmando que nunca foi iniciado, mas, quando uma águia largou de grande altura uma pedra em sua cabeça calva e o matou, muitos interpretaram como uma paga divina.

Sócrates às vezes falava de seu daemon, um espírito bom que o guiava pela vida. Hoje em dia, este pode parecer um conceito estranho. Mas o relato a seguir talvez seja representativo do daemon nos tempos modernos. É um incidente contado por um discípulo do filósofo esotérico russo P.D. Ouspensky, que influenciou a formação de muitos dos grandes escritores e artistas do século XX, inclusive o poeta e dramaturgo T.S. Eliot, o arquiteto Frank Lloyd Wright e os pintores Kazimir Malevitch e Georgia O'Keefe.
Esse homem, um advogado, foi ouvir uma palestra de Ouspensky numa casa a oeste de Londres. Ao sair de lá, confuso e cheio de dúvidas, uma voz dentro dele disse: "Se deixar de ter contato com isso, estará fazendo algo de que se arrependerá pelo resto da vida." Ele então se perguntou de onde vinha a voz.

Por fim, encontrou uma explicação nos ensinamentos de Ouspensky. Esta voz era de seu próprio eu superior. Um dos grandes objetivos do processo de iniciação que ele se viu empreendendo era alterar sua consciência para que ele fosse capaz de ouvir esta voz o tempo todo.
Sócrates foi um homem guiado desta forma por sua consciência. Ele levou adiante o grande projeto de transformar em conceitos a sabedoria instintiva do eu animal e inferior, e sua filosofia, como a de Pitágoras, não é meramente acadêmica. Também é uma filosofia de vida. O objetivo de toda filosofia, diz ele, é ensinar a morrer.
Não se sabe ao certo, mesmo entre as escolas secretas, se Sócrates foi ou não um iniciado.
Quando foi acusado de corromper a juventude de Atenas e de não acreditar nos deuses, Sócrates cometeu suicídio tomando cicuta. Ele morreu tendo perdoado seus executores.
O juramento contra o suicídio é um dos mais ferrenhos feitos pelos iniciados.

Tornou-se lugar-comum dizer que a religião tem um efeito negativo e até destrutivo na história humana. Citam-se constantemente as guerras religiosas, a Inquisição, a repressão ao pensamento científico e atitudes patriarcais restritivas. Vale a pena lembrar que algumas das maiores glórias da cultura humana têm origem nas escolas de Mistérios, uma parte central da religião organizada do mundo antigo. Surgiram desta instituição religiosa não só a escultura e o teatro, mas a filosofia, a matemática e a astronomia, assim como as idéias de política e medicina.
Acima de tudo, as escolas de Mistérios influenciaram a evolução da consciência.
A história convencional dá pouca ênfase à evolução da consciência, mas podemos vê-la em ação novamente se olharmos as mudanças no teatro grego. Nas peças de Esquilo e Sófocles, os primeiros dramaturgos a terem a obra interpretada fora das escolas de Mistérios, a maldade resulta em perseguição por demônios alados chamados Erínias ou Fúrias, como na Oresteia, de Esquilo, de 458 a.C. Em Hipólito, de Eurípides, de 428 a.C., essa reprovação foi

internalizada e recebeu um nome. "Só há uma coisa que pode sobreviver a todas as provações da vida: uma consciência tranqüila."

Na história convencional, supõe-se que as pessoas sempre foram aguilho adas pela consciência. De acordo com tal visão, Eurípides foi simplesmente a primeira pessoa a lhe dar nome. No pensamento às avessas da tradição esotérica, o motivo para que não haja, até essa altura, sugestão de consciência em nenhum dos anais da experiência humana é que os Mistérios de Elêusis forjaram esta nova dimensão da experiência humana.

A grande arte dramática mostra que não sentimos exatamente o que a convenção nos diz para sentir. Mostra-nos novas formas de ser - sentimentos, pensamentos, vontade, percepção. Parafraseando Saul Bellow, ela amplia um pouco mais a condição humana.

Quando assistimos ao teatro grego, somos purificados por catarse. Os dramaturgos gregos davam a seu público uma experiência que era semelhante à iniciação, e a forma deles de trabalhar, essencialmente iniciática, é baseada numa compreensão da natureza humana. Nosso corpo animal foi corrompido. Tornou-se enrijecido e carrega algo que parece uma carapaça de proteção. Passamos, porém, a ficar à vontade com esta carapaça. Até ficamos dependentes dela. Mas nossa vida fácil e ociosa tornou-se possível graças a muito derramamento de sangue, tortura, roubo, injustiça — e, no fundo, sabemos disso. Do mesmo modo, no fundo há um asco por nós mesmos que nos impede de viver plenamente o momento presente, de viver a vida em sua plenitude. Não podemos amar ou ser amados de verdade antes que a carapaça de inseto seja aberta pelo processo agonizante da iniciação. Até chegarmos a este ponto, não conheceremos o significado da vida.

Quando vemos uma grande produção de uma das tragédias inspiradas pela experiência da iniciação - Édipo rei ou Rei Lear por exemplo - podemos captar um eco desse processo.

Estátua de um ator de máscara. Aristófanes satirizou os Mistérios em *Os sapos*. Se a tragédia dramatizava as maquinações de Satã no mundo, a comédia dramatizava as maquinações de Lúcifer.

Embora seja difícil entender e aceitar algumas idéias dos gregos, outras podem parecer óbvias à primeira vista, até passageiras, a ponto de pensarmos que nem valem a pena ser mencionadas. Entre alguns ditos atribuídos a Pitágoras estão:

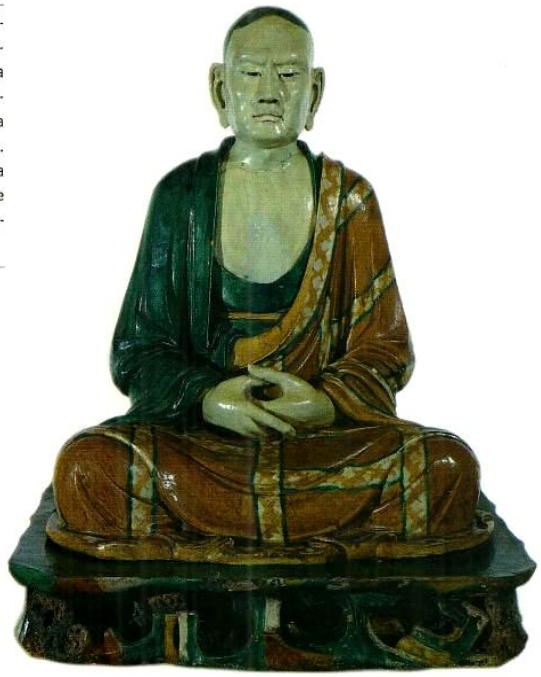
Respeite a si mesmo acima de todas as coisas e não ceda à tentação, a não ser quando concordar em ser infiel a si mesmo.

Para entender por que é uma provocação e até espantoso dizer essas coisas, coisas que chocam o mundo e, por conseguinte, vêm sendo lembradas há séculos, temos que vê-las no contexto de uma nova e próspera noção a respeito do ser.
Da mesma forma, quando Sócrates disse, uma vida não examinada não é digna de ser vivida,
ele estava se dirigindo às pessoas que àquela altura não tinham a faculdade para o pensamento abstrato, com a qual se tefletia sobre a própria vida. Esta foi a grande dádiva que Sócrates deu ao mundo. Quando Sócrates morreu, seu discípulo Platão tornou-se a principal figura da filosofia grega.

Platão nasceu em 428 a.C., pertenceu a uma das primeiras gerações que aprendeu sistematicamente a ler. Ele fundou a Academia no jardim do túmulo de Academo, em Atenas.
Seus Diálogos são a maior expressão da filosofia da mente-antes-da-matéria, chamada idealismo, que está no cerne deste livro.
Na história secreta, até essa época todos viveram o mundo de uma forma idealista. A forma de consciência de todos era tal que não se questionava se as idéias seriam uma forma mais elevada de realidade do que os objetos. Todos acreditavam nisso sem pensar, por instinto. Só passou a ser necessário a um grande iniciado conceitualizar a visão de mundo idealista e registrá-la em termos sistemáticos por escrito quando a consciência evoluiu para uma fase em que as pessoas podiam conceber o ponto de vista contrário. Aristóteles, discípulo de Platão, deu o salto filosófico para aquilo que levaria ao materialismo, a filosofia dominante de hoje.

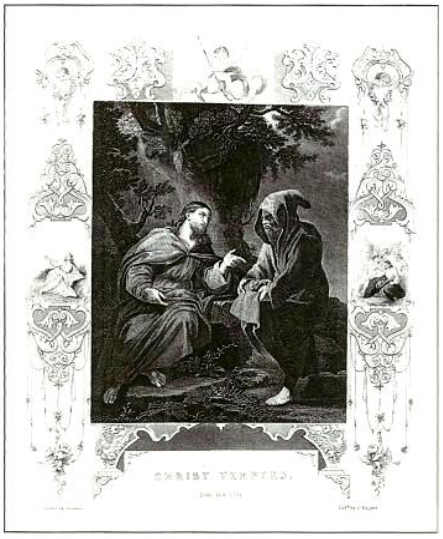
É muito fácil interpretar mal o idealismo de Platão. Ele naturalmente nos parece inferir que, se o mundo material é um precipitado de nossos processos mentais, devíamos poder manipular o mundo de uma forma muito patente e direta só de pensar nele. Se o mundo não passa de uma espécie de holograma gigante, ele não poderia ser desligado? Nos Princípios do conhecimento humano, o bispo Berkeley, o mais influente filósofo do idealismo inglês, defendeu uma versão de idealismo segundo a qual a matéria não tem existência independente da percepção - e esta é a versão de idealismo mais conhecida dos estudantes de filosofia nas universidades anglo-americanas.
Mas como matéria de fato histórico, não é a posição sustentada pela grande maioria das pessoas que acreditaram no idealismo em toda a história. Como sugeri essas pessoas viviam o mundo de uma forma idealista. A faculdade de imaginar era muito mais forte do que a faculdade de pensar, que na época começava a se desenvolver.

Na Grã-Bretanha de hoje há apenas um exemplar de "arte objetiva", isto é, arte que expressa perfeitamente o mundo espiritual, sem a influência distorcedora de uma personalidade humana. Muitos que olham o *Lohan*, uma escultura chinesa de um monge budista no British Museum, contam ter experiências estranhas.



No saber islâmico, o Velho das Montanhas controlava todo o mundo sem sair de seu esconderijo montanhoso. Esta ideia foi modernizada nos filmes profundamente esotéricos de Fritz Lang, em que o Dr. Mabuse hipnotiza o mundo de sua cela em um manicômio.

Neste detalhe do *Retábulo de Isenheim*, a grande obra-prima esotérica da arte do Norte da Europa, Matthias Grünewald retratou Jesus Cristo como o deus Sol. Ele plantou uma semente de sua natureza solar na Terra e então o processo histórico de espiritualização do universo material se inicia.



Jesus e a tentação, de Luca Giordano, discípulo de Caravaggio. Embora seja sujeita a interpretações, as grandes escolas esotéricas falam da dimensão do mal no cosmo apenas como um meio de derrotá-la.

No alto: *A anunciação*, da igreja de Santa Maria Madalena, em Aix-en-Provence. Neste tríptico do final da era medieval é possível discernir morcegos e demônios empoleirados nos arcos, um anjo com as asas de uma coruja de orelha curta e um demônio de chifres e barba. Segundo o saber local, foi pintado por um satanista.

Direita: Os órgãos da percepção espiritual são retratados de diferentes maneiras na iconografia cristã — no *vesica piscis* amendoado que cerca muitas representações de visões, nos chifres de Moisés, retratado por Michelangelo, e no cajado florido de Aarão e em outros florescimentos.

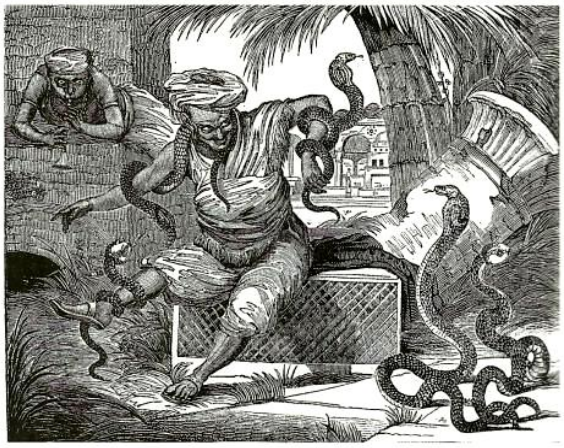
A *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci é um dos grandes ícones da arte porque apreende a imagem de alguém que descobre a alegria de estar livre para explorar a vida interior pela primeira vez na história.

Monte de relva, de Albrecht Dürer. Esta foi a primeira vez que alguém realmente viu um monte de relva de uma maneira que hoje nos parece banal.

No alto: Em *A tábua dos sete pecados capitais*, de Hieronymus Bosch, Jesus Cristo é identificado como o Homem Superior que evolui quando segue sua ascensão aos mundos espirituais.

Direita: *O êxtase de Santa Teresa*, de Bernini. A vasta dimensão esotérica da Igreja Católica abriu-se de forma extraordinária na Espanha do século XVII.

Ilustração do século XVIII para *A flauta mágica*, de Mozart. Acreditava-se, na época da primeira apresentação, que o sacerdote egípcio Sarastro fora baseado em Cagliostro. Goethe disse desta ópera: "Que a multidão de espectadores tenha prazer com o espetáculo. A implicação superior não escapará ao iniciado."



Os encantadores de serpentes. Ilustração para a obra de James Bruce, explorador do pensamento sufi e devoto da maçonaria esotérica que descobriu o *Livro de Enoque* na Etiópia no final do século XVIII.

A sabedoria de *As facetas da sabedoria*, em que o místico sufi Ibn Arabi viu o ato sexual como a forma suprema de contemplação, chega a seu apogeu na arte de William Blake. O livre fluxo de pensamentos entre dois amantes espiritualmente maduros, uma comunicação sem palavras, às vezes é chamada de "conversa da verdade". É possível porque os corpos vegetais ou etéricos dos dois indivíduos tornam-se entrelaçados e se emaranham mutuamente. Jacob Boehme descreveu este processo como o "tecer do vestido de noiva" de que os espíritos precisarão no paraíso.

O Anticristo é descrito pelo irmão iniciado de Da Vinci, Luca Signorelli, na Catedral de Orvieto. Ao retificar o Ocidente com o saber sul-americano, é possível chegar a 2012 como a data da encarnação de Satã.

Esquerda: O Buda Maitreya, aqui em uma bela escultura no Mosteiro de Alchi, em Ladahk, na Índia, deve ser identificado com o Cavaleiro do Cavalo Branco no *Apocalipse de São João*.

Abaixo: A abertura do quinto selo, de El Greco. No *Apocalipse de São João*, a abertura dos selos é uma descrição do que revelarão nossos novos poderes de percepção quando nossos órgãos ocultos da percepção forem revigorados.

Eles acreditavam que os objetos da imaginação eram mais reais do que os objetos dos sentidos - mas isto não significa necessariamente que o último fosse de todo irreal.

A maior parte das pessoas que acreditavam no idealismo como filosofia de vida acreditava na matéria sendo precipitada da mente como um processo histórico que aconteceu aos poucos e por longos períodos de tempo. Também acreditavam - e ainda acreditam - que

o holograma, por assim dizer, será desligado, mas de novo aos poucos e por períodos igualmente longos de tempo.
Os universitários de hoje, que debatem os prós e contras do idealismo, devem julgar difícil equiparar as idéias platônicas com deuses e anjos, como estivemos fazendo. Esta associação pode parecer grosseiramente antropomórfica para a mentalidade atual.
Mas, como fato histórico, as pessoas que acreditavam no idealismo como filosofia de vida sempre tenderam a acreditar em espíritos, deuses e anjos.
Quando consideram os grandes pensamentos cósmicos que ondulam pelo mundo, os princípios ativos por trás da aparência das coisas, muitos idealistas se perguntaram até que ponto é adequado considerá-los seres conscientes como nós. Idealistas como Cícero e Newton não consideravam estes "Intelligencers", para usar um termo cunhado por Newton, nem grosseiramente impessoal nem pessoal. Cícero e Newton não eram nem fortemente politeístas, nem fortemente monoteístas. Acreditavam que a vida era significativa e o cosmo tinha significado. E que algo como as qualidades humanas, na verdade algo como a consciência humana, sempre é baseado na estrutura do cosmo.
E os iniciados das sociedades secretas, assim como os das escolas de Mistérios, encontraram, em estados alterados de consciência, estes Intelligencers desencarnados. Talvez seja Goethe quem melhor tenha falado a respeito do que parece ser um idealista dos tempos modernos. Ele escreveu sobre sentir a presença real de interconexões vivas com o mundo natural e conexões vivas com outras pessoas, embora estas conexões não possam ser mensuráveis ou visíveis. E escreve acerca dos grandes espíritos universais que mantêm tudo unido. O que Newton chamou de Intelligencers, Goethe chamou de "as Mães".
Todos nós andamos nos mistérios. Não sabemos o que se agita na atmosfera que nos cerca, nem como se relaciona com nosso espírito. Uma coisa é certa podemos ocasionalmente estender os tentáculos de nossa alma para além de seus limites corpóreos (...) Uma alma pode ter influência decisiva sobre outra por meio de sua presença silenciosa, da qual posso relacionar muitos exemplos. Em

geral acontece comigo que, quando estou caminhando com um conhecido e, se tenho uma imagem viva de alguma coisa em mente, ele de súbito começa a falar da mesmíssima coisa. Também conheci um homem que pode num átimo silenciar um grupo envolvido numa conversa apenas com o poder da mente, sem dizer uma palavra. Todos temos forças elétricas e magnéticas em nós; e emanamos, como o próprio magneto, um poder atraente ou repulsivo (...). Com os amantes, este poder magnético é particularmente forte e age mesmo à distância. Em minha juventude, vivi exemplos suficientes quando, em minhas caminhadas solitárias, sentia um forte desejo pela companhia da mulher amada e pensava nela até que ela de fato vinha me encontrar. "Eu estava tão inquieta no meu quarto", dizia ela, "que não pude deixar de vir para cá."

Goethe fala ainda das conexões vivas subjacentes a cada fenômeno...

Habitando a eterna obscuridade e a solidão, essas Mães são seres criativos; são o princípio criador e sustentador do qual provém tudo o que tem vida e forma na superfície da Terra. Seja lá o que for que deixe de respirar volta-lhes como natureza espiritual e elas o preservam até a ocasião de sua existência renovada. Todas as almas e formas do que foi, ou do que será, pairam como nuvens no vasto espaço de seu domicílio, (...) o mago deve entrar em seu domínio, se quiser obter poder de uma forma de ser (...).

No século V a.C., Atenas e Esparta lutavam pelo domínio da região. No quarto século, ambas foram dominadas pela Macedônia, governada pelo robusto Felipe II. Plutarco observou que o filho de Felipe, Alexandre, nasceu no mesmo dia de 356 a.C. em que o Templo de Efeso foi incendiado por um louco.
Cada escola de Mistérios ensinava uma sabedoria que lhe era única, e por isso Moisés e Pitágoras foram iniciados em mais de uma escola. Os hierofantes da escola de Mistérios ligados ao Templo de Efeso ensinavam os mistérios da Mãe Terra, os poderes que configuram o mundo natural. De certo modo, o espírito desta

escola entrou em Alexandre quando ele nasceu. Alexandre passaria a vida toda tentando identificar este elemento divino dentro dele.
Um dia o belo e destemido rapaz, com os olhos em brasa e a juba leonina, domou um cavalo feroz e magnífico chamado Bucéfalo, que nenhum dos generais de Felipe conseguiu montar.
Felipe procurou pelo maior intelecto da época para ser tutor de seu filho e escolheu o maior discípulo de Platão, Aristóteles. Alexandre e Aristóteles se reconheceram como espíritos afins.
Como Platão deu uma expressão formal e conceitual ao idealismo, era inevitável que seu oposto logo fosse formulado. Em vez de deduzir a verdade sobre o mundo a partir de princípios imateriais e universais, Aristóteles reuniu e classificou as informações do mundo material. Deduziu as leis físicas por meio de um processo de abstração. Aristóteles pôde portanto inventar toda uma forma moderna e inteiramente nova de descrever os poderes ocultos que dão forma à natureza. Em geral se dizia que o Império Romano proporcionou um veículo para a disseminação do cristianismo, e da mesma forma Alexandre criou o maior império que o mundo vira. Este, então, tornou-se o veículo para a filosofia de Aristóteles.
Felipe foi assassinado quando o filho tinha apenas 12 anos, mas de imediato Alexandre se estabeleceu como governante de gênio e comandante militar insuperável. Em 334 a.C., liderou um exército até a Ásia, derrotando os persas na Batalha de Isso, embora os persas superassem, em termos numéricos, seu exército em dez para um. Depois varreu o sul pela Síria e a Fenícia, antes de conquistar o Egito, onde fundou a cidade de Alexandria. Sempre fundava cidades-estado nos moldes gregos, divulgando a política e a filosofia helênicas.
Era parte da missão de Alexandre evitar que a consciência recém-evoluída, foijada por iniciados como Platão e Eurípides, fosse assoberbada pela maior riqueza, grandeza e poder militar da Ásia. Mais particularmente, ele devia evitar que a nova racionalidade fosse eliminada pela antiga clarividência ritualista e pela consciência figurativa.
Em 331 a.C., Alexandte voltou a derrotar os persas, destruindo a antiga capital de Persépolis, antes de entrar no Afeganistão e por

fim na índia. Ali ele debateu com filósofos brâmanes, os descendentes dos rishis. Admitido a observar os ritos sagrados e iniciáticos dos brâmanes, os sacerdotes de Alexandre ficaram pasmos ao ver as semelhanças que as cerimônias tinham com as deles próprios.

Há uma história de que Alexandre mandou um filósofo grego chamar um mestre brâmane para ir até ele, oferecendo uma grande recompensa e ameaçando decapitá-lo se ele se recusasse. O filósofo afinal localizou o brâmane nas profundezas da floresta e recebeu a seguinte resposta seca: "Os brâmanes não temem a morte nem desejam o ouro. Dormimos profunda e pacificamente sobre as folhas da floresta. Se tivéssemos alguma posse material, nosso sono seria perturbado. Andamos livremente pela superfície da Terra, sem conflitos. E todas as nossas necessidades são supridas como uma mãe que nutre seu filho com seu leite."

Este foi um raro golpe de rejeição a Alexandre. Até quase o fim de sua vida, parecia que ninguém podia se colocar em seu caminho. Poucas vezes na história um indivíduo foi capaz de curvar todo o mundo à sua vontade.

Como sugeri, toda a vida de Alexandre pode ser vista como uma busca para entender a origem deste poder divino. Em diferentes épocas, afirmou-se que Perseu e Hércules foram seus ancestrais, de acordo com tradições variadas. Aristóteles dera a Alexandre um exemplar da Ilíada de Homero, que ele mais tarde passou a saber de cor. Ele às vezes se via como um semideus como Aquiles. Em 332 a.C., partiu numa expedição ao Templo de Amon, no oásis de Siwa, no deserto, cerca de 800 quilômetros a oeste de Mênfis, no Egito. Diz-se que ele quase morreu nesta expedição, embora isso possa ser uma referência a uma "morte mística". O que é certo é que ele foi "reconhecido" pelos sacerdotes e iniciado lá.

Chegou-se a especular que os sacerdotes teriam dito a Alexandre que ele era filho de Amon-Zeus. Supunha-se que os chifres cerimoniais que ele passou a usar fossem uma marca que indicava isso. Em alguns dos países que conquistou ele era lembrado como um homem de chifres. No Corão, ele aparece como Dhul-Qarnayn, que significa "aquele de dois chifres". Mas, de acordo com a história

secreta, estes chifres são os chifres de um caçador que já conhecemos, e os dois grandes amigos Gilgamesh e Enkidu, separados pela morte precoce de Enkidu, foram reunidos quando reencarnaram como Alexandre e Aristóteles.
Aos 33 anos, Alexandre ignorou os conselhos dos astrólogos da Babilônia para não entrar pelos portões de sua cidade. Duas semanas depois, morreu de febre. Logo ficaria evidente que o império de Alexandre só se mantivera unido graças a seu magnetismo pessoal.

O budismo surgiu como A primeira religião missionária e proselitista por volta de 22 a.C. Antes disso, a religião de uma pessoa era determinada pela raça ou pela tribo. Agora a condição humana estava mudando. Para os não iniciados, os mundos espirituais eram uma visão que esmaecia, deixando vestígios fracos que dificultavam seu discernimento e sua certeza. Inspirado por Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles, as pessoas desenvolviam a capacidade para o pensamento dedutivo e indutivo. Elas também eram capazes de pesar argumentos contrários.
Em 140 a.C., Roma era a capital do mundo e um vórtice de idéias. Um cidadão podia ter sistemas de crença muito diferentes para escolher: o culto oficial dos deuses planetários, a adoração neoegípcia de Serápis, o epicurianismo, o estoicismo, a filosofia dos peripatéticos e o culto persa do mitraísmo. Os monges budistas e os brâmanes indianos com certeza também chegaram a Alexandria.
Pela primeira vez na história, escolher um desses sistemas de crença podia ser uma questão de decisão pessoal.
As pessoas podiam escolher de acor do com as evidências ou podiam escolher o que queriam acreditar. Com a ascensão do Império Romano, portanto, chegamos à era da fé inautêntica, de um ceticismo e um cultivo consciente da sensibilidade que eram inteiramente novos.
Quando pensamos em Roma, imaginamos a sofisticação e a grandeza, mas também a paranóia. Se compararmos a Grécia de Péricles com a roma dos césares, veremos nesta última o mesmo tipo de pompa despótica, de rituais elaborados e impressionantes

com fumaça, incenso e toques de címbalos que antes eram usados para hipnotizar as pessoas para que obedecessem a Baal. Agora eram empregados para hipnotizar as pessoas a acreditarem que vários membros enigmáticos e estranhos da elite governante eram na verdade deuses.

Virgílio em uma pintura do artista suíço Henry Fuseli. Virgílio foi o maior poeta iniciado da fundação e do destino de Roma. A *Eneida* vi 748-51 alude à doutrina da reencarnação, ao "desejo de voltar ao corpo" do espírito quando se passasse um milênio.

Os césares obrigaram as escolas de Mistérios a iniciá-los e assim descobriram as antigas técnicas iniciáticas relacionadas ao deus Sol.
Júlio César erradicou os druidas em razão de seus ensinamentos sobre os Mistérios do Sol - de que o deus Sol logo voltaria à Terra. Da mesma forma, Augusto proibiu a astrologia, não por descrença, mas porque se angustiava com o que os astrólogos podiam ver escrito no céu. Se as pessoas não pudessem ler os sinais do tempo, ele talvez pudesse escapar representando a si mesmo como o deus Sol. Uma vez que havia sido iniciado, Calígula sabia se comunicar com os espíritos da Lua em seus sonhos. Mas como adquirira a iniciação à força e sem uma preparação adequada, ele não podia identificá-los apropriadamente. Calígula referia-se a Júpiter, Hércules, Dionísio e Apolo como seus deuses irmãos, às vezes

aparecendo com roupas extravagantes para se assemelhar a eles. O reinado de loucura de Nero chegou a um clímax quando ele percebeu que afinal ele não era o deus Sol. Preferiu queimar o mundo todo a permitir que vivesse outra pessoa maior do que ele.

O asno de ouro, de Apuleio, É uma das maiores obras iniciáticas do período romano. Contém uma história maravilhosa relacionada à vida do espírito. Cupido e Psiquê trazem alertas conhecidos e muito convencionais sobre os perigos da curiosidade, mas que também possuem um nível de significado esotérico e histórico.
Psiquê é uma jovem linda e inocente. Cupido se apaixona por ela e manda mensageiros convidando-a a se encontrar com ele à noite em seu palácio no alto da colina. Ela vai fazer amor com um deus! Mas há uma condição. O amor dos dois deve acontecer na completa escuridão. Psique deve confiar que está desfrutando do amor de um deus.
Mas a irmã mais velha de Psique fica com ciúme. Escarnece dela e lhe diz que não é com um belo e jovem deus que ela fará amor, mas com uma serpente gigantesca e horrenda. Certa noite, Psique não resiste e, enquanto Cupido dorme um sono pós-coito, segura uma lâmpada a óleo acima dele. Fica deliciada ao descobrir o deus jovem e gloriosamente belo, mas neste momento uma gota do óleo fervente cai em Cupido e ele acorda. Psique é banida de sua presença para sempre.
O duplo significado desta história é: o deus de fato é uma serpente horrenda. Esta é a história dos Nephilim, da entrada na condição humana da serpente do desejo
animal — mas contada do ponto de vista humano!

As escolas de Mistérios estavam caindo em decadência. Como vimos, escavações da entrada aos subterrâneos em Baia, no Sul da Itália, revelaram passagens secretas e alçapões usados para convencer os candidatos de que viviam experiências sobrenaturais. Na escuridão fumacenta e entorpecente, os sacerdotes vestidos de deuses surgiriam das sombras sobre os candidatos fortemente drogados com alucinógenos. Robert Temple reconstituiu as

cerimônias de iniciação desta fase decadente e derradeira. Eram em grande parte efeitos especiais assustadores, o que incluía até bonecos, como um trem-fantasma de hoje. A diferença era que no final de sua iniciação, quando o candidato ressurgia à luz do dia, os sacerdotes o inquiriam e, se ele não acreditasse em suas ilusões sem a mais leve sombra de dúvida, eles o matavam.

O asno de ouro, que contém a história de Cupido e Psiquê, é um lindo livro, escrito por um iniciado em uma linguagem travessa que antecipa Rabelais. Mas também é uma produção conscienciosamente literária, o que não se pode afirmar da sinceridade colossal e monolítica das antigas escolas de Mistérios.

Os homens leais de Roma, os verdadeiros iniciados, recolheram-se para escolas ainda mais ocultas, que operavam de modo independente do culto iniciático da época, o germe da evolução intelectual e espiritual. Cícero e Sêneca, ambos profundamente envolvidos no estoicismo, procuraram moderar a egomania de seus senhores políticos. Tentaram argumentar que todos os homens nascem irmãos e que os escravos devem ser libertados.

Cícero era um homem sofisticado e urbano, e uma das maiores forças da reforma do Império Romano. Ele considerava sua iniciação em Elêusis a grande experiência de formação de sua vida. Ensinaram-lhe, segundo disse, "a viver com alegria e morrer com esperança".

Embora Cícero visse com desconfiança as crenças supersticiosas e fúteis da plebe em deuses venais, ele também era tolerante com relação a elas. Sustentava que mesmo o mais ridículo dos mitos pode ser interpretado de maneira alegórica. Em A natureza dos deuses ele faz uma exposição apaixonada da idéia estoica do espírito em movimento pelo universo, a força norteadora que induz a planta a procurar nutrição na terra e confere aos animais os sentidos, o movimento e o instinto, quase semelhante ao raciocínio, para ir em busca do que é bom para eles. Este mesmo espírito movente do cosmo dá às pessoas "a razão e uma inteligência superior à dos próprios deuses". Não devemos imaginar estes deuses com corpos como os nossos; "vestem-se das formas mais belas e etéreas." Ele escreve, também, que "podemos ver os propósitos mais elevados e íntimos deles nos movimentos das estrelas e planetas".

Quando as maquinações políticas de Roma afinal alcançaram Cícero, ele estoicamente despiu o pescoço para a espada do centurião.

Sêneca também acreditava nesta comunhão cósmica dos estoicos, assim como na capacidade dos adeptos de manipular esta comunhão para seus próprios fins. Sua peça Medeia provavelmente cita fórmulas mágicas verdadeiras usadas pelos magos negros da época. Na peça, Medeia é capaz de dirigir seu poder de ódio concentrado com tal força que pode mudar a posição das estrelas.

Nesta Era do Desencanto, pela primeira vez é possível considerar que os deuses talvez não existam. Integrantes da elite intelectual, os epicuristas estavam formulando as primeiras filosofias materialistas e ateístas. O que restou foi a crença nos níveis inferiores dos espíritos, os espíritos dos mortos e os demônios. Se você ler a literatura da época, como os Evangelhos do Novo Testamento, neles verá que o mundo vivia uma epidemia de demônios.

Enquanto a elite intelectual brincava com o ateísmo, as pessoas se dedicavam a formas atávicas de ocultismo que faziam uso do fato de os demônios e outras formas inferiores de vida espiritual serem atraídos pelos vapores dos sacrifícios de sangue.

O sumo sacerdote do Templo de Jerusalém usava pequenos sinos presos ao manto para que os goblins que viviam nas sombras pudessem ouvir sua aproximação e escondessem suas formas horrendas. O templo requeria um sistema de drenagem vasto e complexo para lidar com os milhares de litros de sangue sacrificai que fluíam a cada dia.

Em todo o mundo, eram tomadas medidas cada vez mais desesperadas. Plutarco escreveu contra o sacrifício humano de uma forma que implica que ele era comum.

E na América do Sul, em uma paródia bizarra, um mago negro era pregado numa cruz.

15. A VOLTA DO DEUS SOL

Os dois meninos Jesus • A missão cósmica Crucificação na América do Sul • O casamento místico de Maria Madalena

Na Palestina, chegara-se a um grande momento crítico na história. Como os deuses agora não eram mais vividos como "lá fora" no mundo material, era necessário que o deus Sol, o Verbo, descesse à Terra. Como veremos, sua missão era plantar no crânio humano as sementes de uma vida interior que se tornaria a nova arena da experiência espiritual. Esta semeadura daria surgimento ao senso que todos temos hoje de que cada um de nós vive dentro de um "espaço interior".

Segundo o plano cósmico, os espíritos humanos deviam atingir a individualidade, deviam ser capazes de pensar livremente, exercer o livre-arbítrio e escolher a quem amar. Para criar as condições para tanto, a matéria se tornou mais densa até que cada espírito afinal se isolou em seu próprio crânio. O pensamento e a vontade dos humanos não eram mais totalmente controlados por deuses, anjos e espíritos, como foram por milhares de anos antes no cerco de Tróia.

Mas esta evolução tinha seus riscos. A humanidade poderia se tornar de todo desligada do mundo espiritual e também havia o perigo de os homens ficarem completamente desligados uns dos outros.

Esta foi uma grande crise. As pessoas não se sentiam mais seres espirituais, pois o espírito humano corria o perigo de ser apagado por inteiro. O amor que unia tribos e famílias, um amor psíquico de sangue e instintivo como o que vincula as alcatéias, foi enfraquecidos nos novos crânios endurecidos, nas novas aldeias e cidades.

Ao identificarmos o desenvolvimento em direção a um senso de identidade individual, chegamos à lei de Moisés, uma regra para a vida em comunidade com imposições rigorosas, olho por olho, dente por dente. Chegamos também à obrigação de sentir a compaixão

por todos os seres vivos ensinada por Buda. Vimos nas duas tradições os primórdios da obrigação moral como um caminho para a disciplina e o desenvolvimento individuais. Agora os estoicos de Roma deram ao indivíduo um status legal e político na forma de direitos e deveres.

A ironia, então, era que, assim que foi formada a identidade humana individual, perdeu-se grande parte do senso de que valia a pena viver a vida. Os banhos de sangue no Coliseu não mostravam uma concepção de valor, que dirá a santidade da vida humana individual.

Jesus ben Pandira, líder dos essênios, podia pregar a pureza e a compaixão universal, mas da perspectiva de um movimento para se isolar por completo do mundo. Os estóicos podiam ensinar a responsabilidade, mas para eles isso era um dever sem nenhuma alegria. "Jamais deixe que o futuro o perturbe", proporia o imperador estóico Marco Aurélio como filosofia de vida — "tu o encontrarás, se tiver de ser, com as mesmas armas da razão que te armam hoje contra o presente." Estas palavras estão cheias de fastio.

A humanidade se sentia arrastada por uma maré de sofrimento. Podemos imaginar como as pessoas ansiavam para que alguém dissesse: "Vinde comigo, vós, os oprimidos, eu vos darei repouso."

Vimos o candidato à iniciação ver a espiga de trigo verde no santuário interno em Elêusis e aprender a desejar o "tempo da semeadura". No santuário interno dos grandes templos egípcios, os candidatos à iniciação viam Ísis dando de mamar ao bebê Hórus. Este segundo Hórus, este "Hórus-por-vir", seria um novo rei dos deuses, que traria uma nova prescrição. Era chamado de o Deus Pastor, o Cordeiro de Deus, o Livro da Vida e a Verdade e a Vida. Isaías dizia a seu povo para tornar retos os caminhos do Senhor. Ele prometeu que seus pecados seriam purificados enquanto imaginava a vinda do Messias. Na Quarta Ecloga, o poeta-iniciado romano Virgílio previu a vinda do homem-deus, o Salvador. "A Era de Ouro virá do alto, como seus descendentes primogênitos", escreveu ele, "(...) serão purificadas todas as máculas de nosso passado de maldade."

Na realidade, a vida de Jesus Cristo da qual tomamos conhecimento pode parecer uma colcha de retalhos de acontecimentos da vida

daqueles que vieram antes dele: nascido de um carpinteiro e de uma Virgem, como Krishna; nascido em 25 de dezembro, como Mitra; anunciado por uma estrela do Oriente, como Hórus; andava sobre a água e alimentava 5.000 pessoas com um pequeno cesto, como Buda; realizava curas milagrosas, como Pitágoras; erguia-se dos mortos, como Eliseu; executado numa árvore, como Adônis; ascendeu ao céu, como Hércules, Enoque e Elias.
É difícil encontrar nos Evangelhos qualquer ato ou dito atribuído a Jesus que não tenha sido prenunciado de alguma maneira. Qualquer um que prefira a crítica ácida decidirá ver isso como uma prova de que sua vida foi uma ficção. Mas, na história secreta, este é um movimento universal de convergência, enquanto todo o cosmo lutava para dar à luz o novo deus Sol.
Ao vermos a grande imagem imaginativa da Natividade como foi descrita na arte maior da história e decodificando-a de acordo com a doutrina secreta, podemos ver como toda a história secreta do mundo foi conduzida a este ponto.
Em Maria devemos sentir a presença de Isis; quando o Sol surge na constelação de Peixes, o signo de Jesus, a constelação no horizonte oposto é Virgem. Em José, o patriarca que carrega um bastão torto, vemos Osíris - seu bastão simboliza o Terceiro Olho. A caverna em que se costuma representar Jesus Cristo em seu nascimento é o crânio ossudo em que está prestes a ser incitado um novo milagre da consciência. O bebê na manjedoura tem o corpo vegetativo luminoso de Krishna. O boi e o asno representam as duas eras que levaram à nova Era de Peixes — as eras de Touro e de Áries. A esttela que guia os magos é o espírito de Zoroastro ("a estrela dourada"). Um dos magos é Pitágoras reencarnado, tendo sido iniciado pelo profeta Daniel. O anjo que anuncia o nascimento aos pastores é o espírito do Buda.

Às vezes a tradição secreta tende a ver as coisas com uma simplicidade pueril.
Os dois Evangelhos com narrativas da infância de Jesus, Lucas e Mateus, apresentam relatos muito diferentes, de fato incoerentes, a começar pelas genealogias distintas atribuídas a Jesus, o tempo e o

local do nascimento e a visita dos pastores em Lucas e dos magos em Mateus. Esta é uma distinção rigidamente preservada na arte da Idade Média, que desde então se perdeu. Embora possa ser atenuada pela Igreja, os teólogos acadêmicos admitem que, uma vez que estes relatos entram em conflito, ao menos um deles deve ser falso — talvez uma conclusão desagradável para quem acredita que as Escrituras têm inspiração divina.

O *Desenho* de Da Vinci na National Gallery, em Londres. A dimensão esotérica desta obra é transmitida pela luz enovelada e estrelada que sugere o mundo entre os mundos. Descreve os dois meninos Jesus. Da mesma forma, na versão de Londres da *Virgem das Pedras*, uma mão foi acrescentada à obra de Da Vinci, alongando a forma da cruz que na arte cristã é a insígnia característica de João Batista.

Por outro lado, na tradição secreta este problema não existe, pois estas duas narrativas descrevem a infância de dois meninos Jesus. Estes meninos tinham um parentesco misterioso. Não eram gêmeos, mas eram quase idênticos.

No texto gnóstico Pistis Sophia, contemporâneo dos livros canônicos do Novo Testamento e considerado de igual autenticidade por alguns estudiosos, há uma estranha história relacionada a estas duas crianças. Maria vê um menino que se parece tanto com Jesus que ela naturalmente o toma por seu filho. Mas então este menino a

desconcerta, pedindo para ver o filho dela, Jesus. Temendo que fosse uma espécie de demônio, ela amarra o menino na cama, depois vai aos campos procurar por José e Jesus.
Encontra-os erigindo estacas no vinhedo. Os três voltam para casa. Os meninos se olham maravilhados e se abraçam.
A tradição secreta que registra o processo sutil e complexo pelo qual foram reunidas a forma e a consciência humana tem paralelo no registro do processo extremamente complexo pelo qual se fez a encarnação do Verbo. Nesse relato, era necessário que um dos dois meninos Jesus , que portava o espírito de Krishna, sacrificasse sua identidade individual de forma misteriosa para o bem do outro. A economia espiritual do cosmo exigia que ele assim o fizesse para que o menino estivesse pronto para receber o espírito de Cristo no batismo. Como afirma o Pistis Sophia, "vós vos tornastes um e o mesmo ser".
Esta tradição dos dois meninos Jesus foi mantida pelas sociedades secretas e pode ser vista no portal norte de Chartres, no mosaico em abside de San Miniato nos arredores de Florença e nas pinturas de muitos iniciados, inclusive Borgonono, Rafael, Leonardo da Vinci e Veronese.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus (...). Todas as coisas foram feitas por ele (...) e a luz resplandece nas o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu."
Neste trecho, o autor do Evangelho de São João compara a criação do cosmo pelo Verbo como a missão de Jesus Cristo, o Verbo encarnado.. João apresenta esta segunda missão como uma espécie de segunda criação.

Rômulo e Remo. A história dos dois meninos Jesus é na realidade uma versão sacra da história de Rômulo e Remo, em que um irmão mata o outro para que sirva como sacrifício de fundação da Cidade Eterna. As grandes construções e cidades foram fundadas sobre sacrifícios nos tempos antigos e é sem dúvida a isso que se refere o mito de Remo, morto e sepultado em um fosso. No caso dos dois meninos Jesus, pode-se dizer que um se sacrificou pelo bem da Nova Jerusalém.

Numa época em que o Universo material se tornara tão denso que os deuses não podiam se manifestar na superfície da Terra, o deus sol desceu.
Sua missão era plantar uma semente. Esta semente da espiritualização germinaria e criaria o espaço que seria a nova arena em que os deuses poderiam se manifestar...
Aqui jaz o ponto crucial, em geral desprezado fora das tradições secretas: Jesus Cristo criou a vida interior.
Vimos uma insinuação da vida interior na voz baixa e calma ouvida por Elias. No Livro de Jeremias, da mesma forma, o senhor diz: "Colocarei minha mão nas partes internas e no coração deles escreverei." Mas o plantio da semente do Sol há mais de 2.000 anos foi o evento decisivo no processo que levou cada um de nós a viver, dentro de nós mesmos, um cosmo de tamanho e variedade infinitos.
Também temos o senso de que os outros têm o infinito dentro de si. Por muitas centenas de anos, foram reunidas as condições sob as quais seria possível um senso de identidade individual, que hoje às vezes chamamos de ego. Mas sem a intervenção do deus Sol, o ego teria sido um ponto autocentrado pequeno e rígido, operando

isoladamente, preocupado apenas em sua própria recompensa imediata, sem se abrir a interesses externos que não os mais inferiores. Cada ser humano teria estado em guerra com os outros. Nenhum indivíduo teria a noção de qualquer outro como um centro de consciência independente.

Quando os pais levaram Jesus ao templo, na época do desaparecimento deste espírito afim, ele se mostrou muito sábio. O que o outro Jesus transmitiu a ele foi a capacidade de ler a mente, de ver no fundo da alma dos outros, de ver como se relacionavam com os mundos espirituais e saber o que fazer ou dizer para que as coisas fossem certas para eles. Ele sentia a dor dos outros como a sua própria. Ele estava experimentando algo - o dom da empatia - que ninguém jamais sentira.

Depois que um indivíduo ou um pequeno grupo desenvolve uma nova faculdade, um novo modo de consciência, em geral ela se espalha pelo mundo com uma velocidade extraordinária. Jesus Cristo introduziu um novo tipo de amor, um amor misericordioso baseado no dom da empatia. Um indivíduo seria livre para transcender os laços de sua existência isolada e compartilhar o que acontecia na natureza íntima dos outros.

O amor antes de Cristo era tribal ou familiar. Agora os indivíduos eram capazes de vencer os laços de sangue e escolher livremente a quem amar. Foi o que Jesus quis dizer quando, em Marcos 3:32, pareceu negar a importância de sua própria mãe para Ele e quando disse em Mateus 10:37-8: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim."

Os ensinamentos esotéricos tratam sobretudo do amor da forma correta. Afirmam que, quando cooperamos com as forças misericordiosas que formam o cosmo, a força flui através de nós de uma forma que podemos nos tornar conscientes dela. Este processo é chamado de taumaturgia, ou magia divina.

Seja neste nível, no dos "pequenos atos ignorados e esquecidos de gentileza e amor" ou na "pequena via" de Santa Teresa de Lisieux, do caminho da auto-negação e dos atos de caridade nas pequenas coisas, a nova perspectiva cristã se concentrou na vida interior. Se compararmos com o Sermão da Montanha, os códigos morais

anteriores, como a lei de Moisés ou até o mais antigo código de Hamurabi, evidencia-se que eram apenas regras para regular o comportamento do Mundo Exterior - não adorar ídolos, não roubar, não matar, não cometer adultério etc. Os ensinamentos morais dos Evangelhos, por outro lado, dirigem-se aos estados interiores. "Abençoados os pobres de espírito, (...) aqueles que choram, (...) os meigos, (...) o puro de coração (...)."

Quando Jesus Cristo disse "Eu, porém, vos digo que qualquer um que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela", ele estava dizendo algo que ninguém havia falado: nossos pensamentos mais íntimos são tão reais quanto os objetos físicos. O que penso "privadamente" tem um efeito direto sobre a história do cosmo.

Num universo idealista, a intenção é muito mais importante do que no universo materialista. Num universo idealista, se duas pessoas realizam o mesmo ato sob as mesmas circunstâncias, mas uma tem bom coração e a outra não, as conseqüências são muito diferentes. De alguma maneira misteriosa, o estado de nossa alma fundamenta os resultados de nossos feitos, assim como o estado elevado da alma de um grande pintor fundamenta suas pinturas.

Na interpretação esotérica dos mitos gregos, a ambrosia, o alimento dos deuses, é o amor humano. Sem ela, os deuses empalidecem e o poder deles de nos ajudar é reduzido. No cristianismo esotérico e místico, os anjos são atraídos até nós se pedirmos sua ajuda, mas se não o fizermos eles caem num estado vegetativo imperfeito e quem opera em nós são os fantasmas e demônios que se insinuam em volta de nossos seres inferiores.

Podemos, é claro, resistir aos demônios e adestrar nossos selves animais mais básicos da mesma maneira que adestramos um cão — por um processo de repetição. Nos ensinamentos esotéricos, dizia-se que a repetição diária de um exercício de meditação por 21 dias é necessária para realizar uma mudança profunda em nossos hábitos.

Contudo, ainda há uma parte mais profunda de nossos selves animais que está abaixo do limiar da consciência e é inacessível a ela. Não podemos transformar esta parte pelo exercício do livre-

arbítrio, por mais que insistamos, porque a corrupção de nossos selves animais extravasou para nossos selves vegetal e mineral.
Precisamos de auxílio sobrenatural para purificar e transformar estas partes de nós.
A missão do deus Sol, portanto, era imergir na matéria mais profunda, introduzindo sua influência espiritual transformadora. O deus Sol tem a capacidade de atingir a parte mais material da humanidade e por isso foi escrito que "Nenhum de seus ossos se quebrarão".

O lótus de 12 pétalas se irradia para fora da região do coração e envolve aqueles que escolhemos amar. Também é um órgão da percepção. O que eu amo verdadeiramente se abrirá para mim e revelará seus segredos.
Envolver alguém em amor é um exercício de imaginação. E claro que a imaginação não deve ser confundida com a fantasia. E uma percepção verdadeira de uma realidade superior - e o órgão desta percepção, tanto no Ocidente como no Oriente, é o chakra cardíaco. E a isto que se refere a estrada para Emaús, onde os discípulos que haviam acabado de reconhecer com quem tinham encontrado disseram: "Não arderam nossos corações dentro de nós enquanto ele nos falou na estrada?"
Quando o chakra cardíaco floresce e brilha, podemos perceber o Mundo Exterior de uma forma sobrenatural. Um coração amoroso pode me dar a experiência consciente do coração do cosmo, da inteligência amorosa que vê além do Mundo Exterior e o controla. "Abençoados são os puros de coração, pois eles verão Deus."
O amor opera na vontade da mesma maneira que os poderes da percepção. Quando de fato amamos alguém, estamos dispostos a fazer qualquer coisa por essa pessoa.
É por isso que o chakra cardíaco floresce quando o amor me faz agir de acordo com minha consciência. Não estou, então, agindo com fastio, como Marco Aurélio. Não estou agindo de forma fria, sem entusiasmo ou autenticidade. Não estou cumprindo meu dever enquanto parte de mim se ressente dele. Estou agindo por amor e devoção.

A iniciação forja uma nova forma de consciência. Revive maneiras de se ter consciência dos mundos espirituais que eram comuns nas primeiras fases da evolução humana, mas agora com novos elementos. Por exemplo: as iniciações de Pitágoras que deram a tônica às eras de ascendência dos gregos e de Roma se preocupavam com o alcance de um estado de consciência que envolvia a livre comunicação com os mundos espirituais, uma ocorrência cotidiana para, digamos, Gilgamesh ou Aquiles, mas com uma diferença fundamental. Os iniciados da escola de Pitágoras eram capazes de pensar em suas experiências espirituais de uma maneira ponderada e conceitual que teria sido impossível para Quatrocentos anos depois, as iniciações de Jesus Cristo introduziram um novo elemento, abrindo dimensões novas e estonteantes no amor.

A expressão "filho do homem" é problemática para os teólogos exotéricos porque parece se referir tanto a um estado da mente como ao próprio Jesus Cristo. Nos ensinamentos esotéricos isso se resolve porque o indivíduo que evoluiu para a etapa da iluminação possibilitada por Jesus Cristo se tornará, em consequência, ciente de seu Eu superior, ou Eu divino. Na iconografia cristã, esta evolução em geral é simbolizada por uma criança carregada no ombro. Por exemplo: na história de São Cristóvão, que carregou o menino Jesus nos ombros. Na Cabala, estas duas dimensões de significado estão contidas na letra shin de três dentes.

Para entender melhor os eventos importantes descritos nos evangelhos, devemos olhar o envolvimento de Jesus com as

escolas de Mistérios.

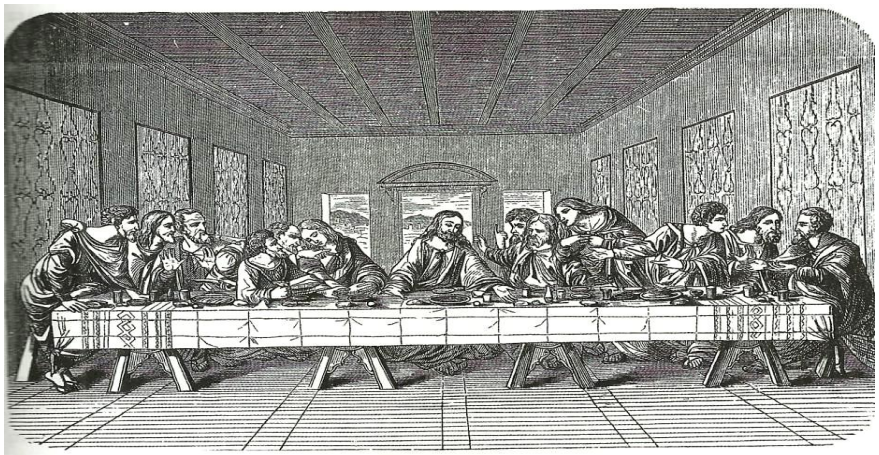
Agora iremos invadir um território acadêmico muito bem protegido. Descobertas controversas, hoje amplamente aceitas pelos estudiosos da Bíblia mas que ainda não foram filtradas para a congregação maior, mostram que existem alguns textos cristãos primitivos, descobertos na Palestina na década de 1950, com versões das palavras de Jesus que provavelmente são mais próximas dos originais do que as versões contidas nos quatro Evangelhos. E alguns destes textos contêm palavras que não aparecem em nenhum Evangelho.
E o fato de que textos como o Evangelho de São Tomás contenham versões "mais verdadeiras" das palavras bíblicas é um motivo para acreditar que a parte inteiramente não bíblica destes textos pode ser autêntica.
Isso é importante para a nossa história porque algumas partes estão relacionadas com os ensinamentos secretos.
Os Evangelhos sugerem que Jesus deu a seus seguidores preferidos ensinamentos que não eram para divulgação pública. Quando Jesus alerta contra lançar "pérolas aos porcos" ele parece estar falando de esconder algumas verdades sagradas da multidão. De modo mais explícito, Jesus diz em Marcos 4:11: "A vós vos é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas."
Um relato mais surpreendente e revelador do envolvimento de Jesus nos ensinamentos secretos é encontrado numa carta escrita no século II por Clemente, bispo de Alexandria.
Este texto foi descoberto em 1959 nas estantes da biblioteca do Mosteiro de Mar Sabá, perto de Jerusalém, pelo Dr. Morton Smith, professor de história antiga da
Universidade de Columbia:

(...) então Marcos, durante a estada de Pedro em Roma, escreveu um relato dos feitos do Senhor, sem, porém, declarar todos eles nem sugerindo aqueles secretos, mas escolhendo os que julgava mais úteis para aumentar a fé dos que estavam sendo instruídos.

Mas quando Pedro morreu como mártir, Marcos veio a Alexandria trazendo suas anotações e as de Pedro, das quais transferiu para seu antigo livro as coisas adequadas para o progresso do conhecimento, e desta maneira compôs um evangelho espiritual para o uso daqueles que estavam sendo aperfeiçoados (...) e ao morrer deixou sua composição para a igreja em Alexandria, onde ainda é cuidadosamente preservada.

O bispo de Alexandria então cita esta versão "mais espiritual" do Evangelho de Marcos:

E foram eles a Betânia, e lá estava certa mulher cujo irmão havia morrido. E, vindo, prostrou-se ela diante de Jesus e disse: "Filho de Davi, tende piedade de mim." Mas os discípulos a repreenderam.
E Jesus, enfurecendo-se, saiu com ela para o jardim onde estava a tumba e, indo diretamente para onde encontrava-se o jovem, estendeu a mão e, pegando a mão dele, ergueu-o.
Mas o jovem, olhando-o, amou-o e começou a implorar para seguir com ele.
E depois de seis dias Jesus lhe disse o que fazer e à noite o jovem veio a ele, trajando uma roupa de linho por sobre o corpo despido. E continuou com ele naquela noite, pois Jesus lhe ensinou o mistério do reino de Deus. E depois, erguendo-se, voltou ao outro lado da Jordânia (...).



A última ceia, de Leonardo da Vinci. Sugeriu-se que esta pintura faz alusão às doutrinas secretas e suprimidas relacionadas com o papel feminino no cristianismo. Veremos brevemente que isto é verdade, embora não da forma proposta pelo *Código da Vinci*.

Para as suscetibilidades de hoje, esta história - que parece ser uma versão mais detalhada da história de Lázaro levantando-se no Evangelho de João - pode parecer descrever uma ligação homossexual, mas, como veremos quando examinarmos mais claramente a natureza das cerimônias de iniciação, sem dúvida Marcos aludiu a uma iniciação numa escola de Mistérios.

Lázaro ter se levantado dos mortos era visto tradicionalmente como um relato codificado da iniciação. As dicas estão lá. Lázaro "morre" por três dias e quando Jesus Cristo o levanta, ele fala "Lázaro, venha", que os hierofantes usavam na Grande Pirâmide quando, depois de três dias, estendiam a mão para levantar o candidato da tumba aberta na câmara do rei.

Qual foi a iniciação de Lázaro, do ponto de vista do próprio Lázaro? Qual era a forma alternativa de consciência que conferia? Os leitores podem se surpreender ao saber que temos a resposta a estas perguntas. Na história secreta, o homem chamado Lázaro do Evangelho de João escreveu depois o Apocalipse de São João o Divino. De acordo com a doutrina secreta, a abertura dos sete selos e os grandes eventos visionários que se seguem são descritos no Apocalipse, referindo-se à revivificação dos sete chakras.

Embora alguns possam achar pouco palatável, a realidade é que os ensinamentos de Jesus Cristo beberam na filosofia antiga e secreta,

e isto é igualmente verdadeiro a respeito de seus ditos registrados na Bíblia e de suas palavras recém-descobertas.
Precisei chegar com cuidado a este ponto. Aqueles de nós criados no cristianismo podem achar mais fácil reconhecer estas coisas em culturas estrangeiras, em parte sem dúvida devido ao maior foco imposto pela distância, mas também porque estamos menos conscientes de pisar em terreno sagrado. Os textos mais sagrados do cristianismo são profundamente ocultos:

Os meigos herdarão a terra
A fé remove montanhas
Peça e lhe será concedido.

Há uma confusão deliberada dos líderes da Igreja quando se trata destes e de outros dogmas centrais da fé cristã. O cristianismo liberal moderno tentou conciliar-se com a ciência menosprezando suas dimensões ocultas, mas as palavras do Sermão da Montanha mencionadas anteriormente são descrições de como o sobrenatural opera no universo. Além de paradoxais, misteriosas e irracionais, descrevem o que é muito improvável de acordo com as leis da probabilidade e apresentam o universo se comportando de uma forma que seria completamente impossível se a ciência descrevesse tudo que existe.
Os meigos com certeza não herdarão a terra e quem pede não será atendido pelas forças descritas pela ciência. Nem a virtude nem a fé serão recompensadas — a não ser por obra sobrenatural.
O Novo Testamento está cheio de ensinamentos ocultos e esotéricos, alguns explícitos. O problema é que fomos educados para ser cegos a eles. Mas o texto muito claramente diz que João Batista é Elias renascido ou seja, reencarnado. Isso também é magia. O falecido Hugh Schonfield, Morton Smith e outros acadêmicos mostraram que os milagres de Jesus, em particular na forma das palavras que ele usava, baseiam-se em papiros mágicos preexistentes em grego, egípcio e aramaico. Quando, no Evangelho de João, narra-se que Jesus Cristo usa saliva para fazer uma pasta e aplicar nos olhos de um cego, isso não é uma ação puramente

divina, no sentido de um influxo sem mediação do espírito, mas uma manipulação da matéria a fim de influenciar ou controlar o espírito.
Novamente, não estamos depreciando Jesus Cristo ao fazer essa observação. Não devemos ver estas coisas de forma anacrônica. Nos termos da filosofia e da teologia da época, este tipo de magia divina ou taumaturgia - era a atividade mais elevada a que um ser humano podia aspirar.
Se você fizer vista grossa para o conteúdo sobrenatural da história de Jesus Cristo e da ascensão do cristianismo, ainda terá de admitir um acontecimento extraordinário que precisa de explicação. Pois se algo milagroso aconteceu ou não naquele canto obscuro do Oriente Próximo nos primeiros anos do século I, seu efeito na história do mundo não tem paralelo em alcance e profundidade. Deu lugar à civilização da qual agora desfrutamos, uma civilização de liberdade sem precedentes, prosperidade para todos, riqueza cultural e progresso científico. Antes da época de Jesus Cristo, havia muito pouco senso da importância do indivíduo, da santidade da vida individual, do poder transcendente da livre escolha de uma pessoa amar outra. E claro que algumas destas idéias foram pressagiadas por Krishna, Isaías, Buda, Pitágoras, Lao-Tsé; mas o que era singular ao cristianismo, a "semente de mostarda" plantada por Jesus Cristo, era a idéia da vida interior. Com Jesus Cristo, o indivíduo começou a experimentar o senso que todos temos agora de que, junto ao cosmo ilimitado e infinitamente variado lá fora, dentro de nós há um cosmo igualmente rico e ilimitado; Jesus Cristo também introduziu o senso que cada um de nós agora tem de uma história narrativa pessoal que se entrelaça na história geral. Cada um de nós pode cair como a humanidade tem caído. Cada um de nós vive crises de dúvida e encontra redenção pessoal - muito diferente da consciência tribal de gerações anteriores de judeus ou a consciência das cidades-estado dos gregos.

Apolônio de Tiana. Dos maiores milagreiros e curandeiros itinerantes contemporâneos de Jesus Cristo, aquele que causou maior impressão nos cronistas da época foi Apolônio. Este pitagórico da Capadócia deixou o cabelo crescer, só usava roupas de linho e sapatos de casca de árvore. Expulsou demônios e realizou muitas curas milagrosas. Mas talvez o paralelo mais interessante com Jesus Cristo seja sua insistência de que os dias dos sacrifícios de sangue haviam terminado. "Devemos abordar Deus", disse ele, "apenas com a faculdade mais nobre com a qual fomos abençoados – a inteligência".

O Ministério de Jesus Cristo durou apenas três anos, do Batismo à Sexta-feira Santa, em 3 de abril de 3 d.C., quando, no lugar dos crânios, Gólgota o deus Sol, foi pregado na cruz da matéria. E então, na Transfiguração, o deus Sol começou a se transformar nessa matéria, começou a espiritualizá-la.

A Ressurreição, parte do retábulo de Isenheim de Matthias Grünewald, é uma visão cósmica de Jesus Cristo como o deus Sol. Grünewald retratou o que Tertuliano, papa da Igreja, baseado na tradição dos Mistérios gregos, chamou de a semente luminosa, a "augoeides". Plantada na terra, ela agora surge como um corpo luminoso semelhante a uma estrela, um corpo de raios de luz. Os discípulos na estrada para Emaús não reconheceram Cristo porque eles estavam encontrando seu corpo augoeideano.

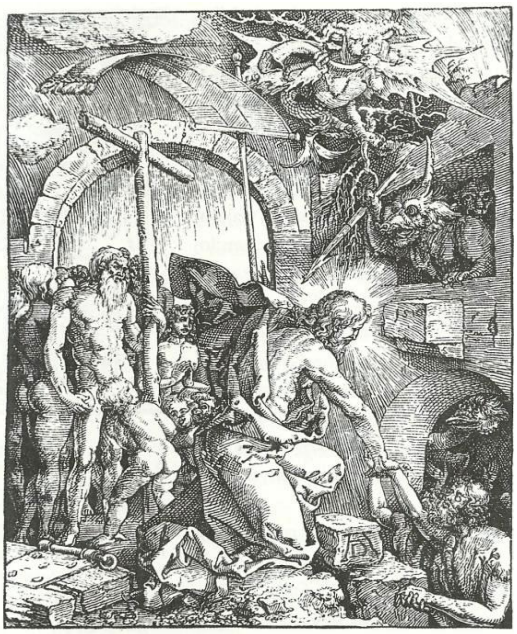
Vimos que nas escolas de Mistérios, de Zaratustra a Lázaro, os candidatos tinham de passar por uma "morte mística" durante três dias e depois pelo renascimento.

O candidato era colocado num transe profundo, semelhante à morte, por três dias, ao longo dos quais seu espírito viajava para os mundos espirituais, trazendo consigo conhecimento e poder para o mundo material. A "morte" então era um acontecimento real, mas no plano espiritual. O que houve com a crucificação e a ressurreição de Jesus Cristo foi que pela primeira vez esse processo de iniciação ocorreu como um evento histórico no plano material.

A cruz no meio dos quatro querubins que simbolizam os quatro elementos. Como vimos, os quatro elementos, operando a partir das constelações nos quatro cantos do cosmo, trabalham juntos para manter estável o mundo material. Jesus Cristo é aqui representado em seu papel cósmico como o quinto elemento, o deus Sol que vem à Terra para espiritualizar os quatro elementos e dissolver a matéria.

O lado sombrio desse grande evento está contido na historia da viagem de Cristo ao inferno. Aconteceu imediatamente após sua morte na cruz. É uma história que caiu no esquecimento, parte do processo pelo qual perdemos o senso da dimensão espiritual do cosmo. A iniciação sempre se preocupa em iluminar tanto a jornada após a morte como a jornada da vida. Nos séculos antes de Jesus Cristo, o senso humano do além fora reduzido a uma expectativa de uma semivida melancólica de sombras no reino sublunar, Sheol. Depois da morte, os espíritos humanos perdiam a consciência à medida que começavam sua ascensão pelas esferas celestes superiores. O resultado era que estes espíritos, em suas reencarnações seguintes, voltavam da jornada sem nenhuma consciência.

Ao descer ao inferno, Jesus Cristo estava seguindo os passos de Osíris. Estava iluminando um caminho que podia ser seguido pelos mortos através dos infernos. Os vivos e os mortos teriam de andar juntos para que a grande missão cósmica, a Obra, pudesse ser concluída.



O tormento do inferno, de Albrecht Dürer. Primeira Epístola de Pedro, 3:19: "No qual também foi e pregou aos espíritos na prisão." Seguindo o que São Paulo chamou de a descida de Jesus Cristo "às partes inferiores da Terra", os espíritos O tinham como seu guia para iluminar o caminho.

De acordo com a doutrina esotérica, a história do mundo pode ser resumida da seguinte maneira:
Houve uma Era de Ouro, quando a Terra e o Sol eram unidos e este deu forma à Terra.
O Sol depois se separou da Terra, provocando sua materialização e seu resfriamento.
O deus do Sol voltou a infundir seu espírito na Terra para que todo o cosmo um dia se desmaterializasse e de novo se tornasse espiritualizado.
Esta é a visão cósmica da missão de Jesus Cristo que inspirou os primeiros cristãos, a Obra que ajudou a dar forma às grandes igrejas da Idade Média e à arte da Renascença. Ela se perdeu no cristianismo moderno e esotérico.
Se a morte de Jesus Cristo aconteceu num nível cosmológico, devemos nos perguntar o que a fez acontecer num nível histórico? Quais foram as causas imediatas da crucificação?
Embora Jesus Cristo tenha instruído Lázaro em particular, seu renascimento, e o fato de ele ser chamado a uma nova vida, foi um evento público. Não aconteceu, como todas as iniciações anteriores, nos recantos protegidos de uma escola de Mistérios e nem Jesus

Cristo foi um hierofante de uma das escolas de Mistérios patrocinadas pelo Estado. Como conseqüência, Jesus Cristo fez inimigos mortais entre os saduceus, que controlavam a divulgação do conhecimento iniciático em nome da elite governante. O ato de iniciar Lázaro em público foi revolucionário, indicando o rompimento do laço que prendia os iniciados à elite governante. Foi o início do fim das escolas de Mistérios e preparou o caminho para as sociedades secretas.
Jesus Cristo também representava uma ameaça à elite de Roma. Os soldados que o vestiram com um manto púrpura e colocaram uma coroa de espinhos em sua cabeça não tinham outro rei, nenhum outro deus além de César. Eles zombaram de Jesus Cristo envolvendo-o no manto púrpura que era usado como um sinal de iniciação nos mistérios de Adônis. A coroa de espinhos foi uma sátira à grinalda conferida a um candidato quando alcançava a iniciação nos mistérios de Elêusis. Os césares eram os grandes inimigos ocultos de Jesus Cristo.

O que poucas pessoas sabem E que outro inimigo estava operando do outro lado do mundo. Havia um iniciado brandindo uma magia mais negra e mais poderosa do que a forjada pelos césares.
Segundo Rudolf Steiner, esse mago tentara obter poderes sobrenaturais por várias encarnações e agora ameaçava perverter todo o rumo da história.
Havia atingido esse poder graças a vários sacrifícios humanos. O filósofo espanhol José Ortega y Gasset fala da liberação de espíritos que o derramamento de sangue traz. O sangue é um mistério assustador, diz ele. Carrega a vida e, quando é derramado e suja o chão, toda a paisagem enlouquece e fica excitada. Os ocultistas sabem que o ser humano pode ser morto de determinada maneira que o espírito humano seja subjugado. Vimos como grandes iniciados como Elias deram forma a seus próprios selves vegetal e animal de tal maneira que podiam se tornar veículos usados para viajar pelos mundos espirituais. Nos círculos ocultos, também se sabe que os magos negros podem usar as almas e espíritos dos outros, suas vítimas sacrificais, como veículos.

Maria Madalena. O pensamento esotérico é essencialmente reencarnacionista. Não se preocupa primariamente com os espíritos legados pelos genes. Jesus Cristo veio para abolir a linhagem sanguínea como uma forma de transmitir a clarividência e a sabedoria. O amor era para ser livremente escolhido em vez de instintivo e tribal. A noção de Jesus casando-se com Maria Madalena e tendo filhos é, portanto, irrelevante em relação à sua missão. A literatura e os ensinamentos esotéricos das escolas se referem a um "Casamento Místico" do Sol com a Lua, o *hieros gamos*, a que voltaremos em um capítulo posterior.

O grande inimigo, um mago, era portanto capaz de controlar as pessoas depois da morte. Ao sacrificar um grande número de vítimas, criou um exército para si nos mundos espirituais.

Na virada do milênio, um herói Sol foi mandando à Terra para combatê-lo. Chamava-se Uitzilopotchtli, como sabemos pelo Códice Florentino de Sahagun, um dos poucos fragmentos que sobreviveu aos conquistadores. Como os heróis Sol anteriores, seu nascimento foi profetizado. Ele nasceu de uma virgem e depois de seu nascimento as forças do mal conspiraram para matá-lo.

Mas Uitzilopotchtli sobreviveu às primeiras tentativas de matá-lo e, após muitas provações, empreendeu uma guerra mágica de três anos contra o mago negro. Por fim, conseguiu crucificá-lo.

Quando Jesus Cristo foi crucificado, foi desencadeado um imenso poder para espiritualizar a Terra. Quando, ao mesmo tempo, o grande mago negro da América do Sul foi crucificado, abriu-se um vórtice que arrastou consigo as grandes correntes da história do mundo, os extremos do bem e do mal.

O Evangelho de Felipe contém sugestões intrigantes sobre o relacionamento de Jesus Cristo com Maria Madalena. "Jesus a amava mais do que todos os discípulos e costumava beijá-la com freqüência (...)." Depois, misteriosamente, a narrativa se fragmenta. Mas isso parece ser uma referência ao Cântico dos Cânticos, "Deixe que ele me beije com beijos da boca" e assim, também, ao "amor que é mais forte do que a morte".

A lenda dourada, de Jacobus de Voragine, a mais popular coletânea de histórias de santos da Idade Média, descreve a perseguição a um determinado grupo de cristãos em Jerusalém depois da morte de Jesus Cristo. Sete deles ficaram à deriva no Mediterrâneo em um pequeno barco. Por fim, foram parar numa praia em um local a leste da atual cidade de Marselha.

No centro de um grande penhasco que se ergue na praia ainda é possível ver a caverna onde Maria Madalena, que saiu do barco, passou os últimos trinta anos de sua vida.

Ela em geral é descrita como penitente, nua, cobrindo-se apenas com seus longos cabelos ruivos. Uma pintura de Fra Bartolomeo em uma pequena capela perto de Florença mostra Madalena com um cântaro de óleo, usado para ungir os pés de Jesus Cristo. Pousa numa pedra com a seguinte inscrição:

ENCONTREI AQUELE QUE AMA MINHA ALMA

16. A TIRANIA DOS PAIS DA IGREJA

Os gnósticos e os neoplatonistas • O assassinato de Hipácia • Átila e o xamanismo • Um toque de Zen

Nos ensinamentos secretos das escolas, a vida e a morte do deus Sol marcaram o ponto médio da história secreta.

Embora não tenha sido percebido pelos cronistas oficiais da época, no final dos tempos este evento será visto como o grande pivô da virada da história.

Para muitas pessoas que viviam na época, a magnitude deste evento sem dúvida dificultaria que o colocassem em perspectiva. Depois de um longo período de aridez espiritual, muitos começavam a desfrutar da intensa experiência, embora atávica, dos mundos espirituais. Alguns talvez tivessem uma vaga idéia do que realmente foi a grande revolução que aconteceu nos mundos espirituais, mas na ausência do tipo de autoridade unificada e institucional dos hierofantes das escolas de Mistérios, estas novas experiências foram interpretadas de várias maneiras. Nota-se isso com a proliferação de seitas nas décadas que se seguem à morte de Jesus Cristo.

Muitos textos gnósticos são tão antigos quanto os livros no Novo Testamento, alguns com uma legitimidade evidente. Já falamos do Evangelho de São Tomás, com suas versões mais autênticas das palavras de Jesus, e do relato do Pistis Sophia sobre os dois meninos Jesus. O texto um tanto fragmentado dos Atos de São João oferece um olhar fascinante das práticas internas do grupo de Jesus Cristo.

Uma dança circular é descrita. Os discípulos primeiro se dão as mãos formando uma roda, depois giram em círculo em volta de Jesus Cristo. Na liturgia que acompanha esta dança, Jesus Cristo é o iniciador e seu interlocutor é um candidato à iniciação.

Candidato: Eu seria salvo
Cristo: E eu salvaria
Candidato: Eu seria libertado
Cristo: E eu libertaria
Candidato: Eu seria perfurado
Cristo: E eu perfuraria
Candidato: Eu devoraria
Cristo: E eu seria devorado

Os Atos de São João usam a linguagem de forma paradoxal e até absurda. Ficará mais fácil de entender à medida que prosseguirmos.

Candidato: Eu não tenho lar e tenho lares
Não tenho lugar e tenho lugares
Não tenho templo e tenho templos.

Apenas fragmentos da parte seguinte sobreviveram, mas parecem se referir a um Mistério cristão/osiriano de morte e ressurreição. Depois disso, Cristo diz: "O que sou agora parece ser que não sou, mas o que sou, vereis quando vieres. Se souberes sofrer, terás o poder de não sofrer. Saibas então sofrer e terás o poder de não sofrer."
Uma dança hindu em honra a Krishna é descrita como "uma dança circular no sentido do Sol". Os dançarinos giram em torno do deus Sol, numa imitação dos planetas. Isso deve nos alertar para o fato de que os Atos de São João são inspirados por uma visão cósmica de Jesus Cristo como o deus Sol retornado.
O Evangelho de São Felipe faz referência a cinco rituais, sendo o último e maior deles o ritual da câmara nupcial. Seria esta uma prática ritual sexual como as que aconteciam nos templos do Egito, da Grécia e da Babilônia?
Mais tarde a Igreja destacaria o caráter único da revelação cristã e a distância de Jesus Cristo e de seus ensinamentos de tudo que veio antes. Porém, para os primeiros cristãos era natural ver o cristianismo como uma evolução do que foi feito antes e uma realização de profecias antigas. Muitos dos primeiros cristãos

compreendiam o cristianismo de acordo com o que aprenderam nas escolas de Mistérios do Egito, da Grécia e de Roma.
O primeiro papa da Igreja, Clemente de Alexandria, pode ter conhecido alguém que tenha tido contato com os apóstolos. Clemente e seu discípulo Orígenes acreditavam na reencarnação, por exemplo. Ensinaram aos discípulos mais avançados o que chamavam de disciplina arcani, que consiste em práticas de devoção que hoje classificaríamos como magia.
Os primeiros líderes cristãos como Orígenes e Clemente eram eruditos que participavam dos avanços intelectuais de sua época. O mais empolgante destes encontrou expressão representativa no neoplatonismo.
Muito compreensivelmente, Platão convertera em conceitos uma experiência de mente-antes-da-matéria do mundo. No século II, aqueles que agora chamamos de neoplatonistas começaram a converter as idéias de Platão numa filosofia viva, uma filosofia de vida, até mesmo uma religião com suas próprias práticas espirituais. É importante lembrar que, embora consideremos Platão de uma forma acadêmica seca, seus textos tinham status de escrituras para seus seguidores nos séculos que sucederam sua morte. Os neoplatonistas não se julgavam criadores de idéias, apenas escreviam comentários para esclarecer o que Platão quis dizer. Passagens que hoje são consideradas meros exercícios abstrusos de lógica abstrata eram usadas por neoplatonistas praticantes em suas devoções.
Eles se preocuparam em descrever a experiência espiritual verdadeira. Em Sobre a demora da justiça divina, Plutarco, que foi muito influenciado pelo neoplatonismo, diz que aparência possuem os diferentes espíritos vistos no início da jornada após a morte. Afirma que o falecido é cercado por um envoltório que parece uma chama, mas "alguns eram como a luz da Lua cheia, emitindo uma cor suave, contínua e uniforme. Outros eram mosqueados — visões extraordinárias —, salpicados de pontos lívidos como víboras; e outros ainda tinham arranhões fracos".
Plotino, o maior neoplatonista na escola de Alexandria, era um místico praticante. Seu discípulo Porfírio contou ver várias vezes o

mestre em arroubos de êxtase, unificado com "o Um". Plotino disse, talvez com certo desprezo, que Porfírio não tinha alcançado esse feito nem uma vez! Os neoplatonistas que vieram depois deles, Iamblico e Jamblico, deram grande destaque à importância das práticas teúrgicas, isto é, à magia do bem. Iamblico inclusive deixou descrições detalhadas de suas visões.

Plotino elaborou uma metafísica extremamente complexa de emanações do tipo que mencionamos no Capítulo 1. O neoplatonismo influenciou outras tradições, em especial por sua abordagem sistemática, particularmente a Cabala e o hermetismo.

O hermetismo e a Cabala eram vistos por alguns eruditos como um neoplatonismo de qualidade respectivamente egípcia e hebraica. Na história secreta, porém, os escritos herméticos e cabalísticos que começaram a aparecer nesta época são considerados as primeiras expressões sistematizadas e registradas de tradições antigas, quase todas orais.

Supõe-se que as Hermética se originaram com Hermes Trismegistus, um antigo sábio egípcio, mas foram escritas em grego e reunidas nesta época em 42 volumes. Yuri Stoyanov, pesquisador de renome do Instituto Warburg, confirmou-me há pouco tempo que a maioria dos eruditos admite suas origens egípcias genuínas. As Hermética eram tolerantes com outras tradições, em parte devido a um pressuposto subjacente de que todas as tradições se voltavam para os mesmos deuses planetários e abriam o caminho para os mesmos mundos espirituais.

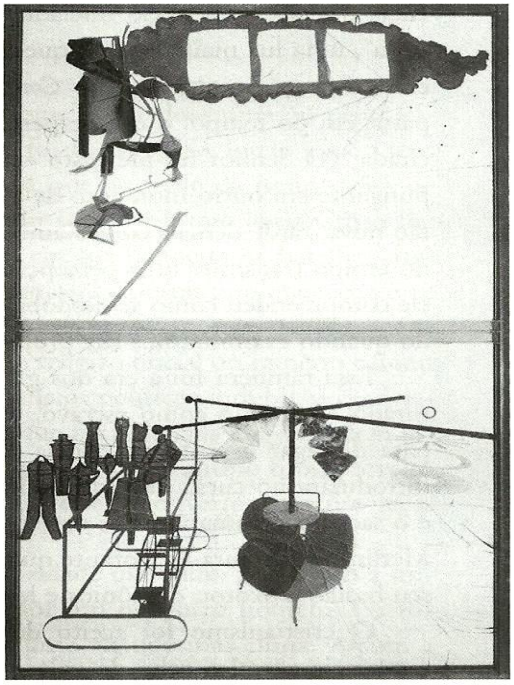
É de fato possível traçar paralelos entre as várias emanações de Plotino, os deuses das Hermética e as esferas dos céus descritas no Pistis Sophia.

Na Cabala, às vezes se considera que as emanações da mente cósmica os sephiroth — formam uma espécie de árvore enquanto descem, a árvore do sephiroth. A interpretação alegórica das escrituras, surgida com o erudito judeu Filon de Alexandria, revelou a estrutura comum de todas as religiões. São Paulo sugeriu diferentes ordens de anjos - além de anjos e arcanjos, serafins, querubins, tronos, dominações, potestades, virtudes, principados. Ele faz alusão a um sistema ao qual esperava, é evidente, que seus

leitores compreendessem. Este sistema foi exposto por Dionísio, o Areopagita, discípulo de São Paulo. As nove ordens que ele descreveu podem ser comparadas aos ramos da árvore do sephiroth — e com as diferentes ordens de deuses e espíritos das antigas religiões politeístas e astronômicas. Por exemplo: os "poderes" de São Paulo devem eqüivaler aos deuses do sistema solar dos gregos e romanos, sendo os Poderes da Luz os espíritos do Sol e os Poderes das Trevas os deuses da Lua e dos planetas.
A estudiosa judia Rebecca Kenta chegou a comparar a ascensão pelos portões da sabedoria na Arvore da Vida cabalística com os ensinamentos sufis e fez ligações entre o sephiroth e os chakras da tradição hindu.
Todo idealismo, todos os sistemas religiosos de todas as culturas vêem a criação como uma série descendente de emanações da mente cósmica. Mas o que é distintamente esotérico é a identificação destas emanações, com os espíritos das estrelas e planetas de um lado e a fisiologia oculta de outro. É isto que leva à astrologia, à alquimia, a técnicas e práticas mágicas para que se chegue a estados alterados.
É importante ter em mente que não estamos falando de abstrações, mas de experiências vividas. As nove hierarquias de anjos às vezes eram divididas em três partes, e quando falou em ser elevado ao Terceiro Céu, São Paulo quis dizer que tinha sido iniciado em tal alto nível que teve experiência pessoal direta dos seres espirituais exaltados, os serafins, querubins e tronos.

O Cristianismo foi forjado a partir de experiências iniciáticas e crenças semelhantes. O maior dos pais da Igreja, Santo Agostinho, era um iniciado de uma escola de Mistérios persa chamada Maniqueísmo.
Mani nasceu em 215 na região que hoje conhecemos como Iraque. Aos 12 anos, um ser apareceu para ele. Este misterioso ser que ele passou a chamar o Gêmeo revelou a Mani um grande mistério oculto: o papel do mal na história da humanidade. Ele aprendeu sobre o entrelaçamento das forças das trevas na criação do cosmo

e que as forças do mal quase triunfaram na grande batalha cósmica entre o bem e o mal.
A natureza cósmica da visão de Mani também pode ser vista em seu sincretismo, em seu relato dos grandes eventos da história e nos papéis sublimes representados por Zoroastro, Buda, os profetas hebreus e Jesus Cristo.



Noiva despida por seus pretendentes, de Marcel Duchamp. Despidos, os pretendentes revelam suas identidades planetárias.

O universalismo dos iniciados preocupava os déspotas locais. A consciência elevada que o iniciado tem das forças do mal sempre está sujeita a interpretações equivocadas.
Mani foi protegido por dois reis, mas o sucessor deles o perseguiu, torturou-o e por fim o crucificou.
"Entrei em minha alma mais íntima e vi, além de minha visão e de minha alma, a luz." A importante realização intelectual de Agostinho foi um relato abrangente da doutrina da Igreja nos termos do platonismo. O que em geral a história convencional da Igreja atenua

é que este relato se baseou na experiência direta e pessoal do iniciado. Agostinho viu, com "o olho misterioso da alma", uma luz mais forte do que a luz do intelecto. Não se preocupou apenas com abstrações eternas. Suas Confissões mostram-no torturado pela noção da passagem do tempo, o que se percebe na frase a seguir, que por sinal é muito citada: "O Senhor fez-me casto — mas não ainda"; e também em seu lamento pungente em outro momento de experiência visionária: "ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde demais eu vos amei." O senso de Santo Agostinho da passagem do tempo transmite uma percepção esotérica da história. Adiante veremos que ele compreendeu como se desdobrariam as sucessivas fases da história do mundo quando examinarmos sua profecia da fundação da Cidade de Deus.

Essa também foi a era dos grandes missionários cristãos. Tendo sido capturado e vendido como escravo, São Patrício mais tarde partiu numa missão para divulgar o sentimento pela santidade da vida humana que Jesus Cristo introduzira no curso da história do mundo. Ele lutou para abolir a escravidão e o sacrifício humano. Mas também era um mago na tradição de Zaratustra e Merlin, uma figura apavorante que expulsou todas as serpentes da Irlanda com seu bastão, enxotou demônios e levantou os mortos.

O cristianismo foi aceito de pronto pelos celtas. São Patrício revestiu a profecia cósmica celta da volta do deus Sol com o conhecimento histórico da vida e da obra de Jesus Cristo. O cristianismo celta entrelaçou habilmente elementos pagãos e cristãos. Na arte celta, motivos entrelaçados também representavam as ondas de luz que caracterizam a primeira fase da experiência mística em todas as tradições.

Os impetuosamente independentes celtas continuariam a insistir na primazia da experiência pessoal direta dos mundos espirituais e desenvolveriam tradições esotéricas independentes de Roma. Algumas crenças e práticas destes e de outros cristãos primitivos viriam a ser consideradas heréticas pela Igreja de Roma.

Quando as pessoas se preocupam profundamente com as mesmas coisas, quando partilham o que o teólogo existencialista Paul Tillich chamou de "preocupações últimas", às vezes elas são incrivelmente

sensíveis a diferentes matizes de opinião. As diferenças de opinião podem levar a crimes por ódio, e assim nosso maior inimigo não é o conquistador estrangeiro que aparece no horizonte com lágrimas sangrentas vincando seu rosto, mas um irmão ou irmã com que convivemos na congregação.

Às vezes os membros de uma congregação também tentam proibir crenças - como fez o imperador Augusto - não porque acreditem que sejam falsas, mas porque acreditam que são verdadeiras.

A história da fundação da Igreja de Roma e sua disseminação pelas autoridades do moribundo Império Romano foi escrita pela Igreja e por seus inimigos. O imperador Constantino afirmava que no meio da noite, antes de travar uma batalha com rebeldes, ele teve um sonho em que Jesus Cristo lhe apareceu e disse para colocar o sinal da cruz em sua bandeira de batalha, com a seguinte inscrição: "Com este sinal, venceremos." Constantino obedeceu e os rebeldes foram derrotados.

Ele então declarou o cristianismo como a religião oficial do império e doou o Palácio Laterano aos bispos de Roma. Benefícios políticos indubitáveis advieram desse ato. A nova forma de consciência que fora iniciada em Jerusalém estava se espalhando com grande vigor pelo império e Constantino tirou proveito disso, oferecendo a liberdade a qualquer escravo que se convertesse e vinte peças de ouro a qualquer um que já fosse livre.

Como vimos, os romanos fizeram da crueldade um culto. Exaltavam a imposição do poder, levada a seus extremos, por um ou outro homem. Os romanos eram impiedosos e a impiedade era uma virtude masculina. Assim, a exaltação cristã da doçura e da humildade virou tudo de pernas para o ar. Os cristãos claramente sabiam de novas alegrias e satisfações, novas formas de estar no mundo.

Pense em como um iniciado cristão deve ter parecido estranho a um romano. Aqui estava uma nova forma de consciência. Aqui estavam pessoas capazes de viver em suas mentes. Eram iluminadas de dentro por um entusiasmo e uma certeza da experiência espiritual. Deve ter sido tão perturbador e intrigante quanto um pigmeu em Papua Nova Guiné encontrando pela primeira vez um explorador

europeu centenas de anos depois. Havia mundos totalmente novos por trás daqueles olhos.

Constantino pode ter tido esperanças de que a nova e rigorosa religião do Império Romano, ajudaria a diminuir o declínio mas ele continuava angustiado com uma profecia dos Oráculos Sibilinos de que Roma voltaria a ser assombrada por lobos e raposas.

Exsternsteine na Alemanha. Este antigo entalhe fica a poucos passos de um entalhe mais antigo de um deus nórdico pendurado numa árvore, numa ditosa aceitação de que o cristianismo superou as tradições pagãs. Observe que a compreensão esotérica dos diferentes corpos do indivíduo é aludida no fato de que o espírito de Jesus Cristo já descansa nos braços do Pai, embora seu corpo material esteja sendo retirado da cruz.

Ele decidiu tentar obstruir esta profecia transferindo o espírito de Roma para outra localização e fundando uma capital alternativa. Assim, sob um pilar de pórfiro, ele desenterrou o Paládio, a antiga estátua da deusa que, como vimos, foi levada de Tróia para a fundação de Roma. Depois ele a enterrou de novo no local da cidade que receberia o nome de Constantinopla. Foi sepultada sob o mesmo pilar, mas agora encimada por uma estátua do deus Sol, coroada com os cravos da verdadeira cruz na forma de uma espécie de nimbo.

Este simbolismo, incorporando ensinamentos iniciáticos relacionados ao deus Sol, teria sido compreendido pelos iniciados de todas as religiões. Assim, talvez fosse um tanto irônico que a Igreja começasse, sob a égide de Constantino, a reprimir os ensinamentos iniciáticos e a reduzir os ensinamentos exotéricos a dogmas. Em 325, o concílio de Niceia decidiu quais evangelhos, entre os muitos em circulação, eram autênticos. Os éditos imperiais também proibiram práticas pagãs. Por ordem dos filhos de Constantino, mulheres e crianças eram alimentadas à força, com as bocas mantidas abertas por um dispositivo de madeira enquanto o pão consagrado era enfiado goela abaixo.

Juliano, sobrinho de Constantino, chegou ao poder em 361 e reverteu a maré de intolerância religiosa. Tendo sido criado como discípulo do filósofo neoplatonista Iamblico, compreendia bem a missão do ser que chamava de "deus dos Sete Raios". Ele deu direitos iguais a todos os súditos, independentemente de suas crenças religiosas, e permitiu a reabertura dos templos pagãos.

Juliano escreveu uma famosa polêmica contra o cristianismo limitado e dogmático que se desenvolvera na época de Constantino, e é por isso que escritores cristãos posteriores vieram a chamá-lo de o Apóstata, que significa "aquele que descartou a fé". Acreditava que o cristianismo procurava negar a realidade dos deuses que ele conhecera por meio da iniciação.

Juliano liderou uma campanha militar na Pérsia. Assim como os gregos haviam sitiado Tróia para controlar o conhecimento iniciático que ali se ocultava, Juliano queria entender o conhecimento secreto da escola de Mistérios maniqueísta sediada na Pérsia. Ele sabia o bastante para entender que a missão do deus Sol estava ameaçada e que os mistérios interiores do maniqueísmo diziam respeito aos segredos da guerra entre o deus Sol e Ahriman - ou Satã -, o espírito do materialismo.

Mas antes de conseguir cumprir sua missão, Juliano foi assassinado por um seguidor de Constantino e uma nova era de Saturno teve início, quando o conhecimento da verdade, a espiritualidade iniciática, afinal seria relegado à clandestinidade. O imperador Teodósio iniciou uma política implacável de repressão a qualquer

um que discordasse da linha imperial da doutrina cristã. Confiscou as propriedades dos "heréticos" e se apossou de seus templos. Estátuas de Ísis foram dedicadas a Maria. O Panteão em Roma tinha uma beleza sublime e cósmica, ao contrário de qualquer igreja feita sob encomenda. Este templo a todos os deuses foi convertido por Teodósio em um templo do monoteísmo.

Teodósio fechou as escolas de Mistérios e em 391 sitiou o Serapeum, na Alexandria. Esta construção sagrada, com um grande templo a Serápis com nuvens no topo, era uma das maravilhas do mundo antigo. Em seu interior, uma estátua do deus era suspensa do teto por um ímã. Também havia bibliotecas que abrigavam as maiores coleções de livros do mundo. Felizmente, muitos livros foram contrabandeados antes que o Serapeum fosse completamente incendiado e suas estátuas sagradas fossem arrastadas pelas ruas.

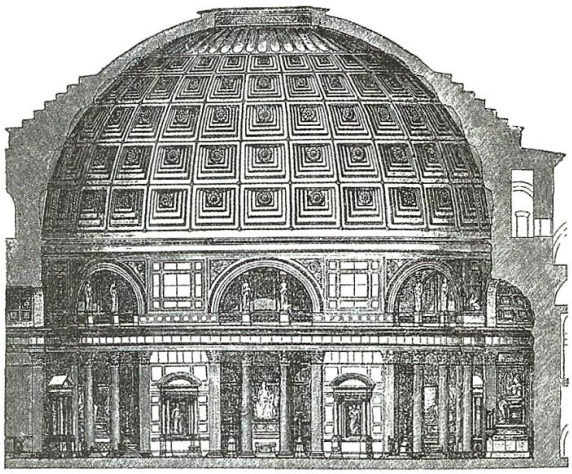
Por fim, Teodósio voltou sua atenção para a escola neoplatônica de filosofia sediada em Alexandria, a maior mantenedora do legado intelectual das escolas de Mistérios. A grande personalidade do neoplatonismo na época era uma jovem chamada Hipácia. Filha de um importante filósofo e matemático, foi educada com aulas de filosofia, matemática, geometria e astronomia. Seu pai desenvolveu uma série de exercícios para tornar o corpo da filha um receptáculo adequado para uma mente brilhante. Ela adorava nadar, cavalgar e escalar montanhas. Era linda, inteligente e logo angariou fama como inventora de instrumentos científicos, inclusive um objeto para medir a gravidade específica de líquidos. Sobreviveram apenas alguns fragmentos de seus escritos, mas ela era muito conhecida por ter um dos intelectos mais brilhantes da época.

Ela atraía uma grande multidão em suas aulas. Versada na sabedoria de Plotino e Iamblico, explicava como o cristianismo evoluiu a partir dos ensinamentos das escolas de Mistérios e afirmava, assim como o pai, que nenhuma tradição ou doutrina isolada podia afirmar ser a dona exclusiva da verdade.

Numa tarde de 414 quando Hipácia saía de uma sala de aula, um grupo de monges vestidos de preto a obrigou a descer de sua carruagem, despiu-a e a arrastou pelas ruas até uma igreja próxima

a ees a Puxaram pelas sombras frias até o altar. Numa atmosfera perfumada por incensos, os monges se reuniram sobre o corpo dela, agora coberto por trajes pretos, e a dilaceraram membro por membro.

É demasiado fácil ver a Igreja como a cruel repressora do livre pensamento e romantizar grupos proscritos e escolas antinomianas como as neoplatonistas e gnósticas.
Desde seus primórdios, a história da Igreja teve vários líderes praticantes de magia negra e outros iniciados que abusaram de seus poderes sobrenaturais para fins egoístas. Mas é igualmente verdade - e talvez mais importante - que, desde a época de São Paulo e Santo Agostinho, os maiores líderes da Igreja foram iniciados da mais alta ordem, que procuraram guiar a humanidade de acordo com o plano divino delineado neste livro. Eles sabiam que era necessário suprimir qualquer compreensão da reencarnação no Ocidente. De acordo com o plano cósmico, o Ocidente deveria ser o ninho do senso do valor da vida humana individual, em evolução nesta época.



O Panteão em Roma. Ovídio explica que os templos representam todo o cosmo na forma de uma esfera. A grande rotunda do Panteão tem 437 metros de diâmetro, com uma abertura no teto para permitir a entrada do Sol. A altura do chão até o topo, onde fica a abertura, é igual ao diâmetro, de modo que contém uma vasta esfera de ar. Os nichos em volta do piso tinham, originalmente, imagens dos deuses planetários.

Por outro lado, os neoplatonistas, embora dessem seguimento à obra de Pitágoras e Platão, convertendo em conceitos as experiências diretas dos mundos espirituais, pareciam não ter nenhuma consciência da grande revolução que presenciavam. Em seus escritos, não há vestígio do evangelho do amor universal introduzido por Jesus Cristo. Da mesma forma, a ênfase gnóstica na experiência pessoal direta dos mundos espirituais, distinta da aceitação passiva de dogmas abstratos, estava alinhada com o impulso introduzido por Jesus Cristo, mas muitos gnósticos também eram misantropos veementes, de um jeito que contraria a missão de transformar o mundo material preconizada por Jesus. Muitas crenças que as seitas gnósticas tomaram de suas aventuras nos mundos espirituais também eram fantásticas. Alguns gnósticos acreditavam que Jesus Cristo não havia caído tanto a ponto de habitar um corpo físico, que ele tinha vivido na Terra apenas como uma espécie de fantasma, e praticavam extremos bizarros de mortificação e devassidão como forma de desintegrar os próprios sentidos menosprezados do corpo e ter acesso aos mundos

espirituais. Alguns estimulavam serpentes que se arrastavam por seus corpos nus, outros bebiam sangue menstrual, dizendo "Eis aqui o sangue de Cristo", e havia aqueles que acreditavam que sua magia sexual levaria ao nascimento de criaturas divinas. Outros se castravam e depois se gabavam, Estou mais morto do que tu".

Roma queria eliminar as diferenças doutrinárias. A convicção e o propósito moral cristãos foram úteis para Constantino e Teodósio, unificando o império e o fortalecendo a partir de dentro, numa época em que hordas de bárbaros do Oriente ameaçavam.
Um império em constante expansão na China provocou um efeito dominó em toda a Ásia Central e Europa. Sob pressão do Extremo Oriente, godos, visigodos e vândalos invadiram partes da Europa, chegando a Roma antes de se retirarem novamente. Depois, no segundo quarto do século V, as tribos mongóis nômades foram unificadas sob um grande líder, Átila o Huno. Ele devastou os territórios antes invadidos por godos e vândalos e construiu um império que se estendia das planícies da Ásia Central ao Norte da Gália. Depois prosseguiu pelo Norte da Itália e invadiu Constantinopla.
Átila, o "flagelo de Deus", tornou-se uma alcunha para barbaridade, mas um relato em primeira mão de uma visita ao acampamento de Átila por um historiador grego, Prisco, nos dá um quadro muito diferente. Prisco mostra Átila vivendo numa casa simples de madeira com tábuas enceradas, guarnecida por uma cerca de madeira. Esteiras de lã serviam de tapetes e Átila — literalmente "pequeno pai" — recebeu seus visitantes vestido com roupas simples de linho, sem adornos de pedras preciosas ou ouro. Ele bebeu - moderadamente - em uma tigela de madeira e comeu num prato de madeira. Não demonstrou emoção durante a conversa, a não ser quando seu filho mais novo chegou, a quem ele afagou e olhou com satisfação.
Dizia-se também que, quando conquistou a cidade cristã de Corinto, Átila ficou ofendido ao ver uma prostituta em cada esquina. Deu-lhes a opção de se casar com um de seus homens ou então ir para o exílio.

Ainda que Átila não fosse o monstro voraz da imaginação popular, é verdade que teria sido desastroso para a evolução da consciência humana se ele tivesse conseguido aniquilar o Império Romano.
Os romanos temiam Átila mais do que a qualquer outro inimigo. Átila não permitia que seu povo vivesse em território romano ou comprasse produtos romanos. Quando invadiu territórios romanos, reverteu a romanização, demolindo construções romanas, e também tomou milhares de libras de ouro de Roma em tributos. Quando em 452 afinal teve Roma em suas garras, o imperador mandou Leão, bispo de Roma, reunir-se com ele.
O futuro papa negociou um acordo com Átila segundo o qual Honória, filha do imperador, seria sua esposa junto com um dote de milhares de libras em ouro.
A essa altura, Átila acreditava ter realizado sua ambição de conquistar o Império Romano e governar o mundo.
Átila e seu povo praticavam o xamanismo. Em todas as batalhas, Átila era guiado — sabiamente, como se viu — por seus sacerdotes-xamãs. O grande rugido apavorante de um exército huno entrando em batalha era composto pelo uivo de cães, o bater de armas e os sons de trombetas e sinos. Tudo isso pretendia convocar os batalhões dos mortos, os fantasmas de seus ancestrais, para que lutassem com eles. Também invocavam a alma coletiva de carnívoros, os lobos e os ursos, a entrar neles e lhes dar poderes sobrenaturais.

Como estamos considerando as invasões bárbaras do Oriente, este talvez seja um bom momento para nos determos no xamanismo. A palavra xamã vem do substantivo tungue-mongol para "aquele que sabe".
Os xamãs, da época das invasões bárbaras até o presente, usaram uma variedade de técnicas - Mircea Eliade as chamou de "técnicas arcaicas de êxtase" — para se colocar em transe: o bater ritmado de tambores e a dança, a hiperventilação, a automutilação frenética, a privação sensorial, a desidratação, a privação de sono e também plantas psicoativas, inclusive a ayahuasca, o cacto peiote e o fungo ergot. Estudos recentes de William Emboden, professor de biologia

da Universidade do Estado da Califórnia, e de outros pesquisadores apontam para a probabilidade de que foram usadas drogas para induzir estados de transe nos centros de Mistérios - por exemplo, o kykeon em Elêusis e a ninfeia azul tomada junto com o ópio e a raiz de mandrágora no Egito antigo.

Os cientistas também isolaram uma enzima no cérebro que induz estes estados de transe. A pesquisa parece sugerir que 2% de nós têm um nível naturalmente alto de dimetiltriptamina no cérebro, o suficiente para nos proporcionar estados de transe espontâneos e involuntários. Também parece provável que todos temos níveis mais altos até a adolescência, quando ocorre um processo de cristalização, cobrindo a glândula pineal e inibindo suas funções. Para o resto de nós, essas técnicas antigas ou similares são necessárias.

Os antropólogos perceberam que os relatos de experiências xamanísticas de muitas culturas diferentes mostram uma progressão que seguiu as mesmas fases.

Primeiro, uma extinção do mundo dos sentidos e uma sensação de jornada pelas trevas. Em geral vive-se uma dor intensa, como se o corpo estivesse sendo desmembrado.

Segundo, um mar de luzes, muitas vezes com uma rede inconstante de padrões geométricos — a matriz.

Terceiro, estes padrões se metamorfoseiam em formas, mais comumente serpentes e criaturas meio humanas e meio animais, quase sempre com corpos flexíveis e semi-transparentes.

Por fim, quando o transe diminui, o xamã tem a sensação de desfrutar de poderes sobrenaturais, como a capacidade de curar, informações sobre inimigos, influência mental sobre animais e o dom da profecia.

Tudo isso pode parecer combinar perfeitamente com os relatos de iniciações nas escolas de Mistérios que vimos aqui. Gregg Jacobs, da Faculdade de Medicina de Harvard, disse que, "pelo uso de técnicas xamanísticas, podemos entrar em estados ancestrais poderosos de consciência".

Mas na opinião de esotéricos modernos, o exemplo do xamanismo só nos servirá se não tentarmos entender as escolas de Mistérios e

as sociedades secretas. Muitas pinturas produzidas pelas culturas xamanísticas como registros de seus transes são incrivelmente belas, mas não dão o mesmo panorama magnífico e abrangente dos mundos espirituais encontrados, por exemplo, nos tetos dos templos de Edfu ou Filae. Além disso, os seres encontrados pelos xamãs parecem ser de níveis inferiores, em vez dos deuses planetários mais elevados com quem comungavam os sacerdotes do templo.

Assim, na visão dos mestres esotéricos modernos, todo xamanismo, quer seja das antigas hordas de hunos ou mongóis ou aquele praticado pelo sangoma na África do Sul de hoje, representa uma degeneração de uma visão primordial magnífica.

De novo vemos que na história secreta tudo está invertido e às avessas. Na história convencional, os primeiros estágios da religião foram marcados pelo animismo e pelo totemismo, depois evoluíram para as complicadas cosmologias das grandes civilizações antigas. Na história secreta, a visão primordial da humanidade era complexa, sofisticada e magnífica, e só mais tarde degenerou para o animismo, o totemismo e o xamanismo.

A tribo de Átila praticava um xamanismo que lhes deu acesso aos mundos espirituais que muitos clérigos podem invejar, mas era um acesso em um estado atávico. Contrariava o impulso da evolução da consciência humana que tinha sido desenvolvido por Pitágoras e Platão e agora recebia nova direção por intermédio de Jesus Cristo e Paulo. O objetivo desta evolução era belo — que as pessoas fossem capazes de obter alegria a partir da força e da superioridade intelectual deles e que pudessem escolher se movimentar com liberdade, poder e amor não só pelo mundo material, mas pelos mundos espirituais.

O consumo de drogas claramente compõe grande parte da prática xamanista moderna, mas é proibido pela maioria dos mestres esotéricos modernos como um meio de alcançar os mundos espirituais. O objetivo destes mestres é alcançar a experiência dos mundos espirituais com a inteligência e as faculdades críticas incólumes ao máximo, na verdade elevadas. Entrar nos mundos espirituais com drogas, por outro lado, é agir sem a preparação

adequada e pode abrir um portal para uma dimensão demoníaca que depois é difícil de ser fechada.
Quando, em 453, Átila se preparou para celebrar seu casamento com uma jovem de boa família e pele macia, ele, que já possuía centenas de esposas, era um homem no auge da vida e cheio de potência, prestes a observar o fim do Império Romano.
O delicado crescimento inicial de uma nova fase da consciência humana estava prestes a ser cortado pela raiz.
Na manhã do casamento, Átila foi encontrado morto. Sofrera uma grande hemorragia nasal.

"Acredito porque é absurdo." Esta famosa frase do primeiro pai da Igreja a falar latim, Tertuliano, influenciou muitos pensadores no final do século XIX e na primeira metade do século XX.
Podemos imaginar como a vida podia parecer absurda a um cidadão do Império Romano nos tempos de seu declínio. Ele vivia num mundo desencantado, onde pareciam duvidosas as grandes certezas espirituais em que foram fundamentadas as civilizações do mundo antigo. Elas não correspondiam mais às experiências dele. Pa estava morto há muito e os oráculos caíram em silêncio. Deus e os deuses pareciam pouco mais do que idéias abstratas e vazias, enquanto a vigorosa reflexão sobre a vida estava no reino da ciência e da tecnologia, nas teorias atômicas de Lucrécio, em projetos impressionantes de engenharia - aquedutos, sistemas de drenagem e estradas com milhares de quilômetros - que surgiam em toda parte. As certezas espirituais tinham sido substituídas pela dura realidade política e econômica.
Entretanto, se este cidadão tivesse se importado em ouvir as aspirações mais íntimas de seu espírito, poderia ter percebido que esse comando severo e mecânico das engrenagens da necessidade, esta nova forma do mundo, deu relevo a algo muito semelhante a seu oposto, chamado em toda parte de "o caminho sem nome". Se este cidadão tivesse escolhido não se calar, ele poderia ter captado sugestões que emanavam das correntes subterrâneas do pensamento.

Em meio a esta conjuntura crítica, passamos da era das escolas de Mistérios para a era das sociedades secretas, da direção do curso da história pela elite política para algo muito mais subversivo, proveniente de baixo. Um novo estado de espírito - que pode ser encontrado na vida do jogral de Deus, Francisco de Assis,
nos bufões de Shakespeare, na obra corrosiva de Rabelais, nas Viagens de Guliver, em Alice no País das Maravilhas e nas colagens de Kurt Schwitters - estava assumindo a vida da alma de iniciados.

Em resposta a uma pergunta sobre o significado de zen, um monge levantou um dedo. Um rapaz na turma começou a imitá-lo e depois disso, sempre que alguém discutia os ensinamentos deste monge, este rapaz erguia o dedo numa zombaria imprópria.
Mas na ocasião seguinte em que o rapaz compareceu à aula, o monge o pegou e decepou seu dedo. Enquanto ele corria aos gritos, o monge chamou por ele. O rapaz se virou e o monge retribuiu o olhar e ergueu o próprio dedo.
Neste momento o rapaz foi iluminado.
Este conto cruel não é um episódio histórico, mas uma das clássicas fábulas de zen, formuladas na época da hemorragia nasal de Átila.
A capacidade de pensamento abstrato foi se desenvolvendo por menos de mil anos, inspirada por Pitágoras, Confúcio e Sócrates. O budismo se difundiu da Índia para a China com a visita do 28º patriarca do budismo, Bodhidharma. Depois, na China, nos dois séculos seguintes, o budismo e o taoísmo se fundiram na criação de uma filosofia de iluminação espontânea e intuitiva chamada tctian — ou zen, como passou mais tarde a ser chamada no Japão.
O tch'an trouxe um novo senso admoestatório em relação às limitações do pensamento abstrato.
O rapaz e seus colegas discípulos lutaram para entender o que o monge dizia. Podemos imaginá-los franzindo a testa no esforço para apreender intelectualmente a iluminação.
Mas o rapaz de repente consegue ver o mundo a partir do ponto de vista de um estado alterado de consciência. Ele está vendo o mundo da perspectiva da consciência vegetal, centrada no plexo solar, não no crânio. É por meio desta consciência vegetal que estamos

conectados individualmente a todos os outros seres vivos do cosmo. Estas conexões podem ser imaginadas como gavinhas de uma grande árvore cósmica e cada plexo solar como uma flor na árvore. Outra maneira de ver isso é encarar esta consciência vegetal como uma dimensão diferente, o mundo entre os mundos e o portal para os mundos espirituais. É nesta consciência, a "luz além da luz do intelecto", para citar Santo Agostinho, que deve entrar qualquer um que deseje se tornar iluminado.
O rapaz é iluminado porque, do ponto e vista dessa outra forma de consciência, o dedo do monge pertence a ele tanto quanto ao monge. As categorias normais de pensamento humano são inadequadas para explicar isso.
O riso surge quando você de repente vê o cosmo invertido e às avessas. No início da segunda metade do século V, um novo senso de absurdo entrava no mundo e a partir de então, nos grandes iniciados das sociedades secretas, no Ocidente e no Oriente, sempre haveria um toque de zen.

Sob o comando de Justiniano, um governante forte, o Império Bizantino se expandiu, chegando a recuperar territórios dos bárbaros. Justiniano fechou as escolas restantes de filosofia grega, provocando a fuga dos mestres, que levaram com eles textos como os escritos de Aristóteles, inclusive o agora perdido tratado alquímico.
Muitos chegaram à Pérsia, onde o rei Khusraw sonhava em fundar uma grande academia como aquela que inspirou a civilização grega. Em um fermento intelectual que pegou elementos de neoplatonismo, gnosticismo e hermetismo, a metodologia de Aristóteles foi aplicada conjuntamente ao mundo material e aos mundos espirituais. Assim começou a era de ouro da magia árabe.
Todas as infâncias são iluminadas por uma visão da magia - de gênios, lâmpadas mágicas e abracadabra. Essas histórias começaram a tecer sua influência mágica na história do mundo no século VI. Corriam boatos de máquinas autômatas e voadoras e esconderijos de ouro que surgia por geração espontânea, de feitiços poderosos que seriam reunidos em livros proibidos.

O mundo todo logo estaria sob os encantos da Arábia, enquanto os livros de seus feitiços eram publicados em toda parte, livros que continham sussurros de demônios.

17. A ERA DO ISLÃ

Maomé e Gabriel • O Velho das Montanhas • Haroun al Rashid e As mil e uma noites • Charlemagne e o Parsifal histórico • A catedral de Chartres

Do alto dos mundos espirituais, uma figura severa e ameaçadora olhava esses desenvolvimentos.

Em 570, nasceu em Meca uma criança chamada Maomé. Quando tinha seis anos, perdeu os pais e foi contratado como pastor de ovelhas.

Transformou-se num homem de ombros largos, cabelos pretos e crespos e uma barba através da qual cintilavam ofuscantes dentes brancos. Tornou-se condutor de camelos, transportando as especiarias e perfumes, que eram a especialidade de Meca, para a Síria. Depois, aos 25 anos, casou-se com uma viúva rica de Meca e se tornou um dos cidadãos mais ricos e respeitados da cidade.

Embora agora tivesse de certa maneira recuperado tudo o que perdera com a morte dos pais, Maomé estava insatisfeito. O centro religioso de Meca era uma grande pedra de granito preto chamada Caaba, que em algumas tradições dizia-se ter caído na Terra vindo do sistema estelar de Sirius. Nessa época, a Arábia era povoada por tribos xamanistas, cada uma delas adorando seus próprios deuses e espíritos; no meio deste redemoinho, ao lado da Caaba, ficava uma tenda sagrada que abrigava centenas de ídolos. Meca também se tornara corrompida pela venda da água sagrada - retirada de uma fonte que Ismael fizera brotar da areia. Aos olhos de Maomé, tudo isso parecia indolência. Ele via as pessoas interessadas apenas em ganhar dinheiro, no jogo, nas corridas de cavalo e na embriaguez.

Enquanto conduzia comboios de camelos a lugares como a Síria e o Egito, soube do judaísmo e de histórias sobre Jesus Cristo. Teria a história da purificação do templo tocado numa ferida dele? Maomé se convenceu de que a Arábia precisava de um profeta, alguém como Jesus Cristo, que pudesse purgar as pessoas das

superstições e da corrupção e as unisse em torno de um só propósito cósmico.
Maomé estava sentado nas colinas que cercavam Meca, ensimesmado, sem saber como tudo isso poderia ser realizado, quando um anjo apareceu diante dele e disse: "Sou o anjo Gabriel." Gabriel então mostrou a Maomé uma tábua de ouro e lhe pediu para que a lesse. Maomé protestou que era analfabeto, mas quando Gabriel lhe ordenou uma segunda vez, Maomé descobriu que conseguia ler. Assim começou uma série de conversas angelicais que se transformaram no Corão. Mais tarde Maomé foi à cidade e pregou o que Gabriel lhe ensinara com uma sinceridade ardente e um poder irresistível. Ele resumiria seu credo nestes termos realistas:

Meus ensinamentos são simples.
Alá é o Único Deus
Maomé é Seu profeta
Abandonai a idolatria
Não roubeis
Não mentis
Não calunieis
E jamais vos intoxiqueis
Se seguirdes meus ensinamentos, seguireis o Islã.

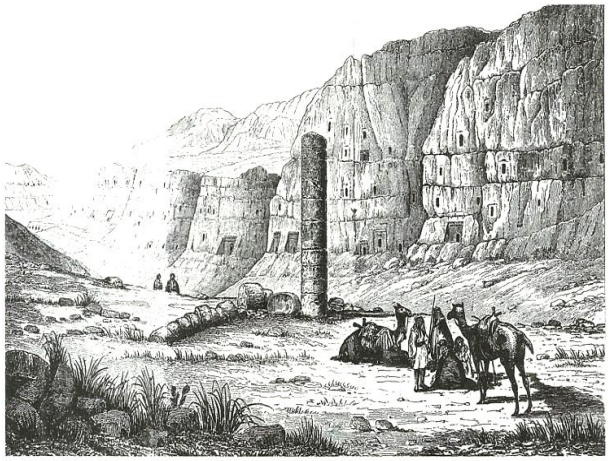
Quando desafiado a realizar um milagre que provasse que sua pregação tinha inspiração divina, recusou-se. Disse que Alá tinha erguido os céus sem recorrer a pilares, fez a terra, os rios, a figueira, a tamareira e a oliveira - e que estas coisas já eram milagres evidentes.
Podemos ouvir neste materialismo extático os primeiros sussurros da era moderna.

Durante suas conversas angelicais, o arcanjo Gabriel pediu a Maomé para escolher um refresco. Maomé escolheu o leite, que os ocultistas chamam de suco da Lua. O álcool seria proibido no Islã.

É muito significativo, do ponto de vista do esoterismo, que o anjo que ditou o Corão a Maomé fosse Gabriel, tradicionalmente o arcanjo da Lua. Alá é o nome muçulmano para Jeová, o grande deus da Lua e do pensamento. Gabriel anuncia o poder do pensamento para controlar as paixões humanas e subjugar a fantasia, e seu deus é o grande deus do não-farás, representado na iconografia muçulmana pelo crescente lunar.
O pensamento é um processo mortal que se alimenta de energias vivificantes.
Na Idade Média — a grande Era do Islã -, o impulso sexual teria sido reprimido para que aumentasse a capacidade humana de pensar. E a fim de suprimir os exageros da fantasia gnóstica, os líderes religiosos impuseram sua autoridade sobre o povo.
Do ponto de vista da história ocidental convencional, a Europa estava sitiada pelos muçulmanos incivilizados na última parte da Baixa Idade Média, entrando pela Idade Média. Do ponto de vista da história esotérica, a verdade é praticamente uma imagem especular disso. Os impulsos semeados nessa época, que cresceriam e transformariam toda a Europa e toda a raça humana, vinham do Islã.

A pregação de Maomé no mercado de Meca incitou uma trama para assassiná-lo. Para organizar seus adeptos, ele fugiu para a cidade de Medina com o discípulo Abu Behr. Em 629, voltou a Meca e nos quatro anos até sua morte estabeleceu o controle sobre o resto da Arábia. Quando Abu Behr se tornou seu sucessor - ou "califa" - o impulso pela conquista continuou a uma taxa impressionante.
Uma das coisas que torna uma religião bem-sucedida é se ela funciona no mundo, isto é, se traz benefícios materiais. A combinação do monoteísmo radical de Maomé com a metodologia científica de Aristóteles, que impregnara o pensamento árabe, logo se espalhou pelo globo, indo da Espanha às fronteiras com a China.
Absorvendo novas idéias e disseminando-as, os árabes beberam no zoroastrismo, no budismo, no hinduísmo e na ciência chinesa, inclusive na fabricação de papel. Fizeram grandes progressos na

astronomia, na medicina, na física e na matemática, substituindo os canhestros numerais romanos pelo sistema que usamos hoje.



As cavernas dos pais do deserto numa gravura do início do século XIX. Os pais do deserto, vivendo isolados, dedicaram a vida a praticar técnicas extremas que lhes dariam acesso aos mundos espirituais, uma forma de vida que se desenvolveria no movimento monástico. Santo Antão o Grande, o maior dos pais do deserto, ficaria em transe por longos períodos de tempo em tumbas. Em certa ocasião, Antão aconselhou um homem a se cobrir de carne. Quando foi atacado por cães selvagens, o homem aprendeu o que seria ser atacado por demônios no outro lado da sepultura. No episódio conhecido como a tentação de Santo Antão, ele próprio entrou na esfera da Lua, conhecida como *kamaloca*, ou purgatório, e teve uma visão do diabo, um homem alto e negro com a cabeça nas nuvens. Também viu anjos que eram capazes de guiar alguns espíritos humanos para além do alcance do diabo.

Segundo seus próprios relatos, o sufismo tinha origens antigas, até primordiais. Algumas tradições remontam suas origens à Irmandade Saramong - ou Irmandade da Abelha - fundada no Cáucaso, na Ásia Central, durante a primeira grande migração pós-Atlântida. Mais tarde o sufismo foi, sem dúvida, influenciado pelo gnosticismo e pelo neoplatonismo.

Se havia uma tendência no islã a se tornar dogmático e paternalista em seu período de triunfo, o sufismo representava um impulso contrário, um fascínio pelas tendências às vezes perversas e paradoxais desta ou daquela forma do espírito. O islã esotérico defendia a imersão de si mesmo no aspecto mais feminino, suave e emocional da vida espiritual, que encontraria expressão na profusão da poesia sufi.

A questão do que constitui a "si mesmo" também é importante no sufismo. O que em geral imaginamos ser nosso próprio eu, ensina o

sufismo, na realidade é uma entidade que opera de forma independente de nós, que compõe a maior parte de nossos medos, falsas fixações, aversões, preconceitos, invejas, orgulhos, hábitos, preocupações e compulsões. Grande parte da prática sufi envolve a submissão deste falso eu, desta falsa vontade.

"Deus está mais perto do homem do que a veia jugular deste", diz um versículo do Corão (50:16). No entanto a maioria de nós, distraída por nosso falso eu, não está consciente disso.

O grande escritor sufi Ibn Arabi disse que um mestre sufi é alguém que revela uma pessoa para si própria.

As práticas sob instrução de um mestre sufi envolvem exercícios respiratórios e música para atingir um estado alterado. O sufismo ensinava o processo às vezes doloroso de "despertar", de se tornar consciente de si e da corrente cósmica e mística que nos atravessa, tornando-nos mais plenamente vivos.

Porque se abriam por completo à corrente cósmica, os sufis podiam ser desvairados, imprevisíveis e desconcertantes. Veremos adiante que o sufismo teve uma influência forte, embora em grande parte inconfessa, sobre a cultura ocidental.

O cunhado de Maomé, Ali, era para ele como João para Jesus Cristo, recebendo e transmitindo os ensinamentos secretos. Os sufis obedeciam à lei islâmica, mas acreditavam que ela era a camada mais externa do ensinamento esotérico.

Ali e a filha de Maomé, Fátima, estabeleceram o que ficou conhecido como Império Fatímida, governando grande parte da África do Norte e do Cairo, onde criaram uma escola de filosofia esotérica chamada Casa da Sabedoria. Sete graus iniciáticos eram ensinados lá. Os candidatos eram iniciados na sabedoria atemporal e adquiriam poderes secretos. Sir John Woodruffe, tradutor do século XIX dos principais textos tântricos, também revelou uma tradição sufi com um paralelo na fisiologia oculta. Nesta tradição sufi, os centros de poder tinham nomes belos e intrigantes, como Coração de Cedro e Coração de Lírio.

Um dos iniciados que surgiu na Casa da Sabedoria foi Hassan I-Sabbah, o famoso Velho das Montanhas.

Ele fundou uma pequena seita que em 1090 conquistou o castelo de Alamut nas montanhas ao sul do mar Cáspio, no que hoje é o Irã. De sua fortaleza na montanha, enviou seus agentes secretos a todos os cantos do mundo para fazer cumprir suas ordens, exercendo um controle de titereiro sobre governantes distantes. Seus Hashishim - Assassinos - infiltravam-se em cortes e exércitos. Qualquer um que pensasse em desobedecer a Hassan era encontrado morto na manhã seguinte.
A visão ocidental de Hassan sem dúvida é distorcida por uma passagem no relato das viagens de Marco Polo. Ele afirmou que o Velho das Montanhas dava a seus jovens seguidores drogas que os faziam dormir durante dias. Quando acordavam, viam-se num belo jardim que lhes disseram ser o Paraíso. Eles eram cercados de belas mulheres que lhes tocavam músicas e lhes davam tudo o que quisessem. Depois de três dias, eram mandados de volta ao sono. Quando acordavam, eram levados de novo até Hassan, convencidos de que o velho tinha o poder de mandá-los de volta ao Paraíso num átimo. Assim, quando Hassan queria alguém morto, seus assassinos o fariam de boa vontade, sabendo que o Paraíso seria sua recompensa certa.
Na realidade, Hassan proibiu todas as substâncias inebriantes, chegando a executar um de seus próprios filhos por se embriagar. Também proibiu a música. Entre seu povo, tinha fama de ser um homem sagrado e alquimista, um iniciado capaz de controlar eventos em todo o mundo por meios sobrenaturais. Isso apesar do fato de, após chegar e estabelecer sua corte ali, só ter saído de seu quarto no Alamut duas vezes.
No século XX, o arquétipo do homem que parece louco, mas na verdade controla todo o mundo de sua cela, apareceu como o Dr. Mabuse nos filmes profundamente esotéricos de Fritz Lang.

Haroun al Rashid foi outro dos personagens extraordinários e irresistíveis dessa época. Tornou-se califa na casa dos vinte anos e logo fez de Bagdá a cidade mais esplêndida do mundo, construindo um palácio ímpar, servido por centenas de cortesãos e escravos, e formando um harém. Era um lugar reluzente, onde um homem podia

viver cada prazer que o mundo tinha a oferecer, entediar-se com eles e ansiar por novidades.
Potentado oriental de turbante da imaginação de todos nós e califa de As mil e uma noites ele atraiu para sua corte todos os grandes escritores, artistas, pensadores e cientistas da época. Corria o boato de que, como contam em As mil e uma noites, ele às vezes escapulia disfarçado por uma porta secreta do palácio a fim de ouvir o que seu povo dizia e descobrir o que realmente a população pensava.
Em uma das histórias mais famosas, um pescador do mar Vermelho pega um grande cântaro de ferro na rede. Quando ele o iça a bordo, vê que o metal está gravado com os triângulos entrelaçados do Selo de Salomão. Curioso, o pescador abre o cântaro e de súbito ergue-se dele um vapor negro, espalhando-se por todo o céu, de modo que a única coisa que ele pode ver é a escuridão. Depois o vapor se condensa na forma monstruosa de um Jinn, que diz ao pescador que Salomão o aprisionou no cântaro. Conta que após duzentos anos ele jurou que recompensaria seu libertador com poder. Mas depois de quinhentos anos de cativeiro, ele jurou que mataria aquele que o libertasse. Então o Jinn diz ao pescador para se preparar para morrer. Mas o pescador diz que não acredita que o Jinn estivesse realmente dentro do cântaro e assim o espírito, para provar, torna-se de novo vapor negro e mergulha numa espiral lenta para dentro e nesse momento, é claro, o pescador fecha a tampa.
Pode parecer apenas uma história tola para crianças, mas para os ocultistas está cheia de saber esotérico. A palavra "Jinn" significa "esconder-se". Era cultivada entre os povos árabes uma teoria e uma prática para lidar com essas entidades, que diziam viver em casas arruinadas, em poços e sob pontes. Além disso, era bem conhecido o aprisionamento de espíritos e demônios em amuletos, anéis e pedras usando sinais mágicos, como o Selo de Salomão. Na Idade Média, este saber, em grande parte de origem árabe e preocupado particularmente com a potencialização de talismãs por meios astrológicos, seria reunido em muitos manuais famosos de magia. O maior deles, chamado de o Picatrix, fascinaria várias das

personalidades mais influentes desta história, inclusive Tritêmio, Ficino e Elias Ashmole.
Rumi tornou-se, quando adulto, o maior poeta da corte. Era uma presença desconcertante até quando criança. Aos seis anos, adotou o hábito de jejuar e também começou a ter visões. Há uma história que diz que um dia ele estava brincando com um grupo de crianças que perseguiam um gato de telhado em telhado. Rumi protestou que o homem devia ser mais ambicioso do que os animais e depois desapareceu. Quando os outros gritaram de susto, ele de repente reapareceu atrás deles. Tinha um estranho olhar e disse que os espíritos de manto verde o levaram para outros mundos. Os mantos verdes podem ter sido as sombras de ei Khidir, o Homem Verde, um ser poderoso capaz de se materializar e desmaterializar como bem entendesse. Diziam os sufis que o Homem Verde vinha em auxílio daqueles que estivessem numa missão especial.
Aos 37 anos, agora um jovem professor universitário, Rumi era adorado por seus alunos. Um dia estava cavalgando, seguido pelos alunos, quando foi abordado por um dervixe. Shamsi Tabriz tinha feito nome insultando xeques e homens santos, pois dizia que seria guiado exclusivamente por Deus - o que o tornava imprevisível e às vezes uma presença dominadora e até perturbadora.
Os dois homens se abraçaram e foram morar juntos numa cela, onde meditaram por três meses. Cada um deles via o que procurava pelos olhos do outro.
Mas os alunos de Rumi ficaram tão enciumados que um dia emboscaram Shamsi e o mataram a facadas.
Rumi chorou, gemeu e emagreceu. Ficou desolado. Um dia ele estava andando pela rua, passando por uma ourivesaria, e ouviu a batida ritmada de um martelo sobre pedras de ouro. Rumi começou a repetir o nome de Alá e de repente começou a girar em êxtase.
Foi assim que nasceu a dervixe Mevlevi, a ordem de dervixes rodopiantes dos sufis.
A magnífica civilização dos árabes ao mesmo tempo fascinava e apavorava a Europa medieval. Viajantes voltavam com histórias da vida na corte, de centenas de leões presos em correntes, de um lago de mercúrio em que havia uma cama de couro, inflada de ar e

adornada com faixas que uniam quatro colunas de prata nos cantos. O relato mais comum era de um jardim mecânico miraculoso feito de metais preciosos, contendo aves mecânicas que voavam e cantavam. No meio dele, ficava uma grande árvore de ouro cujos frutos eram pedras preciosas incrivelmente grandes que representavam os planetas.

Para muitos, estes prodígios pareciam necromancia. Existiam na fronteira entre a magia e a ciência. Uma explicação parcial pode estar numa descoberta feita em Bagdá em 1936. Um arqueólogo alemão, William Koenig, escavava os esgotos do palácio quando descobriu o que ele imediatamente identificou como uma bateria elétrica primitiva pelo menos do início da Idade Média. Quando uma colega criou uma réplica, descobriu que podia gerar uma corrente elétrica que recobria de ouro uma estatueta de prata em menos de meia hora.

Em 802, Haroun al Rashid mandou ao sacroimperador romano, Carlos Magno, um presente com sedas, candelabros de bronze, perfumes e um jogo de xadrez de marfim. Mandou também um elefante e um relógio d'água que marcava as horas pelo gotejamento de bolas de bronze numa tigela e pequenos cavaleiros mecânicos que saíam por pequenas portas. Era um presente que pretendia impressionar Carlos Magno com a superioridade da ciência árabe e a riqueza de seu império.

Se não fosse por três gerações de reis francos, Carlos Martel, Pepino e Carlos Magno, o islã poderia ter eliminado o cristianismo da face da Terra.

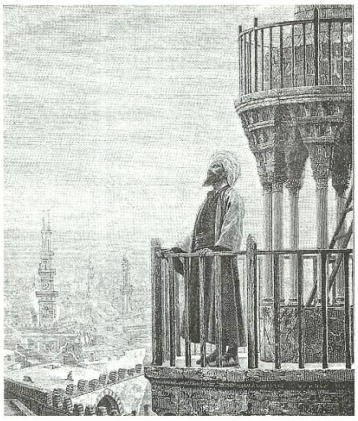
Nascido em 742, Carlos Magno herdou a lança de Longino, usada para perfurar o corpo de Jesus Cristo na cruz. Ele vivia e dormia com a lança, acreditando que lhe dava poderes de prever o futuro e forjar o próprio destino. Na primeira década do século IX, Carlos Magno conquistou diversas vitórias sobre os muçulmanos. Ele esgrimia sua sagrada espada Joyeuse para impedir que invadissem o Norte da Espanha e também para proteger a rota dos peregrinos a Santiago de Compostela.

Carlos Magno tinha uma presença física imponente. Com cerca de dois metros de altura e olhos azuis faiscantes, era um homem de

hábitos simples e moderados. No entanto, conseguiu impor sua vontade no curso da história. Sua visão da Fortaleza Europa não só manteve um senso cristão de identidade diante da invasão islâmica como protegeu seu povo contra nobres tirânicos e corruptos.

É pelos escritos de um dos maiores magos do Renascimento, Tritêmio, abade de Sondheim, que sabemos da estranha história do Sagrado Tribunal, ou Tribunal Secreto de Juizes Livres, fundado por Carlos Magno em 770 com códigos e sinais secretos para excluir os não iniciados. Às vezes conhecidos como os Soldados Secretos da Luz, estes homens mascarados pregavam uma intimação nos portões do castelo cujo dono pensava poder viver acima da lei. Alguns nobres desobedeciam às intimações. Tentavam se proteger com guarda-costas mas inevitavelmente se viam mortos a golpes da característica adaga cruciforme do Sagrado Tribunal.

Um nobre que escolhesse obedecer à intimação chegaria sozinho e tarde da noite no lugar designado, às vezes uma encruzilhada isolada. Mascarados apareciam e colocavam um capuz em sua cabeça, antes de levá-lo para ser interrogado. A meia-noite, o capuz era retirado e o nobre talvez se visse numa vasta câmara subterrânea, de frente para os Juizes Livres, mascarados e vestidos de preto. A sentença era proferida.



Esquerda: O chamado apara a oração. Um grande impulso de pensamento às avessas entrou no mundo pelo sufismo: "A Verdade também é buscar o Buscador."

Direita: P.L. Travers, criador de Mary Poppins, era um discípulo do mestre do século XX G.I. Gurdjieff, que foi influenciado pelos sufis e pelos lamas tibetanos. O personagem de Poppins – nos livros e não no filme, que é mais sentimental – é o de uma iniciada sufi, desconcertante no modo como é capaz de virar o mundo de pernas para ao ar e subverter as leis da natureza.

Essa sociedade secreta não era obviamente esotérica ou arcana em sua filosofia, mas o motivo da câmara mortuária aponta para lendas da iniciação subterrânea de Carlos Magno.

O Enchiridion do papa Leão era um livro de feitiços - com receitas de proteção contra venenos, fogo, tempestades e animais selvagens — que surgiu na história exotérica no início do século XVI, mas dizia-se ter sido muito usado por Carlos Magno, que o levava preso a si num saquinho de couro. Um sinal da autenticidade desta história é que o primeiro capítulo do Evangelho de São João foi incluído no Enchiridion como o encantamento mais poderoso. Estes versículos ainda são usados pelos praticantes esotéricos.

Evidências mais sólidas do pensamento iniciático de Carlos Magno ainda podem ser vistas na capela Aachen. Anexa ao palácio dele, era a maior construção do mundo ao norte dos Alpes. Seu formato octogonal antecipa os muros que cercariam a Nova Jerusalém, de acordo com a numerologia esotérica do Apocalipse de São João. A entrada é pela Porta do Lobo, batizada com o lobo lendário que enganou o Diabo e o expulsou da capela. O visitante que olha a galeria do chão ao teto vê o trono imponente do sacro-imperador romano, feito de lajes simples de mármore branco. No meio da capela há um esquife de ouro maciço contendo os ossos de Carlos Magno. Acima dele, a "Coroa de Luzes", um candelabro gigantesco em formato de rosa, pende como um fulgurante chakra da coroa.

As realizações de Carlos Magno incluem a reunião dos grandes eruditos da cristandade numa tentativa de fazer frente à corte de Haroun al Rashid. Destes, o maior erudito talvez tenha sido Alcuin de York.

Esta ligação britânica é importante na história secreta. O espírito do rei Artur vive e respira a história de Carlos Magno. Ele é um defensor da fé que mantém os pagãos ao largo com a ajuda de uma arma que confere invencibilidade e de um círculo de cavaleiros fiéis, ou paladinos, como são conhecidos no caso do imperador romano.

Vimos que o rei Artur original viveu na Idade do Ferro, um campeão do deus Sol numa época de trevas ihvasivas. As histórias do Graal que foram acrescentadas ao cânone da época de Carlos Magno são baseadas em acontecimentos históricos.

Pode-se supor que a história de Parsifal é uma alegoria, mas na história secreta ele era um homem de carne e osso, uma reencarnação de Mani, o fundador do maniqueísmo no século II. Embora não soubesse disso, ele era sobrinho de um dos paladinos de Carlos Magno, Guilherme de Orange, que combateu os sarracenos em Carcassonne em 783. Esta batalha custou muito aos muçulmanos, que se retiraram da França para a Espanha.
Criado para ser silvicultor, Parsifal viveu com a mãe nos confins da floresta, longe do glamour da vida na corte e dos perigos da cavalaria. Jamais superou o pai nem o tio famoso. Nunca seria um cavaleiro como Rolando, famoso em sua época, um cavaleiro cujas proezas resplandeciam em todo o céu e eram celebradas nos registros oficiais, mas seus feitos locais, suas batalhas privadas, mudariam o curso da história.
Um dia, Parsifal estava brincando sozinho no bosque quando um grupo de cavaleiros passou cavalgando por ele. O episódio é descrito em uma passagem de Chrétien de Troyes que instiga a imaginação:

Árvores explodiam em folhas, íris floresciam e pássaros cantavam quando o filho da viúva entrou na floresta virgem e isolada. Estava treinando atirar lanças quando ouviu um estrépito, um chiado, um baque. De repente, viu cinco cavaleiros saindo a cavalo das árvores em armaduras completas, os elmos brilhando ao sol. O ouro, prata, branco e azul de seus trajes dançaram diante de seus olhos. Ele jamais vira nada parecido e pensou ter uma visão de anjos.

A imaginação do próprio Parsifal ficou em brasa. Ele deixou sua mãe, arrasada, e partiu em busca de aventuras.
Por conta de todos os seus ideais, Parsifal era um cavaleiro tolo. Suas missões em geral eram repletas de mal-entendidos e acidentes. Sua jornada era de solidão e fracasso.
Então um dia, com a chegada do crepúsculo, ele cavalgava junto a um rio quando encontrou dois pescadores e perguntou se eles sabiam onde ele poderia encontrar abrigo. Eles o orientaram a ir para um castelo no alto de uma colina. Era o castelo do Rei

Pescador, Amfortas, que tinha sido ferido e sangrava nas coxas. Parecia que um rei cruel, Klingsor preparara uma armadilha para Amfortas, envolvendo uma espécie de tentação sexual, e conseguira lhe infringir estes ferimentos.

Enquanto Parsifal sentava-se para jantar, surgiu uma procissão maravilhosa, com pajens carregando uma lança ensangüentada e uma tigela reluzente. Depois do jantar, Parsifal caiu em sono profundo. Em algumas versões da lenda, ele também enfrentou uma série de provações. Foi ameaçado por feras selvagens - leões - e tentado por uma linda demônio. Também teve que cruzar a ponte Perigosa, uma espada gigantesca que cobria o fosso. Como veremos, estas variações podem ser conciliadas.

Quando acordou, descobriu que o castelo estava deserto. Saiu a cavalo e descobriu que as lavouras tinham morrido e o país tornara-se um lugar ermo.

Parsifal mais tarde foi aceito na corte e fez fama. Mas um dia uma velha feia a Abominável, o abordou. Ela explicou que o país estava sofrendo porque, quando teve uma visão do Graal, ele não fez a pergunta que teria curado o Rei Pescador e restaurado a fortuna do reino.

Em sua segunda visita ao castelo do Graal, Parsifal perguntou a Amfortas o que o afligia e partiu na busca do Graal, à qual todos os outros cavaleiros haviam sido negados. Sir Lancelot fracassara, por exemplo, por causa de seu amor por Guinevere. Ele não tinha um coração puro.

No clímax de sua busca, Parsifal vê primeiro a lança de Longino - um lembrete da ligação com Carlos Magno - e depois o próprio Graal.

O que devemos extrair desta história? O elemento visionário deve ser compreendido como um relato de uma cerimônia de iniciação. As provações e visões de Parsifal acontecem num transe profundo.

Mas é evidente que o fato de estes acontecimentos serem simbólicos ou alegóricos não significa que não sejam entendidos também como verdade literal.

O que, então, é o Graal?

Vimos na primeira versão germânica da história que o Graal é uma pedra. Nessa versão ele também parece ter as propriedades da pedra filosofal dos alquimistas. Ele brilha, regenera, torna ossos e carne novamente jovens e, nas palavras de Von Eschenbach, "oferece tanto da doçura e do deleite do mundo que parece o reino do céu".

Para entender o que de fato é o Graal, devemos nos lembrar de qual é sua função, ouvir com cuidado o que nos conta a história

Na cavalaria, o elmo, a espada e a lança são símbolos da iniciação. A cerimônia de sagração de um cavaleiro, com a espada sendo batida em seu ombro, é uma lembrança da cerimônia antiga de iniciação de bater na testa com o tirso que faz brotar a água e fluir o vinho. Em algumas cerimônias modernas de iniciação isto é lembrado na forma de um forte golpe na testa. Os golpes permitem o nascimento de uma forma superior de pensamento, como Atena nasceu da testa de seu pai.

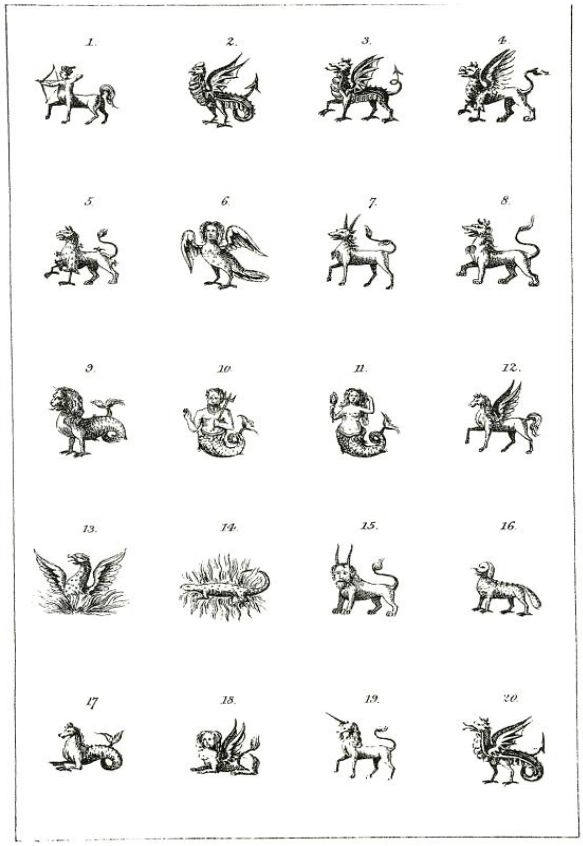
É claro que se esta pedra que caiu da testa de Lúcifer tivesse sido moldada para formar uma tigela, também teria sido uma pedra com influência.

Para entender o que de fato é o Graal, devemos nos lembrar de qual é sua função, ouvir com cuidado o que nos conta a história conhecida. É um cálice ou receptáculo para os fluidos corporais sagrados. Mais particularmente, guardou o sangue de Cristo, foi usado para colhê-lo enquanto vertia de seu corpo na cruz e depois, simbolicamente, na Ultima Ceia.

Como vimos, o sangue é a característica da consciência animal e na fisiologia oculta a parte animal de nossa natureza se aninha na parte vegetal de nossa natureza ou é levada por ela - como por um cálice.

O segredo do Santo Graal, então, não é que represente uma linhagem de sangue. Isto, como já sugeri, contrariaria a doutrina esotérica da reencarnação. Na verdade, alude ao papel da parte

vegetal de nossa natureza como receptáculo vivo de nosso espírito ou consciência. Esta busca pelo Graal é a busca por um receptáculo puro, adequado para transportar uma forma superior de espírito, e as provações em sua busca envolvem certas técnicas esotéricas de purificação do corpo vegetal. Rudolf Steiner, talvez o maior mestre do século XX, disse que todo trabalho esotérico sério começa com o trabalho sobre o etérico, isto é, o corpo vegetal.



Brasões esotéricos retratando muitas criaturas e símbolos da história secreta, do *Dicionário britânico de heráldica*, 1854.

Graças à Queda, nosso self animal tornou-se demasiado corrompido e somos escravos de nosso céu sexual Na realidade, nosso self animal é tão corrupto que extravasa para nosso corpo vegetal e material, e está além de nosso poder purificá-los. Precisamos de ajuda sobrenatural. As técnicas esotéricas pretendem arregimentar esta ajuda.

Se a dimensão vegetal da humanidade é purificada, naturalmente nos tornaremos mais parecidos com vegetais. Os santos às vezes podem viver com quase nada, só com a luz do sol, como as plantas. A mística alemã e milagreira do século XX Therese Neumann viveu por cerca de quarenta anos com nada mais do que uma hóstia consagrada por dia.

Mas se as técnicas de transformar nosso corpo vegetal existiam desde os tempos antigos, o que havia de novo e diferente nas técnicas envolvidas na iniciação do Graal?

Em seu segundo encontro, que foi profundamente significativo, com o Rei Pescador ferido, Parsifal faz a seguinte pergunta: "O que vos aflige, irmão?"

Isso mostra uma combinação de compaixão altruísta e - o que é mais importante - um espírito livre e curioso que era novo no século VIII. Aqui, então, está o início de um novo impulso para a liberdade de pensamento que marcou o princípio do fim da era da autoridade da Igreja.

Quando Parsifal tem a visão do Santo Graal, esta é uma visão do corpo vegetal, ou da alma, que foi tão transformado pelo sentimento moral e pelo questionamento intelectual que está apto a portar uma forma superior de espírito, o Espírito de Jesus Cristo.

A dimensão histórica desta narrativa está contida no modo como o ferimento de Amfortas leva o país a se tornar estéril. As devoções privadas de iniciados afetam os destinos das nações.

A forma da narrativa também é significativa. A história da obtenção do Graal por Parsifal é apresentada como a visão imaginativa íntima de Parsifal.

Nos templos e nas escolas de Mistérios dos primeiros tempos, estátuas maravilhosas eram esculpidas e deuses eram convocados a habitá-las; na Idade Média, os grandes iniciados inspirariam imagens maravilhosas e seria nestas imagens mentais que os deuses respirariam.

Com a morte de Carlos Magno em 814, seu império se desintegrou com rapidez, mas a idéia de uma Europa unificada sobrevive até hoje. Assim como o rei Artur, Carlos Magno nunca morreu realmente, ele espera para voltar em tempos de necessidade.

O poder e a riqueza da Igreja aumentavam. Ela queria ser a única guardiã da chave do Reino. A Igreja a princípio dera ênfase à crença de que a pessoa tinha uma única vida, reprimindo ensinamentos sobre a reencarnação, e destacou um deus, reprimindo o conhecimento de suas origens astronômicas. Agora ela enfatizava a unidade das partes desencarnadas do ser humano. Em 869, no Oitavo Concilio Ecumênico, a Igreja fechou as portas para os mundos espirituais e aboliu a antiga distinção entre a dimensão vegetal da alma e a dimensão animal do espírito. Alma e espírito foram declarados a mesma coisa e o resultado disso foi que os mundos espirituais, antes encontrados na Missa, vieram a parecer uma abstração vazia.
A experiência dos mundos espirituais foi substituída pelo dogma a ser imposto à força.
Enquanto isso, uma influência islâmica vital, parte intelectual, parte espiritual, continuava a fluir pela Europa por intermédio de centros de erudição como Toledo e Sicília. O estudo da matemática, da geometria e da ciência natural, inspirado parcialmente pelas traduções do árabe e pela preservação da obra de Aristóteles, assim como a astronomia e a astrologia, espalharam-se para o norte, levando à formação das primeiras universidades da Europa, todas baseadas no modelo islâmico. Levou também aos arabescos da arquitetura gótica, influenciados pelas formas vegetais intricadas da arquitetura das mesquitas.

No pórtico norte da catedral de Chartres, fundada em 1028, Melquisedeque aparece segurando o Graal. A astrologia que o islã trazia de volta à Europa, depois de ter sido expulsa por Roma várias centenas de anos antes, node ser vista no simbolismo do pórtico oeste - o peixe de Peixes e os dois Cavaleiros Templários de Gêmeos. O frontão também tinha um bom exemplo de uma vesica piseis, um Terceiro Olho que vê os mundos espirituais entrando no mundo material.
Chartres é uma fusão em pedra do misticismo islâmico com a antiga espiritualidade celta e o cristianismo neoplatônico. Localizada no

alto de uma colina esburacada de túneis e cavernas antigas, acredita-se que ela foi construída num local sagrado para a Deusa Mãe. Uma virgem negra, que faz alusão à adoração entre Ísis, mãe do deus Sol, e Maria, mãe de Jesus Cristo, ainda pode ser vista na cripta.

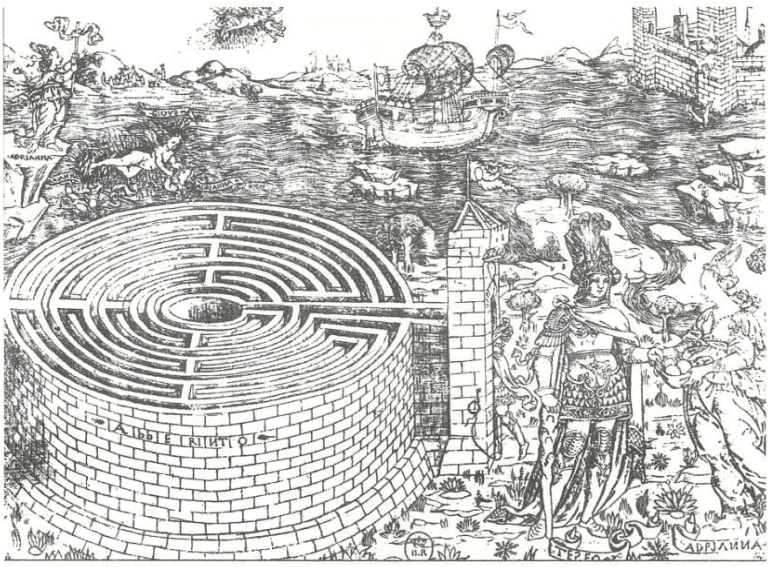
O labirinto mais famoso da Europa está fixado no chão da nave. Construído em 1200, tem cerca de 12 metros de diâmetro. Antes que fosse retirado para ajudar a fabricar canhões na Revolução Francesa, uma placa de bronze no meio retratava Teseu, Ariadne e o Minotauro.

É claro que os labirintos são antigos artefatos pagãos, cujos remanescentes são encontrados não só em Knossos, mas em Hawara, no Egito, e em muitos labirintos ao ar livre cortados na relva da Irlanda, da Grã-Bretanha e da Escandinávia. Muitas outras igrejas cristãs têm labirintos anteriores ao século XVIII mas foram destruídos em razão de suas associações pagãs.

Um dos outeiros sepultados em Newgrange, na Irlanda, ainda era chamado de "o castelo em espiral" pelos habitantes locais na década de 1950, devido a uma espiral entalhada no portal de entrada. A expressão "nosso rei foi para o castelo em espiral" era uma forma de dizer que ele morreu.

Esta é a chave para entender o simbolismo secreto do labirinto e da própria catedral de Chartres. Se você entrar no labirinto e seguir a pé, irá se ver andando numa espiral, primeiro para a esquerda, depois voltando para a direita a medida que se move para o centro. Os peregrinos que seguem esta rota se envolvem numa dança semelhante à de Jesus, descrita nos Atos de São João. O objetivo, como em qualquer atividade iniciática, é entrar num estado alterado em que o espírito viaje pelos mundos espirituais, vivendo a jornada no além enquanto ainda se está vivo.

Ariadne, que interfere para salvar Teseu, é, no contexto de Chartres Mana, que dá à luz o rei Sol e por cuja intercessão podemos dar à luz nosso eu superior.



Deve-se reverter a direção sete vezes, mas nunca trilhar o mesmo caminho. Esta espiral representada em duas dimensões é retratada aqui com base em um desenho original de Botticelli.

O labirinto de Chartres pode assim ser visto como uma espécie de mandala ou auxílio à meditação e à obtenção de um estado alterado. Na geometria sagrada da catedral, o labirinto é espelhado por outra mandala, o grande vitral rosa.

Os vitrais da Idade Média apareceram primeiro no Irã/Iraque no século XI. O vidro extraordinário e luminescente de Chartres foi fabricado por iniciados medievais da alquimia, que aprenderam os segredos com os árabes, cujas técnicas não conseguimos reproduzir hoje. Schwaller de Lubicz, grande egiptólogo, explicou a seu biógrafo André Vanden Broeck que os vermelhos e azuis brilhantes do vitral de Chartres não foram obtidos sem que fosse empregada pigmentação química, mas uma separação do espírito volátil dos metais que ele testou com o famoso alquimista Fulcanelli e também encontrou em cacos de vidro desenterrados por ele próprio no Egito.

O vitral rosa, que em seu círculo mais externo exibe os signos do zodíaco, representa o chakra em fulgor, como deve ficar quando chegamos ao centro do labirinto da vida, enfim dançando com a Música das Esferas. Não por acaso a catedral de Chartres foi descrita como um cadinho alquímico para a transformação da humanidade.

O islã urdia seu caminho no tecido de todo o mundo, tanto esotérica como exotericamente. Então, em 1076, os muçulmanos turcos tomaram Jerusalém.

18. O DEMÔNIO SÁBIO DOS TEMPLÁRIOS

As profecias de Joaquim • Os amores de Ramón Llull São Francisco e o Buda • Roger Bacon zomba de Tomás de Aquino • A adoração dos templários a Baphomet

Em 1076 os turcos muçulmanos tomaram Jerusalém e começaram a perseguir peregrinos cristãos. Os cruzados libertaram Jerusalém e a perderam novamente.

Em 1119, cinco cavaleiros estavam sob a liderança de Hugo de Payens no local da crucificação. Como os cavaleiros que tinham partido em busca do Graal, estes juraram fazer de si receptáculos dignos para carregar o sangue de Cristo. A fim de proteger os peregrinos, eles se aquartelaram no que acreditamos ter sido o local dos estábulos junto ao Templo de Salomão.

Criados entre a primeira e a segunda Cruzada, tornaram-se a tropa de choque do cristianismo. Os Cavaleiros Templários ou a Ordem dos Pobres Soldados de Cristo e do Templo de Salomão, para lhes dar o título completo, sempre usaram calções de couro de cordeiro por baixo das roupas como símbolo de sua castidade e eram proibidos de cortar a barba. Não deviam ter nada além de uma espada e dividiam todas as outras posses. Nunca pediam clemência ao inimigo e só se retiravam se a desvantagem fosse de três para um. Embora pudessem se retirar, sempre acabavam por combater até a morte.

São Bernardo de Clairvaux, fundador da ordem monástica cisterciense e o clérigo mais influente da época, escreveu a "ordem", ou o livro de regras dos templários, em 1128, e assim se tornaram formalmente uma ordem religiosa. Bernardo escreveu que os templários desconheciam o medo, que "apenas um deles colocava mil para correr". Eles eram mais dóceis do que cordeiros, mais implacáveis do que leões e tinham "a mansidão dos monges e o valor de cavaleiros".

As evidências arqueológicas parecem confirmar que os templários podem ter tido um motivo inconfesso para sua ordem - escavar o local do templo. Artefatos templários foram descobertos em túneis bem abaixo dele. Estes túneis tinham sido abertos em rocha maciça numa direção que os teria levado diretamente ao suposto local do Sagrado dos Sagrados.

As cerimônias de iniciação dos templários claramente reuniam diferentes tradições, inclusive o sufismo e a sabedoria salomônica do templo. Um cordeiro era sacrificado e de seu corpo fazia-se uma corda, colocada no pescoço do candidato. Ele era levado à câmara de iniciação por esta corda. Ele havia sido obrigado a jurar que suas intenções eram completamente puras na dor da morte e agora se perguntava se o grão-mestre podia ver significados ocultos em sua alma — estaria ele prestes a morrer?

Os candidatos suportavam provações apavorantes como aquelas a que se submetiam os candidatos à iniciação por Zaratustra, envolvendo confrontos com forças demoníacas medonhas, a fim de que estivessem preparados para enfrentar a morte ou quaisquer horrores que encontrassem na vida e depois da morte.

Estes confrontos com demônios na iniciação voltariam para assombrar os templários, mas por cerca de duzentos anos seu esprit de corps e estrutura organizacional rígida tornaram-nos extraordinariamente bem-sucedidos na influência dos assuntos mundiais, se não em sua orientação.

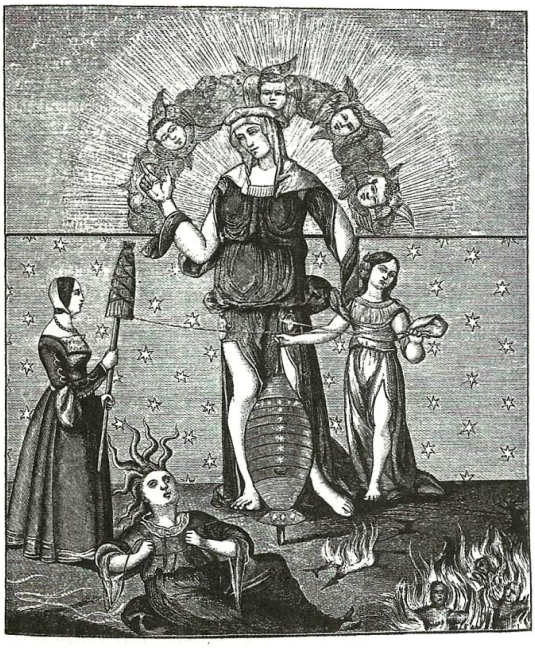
Como muitos nobres uniram-se à ordem, abrindo mão de seus direitos a propriedades, os templários ficaram muito ricos. Inventaram cartas de crédito para que o dinheiro pudesse ser transferido sem risco de ser roubado por ladrões. O templo deles em Paris se tornou o centro das finanças francesas. De certa forma, foram os precursores dos bancos, essenciais na preparação para a ascensão das classes mercantis. Os templários também foram patronos das primeiras guildas de comércio independentes da Igreja e da nobreza. Chamadas de Compagnons du Devoir, estas guildas eram responsáveis pelos projetos de construção dos templários, mantinham os códigos de ética e protegiam as viúvas e os órfãos de seus integrantes.

No final do século XII, surgiam outros desafios à supremacia da Igreja.
Em 1190-91, Ricardo Coração de Leão, neto de Guillaume de Poitiers, o primeiro trovador, estava voltando da terceira Cruzada. Parou para visitar um eremita na montanha, que ganhava fama por seu dom de profetizar. Ricardo trouxe as novas sombrias: "Que marés sombrias escondem-se sob aquele hábito!"
Nascido numa pequena cidade da Calábria em cerca de 1135, Joaquim viveu como eremita por muitos anos antes de ingressar em uma abadia e por fim fundar nas montanhas sua própria abadia de Fiore.
Ele estava tentando entender o Apocalipse de São João, debatia-se com o mesmo, como ele próprio afirmou, mas era derrotado. Numa manhã de Páscoa, ele acordou um novo homem, tendo recebido a faculdade de compreender. Os comentários proféticos que viriam dele influenciariam o pensamento espiritual e os grupos místicos de toda a Europa na Idade Média, e mais tarde os rosa-cruzes.
Há uma dimensão cabalística nos escritos de Joaquim, embora os livros centrais da Cabala ainda não tenham sido publicados, talvez resultado de sua amizade com Petrus Alphonsi, judeu convertido espanhol. É claro que o Antigo Testamento tem um forte senso da ação de Deus na história, mas o que é especificamente cabalista no pensamento de Joaquim é sua interpretação dos textos bíblicos em relação ao complexo simbolismo numérico e à sua visão do que ele chamou de Árvore da Vida. Ele publicou um diagrama desta árvore duzentos anos antes que uma idéia semelhante fosse publicada pelos cabalistas, provavelmente baseando-se na tradição oral que encontrara em sua amizade com Alphonsi.
Mas o aspecto dos ensinamentos de Joaquim que conquistou o pensamento medieval foi sua teoria da trindade. Ele afirmou que se o Antigo Testamento representava a Era do Pai, que suscitava medo e obediência, e se o Novo Testamento representava a Era do Filho, da Igreja e da fé, então a realidade da Trindade sugeria a chegada de uma terceira era, a Era do Espírito Santo. Assim, a Igreja não seria mais necessária, pois esta seria uma era de liberdade e amor. Como Joaquim era um iniciado, também havia uma dimensão

astrológica em seu pensamento, em geral mitigada pelos comentaristas da Igreja. A Era de Aries foi a Era do Pai, a de Peixes, a Era do filho, e a de Aquário, a Era do Espírito Santo.
Joaquim profetizou que haveria uma época de transição da segunda para a terceira era, quando uma nova ordem de homens espirituais educariam a humanidade, quando Elias reapareceria, segundo foi profetizado no último versículo do Antigo Testamento, no Livro de Malaquias. Elias seria o precursor do Messias, vindo para anunciar a grande inovatio. Joaquim também profetizou que o Anticristo encarnaria antes do início da terceira era. Como veremos, as profecias de Joaquim ainda fascinam as sociedades secretas de hoje.

Ramón Llull, ou Raimundo Lúlio, doctor illuminatus, foi um missionário junto aos muçulmanos cujo pensamento era saturado de idéias islâmicas.
Ele nasceu em Palma, capital de Mallorca, em 1235 e foi criado como pajem da corte real. Teve uma vida despreocupada, de prazeres. Um dia, cobiçando uma dama genovesa e desejando-a loucamente, entrou com seu cavalo na igreja de Eulalia, onde ela rezava. Ela o rejeitou, mas um dia respondeu aos versos que ele lhe mandara convidando-o para um encontro. Quando ele chegou, ela de súbito lhe expôs o seio - estava sendo devorado por uma doença maligna.
Este choque marcou o início do processo de conversão de Llull. Ajudou-o a compor sua visão do mundo como um lugar de extremos oscilantes, em que a aparência pode muito bem mascarar seus opostos. Em seu livro mais famoso, O livro do amigo e do amado, ele pergunta: "Quando será a hora em que a água que flui para baixo deve mudar sua natureza e subir?" Ele fala do Amante caindo entre espinhos, mas que lhe parecem flores em um leito de amor. "O que é a infelicidade?", pergunta ele. "Para realizar os desejos neste mundo (...) Se vires um amante em trajes finos," diz ele, "saciado de comida e sono, saberás que neste homem vês a danação e o tormento." O aroma das flores traz à mente do Amante o fedor

maligno dos ricos e vis, da velhice e da lascívia, da insatisfação e do orgulho.
Llull escreveu a respeito de subir a escada da humanidade para chegar à glória na natureza Divina. Esta ascensão mística é alcançada trabalhando no que ele chama de os poderes da alma - sentimento, imaginação, compreensão e vontade. Dessa maneira, ajudava a forjar a forma profundamente pessoal da alquimia, que, como veremos, seria o maior motor da Europa esotérica.



Astrologia cristã reintroduzida na Europa por intermédio do islã, personificada aqui num manuscrito francês do século XVI.

Em um de seus enunciados mais severos, afirmou: "Se disseres a verdade, ó tolo, serás espancado por homens atormentados, reprovado e morto." Enquanto pregava aos muçulmanos na África do Norte, foi cercado por uma multidão, levado para fora da cidade e apedrejado até a morte.

Francisco nasceu num mundo em que os servos padeciam de uma pobreza extrema e onde os deformados, idosos, destituídos e leprosos eram tratados com um desdém cabal. O clero rico vivia

confortavelmente à custa dos servos e perseguia qualquer um que discordasse dele.
Em 1026, Francisco era um jovem rico em Assis, na Itália. Tinha apenas vinte anos e uma vida despreocupada e indolente, evitando qualquer contato com o sofrimento, tapando o nariz se visse um leproso.
É impossível não ver os paralelos com a vida do príncipe Sidarta.
Um dia, ele estava cavalgando quando seu cavalo de repente empinou e ele se viu olhando um leproso. Ele desmontou e quando menos esperava estava segurando a mão ensangüentada do leproso, beijando as bochechas e os lábios que supuravam. Sentiu o leproso se afastar de sua mão e, quando ergueu a cabeça, viu que o leproso havia desaparecido.
Francisco soube então que, assim como São Paulo na estrada de Damasco, ele teve um encontro com o Cristo ascendido.
A vida e a filosofia de Francisco foram viradas pelo avesso. Ele começou a ver com toda clareza que os Evangelhos recomendavam uma vida de pobreza, dedicada a ajudar os outros, sem possuir "ouro nem prata em sua bolsa, sem carteira, casacos ou sapatos para sua jornada". A pobreza, diria ele, significa nada ter, nada desejar e no entanto possuir todas as coisas no espírito da liberdade. Ele passou a ver a importância da experiência de não ter bens. As coisas que possuímos nos prendem e ameaçam governar nossa vida. Uma voz que emanava de um crucifixo pintado na Igreja de San Domenico, perto de Assis, disse-lhe: "Vá, Francisco, e restaure minha Casa, que como podes ver cai em ruínas." São Francisco sentiu que as duas experiências eram inefáveis.
Ele transformou tanto sua natureza nas dimensões animal, vegetal e, como veremos brevemente, material que os animais reagiam a ele de uma forma maravilhosa. Um grilo cricrilava quando ele pedia. Pássaros se reuniam para ouvilo pregar. Quando um lobo grande e feroz aterrorizou a cidade montanhosa de Gubbio, Francisco foi até lá para encontrá-lo. O lobo correu para Francisco, mas quando este ordenou que não ferisse ninguém, o lobo se deitou a seus pés. Em seguida, começou a andar junto dele, completamente domesticado.

Alguns anos atrás, um esqueleto de lobo foi encontrado enterrado sob o chão da igreja de San Francesco delia Pace, em Gubbio.
Se compararmos o misticismo de Ramón de Llull com o de São Francisco, veremos que uma mudança profunda acontecera em um período de tempo muito curto. O misticismo de Francisco é o misticismo das coisas naturais e simples, do ar livre e do cotidiano.
A primeira biografia de São Francisco, As pequenas flores de São Francisco, afirma que ele descobriu o que está oculto na natureza com seu coração sensível. Para Francisco, todas as coisas eram vivas. Ele tinha uma visão extática do cosmo concebido pelo idealismo, tudo criado e alterado pelas hierarquias celestiais. Toda a criação canta em uníssono no Canto do Irmão Sol e da Irmã Lua:

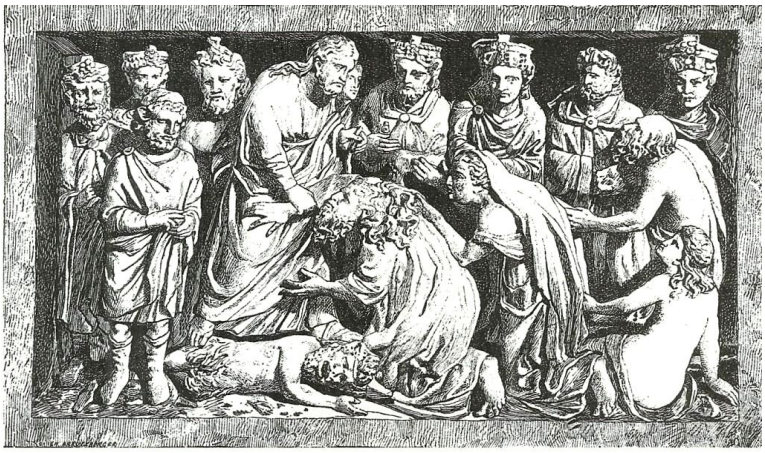
Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas
Especialmente o senhor Irmão Sol
Que clareia o dia.

Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Lua e pelas Estrelas
Que no céu as formaste
Claras, preciosas e belas.

Antes, o espírito do cristianismo auxiliara na evolução do budismo. Introduzira um espírito de entusiasmo, propiciando a realização no mundo material Aos ensinamentos de compaixão universal do Buda. Agora, embora o Buda não encarnasse de novo, seu espírito ajudou a reformar o cristianismo, inspirando uma devoção simples e a compaixão por todos os seres vivos.
Perto do fim de sua vida, Francisco estava meditando no monte La Verna, rezando do lado de fora de sua cela de eremita, quando de repente todo o céu se encheu de luz e um serafim de seis asas apareceu para ele. Francisco percebeu que este grande ser tinha o mesmo rosto visto no crucifixo pintado que o enviara para sua missão. Ele entendeu que Jesus Cristo o estava enviando para uma nova missão.
Logo depois da morte de São Francisco, surgiram problemas na ordem que ele fundara, a dos franciscanos. O papa pediu que a

ordem assumisse novas responsabilidades, envolvendo a posse de propriedades e o manejo de dinheiro. Muitos frades viam esta determinação como uma transgressão da visão de São Francisco e formaram grupos dissidentes, chamados de franciscanos espiritualizados, ou Fraticelli. Para si mesmos e para quem era de fora, eles pareciam a nova ordem de homens espiritualizados que Joaquim profetizara que veria o fim da Igreja.
Foi por isso que os seguidores de São Francisco passaram a ser perseguidos e mortos como heréticos.
Um famoso afresco de Giotto mostra São Francisco sustentando a Igreja. Se Francisco salvou a Igreja do colapso completo, poderíamos dizer que ele conseguiu sua reforma como a voz do crucifixo lhe pediu? No cristianismo esotérico, acreditava-se que o serafim que mostrou os estigmas a Francisco lhe disse que sua nova missão seria cumprida depois da morte. Uma vez por ano, no aniversário de sua morte - em 3 de outubro - ele deveria liderar os espíritos dos mortos das esferas lunares para as hierarquias mais elevadas.
Continuamos, assim, vendo que a iniciação se preocupa tanto com a vida depois da morte quanto com esta vida.

Na época em que viveram Ramón e Francisco, novos e diferentes impulsos pela reforma e purificação da prática religiosa cresciam em muitas partes da Europa, na Iugoslávia, na Bulgária, na Suíça, na Alemanha, na Itália e sobretudo no Sul da França.



O ministério aos mortos agradecidos, entalhado num sarcófago do século XVI.

Lá, os cátaros atacaram a corrupção da Igreja. O dogma central deles, como o dos gnósticos, impunha que eles deviam se manter completamente puros de um mundo cruel. Da mesma maneira que os templários e São Francisco, renunciaram às posses materiais e cumpriam rigorosos votos de castidade.

Os cátaros não tinham igrejas de madeira ou pedra. Rejeitavam um sistema de sacramento que fazia da Igreja a única intermediária entre Deus e o povo. "Valorizamos a virgindade acima de tudo", disse uma testemunha. "Não dormimos com nossas esposas, mas as amamos como a nossas irmãs. Jamais comemos carne. Nossas posses são comuns." Tinham apenas uma oração, o Pai-nosso, e seu ritual de iniciação, o consolamentum, era um adeus a um mundo maligno. Adotaram o martírio.

A Igreja foi obrigada a agir. Em 1208, o papa Inocêncio III ordenou uma cruzada contra os cátaros. Chegando à cidade de Béziers, os cruzados exigiram os cerca de quinhentos cátaros que lá residiam. Quando o povo se recusou a aquiescer, todos, muitos milhares, foram abatidos. Quando um dos soldados perguntou ao legado papal Arnaud-Amaury como poderiam distinguir os cátaros dos outros, diz-se que ele respondeu com uma frase que fazia eco à história: "Mate a todos, Deus encontrará os Dele." Em Bram, eles pararam para capturar outros cem reféns. Cortaram seus narizes e os lábios superiores, depois os cegaram, exceto um, que liderou uma procissão ao castelo. Em Lavaur, detiveram noventa cavaleiros,

enforcaram-nos, depois os esfaquearam porque estavam demorando demais para morrer. E todo um exército de prisioneiros foi queimado vivo em Minerva.
Em 1244, os poucos heréticos que restavam, que sobreviveram a um cerco de nove meses ao castelo de Montségur, no alto de uma montanha, entregaram-se. Duzentos monges cátaros desceram a montanha e andaram para o fogo que os aguardava.
Segundo a lenda, quatro monges haviam escapado do refúgio na montanha um dia antes, levando consigo o tesouro secreto dos cátaros. Não sabemos se este tesouro era composto por ouro, relíquias ou era a doutrina secreta, mas talvez seja fácil demais romantizar os cátaros. Eles ensinavam que o mundo era cruel, de uma forma que sugeria que eles, assim como os gnósticos, eram dominados por uma filosofia oriental de ódio ao mundo e amor à morte. A Igreja de Roma reprimiu os cátaros com força máxima, mas o verdadeiro pensamento esotérico da época estava mais perto deles do que a veia jugular.

Nos últimos anos do século XIII, nasceu uma criança fraca e enfermiça. Logo após o nascimento, ela foi abrigada e criada por 12 sábios. No relato de Rudolf Steiner, esses sábios viviam numa construção que pertencera aos templários em Monsalvat, na fronteira da França com a Espanha.
Como o menino era mantido em total isolamento do mundo exterior, os moradores não puderam ver nada que provasse a natureza milagrosa dele, dotado de um espírito de tal força e brilho que seu pequeno corpo tornou-se transparente.
Os 12 homens o iniciaram por volta de 1254 e ele morreu logo em seguida — tendo compartilhado sua visão espiritual com aqueles que o criaram. Os 12 ajudaram a prepará-lo para sua encarnação seguinte, quando ele transformaria a face da Europa.

Alberto nasceu em 1193. Aparentemente, era um menino obtuso até que, inspirado por uma visão da Virgem Maria, começou a se dedicar a seus estudos com tal zelo que logo se tornou o mais

famoso filósofo da Europa. Estudou a ciência de Aristóteles, física, medicina, arquitetura, astrologia e alquimia.
O curto texto A tábua de esmeralda de Hermes Trismegistus, contendo o axioma hermético central ("o que está acima, é como o que está abaixo"), chegou à tona pela primeira vez na história exotérica como parte de sua biblioteca. É quase certo que ele tenha explorado métodos de adivinhar a presença de metais no interior da terra por meio de técnicas ocultas. Dizia-se que construiu um estranho autômato que ele chamou o Androide, capaz de falar e talvez até de pensar e se locomover por sua própria vontade. Era feito de bronze e outros metais selecionados em função de suas correspondências mágicas com os corpos celestes. Alberto lhe deu vida soprando encantamentos mágicos nele e proferindo orações.
A lenda de que Alberto Magno foi o arquiteto da catedral de Colônia provavelmente se deve ao fato de ele ser o autor de Liber Constructionum Alberti, que contém os segredos dos operários maçons, inclusive a camada das fundações das catedrais e suas linhas astronômicas.

As histórias de viagens ao subterrâneo, como as de Alberto Magno para encontrar metais, em geral são meios de aludir a iniciações no subsolo. Sabemos que este tipo de iniciação sobreviveu na Idade Média graças a um relato de um ritual ocorrido na Irlanda que chegou a nós por três diferentes fontes.
Um soldado chamado Owen, que servia ao rei inglês Stephen, foi ao mosteiro de São Patrício, em Donegal. Owen jejuou por nove dias, vagando pelo mosteiro e tomando banhos de purificação ritual. No nono dia, foi admitido na câmara subterrânea "da qual jamais retorna quem nela entra". Ali ele foi deitado num túmulo. A única luz vinha de uma pequena abertura. Nessa noite, Owen foi visitado por 15 homens que vestiam mantos brancos e que o alertaram de que ele estava prestes a empreender uma viagem. Pouco depois, um bando de demônios apareceu. Eles o seguraram sobre uma fogueira, antes de lhe mostrar cenas de tormento semelhantes às descritas por Virgílio.

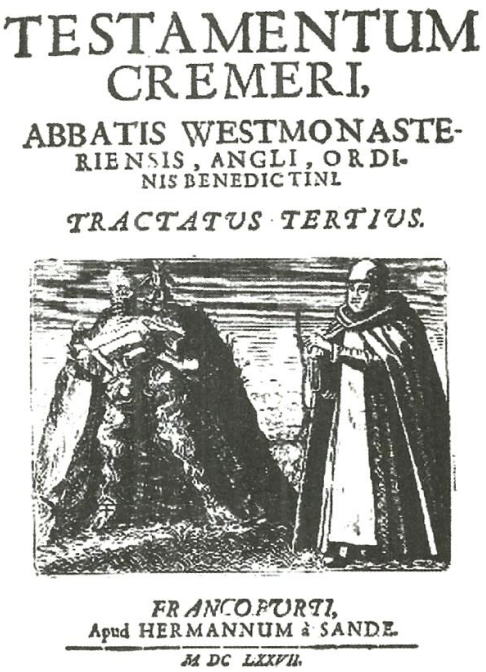
Por fim, dois anciãos apareceram para guiá-lo e mostraram-lhe uma visão do Paraíso.

Alberto foi o guia espiritual de TomAs de Aquino, quase 33 anos mais novo do que ele. Parece que Tomás desfez em pedaços o Androide de seu mestre porque, segundo alguns relatos, acreditava que ele fosse diabólico. De acordo com outras fontes, isso ocorreu porque o Androide jamais parava de falar.
Aquino fora à Universidade de Paris para estudar Aristóteles aos pés do mestre, mas descobriu que o maior aristotélico de todos era um muçulmano. Averroés afirmava que a lógica aristotélica provava o absurdo do cristianismo.
A lógica devoraria a religião, toda a verdadeira espiritualidade?
A obra de Tomás de Aquino culminou com sua imensa Summa Theoloçica talvez a obra de teologia mais influente já escrita. Seu objetivo era tentar mostrar que a filosofia e o cristianismo não são apenas compatíveis - eles se iluminam mutuamente. Aquino aplicou o bisturi analítico mais afiado para pensar os mundos espirituais. Foi capaz de classificar os seres das hierarquias celestiais, as grandes forças cósmicas que criam as formas naturais e nossas experiências subjetivas. A Summa contém, por exemplo, os ensinamentos dos Quatro Elementos, alcançado com um intelecto vivo e penetrante, em vez de um reembaralhamento insensato de dogmas mortos.
Aquino é uma figura essencial na história secreta graças a seu grande triunfo intelectual sobre Averroés, que evitou que a Europa fosse dominada de maneira precoce pelo materialismo científico várias centenas de anos antes.
É importante ter em mente que seu triunfo foi alcançado quando considerado a partir da perspectiva da experiência pessoal direta dos mundos espirituais. Não há dúvida que Tomás de Aquino, como Alberto Magno, era alquimista e acreditava ser possível utilizar o poder de espíritos desencarnados para realizar mudanças no mundo material. Dos muitos textos alquímicos atribuídos a ele, os estudiosos admitem pelo menos um como indubitavelmente genuíno. Para entender melhor isso, é útil compará-lo com seu contemporâneo Roger Bacon.

Hoje a alquimia pode parecer uma atividade estranha e insignificante. Na verdade, é muito familiar a todos os cristãos que comparecem à igreja porque é o que se dizia acontecer no clímax da missa. Foi Aquino que formulou pela primeira vez a doutrina da transmutação do pão e do vinho. O que ele descreveu é essencialmente um processo alquímico em que a substância do pão e do vinho se transformam e uma transubstanciação paralela acontece no corpo humano. A missa causa não só uma nova disposição de espírito, uma nova determinação para agir melhor, mas uma mudança fisiológica vital.

Não é por acaso que Aquino formulou suas doutrinas na época em que começaram a circular as histórias do Graal. Elas descrevem o mesmo processo, apesar de usar métodos diferentes.

Embora fossem inimigos - Bacon zombava de Aquino por só ser capaz de ler Aristóteles traduzido - Aquino e Bacon eram representantes do impulso da época: fortalecer e refinar a faculdade da inteligência. Ambos encontraram magia no pensamento. Existia anteriormente a capacidade de pensamento abstrato e prolongado, de fazer malabarismos com conceitos, mas foi breve e limitou-se a Atenas de Sócrates, Platão e Aristóteles antes de se extinguir de novo. Uma nova tradição, viva e mais duradoura, surgiu com Aquino e Bacon. Os dois colocavam a experiência acima das categorias de tradição antigas e mortas e ambos eram homens profundamente religiosos que procuraram refinar suas crenças religiosas com base na experiência. "Sem a experiência", disse Bacon, "é impossível saber alguma coisa."



Frontispício de *Testamentum Cremeri* que mostra São Tomás de Aquino como um praticante da alquimia.

Bacon era mais prático, mas invocou entidades das mesmas hierarquias espirituais que Aquino classificara quando explorou as capacidades sobrenaturais da mente. Os dois aplicaram a análise e a lógica rigorosas e seu misticismo era muito diferente do misticismo extático e impensado dos cátaros.

Um jovem erudito de Oxford nos anos 1250, Roger Bacon decidiu, assim como Pitágoras antes dele, saber tudo o que havia para se saber. Queria reunir em sua própria mente tudo que sabiam os eruditos da corte de Haroun al Rashid.

Roger Bacon tornou-se a imagem de um mago. Conhecido como Doctor Mirabilis, às vezes aparecia nas ruas de Oxford em trajes islâmicos. Trabalhava dia e noite sem descanso em seus aposentos na universidade, que seria abalada por explosões de tempos em tempos.

Bacon ocupava-se realizando experimentos práticos, com metais e magnetismo, por exemplo. Descobriu a pólvora de forma independente dos chineses e assustou os alunos ao acender uma

luz em um cristal para produzir um arco-íris, algo que até essa época as pessoas acreditavam que só Deus podia fazer. Também tinha um espelho mágico que lhe permitia ver 80 quilômetros em qualquer direção, porque ele, ao contrário de qualquer outro na época, compreendia as propriedades das lentes.

Mas sem dúvida é verdade que Bacon tinha poderes que estavam além da capacidade de explicação da ciência contemporânea. Ele mandou suas obras completas ao papa Clemente IV na mente de um rapaz de 12 anos chamado John, que ele ensinara a decorar todos os seus muitos livros em alguns dias. Bacon usava um método que envolvia orações e símbolos mágicos. Da mesma forma, foi capaz de ensinar hebraico aos alunos em questão de semanas para que eles pudessem ler as escrituras.

Toda magia é um poder da mente sobre a matéria. Como estamos começando a ver, a filosofia esotérica preocupa-se com os métodos para desenvolver as faculdades mentais de forma que as leis naturais possam ser manipuladas.

Em Roger Bacon, as faculdades da inteligência e da imaginação eram muito desenvolvidas e cada uma delas auxiliava a outra. Ele escreveu em 1270: "É possível fazer máquinas de navegação que não precisem de homens para navegá-las, de modo que enormes barcos de longo curso possam navegar sem nenhum homem no leme e a uma velocidade maior do que se estivessem cheios de homens trabalhando. E podem ser feitos carros que se movam numa velocidade inestimável sem animais para puxá-los. Máquinas voadoras podem ser construídas de forma que um homem, sentado no meio da mesma, vire um instrumento pelo qual baterão asas artificiais (...)". Na Idade Média, este homem extraordinário tinha uma visão completa do mundo tecnológico moderno criado pela ciência experimental. Bacon era um franciscano que, assim como o fundador desta ordem, ansiava por um mundo melhor e mais brando para os pobres e os despossuídos.

Há um trecho em O nome da rosa, de Umberto Eco, em que Guilherme de Baskerville, o herói de Eco ao estilo Sherlock Holmes, explica que existem duas formas de magia, a do Diabo, que procura prejudicar os outros por meios ilícitos, e a sagrada, que redescobre

os segredos da natureza, uma ciência perdida dos antigos. Da mesma forma que os alquimistas árabes que o influenciaram, Bacon trabalhava na fronteira entre a magia e a ciência - e, como veremos, é essencialmente desta fronteira que trata a alquimia.
Bacon escreveu um tratado chamado O espelho da alquimia e gostava de lembrar um dito de um grande erudito da Cabala, São Jerônimo: "É possível encontrar muitas coisas inacreditáveis e que estão além dos limites da probabilidade e ainda assim são verdadeiras."
Em 1273, Tomás de Aquino, perto da conclusão de sua imensa Summa Theologica, estava tomando a missa em uma igreja em Nápoles quando teve uma experiência mística dominadora. Ele escreveu: "O que me foi revelado agora torna tudo o que escrevi não mais digno para mim do que um monte de palha."

Tivemos sugestões do treinamento da imaginação em Llull e Bacon. É claro que os idealistas tinham uma visão mais exaltada da imaginação do que os materialistas. Para os idealistas, a imaginação é a faculdade de apreender uma realidade superior.
A disciplina de treinamento da imaginação é essencial à prática esotérica, às iniciações das sociedades secretas e, sem dúvida, à magia.
Para os esoteristas e ocultistas a imaginação também é importante, pois é a grande força criadora no universo. O universo é a criação da imaginação de Deus - a imaginação, como vimos no Capítulo 1, foi a primeira emanação e é ela que nos permite interpretar a criação e manipulá-la.
A criatividade humana, seja mágica ou não, é resultado de uma canalização específica dos poderes da imaginação. Os tratados alquímicos, por exemplo, descrevem o esperma como fruto da imaginação. Esta é uma maneira de dizer que a imaginação não só fundamenta o desejo como tem o poder de transformar nossa natureza material.
As poderosas transformações mágicas no mundo material fora dos corpos podem ser feitas por iniciados que sabem trabalhar estes poderes criadores da imaginação. Um iniciado indiano aprende

desde muito pequeno a praticar ver uma cobra diante de si com tal concentração que pode por fim fazer com que os outros a vejam também.
É claro que há um risco em toda esta ênfase na imaginação que a deixa perigosamente próxima da fantasia. Sempre há o risco de que estes trabalhos de imaginação venham a terminar apenas em ilusões. A magia pode parecer garantia de auto-ilusão.
A abordagem sistemática das sociedades secretas pretendia combater isso.
São Bernardo de Clairvaux, que escreveu o livro de regras dos templários, recomendava um treinamento sistemático da imaginação. Invocando imagens do nascimento, da infância, do ministério e da morte de Jesus Cristo, você pode invocar seu espírito. Se você imaginasse, digamos, uma cena doméstica envolvendo Jesus Cristo, as panelas, as roupas, sua aparência, as linhas de seu rosto, a expressão em suas feições, seus sentimentos quando ele se virasse para olhar para você, e depois, se de repente você banisse as imagens visuais, poderia restar apenas o verdadeiro espírito de Cristo.
Na Espanha do século XII, um cabalista chamado Abraham Abulafia estendeu em seus escritos a idéia do verbo criador de Deus. Os primeiros textos cabalísticos descrevem as 22 letras do alfabeto hebraico como poderes criadores. "No princípio", então, Deus combinou estas letras em padrões, alterando sua posição e com elas formando palavras, e neste processo desenrolaram-se todas as diferentes formas do universo. Abraham Abulafia propôs que o iniciado participasse do processo criador, combinando e recombinando as letras hebraicas da mesma maneira. Ele recomendava retirar-se a um aposento tranqüilo, vestido com um manto branco, adotando posturas rituais e pronunciando os nomes divinos de Deus. Desta maneira poderia ser alcançado um estado de transe extático e visionário — e, com este estado, poderes secretos.
A idéia das "palavras de poder" que davam ao iniciado domínio sobre os mundos espirituais - e também sobre o mundo material - é muito antiga. Dizia-se que Salomão tinha este domínio, e em seu

templo, o nome Tetragrammaton — que é o mais sagrado e poderoso nome de Deus — só podia ser pronunciado uma vez por ano, no dia da Expiação, e apenas pelo sumo-sacerdote no Sagrado dos Sagrados. Do lado de fora, trombetas e címbalos evitavam que outros ouvissem. Mesmo antes, entre os egípcios, dizia-se que o deus Sol, Rá, criara o cosmo usando palavras de poder e se dizia que o conhecimento destas palavras dava poder ao iniciado não só nesta vida, mas após a morte.

Abraham Abulafia também recomendava usar os nomes de Deus de forma diagramática. A prática de trabalhar com signos e sinais mágicos tem amplo destaque na tradição hebraica e se tornou disseminada na Idade Média com a mescla de elementos egípcios e árabes. Assim foi devido à difusão de manuais - gramáticas - de encantamentos como O testamento de Salomão e A chave de Salomão. A maioria dos encantamentos prometia a satisfação de desejos egoístas, fossem sexuais, de vingança ou a descoberta de tesouros. A preparação de materiais como cera de abelha, o sangue de um animal, pó de magnetita, enxofre e talvez o cérebro de um corvo podia ser seguida de um ato de purificação. A cerimônia em si, talvez envolvendo foices, bastões, espadas, era realizada em épocas propícias para invocar um ser desencarnado. O resultado podia ser que um anel, ou talvez só uma tira de papel, fosse inscrito com o sinal - ou rubrica - de modo que seu portador, conscientemente ou não, seria afetado pelo ser desencarnado, para o bem ou para o mal. Em meados do século XIV, A magia sagrada de Abraão o Judeu ensinava a incitar tempestades, levantar mortos, andar sobre a água e a ser amado por uma mulher. Tudo isso devia ser realizado usando sinais e padrões de letras cabalísticas.

Hoje a Igreja faz uma distinção clara entre as poucas cerimônias estritamente reguladas que pretendiam invocar poderes espirituais no contexto de um templo e todas as outras cerimônias que pretendiam invocar ou estabelecer contato com espíritos desencarnados que não estavam sob sua égide. Estas últimas eram rotuladas de "ocultas", o que em geral significa magia negra no jargão cristão moderno.

Na Idade Média, tal distinção não teria sido prática. Os rituais eram realizados sob a égide da Igreja para tentar garantir, por exemplo, boas safras ou o sucesso num duelo. O pão consagrado era visto como uma cura para os doentes e um preservativo contra a peste. Amuletos que davam proteção contra raios e afogamento eram feitos com velas da igreja. Tiras de papel trazendo fórmulas mágicas eram inseridas em telhados como proteção contra o fogo. Os sinos das igrejas podiam afugentar trovões e demônios. Maldições formais eram pronunciadas para afastar lagartas. A água benta era espargida nos campos para garantir uma boa colheita. Relíquias sagradas eram fetiches que operavam maravilhas. O batismo podia restaurar a visão a uma criança cega e a vigília por toda a noite nos santuários podia induzir a sonhos visionários e a curas que seguiam a tradição do "sono do templo" defendida por Esculápio.

Mais tarde os apologistas cristãos tentaram fazer uma distinção entre a prática legítima da Igreja, uma questão de suplicar a seres espirituais de nível superior que podiam concordar ou não com uma solicitação, e a magia concebida como um processo mecânico envolvendo a manipulação de forças ocultas. Mas isso envolve um mal-entendido. A magia também é um processo incerto de invocação de espíritos, inclusive alguns de níveis muito elevados.

Na Idade Média, todos acreditavam nestas hierarquias espirituais. Subjacente a toda prática da Igreja e fundamentando a prática espiritual, estava a crença de que repetir uma fórmula, como uma oração, ou realizar uma cerimônia tinha o poder de influenciar eventos materiais para o bem ou para o mal. Por meio destas atividades, as pessoas acreditavam poder se comunicar com as ordens de seres desencarnados que controlavam o mundo material.

Que a oração era eficaz, que a Providência recompensava os bons e punia os maus, eram crenças e experiências universais.

Embora a história fosse vista inquestionavelmente como um processo da Providência, não o foi de uma forma finalista. Deus tinha um plano para a humanidade que diferentes ordens de seres desencarnados e encarnados estavam ajudando a revelar, um plano codificado na Bíblia e elucidado pelos profetas. Mas era um plano que podia dar errado a qualquer momento.

A sexta-feira 13 ainda é lembrada como um dia maligno. Na sexta-feira 13 outubro de 1307, os reis do mundo finalmente passaram a erradicar influências esotéricas, temerosos de que estivessem crescendo muito além de seus controles.
Pouco antes do amanhecer, os senescais da França, agindo sob a ordem do rei francês Filipe o Justo, dirigiram-se aos templos e às hospedarias dos templários e prenderam cerca de 15 mil pessoas. No templo de Paris, o então grande centro financeiro da França, encontraram uma câmara secreta contendo um crânio, dois ossos de fêmur e uma mortalha branca - que é exatamente o que encontraremos se invadirmos um templo maçônico de hoje.
Só alguns cavaleiros - de La Rochelle, na costa atlântica - conseguiram fugir. Fugiram para a Escócia, onde viveram sob a proteção do rei rebelde, Robert the Bruce.
A Inquisição acusou os cavaleiros capturados de obrigar os noviços a cuspir e pisotear a cruz de Cristo. Também foram acusados de sodomia e adoração a um ídolo de cabeça de bode chamado Baphomet. Eles confessaram ver este ídolo com uma barba comprida, olhos cintilantes e quatro patas. Sob pressão de Filipe o Justo, o papa Clemente publicou um Decreto de Abolição, dando um fim aos cavaleiros templários e todos os ativos deles foram apreendidos pela monarquia.
Aparecendo diante de uma comissão papal, os cavaleiros disseram que confessaram sob tortura. Um certo Bernard de Vardo mostrou uma caixa de madeira em que guardava os ossos calcinados que tinham caído de seus pés enquanto eram tostados numa fogueira.
Qual era a verdade por trás dessas confissões?
Tive o privilégio de trabalhar com Hugh Schonfield, o grande erudito dos Manuscritos do Mar Morto, pouco antes de ele morrer. Schonfield muito fez Para explicar aos estudiosos cristãos as origens judaicas, subestimadas ou incompreendidas, do Novo Testamento. Schonfield sabia da cifra ATBASH, em que a primeira letra de um alfabeto é substituída pela última, a segunda pela Penúltima e assim por diante. Também sabia que esta cifra fora usada para criptografar mensagens no Livro de Jeremias e em

alguns Manuscritos do Mar Morto. O instinto o levou a experimentar a cifra na palavra Baphomet. Descobriu a palavra "wisdom", sabedoria, codificada em Baphomet.

A personificação da sabedoria que os templários confessaram comunga era, porém, o deus de cabeça de bode da sabedoria mundana. Desde a época de Zoroastro, as cerimônias de iniciação induziam estados alterados em que o candidato suportava provações apavorantes, era atacado por demônios e preparado para passar pelo pior que esta vida - e a vida após a morte - tinha a oferecer. Agora os engenhosos torturadores da Inquisição eram capazes de causar tal dor em suas vítimas que novamente elas entravam num estado alterado de consciência, e foi então que lhes apareceu mais uma vez o rei-demônio Baphomet, desta vez em triunfo.

Eles na verdade estavam enfrentando o pior que a vida e a morte tinham a oferecer.

19. LOUCOS DE AMOR

Dante, os trovadores e a paixão à primeira vista • Rafael, Leonardo da Vinci e os magos da Itália renascentista • Joana d'Arc • Rabelais e o caminho do louco

Na Florença de 1274, o jovem Dante viu pela primeira vez a linda Beatriz.
Foi amor à primeira vista.
Nos anais das sociedades secretas, esta é uma verdade histórica importante. Na história convencional, as pessoas se apaixonavam e se amavam romanticamente desde o início dos tempos. Faz parte de nossa composição biológica, segundo dizem. As odes de Píndaro e Safo são expressões de amor romântico.
A história secreta, porém, entende que estas odes dos gregos antigos são estritamente sexuais. Elas não exibem a dor irrefletida da separação, o prazer extático no aparecimento do amado e o olhar fixo que caracteriza estar apaixonado hoje em dia.
Dante escreveu de sua primeira vista: "Ela vestia um lindo e delicado manto carmim preso com um cinto e, no momento em que a vi, digo com toda sinceridade que o espírito que ama nas profundezas mais íntimas A meu coração começou a tremer de tal forma que dominou todo meu ser, (o início e o fim da felicidade de minha vida se revelara para mim." Mais tarde escreveu que, quando a viu pela primeira vez, pensou que por um milagre um anjo tinha se materializado na Terra. Seria um erro interpretar isso nos termos da convenção poética.
Na Divina Comédia, ele descreveu a sensação de estar totalmente absorto nos olhos dela e disse que a carga erótica que deles recebeu levou-o ao Paraíso. Novamente, isso não é mera fantasia poética. O erótico e o místico se entrelaçavam de uma forma nova no Ocidente.

Dante e Beatriz se casaram com outras pessoas e ela morreu jovem. O que hoje pensamos ser o amor romântico, com seus anseios místicos e senso de destino - a sensação de que devia ser assim —, deriva do fermento místico do islã. Assim como podemos entender que a compreensão caracteristicamente cristã do generoso amor ao próximo se desenvolveu a partir do conceito de graça dos profetas hebreus, agora a compreensão do sagrado pelo mundo moderno era iluminada por estados alterados de consciência alcançados por místicos sufis como Ibn Arabi. Seu revolucionário A interpretação dos desejos expressou o amor sexual em termos de amor divino. Os sufis expressaram um sentimento jamais sentido e assim criaram as condições para que todos sentissem o mesmo.

O instinto erótico tinha sido reprimido por mais de 1.000 anos. As energias sexuais foram canalizadas no desenvolvimento do intelecto humano. Na época de Tomás de Aquino e Bacon, esse desenvolvimento estava completo. Elaborada durante vigílias noturnas, a Summa Theologica de Aquino tem mais de 2 milhões de palavras e silogismos espremidos em seu texto, testemunhando a capacidade do inflexível foco intelectual que os maiores filósofos de hoje achariam difícil igualar.

Incitado por um impulso que vinha da Arábia, as pessoas começavam a ter um novo prazer no mundo material, um prazer sensual na luz, na cor, no espaço e no toque das coisas. O ponto de evolução da consciência humana passou das celas monásticas para o jardim dos prazeres. Um cintilar sexual se difundia por tudo.

A ocupação islâmica da Europa durou mais tempo na Espanha. Então, à medida que a brilhante civilização da Espanha mourisca se espalhava para o norte, esta nova forma de ser se difundia para o resto do mundo, primeiro pelo Sul da França.

No século XII, a Provença e o Languedoc tornaram-se a região mais civilizada da Europa. Poetas provençais chamados de trovadores adaptaram a poética árabe-andaluz, inspirados por seu esplendor erótico. Embora não fosse esotérico, The Wandering Scholars, de Helen Waddell, ainda é um relato clássico deste período de transição. Ela conta a história de um abade que cavalga com um jovem monge que pela primeira vez tem permissão para sair do

mosteiro. Quando passam por algumas mulheres na estrada, o abade diz:
- São demônios.
- Pensei - disse o jovem monge - que eram as coisas mais lindas que já vi.
O primeiro trovador a aparecer no curso da história exotérica foi Guillaume, conde de Poitiers e duque de Aquitânia, que começou a compor canções de amor ternas e ansiosas quando voltou das Cruzadas. Mas, embora tenha sido cortesão, este florescimento precoce se difundiu por todas as classes. Entre os trovadores, Bernart de Ventadorn era filho de padeiro e Pierre Vidal era filho de peleteiro. Talvez como resultado da influência de homens como estes, a poesia agora fosse cheia de objetos vernáculos - sapos, coelhos, maquinaria agrícola, tavernas, pombos em queda, espinhos crepitantes e um rosto aninhado sob um braço.
O poeta trovador Arnaud Daniel, a quem Dante descreveu como *il miglio fabbro*, gabava-se "da caça de lebres com um boi, reunindo os ventos e nadando contra a maré". Ele está falando, da maneira desordenada característica dos pensadores esotéricos, sobre os poderes que a iniciação lhe conferiu.
Além de atravessar as barreiras de classe, os trovadores reverteram a subjugação tradicional das mulheres aos homens. Na poesia do trovador, os homens se fazem escravos das mulheres. O casamento funcionaria como um agente de controle social, mas agora os trovadores estimulavam uma nova forma de amor que não era arranjada, mas espontânea, e podia fluir entre as pessoas de diferentes posições sociais.
O amor tornou-se subversivo, como as próprias sociedades secretas.
Estar apaixonado desta nova maneira fazia com que as pessoas se sentissem mais vivas.
Era uma forma nova e intensa de consciência. Na poesia amorosa dos trovadores, esta nova forma de ser podia ser alcançada se conseguíssemos passar por várias provações — atravessar o inferno e a maré alta, encontrar uma passagem pelo labirinto,

combater e abater feras selvagens. Era preciso resolver enigmas e escolher o cofre certo.

O romance da rosa foi a obra literária mais influente da época. Descreve um castelo cercado por um muro de sete lados – e portanto planetário – coberto de figuras emblemáticas. Só aqueles que conseguem explicar seu significado são admitidos no belo jardim de rosas.

Já pálido e torturado pela dúvida, o amante treme quando afinal pode ficar na presença da amada. Consumido, alcança um estado alterado de consciência que confere poderes sobrenaturais. Quem ama verdadeiramente sabe que os amantes estão de fato se tocando quando se olham fundo nos olhos.

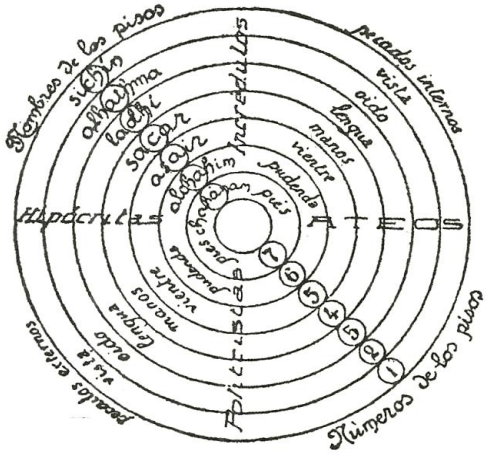
Em outras palavras, a experiência de se apaixonar não só foi introduzida pelos iniciados no curso da consciência humana como recebeu a estrutura profunda do processo de iniciação.

A literatura do trovador também é cheia do simbolismo da iniciação. O símbolo mais popular dos trovadores, a rosa, provavelmente tem origem no sufismo, onde era um símbolo, entre outras coisas, da entrada nos mundos espirituais e uma alusão evidente aos chakras. Na famosa história O rouxinol e a rosa, o pássaro representa o anseio pelo que há de divino no espírito humano. Também há aqui um nível inegavelmente sexual de significado, ligado às qualidades sensuais e carnais da rosa. A ubiqüidade da rosa na poesia de amor dos trovadores deve nos alertar para a presença de técnicas

esotéricas, talvez alquímicas - como acreditava Ezra Pound - de êxtase sexual. Guillaume de Poitiers escreveu: "Quero reter minha dama para renovar meu coração de tal modo que eu não possa envelhecer. Ele viverá cem anos na posse da alegria de seu amor."
O impulso por trás do nascimento da Renascença era sexual. Deixem-me esclarecer o que estou dizendo: a consciência humana foi transformada e passou a outro nível de evolução porque algumas pessoas realizaram o ato sexual de uma nova maneira.
Elas fizeram amor pela primeira vez.
Podemos pensar quando chegamos ao estado alterado de consciência que é o orgasmo ou este é antagônico ao pensamento? Podemos - e devemos — fazer a mesma pergunta a respeito de um êxtase místico.
Sociedades secretas e grupos heréticos como os cátaros, os templários e os trovadores estavam ensinando técnicas de êxtase místico. Seria a faculdade do pensamento humano, de difícil conquista, forte o suficiente para sobreviver a esses êxtases?

Na Divina Comédia, Dante levou o impulso erótico-espiritual do trovador a outro nível. Expandiu seu amor por Beatriz e abarcou todo o cosmo.
No início da Divina comédia, Dante descreve que ele estava perdido num bosque sombrio quando foi encontrado por Virgílio, um dos grandes iniciados do mundo antigo.
Virgílio levou Dante por um portal que trazia no alto as palavras "Abandone Toda Esperança Aquele que Aqui Entrar". Virgílio depois o leva a um inferno como aquele descrito na Eneida — contendo personagens que já virnn em nossa história. Eles cruzam o rio Aqueronte e entram no reino das sombras Encontram o juiz dos mortos, Minos, e Cérbero, o cão de três cabeças. Entram na cidade de Dis, com seus minaretes, encontram as três Fúrias e o Minotauro Andam pelas margens do lago de Sangue em que os violentos estão imersos inclusive Atila, o Huno. Atravessam a floresta das Harpias e a planície de areia escaldante. Encontram o famoso mago escocês Michael Scott, Nimrod e então no círculo mais profundo do

Inferno, Dante vê o que ele primeiro achou ser um moinho de vento. Eram na verdade as asas de Lúcifer.
Teria sido perfeitamente compreendido pelos contemporâneos de Dante que isso, a primeira parte de seu poema, descrevia uma viagem real aos subterrâneos - em outras palavras, que Dante havia passado por uma iniciação no subterrâneo. Ele talvez tivesse sido conduzido por uma série de provações e cerimônias como as que vimos que o cavaleiro Owen suportou em Donegal.



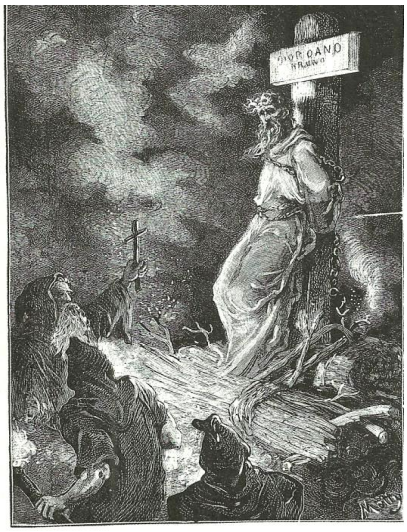
No mundo antigo, o inferno era concebido com sete camadas ou sete muros, assim como o labirinto de Minos descrito nas moedas cretenses. A mesma ideia é encontrada no relato de Orígenes do Ofitas com suas invocações aos sete demônios que guardam os sete portais do inferno. Porém, o modelo mais próximo para o relato de Dante na *Divina comédia* é agora conhecido como a narrativa do grande mestre sufi Ibn Arabi sobre a jornada de Maomé aos outros mundos no *Fotuhat*. Ilustração de uma das primeiras traduções.

"Virgílio" pode muito bem ter sido a máscara para o iniciador de Dante na vida real, um estudioso chamado Brunetto Latini. Ao viajar como embaixador da Espanha, Latini lá encontrou três sábios das tradições hebraica e árabe. Sua grande obra O livro do tesouro incluía ensinamentos ocultos sobre as qualidades planetárias de pedras preciosas. O não iniciado em geral não conseguia apreciar virtude iniciática da descrição do cosmo feita por Dante, que dizia que os círculos do inferno que descem em espiral na outra direção são caracterizados pelas propriedades planetárias. A obra de Dante foi escrita para ser interpretada em vários níveis diferentes - o astrológico, o cosmológico, o moral e até, dizem alguns, o alquímico.
Assim como o *Fotuhat* e um modelo anterior, o Livro dos Mortos egípcio, em certo nível a Divina comédia é um guia para a vida após a morte, em outro é um manual de iniciação. Num terceiro nível, é

um relato do modo como a vida no mundo material - e também após a morte - é concebida por estrelas e planetas.
A Divina comédia mostra que já estamos construindo um Purgatório, um Inferno, para nós mesmos em outra dimensão que cruza com nossa vida cotidiana quando acreditamos piamente nesta vida. Já estamos sofrendo, atormentados por demônios. Se não aspirarmos passar à espiral superior das hierarquias celestiais, se nos "contentarmos" com os sucessos e prazeres puramente terrenos, já estaremos no Purgatório.

O romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, tornou-se parte da consciência pública. Todos sabemos que Dorian, lindo e fútil, mantém uma pintura em seu sótão, que se deteriora e se tor-

Giordano Bruno executado no Campo dei Fiori em Roma. Em geral se supunha que Bruno foi queimado pela Igreja na fogueira por defender a visão científica moderna de que a Terra gira em torno do Sol. Na realidade, foram suas visões esotéricas que de fato assustaram a Igreja. Suas experiências dos mundos espirituais o levaram a afirmar que há uma infinidade de universos e dimensões encadeadas. Ele invocou a autoridade do "poeta pitagórico" Virgílio em apoio à sua crença de que o espírito humano pode viajar entre estes universos mas que por fim "desejaria voltar ao corpo", de acordo com as leis da reencarnação.



O romance O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, tornou-se parte da consciência pública. Todos sabemos que Dorian, lindo e fútil, mantém uma pintura em seu sótão que se deteriora e se torna monstruosa enquanto ele afunda numa vida de devassidão. No final do romance, a decadência na pintura de repente aflige Dorian. Segundo Dante, todos somos Dorians Grays criando-nos como monstros e elaborando castigos monstruosos para nós mesmos. O que torna a visão de Dante incomparavelmente superior à de Wilde é que ele mostra que cada um de nós cria um paraíso e um inferno dentro de si e também o que nossas iniquidades fazem na estrutura e na tessitura do mundo. Ele vira o mundo pelo avesso e revela os efeitos medonhos de nossos pensamentos mais íntimos e os feitos que mais escondemos. Segundo Dante, tudo o que fazemos ou

pensamos altera materialmente o universo. Umberto Eco chamou o poema de Dante de "a apoteose do mundo virtual".

Em 1439, um estranho misterioso chamado Gemistos Plethon esgueirou-se para dentro da corte de Cosimo de Medici, governante de Florença. Plethon levava os textos Gregos perdidos de Platão. Por obra do destino, ele também carregava vários textos neoplatônicos, alguns hinos órficos e, o que era mais intrigante, algum material esotérico supostamente datado do Egito das pirâmides.
Plethon vinha de Bizâncio, onde ainda prosperava uma tradição esotérica e neoplatônica que remontava ao início dos pais da Igreja, como Clemente e Orígenes - uma tradição que Roma reprimira. Plethon conseguiu incitar Cosimo com a idéia de uma linhagem de saber universal mas secreto que recuava até antes desses primeiros cristãos, a Platão, Orfeu, Hermes e os oráculos caldaicos. Ele falou a Cosimo sobre uma filosofia perene de reencarnação e encontros pessoais com os deuses das hierarquias, que podiam ser obtidos em cerimônias e no canto ritual dos Hinos de Orfeu.
Foi este apelo à experiência pessoal intensa que inspirou a Renascença. Cosimo de Medici empregara o erudito Marsilio Ficino para traduzir os documentos de Plethon, a começar por Platão, mas quando soube do material egípcio, Cosimo disse a Ficino para deixar Platão de lado e traduzir os documentos egípcios.
O espírito que Plethon introduziu na Itália com suas traduções de textos herméticos difundiu-se com rapidez entre a elite cultural. O apetite pela nova experiência, junto com uma relação renovada e vital com os mundos espirituais, é relatado pelo mago italiano Giordano Bruno. Ele escreve de um amor que provoca "suor excessivo, gritos que ensurdecem as estrelas, lamentos que reverberam nas cavernas do Inferno, torturas que afligem de estupor o espírito vivo, suspiros que fazem os deuses desmaiarem de compaixão, e tudo isso por aqueles olhos, aquela brancura, aqueles lábios, aquele cabelo, aquela reserva, aquele sorriso curto, aquele olhar de esguelha, aquele Sol eclipsado, aquela repulsa, aquele dano e aquela distorção da natureza, uma sombra, um fantasma,

um sonho, um encantamento tentador colocado a serviço da geração (...)".
Esta é uma nova nota na literatura.
A literatura da Renascença é iluminada por estrelas e planetas. Os grandes escritores da Renascença italiana invocaram esta energia pelo uso inteligente e diligente da imaginação. Assim como Helen Waddell, Francês Yates não era esotérica - ou, se era, não deu nenhuma pista em seus escritos - mas graças à sua pesquisa meticulosa e à análise brilhante, e as dos estudiosos do Instituto Warburg que seguiram seus passos, temos uma compreensão detalhada das descobertas esotéricas da Renascença e de como inspiraram as artes plásticas e a literatura. As traduções dos textos herméticos por Marsilio Ficino falavam da formação de imagens em termos esotéricos: "Nosso espírito, se absorto na obra e nas estrelas por intermédio da imaginação e da emoção, une-se ao espírito do mundo e aos raios das estrelas por meio dos quais o mundo espiritual age." O que Ficino está dizendo é que se você imaginar com a maior plenitude e nitidez que puder os espíritos dos planetas e os deuses estelares, então, como consequência deste ato de imaginação, o poder do espírito pode fluir por você.
Vimos no capítulo anterior que a Idade Média foi uma era de muita magia. Em seguida, pensadores esotéricos e ocultistas começaram a construir imagens em suas mentes nas quais deuses e espíritos podiam habitar e ali viver, da da mesma maneira que antes os construtores de templos e centros de Mistérios do mundo antigo produziam objetos, como estátuas, para que os seres desencarnados usassem como corpos. Na Itália, os artistas da Renascença que tinham crenças esotéricas começaram a recriar as imagens mágicas de suas mentes com tinta e pedra.

Rafael: *Madona e menino.*

Na Idade Média, a disseminação de manuais de magia foi uma atividade inteiramente clandestina e subcultural. A literatura hermética mais amplamente publicada na Renascença dava instruções de como construir talismãs com o fim de atrair as influências dos mundos espirituais que foram apreendidas pelos artistas da época. A literatura hermética explicava que as influências ocultas podiam ser mais eficazes se fossem constituídas de metais adequados ao ser espiritual invocado — ouro para o deus do Sol, por exemplo, prata para o deus da Lua. As cores, formas, hieróglifos e outros sinais particulares de novo se revelavam simpáticos a determinados seres desencarnados.

Um crítico de arte falou da predileção de Sandro Botticelli "por tons menores" e por cores mais leves, o que sugere uma qualidade etérea, como se ele estivesse descrevendo seres de outro reino que ainda não se materializaram inteiramente. Podemos ver a influência de Ficino na pintura de Botticelli popularmente conhecida como a Primavera, que ilustra o processo da criação da matéria conforme as emanações sucessivas das esferas planetárias da mente cósmica. A primavera em si mostrava uma propensão extraordinária a viver e respirar na mente daqueles que viram a pintura desde então.

Os artistas neoplatônicos da Renascença achavam estar redescobrindo segredos antigos. Seguindo Platão, acreditavam que todo aprendizado era um processo de lembrança. Nossa mente é uma protrusão da grande mente central cósmica no mundo material. Tudo o que foi vivido ou pensado na história está nos bancos de dados da mente cósmica — ou talvez, para ser mais exato, vive agora numa espécie de eternidade.
Se Platão tinha razão, este livro já está dentro de você!

É com a Alta Renascença italiana que chegamos à idéia do gênio eminente - não só Botticelli, mas Leonardo da Vinci, Rafael, Michelangelo. O gênio é alguém totalmente isolado de nós pela magnificência e clareza de suas visões, e talvez seja adequado que este florescimento tenha acontecido na Itália, pois foi uma continuação da tradição de visões extáticas de Joaquim e São Francisco.
Assim como os santos, os grandes artistas às vezes eram porta-vozes de grandes seres espirituais. De acordo com a tradição esotérica, o pintor Rafael foi diretamente inspirado pelo arcanjo Rafael. A mão que pintou as obras-primas tinha orientação divina.
Mas há uma tradição mais estranha e misteriosa - de que a individualidade que encarnou como Rafael tinha antes encarnado como João Batista. Segundo Steiner, isso explica por que Rafael não produziu pinturas importantes sobre eventos posteriores à morte de João Batista. Suas obras-primas, que retratam a Madona e o menino com uma qualidade estranha e singularmente atraente, foram na realidade pintadas de memória.

Muitos magos moravam na Itália durante a Alta Renascença. Em geral trabalhavam dentro das fraternidades fechadas do ateliê de um artista, onde o artista e o progresso espiritual podiam ser guiados e seguir de mãos dadas. Por exemplo: o matemático e hermetista Lucas Pacioli, o primeiro a escrever abertamente sobre a fórmula secreta por trás do pentagrama venusiano, foi um dos mestres de Da Vinci na "proporção divina".

Outro mago que sabemos que teve influência sobre Da Vinci (porque este possuía alguns de seus livros e o mencionou em suas anotações) foi um arquiteto de uma geração anterior. Leon Battista Alberti foi o arquiteto do Palácio Rucellai, em Florença, um dos mais antigos prédios clássicos da Itália renascentista, e da fachada de Santa Maria Novella, também em Florença. Ele também era autor de um dos livros mais estranhos em italiano: Hypnerotomachia Poliphili, a história protossureal de Poliphilo (o título pode ser traduzido aproximadamente como "o amante de muitas coisas em sua luta pelo amor em um sonho").

O herói desperta no dia em que tem de partir para uma aventura, mas tem um sonho. Ele persegue a amada por uma estranha paisagem habitada por dragões e outros monstros, através de um labirinto que o leva a construções maravilhosas que são meio de pedra, meio de organismos vivos. O interior de um templo, por exemplo, aparece como as vísceras do mesmo. Alberti era obcecado pela natureza e pelas formas naturais, e as incorporava de maneira muito incomum em seu trabalho. Quando vemos, por exemplo, duas versões da Virgem das Pedras, esta mesma obsessão aparece nas formas espiritualmente expressivas da paisagem, um exemplo claro da influência de Alberti sobre Leonardo da Vinci.

A história se desdobra com a lógica de um sonho. Em certo nível, Hypnerotomachia é um manifesto da arquitetura. Alberti propõe que a nova arquitetura da Renascença, em cuja criação ele foi fundamental, tenha a lógica de um sonho; em vez de seguir os precedentes de forma servil e inibida, os arquitetos deviam operar num novo estado mental livre, em que nada é proibido, em que os arquitetos deixam-se ser inspirados pelas combinações de formas que podem sugerir os estados alterados de consciência. Alberti está recomendando, assim, uma espécie de experimento controlado de pensamento como forma de facilitar uma nova forma de pensar - e não só na arquitetura.

O fato de a canalização de energias sexuais estar envolvida torna-se claro no final da história, quando o herói finalmente é unido à sua amada numa série de ritos místicos no Templo de Vênus. Sua

amada é solicitada pela sacerdotisa a agitar um recipiente com uma tocha em chamas. Isso provoca um estado de transe em Poliphilo.

Ilustração do *Hypnerotomachia*. Aqui podemos ter um eco da translação da vida vegetal para a animal, como ensina a história secreta.

Depois é acesa uma bacia em formato de concha, cheia de esperma de baleia, almíscar, óleo de cânfora, óleo de amêndoa e outras substâncias, pombos são sacrificados e ninfas dançam em volta do altar. Quando a bela amada é solicitada a esfregar o chão em torno da base do altar, o prédio todo entra em convulsão e uma árvore irrompe de cima do altar. Poliphilo e a amada provam do fruto desta árvore. São transportados para um estado ainda mais elevado de consciência. O poder vulcânico da libido foi canalizado pela sacerdotisa-iniciada de modo que foram subvertidas todas as regras proibidas de comportamento, de moralidade e de criatividade, incluive as leis da natureza.

Talvez a mais misteriosa de todas as obras-primas da Renascença italiana seja a Mona Lisa. Quem consegue explicar seu poder? O grande crítico de arte e esoterista do século XIX Walter Pater escreveu sobre a obra: "Sua cabeça é aquela sob a qual os fins do mundo surgem' e as pálpebras são um tanto fatigadas. É beleza forjada da carne, depositária, célula por célula, de estranhos pensamentos, devaneios fantásticos e intensas paixões (...). Ela é mais velha do que as rochas entre as quais se assenta, (...) foi morta muitas vezes e aprendeu os segredos do túmulo, mergulhou em mares mais profundos e continua sua queda dia após dia (...)."

Pater talvez esteja sugerindo o que ele sabe. A Mona Lisa é na verdade mais antiga do que os deuses.

A *Mona Lisa* talvez seja a imagem mais reproduzida na história da pintura, aqui numa gravura do século XIX. Em seu *Tratado de pintura*, Da Vinci recomenda que o artista se coloque num estado de receptividade e olhe imaginativamente para rachaduras e manchas nas paredes velhas que possam evocar – ou invocar – deuses e monstros.

Vimos anteriormente que a Lua se separou da Terra a fim de refletir o Sol na Terra I e possibilitar a reflexão humana. Vimos também que em 13.000 a.C. Ísis retirou-se da Terra para a Lua com o objetivo de se tornar senhora deste processo de reflexão. No início do século XV, após o cosmo gastar éons tentando criar condições que possibilitem a reflexão no sentido que entendemos hoje, ela enfim surgiu. A obra-prima de Leonardo da Vinci é um ícone na história humana porque registrou o momento deste passo na evolução da consciência. No rosto da Mona Lisa vemos pela primeira vez a profunda alegria de alguém que explora a vida interior. Ela é livre para se desligar do premente mundo dos sentidos e se deixar levar. Ela tem o que J. R. R. Tolkien em outro contexto chamou de um olho interior desimpedido, móvel, desligado".

A Mona Lisa, então, cria um espaço mágico em que pode habitar o espírito de Isis. claro que é quase impossível ficar sozinho no Louvre com a Mona Lisa mas, como 'O Lohan' no British Museum, ela foi criada para, caso comunguemos com ela, falar conosco.

Longe do brilho e da magnificência da corte da Renascença italiana no Norte pouco sofisticado da Europa, outro espírito se fazia sentido. Aos 12 ou 13 anos de idade, uma menina que morava em um chalé simples e rústico na França, no arborizado vale do Loire, começou a ouvir vozes e ter visões. O arcanjo Miguel apareceu para Joana e lhe disse que ela teria guias espirituais. A menina relutou em concordar, dizendo que preferia ficar junto da mãe. Mas as vozes tornavam-se cada vez mais insistentes. Contaram-lhe sua missão. Quando um exército inglês invasor parecia prestes a tomar a cidade de Orleans, elas lhe disseram para ir à cidade vizinha de Chinon e encontrar o delfim, herdeiro do trono da França, e dali levá-lo para ser coroado na catedral de Rheims.
Joana ainda era pouco mais do que uma criança quando chegou à corte do delfim. Ele lhe pregou uma peça, deixando que um cortesão sentasse no trono fingindo ser ele, mas Joana viu a verdade e se voltou diretamente para o delfim. Convencido por Joana, ele a equipou com um cavalo branco e uma armadura branca, à qual usou sobre a sela por seis dias e noites sem descanso.
Joana teve uma visão de uma espada escondida numa igreja. A espada que ela descreveu — com três cruzes distintas — foi descoberta atrás do altar da igreja próxima de Sainte-Catherine-de-Fierbois.
Como acontece ocasionalmente na história, quando grandes seres dos mundos espirituais colocam em ação seus poderes em um determinado indivíduo, ela não podia ser contestada. Nada podia detê-la, embora estivesse em situação bastante inferior.
Quando em 28 de abril de 1429 Joana chegou aos arredores de Orleans, agora ocupada pelo inimigo, as tropas inglesas bateram em retirada diante da jovem e de seu pequeno bando de adeptos. Só quinhentos deles derrotaram um exército inglês de milhares de

homens de uma forma que o capitão de Joana descreveu como miraculosa.
Por insistência de Joana, o delfim foi coroado rei da França em Rheims. Sua missão fora cumprida em menos de três meses.
É difícil pensar em um exemplo mais claro da influência dos mundos espirituais no curso da história mundial. George Bernard Shaw, que era profundamente interessado na filosofia esotérica, escreveria que "por trás dos acontecimentos havia forças evolutivas que transcendem nossas necessidades comuns e usam as pessoas para fins mais transcendentes do que manter essas pessoas vivas, prósperas, respeitáveis, seguras e felizes".
Traída por seu próprio povo, Joana foi vendida aos ingleses. Foi interrogada sobre suas vozes. Respondeu que às vezes eram acompanhadas por visões e luzes fortes, que elas a aconselhavam, alertavam-na e lhe davam instruções detalhadas, em geral várias vezes ao dia. Joana também podia pedir seus conselhos e recebia respostas minuciosas para suas perguntas.
Tal familiaridade tranqüila, essas comunicações tão profundas e detalhadas com os mundos espirituais fora da égide da Igreja, foi caracterizada como bruxaria e em 30 de maio de 1430 Joana foi queimada numa fogueira no mercado de Rouen, ao norte da França. Um soldado inglês virou-se para outro e disse: "Queimamos uma santa."
Foi como se os grandes poderes espirituais que a tornaram inviolável agora a desertassem e de repente as forças de oposição se precipitassem sobre ela para sobrepujá-la.
Os ingleses a consideravam uma inimiga, mas, de acordo com a perspectiva da história secreta, seria a Inglaterra que mais se beneficiaria das ações de inspiração divina de Joana d'Arc A França e a Inglaterra estavam presas em conflito havia centenas de anos e, embora na época a Inglaterra tivesse a vantagem do ponto de vista militar, era dominada culturalmente, em sua língua e literatura, pelos franceses. Sem o corte de Joana entre França e Inglaterra, não teria sido possível a contribuição particularmente inglesa para a história do mundo — o realismo psicológico de Shakespeare e a filosofia tolerante e desprendida de Francis Bacon.

O pintor Albrecht Dürer estava voltando para a Alemanha depois de uma viagem à Itália, onde foi iniciado no saber esotérico das guildas de pintores. Visões estranhas do Apocalipse começaram a inspirar suas xilogravuras. Ele também pintaria um retrato de si como iniciado, segurando um cardo em flor, cintilando de orvalho, o suor das estrelas, como um sinal de que seus órgãos de visão espiritual estavam se abrindo para um novo amanhecer.
No caminho, parou para pintar um amontoado de turfa. Esta aquarela foi a primeira natureza-morta já pintada. Não havia nada que levasse a isso na história da arte. Antes de Dürer, ninguém realmente olhara uma pedra e um monte de relva de uma forma a que hoje damos valor.
A viagem de Dürer também deve ser vista como um sinal de que o impulso para a evolução da consciência humana estava se transferindo para o Norte da Europa. Os habitantes do Norte se viam em desvantagem com relação aos países mais rigorosamente católicos do Sul. Novos desenvolvimentos políticos viam a ascensão de estados do Norte, agora poderosos, que se tornariam veículos para novas formas de consciência.

François Rabelais, nascido perto do final do século XV, andava pelas ruas estreitas de Chinon cerca de cinqüenta ou sessenta anos após as pegadas de Joana terem desaparecido. Sua vida e obra é animada pelo espírito dos trovadores. Enquanto Dante, habitante do sul, havia escrito almejando altitudes espirituais, todo prazer de Rabelais parece estar no mundo material, pelo menos à primeira vista. Seu grande romance Gargântua e Pantagruel conta histórias de gigantes que criam tumultos pelo mundo, causando estragos com seus apetites gigantescos. A alegria obtida com objetos cotidianos que foi característica dos trovadores agora recebia uma nova leitura de Rabelais. Gargântua contém uma longa lista de objetos que se pode usar para limpar o traseiro, incluindo a máscara de veludo de uma dama, o casquete de um pajem, emplumado ao estilo suíço, um gato, sálvia, funcho, folhas de espinafre, lençóis, cortinas, um frango, um corvo marinho e uma lontra.

Rabelais. *Gargântua* contém uma longa lista de objetos que se pode usar para limpar o traseiro, incluindo a máscara de veludo de uma dama, o casquete de um pajem, emplumado

Em *The Zelator*, de David Ovason, meu amigo Mark Hedsel é citado fazendo uma análise fascinante da iconografia do Louco, cuja imagem aparece no frontispício da primeira edição de *Gargântua e Pantagruel*, de 1532, e também, é claro, no tarô. O Louco está seguindo "o Caminho sem nome". O bastão em seu ombro representa a dimensão vegetal de seu ser, que fica entre a parte espiritual e a parte animal, abaixo, onde o cachorro que morde sua perna representa elementos animais impenitentes e corrompidos. A parte impenitente do corpo vegetal é representada pelo fardo carregado no saco. Seu chapéu de três pontas alude aos corpos superiores que ele ainda não evoluiu – os corpos animal, vegetal e mineral transformados – e seu olhar para o alto representa esta aspiração. Se sua barba representa um puxão para baixo, o golpe ascendente de seu chapéu mostra o Terceiro Olho no ponto de abertura.

A longa luta para despertar para o mundo material, que começou com Njoé, afinal é concluída e o resultado é puro deleite. O amor pela luz e pelo riso, por comida e bebida, pelas lutas e por fazer amor impelem sua prosa rica e confusa. Nas páginas de Rabelais, o mundo não é o lugar terrível que a Igreja fez parecer. Ali, parece pouco saudável a filosofia de negação do mundo defendida pela Igreja. "Sorria e enfrente com ousadia o que vier", disse Rabelais. O riso, a alegria e o bom humor eram uma cura para a mente e o corpo. Ambos podiam ser transformados.

Rabelais ama o mundo e em seus escritos andam de mãos dadas o amor aos objetos e o amor às palavras. Uma profusão de coisas e a cunhagem de novos termos transbordam das páginas. Mas há uma furtiva tendência iniciática para os que procuram por ela. Rabelais é um místico, mas não ao estilo sobrenatural da Idade Média.

Os trovadores escreveram sobre a loucura de estar apaixonado e alguns escreveram sobre si mesmos como loucos e insanos. Por isso eles queriam dizer que tinham encontrado novos caminhos para os mundos espirituais e que, quando voltaram, viram a vida pelo avesso.

Para os trovadores, a realidade cotidiana parecia muito diferente, e Rabelais transformou essa nova maneira de ver em uma narrativa, criando um estilo subversivo de humor que se tornaria característico de escritores iniciáticos como Jonathan Swift, Voltaire, Lewis Carroll e André Breton. Além de descobrir que era capaz de tumultuar os mundos espirituais com a liberdade recém-encontrada, Rabelais é incapaz de levar a sério os pressupostos das pessoas sobre isso - suas convenções, sua moralidade - quando volta ao mundo material. Em sua história, os heróis encontram a Abadia de Thelema, que tem a instrução "Faça o que tiverdes vontade" inscrita no alto de seu portão. Rabelais imaginou uma companhia de iniciados cuja consciência é tão transformada que eles estão além do bem e do mal.

No final de Gargântua e Pantagruel, depois de muitas viagens de exploração por muitos mares, durante as quais viram muitas maravilhas, lutaram com homens-felinos, exércitos de salsichas e gigantes que devoravam moinhos, nossos heróis chegam enfim a uma ilha misteriosa. O alquimista do século XX Fulcanelli explicou que por esta chegada Rabelais deseja dizer que seus heróis estavam entrando na Matriz.

O humor iniciático aviva-se nesta imagem notadamente sombria do Louco de Jacob Jordaens. Como seus companheiros artistas holandeses Rubens e Rembrandt, Jordaens estava profundamente imerso na Cabala. O chapéu do louco imita a letra *shin* do hebraico, que, inserida no Tetragrammaton, ou nome sagrado de Deus para o cabalista Johan Reuchlin, gera o nome YHSLVH ou Jesus. Também simboliza seus três dentes de forcado, a espiritualização dos três corpos do homem – animal, vegetal e mineral.

Eles são levados a uma câmara de iniciação em um templo subterrâneo. As histórias de idas ao subterrâneo sempre nos alertam para uma referência à fisiologia oculta. A viagem ao subterrâneo é uma viagem para dentro do corpo.

Na parte central e mais funda do templo há uma fonte sagrada de vida. Fulcanelli observou que Rabelais permitiu que seus interesses esotéricos e alquímicos viessem à tona nesta descrição da fonte, com suas sete colunas dedicadas aos sete planetas. Cada deus planetário porta as pedras, metais preciosos e símbolos alquímicos adequados. Uma figura de Saturno pende sobre uma coluna com uma foice e um grou a seus pés. Mais revelador, Mercúrio é descrito como "fixo, firme e maleável", isto é, semissolidificado no processo de transmutação alquímica.

O que jorra desta fonte ou o que bebem nossos peregrinos — que é como devemos pensar neles, agora percebemos — é vinho. "Beber é o caráter que distingue a humanidade," escreve Rabelais, "quero dizer por isto beber o vinho frio e delicioso, pois devem saber, meus amados, que pelo vinho tornamo-nos divinos, pois está em seu poder encher o espírito de verdade, aprendizado e filosofia". Em uma fisiologia oculta oriental, o vinho é usado como símbolo das secreções no interior do cérebro que fluem para a consciência nos estados de êxtase. No século XX, alguns cientistas indianos chegaram a sugerir que o "vinho", nos textos védicos, refere-se ao que hoje chamamos de dimetiltriptamina, a enzima que é secretada das regiões superiores do cerebelo, a que já aludimos em nossa discussão do xamanismo. Swami Yogananda também falou de secreções neurofisiológicas que chamou de alegre amrita, o néctar palpitante de imortalidade que gera momentos de consciência elevada e nos permite perceber diretamente as grandes idéias que urdem o mundo material.

"Ah, Senhor", escreveu o mestre sufi e xeque Abdullah Ansari, "inebriai-me com o vinho de Vosso amor."

20. O HOMEM VERDE POR TRÁS DOS MUNDOS

Colombo Dom Quixote • William Shakespeare, Francis Bacon
e o Homem Verde

Em 1492, quando chegou À foz do Orinoco Cristóvão Colombo acreditava ter encontrado o Gihon, um dos cinco rios que correm no Éden. Ele escreveu para seu país: "Há fortes indicações sugerindo a proximidade do Paraíso terrestre, pois não só em posição matemática ele corresponde às opiniões dos teólogos sagrados e eruditos como todos os outros sábios concordam com essa probabilidade."

O impulso de descobrir tudo sobre o mundo, que inspiraria a revolução científica, também estava inspirando o homem a empreender viagens de exploração. Jamais foi tão forte o assombro com o mundo material.

A esperança de descobrir um Novo Mundo ligava-se inextrincavelmente às expectativas de uma nova Era de Ouro, mas o ouro encontrado mostrou-se ser do tipo terreno.

Muito se disse das ligações de Colombo com os cavaleiros templários. Ele era casado com a filha de um ex-grão-mestre dos Cavaleiros de Cristo, ordem portuguesa criada depois que os templários se tornaram clandestinos. Observou-se que Colombo navegou barcos cujas velas traziam a cruz vermelha característica dos templários. Mas a realidade é que os Cavaleiros de Cristo não procuravam o mesmo contato independente com os mundos espirituais que levaram o papado a adotar medidas tão desesperadas no caso dos templários. Como aconteceu com outras ordens criptotemplárias, como os Cavaleiros de Malta, Roma adotava a mística poderosamente glamorosa dos cavaleiros templários originais e a usava para seus próprios fins.

Colombo escreveu à rainha Isabel expressando suas esperanças de que teria encontrado um "tonel de ouro" que financiaria a

reconquista de Jerusalém. Isabel e seu marido, Fernando, haviam conseguido reconquistar Granada recentemente, entregando a Espanha de volta à Igreja. Colombo não sabia que o ouro seria usado para financiar uma guerra contra um inimigo mais próximo, cuja força aumentava com rapidez - um inimigo com direito a ser chamado de herdeiro espiritual dos cavaleiros templários.
As linhas de batalha para controlar o mundo foram traçadas, não só em termos geopolíticos mas nos mundos espirituais. Seria uma batalha por todo o espírito da humanidade.

Cervantes e Shakespeare foram praticamente contemporâneos exatos.
Dom Quixote, o cavaleiro já em idade avançada que combate moinhos de vento acreditando que eram gigantes e que vê em uma camponesa acocorada comendo alho a linda donzela aristocrata, chamada Dulcineia, dos contos de cavalaria, pode em princípio parecer personagem de uma comédia pastelão. Mas, à medida que a história avança, seu tom muda e o leitor sente certa magia em operação.
Em certo nível, Dom Quixote está tentando insistir nos antigos, e em extinção, ideais nobres da Idade Média. Em outro, está entrando em sua "segunda infância", voltando a uma época em que o imaginário parecia muito mais real. Evidentemente, a questão é que o imaginário é mais real na filosofia esotérica. Com base em uma análise textual rigorosa, alguns estudiosos espanhóis afirmaram que Dom Quixote é um comentário alegórico do Zohar cabalístico (ou o Livro do esplendor).
Em determinado nomento da história, Dom Quixote e seu servo realista Sancho Pança são ludibriados por Merlin a acreditar que a bela Dulcineia foi enfeitiçada, de modo que parece uma camponesa acocorada. Aparentemente, a única maneira de ela recuperar a beleza é Sancho Pança se submeter a 3.300 chibatadas. Em breve voltaremos a examinar a importância do número 33.
Há um relato de iniciação no cerne do romance. Marca o ponto em que comédia simplista dá lugar a algo mais perturbador e ambíguo.

Refiro-me ao estranho episódio da descida de Quixote à caverna de Montesinos...
Sancho Pança prendeu uma corda de centenas de braças de extensão ao gibão de seu senhor, depois o abaixou pela boca da caverna. Dom Quixote abre caminho por amoreiras, roseiras-bravas e figueiras, desalojando corvos e gralhas.
No fundo da caverna, Quixote não consegue deixar de cair em sono profundo. Desperta e se vê numa linda campina. Mas, ao contrário de um sonho, ele pode pensar de forma razoável...
Ele se aproximou de um vasto palácio de cristal, onde foi recebido por um velho estranho com um capuz de cetim verde, que se apresentou como Montesinos. Este homem, evidentemente o mago do palácio transparente, disse-lhe que ele era esperado há muito tempo. Levou Quixote a uma câmara em um andar inferior e lhe mostrou um cavaleiro deitado num sepulcro de mármore. Este cavaleiro tinha sido enfeitiçado por Merlin, disse-lhe Montesinos. Além disso, disse ele, Merlin havia profetizado que ele, Dom Quixote, quebraria o feitiço e assim reviveria o cavaleiro errante...
Dom Quixote voltou à superfície e perguntou a Sancho Pança quanto tempo ficou no interior da caverna. Ao ouvir que não fora por mais de uma hora, Dom Quixote discordou e disse que passara três dias no subterrâneo. Contou que viu o que viu e tocou o que tocou.
Está dizendo as coisas mais tolas possíveis", disse Sancho Pança.
O romance todo é um jogo sobre encantamento, ilusão, desilusão e acerca de um nível mais profundo de encantamento. Deve ser lido como uma série de parábolas em que o significado nunca é explícito e jamais fica claro. Mas o nível mais profundo de significado tem a ver com o papel da imaginação na formação do mundo. Dom Quixote não é apenas um butão. E alguém que deseja muito ter suas perguntas mais íntimas respondidas. Mostram-lhe que a realidade material é apenas uma das muitas camadas de ilusão e que estas são formadas por nossas imaginações mais profundas. A implicação é que se pudermos localizar a fonte secreta de nossa imaginação, conseguimos controlar o fluxo da natureza. No final do romance, Quixote mudou sutilmente seu ambiente.

Vimos antes que preferimos ver as boas qualidades do amado quando estamos apaixonados. Vimos como nossa generosidade ajuda a realçar essas qualidades e as tornam mais fortes. O contrário também é verdadeiro. Aqueles qUe desprezamos, tornam-se desprezíveis.
Uma escolha semelhante nos confronta quando contemplamos todo o cosmo. Cervantes estava escrevendo em um momento decisivo da história, em que as pessoas não tinham mais certeza de que o mundo era um lugar espiritual, com bondade e significado em seu âmago. O que Cervantes está dizendo é que se decidirmos de bom coração, como Dom Quixote, acreditar na bondade essencial do mundo, apesar dos golpes da sorte, apesar da tendência cômica das coisas que parecem contradizer essas crenças espirituais e torná-las tolas e absurdas, essa decisão de acreditar transformará o mundo - e também de uma forma sobrenatural.
Dom Quixote é inconseqüente em sua generosidade. Ele segue um caminho extremo e doloroso. Foi chamado de o Cristo espanhol e o efeito de sua jornada na história do mundo foi tão significativo que ele parece ter de fato vivido.

Cervantes morreu em 23 de abril de 1616, mesma data do falecimento de Shakespeare.
Os esparsos vestígios deixados por William Shakespeare nos registros escritos rendem poucos dados definitivos. Sabemos que nasceu no vilarejo de Stratford-upon-Avon em 1564, que foi educado na escola do vilarejo, tornou-se aprendiz de açougueiro e foi pego furtando. Saiu de Stratford e foi para Londres, onde se tornou artista de menor importância numa companhia de teatro patrocinada de Francis Bacon. Muitas peças de sucesso, cujas versões publicadas trazem seu nome, foram apresentadas pelo grupo. Morreu deixando em testamento seu segundo melhor leito para sua esposa.
O dramaturgo Ben Jonson, contemporâneo dele, disse ironicamente que Shakespeare sabia "pouco latim e ainda menos grego". Como um homem desses pode ter criado uma obra saturada de toda a erudição da época?

Muitos contemporâneos de renome foram sugeridos como o verdadeiro autor das peças de Shakespeare, inclusive seu patrono, o conde de Oxford, Christopher Marlowe (com base na teoria de que ele não foi realmente assassinado em 1593, quando as peças de Shakespeare começaram a aparecer), e posteriormente o poeta John Donne. Uma estudiosa americana, Margaret Demorest, observou as estranhas ligações entre Donne e Shakespeare, a semelhança de seus retratos, a similaridade nos apelidos, "Johannes Factotum" para Shakespeare e "Johannes Factus" para Donne, estranhas idiossincrasias na ortografia - os dois usam "cherubin" para "cherubim", por exemplo — e a coincidência de as publicações
de Donne terem começado a aparecer quando as de Shakespeare cessaram.

Mas o candidato mais popular é Francis Bacon.

Criança prodígio, Bacon nasceu numa família de cortesãos em 1561. Aos 12 anos, a mascarada que ele escrevera, O nascimento de Merlin, foi apresentada à rainha Elizabeth I, que o chamava afetuosamente de seu pequeno Lorde Protetor.

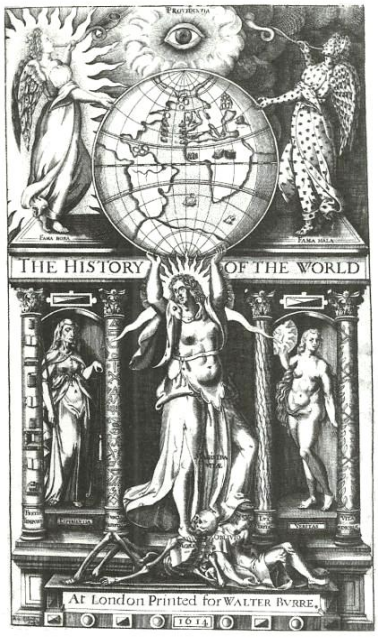
Bacon era uma criança pequena, fraca e enfermiça e seus colegas de escola zombavam dele, chamando-o por um trocadilho com seu nome, Hamlet, ou "pequeno canastrão". Foi educado em Oxford e, apesar do carinho da rainha por ele no passado, teve suas ambições políticas repetidamente obstruídas. Concebeu a ambição de fazer de si um "império do aprendizado", adquirindo cada ramo de erudição conhecido do homem. Seu brilhantismo intelectual era tal que ele passou a ser conhecido como o "prodígio dos tempos". Escreveu livros que dominaram a vida intelectual da época, inclusive O progresso do saber, o Novum Organon, em que ele propôs uma abordagem nova e radical para o pensamento científico, e Nova Atlântida, em que apresenta a visão de uma nova ordem mundial. Em parte inspirado pela visão platônica da Atlântida, tal concepção se revelaria muito influente em grupos esotéricos no mundo moderno. Quando Jaime I chegou ao trono, Bacon logo atingiu seu objetivo há muito ansiado e se tornou Lord Chancellor, o presidente da Câmara dos Pares, o então segundo cargo mais poderoso do

planeta. Uma das responsabilidades de Bacon era a distribuição de terras no Novo Mundo.
O brilhantismo de Bacon era tanto que parecia abranger o mundo inteiro. Ele era um candidato melhor para a autoria das peças de Shakespeare do que o próprio Shakespeare.
Bacon era membro de uma sociedade secreta chamada a Ordem do Elmo. Em O progresso do saber, escreveu sobre uma tradição de transmissão de parábolas numa sucessão de gerações e com elas os significados ocultos dos "segredos das ciências". Admitiu que estava fascinado com os códigos secretos e as cifras numerológicas. Na edição de 1623 de O progresso do conhecimento, aplicou o que chama de cifra bilateral — que mais tarde se tornaria a base do código Morse.
É interessante observar que seu código preferido era a antiga "cifra caba lística", segundo a qual o nome "Bacon" tinha o valor numérico 33. Usando esta mesma cifra, a expressão "Fra Rosi Crosse" pode ser encontrada codificada no frontispício, na página de dedicatória e em outras páginas importantes de O progresso do conhecimento.
E, usando esta cifra, a mesma expressão rosa-cruz também pode ser encontrada na dedicatória do fólio de Shakespeare, na primeira página de A tempestade e no monumento a Shakespeare em Stratford-upon-Avon. O pergaminho no Shakespeare Memorial na Abadia de Westminster também a apresenta, junto com o número 33, que acabamos de constatar ser o número de Bacon.

Para entender a solução dada pela história secreta a este mistério é necessário primeiro examinar a obra.
As peças de Shakespeare lidam com estados alterados, com a loucura do amor. Hamlet e Ofélia descendem dos trovadores. Existem tolos sábios - como Festa em Noite de reis. No tolo de Lear, o bufão parecido com Cristo que diz a verdade quando ninguém mais se atreve a isso, o tolo dos trovadores chega à apoteose.
Os personagens Gargântua, Dom Quixote e Sancho Pança habitam a imaginação coletiva. Ajudaram a dar forma a nossas atitudes na vida. Mas como mostrou Harold Bloom, professor de ciências humanas da Universidade de Yale e autor do livro Shakespeare: A

invenção do humano, nenhum escritor povoou nossa imaginação com arquétipos como Shakespeare: Falstaff, Hamlet, Ofélia, Lear, Próspero, Caliba, Bottom, Otelo, lago, Malvólio, Macbeth e sua Lady, Romeu e Julieta. Na verdade, depois de Jesus Cristo, nenhum outro indivíduo fez tanto para o desenvolvimento e a expansão do senso humano de uma vida interior. Se Jesus Cristo plantou a semente da vida interior, Shakespeare auxiliou no crescimento, propagou-a e nos deu o senso que todos temos hoje de que cada um de nós contém em si um cosmo interior tão vasto quanto o cosmo exterior.

Os grandes escritores são os arquitetos de nossa consciência. Em Rabelais Cervantes e Shakespeare, sobretudo nos solilóquios de Hamlet, vemos as sementes do senso que hoje temos de momentos individuais decisivos, decisões vitais a serem tomadas. Antes dos grandes escritores da Renascença, qualquer alusão a estas coisas só poderia vir dos sermões.



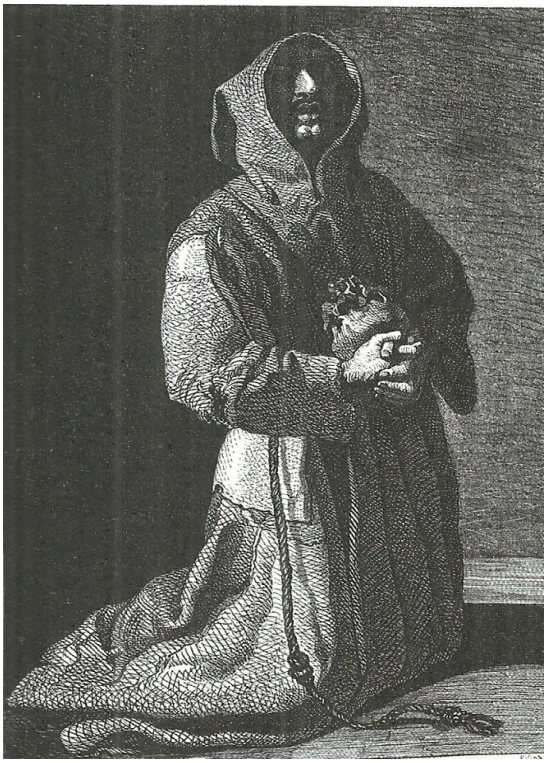
A história do mundo, 1614. Sir Walter Raleigh, famoso aventureiro, era membro de uma sociedade secreta chamada Escola da Noite. Esta sociedade era tão vaga que alguns críticos recentes chegaram a duvidar de sua existência, mas Raleigh sem dúvida partilhou ideias esotéricas com Christopher Marlowe e George Chapman, autor de *A sombra da noite*. Um dos segredos que eles guardavam era o "ateísmo". Raleigh temia a tortura prolongada, a evisceração e a morte lenta que abatera um amigo, Thomas Kyd, por professar opiniões ateístas. Mas nenhum deles era um ateu no sentido atual, de negar a realidade dos mundos espirituais ou negar que seres desencarnados interferem no mundo material de forma sobrenatural. Em *Fausto*, Marlowe escreveu uma das obras de maior erudição e esoterismo da literatura mundial, lidando com os riscos do contato com os mundos espirituais.

Uma análise brilhante deste frontispício da obra-prima literária de Raleigh foi feita por David Fideler na revista *Gnosis*, cuja publicação há muito foi encerrada. Em certo nível, diz Fideler, tinha a intenção de ilustrar a visão de Raleigh da história que se desdobra a partir da Providência Divina de acordo com a definição de Cícero: "A história oferece o testemunho da passagem das eras, lança luz sobre a realidade, dá vida às recordações e orientação à existência humana, além de trazer informações de épocas antigas." Em outro nível, observa ele, este desenho incorpora a Árvore da Vida cabalística, com as correspondências planetárias nos nós. A figura à esquerda é Fama Bon, o Fama dos Manifestos Rosa-cruzes.

Há um lado sombrio nesta nova riqueza interior que, mais uma vez, vemos com mais clareza nos solilóquios de Hamlet. O novo senso de desprendimento que permite que alguém se afaste dos sentidos e vague pelo mundo interior tem dois gumes, trazendo consigo o perigo de sentir-se alienado do mundo. Hamlet perde as forças neste estado de alienação, quando não tem certeza se é melhor "ser ou não ser". É um longo caminho desde o apelo de Aquiles, que desejava a todo custo viver na luz do Sol.

Esquerda: Imagens iniciáticas de meditação com um crânio, em geral encontradas nos séculos XVII, XVIII e XIX, a começar por Hamlet, passando pelos monges taciturnos de Zurbarán até chegar ao comportamento de Byron. Não são meros lembretes de que um dia todos morreremos. A meditação com o crânio alude a técnicas arcanas de evocação de espíritos de ancestrais mortos – técnicas herdadas e nutridas por sociedades secretas, como os rosa-cruzes e os jesuítas.

Direita: Em algumas ordens religiosas, o noviciado deita-se em um caixão entre quatro velas, entoa-se o "Miserere" e em seguida ele se levanta e recebe um novo nome como sinal de renascimento. Pintura de Francisco Zurbarán.



Como iniciado, Shakespeare estava ajudando a forjar a nova forma de consciência. Mas como sabemos que Shakespeare era um iniciado?

Ao menos nos países anglo-saxões, Shakespeare contribuiu mais do que qualquer outro escritor na formação de nossa ideia a respeito de seres dos mundos espirituais e do modo como às vezes eles podem aparecer no mundo material. Basta pensarmos em Ariel, Calibã, Puck, Oberon e Titânia. Muitas pessoas ligadas ao teatro ainda acreditam que Macbeth contém fórmulas ocultas perigosas que, quando realizadas, apresentam a força de uma cerimônia mágica. Próspero, em A tempestade, é o arquétipo do mago, baseado no astrólogo da corte de Elizabeth, o Dr. Dee. Um espírito falou com Dee em 24 de março de 1583, discorrendo sobre o rumo futuro da natureza e da razão. Ele disse: "Novos Mundos surgirão destes. Novas maneiras; Homens estranhos." Compare isso com: "Oh, maravilha! Que bela é a humanidade. Oh, admirável mundo novo, que tais pessoas tens!"

Quando entramos na Floresta Verde de Sonhos de uma noite de verão e em outras comédias, estamos reentrando na floresta antiga

que percorremos no Capítulo 2. Voltamos a uma forma arcaica de consciência em que a natureza inteira é animada pelos espíritos. Em todas as artes, a vegetação retorcida em geral indica que entramos no reino do esotérico, na dimensão etenca. Os escritos de Shakespeare são repletosde imagens florais. Os críticos sempre comentaram o uso da rosa como símbolo rosa-cruz oculto em A rainha das fadas, escrito por Edmund Spenser em 1589, mas nenhum escritor da língua inglesa usou o símbolo da rosa com mais freqüência - ou de maneira mais ocultista - do que Shakespeare. Há sete rosas no memorial a Shakespeare na igreja da Santíssima Trindade em Stratford-upon-Avon e, como veremos em breve, as sete rosas são o símbolo rosa-cruz dos chakras.

Uma das distinções criadas pela filosofia positivista moderna pode ser útil neste ponto. Segundo o positivismo lógico, uma afirmação na verdade não afirma nada se nenhuma evidência puder refutá-la. Este argumento às vezes é usado para tentar refutar a existência de Deus. Se nenhuma guinada de acontecimentos contrariar a existência de Deus, afirmam, então, ao afirmarmos que Deus existe, não estamos de fato afirmando algo.

Vista deste modo, a afirmativa "os personagens históricos escritos por Shakespeare nas peças que trazem seu nome" na verdade afirma quase nada. Sabemos tão pouco sobre o homem que isso não tem relação nenhuma com nossa compreensão das peças. Shakespeare é um enigma. Como Jesus Cristo, ele revolucionou a consciência humana, mas deixou vestígios quase invisíveis no registro histórico contemporâneo.

Para entender este mistério e compreender melhor a Renascença literária que chegou à Inglaterra nessa época, devemos examinar o conteúdo sufi muito subestimado nas peças de Shakespeare. O sufismo, como vimos, foi a grande fonte da rosa como símbolo místico.

A trama básica de A megera domada vem de As mil e uma noites. Oi título árabe de As mil e uma noites Alf Layla Wa Layla é uma expressão codificada que significa A mãe dos Registros. É uma alusão à tradição que se esconde por baixo das patas da Esfinge ou, em uma dimensão paralela, uma biblioteca secreta ou "Salão de

Registros", um depósito de sabedoria antiga anterior ao Dilúvio. O título As mil e uma noites nos diz, portanto, que os segredos da evolução humana estão codificados ali.

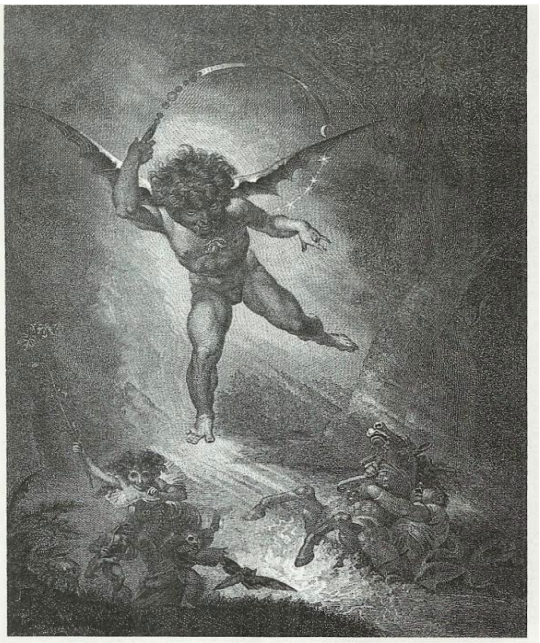


Ilustração para *Sonhos de uma noite de verão*. A palavra "*fairy*" (fada) foi incorporada à língua inglesa no século XIII, sendo derivada da palavra arcaica que significava "maravilhar-se". Originalmente, referia-se a um estado mental — *feyrie* ou *fayrie*, que significa "estar encantado". J.R.R. Tolkien definiu "*faerie*" como "beleza que é um encantamento".

A história principal de A megera domada vem de O dorminhoco e a sentinela, uma história em que Haroun al Rashid coloca um jovem crédulo em sono profundo, veste-o com trajes reais e diz a seus servos para tratarem-no como se ele realmente fosse o califa.
Esta, então, é uma história de estados alterados de consciência - e tanto a história como a peça contêm descrições de como pode ser alcançada uma consciência mais elevada.
A trama exterior que contextualiza A megera domada é centrada em Christopher Sly. No saber sufi, um "sly man", "astucioso", é um iniciado, ou membro, de uma fraternidade secreta. Christopher Sly é descrito no primeiro fólio como um "ladrão", outra palavra-código sufi, sendo o sufi "um ladrão às portas do amor".

No início da peça, Sly diz: "Os Sly não são patifes. Veja as Crônicas. Descendemos de Ricardo o Conquistador." Esta é uma referência à influência sufi que os cruzados trouxeram das Cruzadas.
Sly também aparece como um bêbado. Como observamos anteriormente, a embriaguez é um símbolo sufi comum para um estado visionário de consciência.
Depois Sly é despertado por um lorde, sendo instruído por seu mestre espiritual a respeito de como despertar para estados mais elevados de consciência.
A história que se segue, a domesticação da briguenta Catarina por Petrúquio, é, em certo nível, uma alegoria da iniciação. Petrúquio emprega métodos astuciosos para transformar Catarina. Ela representa o que na terminologia budista às vezes é denominado de "mente de macaco", a parte da mente que nunca se aquieta ou sossega, sempre tagarela e que nos distrai das realidades espirituais. Petrúquio tenta ensiná-la a abandonar todas as idéias preconcebidas, todos os antigos hábitos de pensamento. Catarina deve aprender a pensar às avessas:

A ela servirei
E a cortejarei com engenho quando ela vier!
Ela que ralhe, pois lhe direi sem rodeios
Ela canta com a doçura de um rouxinol.
Ela que feche a carranca, direi que parece clara
Como rosas da manhã banhadas de orvalho.
Ela que emudeça e não diga uma só palavra,
Louvarei sua volubilidade
Ela que se exprima com uma eloqüência penetrante...

Como vimos no Capítulo 17, os sufis identificam a origem de sua fraternidade em Maomé. Alguns remontam esta cadeia de transmissão ao profeta Elias, ou "o Homem Verde". O espírito místico e impaciente do Homem Verde permeia As mil e uma noites e A megera domada.

Há uma história sobre o Homem Verde que transmite parte destas propriedades.
A testemunha dessa estranha série de acontecimentos estava junto às margens do rio Oxus quando viu alguém cair. Ele então viu um dervixe correr para ajudar o homem que se afogava, sendo ele mesmo arrastado. De repente, como se saísse do nada, apareceu outro homem com um luminoso manto verde e também mergulhou na água.
Foi nesse momento que as coisas começaram a ficar realmente estranhas. Quando voltou à superfície, o homem de verde fora magicamente transformado em um tronco. Os outros dois conseguiram se agarrar a este tronco e flutuar para a margem do rio. Os dois saíram dali em segurança.
Mas a testemunha estava mais interessada no que acontecera ao tronco, e o seguiu enquanto este flutuava correnteza abaixo.
Por fim, parou na margem do rio. Observando de trás de um arbusto, a testemunha ficou pasma ao ver que ele voltou à forma do homem de manto verde, que rastejou, pois estava enlameado, mas depois - num átimo – estava seco novamente.
Saindo de trás do arbusto, o homem que vira tudo isso sentiu-se compelido a se atirar no chão diante desta figura misteriosa. "Deveis ser o Homem Verde, Mestre dos Santos. Abençoai-me, pois eu conseguiria." Teve medo de tocar o manto porque agora estava perto o bastante para ver que era feito de um fogo verde.
"Viste demais", respondeu o Homem Verde. "Deves entender que sou de outro mundo. Sem que saibam, protejo aqueles que têm um dever a cumprir.
A testemunha ergueu a cabeça, mas o Homem Verde havia desaparecido, deixando apenas o farfalhar do vento.

Um contemporâneo mais jovem de Shakespeare, Robert Burton, escreveu o seguinte em Anatomia da melancolia: "Esta fraternidade onisciente e sábia dos Rosa-Cruzes confere a seu líder o nome de Elias (Elijah) Artifex, seu mestre teofrastiano." Burton depois descreve-o como "o renovador de todas as artes e ciências, reformador do mundo e agora vivo".

Já vimos que na tradição esotérica acreditava-se que Elias reencarnara como João Batista. Seu retorno foi profetizado não só nas últimas palavras do Antigo Testamento, mas pelo profeta-iniciado Joaquim, que influenciou bastante compreensão rosa-cruz da história. Joaquim disse que Elias viria para preparar o caminho para a terceira era. Será que as sociedades secretas dos séculos XVI e XVII acreditavam que ele havia reencarnado na época delas e estava protegendo e guiando aqueles com um dever a cumprir?

No Capítulo 13, vimos histórias perturbadoras de Elias e Eliseu, seu sucessor. Chegou a hora de considerar que na história secreta estas passagens do Antigo Testamento não são uma descrição de duas pessoas distintas. Na verdade, Elias é um ser tão evoluído que é capaz de encarnar, desencarnar e reencarnar quando desejar, além de conseguir dividir seu espírito - ou manto - e distribuir as partes entre várias pessoas diferentes.

Da mesma maneira que aves em bando se transformam em uma só, movidas pelo mesmo pensamento, pessoas diferentes também podem ser movidas simultaneamente pelo mesmo espírito. À espreita nas trevas, por trás da superfície reluzente da Inglaterra elisabetana, falando por intermédio do intelecto de Marlowe, Shakespeare, Bacon, Donne e Cervantes, devemos ser capazes de distinguir o semblante severo do Homem Verde, mestre espiritual dos sufis e arquiteto da era moderna.

Veremos o objetivo da missão de Elias no último capítulo, mas por enquanto é bom lembrar o papel que a Arábia teve na inspiração da literatura e da ciência. Na corte de Haroun al Rashid e mais tarde entre os povos árabes, a ciência deu grandes saltos, em particular na matemática, na física e na astronomia. Há uma profunda ligação mística entre os povos árabes e os ingleses, foi o grande espírito árabe de pesquisa científica que viveu novamente em Francis Bacon, o indivíduo de associação mais próxima com Shakespeare na literatura oculta. E, como nos conta a história da filosofia da ciência, foi Bacon que inspirou a grande revolução científica que tanto fez para formar o mundo moderno.

Enquanto o cosmo interior se abria e se iluminava, o mesmo acontecia ao cosmo material. Assim como Shakespeare revelava

um mundo não de personagens, que já fora feito antes, mas uma multidão comprimida de indivíduos plenamente realizados, fervendo de paixão e inflamada por idéias, Bacon revelou um mundo repleto de sutilezas, um mundo cintilante de objetos infinitamente variados e nitidamente definidos.

Esses mundos paralelos se expandiram e se tornaram imagens especulares um do outro. Os mundos interior e exterior, antes sombrios e indistintamente mesclados, agora eram separados de forma evidente.

O mundo de Shakespeare é o mundo dos valores humanos, onde o qUe está em jogo é a felicidade humana e a maneira humana de viver, independentemente do que aconteça.

O mundo de Bacon é um mundo em que os valores humanos foram despojados.

A experiência humana é a coisa capciosa, paradoxal e definitivamente imprevisível que Shakespeare dramatizou. Bacon ensinou a humanidade a olhar os objetos físicos que são a essência da experiência e a observar as leis previsíveis a que obedecem.

Ele elaborou novas maneiras de pensar a essência da experiência. Aconselhou a descartar o máximo de idéias preconcebidas possível, enquanto reunia a maior quantidade de informações que pudesse, tentando não lhes impor padrões mas esperando pacientemente por padrões mais profundos e mais ricos. É por isso que na história da filosofia da ciência ele é conhecido como o Pai da Indução.

Em resumo, Bacon percebeu que, se pudermos observar os objetos com a maior objetividade possível, surgirão muitos padrões diferentes daqueles que deram estrutura à experiência subjetiva.

Esta percepção mudaria nosso mundo.

21. A ERA ROSA-CRUZ

As fraternidades germânicas • Christian Rosencreutz • Hieronymus Bosch • A missão secreta do Dr. Dee

Pouco se sabe sobre o Mestre Eckhart, sombrio místico alemão do século XIII. Mas, assim como seu contemporâneo Dante pode ser visto como a fonte da Renascença, Eckhart pode ser considerado a fonte de um movimento de reforma mais amplo, porém mais lento. Em Eckhart também podemos ver a origem de uma nova forma de consciência que levaria o Norte da Europa a dominar o mundo.
Nascido perto de Gotha, na Alemanha, em 1260, ingressou em um mosteiro dominicano, tornou-se prior e por fim sucedeu Tomás de Aquino no ensino de teologia em Paris. Sua grande Opus Tripartitum, de escopo tão ambicioso quanto a Summa Theologica, não foi concluída. Ele morreu durante o julgamento de sua vida, acusado de heresia.
Poucos sermões chegaram a nós, alguns transcritos por habitantes de Estrasburgo. Eles nunca ouviram nada parecido com estas concepções:

Oro a Deus para me livrar de Deus.
Se eu não existisse, Deus tampouco existiria.
Se eu não existisse, Deus não seria Deus.
Deus está dentro, nós estamos fora.
Os olhos pelos quais vejo Deus e os olhos pelos quais Deus me vê são os mesmos.
Ele é Ele porque Ele não é Ele. Isto não pode ser compreendido pelo homem exterior, apenas pelo homem interior.
Descubra o único desejo por trás de todos os desejos.
Deus está em casa. Nós é que saímos para uma caminhada.
Através do nada eu me tornei o que sou.
Só a mão que apaga pode escrever a verdade.

Isso parece excepcionalmente moderno. E provável que você ficasse surpreso em ouvir estas frases saindo da boca de seu pároco hoje em dia.
Da mesma maneira que um mestre zen, Eckhart tenta nos livrar das formas fixas de pensamento pelo choque, às vezes com o que em princípio parece absurdo.
Também ensina um estilo oriental de meditação que envolve o desprendimento contínuo do mundo material e ao mesmo tempo o esvaziamento da mente. Afirma que, quando todos os poderes se desligam de sua forma e de suas funções corporais, quando o homem foge dos sentidos, ele "se deixa cair no esquecimento das coisas e de si".
Assim como o "vazio" budista, tal esquecimento é um vácuo que contém possibilidades infinitas e inesgotáveis, e portanto um lugar de renascimento e criatividade. Também é um lugar difícil e perigoso. Eckhart não estava mostrando uma maneira de se consolar por uma vida severa e reprimida, não era um adiamento das recompensas, mas uma dimensão estranha e cheia de provações, em que se entra por risco próprio, "o deserto da Divindade, onde ninguém está em casa".
Do mesmo modo que Maomé e Dante, Eckhart tinha experiência pessoal direta dos mundos espirituais. O que ele conta repetidas vezes não é o que se espera:
"Quando tiveres medo de morrer e resistires, verás demônios arrancando tua vida. Se estiverdes em paz, verás que os demônios são na realidade anjos libertando-te da Terra. As únicas coisas que ardem em nós são a parte que tu não deixas ir, tuas lembranças, tuas fixações."
Eckhart às vezes é mencionado como um dos "doze mestres sublimes de Paris", uma expressão que nos lembra das tradições antigas de mestres e iniciados ocultos, a grande Fraternidade Branca, os Trinta e Seis Justos da tradição cabalística, a Fraternidade no Telhado do Mundo, o Círculo Intimo de Iniciados ou os Nove Desconhecidos. De acordo com tradições antigas, é por uma cadeia iniciática de transmissão de mestre para discípulo que se aptende a ter experiência dos mundos espirituais. No Oriente,

isso às vezes se chama satsong. Não é apenas uma questão de informações transmitidas pela palavra, mas uma espécie de processo mágico de uma mente para outra. Podemos entender que Platão se referia a algo semelhante quando falou da mímesis. Na "Alegoria da caverna", Platão está convidando o discípulo a criar uma imagem mental que agirá em sua mente de uma maneira que opera além do estritamente racional. Na opinião de Platão, os melhores escritos — ele está se referindo à poesia de Hesíodo - lançam um encantamento hipnótico que transmite o conhecimento.
Um iniciado que conheci contou-me que, quando era jovem e morava em Nova York, seu mestre o procurou, traçou um círculo em uma mesa e perguntou o que ele via.
- Um tampo de mesa - respondeu.
- Isso é bom - disse o mestre. - Os olhos de um jovem devem olhar para fora.
Depois, sem dizer mais nada, curvou-se e tocou meu amigo na testa, entre os olhos, com o indicador esticado.
De imediato o mundo desapareceu e ele ficou deslumbrado com uma visão do que lhe parecia uma deusa fria e branca da Lua, portando um crânio e um rosário. Tinha seis faces, cada uma delas com três olhos.
A deusa dançou e meu amigo perdeu a noção do tempo. Em seguida, a visão desbotou e encolheu, tornando-se um ponto. Depois desapareceu.
Meu amigo sabia, porém, que ela ainda estava viva em algum lugar dentro dele como uma semente ardente e assim ficaria para sempre.
O mestre disse:
- Você a viu?
Fiquei emocionado quando ouvi esta história porque eu sabia que estava muito perto da cadeia de transmissão mística.

A experiência espiritual direta da qual Mestte Eckhart falava com tanta convicção em seus sermões era uma espécie de experiência que a religião organizada não conseguia mais providenciar. A Igreja

parecia pedantemente atada à letra morta da lei da teologia e dos rituais.
Assim, foi em um clima de insatisfação e inquietude espirituais que surgiram associações frouxas e obscuras entre pessoas afins. Grupos de leigos qUe buscavam experiências espirituais, as "estrelas errantes", como às vezes eram conhecidos, reuniam-se em segredo: os irmãos do Espírito Livre, os Irmãos da Vida Comum, A Família do Amor e os Amigos de Deus. Corriam histórias entre todos os níveis da sociedade alemã, holandesa e suíça, mesmo entre os pouco privilegiados e alienados, sobre pessoas sendo abordadas por estranhos misteriosos que as levavam para reuniões secretas ou para jornadas a estranhas dimensões de outro mundo.
Uma das noções mais intrigantes associadas às sociedades secretas é a de que jamais se pode localizá-las. Elas realizam uma forma de vigilância oculta porém benevolente. Quando chegar a época certa e você estiver pronto, um membro das escolas secretas aparecerá e se oferecerá para ser seu guia ou mestre espiritual.
O mesmo iniciado a que me referi me falou de uma reunião de acadêmicos importantes que partilhavam um interesse pelo esoterismo - ele próprio era historiador de arte. Por fim, o grande mestre na presença deles não era nenhum dos doutores ou professores, mas a zeladora com balde e esfregão no fundo da sala de conferência. Estas histórias podem ter um ar apócrifo, mas também têm ressonância universal. O mestre espiritual do maior mestre esotérico do século XX, Rudolf Steiner, era lenhador e coletor de ervas medicinais.
Karl von Eckartshausen, o primeiro teosofista, escreveu: "Estes sábios, cujo número é pequeno, são crianças de luz. O ofício deles é fazer pela humanidade tanto bem quanto estiver em seu poder e beber a sabedoria da fonte eterna da verdade. Alguns vivem na Europa, outros na África, mas são unidos pela harmonia de suas almas e são, portanto, um só. São unidos, embora possam estar a milhares de quilômetros de distância. Compreendem-se mutuamente, embora falem diferentes línguas, uma vez que a linguagem dos sábios é a percepção espiritual. Nenhuma pessoa cruel pode viver entre eles, pois a reconheceriam de pronto."

As pessoas hoje descrevem abertamente reuniões com místicos indianos, como a Mãe Meera, que promovem experiências místicas transformadoras. Por outro lado, hoje tendemos a ser tímidos ao atribuir poderes sobrenaturais a cristãos extraordinários. Mas você não precisa olhar muito longe na vida dos grandes místicos cristãos para encontrar provas de poderes psíquicos. Lendo Von Eckartshausen é possível desconfiar que ele foi influenciado por idéias sobre os homens sagrados hindus. Isso pode ser verdade, mas não deve impedir e reconheçamos o tanto que há em comum entre os grandes místicos cristãos e os iniciados hindus.

O místico John Tauler, por exemplo, foi discípulo de Eckhart. Este não parece ter sido mestre espiritual de Tauler no sentido em que temos visto esta expressão.

Tauler estava pregando em 1339 quando foi abordado por um leigo misterioso de Oberland que lhe disse que seus ensinamentos careciam de espiritualidade. Tauler desistiu de sua vida e seguiu este homem, que se supõe, em algumas tradições rosa-cruzes, ter sido uma reencarnação de Zoroastro.

Tauler desapareceu por dois anos. Quando retornou, tentou voltar a pregar, mas só conseguiu ficar parado, chorando. Em sua segunda tentativa ele foi inspirado e diz-se que o Espírito Santo o tocou como a um alaúde. O próprio Tauler disse de sua experiência de iniciação: "Minha oração foi atendida. Deus me enviou o homem que eu há muito procurava para me ensinar a sabedoria que os escolásticos jamais souberam."

O misticismo de Tauler é o da vida cotidiana. Quando um pobre perguntou se devia parar de trabalhar para ir à igreja, Tauler respondeu: "Alguém pode fiar, outro faz sapatos, e estes são os dons do Espírito Santo." Em Tauler, podemos reconhecer a grande franqueza e a integridade prática do povo alemão. Martinho Lutero diria dele: "Em nenhum lugar, seja em latim ou alemão, encontrei ensinamentos mais poderosos e salubres, nem nada que concordasse mais com os Evangelhos."

É claro que nem todo iniciado é místico, tampouco são todos que têm uma comunicação genuína com os mundos espirituais. Alguns

grandes indivíduos, como Melquisedeque, foram avatares, incorporações de grandes seres espirituais
capazes de viver em constante comunicação com os mundos espirituais. Outros, como Isaías, foram iniciados em encarnações anteriores, trazendo os poderes de um iniciado em sua nova encarnação. O cosmo prepara as pessoas de diferentes maneiras. Acreditava-se que Mozart havia passado por uma série de encarnações curtas com o propósito de interromper apenas brevemente sua experiência dos mundos espirituais, de modo que em sua encarnação como Mozart ele ainda pudesse ouvir a Música das Esferas. Outros, como Joana d'Arc, habitam corpos que foram preparados para ser tão sensitivos, tão altamente sintonizados, que os espíritos de um nível muito elevado podem trabalhar por intermédio deles, embora não sejam, em sentido nenhum encarnações destes espíritos. Os médiuns modernos são às vezes pessoas que sofreram um trauma na infância que lhes provocou um rasgo na membrana entre os mundos material e espiritual.
Qualquer pessoa que tenha passado algum tempo com médiuns ou paranormais admite que eles recebem informações por meios sobrenaturais com freqüência, até rotineiramente - qualquer pessoa cuja disposição mental não seja a de estar decidido a não acreditar. Porém, é igualmente óbvio que a maioria dos médiuns não consegue controlar os espíritos com que conversam. Em geral não conseguem reconhecê-los. Estes espíritos às vezes são prejudiciais, dando-lhes muitas informações confiáveis sobre assuntos banais, mas enganando-os em questões importantes.
Ao contrário dos médiuns, os iniciados se preocupam em se comunicar com seus estados alterados de consciência, seja de maneira direta, como aconteceu com meu amigo em Nova York, ou pelo ensino de técnicas para chegar a estados alterados.

Costuma-se pensar que a vida de Christian Rosencreutz é uma alegoria - ou uma fantasia. Na tradição secreta, o grande ser que encarnou brevemente no século XIII como o menino de pele luminosa, encarnou de novo em 1378. Nasceu em uma família de alemães pobres que viviam na fronteira entre Hesse e Turíngia.

Órfão aos cinco anos, foi enviado para viver em um mosteiro, onde aprendeu grego e latim, mas não muito bem.
Aos 16 anos, partiu em peregrinação. Ansiava por visitar o Santo Sepulcro em Jerusalém. Viajou ao Egito, à Líbia e a Fez. Também foi a Chipre, onde morreu um amigo que o acompanhava. Depois foi a Damasco e Jerusalém, chegando finalmente a um lugar chamado Damcar, onde estudou por três anos e foi iniciado por uma fraternidade sufi conhecida como o Ikhwan al-Safa, ou Fraternidade da Pureza. Nesta época, ele traduziu O Liber M, ou Livro do Mundo, para o latim, do qual se dizia conter a história passada e futura do mundo.
Quando voltou à Europa, estava decidido a transmitir o que aprendera. Primeiro parou na Espanha, onde riram dele. Depois de várias humilhações, voltou à Alemanha para viver recluso. Cinco anos mais tarde, reuniu em torno de si três velhos amigos de seus tempos de mosteiro.
Este foi o início da Fraternidade Rosa-cruz.
Ensinou aos amigos as ciências iniciáticas que aprendera em suas viagens. Fies escreveram um livro contendo "tudo o que o homem pode desejar, pedir e esperar". Também concordaram em submeter-se a seis obrigações: curar oS doentes de graça; adotar as roupas e os hábitos dos países que visitassem, com o objetivo de permanecerem discretos; todo ano voltariam à casa de Christian Rosencreutz, agora conhecida como a Casa do Espírito Santo, ou mandariam uma carta explicando a ausência; antes da morte, cada irmão escolheria um sucessor que iniciaria. Concordaram que a fraternidade deles deveria continuar oculta por cem anos.
Outros quatro irmãos uniram-se a eles, que eram oito, antes que partissem para os cantos distantes da Terra para promover a reforma e a transformação.
Os extraordinários dons sobrenaturais atribuídos aos rosa-cruzes fez deles uma das grandes lendas românticas da história européia. Eles tinham o dom da longevidade - Rosencreutz morreu em 1485, aos 107 anos. Como conheciam os "segredos da natureza" e podiam comandar seres desencarnados, exerceriam sua vontade por mágica, o que faziam principalmente para realizar curas

milagrosas. Podiam ler mentes, entender todas as línguas, projetar imagens vivas de si e comunicar-se através de grandes distâncias. E também podiam ficar invisíveis.
De acordo com a tradição esotérica, o grande cabalista Robert Fludd foi um dos eruditos empregados por Jaime I para trabalhar na Versão Autorizada da Bíblia. Em geral considerado um rosa-cruz, ele era ao menos um viajante bem informado e solidário. Fludd saiu em defesa da fraternidade na imprensa, repudiando acusações de magia negra. Afirmou que os dons sobrenaturais dos rosa-cruzes eram os dons do Espírito Santo, apresentados por São Paulo na Epístola aos Coríntios - profecia, realização de milagres, domínio de línguas, visões, curas, expulsão de demônios. E fácil entender o então crescente fascínio da Europa com os obscuros rosa-cruzes, uma vez que o sacerdote paroquial local não fazia mais essas coisas.
Segundo contam, os padres da antigüidade eram capazes de evocar deuses no santuário interno do templo, mas, depois que a Igreja aboliu a distinção entre alma e espírito em 869, aos poucos se perdeu a compreensão de como chegar aos mundos espirituais. No século XI, os padres não eram mais capazes de evocar nem mesmo visões dos mundos espirituais durante a missa. Agora, no século XV, os espíritos deste mundo começavam a refluir através do portal dos rosa-cruzes.
Mas há mais uma coisa. Eckhart e Tauler falaram da transformação material do corpo pela prática espiritual. Eckhart deixou sugestões intrigantes na alquimia - "O cobre", disse ele, "é intranquilo até que se torna mercúrio." Mas um relato mais sistemático só começa a surgir com os rosa-cruzes.

Nenhum outro artista de primeira linha teve idéias alquímicas tão junto à superfície de sua obra como Hieronymus Bosch.
Pouco se sabe do mago holandês, a não ser que ele era casado, dono de um cavalo e de que se dizia ter feito retábulos e desenhos para os vitrais da catedral de sua cidade natal, Aachen. Bosch morreu em 1516, então devia estar pintando enquanto Christian Rosencreutz ainda era vivo.

Na década de 1960, o professor William Fraenger publicou um estudo monumental sobre Bosch em termos do pensamento esotérico da época em que ele viveu. Fraenger só interpretou pinturas que de uma ou outra forma pareciam perturbadoras e estranhas.

Muitas pinturas de Bosch foram rotuladas de Paraíso, Inferno ou Apocalipse, às vezes talvez de uma maneira bastante superficial, apenas porque contêm estranhos elementos visionários que não fazem parte da iconografia e teologia cristãs convencionais. Mas na realidade as pinturas de Bosch são profundamente esotéricas - e contrariam os dogmas cristãos. Por exemplo, não era de Bosch a visão de que os malfeitores impenitentes vão para o Inferno - e que merecem ali ficar por toda a eternidade. Ele acreditava que depois da morte o espírito viaja pela esfera da Lua, depois ascende pelas esferas planetárias até os mais elevados céus - e por fim desce novamente para a encarnação seguinte. O detalhe a seguir, de um painel de O jardim das delícias terrenas, convencionalmente rotulado de Inferno, na verdade mostra um espírito prestes a descer de uma esfera para outra.

Segundo Fraenger, as pinturas de Bosch, como a famosa Mesa da sabedoria, hoje no Museu do Prado, em Madri, revelam que ele conhecia uma técnica para chegar a estados alterados praticada em diferentes escolas esotéricas do mundo. Segundo os ensinamentos esotéricos indianos, o senhor dourado dos poderes cósmicos - o Purusha – está operando tanto no Sol como na pupila dos olhos. Está escrito nos Upanishads, O Purusha no espelho, nele eu medito". Ao fitar o reflexo espelhado no olho direito, pode-se expandir sua consciência a partir da contemplação do limitado ego-self para a contemplação do deus-self, com o Sol no coração de tudo. Este método também era praticado pelo místico holandês Jan van Ruysbroek, que descreveu como o esquecimento de si e do mundo leva a sensações de vacuidade e caos. Depois o campo de visão é carregado de uma energia cósmica. Imagens que de início parecem oníricas e caóticas de repente começam a se mover juntas de uma forma significativa. Este método de meditação olho no olho também pode ser praticado no contexto sexual.

Como mística, Mechthild de Magdeburg tinha visões de uma época em que a vida da sensualidade seria plenamente integrada à ordem espiritual das coisas. Este impulso, acreditava ela, cresceria e criaria raízes no Norte da Europa, onde surgiu algo muito diferente do ascetismo de Ramón Llull. Grupos esotéricos bem como os irmãos do Espírito Livre, influentes na época de Bosch, eram guiados por uma visão de comunidades que se uniam não pela lei, mas pelo amor. Quando controlado de maneira sensata, o amor é o caminho para a perfeição divina.
O sexo, como afirma Fraenger, é o gume da faca.

Detalhe de *O jardim das delícias terrenas.*

Paracelso é o autor mais associado à fraternidade rosa-cruz, ainda que, segundo dizem, parte de seus escritos tenham sido enterrados com seu corpo.
"Sou um homem rústico", disse Paracelso, "nascido em um país rústico." Mais especificamente, nasceu em uma aldeia perto de Zurique em 1493. Um personagem estranho e agressivo, ao que parece ele jamais deixou a barba crescer e reteve uma aparência juvenil até a velhice.
Paracelso estudou com Tritêmio, então abade de São Jorge, em Würzburg. Tritêmio era um dos maiores iniciados da época, e

também era mestre de Cornelius Agrippa. Tritêmio afirmava saber enviar seus pensamentos nas asas de anjos por centenas de quilômetros. O imperador Maximiliano I pediu que ele evocasse o fantasma de sua esposa morta. Tritêmio consentiu e o imperador pôde ter certeza de que o fantasma, devido ao sinal em sua nuca, era realmente dela.

O discípulo e companheiro de Paracelso, Cornelius Agrippa, tornou-se um intelectual errante, cercado por boatos de magia. Diziam que seu grande cão negro, Monsieur, era demoníaco, mantendo o mestre informado do que acontecia em um raio de 150 quilômetros. De Occulta Philosophia foi sua tentativa de escrever um relato enciclopédico da Cabala prática cristianizada, incluindo um imenso manual de encantamentos mágicos ainda usados pelos ocultistas atuais.

Paracelso, porém, não parece ter ficado muito impressionado com Tritêmio. Acredita-se que ele não queria estudar em uma biblioteca, mas sim aprender com a experiência. Foi viver entre mineradores para sozinho aprender sobre os minerais. Também viajou muito, da Irlanda aos pântanos infestados de crocodilos da África, aprendendo sobre remédios e curas populares. De certo modo, ele pode ser visto como o precursor dos Irmãos Grimm, tendo coletado o conhecimento antigo e esotérico antes que desaparecesse. Paracelso sabia que a consciência estava mudando e que, com o desenvolvimento do intelecto, a humanidade perderia o conhecimento instintivo das ervas medicinais — um conhecimento que até então fora partilhado com os animais superiores. No ápice desta mudança, escreveu o relato mais sistemático que pôde dessas coisas.

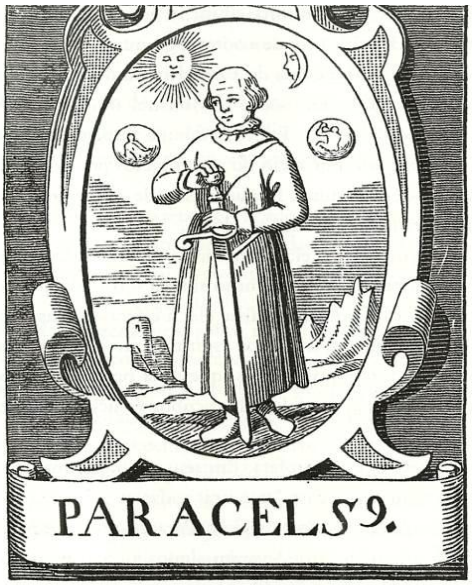
Em 1527, fixou-se como médico na Basiléia, Suíça, e logo ficou famoso por suas curas milagrosas. Naturalmente, Paracelso fez inimigos entre os médicos que já trabalhavam na região. Ele zombava da medicina convencional da época. Em um exemplo tipicamente bombástico, escreveu sobre Galeno, autor de textos padrão da medicina da época: "Se ao menos seus artistas soubessem que o príncipe Galeno — dizem não haver igual - estava

preso no Inferno, de onde enviou cartas a mim, fariam o sinal da cruz em si com a cauda de uma raposa."
Suas capacidades aparentemente milagrosas de cura atraíam boatos de necromancia. Ele costumava andar com uma espada, em cujo punho diziam que guardava seu remédio alquímico mais eficaz. Paracelso curou um cônego rico que outros médicos não haviam conseguido curar; mas, quando este homem se recusou a pagar, os magistrados locais se colocaram a favor do cônego e os amigos de Paracelso aconselharam-no a fugir.
Passou anos perambulando. A natureza, dizia ele, era sua mestra. "Não desejo viver confortavelmente, nem desejo enriquecer. A felicidade é melhor do que a riqueza, feliz é aquele que segue pelo mundo sem nada que exija seus cuidados. Quem desejar estudar o livro da natureza deve vagar com os pés em suas folhas."
Pode-se pensar que esta filosofia eminentemente equilibrada, combinada com uma metodologia prática, pode conter algo que se aproxime da moderna ciência médica. Mas alguns escritos de Paracelso são desvairados e estranhos...
Ele escreveu, por exemplo, sobre o Monstra, um ser invisível que pode surgir da putrefação do esperma. Também falou a respeito da Mangonaria, um poder mágico de suspensão por meio do qual objetos pesados podem ser erguidos no ar. Disse saber de algumas localidades onde muitos dementais, adotando o vestuário e as maneiras humanas, vivem.
Paracelso também tinha idéias estranhas e maravilhosas sobre o sono e os sonhos. Disse que durante o sono o corpo sideral - o espírito animal - liberta-se em seus movimentos. Pode subir, disse ele, à esfera de seus ancestrais e conversar com as estrelas. Afirmou que os espíritos que desejam usar os homens
costumam agir neles durante os sonhos, que uma pessoa adormecida pode visitar outra em seus sonhos. Ele falou de íncubos e súcubos alimentando-se de emissões noturnas.
Paracelso também era um profeta. Em seus últimos anos, passou a profetizar a volta de Elias, que viria para "restaurar todas as coisas".
Mas assim como essas práticas mágicas, Paracelso seria responsável por descobertas e avanços que mais tarde levaram

alguns a chamarem-no de "o pai da medicina experimental moderna".
Neste paradoxo está a chave para entender o segredo de nossa era.

Às vezes considerado um rosa-cruz, embora ele próprio jamais tivesse feito tal afirmação, o grande mago inglês Dr. Dee foi motivado por um desejo acachapante de experimentar diretamente os mundos espirituais.
Dee talvez tenha sido o maior arquétipo do mago desde Zoroastro. A imagem dele penetrou na cultura popular dominante. Lá estava o mago de manto preto e capa, com uma longa barba branca, trabalhando em um laboratório cercado de instrumentos alquímicos. Entre clarões de raios, evoca espíritos desencarnados por meio de pentagramas e outros dispositivos desenhados com giz no chão.
John Dee nasceu em uma família galesa que morava em Londres. Brilhante estudioso quando jovem, aos vinte anos ensinou Euclides em Paris e fez amizade com Tycho Brahe. No final da década de 1570, formou um círculo chamado de Dionisii Areopagites com Sir Philip Sidney e Edmund Spenser, cujo poema A rainha das fadas é notoriamente repleto de imagens rosa-cruzes e esotéricas. Um ensaio de Sidney fala sobre "buscar os mistérios da química liderado por Dee".
Dee formou uma biblioteca magnífica, que diziam perder apenas para a do celebrado historiador francês De Thou. A Cabala era central em todos os seus estudos. Ele acreditava nos fundamentos matemáticos de todas as coisas, em um conjunto de princípios unificados que acreditava poder discernir nos ensinamentos dos antigos. Dee incorporou estes princípios em seu glifo completo, o Monas Hieroglyphica.
A fama de Dee era tal que a jovem princesa o convidou para escolher uma data para sua coroação como Elizabeth I por meio de seus cálculos astrológicos. Dee também ajudou a orientar a política externa de Elizabeth, tanto na Europa como em relação à colonização da América. É um fato pouco conhecido, mas documentado, que no auge de sua fortuna o Dr. Dee recebeu por

carta regia a propriedade do vasto território chamado Canadá, e sua visão de um império Britânico - uma expressão cunhada por ele - ajudou a inspirar e nortear as viagens de descobrimento da nação.



Paracelso e sua espada. Uma das lendas populares sobre Paracelso era de que ele carregava no punho de sua espada um pouco do "azoth". Um detalhe que não aparece em *The Devil's Doctor*, a excelente biografia recente de Paracelso escrita por Philip Ball, é que há um chiste irônico em tudo isso. O azoth era o nome dado ao fogo secreto dos alquimistas, um fogo que libertaria a alma do corpo. Está contido em uma semente. Podemos ser lembrados de que, na alquimia indiana, Mercúrio às vezes é chamado de semente de Shiva. A espada de Paracelso, então, é uma espada que foi forjada no calor do desejo sexual. É carnal, e o azoth que emite de sua ponta é o Mercúrio filosofal. No curso natural das coisas, há no sêmen uma propriedade semelhante a uma rede, em que um espírito pode pousar e depois encarnar. Paracelso também sabia de algumas práticas artificiais, técnicas sexuais secretas realizadas antes de ir dormir, que podiam soltar o corpo vegetal do corpo material e ajudar outros tipos de espírito a vir à Terra e aparecer para ele em sonhos.

Em 1580, ansiando por uma experiência espiritual mais direta, decidiu se ligar a um médium.

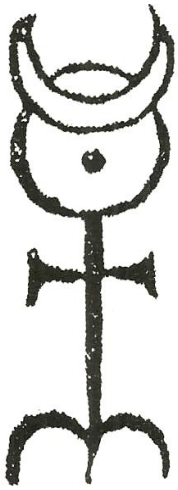
Os sonhos de Dee eram perturbados. Havia batidas estranhas em sua casa. Ele empregou um médium chamado Barnabus Saul, que disse que podia ver anjos em seu cristal mágico, mas Dee o dispensou depois de seis meses. Então, em 1582, conheceu Edward Kelley, um homem estranho que aparentemente usava um barrete para esconder o fato de que suas orelhas haviam sido decepadas em punição por cunhar moedas. Kelley afirmava ser capaz de ver o arcanjo Uriel no cristal de Dee, e assim começaram centenas de sessões. Estas permitiram que Dee aprendesse a

decifrar a fala dos anjos, que ele chamava de a linguagem enoquiana.
Podemos identificar o declínio do grande mago em sua associação com Kelley. O homem cujos sonhos de ampliar o império ajudariam a dar forma ao mundo estava começando a explorar desvios mais inacreditáveis de especulação e prática esotéricas.
Em uma viagem a Praga, Dee disse a Rodolfo II, sacroimperador romano, que por quarenta anos tentara encontrar o que queria e nenhum livro conseguira lhe dizer.

chamava de a linguagem enoquiana.

Podemos identificar o declínio do grande mago em sua associação com Kelley. O homem cujos sonhos de ampliar o império ajudariam a dar forma ao mundo estava começando a explorar desvios mais inacreditáveis de especulação e prática esotéricas.

Em uma viagem a Praga, Dee disse a Rodolfo II, sacroimperador romano, que por quarenta anos tentara encontrar o que queria e nenhum livro conseguira lhe dizer.



O *Monas Hieroglyphica*. Um amigo meu, o estudioso esotérico Fred Gettings, desconstruiu este glifo, revelando significados relacionados à evolução dos dois universos paralelos – podemos chamá-los de os universos baconiano e shakespeariano – que discutimos no capítulo anterior.

Ele então decidira apelar aos anjos para interceder por ele junto a Deus, a fim de perguntar sobre os segredos da criação. Disse a Rodolfo que para tanto ele usou uma pedra e sempre se assegurava de que os espíritos com que lidava eram bons, e não demoníacos.
Será que Kelley era sempre tão escrupuloso? Na mesma viagem, a dupla disse a Rodolfo que podia transformar metais fundamentais em ouro. Foram obrigados a fugir quando não conseguiram o feito. Kelley abusava de Dee, que era bem mais velho, nesta época, obrigando-o a uma troca de esposas humilhante. Muitos desconfiavam que Kelley era uma fraude, que apenas fingia receber respostas para evocações enoquianas.
Em 1590, contudo, Kelley parece ter recebido uma mensagem tão apavorante na linguagem enoquiana que ele parou de operar o

sistema e cortou relações com Dee. Traduzida da linguagem dos anjos para nossa língua, diz o que se segue:
"O Leão desconhece onde ando, nem me compreendem as feras do campo. Sou deflorada, e no entanto virgem; santifico e não sou santificada. Feliz é aquele que me abraça: pois à noite sou doce (...) meus lábios são mais doces do que a saúde, sou uma rameira para os que me arrebatam e uma virgem para os que não me conhecem. Purgai vossas ruas, oh, filhos dos homens, e lavai suas casas (...)."
Teria Kelley visto nisso a Prostituta Escarlate do Apocalipse e uma visão do iminente fim do mundo?
Dee voltou à Inglaterra na penúria, incapaz de sustentar sua família, delirante, muito paranóico, vendo em toda parte conspiração e contraconspiração. Após sua morte, surgiu um culto ao Dr. Dee e muitas pessoas, inclusive o memorialista John Aubrey e o importante maçônico Elias Ashmole, supuseram que ele havia sido um rosa-cruz.
Esta, de qualquer modo, é a história "pop" do Dr. Dee. Um nível mais profundo de significado - e a verdadeira motivação dele em tudo isso - diz respeito à história das relações da humanidade com os mundos espirituais.
Como vimos, os cristãos estavam vivendo uma retirada dos mundos espirituais. A Igreja parecia incapaz de proporcionar experiência espiritual direta ou contato pessoal com as realidades espirituais. As pessoas exigiam maravilhas e só as sociedades secretas sabiam como fornecê-las.
O Dr. Dee disse ao sacroimperador romano que toda igreja na cristandade podia desfrutar de aparições em cada dia da semana, desde que fossem introduzidas suas técnicas ocultas de magia cerimonial. Seria um retorno ao fervor espiritual da Igreja nos primeiros tempos, a Igreja de Clemente e de Orígenes, em que os elementos cabalísticos e herméticos não eram excluídos. A Igreja seria novamente uma Igreja mágica.
Esta era a grande visão evangelizadora do Dr. Dee.
Pode parecer ultrajante à sociedade moderna, mas é importante ver esta narrativa no contexto da prática da Igreja na época. Como vimos, era impossível traçar uma linha clara entre as práticas

clericais e a bruxaria. No entanto, para Dee, as práticas mágicas de evocação de espíritos dos párocos pareciam mais um folclore supersticioso, carecendo de rigor intelectual, sofisticação e de uma abordagem sistemática.

O impulso neoplatônico de pensar sistematicamente na experiência espiritual e nos mundos espirituais se difundiu a partir do Sul da Europa, influenciando estudiosos como Tritêmio, Agrippa e Dee. O alemão Johannes Reuchlin formulou uma Cabala cristianizada. Provou a divindade de Jesus Cristo usando argumentos cabalistas, mostrando que o nome de Jesus estava codificado no Tetragrammaton, ou nome sagrado de Deus.

Dee sem dúvida estava interessado em todas essas teorias mas, como vimos, ansiava por experiência. Sua abordagem era experimental e sistemática. Dee propunha a aplicação ponderada de técnicas para produzir fenômenos espirituais de forma controlada, regular e previsível. Em Dee, como em Bacon, vemos as primeiras aguilhoadas do espírito científico. O desenvolvimento das faculdades mentais, necessário para delinear a ciência moderna, evoluiu em parte num contexto oculto.

O que Dee sussurrou no ouvido do sacroimperador romano foi que se ele jejuasse por um certo período de tempo, realizasse determinado exercício respiratório por um número prescrito de vezes e a intervalos precisos, que se ele se envolvesse nesta prática sexual e pronunciasse esta fórmula nesta época astrológica predeterminada, entraria em um estado alterado de consciência em que podia se comunicar de forma livre e ponderada com habitantes dos mundos espirituais. Tudo isso fora estabelecido por experimentação reproduzível, tendo como precedente milhares de anos de prática, o que levou a resultados previsíveis.

A missão de Dee, então, foi introduzir algo inteiramente novo no curso da história. Sempre é objetivo das fraternidades de iniciados, como os rosa-cruzes, ajudar a difundir formas recém-evoluídas de consciência, apropriadas para tempos que mudam. Michael Maier, estudioso contemporâneo que escreveu com aparente conhecimento íntimo dos rosa-cruzes, disse que "as atividad dos

rosa-cruzes são determinadas pelo conhecimento da história e pelo conhecimento das leis da evolução da raça humana".
Essas "leis da evolução" agiam tanto na história como na vida humana individual. São as leis que descrevem a natureza paradoxal da vida, que antes chamávamos de Leis mais profundas. São descritas na Autobiografia de um ionie de Paramahansa Yogananda, como "leis mais sutis que regem os planos espirituais ocultos e o reino interior da consciência, (...) compreensíveis por intermédio da ciência da ioga". Podemos encontrar formulações destas leis espalhadas pela literatura rosa-cruz:

O Paraíso nunca está onde acreditamos que esteja.
Se cessar de limitar uma coisa dentro de si, isto é, de dizer que a quer, e se você se afastar dela, ela virá a você.
Aquilo que mata gera a vida. Aquilo que causa a morte leva à ressurreição.

As concepções rosa-cruzes dessas leis logo viriam à tona na História e transformariam a cultura do Ocidente.

Talvez o que haja de mais extraordinário na carreira de Dee seja o quão perto chega da superfície da história exotérica. Ele não só estava abertamente instalado na corte de Elizabeth I como o Merlim residente dela, não só tentou introduzir a magia cerimonial na Igreja sob a égide do sacroimperador romano como ficou tão conhecido que os dramaturgos podiam retratá-lo e esperar que o púbico o reconhecesse - em O alquimista, de Ben Jonson, e em A tempestade, de William Shakespeare.
Como veremos, Dee foi apenas a primeira de várias personalidades estranhas e trágicas que tentaram introduzir doutrinas esotéricas na vida pública.

22. O CATOLICISMO OCULTO

Jacob Boehme • Os conquistadores e a Contrarreforma • Teresa, João da Cruz e Inácio de Loiola • O Manifesto Rosa-cruz • A Batalha da Montanha Branca

Em 1517, o papa decidiu reviver a venda de indulgências para construir uma nova basílica de São Pedro em Roma. Era para ser a construção mais esplêndida e pródiga do mundo. Martinho Lutero, professor em Wittenberg, prendeu seus argumentos contra esta venda de indulgências à porta da igreja local, que funcionava como um quadro de avisos para a comunidade.

Quando isso ocasionou uma bula papal excomungando Lutero, ele queimou o documento diante de uma multidão admirada. "Aqui eu fico", proclamou ele.

No Norte da Europa, em particular na Alemanha, surgia uma onda de inquietude, um ressentimento com as exigências de obediência impensada, um anseio por liberdade espiritual. Herói da época, Lutero escapou de ser queimado na fogueira, protegido por um senhor de terras local, e, à medida que outros líderes alemães começaram a se unir em seus protestos contra os excessos do Papado, o protestantismo nasceu.

Alguns viam Lutero como a reencarnação de Elias, que Malaquias e depois Joaquim profetizaram que voltaria para anunciar a nova era.

Lutero bebia no pensamento místico, nos ensinamentos de Eckhart e Tauler. Seu amigo mais próximo e colaborador literário era o ocultista Philip Melanchthon, sobrinho do celebrado cabalista Reuchlin. Melanchthon era um defensor da astrologia, tendo escrito uma biografia de Fausto. O próprio Lutero se comunicava com os mundos espirituais em termos familiares, ouvia vozes que o guiavam e em uma famosa ocasião atirou um tinteiro em um demônio que zombara dele.

Mas seria ele um iniciado das sociedades secretas? Há sugestões intrigantes. Certa vez Lutero se referiu a si mesmo como "mestre aprovado", uma expressão que um iniciado maçônico de certo nível pode usar para se descrever. Ele falava com aprovação da alquimia, elogiando-a por seu "significado alegórico e secreto" e reconhecendo também que tinha importância na ressurreição da humanidade.

O interesse de alguns estudiosos também foi incitado pelo fato de Lutero ter adotado a rosa como seu símbolo.

Porém, a rosa branca de cinco pétalas de Lutero, contendo uma pequena cruz, não é a rosa vermelha mística que os rosa-cruzes prenderam à grande cruz de matéria a fim de transformá-la. Nem há qualquer motivo para supor que Lutero entendia que sua rosa tinha um significado relacionado à fisiologia oculta.

Embora a princípio Paracelso tenha apoiado Lutero, o mago suíço se desiludiu quando este promulgou sua doutrina da predestinação, que a Paracelso parecia o antigo elitismo romano sob um novo nome. Além disso, Paracelso era um pacifista, e Lutero, embora não fosse diretamente responsável pelos massacres de católicos que aconteceram depois que ele chegou ao poder político, podia têlos impedido. Apesar de Lutero ter sido levado ao poder em uma maré de entusiasmo e fervor místico, uma vez lá ele começou a ver essas coisas como ameaças à sua autoridade e a tudo o que ele conseguira, temendo-as. Mórbido e paranóico, não parecia estar disposto a deter as perseguições realizadas em seu nome.

Os rosa-cruzes devem ser vistos como a ala esquerda radical da Reforma, e o comportamento da Igreja luterana pode ser verificado na história de Jacob Boehme.

O Mysterium Magnum de Boehme, um comentário sobre o Gênesis, abriu novos panoramas de significado cabalístico e secreto. Iluminou a imaginação popular na grande era do protestantismo, no mínimo devido à sua influência sobre o Paraíso perdido de John Milton. Suas descrições detalhadas da fisiologia oculta do corpo humano são a evidência mais clara de uma tradição ocidental independente dos chakras antes do influxo de ensinamentos orientais no século XVIII Ele também fez um relato abrangente das

correspondências entre os corpos celestes, minerais e plantas, sugeridas antes, porém de forma mais vaga, por Agrippa e Paracelso.
Tudo isso é ainda mais surpreendente porque Boehme era quase completamente iletrado. De certo modo, ele antecipou Fludd em sua interpretação da Bíblia, que vê a narrativa da Criação como uma série de separações alquímicas, mas não há provas que sugiram que ele leu Fludd.
Nascido em 1575 de pais analfabetos, Jacob Boehme foi aprendiz de sapateiro. Um dia, um estranho entrou na oficina, comprou um par de botas e depois, enquanto ia embora, chamou Jacob pelo nome, pedindo-lhe que o seguisse até a rua. Jacob ficou surpreso com o fato de o estranho saber seu nome, porém mais ainda quando ele lhe fixou um olhar penetrante e disse: "Jacob, tua arte ainda é pequena, mas virá o tempo em que serás grande e o mundo será movido por ti. Lê as Sagradas Escrituras, onde encontrarás conforto e instrução, pois deves suportar mais infelicidade e pobreza e sofrerás perseguições. Mas sê corajoso e perseveres, pois Deus te ama."
O estranho se virou e desapareceu, Boehme nunca mais o viu. Mas o encontro o impressionou profundamente.
Boehme se tornou muito mais taciturno, de uma forma que alguns achavam desconcertante. Quando seu patrão o expulsou, ele se tornou autônomo, trabalhando arduamente, e por fim montou sua própria oficina.
Um dia ele estava sentado na cozinha quando o sol brilhou num prato de peltre e o ofuscou. Por algum tempo, ficou tudo escuro. Depois, aos poucos, a mesa, suas mãos, as paredes, tudo ganhou transparência. Ele percebeu que, embora em geral pensasse que o ar era transparente, na verdade ele é enevoado. Pois agora via que ele se tornara verdadeiramente transparente, como uma nuvem se abrindo, e de repente viu novos mundos espirituais se descortinando diante dele em todas as direções. Notou que todo seu corpo era transparente e percebeu que estava olhando para si mesmo, que seu centro de consciência flutuava, desprendera-se de seu corpo e podia se movimentar livremente nos mundos espirituais.

E foi assim que Jacob Boehme viajou pela primeira vez pelas hierarquias espirituais enquanto ainda estava vivo, como São Paulo, Maomé e Dante antes dele.

Boehme não causava impressão em termos físicos, era baixo e tinha a testa grande, mas seus extraordinários olhos azuis agora começavam a brilhar com uma luminosidade especial. As pessoas que o conheciam ficavam impressionadas com sua capacidade de ver seus passados e seus futuros. Às vezes ele conseguia falar línguas de várias partes do mundo e de diferentes épocas.

Sua segunda iluminação aconteceu enquanto ele estava andando pelos campos. De repente ele sentiu que podia viver de maneira direta o mistério da criação. Depois disso, escreveu: "Em um quarto de hora eu vi e soube mais do que se estivesse em uma universidade por muitos anos." O que Boehme tinha vivido não contradizia suas crenças luteranas e bíblicas; em vez disso, esclarecia-as e as iluminava, abrindo novas dimensões de significado.

O que distingue os escritos de Boehme, porém, são as descrições desses ensinamentos em termos de experiências pessoais prementes. Ele originalmente escreveu sua primeira obra, Aurora, como um aide-mémoire a uma de suas experiências místicas; mas quando vista por um nobre da cidade, este mandou fazer várias cópias. Uma delas caiu nas mãos do pastor de Goelitz. Talvez invejoso de alguém que obviamente conhecia os mundos espirituais muito mais do que ele, o pastor começou a perseguir o sapateiro. Acusou-o de heresia, intimidando-o com a prisão e por fim expulsando-o da cidade sob a ameaça de ser queimado vivo.

Logo depois de sua expulsão, Boehme chamou o filho, Tobias, a seu leito. Perguntou se ele conseguia ouvir a linda música e também se ele abriria a janela para que os dois pudessem ouvir melhor.

Depois de um tempo, disse: "Agora vou daqui ao paraíso", então soltou um suspiro fundo e morreu.

Em resposta à pergunta "Para onde vai o espírito depois da morte?", Boehme certa vez a respondeu de um modo que tem algo do zen teutônico de Eckhart: "Não há necessidade de ir a lugar nenhum. O

espírito tem o céu e o inferno dentro de si. Céu e inferno estão dentro um do outro e nada são um para o outro."

Boehme e o pastor de Goelitz olharam-se através da verdejante aldeia com uma incompreensão mútua. Eram duas formas muito diferentes de consciência. Do outro lado do mundo, a repulsa e a intolerância que surge quando se encontram duas formas muito distintas de consciência adquiriu uma escala muito maior e mais trágica.

Homens menos idealistas haviam seguido o rastro de Cristóvão Colombo. Em 1519, Hernán Cortês navegava pela costa do golfo de Yucatán quando fixou uma base que chamou de Veracruz. Ele e seus companheiros espanhóis ouviram boatos da fabulosa riqueza dos astecas, mas ficaram pasmos quando um embaixador do governante destes, Montezuma, aproximou-se da base trazendo presentes.

Os presentes incluíam uma imagem do Sol em ouro, do tamanho de uma roda de carroça, e uma representação de prata ainda maior da Lua. Também havia um capacete transbordando de grãos de ouro e um grande adereço de cabeça feito com penas de quetzal.

O embaixador asteca explicou que estes eram presentes de seu senhor, Montezuma, dados ao grande deus Quetzalcoatl. Este deus, explicou mais tarde o embaixador, há muito tempo havia deixado a Terra para fazer da Lua seu lar.

Os conquistadores então perceberam que Cortês, barbado, com capacete e pele clara, assemelhava-se muito com as descrições proféticas de Quetzalcoatl. Por coincidência, segundo perceberam, chegaram exatamente na época em que os astrólogos astecas profetizaram o retorno deste deus.

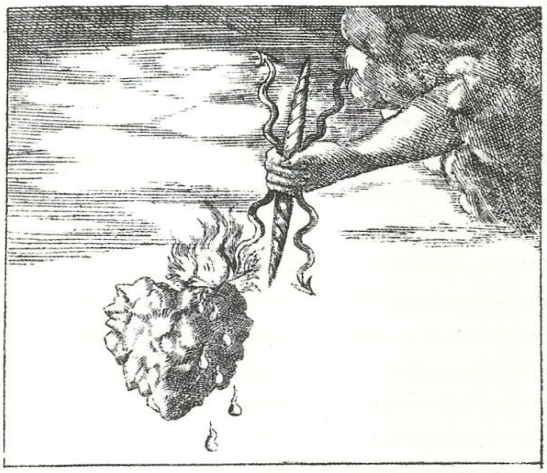
Alguns objetos astecas complexos e delicados seriam enviados de navio para a Europa, onde Albrecht Dürer os viu. Ele disse que eram tão sutis e engenhosos que fizeram seu coração cantar. Mas os seguidores de Cortês nutriam idéias menos elevadas. Quando chegaram à capital asteca, Tenochtitlan (agora a Cidade do México), descobriram que ficava no meio de um grande lago, acessível apenas por pontes artificiais estreitas que podiam ser facilmente

defendidas. Mas Montezuma saiu para recebê-los, curvou-se diante do endeusado Cortês e o convidou a entrar. O plano de Cortês era seqüestrar Montezuma e cobrar um resgate, mas seus homens, ao verem todo o ouro que estava no palácio, mataram impacientemente o rei. Graças a essa estupidez, só conseguiram escapar depois de uma longa batalha. Este foi o começo de um dos episódios mais sangrentos da história.

Os conquistadores ouviram boatos de uma fonte secreta de ouro e de um rei dourado, El Dorado, que se banhava em ouro líquido toda manhã. Walter Raleigh, que se uniria à busca desta cidade e de seu lendário rei, escreveu sobre o El Dorado Imperial, coberto de ouro".

O rival de Cortes, Francisco Pizarro, navegou para o Peru, pretendendo saquear um país protegido por dezenas de milhares de pessoas com um exército de apenas duzentos homens.

Assim como Cortês, ele seqüestrou o rei depois de se oferecer para encontrá-lo desarmado. Como resgate, exigiu que enchessem uma sala com ouro até o teto. Durante semanas, uma procissão de nativos trouxe pratos cálices e outros artefatos finamente trabalhados, mas, quando a sala estava quase cheia, os espanhóis afirmaram que o acordo era encher a sala de lingotes de ouro. Eles começaram a fundir os artefatos para abrir mais espaço a ser preenchido.



No catolicismo do século XVII, os ensinamentos esotéricos chegaram muito perto da superfície. As visões de Marie des Vallées e Mary Alacoque levaram ao povo ensinamentos da Igreja sobre os mistérios do sagrado coração. No século XX, em Londres, cidade onde trabalho, a livraria mais oculta – refiro-me com este termo a acontecimentos sobrenaturais como levitações, aparições, transfigurações de corpo – não é uma das óbvias, que se anunciam como tais, mas a Padre Pio Bookshop, à sombra da catedral de Westminster.

Por fim, como aconteceu com Cortês, os homens de Pizarro ficaram impacientes e mataram o rei. Uma grande hostilidade irrompeu. Quando entrou à força na capital, o pequeno exército de Pizarro encontrou palácios com paredes de ouro, móveis de ouro, estátuas de deuses e animais e armaduras de ouro. Havia até um jardim artificial em que as árvores, as flores e os animais eram feitos de ouro, em que cada talo de milho era de prata e seus grãos de ouro.
Estima-se que cerca de 100 mil astecas tenham sido mortos na batalha de Tenochtitlan, com a perda de apenas alguns conquistadores. Também se estima que aproximadamente 2 milhões de nativos morreram no curso da conquista.
Os nativos nem sempre seriam presa fácil. Depois de um tempo, aprenderam a adotar a mentalidade belicosa e traiçoeira dos europeus, e assim os conquistadores começaram a enfrentar perdas mais pesadas. Os conquistadores nunca encontraram El Dorado nem as minas, tampouco qualquer fonte do ouro
que abastecesse as capitais em tal abundância,mas o ouro da América do Sul foi suficiente para financiar a Contrarreforma. Com

sua usina de força na Espanha e executada em grande medida pela Inquisição espanhola, a Contrarreforma tornou obrigatório o comparecimento à missa. E também havia forças ocultas e fraternidades iniciáticas a serviço da Contrarreforma.
A maior biblioteca de literatura ocultista do mundo fica no Vaticano. A Igreja jamais acreditou que as ciências ocultas não funcionassem, apenas procurou ter controle exclusivo sobre elas. Os sociólogos atribuíram o poder da religião sobre o povo à capacidade da mesma para explicar as numerosas dimensões desconhecidas da vida e assim manter o medo à distância. A religião deve parecer capaz de lidar com o poder sombrio e vulcânico dos espíritos, que às vezes entra em erupção no mundo material.
No Norte da Europa, muitos faziam buscas espirituais fora do catolicismo romano. A Espanha foi reanimada por um misticismo igualmente sombrio e perigoso, mas que operava dentro da Igreja.
Teresa nasceu em Ávila, perto de Madri, em 1515, provavelmente em uma família de judeus convertidos. Ela fugiu de casa para ingressar em um convento. Ali, ao cair doente, diariamente perdia a consciência e adentrava um estado místico. Como os estados voltavam, ela usou os manuais dos místicos medievais e textos de Ramón Llull como guias para ter um conhecimento operacional da experiência mística.
O êxtase místico de Teresa em um encontro com um serafim foi claramente esculpido por Bernini, o grande artista-iniciado da Contrarreforma. "Ele não era alto, e sim baixo, mas maravilhosamente belo. Em suas mãos havia uma longa lança dourada, cuja ponta de ferro parecia conter um pequeno fogo (...) que ele lançou várias vezes em meu coração, (...) ele retirava a lança, deixando-me toda em chamas com o maravilhoso amor de Deus. (...) tão excitante e doce é esta, a maior das dores." Há nisto uma sugestão irreprimível de êxtase sexual que convida a uma comparação com as práticas de magia sexual de sociedades místicas do mesmo período. Estas práticas estão entre os segredos mais bem guardados do saber esotérico, as examinaremos no Capítulo 25.

Os diários espirituais de Teresa também descrevem uma ascensão da alma que vai ao encontro de relatos cabalistas da ascensão da árvore do sephiroth. Ela também descreve experiências fora do corpo e os órgãos da alma relativos à visão espiritual - os chakras, que ela chama de "os olhos da alma". Mas embora seus escritos possam ser fundamentados por um conhecimento da Cabala, o que chama mais atenção é um relato de uma experiência pessoal direta, uma compreensão do modo como operam os mundos espirituais que é rara fora da índia. Não há nenhum elemento de inautenticidade ou artifícios literários.

Os estados espirituais extremos de Santa Teresa às vezes induziam a fenômenos sobrenaturais, inclusive levitações. Estas foram testemunhadas com freqüência por muitas pessoas. As freiras lutavam para retê-la no chão. É um equívoco pressupor que a experiência de levitação corporal seja necessariamente uma bênção. Teresa fala de ser "suspensa entre o céu e a terra e não receber conforto nenhum". Há nisso certo senso de solidão, de aridez espiritual, que foi previsto por Eckhart e receberia sua expressão mais refinada e determinante com o discípulo de Teresa, São João da Cruz.

Como vivemos numa época em que são raras as experiências dos mundos espirituais, há o perigo de vermos em Santa Teresa ou em seu discípulo uma simples alegoria, um relato idealizado de sentimentos mais refinados ou até uma descrição de alterações de humor relativamente banais, expostas como aspiração ou desejo. Mas o relato da noite escura da alma de São João da Cruz, escrito depois de um período na prisão em confinamento solitário não é uma narrativa de humor alterado, mas de um estado alterado de consciência uma alteração das faculdades mentais tão radical quanto a alcançada quando se tomam drogas alucinógenas.

O *Êxtase de Santa Teresa*, na capela Cornaro, em Roma.

Os espanhóis se atiravam à morte. A obra de seus místicos, escritores e artistas mostra que eles tinham em mente a imanência da morte, não de forma teórica, mas de uma maneira existencial premente. Eles a vêem avançando por e através deles. Estão prontos para lutar com ela. Arriscam-se à derrota para arrancar das garras dela o que é mais valioso na vida. Este espírito espanhol encontra expressão em A noite escura da alma. Mencionamos antes a Morte Mística, a fase no processo de iniciação pela qual deve passar o candidato. Depois das primeiras manifestações reconfortantes e iluminadoras do espírito, o candidato é lançado em um estado de profunda infelicidade. Ele não só não tem dúvida de que está prestes a morrer como não tem dúvida de que Deus o abandonou, que todo o cosmo o considera desprezível. Ele passa a nada querer além da semi-existência sombria que lhe é apresentada.

Outros santos que levitavam foram Tomás de Aquino, Catarina de Siena, Francisco de Assis, José de Cupertino e, no século XX, Padre Pio e Gemma Galgani.

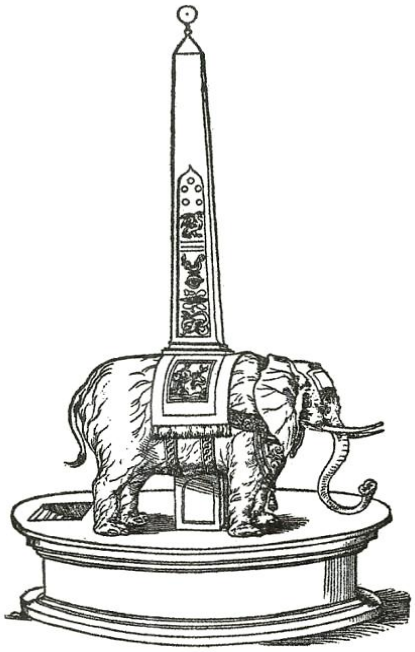
João está descrevendo a experiência em termos que hoje podemos reconhecer em parte, pois ele ajudou a formular a própria linguagem que usamos para descrever os primórdios da jornada do espírito pelo Purgatório, a esfera da Lua.

Na narrativa de João, há também um nível profético de significado. Ele estava antevendo uma era da história em que toda a humanidade encarnada teria de passar por sua própria noite escura da alma.

Mas talvez a forma mais característica de ocultismo que ficaria conhecida como Contrarreforma tenha sido a dos jesuítas.

Inácio de Loiola era militar de carreira. Quando sua perna direita foi despedaçada durante um cerco a Pamplona, ele ficou inválido para o Exército espanhol. No decorrer de um período de convalescença, estava lendo um livro sobre a vida dos santos quando percebeu sua vocação religiosa E assim, em 1534, estudando em Paris, reuniu em torno de si sete estudantes para formar uma fraternidade. Eles passariam a ser os soldados muito disciplinados da Igreja. Em 1540, o papa reconheceu esta ordem como a Sociedade de Jesus. Os jesuítas deviam ser a elite intelectual da Igreja, sua inteligência militar, perseguindo a heresia e a entrada ilícita nos mundos espirituais. Os jesuítas se tornaram os educadores e missionários

do papa, instituindo um rigoroso sistema que orientaria os jovens para Roma e insulariam obediência. Obtiveram sucessos extraordinários como missionários nas Américas Central e do Sul e na Índia.



O famoso *Obelisco de Santa Maria sopra Minerva*, de Bernini, deriva do *Hypnerotomachia* de Alberti – como vimos, também uma importante influência oculta sobre Da Vinci.

Inácio de Loiola elaborou provações e técnicas para chegar a estados alterados que incluiam exercícios respiratórios, privação de sono, machia de Alberti - como vimos, também meditação com crânios, treinamento com sonhos lúcidos e imaginação ativa. Esta última envolvia a construção de uma imagem mental elaborada e sensual que um espírito desencarnado poderia habitar, um processo conhecido pelos rosa-cruzes como "construção de uma choça junto ao palácio da sabedoria".

Porém, há uma característica sutil, porém importante, nos exercícios de Loiola. Embora as técnicas rosa-cruzes pretendessem auxiliar em uma troca espontânea e livre com seres de hierarquias

superiores, os exercícios espirituais de Inácio de Loiola pretendiam aquietar a vontade e induzir a um estado de obediência inquestionável, como o de um soldado. "Tomai, Senhor, e recebei toda minha memória, minha compreensão e toda minha vontade, tudo o que tenho."
As livrarias esotéricas ocidentais são dominadas por literatura hindu, budista e outros esoterismos orientais, mas os Exercícios espirituais de Inácio de Loiola ainda são as técnicas esotéricas mais prontamente acessíveis e amplamente publicadas da tradição ocidental.

As figuras desenhadas de El Greco têm olhos semicerrados ao contemplarem um mistério interior. Estão em paisagens convulsivas e céus tempestuosos. As pessoas retratadas por El Greco não só se encontram em estados alterados e místicos como ele transmite a sensação do que deve acontecer nesses estados. René Huyghe, crítico de arte francês, analisou a luz na visão panorâmica de Toledo feita por El Greco. Na realidade, Toledo é banhada por uma luz mediterrânea clara e intensa, enquanto na visão de El Greco a luz comum do dia foi tragada por uma luz fantástica e sobrenatural. Como iniciado, El Greco pintou o que São João da Cruz descreveu quando falou da "noite escura do fogo do amor, (...) sem outra luz guia além daquela que arde em meu coração".

Em 1985, foi publicado um livro de autoria anônima intitulado Meditations on the Tarot. Criou muita agitação nos círculos esotéricos porque mostra de uma forma extremamente erudita que o simbolismo nas cartas do taro apontam para um conjunto unificado de crenças subjacentes ao hermetismo, à Cabala, a filosofias orientais e ao cristianismo católico. Este livro é um tesouro maravilhoso de conhecimento e sabedoria esotéricos.
Revelou-se por fim que o autor era Valentine Tomberg, que havia sido iniciado por Rudolf Steiner, mas depois abandonou a antroposofia de Steiner e se tornou um católico convertido. O propósito subjacente de Meditations on the Tarot - tentar atrair os interessados em esoterismo de volta à Igreja fica evidente quando

tomamos conhecimento disto. Haveria alguma desonestidade intelectual nesta publicação? Tomberg, assim como Loiola, tentava garantir que a iniciativa nas questões esotéricas não fosse inteiramente afastada de Roma.

Examinamos as vidas de alguns indivíduos que trabalharam no Norte da Europa, ao que parece mais ou menos isoladamente – Eckhart, Paracelso, Dee, Boehme.
Qual é a prova da existência de uma rede, de algo semelhante à sociedade secreta de rosa-cruzes? Existiria alguma prova documental para apoiar os boatos sobre as fraternidades secretas?

Maria como Ísis, a deusa da Lua, por Murillo.

Em 1596, um homem chamado Beaumont foi condenado por práticas mágicas, tendo sido julgado por um tribunal em Angoulême, na França. Como registrou o famoso historiador francês De Thou, Beaumont confessou que "mantinha contato com os Espíritos Celestiais e Etéreos – que as escolas e mestres desta nobre arte foram frequentes em todas as partes do mundo e ainda o eram na Espanha, em Toledo, Córdoba, Granada e em outros lugares da Alemanha nos quais foram celebrados no passado, mas que em sua

maioria falhou desde que Lutero lançou as sementes de sua heresia e começou a ter tantos seguidores: que na França e na Inglaterra ainda eram preservadas em segredo nas famílias de alguns Cavalheiros; mas que só os iniciados eram admitidos nos Ritos Sagrados; para excluir os profanos".

Então, menos de trinta anos depois, uma série de panfletos curtos começou a aparecer com a intenção de contar a história interna.

Publicados anonimamente em Kessel, na Alemanha, entre 1614 e 1616, o primeiro era intitulado Fama Fraternitatis (ou "Boatos da Fraternidade") e apelava por uma revolução espiritual.

O segundo, o Confessio Fraternitatis, contava a história de CRC (Christian Rosencreutz), fundador da fraternidade, apresentando um relato das regras que ele instituiu e revelando que seu túmulo fora descoberto em 1604.

Descobriu-se uma porta sob um altar que levava a uma cripta. A porta trazia uma inscrição: Depois de cento e vinte anos, serei aberta. Abaixo havia um mausoléu de sete lados, cada lado tinha 2,5 metros de altura e um sol artificial suspenso no meio, acima de uma mesa redonda. Sobre esta mesa estava o corpo intacto de CRC, cercado por livros, inclusive a Bíblia e um texto de Paracelso. E o corpo segurava um pergaminho que trazia as seguintes palavras: "De Deus nascemos, morremos em Jesus, renasceremos através do Espírito Santo."

Um detetive literário pode ter percebido que a página de título do primeiro fólio deste segundo panfleto mostrava a forma singular e inconfundível do emblema oculto da consciência evoluída do Dr. Dee, o Monas Hieroglyphica.

O terceiro panfleto, O casamento químico de Christian Rosencreutz era um relato alegórico da iniciação, um casamento químico de magia sexual na tradição da Hypnerotomachia.

Estas publicações causaram sensação na Europa.

Quem eram os rosa-cruzes e quem era o autor?

Depois, aos poucos, revelou-se que o autor era um jovem pastor luterano chamado John Valentine Andrae. Seu mentor espiritual fora um místico famoso, Jean Arndt, discípulo de John Tauler, que por sua vez era discípulo de Mestre Eckhart.

Qualquer um que considere os argumentos da história esotérica fica frustrado com a escassez de provas. Quase por definição, as ações das sociedades secretas deixam poucos vestígios. Se forem bem-sucedidas, deixam poucas pistas a serem seguidas. No entanto, os argumentos são poderosos: estas sociedades são representativas de uma filosofia antiga e universal, uma filosofia coerente e consistente que explica o universo de forma mais adequada do que qualquer outra, e muitos, se nao a maioria dos grandes homens e mulheres da história, são guiados por ela.
Qualquer um que considere esta dicotomia naturalmente se perguntara: poderiam estas sociedades consistirem em uma coalizão secreta dos maiores gênios - ou é de fato apenas fantasia de algumas poucas pessoas isoladas e marginais, sendo na verdade um tanto vagas?
Esta talvez seja uma boa conjuntura para confrontar esta questão, polS nas últimas páginas seguimos duas tradições que corriam em paralelo, a amplamente exotérica tradição dos grandes místicos, transmitida de uma geração para outra, e uma tradição em grande parte esotérica, uma associação aparentemente frouxa de magos e ocultistas, a força mística por trás da Reforma, uma cadeia de iniciados que liga Eckhart, Tauler e Arndt com a rede de magos que inclui Rosencreutz, Paracelso e Dee.
Acabamos de ver que em 1614 estas duas tradições enfim se tornaram en trelaçadas de maneira inextrincável na pessoa de Valentine Andrae.

A mão oculta das sociedades secretas nem sempre se mostra, e, como vimos no caso da desgraça do Dr. Dee, quando se mostra ela se coloca em perigo. Muda sua própria natureza, arriscando-se a perder seu poder assim que surge à luz do dia.
Nos anos que se seguiram à publicação do Fama, os rosa-cruzes sairiam das sombras ao som de canhões e mosquetes. Eles travariam uma batalha sangrenta e desesperançada contra os jesuítas pelo espírito da Europa.

Nas histórias convencionais, céticas do Manifesto Rosa-cruz e desconfiadas de que era apenas fantasia, sua publicação marcou o início do fenômeno rosacruz. Nesta história secreta, o manifesto marcou o fim dos verdadeiros rosacruzes — ou pelo menos o começo do fim.

A publicação deste manifesto no início do século XVII também marcou a fundação de outra sociedade secreta que domina as questões mundiais até hoje.

A instituição do sacroimperador romano, criada por Carlos Magno em 800, baseou-se no ideal de um líder mundial com as bênçãos do papa, unindo a cristandade e defendendo a fé. Este ideal brilhava menos no início do século XVII. Nenhum sacro-imperador romano foi coroado entre 1530 e a coroação de Rodolfo II em 1576, e muitos dos pequenos reinos e principados da Alemanha tornaram-se protestantes, o que naturalmente solapou qualquer idéia de uma Europa unida sob um imperador romano.

Em seguida à morte de Rodolfo, o imperador tolerante, intelectualmente curioso e de mente ocultista que o Dr. Dee não conseguiu impressionar, a disputa pela sucessão atraiu a fraternidade Rosa-cruz para uma trama. Se pudesse ser colocado no trono da Boêmia, Frederico V príncipe da Renânia e companheiro viajante rosa-cruz, a Europa poderia ser dominada pelo protestantismo.

Os rosa-cruzes estiveram cultivando Jaime I da Inglaterra. Michael Maier, cujos escritos alquímicos estão entre os mais explícitos já publicados, mandoulhe um cartão rosa-cruz de apresentação. Em 1617, Robert Fludd dedicou sua obra sobre cosmologia esotérica, Utriusque cosmi historia, a Jaime, saudando-o com um epíteto consagrado a Hermes Trismegistus. Em 1612, a filha de Jaime, Elizabeth, casou-se com Frederico. A tempestade teve uma apresentação especial para a corte em comemoração ao dia do casamento, com a cena da mascarada recém-inserida. Podemos dizer, com certo grau de artifício literário, que Dee estava ali em espírito.

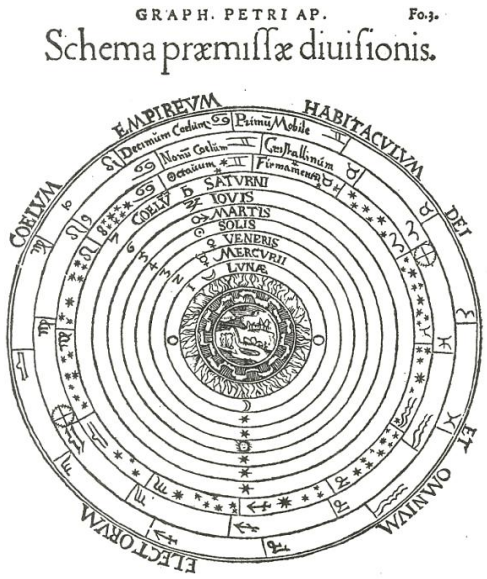
O plano era o seguinte: quando, em 1619, Frederico viajasse de Heildelberg para Praga para ser coroado, Jaime agiria em defesa de

seu romântico genro adolescente e sua jovem noiva contra o ataque católico.
Jaime nada fez quando as forças de Frederico foram decisivamente derrotadas na Batalha da Montanha Branca. Frederico e Elizabeth tiveram de fugir para Praga e, como reinaram por um tempo risivelmente curto, foram conhecidos para sempre depois disso como o Rei e a Rainha do Inverno.
A Guerra dos Trinta Anos foi promovida por Fernando, da grande dinastia católica dos Habsburgo, cujos batedores intelectuais eram os jesuítas. O objetivo dos Habsburgo era restabelecer a supremacia católica na Europa. Nesta época, cinco de cada seis cidades alemães foram destruídas e a população foi reduzida de cerca de 9 milhões para 4 milhões. O sonho rosa-cruz foi destruído em um carnaval de intolerância, torturas e assassinatos em massa. A Europa central era um deserto.
Contudo, a vitória da Igreja foi de Pirro. Se a Igreja de fato se visse envolvida em uma guerra com as sociedades secretas, combatendo a magia negra, talvez estivesse cometendo o erro de acreditar em sua própria propaganda.
O verdadeiro inimigo era o inimigo mais velho de todos, mas com um novo disfarce.

23. AS ORIGENS OCULTAS DA CIÊNCIA

Isaac Newton • A missão secreta da maçonaria Elias • Ashmole e a cadeia de transmissão • O que realmente acontece na alquimia

Em 1543, Nicolau Copérnico publicou Sobre a revolução dos corpos celestes. Sua tese era de que a Terra gira em torno do Sol.
Em 1590, Galileu Galilei realizou experimentos para mostrar que a velocidade de objetos em queda é proporcional à densidade deles, e não ao peso.
Em 1609, Johannes Kepler, usando mapas estelares de Tycho Brahe, calculou as três leis do movimento dos planetas.
Na década de 1670, Isaac Newton elaborou uma teoria unificada que ligava todas estas descobertas e descrevia o comportamento do universo mecânico em três fórmulas simples.
É claro que é fácil demais ver tudo isso como a investida triunfante da humanidade para o mundo moderno, saindo de milênios de superstição obscura e ignorância e entrando na luz da razão. Mas os sacerdotes-iniciados dos templos egípcios que sabiam que Sirius era um sistema de três estrelas estavam cientes, milhares de anos antes, de que a Terra gira em torno do Sol.
Além disso, como estamos prestes a ver, há provas de que os heróis a ciência moderna - as pessoas de quem menos esperaríamos isto — estavam profundamente imersos na sabedoria antiga.



Mapa ptolemaico das esferas, que, por convenção, acredita-se ter sido anulado pelas ideias de Copérnico, Galileu e outros, mas na verdade era e continua a ser um mapa preciso da dimensão espiritual do cosmo, uma dimensão que parecia mais real aos antigos do que o cosmo material.

Copérnico reconheceu que suas idéias vinham da leitura de textos do mundo antigo, e Kepler, quando formulou suas teorias, estava consciente da sabedoria antiga que agia por intermédio dele. No prefácio do quinto volume de Harmonices Mundi (1619), ele escreveu: "Sim, furtei os vasos dourados dos egípcios ara construir um santuário para o meu Deus (...)."

Kepler era um amigo de longa data de Richard Beshold, que trabalhou estreitamente com Valentine Andrae e com freqüência é considerado colaborador deste no Manifesto Rosa-cruz.

Isaac Newton, nascido em Woolthorpe, em Lincolnshire, não tinha mais do que um metro e meio de altura. Era estranho, excêntrico, sexualmente confuso e solitário.

Em seus dias de estudante, morou com um farmacêutico que se revelou um iniciado na alquimia. Então o caminho de Newton se abriu à frente dele. Newton, não menos do que Cornelius Agrippa, tentou descobrir o sistema completo do mundo.

Ele passou a acreditar que os segredos da vida estão codificados de forma numérica no tecido da natureza. Também acreditava que as pistas para decifrar estes códigos estão ocultas nos códigos numéricos e lingüísticos de antigos livros de sabedoria e nas antigas

construções, como a Grande Pirâmide e o Templo de Salomão. Era como se Deus tivesse aplicado um teste à humanidade. Só quando a humanidade desenvolvesse inteligência suficiente ela seria capaz de reconhecer a presença destes códigos e decifrá-los. Essa época, pensava Newton, havia chegado.

Na visão de Newton, cada parte do universo é inteligente. Até uma pedra, e não só no sentido de que mostra evidências de projeto. Segundo o antigo modo de pensar, com o qual Newton se identificava, não é verdade que animal, vegetal e mineral são categorias inteiramente distintas. Elas se sobrepõem naturalmente, misturam-se e, sob circunstâncias especiais, podem se metamorfosear uma na outra. Como afirmou a cabalista Lady Conway, contemporânea de Newton: "Existem transformações de uma espécie em outra, como de pedra a terra, de terra a relva, de relva a ovelha e de ovelha a carne humana, de carne humana às espécies mais inferiores do homem e destes aos espíritos mais nobres." Na opinião de Newton, então, tudo no universo se esforça na direção da inteligência. A matéria inanimada se esforça na direção da vida vegetal, que aspira à vida animal por meio de uma sensibilidade rudimentar. Os animais superiores têm um instinto que é quase racional, como as faculdades dos seres humanos, que por sua vez esperam evoluir para seres superinteligentes.

E esta aspiração universal à superinteligência olha os céus dos quais os estoicos eram íntimos. Isaac Luria, cabalista do século XVI, coloca desta forma: "Não há nada no mundo, nem entre as coisas silenciosas como a poeira e as pedras, que não possua certa vida, natureza espiritual, um planeta particular e tenha forma perfeita no paraíso." Luria falava da inteligência em uma semente que reage à intenção inteligente da luz do Sol. A tradição esotérica antiga não supõe que todas as informações necessárias para que a semente se desenvolva em uma planta estejam contidas na semente. O desenvolvimento é um processo que resulta da interação da inteligência na semente com a inteligência no cosmo maior que a cerca.

Sabemos, pela pesquisa de John Maynard Keynes, sobre as dimensões ocultas da visão de mundo de Newton e também que as

escolas de pensamento o fascinavam. Newton se perguntou se seria possível discernir diferentes inteligências, talvez até princípios distintos com centros variados de consciência por trás da superfície material das coisas. Isso não quer dizer que ele viu esses princípios como anjos acomodados em nuvens ou os imaginou de uma maneira antropomórfica ingênua — tampouco ele os enxergava como seres completamente impessoais, e muito menos como puras abstrações. Ele os chamava de "Intelligencers", o que implicava volição.

Como vimos, todos os esotéricos se interessam pela interface entre o animal e o vegetal e entre o vegetal e o mineral. Na visão esotérica, esta é a chave para compreender os segredos da natureza e manipulá-los. O vegetal é o intermediário entre o pensamento e a matéria. Pode ser chamado de o portal entre os mundos.

Para nos ajudar a entender por que se pode acreditar nisso, devemos talvez nos lembrar da narrativa da criação mente-antes-da-matéria feita nos primeiros capítulos deste livro. Se você acredita que o mundo é formado pela inteligência, pela mente, deve explicar como o imaterial forma o material. Isso, tradicionalmente - em todas as culturas antigas do mundo -, tem sido visto em termos de uma série de emanações da mente, de início etéreas demais para qualquer forma de percepção sensorial — mais sutis até do que a luz. Foi dessas emanações etéreas que a matéria por fim se precipitou.

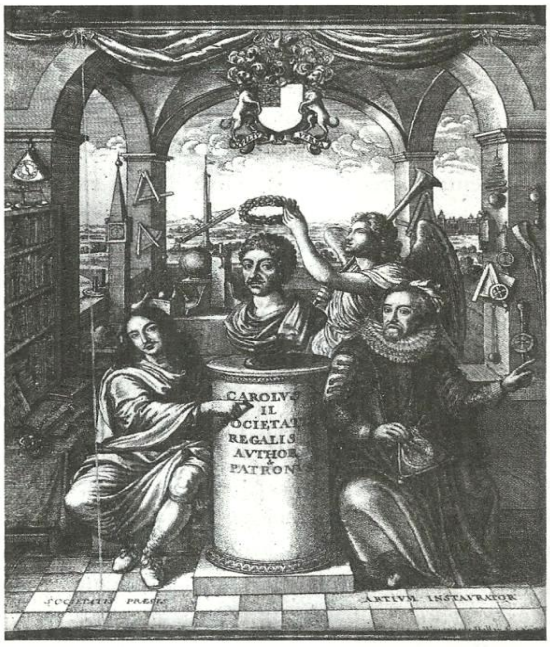
A mente não cria nem ordena diretamente a matéria - e nem pode - apenas por meio da dimensão vegetativa. A dimensão mineral do cosmo, por assim dizer, desenvolve-se a partir da dimensão vegetativa. Algo crucial para os ocultistas práticos flui deste aspecto. O que Paracelso chamou de ens vegetalis é maleável pela mente, e como a dimensão mineral se desenvolve a partir da dimensão vegetativa, épossível exercer um poder da mente sobre a matéria por este meio.

O nome de Newton para este meio sutil, que pode ser usado pela mente para reorganizar o cosmo, é sal nitrum. Nas descrições de

seus experimentos, ele descreve como realizou testes para ver como o sal nitrum pode ser usado para fazer com que metais ganhem vida. Estas anotações são um relato de trabalho de um verdadeiro alquimista. Newton via o sal nitrum circulando a partir das estrelas até as profundezas da Terra, investindo-a de vida, comumente com vida vegetal mas, sob circunstâncias especiais, dando vida a metais. E com uma empolgação crescente que ele descreve compostos de metal ganhando vida em soluções de nitrato e crescendo como plantas. Esta "vegetação de metais" confirmou para ele sua convicção de que o universo está vivo. E em seus documentos pessoais ele usou o conceito do sal nitrum para explicar os efeitos da gravidade.

Quando vemos a vida oculta dos heróis da ciência, as pessoas que forjaram a visão de mundo mecânica e deram grandes saltos tecnológicos, tornando nossa vida muito mais segura, fácil e agradável, em geral descobrimos que eles estão profundamente imersos no pensamento esotérico - em particular na alquimia.
Também podemos considerar o paradoxo menor de que muitos dos mais notórios ocultistas e visionários exóticos do mundo também eram, à própria maneira, homens de mentalidade prática, em geral responsáveis por invenções menores mas não menos significativas.
Vendo os dois grupos juntos, é difícil perceber uma distinção clara entre os cientistas e os ocultistas, mesmo quando passamos aos tempos modernos. Em vez disso, há um espectro em que o indivíduo é um pouco de ambos, apesar de em variados graus.
Paracelso, talvez o mais venerado dos ocultistas, revolucionou a medicina, introduzindo o método experimental. Também foi o primeiro a isolar e batizar o zinco, fez grandes inovações na importância da higiene para a medicina e também foi o primeiro a formular os princípios que viriam a fundamentar a homeopatia.
Giordano Bruno é um grande herói da ciência porque foi queimado na fogueira em 1600 por insistir que o sistema solar é heliocêntrico. Mas, como já vimos, isso ocorreu porque ele acreditava fervorosamente na sabedoria antiga dos egípcios. Acreditava que a

Terra gira em torno do Sol porque, em primeiro lugar, assim pensavam os sacerdotes iniciados do mundo antigo.
Robert Fludd, escritor ocultista e defensor dos rosa-cruzes, também inventou o barômetro.
Jan Baptiste van Helmont, alquimista de Flandres, foi importante nas sociedades secretas por reintroduzir as idéias de reencarnação - que ele chamava de "a revolução das almas humanas" — no esoterismo ocidental. Também separou gases durante seus experimentos alquímicos, cunhou o termo "gás" e, em seus experimentos sobre os poderes de cura dos ímãs, cunhou a palavra "eletricidade".
Gottfried Wilhelm Leibniz, matemático alemão, era rival de Newton na elaboração de cálculos. No caso de Leibniz, suas descobertas surgiram do fascínio com o misticismo numérico cabalístico que ele compartilhava com seu amigo íntimo, o erudito jesuíta do oculto Athanasius Kircher, estudante alquímico das propriedades da dimensão vegetal, ressuscitou uma rosa diante da rainha da Suécia. O próprio Leibniz nos deu o relato mais detalhado e crível da transformação alquímica de metais-baes em ouro.
A Royal Society foi o maior motor intelectual da ciência moderna e das invenções tecnológicas. Entre os contemporâneos de Newton, Sir Robert Moray publicou o primeiro periódico científico do mundo, Philosophical Transactions- e foi um fervoroso pesquisador de ensinamentos rosa-cruzes. A estranha figura monástica de Robert Boyle, cuja lei da termodinâmica preparou o caminho para o motor de combustãointerna, era um praticante de alquimia. Em sua juventude, escreveu sobre sua iniciação em um "colégio invisível". Robert Hooke, inventor do microscópio, e William Hervey, descobridor da circulação do sangue, também foram alquimistas praticantes.



Frontispício "desenhado por John Evelyn" para a história oficial da Royal Society, publicada em 1667. Francis Bacon é retratado como o pai fundador. Ele senta sob a asa de um anjo de uma forma que ecoa a expressão de encerramento do *Fama Fraternitatis* dos rosa-cruzes.

Descartes, o pai do racionalismo em meados do século XVII, passou um tempo considerável tentando identificar os rosa-cruzes e pesquisando a filosofia deles. Redescobriu a idéia antiga e esotérica da glândula pineal como o portal para a consciência, o olho interior, e sua inovação filosófica lhe veio enquanto estava em um estado visionário. Seu mais famoso dito pode ser visto como um remodelamento dos ensinamentos rosa-cruzes que pretendiam ajudar a fomentar a evolução de uma faculdade intelectual independente: Penso, logo existo.

Descobriu-se depois da morte de Blaise Pascal, um dos maiores matemáticos de sua época e eminente filósofo, que ele costurou em seu manto um pedaço de papel em que estava escrito: "Ano da graça de 1654, segunda-feira, 23 de novembro, dia de São Clemente, papa e mártir. De cerca de dez e meia da noite a aproximadamente meia-noite e meia, FOGO." Pascal chegou à iluminação que procuravam os monges do monte Athos.

Em 1726, Jonathan Swift, em As viagens de Guliver, previu a existência e os períodos orbitais de duas luas de Marte, descobertas pelos astrônomos, com o uso de telescópios, apenas em 1877. O astrônomo, que depois viu como Swift fora exato, batizou as luas como Fobos e Deimos - medo e terror —, de tão pasmo que ficou com os evidentes poderes sobrenaturais de Swift.

Emmanuel Swedenborg, grande visionário sueco do século XVIII, escreveu relatos detalhados de suas viagens aos mundos espirituais. Ele conta que os seres desencarnados que conheceu disseram ter inspirado a maçonaria esotérica no final do século XVIII e do século XIX. Também foi o primeiro a descobrir o córtex cerebral e as glândulas endócrinas, além de ter projetado o que ainda é o maior dique seco do mundo.

Como já vimos, Charles Dickens compareceu a sessões espíritas. Pode ter tido a oportunidade de aprender a doutrina esotérica da evolução dos peixes aos anfíbios, daí aos animais terrestres e ao homem em seu convívio com Max Müller, tradutor de textos sagrados em sânscrito.

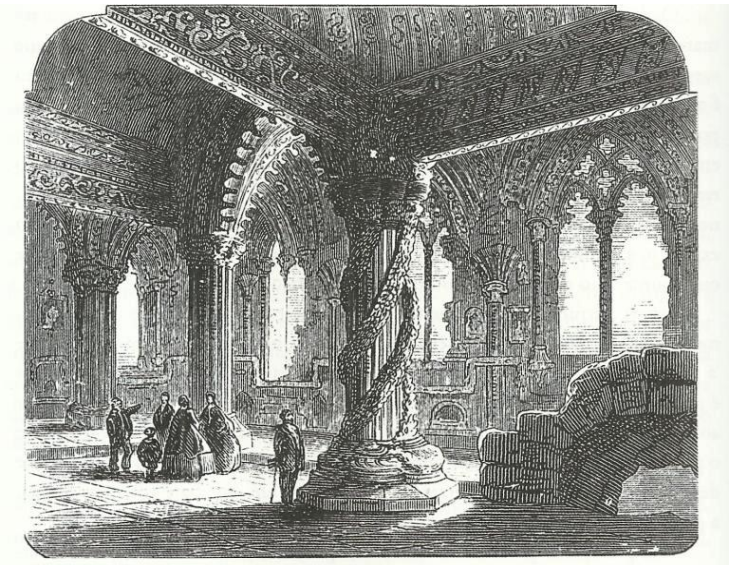
Nicholas Tesla, recentemente descrito por um historiador da ciência como "o excêntrico visionário definitivo", era servo-croata e se naturalizou americano. Ele patenteou cerca de setecentas invenções, inclusive lâmpadas fluorescentes e a bobina de Tesla, que gera uma corrente alternada. Assim como as mais importantes inovações de Newton, esta última surgiu de sua crença em uma dimensão elétrica entre os planos mental e físico.

No final do século XIX e início do XX, muitos cientistas importantes consideraram válido tentar uma abordagem científica aos fenômenos ocultos acreditando que enfim seria possível medir e prever forças ocultas, como as correntes elétricas, que só pareciam uma sombra mais esquiva do que o eletromagnetismo, as ondas sonoras ou os raios X. Thomas Edison, inventor do fonógrafo e portanto o pai de todo som gravado, e Alexander Graham Bell, inventor do telefone, supunham que os fenômenos psíquicos eram áreas perfeitamente respeitáveis de pesquisa na ciência, envolvendo-se na maçonaria esotérica e na teosofia. Edison tentou fazer um rádio que se sintonizasse com os mundos espirituais. Suas

maiores descobertas científicas surgiram desta pesquisa sobre o sobrenatural. Até a televisão foi inventada como resultado da tentativa de capturar influências psíquicas nos gases que flutuavam diante de um tubo de raios catódicos.

Na busca por pistas para compreender melhor esta estranha visão do oculto e do científico, voltaremos ao grande gênio por trás da revolução científica, Francis Bacon.
Como vimos, a grande descoberta de Bacon foi: se virmos os objetos da experiência sensorial com a maior objetividade possível, despindo-os de todas as idéias preconcebidas e noções de seu significado, surgirão novos padrões além daqueles traçados pelos sacerdotes e outros líderes espirituais. Podemos usar estes novos padrões para prever e manipular eventos.
Os historiadores da filosofia da ciência vêem isso como o grande começo, o momento em que o raciocínio indutivo tornou-se parte da abordagem de mundo da humanidade.
Deste momento fluíram a revolução científica e toda a transformação industrial e tecnológica do planeta.
Porém, se olharmos mais a fundo o relato de Bacon sobre o processo de descoberta científica, ele parece menos simples e, ao menos a princípio, bastante misterioso.
A natureza é um labirinto", disse ele, "em que a pressa de se mover o fará se perder." Bacon estava escrevendo como se os cientistas jogassem xadrez com a natureza. Para obter respostas, eles devem primeiro colocar a natureza em xeque. É como se a natureza precisasse ser ludibriada para revelar seus segredos, pois ela engana inerentemente a si mesma. Como se quisesse ser burlada.
Os historiadores atuais da ciência tentam apresentar Bacon como um rematado materialista, mas isto é o que eles desejam. Embora acreditasse que surgiriam novos resultados interessantes se víssemos dados sensatos como se não fossem infundidos de significado, não era nisso que ele acreditava. Sabemos, por exemplo, que ele acreditava no que chamou de sana astrológica , isto é, em receber influências celestes mágicas no espírito, como recomendou o mago renascentista Pico Delia Mirandola. Bacon

também acreditava, como Newton, no mesmo intermediário etéreo entre espírito e matéria e que este intermediário existia nos homens que eram "encerrados num corpo mais denso, como neve ou espuma" - o que ele chamou de "corpo etérico".
Bacon afirmou: "Não é menos verdade neste reino humano do conhecimento do que no reino dos céus de Deus que nenhum homem entrará nele a não ser que primeiro se torne uma criança pequena'." Isso parece dizer que é preciso primeiro alcançar um estado mental diferente e infantil para se chegar ao conhecimento superior. Paracelso disse algo semelhante ao escrever sobre o processo de experimentação, também usando expressões bíblicas: "Só ele, que deseja de todo coração, encontrará, e apenas para ele, que bate com veemência, a porta será aberta."
A implicação é que o conhecimento superior do mundo vem de estados alterados de consciência. Trabalhando nos mesmos círculos de Bacon e Newton, Jan Baptiste van Helmont escreveu: "Existe um livro dentro de nós, escrito pelo dedo de Deus, no qual podemos ler todas as coisas." Michael Maier, que escreveu sobre os rosa-cruzes como quem é integrante da ordem e que publicou algumas das mais belas obras de literatura alquímica, disse: "Beber a vida interior em um longo gole é ver a vida superior. Aquele que descobre o interior, descobre o que está no espaço." Em todas estas palavras, há a implicação clara de que a chave para a descoberta científica está em algum lugar no íntimo do descobridor.
Vimos que ao longo da história pequenos grupos trabalharam para alcançar estados alterados. Seria sugestão de Bacon e seus seguidores que o cientista precisa de algum modo sintonizar a dimensão etérica ou vegetal? Que, se pudermos de alguma maneira entrar na dimensão das formas combinantes, estaremos no rumo certo para entender os segredos da natureza?
Vimos que os grandes gênios da ciência, os fundadores da era moderna, tendiam a se fascinar com idéias da sabedoria antiga e com estados alterados. Será que o gênio não está tão perto da loucura, mas sim próximo dos estados alterados criados pelo treinamento esotérico.



Capela de Rosslyn, perto de Edimburgo. As origens escocesas da maçonaria foram deliberadamente encobertas no século XVIII porque tinham se emaranhado com a dinastia dos Stuart, apoiando suas alegações pelo trono. A capela de Rosslyn, construída no século XV por William Sinclair, o primeiro conde de Caithness, incorporou réplicas dos dois pilares do Templo de Salomão – Jakim e Boaz –, de maneira a antever todas as lojas maçônicas do mundo. Um entalhe no caixilho inferior da janela no canto sul da capela parece ser de um Primeiro Grau Maçônico. As lojas escocesas de tal espécie sem dúvida existiram pelo menos cem anos antes das inglesas registradas.

Se os heróis dos rosa-cruzes - Dee e Paracelso - eram loucos e estranhos, os magos da época seguinte pareciam respeitáveis homens de negócios.

A maçonaria sempre apresentou ao mundo uma face convencional. As lojas anglo-saxônicas, em particular, eram modestas sobre suas origens esotéricas. Pode parecer implausível, até para muitos maçons, a idéia de que os maçons em níveis de iniciação suficientemente altos aprendem a doutrina secreta e a história do mundo delineada neste livro.

No saber maçônico, podemos situar as origens das sociedades na construção do Templo de Salomão por Hiram Abiff, na repressão dos cavaleiros templários e nas guildas secretas de artesãos, como a Compagnons du Devoir, a Filhos do Padre Soubise e a Filhos do Padre Jacques.

Uma influência na formação de sociedades secretas, em especial na maçonaria, que costuma ser desprezada são as cofraternidades. Fundadas no século XV, elas originalmente eram fraternidades afiliadas a mosteiros. Os integrantes buscavam a vida espiritual

enquanto também trabalhavam na comunidade, organizando ações caritativas, encomendando arte e liderando procissões em dias santos. Originalmente, seu segredo pretendia garantir que as obras de caridade continuassem anônimas, mas deu origem a boatos de mantos, rituais secretos e iniciados. Na França no século XV, estas cofraternidades, que vinham absorvendo idéias de Joaquim e dos cátaros, foram por fim empurradas para a clandestinidade.

Mas a maçonaria "especulativa" moderna é datada do século XVII por seus historiadores oficiais.

Já foi afirmado algumas vezes que o primeiro caso registrado de iniciação na maçonaria ocorreu em 1646, com o celebrado antiquário, colecionador e membro fundador da Royal Society, Elias Ashmole. Ele com certeza foi um dos primeiros maçônicos ingleses e foi muito influente.

Nascido em 1617, filho de seleiro, Elias Ashmole formou-se em direito e se tornou soldado e funcionário público. Era um incansável colecionador de curiosidades. O Ashmolean Museum, em Oxford, construído para abrigar sua coleção, foi o primeiro museu público. Também era um homem de curiosidade intelectual ilimitada. Em 1651, conheceu um homem mais velho, William Backhouse, dono de um solar chamado Swallowfield. Ele possuía uma galeria longa e extraordinária, um rico depósito de "Invenções e Raridades", inclusive manuscritos alquímicos raros. Backhouse o convidou para se tornar seu filho.

Por isso, pelo que sabemos, Backhouse quis dizer que pretendia adotá-lo como seu sucessor e herdeiro. Antes de morrer, prometeu que passaria a Ashmole os segredos definitivos da alquimia, a verdadeira questão da Pedra Filosofal, para que Ashmole pudesse levar adiante uma tradição secreta que remontava à época de Hermes Trismegistus. Nos dois anos seguintes, os ensinamentos de Backhouse ao ansioso Ashmole foi lento e aparentemente hesitante. Mas em maio de 1653, o mais jovem registrou: "Meu pai Backhouse caiu doente na Fleet Street junto à igreja de St. Dunstans e, sem saber se ele viveria ou morreria, por volta das onze horas, contou-me salivando a verdadeira Matéria da Pedra Filosofal, que transmitiu a mim como um legado."

Ilustração para *Theatrum Chemicum Britannicum*, antologia organizada por Elias Ashmole.

O relato de Ashmole é incomumente claro a respeito da transmissão de conhecimento secreto, mas há também outras sugestões e alusões à atividade ocultista entre a elite intelectual. O segundo grão-mestre da Loja de Londres foi John Théophile Desaguliers, seguidor de Isaac Newton, que, da mesma maneira que este, passou muitos anos debruçado sobre manuscritos alquímicos.
O simbolismo da maçonaria formulada neste período é carregado de motivos alquímicos, da concepção central da Obra à ubíqua pedra fundamental e à Pedra Filosofal - ASHLAR -, assim como às bússolas e l'equerre.

Enfim chegou a hora de perguntar:
O que exatamente é a alquimia?
A alquimia é muito antiga. Os antigos textos egípcios falam de técnicas de destilação e metalurgia como processos místicos. Podemos entender que os mitos
gregos, como a busca pelo Velocino de Ouro, têm um nível alquímico de significado. Fludd, Boehme e outros interpretaram o

Gênesis nos mesmos termos alquímicos.
Um rápido levantamento dos textos alquímicos antigos e modernos mostra que a alquimia, assim como a Cabala, é uma congregação muito ampla. Se há uma grande "Obra" misteriosa, esta é abordada por uma variedade extraordinária de códigos e símbolos. Em alguns casos, a Obra envolve enxofre, mercúrio e sal, em outros, rosas, estrelas, a Pedra Filosofal, salamandras, sapos, corvos, redes, o leito nupcial e símbolos astrológicos como o peixe e o leão.
Existem variações geográficas evidentes. A alquimia chinesa parece menos a busca pelo ouro e mais uma busca pelo elixir da vida, da longevidade, até da imortalidade. A alquimia também parece mudar com os tempos. No século III, o alquimista Zózimo escreveu que o símbolo da arte química - o ouro - aparece na criação, pois resgata e purifica a alma divina canalizada nos elementos." Nos textos árabes primitivos, a Obra envolve manipulações destes mesmos Quatro Elementos, porém, na alquimia européia, com origens na Idade Média e florescendo no século XVII, um misterioso quinto elemento, a Quintessência, assume a dianteira.
Se começarmos a procurar por princípios unificadores, podemos ver de pronto que existem períodos prescritos de tempo ou números de repetições para as várias operações (a destilação, a aplicação de calor suave e assim por diante).
Há paralelos evidentes, então, com a prática da meditação, o que sugere de imediato que estes termos alquímicos podem ser descrições de estados subjetivos de consciência e não o tipo de operação química que pode ser realizada em laboratório.
Associado a isto, também vimos repetidas sugestões, em particular de fontes rosa-cruzes, de que estas operações pretendem ter efeito durante o sono e no limite entre o sono e a vigília. Poderiam elas ter a ver com sonhos visionários ou com sonhar acordado? Ou teriam relação com o transporte de elementos da consciência em sonhos para a consciência em vigília?

Retrato do rei inglês Carlos I em 1649 aguardando sua execução. Este evento foi previsto com uma precisão impressionante pelo profeta e astrólogo francês Michel de Nostradamus em 1555. Como observou David Ovason, o maior dos estudiosos de Nostradamus, seu verso "CHera pAR LorS, Le ROY" é o código cabalístico para "Charls le Roy", e assim o verso aparentemente brando "dirá que o rei" na verdade contêm uma previsão do nome do homem que, como deixa claro parte da quadra, seria "mantido em uma fortaleza perto do Tâmisa" e "visto de camisa". Carlos fez questão de vestir duas camisas, enquanto saía para a plataforma de execução, para que não tremesse de frio ou aparentasse temor.

Há também muitas pistas de um elemento sexual, da imagem recorrente do Casamento Químico às referências zombeteiras de Paracelso ao azoth. O Codex Veritatis, em um comentário aos Cânticos de Salomão, aconselha: "Coloque o homem vermelho com sua mulher branca em uma câmara vermelha, aquecida a uma temperatura constante." Da mesma forma, os textos tântricos equiparam o mercúrio alquímico ao esperma.

Existe uma escola de pensamento que interpreta os textos alquímicos como manuais que contêm técnicas para fazer a serpente kundalini subir da base da espinha, passando pelos chakras, para iluminar o Terceiro Olho.

Ilustração de *O paraíso perdido*, de Milton. Milton em geral escreve sobre como sua musa lhe dedicou a poesia. Para a sensibilidade atual, é tentador ver isso apenas como uma metáfora. Mas os diários de Milton também mostram o quanto ele foi influenciado por Boehme em suas descrições do Paraíso e por Fludd em sua cosmologia. Os escritos de Milton também deixam claro que ele estava acostumado a encontros com seres desencarnados: "Se eu puder obter um estilo adequado de minha Benfeitora Celestial, que conceda Suas visitas noturnas inexploradas; ou inspire meu verso impremeditado."

Outra escola, inspirada em Jung, vê a alquimia como uma espécie de precursora da psicologia. Jung escreveu um estudo sobre o alquimista Gerald Dorn e Dorn com certeza prestou-se a esta interpretação, uma vez que ele é um tipo de alquimista francamente psicológico. "Primeiro transmute a terra de seu corpo em água", diz ele. "Isto significa que seu coração, duro como pedra, material e indolente, deve se tornar sutil e vigilante." Em Dorn, vemos tanto a prática do trabalho nas faculdades humanas individuais que observamos em Ramón Llull como a combinação de treinamento esotérico e desenvolvimento moral que vimos antes no budismo esotérico e na Cabala.

As práticas sexuais alquímicas certamente existem — nós as veremos no Capítulo 25. E pode haver também textos alquímicos que lidam com a ascensão da kundalini, mas em minha opinião isso não é essencial à era de ouro da alquimia, que chegou a seu auge com os rosa-cruzes e os maçons.

A alquimia puramente psicológica de Jung é interessante quando encarada desta maneira, mas inteiramente desinteressante da

perspectiva esotérica, pois não considera noções de jornadas pelos mundos espirituais e a comunicação com seres desencarnados.
A chave para entender a alquimia com certeza está nos fenômenos surpreendentes que acompanhamos neste capítulo. Bacon, Newton e outros iniciados rosa-cruzes e maçons estavam interessados na experiência pessoal direta e no experimento científico. Como idealistas, eles eram fascinados pelo que liga a matéria à mente e, do mesmo modo que todos os esotéricos, conceberam esta ligação sutil em termos do que Paracelso chamou o ens vegetalis, ou dimensão vegetal.
Será que isso talvez os tenha feito pensar que a dimensão vegetal parecia imensurável, até indetectável por qualquer instrumento científico? Talvez, mas também é possível que eles fossem incitados a explorar mais pela crença em que esta dimensão vegetal aparentemente foi vivida em todos os tempos e em todos os lugares, e também por haver uma autêntica tradição antiga de manipulação com a qual consentiram muitos dos grandes gênios da história.
Roger Bacon, Francis Bacon, Isaac Newton e outros desenvolveram procedimentos científicos e experimentais. Tentaram encontrar leis universais que dessem sentido ao mundo visto com a maior objetividade possível. Agora eles aplicavam a mesma metodologia à vida vista com a maior subjetividade possível. O resultado foi uma ciência da experiência espiritual, e é disto que realmente trata a alquimia. O ouro que eles obtiveram no final de seus experimentos era um ouro espiritual, uma forma evoluída de consciência, implicando que um mero metal que trazia riqueza terrena não interessava mais para eles.
Na grande era da alquimia, o enxofre representa a dimensão animal, mercúrio é a dimensão vegetal, e o sal, a dimensão material. Estas dimensões são centradas em diferentes partes do corpo, o animal, abaixo dos órgãos sexuais, o vegetal, no plexo solar, e o sal, na cabeça. Vontade e sexualidade são consideradas profundamente entrelaçadas na filosofia esotérica. Esta é a parte sulfurosa. Mercúrio, a parte vegetal, é o reino do sentimento. O sal é o precipitado do pensamento.

Em todos os textos alquímicos, o mercúrio é o mediador entre o enxofre e o sal.
Na primeira etapa do processo, a dimensão vegetal deve ser trabalhada para que se chegue à primeira fase da experiência mística, a entrada na Matriz, o mar de luz que é o mundo entre os mundos.
A segunda etapa é o que às vezes se chama Casamento Químico, quando o mercúrio macio e feminino faz amor com o enxofre rígido, vermelho e duro.
Meditando repetidas vezes e por longos períodos de tempo nas imagens que inspiram um sentimento de amor - é preciso um período de 21 dias para qualquer exercício produzir uma alteração material na fisiologia humana — o candidato passa por um processo de mudança que submerge na vontade.
Se conseguirmos transformar nossos desejos sexuais em desejos espirituais vivos, então a ave da ressurreição, a Fênix, surgirá. Se nosso coração estiver tomado por estas energias transformadas, ele se tornará um centro de poder. Qualquer um que tenha conhecido um verdadeiro santo terá sentido o grande poder que irradia de um coração transformado.
O amor fascinou os alquimistas da era de ouro. Eles sabiam que o coração é um órgão da percepção. Quando olhamos alguém com amor, vemos coisas que outras pessoas não podem ver. O iniciado que suportou a transformação alquímica tomou uma decisão consciente e determinada de ver o mundo desta maneira. Um iniciado vê como o mundo realmente funciona, de um modo que é negado ao resto de nós.
Assim, se persistimos em nossos exercícios espirituais alquímicos, se conseguirmos purificar a barreira material fragmentada entre nós e os mundos espirituais, como nos insta o místico francês St. Martin, nossos poderes de percepção melhorarão. Em primeiro lugar, os mundos espirituais começarão a brilhar em nossos sonhos, menos caoticamente do que costumam fazer e de forma mais significativa. As inspirações dos espíritos, primeiro na forma de pressentimento ou intuição, também começarão a invadir nossa vida em vigília.

Começaremos a detectar o fluxo e a operação de leis mais profundas sob a superfície cotidiana das coisas.

O alquimista, de William Hogarth.

Na alquimia especificamente cristã de Ramón Llull e St. Martin, por exemplo, o espírito-Sol que transforma o corpo humano em um corpo radiante de luz é identificado com o personagem histórico de Jesus Cristo. Em outras tradições, embora esta identificação não possa ser feita, o mesmo processo é descrito. O sábio indiano Ramalinga Swamigal escreveu o seguinte: "Oh, Deus! Mostrastes-me o eterno amor conferindo-me o corpo dourado. Fundindo-vos com meu coração, alquimizastes meu corpo."
Estes fenômenos, descritos em diferentes culturas, mostram que o Terceiro Olho está começando a se abrir.
Seria demasiado fácil interpretar tudo isso como uma espécie de misticismo obscuro. Mas as histórias sobre cientistas como Pitágoras e Newton sugerem que eles, por meio destes tipos peculiares de estados alterados, conseguiram descobrir novas coisas sobre o mundo, ver sua operação interna e entender padrões que talvez sejam complexos demais ou grandes demais para a mente humana apreender com seu atual estado de consciência

criterioso. A alquimia confere a seus praticantes uma inteligência sobrenatural.
Uma palavra comum em textos alquímicos é VITRIOL. E um acrônimo para Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem. Visite o interior da Terra para encontrar a pedra secreta.
Quando os textos alquímicos recomendam visitar o interior da Terra, é uma maneira de falar da imersão no corpo da pessoa. A alquimia, então, está preocupada com a fisiologia oculta. Ao adquirir um conhecimento operacional da fisiologia de seu corpo, o alquimista era capaz de adquirir certo controle sobre o mesmo. Dizia-se que os grandes alquimistas, como St. Germain, eram capazes de viver o tempo que desejassem.
Mas em um nível mais realista, os alquimistas também tinham a capacidade de fazer a ciência avançar de maneiras práticas. Vimos os feitos de alquimistas que contribuíram para o desenvolvimento da medicina moderna. Em estados alterados de consciência, homens como Paracelso e Van Helmont podiam resolver problemas médicos e ministrar tratamentos que estavam além da compreensão da profissão médica da época. Entrando em si mesmos, estes iniciados viam o mundo exterior com uma clareza sobrenatural. Para colocar isso em termos cabalísticos, o homem é a síntese de todos os Nomes Sagrados. Todo conhecimento está, portanto, contido em nós, desde que aprendamos a lê-los. Os Ioga Sutras de Pantanjali aludem a viagens aos céus e a encolher até atingir o tamanho da menor partícula como poderes que recompensam os que praticam suas técnicas arcanas; os iniciados indianos ainda dizem poder viajar aos cantos mais distantes do cosmo.
Seus poderes de percepção são tão concentrados que eles vêem diretamente no nível atômico.
Estas são grandes siddhis, ou "excelências". Com certeza foram excelências que permitiram aos sacerdotes iniciados da antigüidade perceber a terceira estrela no
sistema de Sirius, a entender a evolução da espécie humana e a forma e a função da glândula pineal.

Mas seria possível para nós acreditar na eficácia destes estados alterados hoje em dia? Não é mais provável que os vejamos como uma redução da inteligência, deixando-nos mais conscientes, mais sujeitos à ilusão?

Proponho um contra-exemplo à visão de senso comum, apresentado a mim por Graham Hancock enquanto trabalhava em seu livro inovador sobre o xamanismo, Supernatural.

Cada célula humana tem enroscada em seu interior uma fita de dois filamentos com apenas dez moléculas de largura, mas quase 2 metros de extensão, contendo toda a informação genética necessária para a construção dessa pessoa. Cada célula viva do planeta tem uma versão desta fita, mas as que estão presentes nas células humanas são as mais complexas, portando uma mensagem codificada de cerca de 3 bilhões de caracteres. Estes caracteres contêm instruções herdadas, o que permite que as células se organizem nos padrões que criam cada ser humano.

Os cientistas perceberam que estes bilhões de caracteres parecem ter padrões muito complexos de relacionamento, uma estrutura profunda que sugere uma linguagem humana.

Este pressentimento foi confirmado por análise estatística. Mas foi Francis Crick, brilhante biólogo de Cambridge, que decifrou o código, descobrindo a estrutura

em dupla hélice que deu a ele e a seu colega James Watson o prêmio Nobel e deu início à medicina genética moderna.

O que é pertinente à história secreta é que, embora até onde eu saiba Crick não tenha tido ligações com as sociedades secretas, ele chegou a seu momento de inspiração e revelou a estrutura do DNA enquanto estava em um estado alterado provocado pela ingestão de LSD. Como vimos, os alucinógenos foram usados desde as escolas de Mistérios como técnica para atingir estados mais elevados de consciência e apreender realidades superiores.

O que é ainda mais intrigante é que mais tarde Crick publicou um livro cujo título é Vida: O mistério de sua origem e natureza, em que afirmava que a estrutura complexa do DNA não pode ter aparecido por acaso. Assim como outro homem de Cambridge, Isaac Newton, ele acreditava que o cosmo possuía, codificadas em seu interior,

mensagens sobre nossas origens — e as dele -, que foram colocadas ali para que pudéssemos decodificá-las quando evoluíssemos e tivéssemos inteligência suficiente.

Qual é a moral desta história? É o que a Duquesa em Alice no País das Maravilhas sempre pergunta.
O que está fora do coletivo é o reino do demoníaco, o reino de deuses e anjos — mas este reino também ê o reino do inovador, do evolutivo e que se volta para nossa necessidade profunda e insaciável do infinito. A história mostra que as pessoas que trabalharam nos limites da inteligência humana chegaram a este lugar em estados alterados.

24. A ERA DA MAÇONARIA

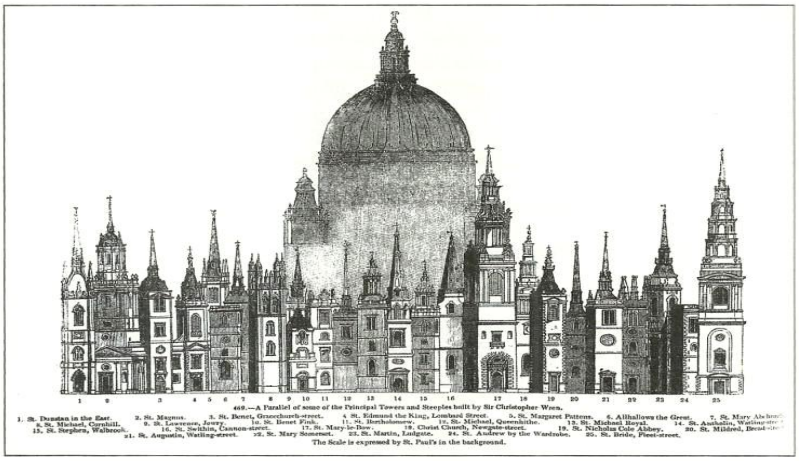
Christopher Wren • John Evelyn e o alfabeto do desejo • O triunfo do materialismo • George Washington e o plano secreto para a Nova Atlântida

Embora a alquimia tenha sido a prática essencial que relacionou os rosa-cruzes e os primeiros maçons, as formas externas destas sociedades eram muito diferentes.

Só havia oito irmãos rosa-cruzes na fraternidade original e muitos supunham que sua "Casa do Espírito Santo" existia em outro plano. Gerações posteriores ainda eram esquivas o bastante para sugerir que só havia alguns deles.

A maçonaria, por sua vez, espalhou-se pelo mundo com rapidez, recrutando milhares, depois centenas de milhares de pessoas. Hoje, mesmo que não anuncie sua existência, existem lojas maçônicas de importância em muitas grandes cidades. Quem é de fora sabe onde ficam, mesmo que não saiba o que acontece em seu interior.

Devido à catastrófica tentativa dos rosa-cruzes de dirigir as ações políticas, o que terminou na Batalha da Montanha Branca, os maçons operariam nos bastidores. Em vez de procurar impor reformas de cima, reverteram os objetivos originais das sociedades secretas, influenciando de baixo.



Catedral de St. Paul, em Londres. O famoso memorialista John Evelyn ajudou o colega maçom Christopher Wren com o planejamento da catedral de St. Paul e a reconstrução de Londres depois do Grande Incêndio de 1666. Evelyn e Wren apresentaram a Carlos II um novo plano para as ruas de Londres, abolindo as antigas ruas desordenadas. Em vez disso, as ruas seriam mapeadas de acordo com o padrão da Árvore da Vida da Cabala. Neste plano, St. Paul está situada em Tiferet, o "coração" da Árvore, associado a Jesus Cristo na Cabala cristianizada.

No caso da maçonaria, parte do objetivo era ajudar a fomentar as condições sociais que levariam as pessoas a uma fase de desenvolvimento em que estariam prontas para a iniciação. Os maçons tentaram criar uma sociedade tolerante e próspera com certa liberdade econômica e social que daria às pessoas a oportunidade de explorar melhor os cosmos exterior e interior. A evolução do livre-arbítrio resultou em muitas das grandes mudanças previstas em Nova Atlântida de Francis Bacon, sua visão do Estado rosa-cruz perfeito.

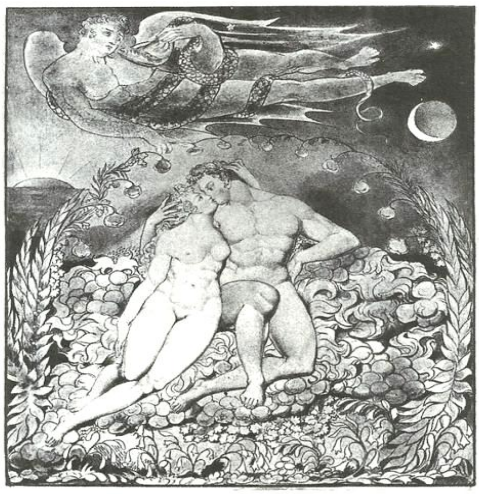
Incitadas por Francis Bacon, as pessoas começaram a ver uma distinção entre o cosmo interior e o cosmo exterior. Isso possibilitou a compreensão do mundo material e do modo como o mesmo funcionava, algo que antes não teria sido possível. E em algumas décadas esta compreensão deu um abraço metálico no mundo, à medida que as ferrovias e as máquinas de fabricação em massa transformavam a paisagem.

O que havia de melhor na ciência era que ela funcionava. Gerava resultados que podiam ser testados e eram confiáveis e tangíveis, promovendo benefícios transformadores na vida de todos.

O contraste com a religião não podia ser mais forte. A Igreja não era mais uma fonte confiável de experiência espiritual. O filósofo

escocês David Hume perguntou, de maneira sarcástica, por que os milagres sempre aconteceram em épocas e lugares remotos.
O resultado de tudo isso foi que os objetos físicos se tornaram o parâmetro do que é real. O mundo interior começou a parecer apenas um reflexo obscuro ou a sombra do exterior. No debate central da filosofia, entre o idealismo e o materialismo, o primeiro fora dominante desde os primórdios da filosofia. Como sugerimos, isso talvez não se devesse ao fato de a maioria das pessoas ter analisado argumentos dos dois lados e decidido em favor do idealismo, mas porque experimentavam o mundo com uma forma idealista de consciência.
Mas então veio uma mudança decisiva em favor do materialismo.
Podemos ver o Dr. Johnson, autor do primeiro dicionário de inglês, como uma figura de transição. Ele era um cristão que freqüentava a igreja e rejeitava a existência de fantasmas; em determinada ocasião, ouviu a mãe gritar por ele a uma distância de mais de 150 quilômetros. No entanto, foi um dos apóstolos da concepção comum da vida que é a filosofia dominante de hoje. Certa vez, andando por uma rua de Londres, foi desafiado a refutar o idealismo do filósofo e bispo Berkeley. Ele chutou uma pedra de lado na rua e disse: "Eu refuto assim!"
Esta nova maneira de olhar as coisas era péssima para a religião. Se a natureza obedecia a determinadas leis universais que percorriam caminhos retos e previsíveis, então ela era indiferente ao destino dos seres humanos. A vida, como colocou Thomas Hobbes, é uma guerra de todos contra todos.

A aridez da Europa central depois da Guerra dos Trinta Anos se transformou na aridez espiritual do mundo ocidental. Se você estiver disposto a tanto, pode ver o
declínio da religião com um prazer sardônico, mas para a maioria das pessoas o afastamento gradual dos mundos espirituais foi vivido com uma alienação crescente. Sem a presença viva de seres de hierarquias superiores de deuses e anjos para ajudá-las, as pessoas ficaram a sós para enfrentar, como dizemos, seus próprios demônios — e os demônios.



As pinturas de Blake às vezes retratam corpos nus que compõem formas de letras do alfabeto hebraico. William Blake era maçom, assim como Christopher Wren e John Evelyn. Estes maçons respeitáveis, membros da Royal Society e famosos por suas obras públicas, sabiam manter em segredo seus interesses esotéricos. O que John Evelyn deixou de fora dos diários escritos, pensando em sua publicação, foi que ele tinha uma amiga "seráfica", ou cabalística, trinta anos mais jovem, a quem ele ensinou as técnicas secretas da meditação. John Evelyn iniciou Margaret Blagge nos exercícios cabalísticos baseados nas manipulações imaginativas do alfabeto hebraico feitas por Abraham Abulafia. A diferença era que estes exercícios envolviam imaginar corpos nus, eroticamente retorcidos nas formas das letras hebraicas. Margaret começou a viver estados de transe extáticos. De certo modo, Evelyn antecipou o artista do século XX Austin Osman Spare, cujo "Alfabeto do Desejo" foi baseado nas correspondências entre os movimentos internos dos impulsos sexuais e suas formas externas, manifestas em sinais eróticos ou fetiches e magicamente alterados.

A humanidade entrava em uma nova Idade das Trevas. Templos neossalomônicos surgiam em todo o mundo. O objetivo esotérico da maçonaria seria ajudar a conduzir a humanidade pela era do materialismo enquanto mantinha viva a chama da verdadeira espiritualidade.

É claro que a maçonaria em geral é vista como ateísta, em particular por seus inimigos da Igreja, mas por tradição um maçom fez o juramento de "estudar os segredos ocultos da natureza e a ciência a fim de melhor compreender seu Criador".

Um mago tem uma visão cabalística em seu estúdio. Rembrandt criou algumas telas com conteúdo esotérico explícito, mas sua maior contribuição para a evolução da consciência foi sua série de autorretratos. Eles mostram, com mais clareza do que qualquer outro meio, o espírito humano consciente de estar preso em um corpo de carne que envelhece.

Desde o início, os maçons queriam descartar a religião irrefletida, a falsa piedade e o crescimento de séculos das práticas e dogmas da Igreja, em particular a idéia grosseira de uma figura paterna vingativa. Mas as ordens superiores sempre procuraram a experiência pessoal direta dos mundos espirituais. Como filósofos, sempre se interessaram pela tentativa de definir podemos dizer racionalmente sobre a dimensão espiritual da vida.
Como estamos prestes a ver, muitos maçons famosos do século XVII, que em geral eram considerados céticos, se não de todo ateus, eram alquimistas praticantes - e alguns até participaram de cerimônias mágicas. Além disso, alguns grandes maçons deste período eram reencarnações de grandes personagens do passado. Estavam voltando para travar a maior batalha contra as forças do mal desde a primeira Guerra no Paraíso.

Se os maçons escoceses apoiaram a monarquia constitucional trabalhando com um parlamento democrático, a situação era muito diferente nas colônias americanas.

George Washington foi iniciado em 1752.
Em 16 de dezembro de 1773, um grupo de homens, ao que parece de índios, teve grande importância na inspiração da revolução americana. Depois que jogaram o chá britânico no porto de Boston, correram para dentro da Loja Maçônica de St. Andrews...
Em 1774, Benjamin Franklin conheceu Thomas Paine em uma loja maçônica de Londres e o instou a emigrar para a América. Adorador das palavras de Isaías, Paine tornou-se o grande profeta da Revolução, propondo uma federação de estados e cunhando a expressão "os Estados Unidos da América". Ele defendeu a abolição da escravatura e o financiamento estatal da educação dos pobres.
Em 1775, membros do Congresso Colonial estavam hospedados em uma casa em Cambridge, Massachusetts. O objetivo deles era desenhar uma bandeira americana. George Washington e Benjamin Franklin estavam presentes, assim como um professor de idade avançada, que parecia estar ali por coincidência. Para surpresa dos demais, Washington e Franklin condescendiam com o professor. Pareciam reconhecê-lo como superior, imediatamente e sem reservas, e todas as sugestões dele para o desenho da bandeira foram prontamente acatadas. Depois ele desapareceu e nunca mais se soube dele. Seria este estranho um dos Mestres Ocultos que dirigem a história do mundo?
Em seu formato individual e no padrão de seu arranjo, as estrelas de cinco pontas da bandeira fazem eco aos símbolos do teto de uma câmara na pirâmide egípcia de Unas. No Egito, elas eram um símbolo dos poderes espirituais irradiando sua influência constante e norteadora na história humana.
Se insistirmos, contra todas as evidências, em ver a maçonaria como uma organização ateísta, espiritual apenas no sentido vazio de nossos dias, não compreenderemos como seus dois líderes se sentiam incitados por poderes misteriosos, alguns encarnados, como o velho professor, outros por espíritos desencarnados das estrelas.
A arquitetura da maçonaria se desenvolveu a partir de uma tradição mágica e oculta, que remonta ao antigo Egito, de invocar espíritos

desencarnados. "Quando o material está todo preparado", diz-se, "o arquiteto aparecerá."
Nas portas do Capitólio, em Washington, há uma representação de uma cerimônia maçônica que aconteceu em 1793, quando George Washington deitou a pedra fundamental da construção. Se contemplarmos os projetos de Washington para a capital que traria seu nome, com este prédio em seu centro, podemos começar a entender os planos secretos da maçonaria para a época. A chave para esta compreensão - talvez chocante para os que preferem ver Washington como um modelo de devoção cristã — é a astrologia.
O interesse da maçonaria na astrologia tem raízes na Royal Society. Quando Newton foi desafiado sobre o tema, ele disse: "Senhor, estudei o assunto. O senhor não."
Elias Ashmole havia feito uma análise astrológica para a fundação da Bolsa de Valores de Londres, que logo se tornou o centro financeiro do mundo, assim como para a catedral de St. Paul. Quando George Washington pediu uma previsão astrológica para a fundação do Capitólio, agia de acordo com uma tradição maçônica solene que registrava a história da humanidade segundo os movimentos das estrelas e dos planetas.
Para maçons esotéricos como Wren e Washington, o ato de consagrar uma pedra fundamental em um momento astrológico propício significava convidar as hierarquias de seres celestiais a participar da cerimônia.
É significativo que no exato momento em que George Washington deitava a pedra de fundação do Capitólio, Júpiter estivesse surgindo no Leste. A expressão "Annuit Coeptis", que paira no alto da pirâmide da cédula de dólar é adaptada de uma frase de a Eneida, de Virgílio - "Júpiter, favoreça-nos em nosso empreendimento."
A expressão "Novus Ordo Seclorum", também encontrada na cédula de dólar e que preocupa tanto os teóricos de conspirações, é, da mesma maneira, adaptada de Virgílio.
Nas Éclogas, ele anseia por uma nova era, quando as pessoas voltarão a estar reunidas com os deuses de forma que não haverá necessidade de religião. Na cédula de dólar, portanto, anseia-se pelo fim do domínio da Igreja católica no mundo e pelo início de uma

nova era espiritual. Repleta de simbolismo esotérico, ela foi desenhada sob a égide do presidente Roosevelt, um maçom de 33° grau, que se aconselhou sobre o simbolismo oculto com seu vice-presidente, Henry Wallace, maçom e discípulo do teosofista e artista Nicholas Roerich.

Depois de anos de pesquisa e tendo acesso aos arquivos maçons, meu velho amigo David Ovason escreveu um livro magistral em que revela, com termos simples, planos esotéricos que motivaram os líderes americanos.

David Ovason mostra que um grande triângulo de ruas, tendo a Pennsylvania Avenue como hipotenusa, assim foi desenhado por Washington e Latrobe para espelhar a constelação de Virgem. Ele mostra, além disso, que em uma exibição espetacular para rivalizar com as maiores realizações dos egípcios, a capital dos Estados Unidos é disposta de tal modo que em 3 de agosto de cada ano o Sol banha a Pennsylvania Avenue e atinge a piramidion no alto da torre dos correios.

E preciso todo um livro - o livro de David - para um relato completo. O que é importante nesta história, e que nos ajuda a começar a unir nossos temas, é que a capital Washington foi planejada para receber Isis, a deusa associada a Virgem.

Washington, então, construiu esta cidade sob o signo de Virgem, convidando a Deusa Mãe a participar do destino dos Estados Unidos.

Vimos que as técnicas secretas para se chegar a estados alterados são ensinadas dentro das sociedades secretas. Graus distintos de iniciação levam a diferentes níveis de alteração. Os níveis mais altos podem conferir o dom da profecia. Os grandes iniciados têm um conhecimento tão abrangente dos espíritos superiores e de seus planos para a humanidade que conseguem trabalhar conscientemente para ajudar no cumprimento destes planos.

Os iniciados de diferentes tradições esotéricas de diversas partes do mundo previram o alvorecer de uma nova era. Joaquim, Dee e Paracelso profetizaram a volta de Elias, que trabalhava nos bastidores da história para ajudar a humanidade a se fortalecer para enfrentar as provações que viriam. Ao convidar a Deusa Mãe a

participar do destino dos Estados Unidos, Washington também estava ansiando por uma nova era, uma nova Providência. Os Estados Unidos dominariam o mundo se as grandes orações em pedra de Washington fossem atendidas e as antigas profecias se realizassem.

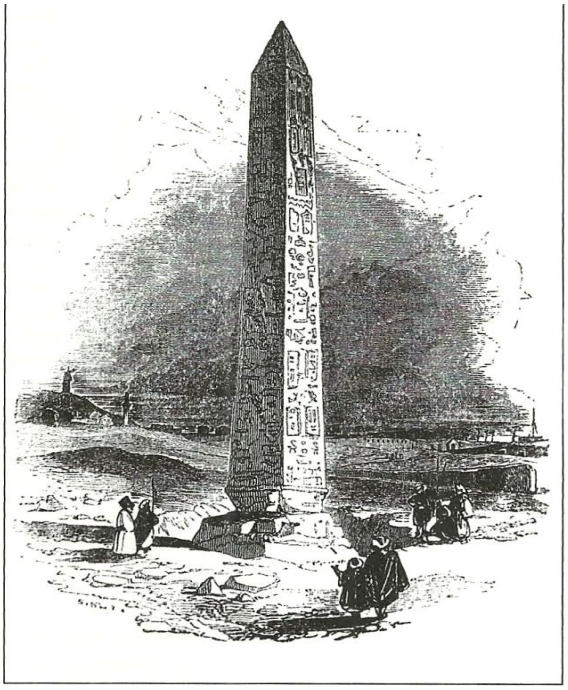
O abade Tritêmio, influenciado por Joaquim e que influenciou Cornelius Agrippa e Paracelso, previu que a época de Gabriel, o arcanjo da Lua, seria sucedida pela época de Miguel, o arcanjo do Sol. Ele previu que este grande evento aconteceria em 1881.

Vimos no Capítulo 3 que São Miguel travou a luta do bem contra as forças do mal, liderando as hostes de anjos do bem. Os maçons dos séculos XVIII e XIX previram que São Miguel, arcanjo do Sol, retornaria.

Miguel viria para combater as forças, formadas por anjos corrompidos e demônios, que atacariam a Terra no final do século XIX e no início do XX, de acordo com as previsões.

A vitória de Miguel sobre essas forças - com a ajuda humana - deveria levar ao fim do Kali Yuga, a idade das trevas dos hindus, que começou em 3.102 a.C. com o assassinato de Krishna. Os Yugas são determinados astronomicamente, sendo divisões do Grande Ano.

Na verdade, os astrólogos iniciados dos maçons perceberam que Tritêmio havia cometido um pequeno erro em seus cálculos astronômicos/astrológicos e que a era de Miguel começaria em 1879. Em todo o mundo, à medida que esse ano se aproximava, os maçons planejavam erigir monumentos, sobretudo obeliscos.



A Agulha de Cleópatra pouco antes de seu transporte para Londres.

Os egípcios viam o obelisco como uma estrutura sagrada em que a Fênix pousaria, marcando o fim de uma civilização e o começo de outra. Um obelisco é um símbolo do nascimento de uma nova era. Da mesma maneira que um farol gigantesco, ele atrai a influência espiritual do Sol.

Constantino o Grande converteu um templo de Alexandria em igreja, reconsagrando ao arcanjo Miguel os obeliscos que ficavam do lado de fora, antes consagrados a Tot ou Hermes. Em 1877, maçons dos dois lados do Atlântico trabalhavam no transporte desses dois obeliscos por mar, um para Londres, onde foi erguido no Victoria Embankment, de frente para o Tâmisa - e popularmente conhecido como Agulha de Cleópatra. Foi colocado lá em 13 de setembro de 1878, quando o Sol estava em seu zênite.

Seu obelisco gêmeo foi erguido no Central Park, em Nova York, organizado por um grupo de maçons liderados por membros da família Vanderbilt.

Como vimos, Miguel era o líder das hostes celestiais e a transição de uma ordem para outra sempre é marcada por guerras. E como o

que acontece na Terra sempre é um eco do que aconteceu antes nos mundos espirituais, uma grande guerra seria travada nos céus antes de ser travada aqui, no plano terreno.
Ao erguerem um obelisco no Central Park, em Nova York, os maçons estavam evocando São Miguel e todos os seus anjos, pedindo a ajuda deles enquanto procuravam estabelecer a liderança dos Estados Unidos na era assolada por guerras que logo nasceria.

Desenho de um busto de Albert Pike, grão-mestre e iniciado. A estrela maçônica com 33 raios é exibida com destaque em monumentos públicos de cidades de todo o mundo. Encontramos o número 33 codificado nas obras de Bacon, Shakespeare e no Manifesto Rosa-cruz. Também está codificado nos túmulos de Shakespeare e Fludd, tradutor da Versão Autorizada da Bíblia. Jesus Cristo viveu 33 anos. O significado deste número é um dos segredos mais antigos e bem guardados da filosofia esotérica. Trinta e três é o ritmo do reino vegetativo do cosmo, a dimensão que controla as interações entre os mundos espirituais e o mundo material. O mais perto de uma referência explícita a ele talvez esteja nas *Metamorfoses* de Ovídio, que descreve o espírito do César assassinado saindo por suas 33 feridas. O segredo do número 33 refere-se à quantidade de portais pelos quais o espírito humano pode viajar entre o mundo material e os mundos espirituais. Só iniciados do mais alto nível têm conhecimento prático dessas vias, pois a eles é permitido entrar e sair do reino material sem qualquer impedimento.

Já pode ter ocorrido a alguns leitores que os obeliscos são erigidos com proeminência semelhante em contextos eclesiásticos, como o obelisco erguido pelo artista iniciado Gianlorenzo Bernini na praça diante da basílica de São Pedro, em Roma.
Os escalões superiores da hierarquia da Igreja querem impedir que seu rebanho tenha conhecimento das origens astrais de sua religião.
Mas esses monumentos funcionam em níveis diferentes. Atraem os seres desencarnados das hierarquias espirituais. Agem nas pessoas em níveis abaixo do consciente, níveis em que os grandes seres desencarnados entram e saem de seu espaço mental. Os iniciados de dentro e de fora da Igreja criaram grandes obras de arte e arquitetura para ajudar a condicionar a humanidade para sua evolução futura.

Eles também trazem pistas suficientes para aqueles cuja intenção é tão forte que podem até decodificá-los.

25. A REVOLUÇÃO MÍSTICO-SEXUAL

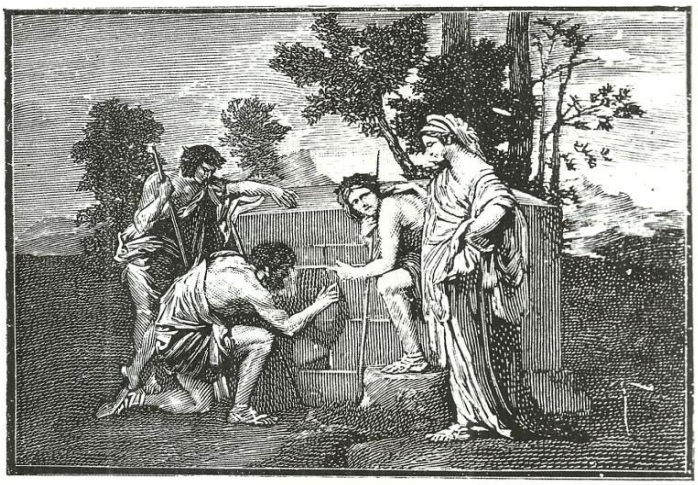
O cardeal Richelieu • Cagliostro • A identidade secreta do conde de St. Germain • Swedenborg, Blake e as origens sexuais do romantismo

Contudo, em meados do século XVIII, a ascensão à supremacia dos Estados Unidos era apenas uma visão mística. No final do século XVII e no século XVIII, a França tornou-se a nação mais poderosa e influente. Extremos de bem e mal, floretes e línguas afiadas decidiram o destino do mundo nos corredores do Louvre, à época Versalhes.

Talvez seja significativo que Descartes jamais tenha tido sucesso ao tentar localizar os rosa-cruzes, embora tenha pesquisado por muitos anos, chegando até a viajar à Alemanha com este objetivo. Vítima de visões, ele evidentemente não era iniciado como Newton nas técnicas alquímicas que podiam dar acesso constante, talvez até controlado, aos mundos espirituais.

Em colaboração com o matemático e teólogo Marin Mersenne, cujo patrono era Richelieu, Descartes desenvolveu uma filosofia racionalista, um sistema fechado de raciocínio sem necessidade de referência ao reino dos sentidos.

A filosofia de Descartes e Mersenne contribuiu para a evolução de uma nova forma de ceticismo. Permitiu que uma sucessão de diplomatas e políticos franceses sobrepujasse seus vários oponentes. Eles podiam usar roupas parecidas, embora mais na moda, com aquelas trajadas por contemporâneos na Alemanha, Itália, Holanda, Espanha ou Inglaterra, mas a diferença na consciência era tão drástica quanto a que havia entre os conquistadores e os astecas.



Et in Arcadia Ego, de Nicholas Poussin. A ligação de Poussin com o mistério de Rennes-le-Château causou muitas especulações a respeito de seus interesses esotéricos. Mas procurar por interesses rosa-cruzes, como alguns fizeram, é um esforço inútil. O mentor espiritual de Poussin foi o jesuíta Athanasius Kircher, talvez o maior erudito do esoterismo no século XVII. Na condição de egiptólogo mais instruído da época, Kircher preocupava-se em verificar a filosofia perene e a história secreta universal codificada nos textos egípcios, na Bíblia e na tradição clássica, representados aqui por uma alusão a um episódio da obra de Virgílio. O que o pastor agachado está apontando – em um túmulo que existia na época de Poussin, embora tenha sido destruído recentemente – é uma inscrição que confirma a história secreta deste livro. *Mesmo eu estive na Arcádia* refere-se ao momento decisivo na história descrito no Capítulo 5, quando a vida vegetativa e idílica da humanidade foi invadida pelo desejo animal e pela morte. Esta foi a Queda da Deusa Mãe. No cristianismo esotérico, Maria Madalena foi a encarnação da deusa, redimida por seu Amado. Como vimos, Maria Madalena passou os últimos anos de sua vida no Sul da França, segundo a tradição da Igreja. O que Poussin literalmente apontava aqui, portanto, era a sepultura de Maria Madalena.

A corte francesa foi a mais magnífica da história humana, não só em termos materiais, mas na sofisticação de sua cultura. Bela e insensível, entendia que todas as ações humanas eram motivadas pela vaidade, de acordo com as máximas de La Rochefoucauld. "Quando insistimos nas virtudes dos outros expressamos uma estima por nossos próprios sentimentos mais refinados", foi uma de suas críticas irônicas e arrasadoras à natureza humana. "Não importa o quanto falem bem de nós", disse ele, "não nos dizem nada que já não saibamos." No hiato deixado pelo abandono da sinceridade, surgiu uma tirania do gosto e do estilo.

À medida que a espiritualidade foi separada da sexualidade, libertinos como Choderlos de Laclos, autor de Les liaisons dangereuses, disse ser uma aranha no meio de uma vasta teia de intriga sexual e política. Crebillon Fils, autor do melhor dos romances libertinos, Les egarements du coeur et de 1'esprit, Casanova e Sade tornaram-se homens representativos, admirados pela complexidade e inteligência de seus jogos de poder.

Em todo ato sexual há um elemento de esforço. Agora este esforço tornou-se um fim em si. Mesmo entre os mais sensíveis e inteligentes, o sexo podia ser reduzido a um exercício de poder.
Em seguida às maquinações inescrupulosas do cardeal Richelieu para promover os interesses nacionais no reinado de Luís XIII, Luís XIV agregou para si o título de Rei Sol — mas é claro que havia um lado sombrio. Enquanto a haute cuisine era elaborada para manter os nobres satisfeitos na corte, os camponeses morriam de fome com os altos impostos e Richelieu massacrava dissidentes religiosos. Mais tarde Maria Antonieta seria protegida da visão dos doentes, velhos e pobres, e Luís XIV lia e relia obsessivamente um relato da decapitação de Carlos I, atraindo para si o que mais temia.
Ecoavam pela corte boatos de segredos esotéricos poderosos. O cardeal Richelieu portava um cajado de ouro e marfim e os inimigos temiam seus poderes mágicos. Seu mentor, Père Joseph, a eminence grise original, ensinou-lhe exercícios espirituais que desenvolveram seus poderes psíquicos. Empregou um cabalista chamado Gaffarel para ensinar os segredos do oculto. Um homem chamado Du-boy, ou Duboys, que diziam ser descendente de Nicholas Flamel, foi vê-lo carregando um manual de magia de fraseado obscuro. Mas Du-boy foi incapaz de interpretá-lo para o cardeal e assim foi enforcado. Parece que Richelieu ficou desesperado para alcançar a ansiada fenda para o outro lado, uma vez que empregou métodos cada vez mais radicais. Urban Grandier, um suposto adorador do diabo, estava sendo torturado lentamente até a morte por ordem de Richelieu quando, diz-se, ele avisou: "Você é um homem capaz, não destrua a si mesmo."
A amante de Luís XIV, Madame de Montespan, provocou a morte da jovem rival por intermédio de uma Missa Negra.
Um dos médicos de Luís XIV, chamado Lesebren, fez um estranho relato do que aconteceu a um amigo que tinha preparado o que acreditava ser um elixir da vida. Ele começou a tomar algumas gotas toda manhã, ao nascer do Sol, com uma taça de vinho. Depois de 14 dias, seu cabelo e as unhas começaram a cair e ele perdeu a coragem. Começou a dar a poção a uma serviçal idosa, mas ela também ficou com medo e se recusou a continuar. Então

ele começou a ministrar este remédio a uma galinha envelhecida, molhando o milho nele. Após seis dias, as penas começaram a cair até que a ave ficou completamente depenada. Depois de duas semanas, começaram a crescer novas penas, mais vistosas e de cores mais bonitas do que as que tivera na juventude e ela recomeçou a pôr ovos.

Entre extremos de ceticismo e credulidade, onde eram comuns charlatões e fraudes, os iniciados autênticos desenvolveram maneiras de se apresentar ao mundo exterior. Os mestres esotéricos sempre souberam que sua sabedoria parecia tola aos não iniciados. Sempre se concentraram na natureza enganosamente paradoxal do cosmo. Agora os iniciados começavam a se apresentar disfarçados de trapaceiro e sem-vergonha.

Um rapaz pobre das ruelas da Sicília se reinventou como conde Cagliostro. Por meio de uma mistura de charme hipnótico, seu hábito de usar como isca Seraphita, a linda e jovem esposa, e sobretudo sua posse, segundo boatos, da pedra filosofal, ele ascendeu ao topo da sociedade européia.

Para os que estavam na base da sociedade ele parecia uma espécie de santo. Milagres de cura realizados entre os pobres de Paris, que não podiam pagar por um médico, fizeram dele um herói popular. Quando Cagliostro foi libertado da Bastilha depois de um curto período de prisão, cerca de 8 mil pessoas foram aplaudi-lo. Quando Cagliostro foi desafiado a um debate diante de seus pares intelectuais, seu oponente Court de Gébelin, amigo de Benjamin Franklin e renomado especialista em filosofia esotérica, logo admitiu que estava se opondo a um homem cuja erudição superava de longe a dele.

Cagliostro também parece ter tido poderes extraordinários de profecia. Em uma famosa carta de 20 de junho de 1786, profetizou que a Bastilha seria completamente destruída, e dizia-se que chegou a prever a data exata deste evento - 14 de julho - em uma pichação encontrada na parede da cela de prisão em que ele morreu.

Qualquer um com poder sobrenatural está sujeito a sofrer tentações. Talvez o iniciado mais carismático e desconcertante do século XX tenha sido G.I. Gurdjieff. Ele apresentou suas idéias deliberadamente de forma absurda. Escreveu de um órgão na base da espinha que podia capacitar qualquer um a ver tudo de cabeça para baixo e às avessas, chamando-o de "Kunderbuffer". Desta maneira, propositalmente deu um nome risível à serpente kundalini, a reserva de energia que fica enroscada na base da espinha, essencial à prática tântrica. Da mesma forma, escreveu sobre deuses em naves espaciais gigantes e disse que a superfície do Sol é fria. Qualquer um que repudiasse isso se mostrava indigno. Quem persistisse e conseguisse sintonizar, descobria que as disciplinas espirituais de Gurdjieff funcionavam.

Após sua morte, revelou-se que ele às vezes usava poderes indubitáveis de controle mental para assediar mulheres jovens e vulneráveis.

Um amigo meu viajou à índia para visitar o renomado mestre, iniciado e milagreiro Sai Baba. Meu amigo estava viajando com a linda namorada. Depois de um jantar primoroso, os servos se retiraram e Sai Baba levou os convidados à biblioteca. Meu amigo estava folheando um livro enquanto a namorada conversava com Sai Baba. Percebeu que ele estava estranhamente próximo dela e ficou ansioso quando Sai Baba voltou a conversa para o tema da dimensão sexual dos mitos hindus. De repente Sai Baba estendeu um sino de cobre gravado com sinais e ao mesmo tempo pareceu pegar alguma coisa no ar. Virou a palma da mão e revelou uma corrente de ouro com um crucifixo. Disse à garota que era magia de verdade e estendeu a palma da mão para ela, oferecendo-lhe o objeto, que a meu amigo pareceu brilhar com uma aura sombria.

Ele também percebeu que os sinais no sino eram tântricos e entendeu que a intenção devia ser enfeitiçar sua namorada com uma visão para seduzi-la. Ele perguntou de onde vinha a corrente.

"Apareceu diante de seus próprios olhos", disse Sai Baba.

Meu amigo pegou a corrente, para evitar que a namorada a tocasse. Segurando-a na palma da mão, usou a arte da psicometria para determinar suas origens. Teve uma visão perturbadora de ladrões

de túmulos e percebeu que este crucifixo e a corrente tinham sido escavados da sepultura de um missionário jesuíta.
Ele confrontou Sai Baba com isso e assim, demonstrando seus próprios poderes mágicos, conseguiu fazer com que ele recuasse.
Contando-me isso muitos anos depois, meu amigo disse que depois que Próspero quebrou o bastão no final de A tempestade, os iniciados foram proibidos de exercer seus poderes mágicos, a não ser em circunstâncias excepcionais como esta. Existe uma lei segundo a qual o poder é disponibilizado em igual quantidade a um mago negro se um mago branco usa seus poderes ocultos.
Existiria alguma outra evidência sugerindo que a magia ainda é praticada hoje? Em um sebo de livros em Tunbridge Wells, deparei-me com um pequeno esconderijo de cartas em que um ocultista dava conselhos sobre como usar feitiços mágicos para atingir seus objetivos. Um deles incluía introduzir secretamente sangue menstrual no alimento como forma de despertar os desejos sexuais de um homem. Isso podia ser estranho, mas em 2006 o governo britânico anunciou seus planos de destinar uma grande verba ao desenvolvimento da agricultura "biodinâmica". Este método, elaborado por Rudolf Steiner, depende das correspondências entre plantas e os espíritos das estrelas, descritas por Paracelso e Boehme. Steiner recomenda que uma infestação de arganazes deve ser tratada com a queima, no campo, de cinzas de um arganaz preparado quando Vênus está no signo de Escorpião.

Se Cagliostro ainda é um enigma, o homem que ele procurou era um mistério ainda maior.
O relato do próprio Cagliostro sobre o encontro com o conde de St. Germain em um castelo na Alemanha em 1785 registra que ele e sua esposa chegaram às duas da manhã, exatamente na hora marcada. A ponte levadiça baixou e eles a atravessaram, chegando a um pequeno ambiente escuro. De repente, como num passe de mágica, enormes portas se abriram e revelaram um vasto templo que deslumbrava pelas luzes de milhares de velas. O conde de St. Germain estava sentado no meio do templo. Usava muitos anéis de diamantes fabulosos e no peito pousava uma jóia que parecia refletir

a luz de todas as velas e cintilava em Cagliostro e Seraphita. Sentando-se dos dois lados de St. Germain, dois acólitos erguiam tigelas de onde o incenso queimava e, enquanto Cagliostro entrava, uma voz desencarnada que ele julgou ser a do conde — embora seus lábios não se movessem - ressoou pelo templo.
"Quem é você? De onde vem? O que quer?"
É claro que pelo menos em um sentido St. Germain sabia exatamente quem era Cagliostro - afinal, a visita fora marcada -, mas ele estava perguntando sobre suas encarnações anteriores, seu daemon, seus motivos mais íntimos.
Cagliostro atirou-se ao chão diante de St. Germain e disse, depois de algum tempo: "Vim evocar o Deus da Fé, o Filho da Natureza, o Pai da Verdade. Vim pedir um dos 407 segredos que ele traz em seu seio. Vim me doar como seu escravo, seu apóstolo, seu mártir."
É evidente que Cagliostro pensou ter reconhecido St. Germain, mas quem era ele?
Havia uma pista no fato de que St. Germain havia iniciado Cagliostro nos mistérios templários, levando-o a uma viagem fora do corpo, fazendo-o sobrevoar um mar de bronze derretido para explorar as hierarquias celestiais.
St. Germain apareceu subitamente na sociedade européia em 1710, ao que parece vindo da Hungria e aparentemente com cerca de cinqüenta anos de idade. Baixo e de pele morena, sempre usava roupas pretas e diamantes extraordinários. Suas características mais interessantes eram os olhos hipnóticos. Segundo contam, ele logo dominou a atenção da sociedade em razão de suas realizações, e também por falar muitas línguas, tocar violino e pintar. Além disso, parecia ter uma capacidade excepcional para ler mentes.
Acreditava-se que ele praticava técnicas de respiração secretas ensinadas pelos faquires hindus e, para melhor meditar, adotava posições de ioga então desconhecidas no Ocidente. Embora comparecesse a banquetes, nunca foi visto comendo diante dos outros e bebia apenas um estranho chá de ervas que ele próprio preparava.

Mas o maior mistério em torno do conde de St. Germain era sua longevidade. Tendo aparecido na vida pública em 1710, ao que parece no final da meia-idade, quando conheceu o compositor Rameau em Veneza, continuou na vida pública pelo menos até 1782, sem parecer envelhecer. Continuou a ser visto pelos nobres até 1822.

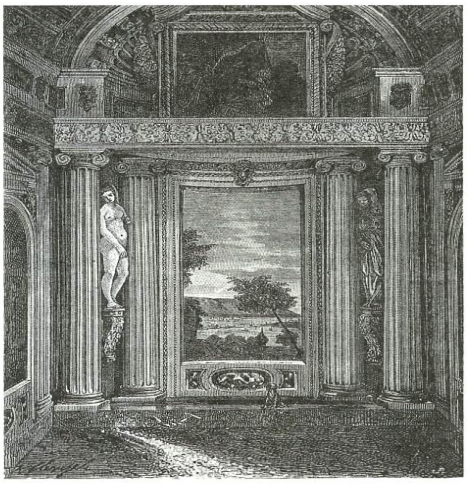
Seria tentador desprezar tudo isso como um romance ao estilo de Alexandre Dumas, mas as testemunhas que deixaram relatos de encontros com ele por um período tão longo eram de status muito elevado. Além de Rameau, entre elas estavam Voltaire, Horace Walpole, Clive da índia e Casanova. Ele foi uma figura proeminente na corte de Luís XV, sendo íntimo de Madame de Pompadour e do próprio rei. Ali, em 1761, negociou um acordo chamado Pacto Familiar, que preparou o caminho para o Tratado de Paris, dando fim às guerras coloniais entre a França e a Grã-Bretanha. Os esforços de St. Germain sempre pareciam ser em prol da paz. Embora com freqüência seja confundido com Cagliostro, ele nunca foi flagrado em nenhum ato de desonestidade.

Ainda que ninguém soubesse de onde vinha seu dinheiro — alguns diziam que era da alquimia — ele era evidentemente rico e de forma alguma um aventureiro desesperado.

Quem, então, foi o conde de St. Germain? Uma chave para sua identidade secreta está na história da maçonaria. Dizia-se que ele cunhou o mantra maçom "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" e, quer seja verdade ou não, ele pode ser visto como o espírito vivo da maçonaria esotérica.

Mais particularmente, St. Germain deve ser identificado com outra personalidade cercada de boatos, contra boatos e incertezas quanto a realmente ter vivido. Na história secreta, St. Germain é Christian Rosencreutz reencarnado na era do iluminismo, da expansão imperial e da diplomacia internacional.

Para pegar emprestada uma frase do eminente escritor de ficção científica e esotérico Philip K. Dick, ele aprendeu a reconstituir seu corpo depois da morte.



La Très Sainte Trinsophie é uma brochura em geral atribuída a St. Germain e que certamente vem da mesma escola de maçonaria oculta. É um relato de iniciação em que o candidato desce às entranhas vulcânicas da Terra e passa a noite ali. Ao amanhecer, deixa sua câmara subterrânea, seguindo uma estrela. Ele está livre do corpo material e voa para os planetas, onde encontra "o ancião do palácio". No palácio, ele dorme por sete dias, e quando acorda, seu manto assumiu um verde belo e cintilante. Mais adiante há uma estranha passagem em que ele vê uma ave com asas de borboleta e sabe que deve pegá-la. Ele lança um cravo de aço em suas asas, para que ela seja presa, mas o brilho nos olhos da ave aumenta. Por fim, em um salão com uma linda mulher nua, ele golpeia o Sol com sua espada. O Sol se estilhaça em pó e cada átomo de poeira torna-se um Sol em si. A Obra está concluída. Esta representação de um portal é de Paolo Veronese, que os teosofistas acreditam ser uma encarnação de um dos Mestres Ocultos.

Isso deve nos alertar para um mistério ainda mais profundo. Em uma encarnação anterior, Rosencreutz/Germain foi Hiram Abiff, o Mestre Construtor do Templo de Salomão. O assassinato de Hiram Abiff levou à perda do Verbo. Em certo nível, o Verbo perdido era um poder de procriação sobrenatural que a humanidade brandira antes da Queda na matéria. Parte da missão de St. Germain, por intermédio da maçonaria esotérica, foi a reintrodução do conhecimento do Verbo no curso da história.

Mas o mistério mais profundo dessa individualidade diz respeito a uma encarnação ainda anterior, da época em que os corpos humanos estavam no limite para se tornar carne sólida. Enoque foi o primeiro profeta do deus Sol, um homem cuja face brilhava com uma radiância solar.

Quando St. Germain levou Cagliostro a uma excursão pelos céus, eles fizeram a jornada descrita no Livro de Enoque. Na expressão "Liberdade, Igualdade, Fraternidade", St. Germain antecipava uma época em que a humanidade chegaria ao deus Sol com liberdade de pensamento e vontade, como tinham deixado de fazer na primeira vez em que Ele veio.

A história secreta do mundo do final do século XVI ao século XIX é dominada pelo trabalho, nos bastidores, dos grandes mestres elevados da tradição ocidental, Enoque e Elias, e por preparativos para a descida dos céus do arcanjo do Sol — e, além disso, da descida de um ser ainda mais elevado.
Estes homens preparavam o caminho para o Segundo Advento.

Com o avançar do século XVIII, as visões do conde misterioso tornaram-se mais raras, mas um espírito de otimismo e expectativa enchia as lojas das sociedades secretas. Na França, "o Filósofo Desconhecido", St. Martin, ensinava que "cada homem é um rei". O cavaleiro Ramsay, senhor de terras escocês que fundou a Grande Loja em Paris em 1730, fez um discurso para novos iniciados em Paris em 1737: "Todo o mundo nada é além de uma grande república. Esforçamo-nos para a reunião de todas as pessoas em uma mente iluminada, (...) não só pelo amor pelas belas-artes, mas ainda mais pelos princípios elevados da virtude, da ciência e da religião, em que os interesses da fraternidade e de toda a família da humanidade podem se encontrar (...) e a partir dos quais os súditos de todos os reinos possam aprender a se amar."
A maçonaria proporcionou um espaço protegido para a discussão tolerante de idéias, para a livre pesquisa científica e para a investigação dos mundos espirituais.
Em seguida ao estabelecimento das lojas-mãe na Escócia, em Londres e em Paris, o grande evento da maçonaria no século XVIII aconteceu na década de 1760. Foi a fundação da Ordem de Elus Coens (ou "Sacerdotes Eleitos") pelo mago português Martines de Pasqually. Os rituais da Elus Coens, elaborados por De Pasqually, às vezes duravam seis horas e envolviam um incenso que mesclava alucinógenos e esporos de cogumelo agárico. Nos rituais finais de Stanislas de Guaita, muito influenciados por De Pasqually, uma venda era retirada e o candidato podia se ver diante de homens que usavam máscaras egípcias e capuzes, apontando espadas em silêncio para seu peito.
Assim como o Dr. Dee tentou trazer de volta a verdadeira experiência espiritual para a Igreja pela prática da magia cerimonial,

homens como De Pasqually e Cagliostro fizeram o mesmo na maçonaria. Em 1782, Cagliostro fundou a Maçonaria de Puto Egípcio, que seria muito influente na França e na América.
St. Martin, discípulo e sucessor de De Pasqually, deu menos ênfase à cerimônia e mais às disciplinas esotéricas internas. Influenciado por sua leitura de Boehme,
sua versão da filosofia martinista é até hoje muito influente na maçonaria francesa. Vivendo em Paris na época do Terror, St. Martin permitiu que homens e mulheres fossem a seus aposentos, iniciando-os por uma disposição mística das mãos. Eles corriam tal perigo que continuaram a usar as máscaras durante as reuniões, a fim de esconder suas identidades até um do outro.
Famoso por suas denúncias geniais e violentas à religião, em geral se considera que Voltaire odiava Deus. Na realidade, ele se opunha a uma religião organizada.
Quando foi iniciado por Benjamin Franklin, recebeu, para beijar, um avental pertencente a Helvétius, um famoso cientista suíço cujo relato da transmutação alquímica continua sendo a segunda narrativa de maior autenticidade depois daquela de Leibniz.
O historiador da maçonaria e da experiência mística A.E. Waite escreveu sobre os "sonhos de ciência antiga" da maçonaria, "proclamando que a realidade por trás dos sonhos deve ser procurada no espírito dos sonhos". Ele falava de Voltaire como o homem "que tinha as chaves - que forjara as chaves - que abriam a porta para esta realidade e desdobrava visões maravilhosas de possibilidades (...). Práticas condenadas e artes proibidas podiam levar, através de algumas nuvens de mistério, à luz do conhecimento". Veremos mais claramente o que isso significa no capítulo seguinte, mas no momento basta dizer que os iniciados das sociedades secretas ficaram pasmos com essas novas visões.
Seus peitos estavam repletos de tanta fé e otimismo que eles sem dúvida concordaram com Wordsworth quando ele disse que abençoado era aquele que amanhece para estar vivo.
Entre os artistas plásticos, escritores e compositores das sociedades secretas, esse imenso entusiasmo e essas expectativas do alvorecer de uma nova era deu lugar ao movimento romântico.

Sempre que há um grande florescimento de arte e literatura imaginativas, como na Renascença e no romantismo, devemos desconfiar da presença, em algum lugar nas sombras, do idealismo sagrado como uma filosofia de vida e das sociedades secretas que cultivavam esta filosofia.

Esta foi uma história do mundo segundo o idealismo - se considerarmos o idealismo em seu sentido filosófico de propor que as idéias são mais reais do que os objetos. O idealismo no sentido mais comum e coloquial - com o significado de viver de acordo com ideais elevados — foi uma invenção do século XIX, como observou George Steiner.

No século anterior, as lojas maçônicas de Inglaterra, Estados Unidos e França tentaram criar sociedades que fossem menos cruéis, supersticiosas e ignorantes, menos repressivas e preconceituosas e mais tolerantes. O mundo se tornara todas essas coisas — além de mais insincero e frívolo.

Havia inquietação mesmo antes do Terror, uma angústia de que, embora a sociedade pudesse estar correndo por linhas retas, este empreendimento não era adequado para a natureza humana nem para outras forças mais sombrias que operavam fora das leis da natureza. O romantismo foi em parte uma tentativa de entrar em conformidade com um sentimento arrebatador que vinha de baixo e que hoje chamaríamos de inconsciente. Daria lugar a músicas e poesias intensas. Não teria paciência com as convenções e estimularia a espontaneidade e a entrega.

Na terra de Eckhart, vários escritores viam a França como um país de "cruéis mestrezinhos da dança que não compreendiam a vida interior do homem". Com Lessing, Schlegel e Schiller o idealismo filosófico tornou-se mais uma vez uma filosofia de vida. Este idealismo exaltaria sobretudo a imaginação, sustentando a crença mística e esotérica de que a imaginação é um modo de percepção superior ao oferecido pelos sentidos. A imaginação pode ser treinada a apreender realidades mais elevadas do que o materialismo propagado pelos apóstolos do senso comum.

Na história convencional, o romantismo foi uma reação ao século XVIII, mais cortês e organizado. Na história secreta, foram forças demoníacas, e não apenas subconscientes, que provocaram tal reação.
As origens desta reação eram sexuais.

Em julho de 1744, John Paul Brockmer, um relojoeiro londrino, preocupava-se com o que podia haver de errado com seu inquilino. Emmanuel Swedenborg, engenheiro sueco, parecia uma personalidade sossegada e respeitável, comparecendo à capela Morávia todo domingo.
Agora seu cabelo era eriçado. Ele espumava pela boca e perseguiu Brockmer pela rua, tagarelando e aparentemente afirmando ser o Messias. Brockmer tentou convencê-lo a procurar um médico, mas em vez disso Swedenborg foi à embaixada da Suécia. Quando não permitiram sua entrada, correu para um fosso de esgoto próximo, despiu-se e rolou no lodo, jogando dinheiro para a multidão.
Em um livro recente e inovador, fruto de anos de pesquisa meticulosa, Marsha Keith Suchard revela que Swedenborg estivera experimentando com determinadas técnicas sexuais para chegar a estados alterados de consciência extremos que eram ensinados na aparentemente respeitável capela Morávia. Marsha Keith Suchard também mostra que William Blake foi levado a esta igreja e que estas práticas sexuais inspiraram sua poesia.
Mencionamos as várias técnicas para induzir estados alterados, inclusive exercícios respiratórios, dança e meditação. Mas essas técnicas sexuais são pesadas, os segredos mais bem guardados das sociedades secretas. É instrutivo, então, seguir com Marsha Keith Suchard os diferentes estágios de desenvolvimento da prática de Swedenborg, registrados em seus diários e aludidos em suas publicações.
Mesmo quando menino, Swedenborg experimentara o controle da respiração. Ele percebera que entrava em uma espécie de transe se prendesse a respiração por longos períodos.
Descobriu também que ele podia aprofundar o transe ao sincronizar sua respiração com a pulsação. "Às vezes eu era reduzido a um

estado de insensibilidade do corpo, quase a um estado de moribundo, retendo porém minha vida interior incólume, auxiliada pelo poder de pensar e com respiração suficiente para viver." A persistência em praticar estas técnicas podia dar grandes recompensas. "(...) há certa luz e alegria estimulante, uma luminosidade confirmatória que flerta com a esfera da mente, e uma espécie de radiação misteriosa (...) que dispara por algum templo no cérebro, (...) a alma é convocada a uma comunhão mais íntima e volta neste momento à era de ouro de suas perfeições intelectuais. A mente (...) e sua chama mais intensa menosprezam (...) todos os prazeres meramente corporais." Swedenborg parece descrever diferentes fases de estados alterados que vimos estar envolvidos no processo de iniciação. Como observou Marsha Keith, as pesquisas modernas da neurologia confirmaram que a meditação aumenta o nível de DHEAS e de melatonina, secreções produzidas pelas glândulas pineal e pituitária que, juntas, segundo os ocultistas, criam o Terceiro Olho.

Aos 15 anos, Swedenborg foi enviado para viver com seu cunhado, que nos sete anos seguintes seria seu mentor, e foi neste novo lar que as pesquisas de Swedenborg se tornaram acentuadamente cabalistas.

Vimos que na Cabala, da mesma maneira que em todas as tradições esotéricas, a criação é concebida em termos de uma série de emanações (sephiroth, ou servos) da mente cósmica. Na Cabala, como nos mitos de gregos e romanos, estas emanações são consideradas masculinas e femininas. A En Sof, a mente cósmica inacessível, emana espíritos masculinos e femininos, que se entrelaçam de uma forma sexual, como o impulso de espirais descendentes de criação. Da mesma forma que essas imagens eróticas na mente criam o esperma, os atos de imaginação amorosa da En Sof geram efeitos físicos. A imaginação - em particular a imaginação incitada pela sexualidade - éportanto considerada o princípio de origem da criatividade.

Nesta narrativa cabalista, a Queda acontece devido a uma ambivalência entre os sephiroth masculino e feminino. Ao imaginar

fazer amor de forma equilibrada e harmoniosa, o iniciado ajuda a corrigir este erro cósmico primordial.
No saber cabalista, o querubim arqueando suas asas acima da Arca da Sagrada Aliança no Sagrado dos Sagrados no Templo de Jerusalém foi visto como uma imagem do fazer amor harmonioso dos sephiroth masculino e feminino Depois, quando o segundo templo foi saqueado por Antioco em 168 a.C. estas imagens eróticas foram exibidas em desfile pelas ruas para ridicularizar os judeus. Quando o templo foi destruído em 70 d.C., surgiu no coração das pessoas uma grande necessidade de reconstruí-lo. As imagens sagradas do fazer amor dos sephira masculino e feminino estão no cerne de um programa para corrigir um erro histórico.
Swedenborg também escreveu sobre métodos ritmados de respiração relacionados com a pulsação dos órgãos genitais. E evidente que, enquanto morava com o cunhado de seu pai, ele começou a praticar estes exercícios de controle de respiração em conjunção com a imaginação de corpos humanos nus contorcendo-se eroticamente nas formas das letras hebraicas a que já aludimos. Acreditava-se que estas letras eram emblemas ou sinais poderosos e mágicos. Técnicas semelhantes de pegar a energia sexual e usá-la como uma força para o bem espiritual são empregadas por alguns grupos hassídicos atuais. Bob Dylan, que de certo modo é herdeiro da tradição poética de Blake, explorou algumas destas práticas.
O elemento de controle é essencial a tais práticas e isso teve destaque em outra tradição esotérica de espiritualidade sexualmente carregada. A expansão de impérios europeus para o Oriente incitou boatos de práticas tântricas em outra direção. Swedenborg explorou o tantra sexual de maneira detalhada. Era necessário ter disciplina psicológica para chegar à ereção prolongada. Isso, por sua vez, era necessário para redirecionar a energia sexual para o cérebro e portanto alcançar uma brecha nos mundos espirituais, um êxtase visionário, em vez daquilo que é estritamente sexual. Swedenborg dominava o que todos dizem ser uma técnica extremamente difícil de controle muscular conhecida dos iniciados indianos, pela qual o esperma, no momento da ejaculação, é desviado para a bexiga e assim não é expelido.

É evidente que as técnicas são perigosas — um dos motivos para que sejam guardadas com tanto segredo. Podem provocar o tipo de colapso nervoso testemunhado pelo senhorio de Swedenborg, para não falar de loucura e morte.

A mistura peculiar a estas pesquisas, que Swedenborg descobriu enquanto comparecia à igreja Morávia na New Fetter Lane, era uma versão especificamente cristã do arcano do amor. Na época, os morávios de Londres estavam sob o domínio do carismático conde Zizendorf. Os membros da congregação eram estimulados por ele a visualizar, cheirar e tocar imaginativamente na ferida lateral do corpo de Cristo. Esta ferida era, na opinião de Zizendorf, uma vagina doce e saborosa que vertia um suco mágico. A lança de Longino deveria ser, em êxtase, enfiada nela repetidas vezes. Zizendorf estimulava o sexo como um ato de sacramento e instava seus seguidores a ver as emanações divinas e espirituais do outro no momento do clímax. Uma oração mental conjunta neste momento tinha uma força mágica particular. Como afirmou Swedenborg, "o parceiro vê a parceira na mente, (...) cada parceiro tem o outro em si" de forma que "coabitam seu íntimo". Num transe visionário, os parceiros eram capazes de se encontrar, comunicar-se e até fazer amor em suas formas espirituais desmembradas.

Representação europeia da prática tântrica do final do século XVIII.

Marsha Keith Suchard registra que os pais de Blake eram membros desta congregação e que ele absorveu essas idéias em suas muitas leituras de Swedenborg. Ela mostrou como os pudicos vitorianos apagaram as imagens explicitamente sexuais dos desenhos de Blake — inclusive desenhando roupas íntimas por cima de órgãos genitais. Embora popularmente se entenda que Blake foi influenciado pela filosofia esotérica de Swedenborg e outros, até agora subestimamos estas técnicas muito específicas de magia sexual que estavam na origem de sua visão imaginativa.

Blake tinha visões desde criança. Aos quatro anos, viu Deus olhando pela janela e aos cinco, enquanto andava pela zona rural, teve uma visão de uma árvore cheia de anjos "adornando cada ramo como se fossem estrelas". Mas parece que as técnicas secretas de Zizendorf e Swedenborg deram-lhe uma abordagem sistemática e cabalista a estes fenômenos.

Em Los, ele escreveria: "Em Beulah a Mulher abaixa seu belo Tabernáculo Que o Homem penetra magnífico entre seu Querubim E se torna Um com ela (...) Existe um lugar onde os Opostos são igualmente verdadeiros, Este lugar chama-se Beulah."

No romantismo, a vida interior individual afinal expandiu-se e tornou-se um vasto cosmo de variedade infinita. O amor é o amor de um cosmo por outro. O profundo exorta o profundo. Com o romantismo, o amor passa a uma nova forma e torna-se sinfônico.
A importância histórica disso é que as meditações secretas e as práticas de oração de alguns iniciados criaram uma onda popular de sentimento contra o materialismo.
Uma nova maneira de fazer amor, de reencenar a criação do cosmo, foi uma forma de dizer que a vida não é simplesmente uma questão de poder, que existem ideais mais elevados do que a conveniência ou a egolatria esclarecida, que se você se esforçar com a disposição de espírito correta, poderá ver significado no mundo.
Se as pessoas fizerem amor de modo que se tornem iluminadas, o mundo se transformará em um mundo de sombras. Quando voltarem a despertar, o significado terá se depositado no mundo como orvalho.
Portanto, as origens do romantismo foram sexuais e esotéricas. O poeta alemão Novalis falava sobre "idealismo mágico". Esta magia, este idealismo, este espírito vulcânico, conjurou a música de Beethoven e Schubert. Beethoven se percebeu ouvindo uma nova linguagem musical, sentindo e expressando coisas que jamais foram sentidas ou expressas. Assim como Alexandre o Grande, tentou obcecadamente identificar este influxo divino, a fonte do gênio irreprimível, lendo e relendo textos esotéricos egípcios e indianos. Para ele, sua Sonata em ré menor e a Appassionata eram seus equivalentes à Tempestade, de Shakespeare, as expressões mais explícitas de suas idéias ocultistas.
Na França, o martinista Charles Nodier havia escrito sobre conspirações de sociedades secretas nos exércitos de Napoleão para derrubar o general. Mais tarde, Nodier apresentou a filosofia esotérica a jovens românticos franceses, inclusive Victor Hugo, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Delacroix e Gérard de Nerval.
Owen Barfield escreveu que sempre há uma grande corrente de idéias platônicas, uma corrente de significado vivo, que de vez em quando intelectos refinados como os de Shakespeare e Keats podem discernir. Keats chamou a aptidão de fazer isso de

"Capacidade Negativa", que ele disse surgir quando um homem pode existir "em incertezas, mistérios e dúvidas sem nenhuma busca irascível pelos fatos e pela razão". Em outras palavras, ele estava aplicando à poesia a mesma imposição deliberada de um padrão e esperando pelo surgimento de um padrão mais rico, que Francis Bacon havia defendido na esfera científica.

"Trace um círculo em torno dele três vezes (...)/ Pois ele em orvalho de mel foi alimentado,/ E bebeu o leite do Paraíso." Samuel Taylor Coleridge carregava uma aura sobrenatural. Ele imergiu no pensamento de Boehme e Swedenborg. Mas foi seu amigo William Wordsworth quem escreveu a expressão mais pura, simples e direta do sentimento que está no cerne do idealismo como filosofia de vida. Quando Wordsworth escreveu que "sentia/ A presença que me perturba com a alegria/ De pensamentos elevados; uma sensação sublime/ De algo muito mais profundamente infundido,/ De quem habita na luz de poentes,/ e o oceano inteiro, e o ar vivo,/ e o céu azul, e na mente do homem,/ Um movimento e um espírito, que impele,/ Todas as coisas pensantes, todos os objetos de todo pensamento,/ E rola por todas as coisas (...)", ele está escrevendo sobre o que seria um idealista de uma maneira que ainda parece atual.

Até aqueles que em um nível consciente negariam a existência da realidade superior a que alude Wordsworth reconhecem algo neste poema, Abadia de Tintem; algo, em algum lugar no íntimo dele, apela por seu reconhecimento, ou então não teria significado algum para eles.

Na época em que Wordsworth escrevia, as pessoas não tinham que lutar para discernir estes sentimentos. Goethe, Byron e Beethoven lideraram um grande movimento popular.

Então, por que tudo isso deu errado? Por que este impulso pela liberdade terminou em abuso de poder?

Para entender as origens desta catástrofe é necessário situar a infiltração dos proponentes do materialismo nas sociedades secretas. O cavaleiro Ramsay proibira especificamente a discussão de política nas lojas maçônicas que fundou em 1730, mas a maçonaria controlava os líderes políticos da Europa. Para qualquer

um que quisesse exercer influência política, isso devia ser uma tentação.

26. OS ILLUMINATI E A ASCENSÃO DA IRRACIONALIDADE

Os Illuminati e a batalha pela alma da maçonaria • As origens ocultas da Revolução Francesa • A estrela de Napoleão •
O ocultismo e a ascensão do romance

A história dos Illuminati é um dos episódios mais obscuros na história secreta e desde então tem difamado a reputação das sociedades secretas.

Em 1776, um professor bávaro de direito, Adam Weishaupt, fundou uma organização chamada os Illuminati, recrutando os primeiros integrantes entre seus alunos.

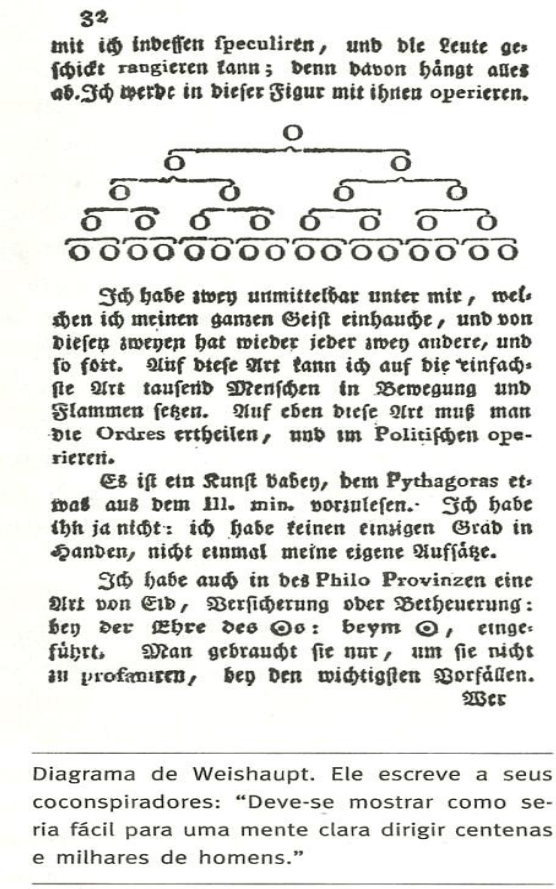
Como os jesuítas, a fraternidade dos Illuminati seguia a linha militar. Os membros eram solicitados a abrir mão do critério e da vontade individuais. Como sociedades secretas anteriores, os Illuminati de Weishaupt garantiam revelar uma sabedoria antiga. Segredos mais elevados e mais poderosos eram prometidos aos que progrediam na escada iniciática. Os iniciados trabalhavam em pequenas células. O conhecimento era partilhado entre as células, no que os serviços de segurança de hoje chamam de base de "conhecimento necessário" - de tão perigoso que era o conhecimento recém-descoberto.

Weishaupt se uniu à maçonaria em 1777 e logo muitos Illuminati o seguiram, infiltrando-se nas lojas. Ascenderam com rapidez a posições superiores.

E então, em 1785, aconteceu de um homem chamado Jacob Lanz, que viajava para a Silésia, ser atingido por um raio. Quando foi colocado em uma capela próxima, as autoridades bávaras encontraram no corpo documentos que revelavam os planos secretos dos Illuminati. Por estes documentos, inclusive muitos de próprio punho de Weishaupt, e junto com outros apreendidos em batidas pelo país, formou-se um quadro completo.

Os escritos apreendidos revelaram que a antiga sabedoria secreta e os poderes sobrenaturais secretos promulgados dentro dos Illuminati sempre foram uma invenção cínica, uma fraude. Um aspirante progredia pelos graus e descobria que o elemento espiritual nos ensinamentos não passava de uma cortina de fumaça. A espiritualidade era escarnecida, nela cuspiam. Os ensinamentos de Jesus Cristo, diziam, eram na verdade de conteúdo apenas político, apelando para a abolição de toda propriedade, da instituição do casamento e de todos os laços familiares, de toda religião. O objetivo de Weishaupt e seus companheiros de conspiração era criar uma sociedade fundamentada em bases puramente materialistas, uma nova sociedade revolucionária - e o lugar onde testariam suas teorias, concluíram eles, seria a França.
Por fim, sussurrava-se no ouvido do candidato que o segredo último era que não havia segredo.
Desta forma ele era induzido a uma filosofia niilista e anarquista que apelava aos piores instintos do candidato. Weishaupt anteviu alegremente a destruição da civilização, não para libertar as pessoas, mas para o prazer de impor sua vontade aos outros.
Os escritos de Weishaupt revelam até que ponto ia seu cinismo:
"(...) na ocultação reside grande parte de nossa força. Por este motivo, devemos nos acobertar no nome de outra sociedade. As lojas que estão sob a maçonaria são o manto mais adequado para nosso propósito elevado."
"Procure sociedades de jovens", aconselhou ele a seus companheiros de conspiração. "Observe-as e, se uma delas agradar, deite-lhe as mãos."
"Percebe suficientemente o que significa governar — governar era uma sociedade secreta? Não só o populacho, mas os melhores homens, governar homens de todas as raças, nações e religiões, governar sem forças externas, (...) o objetivo último de nossa sociedade nada mais é do que conquistar poder e riquezas (...) e obter o domínio do mundo."
Em seguida à descoberta destes escritos, a ordem foi reprimida - porém, tarde demais.

Em 1789, havia cerca de 300 lojas maçônicas na França, incluindo 65 em Paris. Segundo alguns maçons franceses de hoje, havia mais de 70 mil maçons na França. O plano original fora impregnar as pessoas de esperança e vontade de mudar. A infiltração nas lojas foi tanta que se dizia que "o programa colocado em prática pela Assembléia Constitucional francesa em 1789 foi formulado pelos Illuminati alemães em 1776". Danton, Desmoulins, Mirabeau, Marat, Robespierre, Guillotin e outros líderes haviam sido "iluminados".
O rei demorou a concordar com mais reformas e Desmoulins apelou por um levante armado. Depois, em junho de 1789 Luís XVI tentou fechar a Assembléia e chamou as tropas a Versalhes. Seguiram-se detenções em massa. Em 14 de julho, uma turba enfurecida invadiu a Bastilha. Luís XVI foi para a guilhotina em janeiro de 1793. Quando tentou falar com a multidão, foi interrompido por um rufar de tambores. Ouviram-no dizer: "Povo da França, sou inocente, perdôo aqueles que são responsáveis por minha morte. Oro a Deus para que o sangue aqui derramado jamais caia na França ou em vocês, meu povo infeliz (...)." O fato de isso ter acontecido no coração da nação mais civilizada do mundo abriu as portas para o impensável.
Dizia-se na escaramuça subsequente que um homem pulou para o patíbulo e gritou: "Jacques de Moloy, você foi vingado!" Se isto for verdade, este sentimento forma um forte contraste com a elegância e a caridade do rei.



32

mit ich indeſſen ſpeculiren, und die Leute geſchickt rangieren kann; denn davon hängt alles ab. Ich werde in dieſer Figur mit ihnen operieren.

Ich habe zwey unmittelbar unter mir, welchen ich meinen ganzen Geiſt einhauche, und von dieſen zweyen hat wieder jeder zwey andere, und ſo fort. Auf dieſe Art kann ich auf die einfachſte Art tauſend Menſchen in Bewegung und Flammen ſetzen. Auf eben dieſe Art muß man die Ordres ertheilen, und im Politiſchen operieren.

Es iſt ein Kunſt dabey, dem Pythagoras etwas aus dem Ill. min. vorzuleſen. Ich habe ihn ja nicht: ich habe keinen einzigen Grad in Handen, nicht einmal meine eigene Aufſätze.

Ich habe auch in des Philo Provinzen eine Art von Eid, Verſicherung oder Betheuerung: bey der Ehre des ⊙o: beym ⊙, eingeführt. Man gebraucht ſie nur, um ſie nicht zu profaniren, bey den wichtigſten Vorfällen.

Wer

Diagrama de Weishaupt. Ele escreve a seus coconspiradores: "Deve-se mostrar como seria fácil para uma mente clara dirigir centenas e milhares de homens."

Na anarquia que veio a seguir, a França foi ameaçada por dentro e por fora. Os líderes das lojas maçônicas assumiram o controle. Logo muitos foram acusados de trair a Revolução e assim começou o Terror.

Há diferentes estimativas do número de executados. A força motriz foi o mais honrado integrante da maçonaria, o austero e incorruptível advogado Maximilian Robespierre.

Como diretor do Comitê de Segurança Pública e na condição de homem encarregado do departamento de polícia, ele mandava à guilhotina centenas de pessoas por dia, somando cerca de 2.750 execuções. Deste total, apenas 650 eram aristocratas, o restante era composto por trabalhadores comuns. Robespierre chegou a executar Danton.

Saturno estava devorando seus próprios filhos.

Como isso pôde acontecer? Como o mais esclarecido e racional dos homens justifica este banho de sangue? Em uma filosofia idealista,

os fins justificam os meios porque, como vimos, os motivos afetam os resultados, por mais ocultos que possam ser. Robespierre derramou sangue para cumprir um dever horrendo, para proteger os direitos de cidadãos e de suas propriedades. Da perspectiva racional, fez o que fez pelo bem comum.

Contudo, no caso de Robespierre, este desejo de ser completamente racional parece tê-lo levado à loucura.

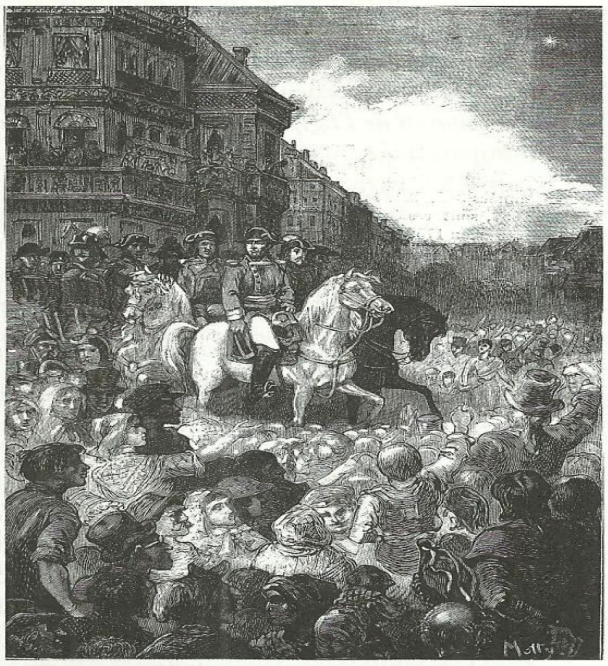
Em 8 de julho de 1794, uma curiosa cerimônia aconteceu diante do Louvre. Os membros da Convenção Nacional sentaram-se em um grande anfiteatro improvisado, cada um deles portando uma espiga de trigo como símbolo da deusa Ísis. Diante deles havia uma altar, junto do qual estava Robespierre, envolto num manto azul-claro, o cabelo empoado de branco. Ele disse: "Todo o Universo está reunido aqui!" Depois, apelando ao Ser Supremo, deu início a um discurso que durou várias horas e terminou da seguinte maneira: "Amanhã, quando voltarmos ao trabalho, lutaremos novamente contra a imoralidade e os tiranos."

Os membros da Convenção que tinham esperanças de que ele daria um fim ao banho de sangue ficaram decepcionados.

Em seguida, ele subiu a uma efígie com um véu e lançou luz no tecido, revelando a estátua de pedra de uma deusa. A luz fora projetada pelo maçom Illuminato Jean-Jacques Davide para que a deusa, Sofia, fosse vista surgindo das chamas como uma Fênix.

O poeta Gérard de Nerval mais tarde afirmaria que Sofia representava Ísis. Entretanto, o espírito que regia os tempos não era o de Isis, cujo erguer do véu leva aos mundos espirituais; nem era a Mãe Natureza, a deusa gentil e nutriz da dimensão vegetal do cosmo. Esta era a Mãe Natureza de dentes e garras vermelhas.

Robespierre foi acusado de tentar ser declarado deus por uma profetiza idosa de nome Catherine Théot. A reação à sanguinolência implacável chegou ao auge e uma multidão sitiou o Hotel de Ville. Robespierre foi por fim encurralado. Tentou dar um tiro em si mesmo, mas só conseguiu explodir metade da mandíbula. Quando foi para a guilhotina, ainda usando o azul-claro de costume, tentou declamar à multidão reunida, mas só o que conseguiu proferir foi um grito estrangulado.



Napoleão disse várias vezes que, apesar de ninguém mais poder ver sua estrela, visível aqui neste céu, ele não permitiria que nenhuma pessoa o desviasse de seu destino.

É notório que Napoleão seguia sua estrela. Esta tem sido considerada uma forma poética de dizer que ele estava destinado a grandes feitos.

Goethe disse a respeito dele: "O daemon deve nos conduzir todo dia e nos dizer o que devemos fazer em cada ocasião. Mas o bom espírito nos abandona e nós tateamos no escuro. Napoleão era o homem! Sempre iluminado, sempre claro e decidido, dotado em todo momento de energia suficiente para realizar o que considerasse necessário. Sua vida foi o progredir de um semideus, de batalha em batalha, de vitória em vitória. Podemos dizer que ele estava em um estado de iluminação contínua (...). Nos últimos anos, esta iluminação parece têlo abandonado, assim como sua fortuna e sua boa estrela."

Como poderia Napoleão deixar de ter senso de destino? Ele teve sucesso em tudo o que pretendeu fazer, sendo aparentemente capaz de curvar o mundo todo à sua vontade.

Para si mesmo e para muitos contemporâneos, ele era o Alexandre o Grande do mundo moderno, unindo Oriente e Ocidente com suas conquistas.

As tropas francesas entraram no Egito. Não foi uma campanha particularmente gloriosa — mas foi importante para Napoleão do ponto de vista pessoal. Segundo Fouché, chefe da polícia secreta francesa, Napoleão teve um encontro no interior da Grande Pirâmide com um homem que alegava ser St. Germain. Parece que Napoleão escolheu o astrólogo e esoterista Fabre d'Ohvet como um de seus conselheiros e que também se organizou para passar uma noite sozinho na Grande Pirâmide. Será que Napoleão conheceu St. Germain em carne e osso, ou em espírito?

Napoleão ordenou a preparação de um catálogo de antigüidades egípcias, Description de 1'Egypt. Foi dedicado a "Napoleon le Grand", convidando a uma comparação com Alexandre o Grande. Ele foi retratado na frente do catálogo como Sol Invictus, o deus Sol. Seu império se expandiria, incluindo não só a Itália e o Egito, mas a Alemanha, a Áustria e a Espanha. Nenhum imperador foi coroado pelo papa desde Carlos Magno, mas em 1804 Napoleão fez com que lhe levassem a coroa e o cetro de Carlos Magno e, tendo obrigado o papa Pio VII a comparecer, Napoleão simbolicamente retirou a coroa de suas mãos e coroou a si mesmo imperador.

Napoleão empregou uma equipe de estudiosos para chegar à conclusão de que Isis era a deusa antiga de Paris, depois decretou que a deusa e sua estrela fossem incluídas no brasão da cidade. No Arco do Triunfo, Josephine é retratada ajoelhando-se aos pés dele portando a coroa de louros de Ísis.

Podemos inferir que Napoleão não se identificava com Sirius, ele o seguia, como Orion segue Sirius pelo céu. Nas cerimônias de iniciação maçônicas, os candidatos renascem — como Osíris renasceu — olhando uma estrela de cinco pontas que representa Ísis. Osíris/Orion o Caçador é o impulso masculino para o poder, a ação e a fecundação, perseguindo Isis, a guardiã dos mistérios da vida.

Era o que Napoleão pensava de Josephine, nascida de uma família profundamente imersa na maçonaria esotérica e já ela mesma uma

maçom quando ele a conheceu. Napoleão pôde conquistar a Europa continental, mas jamais conseguiu conquistar a bela Josephine. Ele a desejava como Dante desejou Beatriz, e o desejo o fazia ter aspirações maiores.
Osíris e Ísis também são claramente associados ao Sol e à Lua, e isso tem relação, em certo nível, como vimos, com o arranjo do cosmo para possibilitar o pensamento humano. No Egito antigo, a ascensão helíaca de Sirius em meados de junho pressagia a cheia do Nilo. Em algumas tradições esotéricas, Sirius é o Sol central do universo em torno do qual gira o nosso Sol.
Este nexo complexo de pensamento esotérico, combinado com seu amor por Josephine, deu a Napoleão seu senso de destino.
Mas em 1813, de súbito as forças norteadoras que conferiam poder a Napoleão o deixaram, como sempre deixam a todos e, como descreveu Goethe, os poderes de reação partiram de todos os lados para destruí-lo.
Vemos o mesmo processo na vida dos artistas. Eles lutam para encontrar sua voz, chegar a um período inspirado em que não conseguem dar uma pincelada errada, talvez levando a arte a uma nova era. Depois o espírito os deixa de repente e eles são incapazes de recapturá-lo, por mais que tentem.

Ao longo desta história, referimo-nos repetidas vezes à série de experiências pelas quais deve passar um candidato para chegar à iniciação, inclusive a experiência do kama loca, ou purgatório, em que a alma e o espírito, ainda unidos, são atacados por demônios. Agora está na hora de abordar o conceito ensinado nas escolas esotéricas que diz que toda a humanidade estava prestes a passar por algo semelhante a uma iniciação.
As sociedades secretas se preparavam para este evento, ajudando a humanidade a desenvolver o senso de selfc outras qualidades que seriam necessárias durante a provação.
Nas décadas intermediárias do século XVIII, a maçonaria se difundiu pelo mundo - Áustria, Espanha, índia, Itália, Suécia, Alemanha, Polônia, Rússia, Dinamarca, Noruega e China. Seguindo

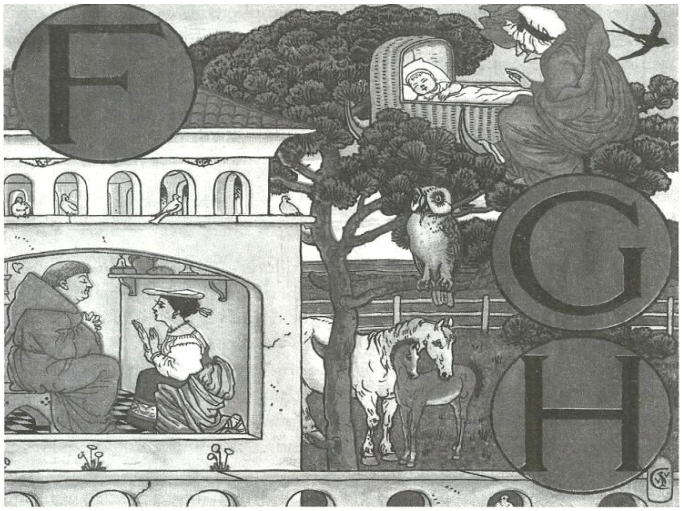
os passos dos irmãos americanos e franceses, a maçonaria inspirou revoluções republicanas em todo o mundo.
Madame Blavatsky escreveu que entre os Carbonari — os precursores revolucionários e pioneiros de Garibaldi - havia mais de um maçom profundamente versado nas ciências ocultas e no rosacrucianismo. O próprio Garibaldi era maçom de grau 33 e grão-mestre da maçonaria italiana. Na Hungria, Louis Kossuth, e na América do Sul Simon Bolivar, Francisco de Miranda, Venustiano Carranza, Benito Juarez e Fidel Castro, todos lutavam pela liberdade.
Hoje, nos EUA, existem cerca de 13 mil lojas e estimou-se em 2001 que havia aproximadamente 7 milhões de maçons em todo o mundo.
Vimos como Jesus Cristo plantou a semente da vida interior, e vimos que esta vida interior foi expandida e povoada por Shakespeare e Cervantes. No século XVIII e em particular no século XIX, os grandes romancistas-íniciados forjaram o senso que todos desfrutamos hoje de que este mundo interior tem sua própria história, uma narrativa com significado, altos e baixos, reversos de fortuna e dilemas, momentos críticos em que podem ser tomadas decisões transformadoras.
Os grandes romancistas da época - pensamos nas Bronte, em Dickens - também eram cheios de um senso de que a consciência humana, que o pensamento esotérico compreende ter evoluído ao longo da história, também evoluiu na vida humana individual.
John Comenius foi criado na Praga de Rodolfo II, onde compareceu à coroação do Rei Inverno. Conheceu John Valentine Andrae em Heidelberg e foi depois convidado pelo amigo ocultista Samuel Hartlib a se unir a ele em Londres "para ajudar a completar a Obra". Com suas reformas educacionais, Comenius introduziria na história a idéia de que vivemos, na infância, um estado mental muito diferente daquele desenvolvido na idade adulta.
Vemos a influência de Comenius, por exemplo, em Jane Eyre ou em David Copperfield — e devemos estar atentos para o fato de que esta influência era muito nova na época.

Ilustração de um livro didático de Comenius.

Mas a área de pensamento esotérico que teria o maior efeito no romance seria a das leis mais profundas. O romance proporcionou uma arena para os romancistas imersos na filosofia esotérica mostrarem o funcionamento dessas leis na vida humana individual.

Chegou o momento de atacar este conceito esquivo que está no cerne da visão esotérica do cosmo e de sua história.
Vimos que Elias, trabalhando nos bastidores da história, ajudou a gerar uma divisão na consciência, entre a consciência baconiana objetiva e a consciência shakespeariana subjetiva. Vimos também que ver o mundo com a maior objetividade possível colocou as leis da física em foco.
Mas e a experiência subjetiva? E a própria estrutura da experiência? A ciência da psicologia surgiria com o tempo. Mas a psicologia defenderia o pressuposto materialista de que a matéria influencia a mente, jamais o contrário. A psicologia, então, fez vista grossa para uma parte universal da experiência humana — a experiência de significado.
Já mencionamos como os rosa-cruzes começaram a formular leis alinhadas com o pensamento esotérico oriental sobre o caminho "sem nome", ligado de maneira inextrincável a concepções de bem-estar humano. No Oriente, há uma tradição venerável de seguir a operação de yang e seu oposto yin, mas no Ocidente este

continuava a ser um elemento esquivo que escapava entre as ciências emergentes da física e da psicologia.
Embora seja difícil pensar em termos abstratos nas leis que regem estes elementos esquivos, é muito mais fácil vê-las em ação. Alguns dos grandes romancistas do século XIX escreveram novelas explicitamente ocultistas. Além de Um conto de Natal, de Dickens, O morro dos ventos uivantes, de Emily Bronte, mostra um espírito que busca o amado até o além. The Lifted Veil, de George Eliot, fruto de sua pesquisa apaixonada do oculto, foi suprimido por seu editor. E depois, como veremos brevemente, houve Dostoiévski.
Mas assim como este ocultismo explícito, uma influência mais disseminada está implícita em muitas outras obras de ficção. Uma grande visão do funcionamento das leis mais profundas na vida individual, dos padrões complexos e irracionais que não poderiam ocorrer se a ciência explicasse tudo que há no universo, pode ser encontrada nos maiores romances.



Mamãe Ganso em uma gravura do século XVIII. Aqui ela revela sua identidade secreta como Ísis, a deusa da Lua e sacerdotisa da filosofia secreta, não só por seu nome – no Egito antigo, o ganso era um dos atributos tradicionais de Ísis –, mas pelo formato de seu perfil. Os contos de fadas da tradição popular estão saturados de propriedades numinosas e paradoxais da filosofia antiga e secreta.

Livros como Jane Eyre, A casa soturna, Moby Dick, Middlemarck e Guerra e paz erguem um espelho para nossa vida e apontam os padrões significativos de ordem e significado que são nossa

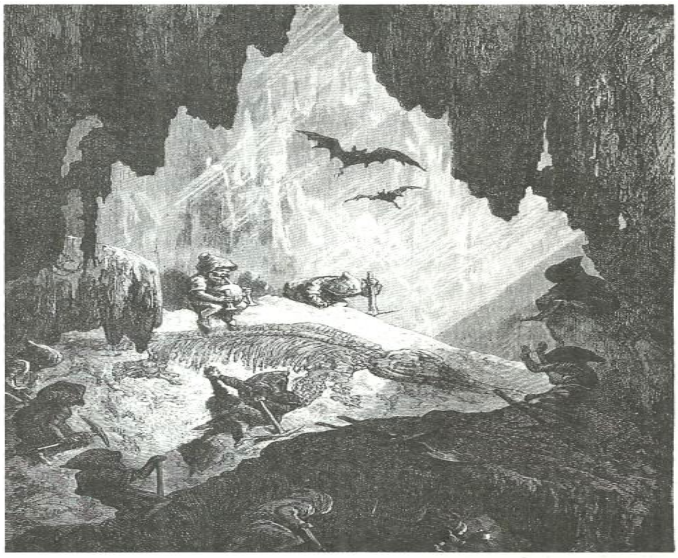
experiência universal, mesmo quando a ciência nos diz para não acreditar nas provas diante de nossos olhos, corações e mentes.

Em certo nível, os romances tratam da egolatria. Um romance sempre envolve ver o mundo da perspectiva do outro. Ler um romance, portanto, atenua a egolatria. Além disso, os fracassos dos personagens nos romances em geral têm muito a ver com a egolatria, ou com interesses pessoais ou, mais particularmente, com a falta de empatia.
Mas a maior contribuição do romance para o senso humano de self, como já sugerimos, é a formação do senso de uma narrativa interior, o senso de que uma vida individual vista de dentro tem uma forma e uma história significativas.
Subjacentes a estas noções de forma e significado estão crenças sobre como a vida das pessoas é formada por seus seres testados — o labirinto que continua a se metamorfosear.
O que dá forma à vida nos romances é a propriedade paradoxal da vida, o fato de ela não andar em linha reta e não ser previsível, o fato de que as aparências são
enganosas e que a sorte é revertida. Aqui se unem as noções do significado e das leis mais profundas da vida.
Se estas leis mais profundas de fato existem e são universais, tão importantes e poderosas, se a história realmente depende delas, não seria de surpreender que não sejamos mais conscientes delas? Na realidade, não é estranho que nem pareçamos ter um nome para elas, se estamos no Ocidente?
É no mínimo de se admirar, pois se estas leis entram em ação quando a felicidade humana está em risco, segue-se que elas poderiam ser muito úteis no que se refere a nossas esperanças de ter uma vida feliz.
É claro que as regras mais comuns para chegar a uma vida feliz são a sabedoria prática contida nos provérbios e nos conselhos tradicionalmente dados às crianças.
Mas uma diferença é que os provérbios e conselhos dados a crianças só se voltam para o básico — como evitar danos físicos e obter as necessidades — enquanto as leis mais profundas lidam

com grandes conceitos de destino, bem e mal. Como vimos, elas nos aconselham a respeito da satisfação de nossos anseios pelos níveis mais elevados e mais inefáveis de felicidade, nossas necessidades mais profundas de satisfação e significado.
Compare o conselho proverbial "olhe antes de pular" com a recomendação contida nesta pequena parábola despropositada escrita pelo protossurrealista Guillaume Apollinaire:

Venham para a beira, disse ele,
Eles disseram, Temos medo.
Venham para a beira, disse ele.
Eles vieram. Ele os empurrou.
Eles voaram.

Inspirados pelos ensinamentos das sociedades secretas, os surrealistas queriam destruir as formas arraigadas de pensamento, destroçar o materialismo científico. Uma das maneiras que usaram para tanto foi promover atos irracionais.
No verso que acabamos de ver, Apollinaire está dizendo que se você agir irracionalmente, sera recompensado pelas forças irracionais do universo.
Se o que Apollinaire está dizendo for verdade, esta é uma das leis mais profundas do universo, uma lei de causa e efeito que está além das leis da probabilidade.
Os surrealistas eram incomumente abertos sobre a origem de sua filosofa irracional estar nas sociedades secretas, mas esta mesma filosofia irracional também está implícita na cultura dominante. Considere “ A felicidade não se compra”, um antigo filme que superficialmente parece simples e reconfortante, junto com seu precursor literário, Um conto de Natal, que Charles Dickens imbuiu da filosofia da sociedade secreta da qual era um iniciado.



Assim como Paracelso, os Irmãos Grimm coletaram histórias do folclore esotérico antes que desaparecessem. Dunga, Feliz, Dengoso, Soneca, Zangado, Atchim e Mestre podem parecer nomes cômicos, fictícios e simpáticos às crianças, mas na realidade todos são traduções literais dos sete demônios da Terra segundo o saber esotérico escandinavo: Toki, Skavaerr, Varr, Dun, Orinn, Grerr e Radsvid. Mesmo no mundo confortável de Walt Disney o esotérico está mais perto da superfície do que se imagina.

Scrooge é confrontado por fantasmas que lhe apresentam visões de como seu comportamento causou uma grande infelicidade, junto com uma visão do que resultará se ele continuar na mesma tendência. George Bailey, o personagem interpretado por James Stewart em A felicidade não se compra, acredita que sua vida foi um completo fracasso e está prestes a cometer suicídio quando um anjo lhe mostra como sua família, seus amigos e toda a cidade seriam muito mais infelizes se não fosse por ele e sua natureza de sacrifício pessoal.

Assim, George Bailey e Scrooge são convidados a se perguntarem como o mundo teria sido diferente se eles tivessem escolhido uma vida diferente. No final deste processo de questionamento, os dois personagens são solicitados a passar pela mesma porta que usaram no início da história - mas desta vez para fazer o que se deve. George Bailey decide não cometer suicídio e enfrentar seus credores. Scrooge se redime, indo em auxílio de Bob Cratchit e sua família.

Assim, de certo modo, A felicidade não se compra e Um conto de Natal retratam uma vida que tem uma espécie de atributo circular e

que é um teste. Mostram que a vida nos orienta para decisões cruciais e que podemos ser levados a dar meia-volta e enfrentar estas decisões cruciais novamente se as entendermos de forma errada.

Imagino que a maioria de nós sinta que A felicidade não se compra e Um conto de Natal são de certa maneira verdadeiros. É difícil ver como alguma coisa na ciência ou na natureza possa ser responsável pelo fato de a vida ter esse padrão de teste tão persistente, mas a maioria de nós provavelmente sente que essas duas obras muito populares são mais do que simples entretenimento, elas dizem algo profundo a respeito da vida.

Agora, alguns momentos de consideração podem ser suficientes para nos convencer de que os mesmos tipos de padrões misteriosos e irracionais também fundamentam a estrutura de algumas das maiores obras da literatura canônica do Ocidente: Édipo Rei, Hamlet, Dom Quixote, Doutor Fausto e Guerra e paz.

Édipo de certo modo atrai para si a coisa que ele mais teme, e termina matando o pai e casando-se com a própria mãe.

Hamlet foge seguidas vezes do desafio de sua vida - vingar-se do assassinato do pai -, mas este desafio volta para confrontá-lo de formas mais terríveis.

Dom Quixote tem uma visão generosa do mundo como um lugar nobre, e tão forte é sua visão que no fim do romance transforma seu ambiente material de forma misteriosa.

No fundo, Fausto sabe o que deve fazer mas, como não o faz, uma ordem providencial no universo o castiga.

O herói de Tolstói, Pierre, é torturado pelo amor por Natasha. Ele so a conquista quando abre mão de seus sentimentos por ela.

Imagine se você colocasse todas estas grandes obras da literatura - na verdade, toda a literatura - em um computador gigantesco e fizesse a seguinte pergunta: Quais são as leis que determinam se uma vida é ou não feliz e realizada? Sugiro que o resultado seria um corpo de leis que incluem o que se segue:

Se você foge de um desafio, este voltará em uma forma diferente.

Sempre somos atraídos para o que mais tememos.

Se você escolher o caminho imoral, acabará pagando por isso.

Uma crença de bom coração um dia se transformará no que você acredita.
Para ter o que você ama, você deve abrir mão disso.
Este, então, é o tipo de lei que estrutura a grande literatura narrativa, e se lermos Édipo Rei, Rei Lear, Doutor Fausto ou Middlemarch e acharmos que elas são verdadeiras em um sentido profundo e importante, com certeza é assim porque as leis que elas retratam ressoam com nossa experiência. Descrevem exatamente a forma de nossa vida.
Agora imagine o que aconteceria se você alimentasse um computador gigantesco com todos os dados científicos do mundo e fizesse a mesma pergunta. Os resultados, sugiro, seriam muito diferentes:
A melhor maneira de ter alguma coisa é se esforçar ao máximo e jamais desistir.
Não se pode transformar o mundo só pelo desejo - deve-se fazer alguma coisa a respeito.
Se pudermos evitar que sejamos descobertos e punidos por nosso companheiro, não há motivo para supor que uma ordem da Providência irá nos punir.
E assim por diante. A implicação é clara e confirma o que já sugerimos. Se tentarmos determinar a estrutura do mundo, conseguiremos resultados muito diferentes, dois conjuntos distintos de leis, o que não acontecerá se tentarmos determinar a estrutura da experiência.
Esta é uma distinção que Tolstói escreve em seu ensaio On Life. Embora as mesmas leis ajam no mundo dos fenômenos exteriores e em nossa vida interior com sua preocupação por significado e realização, parecem muito diferentes quando as consideramos em separado. Como afirmou Abraham Isaac Kook, um dos maiores cabalistas do século XX e o primeiro rabi da Palestina, ' Deus se revela nos sentimentos profundos de almas sensíveis".
As leis mais profundas só podem ser discernidas se virmos os eventos no mundo exterior com a mais profunda subjetividade, como faria um artista ou um místico. Seria a subjetividade destas

leis, o fato de que operam tão perto do centro da consciência, que torna difícil que as tenhamos em foco?
O poeta europeu Rainer Maria Rilke parece chegar perto ao escrever explicitamente sobre essas leis em uma carta a um jovem aspirante a poeta: "O solitário é como uma coisa submetida às profundas leis. Ao sair para a manhã que aponta, ao olhar para a noite cheia de eventos, se chega a sentir tudo o que aí acontece, todos os encargos se desprenderão dele como de um morto, embora se encontre no meio vibrante da vida." Rilke está usando a linguagem poética elevada, mas parece confirmar que estas leis mais profundas só podem ser discernidas se nos desligarmos de todo o resto e nos concentrarmos nelas por bastante tempo, com nossos poderes mais sutis e intensos de discernimento.
Durante o processo de escrita deste livro, conheci a jovem mística irlandesa Lorna Byrne Fitzgerald. Ela não leu nada da literatura que fundamenta este livro nem conheceu ninguém que pudesse transmitir essas idéias. Seu conhecimento extraordinário dos mundos espirituais vem da experiência pessoal direta. Ela encontrou Miguel, o arcanjo do Sol, e o arcanjo Gabriel na forma da Lua, dividido pela metade e no entanto unido e em movimento, como o virar das páginas de um livro, segundo disse.
Ela afirmou ter visto nos campos próximos à sua casa o espírito coletivo da samambaia na forma da samambaia mas com elementos humanos. Conheceu Elias, que antigamente era um homem com espírito de anjo, e o viu andar sobre a água como o Homem Verde da tradição sufi. Este é um método alternativo de percepção e uma dimensão paralela que move as coisas por conta própria.

No final do Século XIX, antigas criaturas começaram a se agitar nas profundezas da Terra, a andar recurvadas para o lugar combinado.
Presos desde a primeira Guerra no Paraíso, os devoradores de consciência estavam outra vez em ação.

27. A MORTE MÍSTICA DA HUMANIDADE

Swedenborg e Dostoiévski • Wagner • Freud Jung e a materialização do pensamento esotérico • As origens ocultas do modernismo • O bolchevismo oculto • Gandhi

O prazer do início do Romantismo na expressão pessoal, na alegria animal de estar vivo no mundo natural, deu lugar à inquietação. O maior dos filósofos alemães do idealismo, Hegel, reconheceu esta força na história: "O espírito trai, o espírito intriga, o espírito mente, o espírito triunfa."

Considerada um relato da vida interior da humanidade, a literatura da segunda metade do século XIX revela um escurecimento terrível, uma crise espiritual. A história materialista explica esta crise como "alienação", mas a história esotérica vê uma crise espiritual. Em outras palavras, vê uma crise causada pelos espíritos — ou, mais particularmente, pelos demônios.

O grande expoente desta visão não foi alguém venerado no meio acadêmico, como Hegel ou até o mais abertamente ocultista Schopenhauer, mas um homem que rolou na lama. Swedenborg viu forças demoníacas erguendo-se das profundezas. Profetizou que a humanidade teria que se entender com o que há de demoníaco no mundo e dentro de si.

Hoje a Igreja de Swedenborg é o único movimento esotérico admitido no Conselho Nacional de Igrejas da Suécia, e os ensinamentos dele ainda são influentes nos expoentes da vida comunitária, em particular em grupos americanos como os Shakers. Em sua própria época, porém, ele era uma figura perigosa. A clarividência excepcionalmente detalhada e precisa de Swedenborg o tornou famoso em todo o mundo. Os espiritualistas tentaram alegar que ele era um deles. Swedenborg os repudiou, dizendo que seus dons sobrenaturais eram únicos e anunciou o alvorecer de uma nova era.

Foi de suas leituras de Céu e inferno, de Swedenborg, que Goethe extraiu sua idéia de que a intrusão de forças cruéis e sobrenaturais afligiam Fausto. Foi de Swedenborg que Baudelaire extraiu sua noção de correspondências e que Balzac retirou suas concepções do sobrenatural em Séraphite. Mas talvez a influência mais importante e de maior alcance de Swedenborg tenha sido sobre Dostoiévski, uma influência que encheria de sombras o espírito de toda uma era.

Os heróis de Dostoiévski estão equilibrados sobre um abismo. Sempre há uma consciência elevada do quanto importam as decisões — e também de que nossas decisões vêm a nós com diferentes disfarces.
Em Dostoiévski encontramos a idéia paradoxal de que os que enfrentam a dimensão sobrenatural do mal, mesmo que sejam ladrões, prostitutas e assassinos, estão mais perto do paraíso do que aqueles cuja visão confortável de mundo deliberadamente foge do mal e nega sua existência.
O cristianismo oriental e ortodoxo tem sido menos dogmático do que sua contraparte ocidental e valoriza mais a experiência prática individual. Criado nesta Igreja, Dostoiévski sentia-se livre para explorar os limites da experiência espiritual, descrever batalhas entre as forças das trevas e as da luz que aconteciam em reinos dos quais a maioria das pessoas mal tinha consciência. A jornada de Dostoiévski ao Inferno, como a de Dante, é em parte uma jornada espiritual, mas é também uma jornada pelo Inferno na Terra, criado pela humanidade. Há em Dostoiévski um novo impulso que viria a caracterizar as artes no final do século XIX e início do século XX - o desejo de saber o pior que pode acontecer.
Com a morte de Dostoiévski, descobriu-se que sua biblioteca tinha vários livros de Swedenborg, inclusive seus relatos dos muitos infernos diferentes que as pessoas criam para si mesmas com diferentes capacidades para o mal. Os relatos de Swedenborg dos infernos que ele visitou não são fictícios. Eles fogem de nossas ontologias convencionais, de nossos pressupostos cotidianos do que é e o que não é real. Em princípio, o inferno pode não parecer

diferente do mundo em que vivemos, mas depois, aos poucos, as anomalias se revelam. Podemos encontrar um grupo de homens geniais e divertidos, libertinos que adoram deflorar virgens, mas eles se viram para nos receber e vemos que são "como símios com uma cara feroz, (...) têm um semblante horrível". As escolas não esotéricas de crítica literária não observaram que trechos como o que se segue, de Crime e castigo, vêm diretamente de Swedenborg:

- Não creio em uma vida futura - disse Raskolnikov.
Svidrigailov senta-se, perdido em pensamentos.
- E se só houver aranhas por lá, ou algo desse gênero? - disse ele de repente.
Ele é um louco, pensou Raskolnikov.
- Sempre imaginamos a eternidade como algo que está além de nossa concepção, algo vasto, vasto! Mas por que seria vasto? E se for apenas uma salinha, como um banheiro rural, escuro e encardido, com aranhas em cada canto, e se a eternidade for apenas isto? Às vezes fantasio assim.
- Seria possível você imaginar algo mais justo e mais reconfortante do que isso? - queixou-se Raskolnikov, sentindo-se angustiado.
- Mais justo. E podemos dizer o que talvez seja justo e você saberá o que eu teria feito - respondeu Svidrigailov, com um sorriso vago.
Esta resposta horrível provocou um arrepio gelado em Raskolnikov.

Da mesma forma, em Os irmãos Karamazov, quando Ivan tem um pesadelo em que é visitado pelo Diabo, nem Ivan nem o leitor acreditam que seja apenas uma ilusão. Dostoiévski está dizendo a seus leitores que os diabos podem passar para a dimensão material. Nenhum outro escritor transmite com tanta força as tendências ocultas do mal que brotaram na segunda metade do século XIX. Sua obra é permeada por um senso de contato vital com outros mundos misteriosos, alguns infernais. Também há o extremismo espiritual, a idéia de que não existe meio-termo, de que se você não correr para abraçar o mundo espinrual, o demoníaco preencherá o vácuo. Aqueles que tentam seguir o caminho do meio não estão em parte alguma.

Como Swedenborg, Dostoiévski ansiava por uma nova era, mas este desejo vinha de um senso peculiarmente russo da história.

"Todo dia vou à sepultura", escreveu o poeta Nikolai Kliuer em uma carta a uma amiga, "e fico sentado perto de uma capelinha e de um pinheiro envelhecido. Penso em você. Beijo seus olhos e seu coração (...) Oh, mãe da solidão, paraíso do espírito (...) Quão odioso e sombrio parece todo o mundo dito civilizado, e o que eu não daria, que Gólgota suportaria eu para que a América não usurpe o amanhecer emplumado de azul, a cabana de conto de fadas (...) Devemos contrabalançar o cristianismo ocidental, entre aqueles dons insensatos no mundo, com o racionalismo, o materialismo, uma tecnologia que escraviza, uma ausência de espírito e em seu lugar um humanismo sentimental e vão". Esta é a perspectiva russa.
O cristianismo ortodoxo foi por um caminho diferente daquele do cristianismo romano. A ortodoxia preservou e nutriu as doutrinas esotéricas, parte delas pré-cristã, que Roma descartara ou declarara herética. A visão mística de Dionísio o Areopagita, continuou a iluminar o cristianismo ortodoxo com sua ênfase na experiência pessoal direta dos mundos espirituais. No século XVII, o teólogo bizantino Máximo o Confessor escreveu instando a introspecção disciplinada e a vida monástica ou errante. "Pode-se buscar a iluminação. Em casos extremos, o corpo todo também será iluminado", escreveu ele. O mesmo fenômeno foi contado pelos monges do monte Athos. Os monges imersos em orações de repente iluminavam a caverna ou a cela toda. Esta era uma visão de Deus, o hesicasta, que podia ser atingida por meio de exercícios de respiração ritmada, orações repetitivas e meditação com ícones. Na Rússia, a Igreja deu destaque aos poderes sobrenaturais depois de uma severa disciplina espiritual. Mas no século XVII, o patriarca ortodoxo russo Nikon reformou e centralizou a Igreja. Coube aos Velhos Crentes (Raskolniki) manter vivas as crenças e as disciplinas espirituais dos primeiros cristãos. Suas comunidades proscritas foram impelidas para a clandestinidade, em que sobreviveram como

uma tradição viva. Dostoiévski manteve contato com eles durante toda sua vida.
Da tradição dos Velhos Crentes vieram os Stranniki, ou Peregrinos, pessoas solitárias que renunciaram ao dinheiro, ao casamento, aos passaportes e a todos os documentos oficiais enquanto andavam pelo país, prometendo visões extáticas, curas e profecias. Quando apanhados, eram torturados, às vezes decapitados.

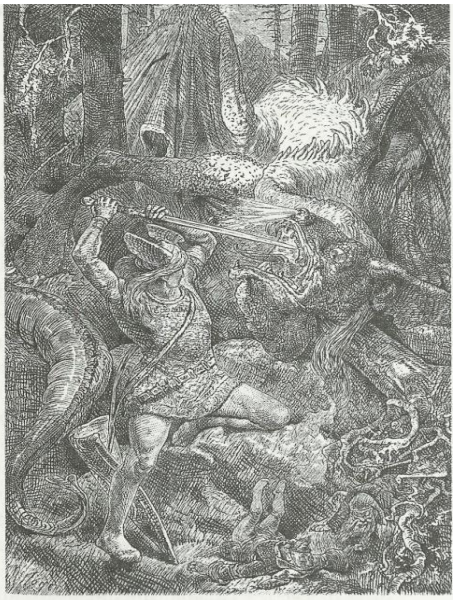


Ilustração para a *Lohengrin* de Wagner. Nenhum outro artista esotérico transmite tão bem esta concepção esotérica central – o senso de destino iminente e dominador. Wagner escreveu sobre esta ambição de dar forma a um mundo inexistente e Baudelaire afirmou que ver *Lohengrin* o induziu a um estado alterado de consciência em que se dissolveu o mundo comum dos sentidos. O ocultista Theodor Reuss afirmou que conheceu Wagner e que isso lhe deu um discernimento especial sobre uma doutrina secreta oculta em *Parsifal*. Reuss viu os mundos finais de Parsifal no final do terceiro ato, quando ele fica parado com a lança ereta, como uma deificação gloriosa do impulso sexual.

Outro movimento que veio da tradição dos Velhos Crentes foi o Khlysty, o Povo de Deus, uma sociedade clandestina e perseguida, famosa por seu ascetismo extremo e rejeição ao mundo. Dizia-se que se reunia à noite, às vezes em clareiras na floresta, iluminadas com muitas velas. Nus sob os mantos brancos flutuantes, eles dançavam em dois círculos, os homens no círculo interno, no sentido horário, as mulheres no círculo externo, movendo-se no sentido oposto. O objetivo desta cerimônia era a libertação do mundo material e a ascensão aos mundos espirituais. Eles desmaiavam, falavam outras línguas, curavam os doentes e expulsavam demônios.
Havia boatos de orgias nestas reuniões no meio da noite. Contudo, é mais provável que eles — como os cátaros — fossem ascetas

sexuais, praticando a sublimação das energias sexuais para fins espirituais e místicos.
O jovem Rasputin permaneceu no mosteiro ortodoxo de Verkhoturye, onde conheceu membros do Khlysty. Sua própria doutrina parece ter sido um desenvolvimento radical, propondo o êxtase espiritual por meio da exaustão sexual. A carne seria crucificada, a pequena morte do orgasmo se tornaria a morte mística da iniciação.
Depois de uma visão de Maria em que ela lhe disse para abraçar a vida de um peregrino, Rasputin andou 3.000 quilômetros até o monte Athos. Voltou para casa dois anos mais tarde, emanando um forte magnetismo e exibindo poderes miraculosos de cura.
Em 1903, ele chegou a São Petersburgo. Lá, ficou sob a proteção do confessor pessoal da família real, que disse: "E a voz do solo russo que fala por intermédio de Rasputin." Ele apresentou Rasputin à corte, já fascinada com as idéias esotéricas e ansiosa para ter experiências.
O martinismo já era muito debatido nas lojas maçônicas russas. Maítre de Philippe e Papus visitaram a corte russa em 1901. Papus fez de Nicolau II o chefe de uma loja martinista e agiu como curandeiro e conselheiro espiritual do czar. Dizia-se que ele conjurou o espírito do pai do czar, Alexandre III, que profetizou a morte de Nicolau II nas mãos de revolucionários. Papus alertou o czar contra a influência maligna de Rasputin.
Rasputin seria difamado e assassinado pelos maçons, mas em 1916 seu contemporâneo, o grande iniciado Rudolf Steiner, disse: "O espírito do povo russo agora pode trabalhar apenas através dele e de ninguém mais."

Se olharmos, à medida que chegamos ao fin de siècle, não o círculo mais elevado da arte em geral e da literatura, mas o círculo imediatamente inferior, encontraremos uma literatura de temas ocultistas explícitos que dominaria a cultura popular no século XX. Oscar Wilde estava imerso no saber da Ordem da Golden Dawn. Seu Retrato de Dorian Gray, assim como o Médico e o monstro de Robert Louis Stevenson, levou para a consciência pública a

concepção ocultista do dopplegãnger. M.R. James, o lente de Cambridge que alguns afirmam ser o pai das histórias de fantasmas, traduziu muitos evangelhos apócrifos para o inglês, deu uma conferência sobre ciências ocultas na Sociedade Literária de Eton e escreveu um conto chamado Conde Magnus, no qual o conde, um alquimista, sai em peregrinação para o local de nascimento do Anticristo, uma cidade chamada Chorazin. O fato de Chorozon ser o nome de um dos demônios que trava conversas com Dee e Kelley sugere que James sabia do que estava falando.
No início do século, o monstro de Frankenstein foi um relato fictício do homúnculo de Paracelso. Hospedado na mesma casa de Mary Shelley quando ela concebeu o monstro, Polidori, o amigo de Byron, escreveu uma primeira história de vampiro. Mas é claro que a versão mais famosa é a de Bram Stoker, em que o corpo preservado na sepultura é uma espécie de versão demoníaca de Christian Rosencreutz. O próprio Stoker era membro da OTO - a Ordo Templi Orientis, uma sociedade secreta que praticava a magia cerimonial. O teosofista tcheco Gustav Meyrink exploraria um tema semelhante em seu romance O Golem, que por sua vez influenciou o cinema expressionista alemão.
Dizia-se que no romance Là-Bas Huysmans falou em primeira mão do que realmente aconteceu em rituais de magia negra, rompendo seu juramento de sigilo. Aleister Crowley observou com evidente aprovação que Huysmans morreu de câncer na língua como conseqüência disso.
Nas artes plásticas, temas ocultistas explícitos podem ser vistos no simbolismo de Gustave Moreau, Arnold Böcklin e Franz von Stuck, nos sonhos despertos de Max Klinger, na estranha arte erótica-oculta de Felicien Rops, que um crítico da época apelidou de "um Satã sarcástico". Odilon Redon escreveu sobre "render-se a leis secretas".

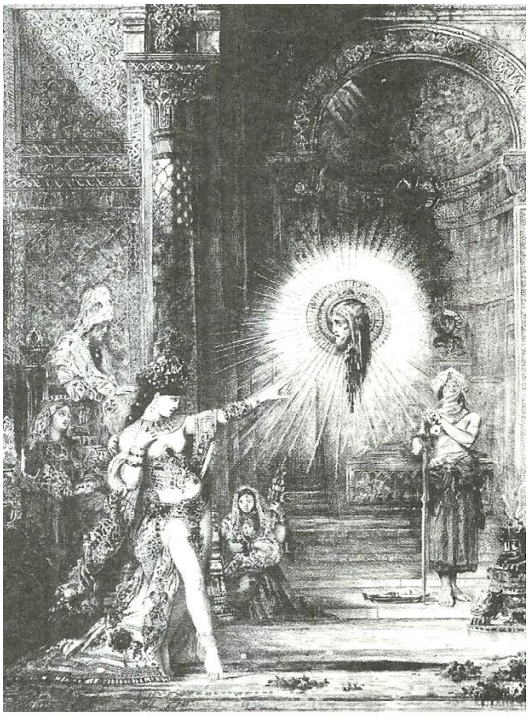
Em todo este período, o espírito do materialismo trabalhava pela vitória, elaborando versões materialistas da filosofia esotérica. Já mencionamos como as idéias esotéricas da evolução das espécies apareceram na forma materialista das teorias de Darwin. Vimos

também como os manipuladores impiedosos e cínicos dos maçons, os Illuminati, forneceram uma metodologia para os revolucionários no final do século XVIII e início do século XIX. Agora o materialismo dialético de Marx traduzia os ideais espirituais de St. Germain para um plano puramente econômico.

O ocultismo também teve importância no desenvolvimento das idéias de Freud. Seu mentor, Charcot, por sua vez, foi ensinado por Anton Mesmer, proeminente ocultista e inventor do mesmerismo. O jovem Freud estudou a Cabala e escreveu com aprovação sobre a telepatia, especulando que ela pode ter sido uma forma arcaica de comunicação usada por todos antes da invenção da linguagem.

Ele introduziu no pensamento dominante uma idéia que é essencialmente cabalista - a de que a consciência tem uma estrutura. Por exemplo: o modelo da mente popularizado por Freud - de superego, ego e id - pode ser visto como uma versão materializada do modelo tripartite cabalista.

Em um nível ainda mais fundamental, a própria noção de que existem impulsos independentes de nosso ponto de consciência, que podem vir de fora, é uma versão secularizada e materialista do relato esotérico da consciência. No esquema de vida de Freud, essas forças ocultas devem ser interpretadas como sexuais, e não espirituais. Freud mais tarde reagiu contra as origens esotéricas de suas ideias e classificou como loucura a antiga forma de consciência da qual elas foram desenvolvidas.



Salomé, de Gustave Moreau.

As influências esotéricas sobre o discípulo de Freud, Jung, eram ainda mais claras. Já mencionamos que ele interpretou os processos alquímicos como descrições de cura psicológica e que identificou o que via como os sete grandes arquétipos do inconsciente coletivo como o simbolismo dos sete deuses planetários.

Ao interpretar os processos alquímicos como puramente psicológicos, estava negando um nível de significado pretendido pelos escritores alquímicos – o de que estes exercícios mentais podem influenciar a matéria de forma sobrenatural. Embora Jung entendesse que os sete arquétipos agiam de forma independente da mente consciente, ele logo deixaria de vê-los como centros desencarnados de consciência que agiam de forma completamente independente da mente humana. Na verdade, quando Jung conheceu Rudolf Steiner, ele o desprezou, considerando-o esquizofrênico.

Mais tarde, o trabalho de Jung com o físico experimental Wolfgang Pauli o estimulou a dar alguns passos para além dos limites

estabelecidos. Jung e Pauli passaram a acreditar que havia outra rede de ligações produzida pela mente, além do mecanismo puramente físico de átomos chocando-se com átomos. O antropólogo francês Henri Corbin, contemporâneo de Jung, nesta época pesquisava as práticas espirituais dos sufis. Corbin chegou à conclusão de que os iniciados sufis trabalhavam em harmonia e podiam se comunicar com os outros em um reino de "imaginação objetiva". Jung cunhou a mesma expressão de forma independente.

Posteriormente, as explicações materialistas que Freud estivera tentando forçar para as experiências espirituais também voltaram a lhe ocorrer e ele foi tomado por um senso do que ele chamou de sobrenatural. Freud escreveu seu ensaio O sobrenatural quando tinha 62 anos. Ao pensar no que mais temia, tentava impedir que isso acontecesse. Alguns anos antes, o número 62 lhe aparecia com insistência — um tíquete de chapéu, um quarto de hotel, um assento de trem. Parecia-lhe que o cosmo tentava dizer alguma coisa. Quem sabe ele morreria aos 62 anos?

No mesmo ensaio, descreveu a experiência de andar por um labirinto formado por ruas em uma antiga cidade italiana e de se ver em uma zona de prostituição. Ele pegou o que pensou ser a rota mais direta para sair do bairro mas logo se viu de volta ao centro do mesmo. Isso parecia acontecer com ele repetidas vezes, independentemente da direção que tomasse. A experiência nos faz recordar de Francis Bacon. Foi como se um labirinto estivesse mudando de forma para evitar que o andarilho encontrasse a saída.

Como conseqüência destas experiências, Freud começou a desconfiar de que podia haver alguma cumplicidade entre sua psique e o cosmo. Ou quem sabe o cosmo estivesse criando significados de forma independente de qualquer intervenção humana e, por assim dizer, irradiando-os para ele?

Se Freud fosse obrigado a admitir que uma dessas coisas era verdade, mesmo que só em um caso, toda sua visão de mundo materialista desmoronaria. Freud, é claro, estava ansioso para bloquear estas inspirações. Deixavam-no mentalmente perturbado.

A colonização européia de outras partes do mundo incitou um fluxo de idéias esotéricas em outro sentido, uma colonização reversa da Europa. A presença do Império Britânico na índia levou à publicação de textos hindus esotéricos em inglês. Por conseguinte, o esoterismo oriental ainda é melhor representado em livrarias do Ocidente do que em sua contraparte oriental. Da mesma forma, as colônias francesas do Norte da África deram um forte matiz sufi ao esoterismo em territórios francófonos.
O desmembramento da Polônia no século XIX provocou a difusão das tradições alquímicas deste país para o resto da Europa. Um impulso rosa-cruz genuíno sobreviveu na Europa central na forma da antroposofia de Rudolf Steiner. A Revolução Russa provocou a fuga dos ocultistas que se agruparam na corte dos czares, ajudando a introduzir um fluxo de esoterismo ortodoxo no Ocidente, e a filosofia de ascendência sufi e ortodoxa de Gurdjieff e Ouspensky tornou-se muito influente na Europa e na América. Na década de 1950, a invasão do Tibet pela China provocou a dispersão do esoterismo tibetano pelo mundo inteiro.
Numa época em que para muitos ocidentais a religião organizada do Estado corria o risco de ser reduzida a mero formalismo, e que para muitos parecia estéril e exaurida, talvez não fosse de admirar que todas as pessoas inteligentes um dia quisessem considerar as grandes questões da vida e da morte e se a vida e o universo têm ou não significado; assim, tiveram de se lançar atrás de respostas. A filosofia esotérica, considerada de maneira geral, representa o corpo mais rico, mais profundo e mais fascinante de pensamento sobre estas questões.

Os maiores artistas encontraram maneiras de expressar o que significa estar vivo em determinado momento da história.
A grande arte no final do século XIX e início do século XX foi em certo nível o grito de uma humanidade ferida e confusa. Alguns artistas e escritores, inclusive
alguns dos maiores, olharam fixamente na cara da existência e concluíram que ela não tinha significado, que a vida na Terra, a vida humana, é um acidente de combinações químicas e que, como

concluiu Jean-Paul Sartre no final de A náusea, a vida só pode ter significado se decidirmos criar metas para nós mesmos.
Também é verdade que alguns artistas extraíram grande prazer da era material e de suas superfícies reluzentes. O modernismo sem dúvida foi iconoclasta. Porém, no final do século XIX, a tirania de reis, as superstições clericais e a moralidade burguesa enfadonha foram os alvos fáceis dos iconoclastas.
Para a maioria dos grandes artistas da era moderna, o modelo mecânico do universo era o ícone que eles realmente queriam esmagar.
Preferimos pensar que o modernismo é inteligente, avançado, sintonizado com a era das máquinas, impaciente com a autoridade e os dogmas de épocas anteriores. Ele é todas estas coisas, mas não é ateísta, como às vezes preferimos pensar, pelo menos não no sentido moderno e radical do ateísmo. Na realidade, se você preferir ver o esoterismo como o refúgio de superstições antigas, é isso que o modernismo também é. O grande espírito unificador do modernismo, o espírito que une Picasso, Joyce, Malevich, Gaudí, Beuys, Borges e Calvino, é um desejo de solapar e subverter o materialismo científico dominante. Precisamos examinar um pouco melhor a vida destes artistas para ver que todos estão profundamente envolvidos no oculto e que o esoterismo lhes forneceu a filosofia essencial de vida e a estética norteadora.
Se pegarmos Baudelaire e Rimbaud como pontos de partida representativos do modernismo, também é fácil demais interpretar a desordem dos sentidos recomendada por eles como um fim em si mesmo. Na verdade, eles acreditavam que, quando o mundo material é dissolvido, as feições dos mundos espirituais estarão presentes. "O poeta se faz clarividente", disse Rimbaud, "virando às avessas todo significado, longa e ponderadamente."
Gauguin, Munch, Klee e Mondrian eram teosofistas. A teosofia de Mondrian ensinou-lhe ser possível discernir uma realidade espiritual estruturando as aparências do mundo material. Gauguin se via como criador de esculturas que — assim como Golems - podiam ser avivadas por espíritos desencarnados. Kandinsky, como Franz Marc, foi discípulo de Rudolf Steiner, mas as grandes influências

formativas na pintura de Kandinsky que abriram caminho para o abstrato foram as "formas pensamento" percebidas em um estado de transe e registradas pelos teosofistas Annie Besant e C.W. Leadbetter. Klee se retratou meditando sobre o Terceiro Olho. Malevich se transformou em servo a Ouspenski.

A origem esotérica da arte de Matisse pode ser mais oculta, mas ele dizia que às vezes olhava um objeto, como uma planta que pretendia pintar, durante semanas, ou mesmo meses, até que seu espírito começava a instá-lo a dar expressão àquilo.

A arquitetura de influência árabe de Gaudí, com arabescos que ondulam com floreios, em que formas animais e humanas se fundem e se metamorfoseiam umas nas outras, convida o visitante a entrar em um estado alterado de consciência.

A Espanha talvez seja o país da Europa onde o sobrenatural está mais perto da superfície da vida diária. Picasso, o grande mago-artista do modernismo, sempre teve uma forte sensação de intrusões dos mundos espirituais. Quando menino, alguns amigos acreditavam que ele possuía poderes sobrenaturais, como ler a mente e fazer profecias. Quando ele viajou para a França, Max Jacob, Eric Satie, Apollinaire, Georges Bataille, Jean Cocteau e outros o iniciaram em uma tradição oculta sofisticada.

Picasso costumava usar termos esotéricos em sua obra. Às vezes se pintava como o Arlequim. Esta figura é associada a Hermes e ao Inferno, em particular em sua Barcelona natal, onde a vitória do Arlequim sobre a morte é encenada todos os anos nos carnavais de rua. Seu amigo Apollinaire às vezes se referia a ele como "Arlequim Trismegistus". Em outras ocasiões, Picasso se retratou como uma imagem do Taro, suspenso entre o mundo material e os mundos espirituais.

Em uma análise de um desenho de 1934 de um toureiro espanhol, uma obra muito negligenciada, Mark Harris destaca o tema de Parsifal. Seu ensaio é um exemplo inspirador de como o pensamento esotérico pode esclarecer dimensões vedadas à crítica convencional. Em sua juventude, Picasso fora membro fundador de um grupo chamado Valhalla, formado para estudar os aspectos místicos da obra de Wagner. O desenho retrata a cena na ópera de

Wagner em que o mago negro arremessa a lança de Longino em Parsifal, mas, como Parsifal foi iniciado, ela só paira sobre sua cabeça.
Georges Bataille pesquisou o mitraísmo e em 1901 Picasso fez uma série de pinturas retratando mulheres usando um gorro mitraico, símbolo tradicional da iniciação.
O desenho de 1934, como mostra Harris de forma convincente, é um retrato de uma iniciação no subterrâneo. Assim como Dante e Dostoiévski, ele mostra que o inferno que o candidato deve atravessar começa com o inferno de seus próprios desejos. O inferno está do outro lado do túmulo, mas esta vida é também infernal — e infernal segundo o espírito dos tempos.
Esse desenho é uma representação de um dos grandes temas de Picasso. Nosso mundo está sendo despedaçado, fragmentado por uma erupção de forças subterrâneas malignas. O artista iniciado, como Picasso, pode refazer o mundo, pode ser um deus da fertilidade renascido, mas não o fará nos termos dos cânones convencionais da beleza. Ele recombinará o descartado, o dilacerado, o feio, de maneiras novas e belas.
O pintor abstrato e o conceitual Yves Klein descobriu o pensamento esotérico quando encontrou por acaso um livro do proponente moderno da filosofia rosa-cruz Max Heindel, que foi iniciado por Rudolf Steiner mas rompeu com ele para criar seu próprio movimento rosa-cruz. Desejando a transfiguração da matéria, Klein pretendia que sua arte inaugurasse uma nova Era do Espaço, retratada em telas de um azul ultramarino que não era interrompido por qualquer linha ou forma. Em sua nova era, o espírito humano se liberta das restrições da matéria e a forma levita e flutua.

Os grandes escritores do século XX também estavam profundamente imersos no pensamento esotérico. Inspirados por boatos sobre William Blake e sua religião sexual, W. B. Yeats e sua jovem esposa, Georgie, exploraram primeiro a ligação direta entre união sexual e espiritual encontrada no Zohar, depois na ioga tântrica. Yeats chegou a fazer uma vasectomia na esperança de que refrear o fluxo de sêmen pudesse ajudar a compor as energias

necessárias para um transe visionário. Seus experimentos não apenas geraram mais de 4.000 páginas de escrita automática de inspiração espiritual como Yeats continuou sexualmente rejuvenescido na velhice e compôs parte de sua poesia mais magnífica nesta época. Ele escreveu sobre o "amor que move o Sol". Yeats também era membro da Ordo Templi Orientis e da sociedade teosófica, estudou as Hermética, escreveu abertamente sobre magia e também uma introdução para uma edição popular dos Ioga Sutras de Pantanjali. Ulisses e Finnegans Wake, de Joyce, mostram a familiaridade do autor com a doutrina hindu e hermética, inclusive citações diretas de Swedenborg, Madame Blavatsky e Eliphas Levi. A poesia de T.S. Eliot também usa referências ocultas de forma eclética. Eliot compareceu a reuniões teosofistas, e o inovador grupo Quest era freqüentado por Ezra Pound, Wyndham Lewis e Gershem Scholem, o grande estudioso do misticismo judaico. Mas talvez a influência formativa em sua sensibilidade poética tenha sido a filosofia de inspiração sufi de Ouspensky, a cujas palestras ele também assistiu. Na realidade, os famosos três primeiros versos daquele que talvez seja o mais influente poema em inglês do século XX, "Quatro quartetos" - sobre o tempo passado e o tempo futuro contidos no tempo presente -, seja uma paráfrase da filosofia de Ouspensky.

Talvez o escritor mais ocultista do século XX, e aquele que melhor encarnou a máxima de Rimbaud sobre se tornar um médium, tenha sido Fernando Pessoa. Ele escreveu sobre ter dentro de si todos os sonhos do mundo e querer experimentar todo o universo - sua realidade - dentro de si. Ele esperava pela volta do Oculto, que estivera aguardando desde o início dos tempos. Enquanto isso, Pessoa esvaziou-se como um médium, permitindo-se ser tomado por uma série de personas, sob cujos nomes escreveu diferentes séries de poemas com vozes muito distintas. "Sou a inteligência nos dados", diz um antigo texto taoísta, "sou o ativo nos feitos", diz o Hino Gnóstico da Pérola. Pessoa reconhecia esses sentimentos. Para mover as coisas no tempo e no espaço, para tornar o mundo melhor, não basta nos esforçarmos o máximo que pudermos.

Precisamos que os espíritos trabalhem por nosso intermédio. Precisamos de um pouco desse espírito de inteligência.

Na literatura do final do século XX, Borges, Calvino, Salinger e Singer também lidam abertamente com temas esotéricos. E como se eles trabalhassem de acordo com a afirmação de Karlheinz Stockhausen de que toda criação autêntica torna consciente algo do reino esotérico que não era consciente antes. A antroposofia de Rudolf Steiner foi extremamente influente, não só sobre Kandinsky, Marc e Beuys, mas sobre William Golding e Doris Lessing, e ambos moraram em comunidades antroposóficas.

É característico da estranha difusão das influências esotéricas que escritores tão diferentes como CS. Lewis e Saul Below tenham sido introduzidos na filosofia esotérica pelo mesmo mestre espiritual, o antroposofista Owen Barfield.

Será verdade que os maiores escritores estão interessados em idéias esotéricas? Podemos ver a influência do esoterismo em Bellow e John Updike, dois importantes romancistas que escreveram em inglês na virada do século. Parte da correspondência de Bellow com Barfield foi publicada. Updike escreveu um romance abertamente ocultista, As bruxas de Eastwick. Mas talvez a passagem a seguir, de Villages, seja mais representativa: "O sexo é um delírio programado que afasta a morte com a própria substância da morte; é o espaço negro entre as estrelas que conferiu a substância doce em nossas veias e fissuras. São glorificadas as partes de nós que a decência convencional chama de vergonhosas. Dizem-nos que brilhamos (...)."

Esta passagem vai ao cerne da questão que está entre a visão de mundo exotérica e seu oposto. De acordo com os pensadores esotéricos, a vida em um ambiente mecanizado, digitalizado e industrializado tem efeito ensurdecedor sobre nossos processos mentais. O concreto, o plástico, o metal, os impulsos elétricos expelidos pela tela tornam-se internalizados, resultando em um deserto estéril que não se regenera.

É necessária uma mudança intencional na consciência para nos abrirmos novamente para a influência dos mundos espirituais, revigorante e de livre fluxo.

Em 1789, os exércitos de anjos liderados por São Miguel tiveram uma vitória no céu. Para ser decisiva, porém, esta vitória teria de ser travada também na Terra.
Em 28 de junho de 1914, Rasputin foi surpreendido por uma conspiração para matá-lo. No mesmo dia, o arquiduque Ferdinando da Áustria foi assassinado.
E todo o inferno se libertou.
Muito foi escrito sobre as malignas influências ocultas sobre a Alemanha no início do século XX. Menos conhecida é a história das influências ocultas sobre a Rússia na época da Revolução Comunista. Já falamos em St. Martin, Papus e Rasputin. Mas sabe-se muito pouco sobre a influência oculta por trás de seus inimigos, os comunistas revolucionários.
Como já sugerimos, o marxismo pode ser visto como uma recontextualização materialista dos ideais fraternos da maçonaria. A estrutura celular revolucionária instigada por Lênin e Trótski foi estreitamente baseada nos métodos de trabalho de Weishaupt. Marx, Engels e Trótski eram maçons. Lênin era um maçom de grau 31, membro de várias lojas, inclusive a das Nove Irmãs, a mais importante a sofrer infiltração por parte dos seguidores da filosofia niilista dos Illuminati. Lênin e Trótski guerrearam com Deus.
Mas há um mistério mais profundo aqui. Como um homem como Lênin conseguiu curvar milhões de pessoas à sua vontade? Isso parece ir além das estratégias sinistras de um Weishaupt.
A pesquisa militar americana sobre as formas ocultistas de obter vantagem sobre a União Soviética foi bem documentada. Participantes importantes deram testemunhos que parecem autênticos, embora os resultados tenham sido muito limitados.
Só agora começamos a saber do uso muito mais extremo - e bem-sucedido — do oculto pelos órgãos governamentais da antiga União Soviética. Alguns iniciados relutantes sobreviveram e falaram da "iniciação vermelha", do treinamento para se tornar agente secreto realizado em antigos mosteiros. Ao que parece, eram técnicas ocultas empregadas para fortalecer a vontade até um grau sobrenatural por meio da exploração das energias psíquicas de

vítimas de tortura e também de vítimas sacrificais. Só alguém que matou pela causa podia se tornar um iniciado vermelho.
É claro que já vimos esta forma de magia negra - na cultura da pirâmide da América. Na história secreta, Lênin é uma reencarnação de um sumo sacerdote, renascido para se opor ao segundo advento do deus Sol, e quando Trótski fugiu de seus antigos camaradas e se escondeu na Cidade do México, estava voltando para casa.

Assim como Augusto e Jaime I, Hitler perseguiu ocultistas porque acreditava neles, e não pelo oposto. Um dos ocultistas mais eruditos da época, Franz Bardon, foi preso pelas SS com um de seus discípulos. Há uma história de que, enquanto eles estavam sendo espancados, o discípulo perdeu o controle e gritou uma fórmula cabalista que paralisou seus torturadores. Quando o feitiço foi quebrado, o discípulo foi baleado. Bardon trabalhou profissionalmente como mágico de palco. A ideia do mágico de palco que também é um verdadeiro ocultista foi retratada por Thomas Mann em sua história *Mário e o mágico* e, aqui, no filme *O gabinete do dr. Caligari.*

A imagem de Lênin, a encarnação mumificada de um iniciado das pirâmides, é ressoante e um tanto absurda para o pensamento moderno. Ironicamente, esta imagem parece resumir o espírito do modernismo, mesclando o icônico com o excêntrico, o ordinário, banal e até tolamente atual com a sabedoria antiga e oculta.

Tem havido algum debate nos círculos ocultos sobre até que ponto a sabedoria esotérica deve se tornar pública. Quanto ela é útil na guerra contra o materialismo - e quanto é perigosa?
Voltemos à Índia, onde começou a história pós-Atlântida.

Ao nos aproximarmos do final desta história, estamos em boa situação para ver até que ponto a humanidade evoluiu a partir da criatura de mente comunitária dos primeiros tempos, que tinha pouca consciência do mundo ao redor e pouco senso de uma vida interior. Em Gandhi, vemos o livre pensamento individual, o livre-arbítrio e o amor livre. Alguém que expandiu tanto seu senso de finque foi capaz de transformar momentos decisivos de sua própria história pessoal, de sua própria narrativa interior, em momentos decisivos da história do mundo.

Gandhi representa uma grande incorporação da nova forma de consciência em cuja evolução as sociedades secretas estiveram trabalhando desde que existem.

Talvez seja uma pequena ironia, assim como um marco do alcance global das sociedades secretas que, vindo da terra dos rishis, Gandhi tenha tido contato com idéias esotéricas por meio de uma teosofia híbrida russa/inglesa/egípcia/ americana ensinada por Madame Blavatsky.

Quando jovem, Gandhi se descrevia como um "apaixonado" pelo Império Britânico. Sendo naturalmente generoso, ele enxergava apenas o melhor que havia nos honrados e imparciais britânicos que administravam seu país natal como uma colônia.

Mas, à medida que amadureceu, começou a ver a realidade mais profunda. Por baixo da muito vangloriada imparcialidade, por exemplo, viu a injustiça da carga tributária do exterior e sobretudo a falta de liberdade da Índia para determinar seu próprio destino.

Influenciado em parte pela filosofia de desobediência civil do transcendentalista americano Henry Thoreau e pela arte e crítica social de John Ruskin, Gandhi começou a virar o mundo de cabeça para baixo e às avessas.

Em 1906, aos 36 anos, Gandhi renunciou ao sexo com sua esposa. Sua disciplina espiritual envolvia o trabalho diário em uma roda de fiar movida à mão, em parte para estimular um método de tecer que daria emprego aos pobres, mas também por acreditar que estava trabalhando em seu próprio corpo vegetal enquanto trabalhava no tecido. Se pudesse dominar seu corpo em suas diferentes dimensões, poderia desenvolver o que chamava de força da alma.

Ele acreditava que o cosmo é governado pela verdade e pelas leis da verdade, e que, ao agir em concordância com estas leis, um indivíduo podia conquistar o Satyagraha, a força da verdade e do amor.
Por exemplo: se você confia incondicionalmente em seu adversário, acaba influenciando-o a agir de forma honesta - por meio de uma influência psicológica mas também, essencialmente, por meio de uma influência sobrenatural. Da mesma forma, se atacado, você deve tentar se libertar de todos os pensamentos de raiva e ódio contra seu atacante. Siga esta filosofia, ensinou Gandhi, e "você será livre do medo com relação a reis, pessoas, ladrões, tigres e até da morte".
No pensamento às avessas típico das sociedades secretas, Gandhi culpava os indianos e não os britânicos pela ocupação da Índia, ressaltando que 100 mil britânicos não seriam capazes de controlar 300 milhões de indianos, a não ser que eles permitissem. O algodão indiano era exportado para a Grã-Bretanha, para companhias têxteis de Lancashire, depois vendido de volta à índia, o que gerava lucro para a Grã-Bretanha e prejuízo para a índia. Sentado em sua roda de fiar, Gandhi afirmou: "Estou absolutamente convicto de que, com cada fio que puxo, estou girando o destino da Índia."
Em 26 de janeiro de 1929, ele pediu às pessoas que observassem o Dia da Independência em cidades e aldeias de toda a Índia. Discursou a favor de um boicote aos tribunais, às eleições e às escolas. Também decidiu desafiar o monopólio do governo britânico sobre a produção de sal, segundo o qual os indianos precisavam pagar aos ingleses pelo sal, embora este existisse em abundância em toda a costa da índia. Em março de 1930, um Gandhi de sessenta anos partiu, de cajado na mão, em uma caminhada de 24 dias em direção ao mar. Milhares se uniram a ele. Por fim, entrou no mar para a purificação ritual, depois curvou-se e apanhou um punhado de sal. A multidão o aclamou: "Libertador!"
O poder da alma de Gandhi era tanto que soldados armados, ao se encontrarem com ele, baixavam as armas. Hindus e muçulmanos perdoavam-se em sua presença.

A prisão de Gandhi e suas greves de fome solaparam a vontade moral do governo britânico, levando à independência da índia em 1947. Vimos o maior império do mundo derreter sem haver derramamento de sangue.

Nesta história, seguimos a vida de grandes líderes como Alexandre o Grande e Napoleão. De certo modo, Gandhi foi maior do que qualquer um deles. A força da alma, ele acreditava, pode curvar uma potência militar, pois a intenção por trás da ação pode ter efeitos maiores e mais propagados do que a ação em si.

Gandhi era um hindu devoto, mas vivia de acordo com as leis mais profundas expostas no Sermão da Montanha. Falando a facções hindus e muçulmanas hostis, argumentou que alguém cujo espírito de sacrifício pessoal não vai além de sua própria vida um dia se tornará egoísta e fará sua comunidade egoísta. O espírito de sacrifício pessoal, disse ele, deve abraçar o mundo todo.

Como São Francisco, ele amava o mundo.

28. QUARTA, QUINTA, SEXTA-FEIRA

O Anticristo • Entrando novamente no bosque antigo • O Buda Maitreya • A abertura dos sete selos • A Nova Jerusalém

É só neste obscuro subúrbio da História, onde nada de milagroso parece acontecer e nenhum gênio vive, esta era em que os padrões de educação das classes instruídas está em declínio acentuado - só nesta época e lugar as pessoas têm sustentado crenças de matéria-antes-da-mente. Em outros lugares, em todas as outras épocas, as pessoas acreditavam no contrário. Elas teriam achado quase impossível imaginar que alguém acreditasse no que nós cremos.

Segundo a história secreta, esta mudança foi causada por uma alteração na consciência. Na narrativa esotérica, a consciência muda com muito mais rapidez e de forma muito mais radical do que na narrativa convencional. Espero que este livro tenha mostrado de algum modo que as pessoas acreditavam em uma filosofia de mente-antes-da-matéria há algumas gerações não porque pesaram os argumentos dos dois lados e decidiram pelo idealismo, mas porque viveram o mundo de maneira idealista.

Considere, por fim, como sua consciência é diferente da consciência de seus pais. A sua provavelmente é mais liberal, solidária, mais capaz de considerar a perspectiva de outras raças, classes, preferências sexuais e assim por diante. De certo modo, você deve ser mais consciente de si. Como as idéias de Freud se infiltraram por completo, é menos provável que você continue inconsciente das motivações sexuais subjacentes a seus impulsos. Ou das motivações comerciais - graças a Marx. E provável que você seja menos reprimido, menos temeroso da autoridade, mais questionador e com laços familiares mais fracos. Você deve contar mentiras com mais facilidade, além de ter uma capacidade menor de concentração e menos determinação para se prender a tarefas tediosas pelo bem de uma meta de longo prazo.

O Anticristo, de Luca Signorelli, detalhe da Capela San Brizio, na Catedral de Orvieto. Signorelli trabalhou com Botticelli na Capela Sistina e também, como Da Vinci, foi integrante do ateliê de Verrocchio, cuja obra é repleta de referências esotéricas. Os sacerdotes-astrônomos maias previram a encarnação de Lúcifer em 13 de agosto de 3114 a.C., numa ligação estreita com as tradições hindus do amanhecer de uma Idade das Trevas. Estes mesmos sacerdotes previram um momento crítico semelhante na história, o encerramento de um grande ciclo e o início de outro em 22 de dezembro de 2012 d.C.

Embora a cultura popular fale muito do amor romântico, é provável que você, como a maioria das pessoas, não acredite mais nisso de todo coração. Poucos iriam querer ou esperar ficar com o mesmo parceiro sexual pela vida toda. Na realidade, como sugeriu Rilke em Os cadernos de Malte Laurids Brigge, parte de você quer fugir da responsabilidade que implica ser amado.

Nossa consciência, então, é diferente da consciência de nossos pais, e também é provável que seja muito diferente da consciência de nossos avós. Projete esta taxa de mudança na história e será fácil entender que só há algumas gerações a consciência cotidiana pode ter sido a forma de consciência que vivemos nos sonhos. Isso suscita uma questão: como nossa consciência mudará no futuro próximo?

Na visão de mente-antes-da-matéria, a mente criou o universo físico com o objetivo de nutrir a consciência humana e ajudá-la a evoluir.

Então, o que isso diz sobre a maneira como nossa consciência mudará?

De acordo com o cristianismo esotérico, Jesus Cristo viveu na Terra no meio da história do cosmo. Sua vida representa o momento decisivo da história. Tudo depois disso espelha o que aconteceu antes. Assim, estamos vivendo os grandes eventos dos tempos pré-

cristãos em ordem inversa e nosso desenvolvimento futuro nos levará a fases anteriores em ordem inversa.
Por exemplo: em 2000, nossa vida espelha a vida de Abraão em 2.000 a.C., andando entre os arranha-céus idolatras de Uruk.
Os arranha-céus de hoje podem ser considerados uma representação do fundamentalismo. Por um lado, existem cristãos de direita que eqüivalem às formas mais rudes do islã. Ambas querem reprimir o livre-arbítrio e a inteligência humana, atrair-nos em um êxtase ignorante. Esta é a influência de Lúcifer.
Por outro, há o materialismo científico militante que deseja apagar o espírito humano. As máquinas estão nos tornando semelhantes a elas. Isso é influência de Satã, que quer ir além, extorquir nosso espírito por completo e nos tornar mera matéria.
E assim como Lúcifer encarnou, Satã também encarnará. Ele o fará como escritor. Seu objetivo será destruir a espiritualidade "explicando-a". Ele terá a capacidade de criar eventos sobrenaturais, mas sabendo dar-lhes uma explicação reducionista e científica.
No início ele parecerá um grande benfeitor da humanidade, um gênio. Para começar, ele mesmo pode não perceber que é o Anticristo, acreditando que só age por amor à humanidade. Abolirá muitas superstições perigosas e trabalhará para unificar as religiões do mundo. Haverá, porém, um momento de orgulho, quando ele perceber que está alcançando coisas que Jesus Cristo aparentemente foi incapaz de alcançar. Ele então ficará ciente de sua identidade e de sua missão.
Como reconhecer Satã? Ou um falso profeta? Ou qualquer mestre espiritual deliberadamente falso? Os falsos ensinamentos em geral têm pouca ou nenhuma dimensão moral; por exemplo: os benefícios do redespertar dos chakras são recomendados em termos egoístas de "crescimento pessoal". Os verdadeiros ensinamentos espirituais têm em seu cerne o amor pelos outros e o amor pela humanidade - o amor inteligente, dado livremente.
Cuidado também com os ensinamentos que não convidam ao questionamento nem toleram a zombaria. Eles lhes dizem que Deus quer que você seja idiota.

Este livro reuniu evidências para mostrar que ao longo de toda a história pessoas muito inteligentes imergiram na filosofia esotérica.
Usaram técnicas secretas para entrar em estados alterados em que podiam ter acesso a um nível anormalmente alto de inteligência.
As evidências mostram que os grupos envolvidos nestas sociedades se preocupavam em forjar novas formas de consciência mais inteligentes.
O pensamento esotérico tem tido uma influência grande e determinante no desenvolvimento humano, embora hoje seja quase inteiramente subestimada.

De acordo com esta maneira de pensar, o homem antigamente tinha acesso irrestrito aos mundos espirituais. Depois este acesso tornou-se obscurecido e diminuiu à medida que a matéria endurecia. Agora a barreira entre nós e os mundos espirituais está encolhendo de novo. O mundo material está desfiando, ficando puído.
Podemos começar a nos tornar mais conscientes dos padrões sugeridos por "coincidências" e pelas sincronias que vivemos. Podemos começar a ver nisso o esboço de leis mais profundas.
Podemos passar a presumir de modo menos célere que nossas intuições, nossas brilhantes idéias, são nossas - e ficar mais abertos à sugestão de que elas podem ser inspirações de outro mundo.
Assim como nos tornamos conscientes de que podemos ser inspirados por inteligências desencarnadas, é possível perceber, também, que estamos diretamente ligados ao outro mais por intermédio do pensamento do que da fala e da observação física. Temos a capacidade de desenvolver um senso elevado de que nossa interação com os outros é um processo muito mais misterioso do que costumamos supor.
No futuro, podemos aprender também a ver os relacionamentos em termos de reencarnação. É possível que passemos a enxergar que os relacionamentos em encarnações anteriores podem ser responsáveis pelos sentimentos "subconscientes" de simpatia e antipatia que surgem quando conhecemos estranhos.

Naturalmente, tudo isso parece loucura a partir da perspectiva do senso comum. Em um universo materialista científico, não há espaço para este tipo de reflexão.

Mas a visão materialista científica tem suas limitações, como procurei exemplificar.

Quando se trata de contemplar eventos tão extensos como o início do universo, é inevitável que uma quantidade imensa de especulações seja baseada nas menores partículas concebíveis de evidências. Especulações capitais de físicos, cosmólogos e filósofos sobre dimensões infinitas que estão interligadas, universos paralelos e "universos bolhas" envolvem tanta imaginação quanto as especulações de Tomás de Aquino sobre anjos em uma cabeça de alfinete.

A questão é que, quando se trata de questões maiores, as pessoas não decidem necessariamente de acordo com o equilíbrio das probabilidades, que pode ser pequeno demais para ser medido. O mundo é como a pintura "perspética", que pode tanto ser vista como uma bruxa ou como uma jovem bonita. As pessoas em geral escolhem uma visão de mundo em detrimento de outra porque em algum lugar, no fundo de seu ser, é nisso que elas querem acreditar.

Se aprendermos a ter consciência desta predisposição, podemos tomar uma decisão que é, até certo ponto, livre, pois é baseada no conhecimento. A parte de nós, em algum lugar no fundo, que deseja acreditar em um universo materialista e mecânico pode, por reflexo, não ser a parte de nós que busca determinar nosso destino.

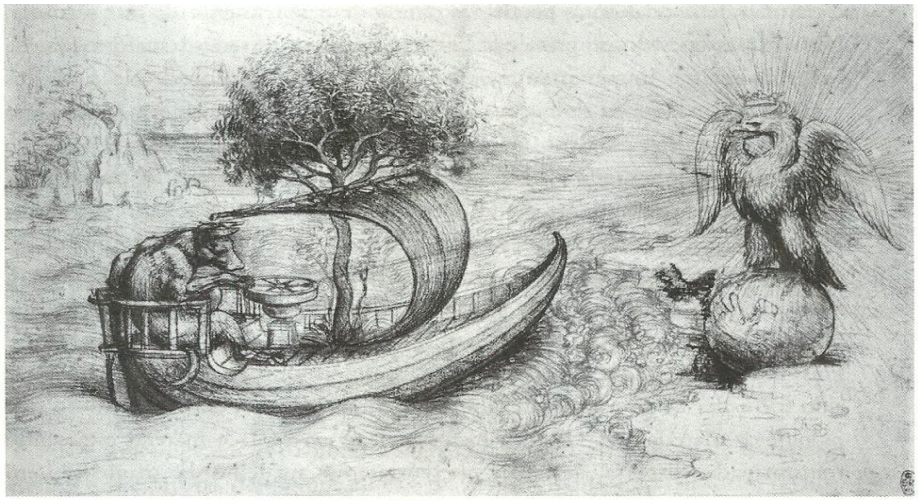
"Conheça-te a ti mesmo", ordenou o deus Sol. As técnicas ensinadas nos tempos antigos nas escolas de Mistérios e nos tempos modernos por grupos como os rosa-cruzes pretendem contribuir para que nos tornemos conscientes do ritmo de nossa respiração, de nosso coração, de nossos ritmos sexuais, do ritmo do despertar, do sonhar e do sonho sem sonhos. Se pudermos sintonizar conscientemente nossos ritmos individuais com os ritmos do cosmo, medidos por Jakim e Boaz, pode ser que por fim unamos nossa evolução individual com a evolução do cosmo. Isto seria encontrar o significado da vida no sentido mais elevado.

A filosofia esotérica busca uma redescoberta das hierarquias espirituais alinhadas acima de nós e, intimamente ligada a isto, uma descoberta das capacidades divinas alinhadas dentro de nós. Estes foram os segredos preservados e alimentados por gênios tão diversos como Platão, São Paulo, Leonardo da Vinci, Shakespeare e Newton:

1. Se você puder pensar tão profundamente a ponto de redescobrir a origem espiritual do pensamento, se puder reconhecer os pensamentos como seres espirituais e vivos...
2. Se você puder desenvolver um senso forte o bastante de sua individualidade que venha a ter consciência de sua interação com os Seres-pensamento que se entrelaçam em você, e no entanto não ser sobrepujado por esta realidade...
3. Se você puder recriar o antigo senso de assombro e usá-lo como uma ajuda para despertar a força de vonrade que dorme em seus recessos mais profundos e escuros...
4. Se o fogo do amor por seus companheiros humanos subir de seu coração e o levar a lágrimas de compaixão...

... então você esteve trabalhando nos Quatro Elementos. Você começou o processo de transformação.
Esta é a misteriosa "obra" quádrupla também aludida por São Paulo na Primeira Epístola aos Coríntios, 13: "Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, essas três, porém a maior destas é a caridade (...)."
A intuição é o intelecto transformado que percebe os seres espirituais como reais. Paulo chama isto de fé.
O assombro é um sentimento transformado, que se tornou consciente do funcionamento espiritual do cosmo mas não é sobrepujado por ele. Paulo chama isto de esperança.
A consciência é a vontade transformada, quando, pelo exercício do pensamento e da imaginação, da fé e da esperança, começamos a transformar essa parte de nós, inclusive a força de vontade que vive

por trás dos limites da consciência. Paulo chama isto de caridade, ou amor.
Ao aplicar fé à esperança e aplicando fé e esperança ao amor, um ser humano pode então ser transformado em anjo.
Assim o Escorpião é transformado em uma Águia. A Águia opera no Touro e este cria asas. O Touro alado opera no Leão de modo que ele também cria asas.
E o final deste processo quádruplo é que o Leão alado opera no Homem, de forma que ele é transformado em um anjo. Este é o grande mistério ensinado nos centros de Mistérios do mundo antigo, que se tornou o grande mistério do cristianismo esotérico.
Os Quatro Elementos têm um papel central na formação do universo físico, e trabalhamos neles, à medida que se entrelaçam em nós, para transformar não a nós mesmos, mas todo o universo, até seus limites mais externos. Se um indivíduo verte lágrimas de compaixão, sua natureza animal é transformada até certo ponto, mas o querubim que ocupa e se mistura em todo o cosmo também é transformado. As mudanças na fisiologia humana se transformam em sementes da transfiguração de todo o universo material.



Alegoria, de Leonardo da Vinci. Como iniciado da filosofia secreta, Da Vinci compreendia os exercícios espirituais que envolviam o trabalho nos Quatro Elementos a que alude São Paulo. A criatura da esquerda não é um lobo, como afirma o catálogo da coleção da rainha, mas um touro.

O cabalista Isaac Luria escreveu que, um dia, não haverá um só átomo que não tenha sido trabalhado pelo homem.

Nos primeiros capítulos desta história, vimos que o mundo e a humanidade foram criados na seguinte ordem: primeiro a parte mineral, depois a vegetal, seguida pela animal, e por fim, para coroar a criação, o elemento distintamente humano. As parres constituintes são nutridas uma após a outra, cada uma delas criando as condições para o desenvolvimento da fase seguinte. Nas últimas fases do progresso da história, estas partes serão transformadas de maneira inversa: humana, animal, vegetal e, por fim, mineral. No final dos tempos, até os átomos de nossa natureza material serão transformados, como o corpo físico de Jesus Cristo na Transfiguração.

Vimos que, segundo a história secreta, a humanidade está há pouco tempo imersa na matéria e que o endurecimento da terra e de nossos crânios nos permitiu desenvolver um senso adequado de self, e assim o potencial de pensar, desejar e amar livremente. Mas antes desta breve estada entre os objetos físicos, nossa experiência era composta por idéias. Os objetos de nossa imaginação, que segundo nossa concepção vem de espíritos, anjos e deuses, são reais para nós. Pois na maior parte da história humana, mesmo muito depois de a matéria ter sido formada, o que vimos no olho da mente ainda nos era mais real do que os objetos materiais. A lição da história moderna é que a matéria está sendo transformada, dispersa, de forma que entraremos no reino da imaginação em um futuro não muito distante.

Quando isto acontecerá? O que virá depois da encarnação de Satã? No Capítulo 4, vimos que a história é dividida em sete "dias", segundo a compreensão da mente-antes-da-matéria. Sábado foi regido por Saturno, domingo foi a era em que a Terra foi unida ao Sol. A segunda-feira foi a era antes da divisão da Lua. Terça-feira foi a era que começou com a fixação do mundo material em 11.145 a.C. A morte de Jesus Cristo marcou o ponto intermediário entre a terça-feira e a Grande Semana. O que acontecera no resto da semana?

Em 3.574, entraremos na era que o Apocalipse chama de Filadélfia. Se os grandes impulsos evolutivos de eras anteriores vieram da Índia, da Pérsia, o impulso seguinte virá da Europa oriental e da Rússia. Governos influenciados pela maçonaria na América e na Grã-Bretanha envolveram-se nesta região do mundo por este motivo. Já é possível ver extremos emanando desta região, extremos de espiritualidade e extremos de crueldade, como na "máfia" russa.
No futuro, personalidades que lembramos da história, as grandes personalidades que mudaram a direção da humanidade, afastando-a dos mundos espirituais, renascerão para nos levar de volta aos mundos espirituais. Haverá um novo Shakespeare, um novo Moisés, um novo Zoroastro, um novo Hércules. Perto do fim da era da Filadélfia, Jesus Pandira, o Mestre dos Essênios, encarnará novamente como "o quinto cavaleiro que monta um cavalo chamado Fé e Verdade", como afirma o Apocalipse. Na tradição oriental, esta figura é chamada o Buda Maitreya. Ele trará grandes dons espirituais, abrindo o que Santa Teresa de Ávila chamou de "olhos da alma", os chakras.

A abertura do Quinto Selo, de El Greco. Esta revificação dos chakras é o que significa a "abertura dos selos" no Apocalipse.

Reentraremos então na floresta sagrada descrita no Capítulo 2. Estaremos cientes dos espíritos, depois dos anjos e deuses, vivos em tudo em torno de nós, mas não
seremos mais controlados por eles. Voltaremos a estar cientes dos seres espirituais alinhados ao nosso lado sempre que tomamos uma decisão.

Conforme os espíritos do bem e do mal se fizerem sentir, à medida que todos se comunicarem mais livremente com os mundos espirituais, a religião organizada não será mais necessária.

Imagine um mundo sem religião.

Recuperaremos parte da capacidade de controlar os animais e as plantas pelo poder de nossos pensamentos, da qual desfrutava Adão. Começaremos a nos lembrar de vidas passadas e a prever o futuro.

Nossa consciência na vigília se desenvolverá de modo que terá a mesma relação com nossa consciência desperta do presente que esta tem com nossa consciência nos sonhos.

Perceberemos que, embora tenhamos acreditado que estávamos acordados, na verdade estivemos dormindo.
Estes desenvolvimentos serão de difícil conquista. No final da era da Filadélfia, haverá uma guerra mundial catastrófica, ao fim da qual a superfície da Terra se
tornará um deserto espiritual, a não ser pela América, onde a chama da espiritualidade se manterá viva. Esta será a imagem especular do período do primeiro Zoroastro.
O período de 5.734-7.894 d.C. é chamado Laodiceia no Apocalipse. À medida que a matéria se tornar menos densa, nossos corpos reagirão cada vez mais aos impulsos espirituais. A generosidade dos bons irradiará, enquanto as faces e os corpos dos maus serão moldados pelas paixões animais que os dominam.
Os bons terão cada vez mais dificuldade para serem felizes se estiverem cercados de pessoas que são infelizes. Por fim, ninguém será feliz até que todos sejam felizes.
Se o mundo material é breve, a morte também. Um dia não morreremos mais, mas dormiremos muito profundamente, e depois de maneira cada vez menos profunda. A morte, como afirma São Paulo, será tragada. A medida que entrarmos em outra era de metamorfose, a geração biológica também se tornará desnecessária. Descobriremos "o Verbo que se perdeu" dos maçons, isto é, seremos capazes de criar pelo poder da voz.
No esquema da Grande Semana, teremos passado para "quinta-feira", mas é claro que o tempo, segundo a concepção atual, não existirá mais. Nossos pensamentos terão vida própria, trabalhando por nós, mas de forma independente.
À medida que a história se aproximar de seu fim, as forças do mal se afirmarão mais uma vez, enquanto o terceiro ser na trindade do mal, Sorath, o demônio Sol, irá se opor às intenções de Deus. Esta é a besta com dois chifres de cordeiro, descrita no Apocalipse, que liderará as forças do mal na Batalha Final.
Por fim, não apenas o Sol será diferente, como previu São João Crisóstomo, mas surgirá um sol dentro de cada um de nós.

Tudo isso terá sido realizado pelo poder do pensamento!

De modo geral, as pessoas que mais mudaram a história não foram os grandes generais ou políticos, mas os artistas e pensadores. Um indivíduo sentado sozinho em uma sala, dando à luz uma idéia, pode fazer mais para mudar o rumo da história do que um general que comanda milhares de soldados no campo de batalha ou um líder político que comanda a lealdade de milhões.
Este é o romance e a emoção da filosofia. Num universo de mente-antes-da-matéria, há mais do que romance e emoção em todo pensamento — há também magia. Não é só o que fazemos ou dizemos, mas o que pensamos que afeta meus companheiros e todo o curso da história.

Platão disse que toda filosofia começa com o assombro.
A ciência moderna está matando o assombro, dizendo-nos que sabemos tudo. Também está matando a filosofia, estimulando-nos a não fazer as grandes perguntas. "Estas", dizem eles, "não têm significado, é melhor deixar tudo como está."
Os cientistas de hoje insistem que a maneira deles de interpretar as condições fundamentais da existência humana é a única. Adoram se prender ao que sabem. Na opinião deles, o saber é como um vasto continente que ocupa quase tudo que existe.
Os homens e mulheres que descrevemos fazendo história neste livro preferiram se deter naquilo que não sabiam. Na visão deles, o saber é uma ilha minúscula flutuando em um mar vasto e muito estranho.
Lancemos as sementes da dúvida. Aceitemos o conselho de Francis Bacon e reprimamos a pressa de impor um padrão ao mundo. Esperemos, com Keats em nosso ombro, pelo surgimento de um padrão mais profundo.
A ciência não é infalível. É um mito como qualquer outro, representando o que as pessoas nas partes mais profundas de si querem acreditar.
Rudolf Steiner certa vez disse que a pessoa que não tem coragem de ser cruel costuma desenvolver crenças cruéis. Propor que não vivemos em um universo recíproco é desnecessariamente cruel.

Se aceitarmos estas perspectivas, permitiremos que os ditos especialistas em seus campos tenham precedência sobre nossa experiência pessoal. Também estaremos negando coisas que Shakespeare, Cervantes e Dostoiévski nos disseram ser verdade.

O objetivo deste livro, portanto, foi sugerir que, se tivermos um olhar renovado sobre as condições básicas de nossa existência, elas talvez possam ser vistas de uma forma radicalmente nova. Na verdade, podem ser vistas de uma maneira que é quase completamente contraria ao que fomos levados a acreditar. É isto que a filosofia faz, embora não muito bem.

Os restos de uma antiga sabedoria estão ao redor de nós, nos nomes dos dias da semana e nos meses do ano, no arranjo das sementes de uma maçã e na estranheza do visgo, na música, nas histórias que contamos a nossos filhos e no projeto de muitas construções públicas e estátuas, assim como em nossa melhor arte.

Se não podemos ver esta sabedoria antiga, é porque nos condicionamos a não fazê-lo. Fomos enfeitiçados pelo materialismo.

Para a ciência, o idealismo dominou a história até o século XVII, quando começou o processo de descrédito. A ciência pressupõe que o materialismo continuará sendo a filosofia dominante até o fim dos tempos. Na perspectiva das sociedades secretas, o materialismo será visto como um simples e breve desvio.

Neste livro, os ensinamentos das sociedades secretas foram trazidos à luz do dia pela primeira vez. Os leitores podem considerá-los risíveis — mas pelo menos estão baseados no conhecimento do que eles realmente são. Outros leitores podem sentir algo neles, embora pareçam de todo incompatíveis com as grandes certezas científicas de nossa época.

Esta foi uma história visionária, a história retida na psique humana, uma história noturna preservada por iniciados capazes de passar de uma dimensão material para outra. Pode parecer incompatível com a história que você foi levado a acreditar, mas quem sabe não é verdadeira em outras dimensões?

Talvez devamos terminar considerando as reflexões de um grande cientista. O físico Neils Bohr disse certa vez: "O contrário de uma

declaração correta é uma declaração falsa, mas o contrário de uma verdade profunda pode ser outra verdade profunda."
Vimos que, se tentarmos examinar o passado, para além de 11.451 a.C., haverá muito poucas evidências que a ciência poderá considerar sólidas. Construções vastas e etéreas de interpretação são precariamente equilibradas nos dados mais ínfimos. E sem dúvida o mesmo é verdade se tentarmos olhar o futuro, para além de 11.451 d.C.
A verdade é que devemos usar nossa imaginação. Quando viajamos qualquer distância em qualquer direção, quando deixamos esta pequena ilha de matéria, podemos entrar apenas no reino da imaginação.
É claro que os materialistas tendem a desconfiar da imaginação, associando-a à fantasia e à ilusão.
Mas as sociedades secretas têm uma visão entusiástica da imaginação. Cada mente individual é uma protrusão de uma vasta mente cósmica no mundo material, e devemos usar a imaginação para alcançá-la e nos envolvermos com ela.
Foi o uso da imaginação que transformou Da Vinci, Shakespeare e Mozart em deuses.
A imaginação é a chave.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Sarmaurin, Kszil e Aaron. Fui auxiliado na elaboração e na redação por Hannah Black, Jane Bradish Ellames, Jamie Buxton, Kevin Jackson, Kate Parkin e Paul Sidney. Sou abençoado por ter estes espíritos irmãos. Tenho o melhor agente e o melhor editor. Jonny Geller é todo ação, como um arqueiro zen e Anthony Cheetham é uma combinação única de inteligência certeira e tino comercial. Assim que soube que ele estava criando uma nova editora, entendi que desejava ser publicado por ela. Gostaria de agradecer a Sue Freestone, minha editora de textos e editora na Quercus, e também à excepcionalmente capaz Charlotte Clerk. Agradeço também a Patrick Carpenter, Nicolas Cheetham, Caroline Proud, Lucy Ramsey, Emma Ward, Andrew Sydenham, Doug Kean, Paul Abel e a Elaine Willis pela pesquisa de algumas imagens realmente obscuras. Obrigado, Betsy Robbins e Emma Parry pela maravilhosa venda de direitos ao exterior, e fico muito feliz por ter o lendário Peter Mayer como meu editor nos Estados Unidos. Sei que Fred Gettings e Lorna Byrne Fitzgerald procuravam por mim de longe. Minha mãe, Cynthia, e Terry proporcionaram um paraíso de paz quando foi necessário. Minha família teve de abrir mão de muita coisa nos últimos 18 meses. Minha filha Tabitha também ajudou a desenhar algumas ilustrações brilhantes nos casos em que não tive acesso às permissões e meu filho Barnaby sempre estava pronto para deixar o clima mais leve com suas piadas subversivas. Agradeço à minha esposa, Fiona, por todo amor e dedicação que demonstrou em toda a redação deste livro - o que agora gostaria de retribuir.

Formatação/conversão ePub:

Table of Contents

INTRODUÇÃO
1. NO PRINCÍPIO
2. UMA BREVE CAMINHADA PELOS BOSQUES ANTIGOS
3. O JARDIM DO ÉDEN
4. LÚCIFER, A LUZ DO MUNDO
5. OS DEUSES QUE AMAVAM MULHERES
6. O ASSASSINATO DO REI VERDE
7. A ERA DE SEMI-DEUSES E HERÓIS
8. A ESFINGE E O CONTROLE DO TEMPO
9. ALEXANDRE O GRANDE NEOLÍTICO
10. O CAMINHO DO MAGO
11. A COMPREENSÃO DA MATÉRIA
12. A DESCIDA ÀS TREVAS
13. A RAZÃO - E COMO COLOCAR-SE ACIMA DELA
14. OS MISTÉRIOS DA GRÉCIA E DE ROMA
15. A VOLTA DO DEUS SOL
16. A TIRANIA DOS PAIS DA IGREJA
17. A ERA DO ISLÃ
18. O DEMÔNIO SÁBIO DOS TEMPLÁRIOS
19. LOUCOS DE AMOR
20. O HOMEM VERDE POR TRÁS DOS MUNDOS
21. A ERA ROSA-CRUZ
22. O CATOLICISMO OCULTO
23. AS ORIGENS OCULTAS DA CIÊNCIA
24. A ERA DA MAÇONARIA
25. A REVOLUÇÃO MÍSTICO-SEXUAL
26. OS ILLUMINATI E A ASCENSÃO DA IRRACIONALIDADE
27. A MORTE MÍSTICA DA HUMANIDADE
28. QUARTA, QUINTA, SEXTA-FEIRA
AGRADECIMENTOS